UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Leandro Villela de Azevedo

As Obras Inglesas de John Wycliffe inseridas no contexto religioso de sua época: Da Suma Teológica de Aquino ao Concílio de Constança, Dos espirituais franciscanos a Guilherme de Ockham

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

As Obras Inglesas de John Wycliffe inseridas no contexto religioso de sua época: Da Suma Teológica de Aquino ao Concílio de Constança, Dos espirituais franciscanos a Guilherme de Ockham

Leandro Villela de Azevedo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Nachman Falbel

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

I. 1. Nome do candidato:

Leandro Villela de Azevedo

I. 2. Endereço Residencial:

Rua Coronel Camisão, 409, AP 104

Vila Gomes CEP: 05590-120

São Paulo - SP

F: (0xx11) 3721-9816

e-mail: professorleandrovillela@gmail.com

I.3. Nível:

Doutorado

I.4. Área:

História Social

I.5. Orientador:

Prof.Dr. Nachman Falbel

I.6. Título do Projeto:

“As Obras Inglesas de John Wycliffe inseridas no contexto religioso de sua época: Da Bula Unam Sacta ao Concílio de Constança, Dos espirituais franciscanos a Guilherme de Ockham”

I.7. Ano de Ingresso no Programa de Doutorado:

2006

Dedico essa obra a todos os que
Se empenham em descobrir e divulgar a verdade, sem temer o conhecimento.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao professor Nachman Falbel, por sua paciência e dedicação na orientação deste trabalho, indo além das funções de um simples orientador, mas me motivando e fazendo crer em mim mesmo. Igualmente agradeço à Shulamit, esposa do professor, por ser tão atenciosa em seus chás e comidas exóticas.

Agradeço à minha esposa, Vanessa Martins de Lima, por ter sido além paciente, durante o tempo em que eu precisava me dedicar ao doutorado, ter sido ativa em me auxiliar com a revisão gramatical, em debater ideias relacionadas aos temas aqui presentes e ter me incentivado me ajudando a ver luz onde eu só via trevas. Igualmente agradeço à minha mãe, Suely Villela de Azevedo, pela apoio na revisão e no financiamento da produção final das teses. Igualmente agradeço ao meu avô Eliel Pereira de Azevedo e um agradecimento postmortem à minha avó Emília Moreira Villela Nunes, por terem dedicado seu tempo em minha formação relacionada à conversa sobre histórias de Deus e me auxiliado a ter uma visão crítica perante as mesmas.

Agradeço aos funcionários da Bodeleian Library em Oxford, especialmente aos auxiliares de baixo escalão, por terem sido tão prestativos em conseguir o meu acesso a documentos tão raros e indispensáveis para a criação deste presente trabalho. Igualmente agradeço aos funcionários da Biblioteca da FFLCH da USP por terem auxiliado na liberação de acesso aos documentos digitais de Oxford.

Agradeço a Karl Kepler, Ariovaldo Ramos, Moacir Martins, Cícero Duarte, Rômulo Romin, Márcio Tillmann, Marco Finito por debaterem comigo ideias presentes neste trabalho, auxiliando na reflexão das mesmas.

Por fim, agradeço a Deus, independente da forma pela qual Ele seja compreendido ou pela religião que “delimite” em suas explicações. Pois se não fosse o amplo clamor do coração humano da busca de algo que não lhe é compreendido, mas de alguma forma é sentido, não teríamos homens, como Wycliffe, Hüs ou São Francisco que dedicam sua vida à busca de uma verdade universal, ainda que, conforme diria Wycliffe, esse conhecimento seja deturpado e dominado por quem quer fazer uso desta para dominar aos outros.

Resumo

O período presente entre o começo do século XIV e ano de 1418 é indispensável para a compreensão do cenário religioso-político medieval e para a compreensão das bases do mesmo pensamento na Idade Moderna. Neste período temos a mudança da sede da Igreja Católica de Roma pra Avignon, o retorno da mesma para Roma, a divisão da Igreja em dois grupos, cada um liderado por um papa, o Cisma do Ocidente, cisma esse que dura por décadas. Temos a ampliação do pensamento herético, a conversa entre grupos heterodoxos, e tentativas de conciliação que nem sempre eram absolutas e levavam até mesmo a renúncia do cargo pontifical.

Neste período viveu John Wycliffe, professor de teologia em Oxford, tendo produzido uma série de obras em latim e outra ainda maior em inglês. Divulgando seus ideias para o povo e criando seu próprio grupo, os Lolardos. Esse pensador, dialogando com os grandes pensadores católicos e revendo pensamentos de outras heresias anteriores, cria a premissa da impossibilidade de uma igreja que fosse ao mesmo tempo autenticamente cristã e institucionalizada ou poderosa, em sua obra *The Wicket*. Através de uma argumentação racional e humanista, Wycliffe formulou, de certa forma, a base para a reforma protestante, ao mesmo tempo que precisou ser descartado pela mesma, após seu crescimento nos círculos de poder e institucionalização.

A melhor compreensão deste peculiar autor e de sua obra permite não somente compreender melhor o mundo da baixa Idade Média, suas disputas religiosas e políticas, como também aprofundar o conhecimento sobre as bases do pensamento moderno. Além de lançar bases para a própria problematização da estrutura do poder religioso em si, seja ele católico ou não.

Palavras Chave: John Wycliffe, Heresias Medievais, Pré-Reforma Protestante, Teologia, Cristianismo Medieval, Filosofia Inglesa Medieval

Abstract

The Late Middle Ages, specially the period between 1305 and 1418 is indispensable to understand the political and religious thought not only of the medieval people, but for the comprehension of the modern ages. In this small period of time much religious turbulence took place in Western Europe. The capital of the Catholic Church moved to Avignon and then returned to Roma, the Church split in two different factions in the Great Western Schism and each group was leaded by a different pope, both of them considering themselves as the sumo pontifex and the only true connection between God and men in earth. The Schism lasts for decades and each pope define the other as the antichrist.

In this period the heretical thought grown up and the attempts of reconciliations of the groups not always become effective, in matter of fact once even a pope renounced his post.

John Wycliffe, professor of Theology in Oxford University, lived in this time. He produced a great number of papers in Latin and a even more great number of papers in *middle English*. *His ideas continued with his followers the Lollards. This great thinker created important dialogues with the other heretical thinkers, being one of the most important pre-reformist theologian and creating the bases of the protestant reform. But he also created the idea that the true Christian church would never be institutionalized neither it could be powerful. In his sermon The Wicket, using humanistic reason, he united the words of Jesus in the Gospels to prove that would be impossible to create a strong institutionalized church. So, this particular paper was also put aside because it was not interesting for the newly created institutionalized church of the 16th century*

Studying this thinker and his works, specially the Wicket is very important to better understand not only the medieval church, but the institutionalized church of all times.

Key Words: John Wycliffe, Medieval Heresies, Protestant pre-reformist thought, medieval theology, medieval Christianity, English medieval philosophy

Sumário

I. Questões Técnicas

I.1. Quanto aos nomes de John Wycliffe e de Jan Hüs.....	13
I.2. Quanto às citações documentais.....	14
I.3. Beguinos / Begardos.	14
I.4. Termos específicos.	15
I.5. Com relação às abreviaturas utilizadas.	17

II. Introdução

II.1. – Apresentação do trabalho.	21
II.2. O Século XIV – Poder Religioso x Poder Secular.	23
II.3. Heresias do século XII ao XIV.	25
II.4. John Wycliffe.	30
II.4.A. Vida	30
II.4.B. Principais Obras de Wycliffe.	33
II.4.C. Principais Documentos Seleccionados	39

III. Wycliffe e os “papistas”

III.1. – Definindo os Principais Temas	41
III.1.A. A ideia do mal – O mal racional x o Mal Espiritual	42
III.1.B. Questão da Eucaristia e da Transubstanciação	43
III.1.C. A questão do papa e da hierarquia eclesiástica	44
III.1.D. Questão dos dois caminhos	44
III.1.E. Essência do cristianismo	45
III.2. A ideia do mal presente em “How Satan and his Children turn Works of Mercy upside down, and deceive Men Therein, and in their Five wits”	47
III.2.A. – Analisando o Capítulo 1	47
III.2.B. Analisando o Capítulo 3	58

III.3 - Do átomo ao homem: Wycliffe e seu combate à doutrina da transubstanciação.	69
III.3.A – Acerca da transformação do pão em carne de Cristo e do vinho em sangue de Cristo.	73
III.3.B. Sobre o motivo pelo qual, mesmo após a consagração, o pão continua parecendo pão e o vinho parecendo vinho.	75
III.3.C. Sobre o momento ou período em que o pão e o vinho se transformam em corpo e sangue de Cristo.	76
III.3.D. O pão é somente a carne e o vinho é somente o sangue, ou ambos juntos são corpo e sangue ao mesmo tempo?.	78
III.3.E. A física e a fé – Como explicar a transubstanciação mantendo as regras do mundo físico?	79
III.4 – Wycliffe e o Poder Papal	85
III.4.A. Definição de poder papal pela Igreja Católica	87
III.4.B Definir o foco de Acusação de Wycliffe (Um ou mais papas específicos ou o papado em si).	96
III.4.C. Argumentação de Wycliffe.	98
IV. Wycliffe e o pensamento herético	
IV.1. Porque comparar Wycliffe com os outros hereges?	124
IV.2. Definindo o foco da comparação	125
IV.3. Wycliffe e os espirituais franciscanos	130
IV.3.A. Wycliffe e Ubertino de Casale	134
IV.3.B. Wycliffe, Angelo Clareno e Arnaldo de Sarrant (e a teoria de São Francisco como o novo Cristo).	144
IV.3.C. Wycliffe e Guilherme de Ockham	159
IV.3.C.i As duas fontes de poder do papa	163
V – A Resposta Católica às ideias de John Wycliffe	
V.1 – Wycliffe e a condenação do papa Gregório XI.	170
V.2. O Concílio de Constança	195

V.2.A. Do Concílio de Pisa à convocação do Concílio de Constança ..	195
V.2.B. Do discurso de abertura à deposição do “antipapa” João XXIII ..	197
V.2.C. O Julgamento das Ideias de Wycliffe no Concílio de Constança .	215
V.2.D. Análise das 260 enviadas de Oxford para o Concílio de Constança.	243

VI. Wycliffe e o Caminho estreito – Analisando mais profundamente a teoria apresentada no livro The Wicket e suas possíveis consequências

VI.1. – Por que aprofundar-se na ideia dos Dois Caminhos.	269
VI.2. – Wycliffe introduz a ideia dos Dois Caminhos .	271
VI.3 – Atemporalidade da regra dos dois caminhos, segundo Wycliffe ..	276
VI.3.A. – Personagens da Bíblia .	277
VI.3.B. – Reis de Israel : Poder Secular x Dois Caminhos.	280
VI.3.C. – Os Profetas e os dois Caminhos.	284
VI.3.D. – Jesus e os dois caminhos.	302
VI.3.E. – Os Dois Caminhos e a Institucionalização da Igreja Católica Apostólica Romana .	308
VI.3.F. O aumento do poder clerical nos séculos precedentes a Wycliffe .	316
VI.3.G. Os Dois Caminhos, Avignon e o Grande Cisma do Ocidente.	326
VI.3.H. A Teoria dos Dois Caminhos após o Concílio de Constança ..	334
VI.4. A impossibilidade da Igreja Institucional em Wycliffe .	336
VI.4.A. O Sumo Pontificado .	337
VI.4.B. As posses da Igreja e do Clérigos .	345

VII. - Apresentando Jan Hus e os Hussitas

VII.1. Obras de Jan Hus a serem analisadas .	371
VII.2. Análise das cartas de Jan Hus.	375
VII.2.A. Antes do Concílio de Constança .	376
VII.2.B. Cartas aos acusadores .	388
VII.2.B.i. Ao Colégio dos Cardeais, reunido em Constança.	388
VII.2.B.ii. Para Zawyssiuss .	390
VII.2.C. Cartas Enviadas a Grupos Populares .	395
VII.3. Sentença proferida contra Jan Hus pelo Concílio de Constança. ..	415

VIII. Conclusão

VIII.1. Considerações iniciais da conclusão.	436
VIII.2. Autocrítica .	436
VIII.3. Considerações Finais .	441
VIII.4.A Wycliffe e o pensamento da ortodoxia católica .	441
VIII.4.B. Wycliffe e os Verdadeiros Cristãos.	448
VIII.4.C. Hus, um Wicliffianista? .	450
VIII.4.D. Sobre a possibilidade de um Wycliffianismo do século XV aos dias de hoje.	452

IX. Apêndices

IX.1. Apêndice 1 – Tabelas Cronológicas	455
IX.1.A. Cronologia do diálogo entre o pensamento herético e a ortodoxia católica na Baixa Idade Média e Início da Idade Moderna.	456
IX.1.B. Cronologia do século IV e início do V relacionado à institucionalização da Igreja Católica para melhor compreensão do levantamento criado por Wycliffe, presente no capítulo “dois caminhos”.	464

IX.2. Lista de Pontificados dos séculos XI a XV .	469
IX.2.A. Linhagens Pontifícias durante o Grande Cisma do Ocidente .	470
IX.2.B. Lista oficial de papas, segundo o Vaticano, dos séculos XI a XV.	471
IX.2.C. Lista dos considerados Antipapa nos séculos XI a XV.	479
X. Anexos	
X.1. Mapa demonstrando a presença de Lolardos nos séculos XIV e XV .	482
XI. Referências	
XI.1. Fontes Primárias	483
XI.2. Bibliografia de Referência	484

I. Questões Técnicas

I.1. Quanto aos nomes de John Wycliffe e de Jan Hüs.

O sobrenome do autor dos principais documentos que este trabalho analisa possui diversas grafias. Em diversos livros e documentos, são apresentadas as seguintes variantes : Wycliff, Wiclif, Wicliff e até mesmo Vicliffe. Apesar do presente trabalho ter analisado quase uma centena de documentos do autor, o documento que deu origem ao trabalho foi *The Wicket*, que, dentre todos, é o que possui a edição mais antiga. Neste documento John Wycliffe assina o trabalho com a esta grafia, utilizando-se do Y e finalizando com duplo F e a letra E. Embora haja diversas grafias algumas até mais difundidas do que a utilizada aqui, este trabalho optou por utilizar-se da grafia presente neste documento.

O mesmo ocorre também ao nome de Jan Hüs, principal seguidor de John Wycliffe e representante de suas ideias no Concílio de Constança, onde foi julgado e morto. Sendo originário da Boêmia, a grafia original de seu nome é Jan Hüs. A tradução comum de Jan ao português é João, da mesma forma o seu sobrenome Hüs é uma abreviatura de sua cidade de origem Hüssinetz. A forma mais comum, entretanto, de grafar seu nome é John Huss, forma essa adotada na Inglaterra e nos Estados Unidos, e que foi aderida em muitas obras de língua portuguesa, tanto no Brasil como em Portugal. Ao mesmo tempo que a grafia inglesa é muito comum na língua portuguesa, a grafia João é mais rara, estando presente em menos de 30% das obras analisadas. Desta forma, para evitar o “inglesamento” da forma original e evitar um aportuguesamento pouco utilizado, foi escolhido a manutenção da grafia original, como ele assinou suas obras em língua boêmia.

I.2. Quanto às citações documentais.

Grande parte dos documentos analisados provém do *middle english*. Eles possuem sinais específicos para grafar alguns fonemas que não existem no inglês moderno, e não existem no alfabeto latino. Como, por exemplo, o símbolo “*þ*” que representa o mesmo fonema de “th” no inglês moderno. Já que o objetivo deste trabalho não é uma análise lingüística ou tipográfica, adotaremos a tradução direta ao português, fazendo as citações em língua original apenas quando, por algum motivo específico, se fizer necessário. Compreendemos que o mais correto seria uma transcrição completa com os caracteres originais, posterior a essa uma transcrição para o inglês corrente e somente após isso a tradução. Entretanto, devido à grande quantidade de textos analisados, tamanho que o trabalho já havia assumido, preferiu-se por uma forma mais simples que permitiria uma leitura mais corrente do texto

I.3. Beguinos / Begardos.

A ordem dos Beguinos surge como um grupo feminino no século XII, entretanto nos séculos XIII e principalmente XIV, este grupo possui uma presença determinante de homens. Alguns autores fazem a distinção entre esses grupos com os nomes *Beguinos* e *Begardos*. Embora a nomenclatura *Begardos* possa ser utilizada em alguns documentos, dependendo a região e época, daremos preferência a adoção do nome *Beguinos*, já que é este o nome utilizado no *Manual do Inquisidor* de Bernardo Gui, e esta forma adotada por muitos dos seus estudiosos. A língua portuguesa facilita a divisão da ordem masculina e feminina por *Beguinos* e *Beguinas*, o mesmo não ocorre com a língua inglesa. Portanto, no presente trabalho, *Beguinos* e *Begardos* serão utilizados como sinônimos.

I.4. Termos específicos.

O autor John Wycliffe utiliza-se de termos específicos que, transpostos para a nossa época, podem oferecer dificuldade de compreensão. Por exemplo, o autor não se utiliza do termo “católico”. Em seus textos ele faz uma contraposição entre o termo *papista* e o termo *cristão*, como se fossem duas religiões diferentes, opostas, e por vezes até mesmo “em guerra” uma contra a outra. Essa terminologia de separação entre os que ele considerava os verdadeiros cristãos e os seguidores do papa não criam, internamente em seu texto, contradições. Entretanto, ao nos utilizarmos de termos mais modernos, podemos enfrentar dificuldades. A princípio parece que o termo “católico”, apesar de seu caráter universalista, não parece se enquadrar para definir ambos os grupos “papistas” e “cristãos”. Uma vez sendo o papa, o sumo pontífice da igreja católica, parece viável atribuir o termo “católico” ao grupo denominado por Wycliffe de “papistas” o que daria ao grupo denominado por Wycliffe de “cristãos” a alcunha de hereges. Entretanto a palavra heresia, vinda do latim *haerësis* que por sua vez vem do grego *αἵρεσις*, que significa “escolha” ou “opção”, define um grupo que tem pensamentos dissonantes de um pensamento religioso central. Mas, John Wycliffe, não somente discordava das atitudes dos que ele chama de “papistas” pelo contrário, ele os define como seguidores de satanás, ele propõe que de fato já havia ocorrido uma cisão entre os verdadeiros cristãos e os tais papistas. Deste modo não somente a palavra “heresia” mais tradicional para a situação encontrada em Wycliffe, mas também a palavra “*seita*” parece adequada, uma vez que Wycliffe defende o sectarismo, ou seja, a separação completa entre os “verdadeiros cristãos” e os “papistas” (uma vez que os compreendamos como “católicos”, o sentido de seita é estrito). Durante todo o texto houve uma preocupação especial para impedir que essas definições de termos não atrapalhassem a compreensão do pensamento de Wycliffe e dos seus debatedores, embora o mesmo compreenda que, por vezes, alguma questão referente aos termos pode ter se mantido.

Alguns outros termos igualmente presentes no trabalho podem parecer anacrônicos, como o termo *átomo* utilizado no capítulo analisando o debate entre Wycliffe e São Tomás de Aquino, no que diz respeito à

transubstanciação. Wycliffe, ao preparar sua resposta a São Tomás, utiliza-se por base de argumento que o “Jesus transubstanciado” na eucaristia, proposto por São Tomás, não tinha as mesmas características que o “Jesus que andou entre nós”. Definindo que ele era muito mais semelhante a uma substância que pode ser dividida infinitas vezes e estar presente em sua completa natureza em cada uma das suas mínimas partes. O que aconteceria, por exemplo, com o ferro, com o vidro, com a água, mas nunca com elementos complexos, como uma pessoa, pois uma vez dividida teria-se apenas uma parte da mesma (a mão, mas não o completo da pessoa; o dedo, mas não o completo da mão; a unha, mas não o completo do dedo; etc.) Oras, a ideia das divisões subsequentes de um mesmo material indefinidas vezes de modo que cada mínima parte do mesmo garanta as mesmas características do todo, até se chegar a uma parte tão minúscula que é indivisível, é a mesma ideia presente no átomo (do grego, indivisível), ideia essa já existente desde a Grécia antiga. Como a palavra átomo não foi utilizada por Wycliffe, sendo uma citação do autor deste trabalho, pode parecer tratar-se de um anacronismo, entretanto, o termo utilizado no citado capítulo, não se refere ao moderno modelo químico (no qual, por sinal o átomo não é mais indivisível), mas sim à ideia filosófica criada pelos gregos.

I.5. Com relação às abreviaturas utilizadas

Abreviaturas de livros bíblicos: Optamos por utilizar a mesma abreviatura proposta pela *Bíblia de Jerusalém*. Seguindo, portanto, a tabela abaixo:

Torá (Pentateuco)	
Gn	Gênesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio

Profetas	
Js	Livro de Josué
Jz	Livro dos Juízes
1Sm	1º Livro de Samuel
2Sm	2º Livro de Samuel
1Rs	1º Livro dos Reis
2Rs	2º Livro dos Reis
Is	Livro de Isaías
Jr	Livro de Jeremias
Ez	Livro de Ezequiel
Os	Livro de Oséias
Jl	Livro de Joel
Am	Livro de Amós
Ab	Livro de Abdias
Jn	Livro de Jonas
Mq	Livro de Miquéias
Na	Livro de Naum

Hab	Habacuc
Sf	Livro de Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Livro de Zacarias
Ml	Livro de Malaquias

Escritos (hagiógrafos)	
Sl	Livro dos Salmos
Jó	Livro de Jó
Pr	Livro dos Provérbios
Rt	Livro de Rute
Ct	Cântico dos Cânticos ¹
Ecl	Eclesiastes (Coélet)
Lm	Lamentações
Est	Ester
Dn	Daniel
Esd	Esdras
Ne	Livro de Neemias
1Cr	1º Livro das Crônicas
2Cr	2º Livro das Crônicas

Outros livros do antigo testamento segundo a versão católica	
Tb	Tobias
Jt	Judite
1Mc	1º Livro dos Macabeus
2Mc	2º Livro dos Macabeus

¹ ou Cantares dependendo da tradução

Sb	Livro da Sabedoria
Eclo	Eclesiástico (Sirácida)
Br	Baruc

Livros do Novo Testamento	
Mt	Evangelho segundo Mateus
Mc	Evangelho segundo Marcos
Lc	Evangelho segundo Lucas
Jo	Evangelho segundo João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta aos Romanos
1Cor	1ª carta aos coríntios
2Cor	2ª carta aos coríntios
Gl	Carta aos Gálatas
Ef	Carta aos Efésios
Fl	Carta aos Filipenses
Cl	Carta aos Colossenses
1Ts	1ª carta aos Tessalonicenses
2Ts	2ª carta aos Tessalonicenses
1Tm	1ª carta a Timóteo
2Tm	2ª carta a Timóteo
Tt	Carta a Tito
Fm	Carta a Filemon
Hb	Carta aos Hebreus
Tg	Carta de Tiago
1Pd	1ª Carta de Pedro
2Pd	2ª Carta de Pedro
1Jo	1ª Carta de João

2Jo	2ª Carta de João
3Jo	3ª Carta de João
Jd	Carta a Judas
Ap	Apocalipse

II. Introdução

II.1. Apresentação do trabalho

O século XIV é um período peculiar da história europeia no que diz respeito ao cenário religioso católico. Para começar temos a conturbada transferência da sede da igreja católica de Roma para Avignon, na França. Após esse período de papado francês temos uma situação ainda mais crítica, com o Cisma do Ocidente, onde dois papas disputam entre si pelo poder em uma Europa dividida. Durante essa divisão que começa em 1378 e vai até 1417 temos, por décadas, o mundo católico olhando dois “sumos pontífices”, dois “líderes máximos” da Igreja, cada qual dizendo a si próprio representante divino e definindo o opositor como anticristo ou servo das forças malignas. A disputa, prioritariamente de caráter político com fundo religioso, dava margem ao surgimento de novos movimentos heréticos, uma vez que, a situação religiosa-política, por si, já gerava a crença de que metade da Europa fosse, de certa forma, considerada herética. Não importava qual dos lados (papado de avignon ou papado de Roma) fosse o vencedor, o grupo que perdesse não seria reconhecido como verdadeiros papas, mas receberiam a alcunha de antipapa (o que já havia ocorrida diversas vezes na história²). Portanto todos os que juraram fidelidade ao perdedor, antipapa, seriam impulsionados a jurarem fidelidade ao vencedor, então reconhecido oficialmente como único papa, não só a partir do concílio, mas também como único papa existente antes do mesmo.

É neste cenário que vive John Wycliffe, professor de teologia de Oxford, pensador focado em uma análise racional e humanista da fé e da situação religiosa de sua época, agindo também como uma espécie de pré-historiador, busca as origens históricas para os problemas que enfrentavam, além de fazer algumas prospecções de possíveis rumos que o cristianismo poderia tomar. Pensador que, ao invés de assumir um dos lados na disputa do Cisma do Ocidente, toma a postura radical de ser contra qualquer poder papal, contra a existência, em si, de um pontífice que tivesse em suas mãos qualquer controle

² Vide apêndice de papas e antipapas no final deste trabalho

do poder secular, propondo que a verdadeira religião cristã jamais poderia existir de forma institucionalizada ou aliada a elites seculares, pelo contrário, que esta (a verdadeira em oposição às falsas e corrompidas) sempre seria uma religião de minorias, opondo-se aos erros e perseguições causadas pelas igrejas corrompidas e falsamente cristãs.

John Wycliffe, como o presente trabalho demonstra, recebeu fortes influências de outros pensamentos heterodoxos de sua época, como dos espirituais franciscanos, e preocupou-se em debater com os grandes pensadores católicos da baixa idade média, como São Tomás de Aquino, Egídio Romano entre outros. Gozando de certos privilégios reais, por ter auxiliado o monarca em questões sobre jurisdições e impostos em seu território e tendo trabalhos de teologia e direito canônico, John Wycliffe teve certa liberdade para agir em um cenário menos “grandioso” e ao mesmo tempo menos “abstrato” que é o seu conjunto de pregações populares, em língua inglesa.

O presente trabalho está focado na análise destas obras em língua inglesa, por serem de caráter mais prático e mais focados ao dia a dia dos fiéis, muito embora, como é característica de Wycliffe, sejam totalmente embebidas de um pensamento racional e de caráter humanista (e por vezes até humanitário). Apesar da obra latina do autor receber destaque muito maior por parte dos pesquisadores, sua obra em inglês também é vasta e seu conteúdo de imensa importância para a compreensão deste mundo religioso controverso que a Europa (em especial a Inglaterra) vive nos primeiros anos após a Cisma do Ocidente.

Entre as obras analisadas, os comentários do mesmo sobre o testamento de São Francisco, onde Wycliffe claramente toma postura de defender os espirituais em detrimento à ordem franciscana institucionalizada, temos sermões ligados à vida de Jesus e comparações demonstrando como a igreja institucionalizada de sua época (independente do pontífice que apoiasse) estava em completa contradição não somente com os ensinamentos falados de Jesus, mas especialmente em contradição com a sua prática. E por fim, a obra *The Wicket*, praticamente esquecida pela história e com única publicação em meados do século XVI, que defende claramente a impossibilidade de uma igreja ao mesmo tempo cristã e institucionalizada ou poderosa, demonstrando

assim não somente seu pensamento contrário às “duas igrejas católicas” de sua época, mas também, demarcando seu pensamento contrário à qualquer institucionalização posterior, portanto em oposição também às futuras igrejas protestantes que seriam institucionalizadas nos séculos XVI e posteriores.

II.2. O Século XIV – Poder Religioso x Poder Secular

Segundo o autor Richard William Southern em seu *Western Society and the Church in the Middle Ages*³, o século XIV vê ao mesmo tempo dois fenômenos, por um lado o crescimento da estruturação monárquica, criando governos mais estáveis e com poder mais bem definido, ao mesmo tempo que o papado enfrenta profunda instabilidade (o que, segundo ele, não define uma perda de poder, apenas uma instabilidade gerada pelo excesso de poder).

Seguindo essa linha de pensamento, define-se basicamente pela ideia de que a estruturação política em pequenos núcleos se dava de forma mais simples e mais efetiva, podendo criar novas estruturas, apoiando-se em novo aparato legal, econômico e militar, e definido em um espaço mais restrito. Ainda que não estivesse tão articulado com pretensões *teóricas*⁴, o seu poder ia aumentando em força e independência, e tal evolução, a princípio, não entrava em conflito com a supremacia papal, uma vez que esta se mantinha tranquila sob elaboradas teorias de que o poder papal estabelece um reinado universal e divino, sobre os poderes seculares, que podem muito bem se desenvolver. Assim sendo, a teoria da supremacia papal no século XIII garantia a não preocupação da igreja com relação ao crescimento dos poderes políticos crescentes pelos governos seculares.

Já o começo do século XIV viu que tal estabilidade entre poder secular e religioso estava muito longe de ser duradoura. Por um lado o aumento da autonomia dos poderes seculares, muito embora não pudessem ainda ignorar o poder religioso supremo sobre eles, poderiam criar estruturas que apenas buscariam o natural acréscimo de poder secular, mas que abalariam as instituições vigentes. Por outro lado, a melhor estruturação secular permitia que governos pudessem, em certa medida, ignorar a presença religiosa, como uma

³ Publicado pela Penguin Books em 1970

⁴ Idem, p.48

presença apenas paralela e de importância que iria diminuindo no decorrer do tempo, especialmente no que diz respeito ao crescimento contínuo das cidades e do comércio, que criava uma igreja mais ligada à religião pessoal do que ligada a grandes debates políticos ou teológicos⁵. Esse é o caso da Inglaterra, ao desenvolver, por exemplo, detalhada legislação antipapal, que embora fosse utilizada em assuntos específicos de disputas de jurisdição, nunca se opunha oficialmente ao papado como um todo⁶. E por fim, uma vez que não se pode ignorar o poder religioso pode-se querer controlá-lo, o que vemos no caso do papado de Avignon⁷.

Se o crescimento do poder secular gerava possibilidade de problemas para o papado, a própria estrutura hierárquica criada pelo mesmo gerava outros problemas a si próprio. Por um lado a tendência universalista e intensamente hierarquizada dava à Igreja Católica uma forma não eficiente de dominação, muito mais pesada, instável, passível de disputas internas e poderes paralelos do que os poderes seculares. Por outro lado o foco na teorização teológica dos problemas, por vezes, gerava um distante abismo⁸ entre o que a Igreja dizia que pretendia fazer e o que de fato fazia. Por último, a questão religiosa pretendendo a si própria como representante de um Deus inerrante, precisava sempre revalidar todas as decisões e pensamentos precedentes, de modo que cada solução apresentada a um determinado problema, também poderia ser exatamente a causa do subsequente.

Por fim, a crise do poder papal também se dá intensamente por problemas vindos de dentro da própria Igreja. Cada vez mais era patente a distância entre teoria de prática, entre os valores que geriam uma ação e o resultado final da mesma. A distância entre os valores e vivência dos primeiros cristãos presentes no evangelho e a vida religiosa do século XIV, se assemelhando muito mais às elites romanas ou judaicas, perseguidoras dos primeiros cristãos, do que aos próprios cristãos em si, perseguidos por elas. Abrindo assim margem ao crescimento ainda maior das heresias. Ao mesmo tempo que as conciliações feitas no século anterior das ordens mendicantes

⁵ Idem, P. 47

⁶ Idem, P.51

⁷ NELSON, Lynn Harry, *The Avignon Papacy*, The University of Kansas, in <http://www.vlib.us/medieval/lectures/avignon.html>

⁸ SOUTHERN, *Western Society and the Church in the middle ages*, p. 48

como incluídas na igreja (caso de São Francisco, por exemplo) geraram novas heresias buscando serem mais fieis aos pensamentos de seus criadores, do que a gradual proximidade entre os novos seguidores e as práticas até então criticadas pelo criador (como o embate entre os espirituais franciscanos, considerados heréticos e os franciscanos “oficiais”).

II.3. Heresias do século XII ao XIV

A presente seção desta introdução tem como objetivo apresentar ao leitor, de forma sucinta e resumida, as principais heresias da Baixa Idade Média. A escolha por uma listagem mais simples e de menor profundidade foi feita para facilitar um conjunto de dados iniciais mais simples, de modo que a complexidade será estabelecida nos capítulos posteriores quando a relação entre o pensamento de Wycliffe for estabelecida com alguns dos pensamentos heréticos citados abaixo.

A escolha das principais heresias encontradas aqui é feita mediante dois critérios, primeiramente segundo relevância estabelecida pela obra *Heresias Medievais* de Nachman Falbel, e como segundo critério a importância de tais pensamentos na obra de Wycliffe e as relações que os capítulos seguintes conseguiram estabelecer com esses pensamentos.

Para facilitar uma visão panorâmica das heresias medievais, foi criado o apêndice 1.a, uma cronologia onde as principais datas referentes aos pensamentos heréticos foram isoladas. Uma explicação mais detalhada da cronologia está presente no próprio apêndice citado.

Em linhas gerais temos um grande crescimento do pensamento herético na Europa Ocidental a partir do século XII, pensamento esse que de forma multifacetada avançará por diversos setores da sociedade medieval, do campesinato ao clero, abarcando milhares de pessoas. Essa evolução continuará, apesar de diversas respostas da Igreja Católica, culminando nos séculos XIII e XIV com elaborados pensamentos teológicos, políticos, filosóficos, que de certa forma poderão interagir entre si, conforme podemos provar na análise da obra de Wycliffe.

Ao contrário das heresias dos primeiros séculos do cristianismo, as heresias da Baixa Idade Média possuem um caráter muito menos teológico ou filosófico, e tomam uma crítica muito mais das práticas da instituição eclesiástica. Desta forma estas heresias tornam-se muito mais populares, de modo que estes séculos chegam a ser chamados de *séculos heréticos*, pelo professor Nachman Falbel⁹

Apesar dos pensamentos heréticos possuírem entre si muitas diferenças, tanto de caráter filosófico e de argumentação, como especialmente de prática, há algumas semelhanças básicas que podem ser aplicadas praticamente a qualquer um deles. A crítica ao distanciamento entre as práticas da igreja contemporânea aos hereges, e a prática de pobreza, humildade e caridade da igreja primitiva. A crítica aos meios de dominação criados pela igreja, tanto em sua hierarquia, como em instrumentos criados para tal. Alguns grupos heréticos pretendiam a renovação da igreja como um todo; outros pregam apenas a separação entre um grupo renovado e uma igreja decaída e terrena que sobraria; por fim, alguns grupos apenas se limitam a criticar e não a propor uma solução específica em si.

Conjuntamente com os pensamentos heréticos também vieram as respostas da Igreja Católica aos mesmos, em 1148 já temos, no Concílio de Verona, o estabelecimento que os soberanos deveriam empenhar-se, ao lado da lei civil e canônica, para o extermínio das heresias¹⁰; em 1215, o 4º Concílio de Latrão, decretou medidas contra os senhores seculares caso protegessem heresias em seus territórios, tendo como possível punição a esses até mesmo a perda de seus domínios; e por fim, em 1229, temos criado o Tribunal do Santo Ofício, no Concílio de Toulouse¹¹. Pouco a pouco a prática inquisitorial acabou gerando verdadeiros manuais inquisitoriais, como no começo do século XIV, o *Practica Inquisitionis Haereticae Praevitates* de Bernarndo Gui. Esses manuais permitiam, através de descrições detalhadas dos pensamentos heréticos e das práticas realizadas por esses grupos, identificar possíveis membros e trazer sobre eles a culpa. Com certa ironia histórica, as descrições contidas em tais manuais auxiliaram, de alguma forma, na manutenção das

⁹ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p. 13

¹⁰ Idem, p.. 16

¹¹ Idem, p. 17

ideias heréticas até os dias de hoje, servindo como documentos a historiadores para uma melhor compreensão daqueles pensamentos, uma vez que grande parte de suas produções originais foram destruídas.

Segue, abaixo, portanto, alguns dos pensamentos heréticos selecionados:

Chama-se de Lolardos o conjunto dos seguidores de John Wycliffe na Inglaterra, que continuam pregando seus ensinamentos após sua morte. A origem do nome “Lolardo” é incerta, uma das possibilidades é que o nome tenha se originado do holandês *lollaerd*, murmurar. Mas também existe a possibilidade de que tenha vindo do latim *lolium* ou ainda do *middle english*: *loller*. Neste caso a referência é a palavra *low* de baixo, pequeno, mas normalmente no caráter pejorativo, de inferior, atribuído às classes mais baixas, como sinônimo de “vagabundo” ou “imprestável”. No caso “*lolium*” é uma variedade de joio, planta muito semelhante ao trigo, mas que não produz sementes comestíveis.

Todas as citadas origens do nome são possíveis. Murmúrio, referindo-se ao hábito dos lolardos terem costume de ler, uma vez que se utilizam tanto da tradução ao inglês feita por Wycliffe do novo testamento, como das obras inglesas do mesmo autor, então o murmúrio seria provocado pela leitura em voz baixa. Embora também haja a possibilidade de “murmuradores” no sentido de, ao invés de pregarem a derrubada da Igreja Católica ou do papa, indo abertamente contra a mesma, preferissem fazer suas pregações aos pequeninos e aos clérigos menores, portanto sendo apenas murmúrios e não gritos. A possível origem latina referindo-se ao joio, tem seu embasamento na possível nomenclatura dada pela Igreja Católica, demonstrando que os lolardos se assemelhavam muito aos católicos, pois tinham um discurso racional preciso e respondendo aos grandes pensadores medievais; entretanto, assim como o joio se assemelha ao trigo mas não dá sementes comestíveis, também os lolardos no fim, não produziriam bons frutos. A referência ao joio é bíblica¹². Por sua vez, a referência do *middle english* poderia se dar pela pregação em língua popular, feita para os pequeninos e permitindo a participação deles

¹² Mt 13, 24-40

indiscriminadamente no grupo dos lolardo, portanto o grupo dos pequenos, semelhante às ordens mendicantes.

Os Lolardos começam como um movimento estritamente teológico e, ao menos em seus primeiros anos, não possuem outro caráter que não esse. Entretanto, aos poucos, o teor de suas pregações começa a gerar lutas sociais, rebeliões e discursos políticos¹³. Originalmente entre os lolardos havia grande quantidade de teólogos e de nobres feudais, especialmente por causa dos trabalhos de Wycliffe acerca da não-validade dos impostos clericais, sendo que até 1381 temos na figura de cavaleiros anti-clerical um grupo que fortemente apoiou Wycliffe, sendo essa postura¹⁴ mantida ao menos até 1395. Porém, a crítica, inicialmente centrada à Igreja Católica, começa a tomar mais caráter de crítica à estrutura social, e a divulgação das ideias de Wycliffe toma forma de panfletos, tendo ampla divulgação na Inglaterra e posteriormente fora dela. Esse caráter mais social da crítica de Wycliffe fará com que a monarquia inglesa que a princípio havia, em certa medida, acobertado o teólogo, agora apoie a perseguição aos seus seguidores. Declaram que, embora não vissem erro teológico nas apresentações de Wycliffe, a má interpretação da mesma poderia causar a destruição do Estado¹⁵.

Por volta do ano de 1410 o termo lolardo já toma uma conotação bastante negativa¹⁶, aparecendo destacado junto com motivos de condenações por roubo ou assassinato, sem que, conjuntamente a isso houvesse qualquer julgamento religioso ou disputa teológica. Isso será ainda mais acentuado após o Concílio de Constança, quando a obra de Wycliffe será considerada oficialmente herética e proibida pela igreja católica.

Nada indica que os lolardos tivessem qualquer tipo de organização hierárquica ou institucional, na verdade qualquer organização mais complexa dos mesmos seria, como veremos mais adiante, ferir alguns princípios básicos pregados por Wycliffe. Desta forma é mais difícil de estabelecer exatamente o número de lolardos, ou como as ideias de Wycliffe são transformadas no passar dos anos. Entretanto sabemos claramente que elas se mantiveram

¹³ ASTON, Margaret, *Lollards and reformers: images and literacy in late medieval religion*, p.2

¹⁴ Enciclopédia Católica, verbete Lolardos

¹⁵ ASTON, Margaret, *Lollards and reformers: images and literacy in late medieval religion*, . P.3

¹⁶ Idem, p.8

firmes na Inglaterra no começo do século XIV e serão posteriormente espalhadas pela região do Sacro Império e reinos do oriente europeu.

Apesar das ideias de Wycliffe estarem intimamente ligadas ao movimento dos Lolardos, e da importância deste pensamento para a Inglaterra e para a Europa do século XIV, uma vez que o próprio Concílio de Constança se preocupa em expurgar tais pensamentos do seio da Igreja Católica, este é um grupo relativamente pouco conhecido, sendo que a maior parte dos trabalhos realizados sobre o mesmo centra-se nos comentários bíblicos ou em textos escritos por Wycliffe, ainda assim em apenas parte destes, especialmente os latinos e os seus comentários da tradução do novo testamento à língua inglesa¹⁷

¹⁷ HILTUNEM, Risto & SKARRARI, Janne, *Discourse perspectives on English: medieval to modern*, p.105

II.4. John Wycliffe

II.4.A. Vida

Seu nascimento se dá por volta de 1320 em algum local incerto da Inglaterra, em algum vilarejo nos arredores do castelo de Richmond¹⁸. Provavelmente tenha estudado em Merton em 1356. É difícil descrever como ele faz sua vida em Oxford, havendo mesmo documentação contraditória de sua presença em dois locais ao mesmo tempo¹⁹.

O certo é que, mesmo antes que sua fama se espalhasse por fora de Oxford, ele fez uma importante carreira nesta universidade. Tendo participado de disputas filosóficas de diferentes correntes, e suas aulas eram sempre lotadas, mesmo antes de qualquer trabalho relacionado à política clerical, com as quais ganhará importância muito além das paredes universitárias. Em 1366 ele publica *Determinatio quedam de dominio*²⁰ apoiando o parlamento inglês contra o pagamento exigido pelo papa Urbano V.

Ele somente consegue sua titulação de doutor em teologia em 1372. Dois anos após foi um dos enviados reais para Roma em negociações com a Cúria. Em geral foram colocadas petições da câmara dos comuns, porém o rei mantém sua ligação com o papa, fazendo com que a reunião não tenha nenhum tipo de fruto real.

Sua vida, então, passa a ser ainda mais dedicada ao estudo e difusão de suas ideias filosóficas e acadêmicas. Entre as questões mais debatidas encontra-se a clássica disputa sobre o livre-arbítrio e a Providência Divina²¹. Há certa dificuldade em conciliar ambos os conceitos em uma mesma linha racional. Como pode o homem ao mesmo tempo ser livre para tomar qualquer decisão que lhe aprouver e Deus ter o controle de tudo? Segundo Wycliffe a Providência Divina era superior e não havia possibilidades e alternativas, sendo que cada ação tomada pelo homem seria a única ação possível a ser tomada

¹⁸ LAHEY, Stephen E, *John Wyclif*, p.4

¹⁹ British Encyclopedia, v. Wycliffe

²⁰ Embora haja contestações, como de Loserth, que esse documento teria sido escrito somente 8 anos depois.

²¹ Tal questão é comum não somente no cristianismo, mas em todas as religiões monoteístas, uma vez que estas não negam o livre-arbítrio humano, mas têm sua fé alicerçada sobre um Deus onipotente, onisciente e onipresente.

por ele, já previamente sabida e determinada por Deus, desta forma praticamente reduzindo a zero o livre-arbítrio.

Uma de suas obras mais importantes foi *De Civili Dominio*, que argumentava que a Igreja não deveria interferir em assuntos seculares, e que o luxo da igreja e a posse de excessivos bens materiais por parte do clero era algo pecaminoso. Apesar disso, tal obra não foi considerada a princípio um ataque aberto à igreja, sendo que o papa Gregório XI ao invés de proibir a obra condenou apenas 19 de suas conclusões.

No mesmo ano, ele chegou a ser consultado pelo parlamento inglês algumas vezes sobre questões fiscais relacionadas à Igreja. A Universidade de Oxford fez uma defesa de seus pensamentos, dando-lhes mais embasamento filosófico e dizendo que deveriam ter sido mal interpretados em sua primeira leitura. Antes mesmo que fosse convocado, ele compareceu por conta própria e havia preparado uma defesa cautelosa perante a Igreja, entretanto essa reunião foi cancelada por uma multidão acompanhada de um mensageiro da princesa de Wales, ordenando a interrupção de seu julgamento.

Ele é convocado pelo parlamento diversas vezes após isso, mas destas vezes por questões ligadas a outros assuntos, como, por exemplo, a “invasão” que enviados da nobreza teriam feito ao santuário de Westminster em uma perseguição a ladrões, sendo que um destes foi morto dentro do santuário. Todos os envolvidos no crime foram excomungados, exceto o próprio rei, sua mãe e seu tio.

No momento da eleição²² do papa Clemente VII - em oposição a Urbano VI - acentuou-se a hostilidade de Wycliffe, de modo que chegou a ser chamado na Santa Sé. Esta convocação chegou a fazer Wycliffe chamá-lo de anticristo. Desde então suas obras começaram a atacar diretamente a Igreja, o poder papal e as práticas consideradas errôneas por ele. Uma série de trabalhos foi produzida e começaram a se espalhar, não somente para a Inglaterra, mas para várias regiões da Europa. Entre estes trabalhos temos *Summa Theologiae*, *De eucharistia*. *E Trialogus*. Esse último chegando a chamar a ideia da transubstanciação em uma tolice blasfêmica.

²² Trata-se da questão do papado de Avignon onde Clemente VII será posteriormente proclamado o Anti-papa e excomungado, e Urbano VI assumirá o papado. Episódio conhecido pelo nome de Cisma do Ocidente.

Tanto a universidade como diversos de seus seguidores foram acusados pela Igreja, ao invés de apelar ao papa o apelo foi feito diretamente ao rei da Inglaterra. Neste momento sobressai sua ideia de criar uma igreja inglesa, independente de Roma. Entretanto, seus ideais de pobreza da igreja fazem com que ele não possua tantos adeptos a essa ideia, especialmente após uma revolta de camponeses²³ em 1381.

Wycliffe apóia essa revolta e, segundo alguns estudiosos, ele, inclusive, estaria por trás dela. Um dos líderes, após sua condenação, confessa que havia aprendido “doutrinas subversivas” de Wycliffe²⁴. Uma censura foi ordenada para todos os seus trabalhos e suas obras confinadas e proibidas. Neste momento, discursos seus começam a correr entre o povo em língua vulgar, ou seja, o inglês. Desta forma, apesar de suas obras latinas estarem confiscadas, ele continuava difundindo suas ideias. A sua tradução da Bíblia ao inglês, feita anos antes, chega com mais força ao povo.

Em 1383 ele é acometido por uma paralisia que pouco a pouco vai lhe tirando as forças até o seu falecimento, no final deste ano. Desta forma sua última obra, *Opus Evangelicum* não é completada. Porém, no que já havia sido escrito, ele defende que as escrituras sagradas eram auto-suficientes, ou seja, ali já estaria presente toda a essência do cristianismo em detrimento à toda a tradição da Igreja Católica, concílios e bulas papais produzidas por mais de um milênio.

Por seu pensamento dissonante da ortodoxia católica ele é conhecido ou como um dos maiores filósofos e teólogos de sua época, ou então como o maior dos hereges ingleses²⁵ da segunda metade do século XIV, sendo que alguns dos que combateram as suas ideias chegam a definir que desde o nascimento de Jesus nenhum outro herege mais pernicioso teria surgido²⁶

Após sua morte um grupo de seguidores de suas ideias continua a perpetuá-las por mais um século, são os chamados Lolardos. Muito embora

²³ Revolta essa liderada por, Wat Tyler, Jack Straw e John Ball, este último seguidor de Wycliffe teria proferido um sermão intitulado “Quando Adão desposou Eva, quem era o gentio?” e que defendia que a servidão não era natural e nem vontade de Deus, já que não existia no paraíso, e somente teria sido criada após o pecado.

²⁴ Entretanto isso, obviamente, não gera uma prova em si.

²⁵ SATTERLEE, Thom, *Burning Wyclif*, p. XV

²⁶ Definição dada por Paletz, que combatia as ideias de Wycliffe no confronto com Jan Hus (Conforme está apresentado no capítulo final deste trabalho)

muitos autores façam uma diferença entre “Wyclifistas” e “Lolardos” uma vez que nem todos os seguidores de Wycliffe sejam lolardos²⁷

II.4.B. Principais Obras de Wycliffe

Mesmo durante a sua vida Wycliffe teve várias de suas obras queimadas, especialmente no ano de 1382, quando teve de se defender perante as acusações de Roma. Entretanto a principal perseguição e destruição das obras dele ocorreram após o Concílio de Constança, em 1415, quando um de seus mais famosos seguidores Jan Hus foi morto e Wycliffe teve duas condenações post-mortem diferentes, uma de 45 teses e outra de 260 teses, havendo uma proibição completa de divulgação de qualquer de seus materiais, sejam livros, panfletos ou outros. Culminando com a queima de centenas de suas obras ao mesmo tempo em Londres e em Praga²⁸

Apesar de se colocar contra o poder papal e de muitas obras suas terem sido queimadas, a sua produção foi intensa e ainda temos muitos de seus trabalhos até os dias de hoje²⁹. Tendo passado grande parte de sua vida em universidades, especialmente Oxford, Wycliffe teve acesso a tudo o que era necessário para esta produção excepcional. Desde material para produção dos livros, mestres a lhe apoiarem e pessoas a ouvirem suas ideias e as propagarem.

Para melhor estudo neste trabalho dividiremos suas obras em dois grandes grupos: Obras em Latim e Obras em Inglês. Temos no primeiro grupo uma série de tratados teológicos que visavam discutir com a Igreja Católica e defender pontos cruciais, desde dogma ao direito canônico. Entre as obras latinas temos:

²⁷ É o caso, por exemplo, de Patrick Hombeck, estudioso de Oxford, em seu livro: *What Is a Lollard?: Dissent and Belief in Late Medieval England*

²⁸ ROBSON, J. A. *Wyclif Wyclif and the Oxford Schools: The Relation of the 'Summa de Ente' to Scholastic Debates at Oxford in the Later Fourteenth Century*, p.123

²⁹ Segundo Robson, parte desta obra somente se manteve perante o uso de cópias sem títulos ou autoria definida, o que dificulta a posterior confirmação da autoria.

*Determinatio quaedam de domínio*³⁰ – que tratava dos limites do poder da Igreja em termos de cobranças de impostos. Colocando o poder clerical em conflito com o poder secular.

*De civili domínio*³¹ – que fazia sérias acusações ao papado de Avignon, especialmente por sua ostentação e exploração do povo. Defendendo que seria responsabilidade dos Estados seculares impedirem que a Igreja pudesse usurpar tais poderes de seus súditos.

*Summa Theologiae*³² - Seguindo o estilo de Tomás de Aquino, utilizando apenas argumentos racionais, trás um total de 13 tratados sobre o gênese, a natureza e a estrutura do mundo

De Eucharistia – Tratado onde Wycliffe condena a doutrina da transubstanciação. Defendendo que se tratava apenas de um símbolo para relembrar o sacrifício de Cristo e não o corpo material presente no pão.

Triologus – Complexo tratado onde Wycliffe levanta vários erros doutrinários cometidos pela Igreja Católica, entre eles novamente o combate à doutrina da transubstanciação.³³

De sufficientia legis Christi – Prelúdio para *Opus Evangelicum* que consistia em defender que a Bíblia era suficiente para governar o mundo, sem a necessidade de intervenção da Igreja.

De veritate Sacre Scripturae – Defendia que a Bíblia era a palavra revelada de Deus e que deveria ser soberana, superior à interpretação desta feita por abades, cardeais ou o papa, e que quaisquer de suas ordens somente deveriam ser obedecidas se fossem comprovadas pela Bíblia³⁴.

Opus Evangelicum – Este último tratado não foi concluído em vida, mas sabe-se que tratava de um embasamento teológico para comprovar que as escrituras sagradas seriam auto-suficientes, sem a necessidade da Igreja como intermediária entre o homem e as escrituras.

³⁰ Há uma série de controvérsias a respeito desta obra. Johan Loserth, por exemplo, questiona a data de publicação desta, sendo que ela teria ocorrido em 1372 e não em 1366 conforme a historiografia comum coloca. Outros autores como F. D. Matthew nem mesmo a colocam entre as obras de Wycliffe.

³¹ R.L. Poole, *Ioannis Wycliffe Tractatus de Civili Dominio Liber Primus* (London, Truebner, 1885)

³² Também chamada de Summa de ente pela Stanford Encyclopedia of Philosophy

³³ *Tracts and Treatises of John de Wycliffe*, ed. Robert Vaughan. London: Blackburn and Pardon, 1845, pp. 150, 152.

³⁴ Stanford Encyclopedia of Philosophy

No campo das obras inglesas temos uma pluralidade muito maior, entretanto tratando-se, todas elas, de obras mais simples e cujo público alvo era o próprio povo inglês, muitas vezes os próprios alunos de Oxford.

Bíblia em Inglês - A principal obra em língua inglesa, sem dúvida, é a tradução do Novo Testamento. Partes da Bíblia já haviam sido traduzidas para o inglês, mas não havia uma tradução completa. Wycliffe atribuiu a si mesmo esta tarefa. Embora não se possa definir exatamente a sua parte na tradução (que foi baseada na Vulgata), não há dúvidas de que foi sua a iniciativa, e que o sucesso do projeto foi devido à sua liderança. A ele devemos a tradução clara e uniforme do Novo Testamento, enquanto seu amigo Nicholas de Hereford traduziu o Antigo Testamento. Ambas as traduções foram revisadas por John Purvey em 1388, quando então a população em massa teve acesso à Bíblia em idioma inglês.³⁵

The Wicket – Esta obra, voltada ao povo inglês, possuiu apenas edições no século XVI, tanto na língua original, como tradução ao inglês. Trata-se de uma defesa de que o cristianismo real sempre será de minorias, uma vez que Jesus havia dito claramente que seus seguidores seriam perseguidos, os profetas de Israel já eram perseguidos e que o caminho da salvação era sempre estreito, enquanto o da perdição era largo³⁶.

The Testament of Master William – Esta obra foi publicada em conjunto com *The Wicket*, desta forma também não possuindo nenhuma edição moderna.

Suas demais obras não possuíram edições antes do século XIX, tendo sido reunidas em 1880 por F. D. Mathew para uma única publicação. As novas reedições ocorreram apenas recentemente em 1995 e 2005. Esse compêndio possui as seguintes obras:

- *On de Leaven of Pharisees* – Comparando os fariseus aos seguidores do papa, por seu orgulho próprio, desejo de passar ordens aos demais e ensinamentos com defeitos teológicos;

- *How the man ought to obey Prelates* – Defendendo que os padres e monges menos cultos podem se deixar levar pelo título dos prelados e como

³⁵ Idem.

³⁶ Praticamente nada foi publicado sobre esta obra específica, sendo que o trabalho aqui realizado é feito diretamente sobre o texto, trazido diretamente da Bodeleian Library em Oxford. Uma cópia da edição realizada em 1546.

isso pode causar problemas, especialmente no que diz respeito a sentirem-se culpados por pecados que na verdade eram cumprimentos da vontade de Deus.

- *The rule and Testament of Saint Francis* – Possui o testamento de São Francisco e por fim uma exortação aos franciscanos que haviam se desviado dos ensinamentos do criador da ordem, acusando-os de possuir livros caros, viver no luxo e esquecer-se da pobreza.

- *Of Prelates* - Em seus 43 capítulos, faz uma comparação, assim como Satanás era um anjo de Luz, também os prelados podem parecer de Deus, mas na verdade levam as pessoas à perdição. Fala sobre heresias de sua época, como os beguinos, e faz reflexões sobre o verdadeiro viver cristão.

- *Speculum de Antichristo* – Ataca ferozmente os seguidores do papa e os prelados, chamando-os de clérigos do Anticristo e fala sobre interpretações errôneas das escrituras, como por exemplo, a confusão da ideia de paz, trazida por Cristo, com o luxo secular vivido nas igrejas.

- *Of Clerks Possessioners* – Acusando a luxúria e riqueza dos membros da igreja em detrimento à real função que eles deveriam exercer.

- *How the Office of Curates is ordained of God* – Tratando sobre a disparidade entre o tempo gasto pelos clérigos com o estudo e o gasto com luxos materiais.

- *The Order of Priesthood* – Comparando a ignorância do clero de sua época com os apóstolos na época da Igreja Primitiva, presente nas cartas e no livro de Atos dos Apóstolos.

- *Three things destroy this World* – Na verdade Wycliffe destaca diversas atitudes, e não apenas três, que seriam condenáveis em seu tempo.

- *Of Feigned Contemplative Life* – Sobre a necessidade da oração e como os deveres do mundo podem impedir as pessoas de se dedicarem a este ato tão importante da vida cristã.

- *The Paternoster* – A oração é destrinchada em várias partes, de modo a buscar o significado mais complexo de cada uma delas. Sendo que cada frase é ligada a uma virtude específica e a oração é tida como um presente de Cristo para a humanidade.

- *The Ave Maria* – Ao mesmo tempo em que fala sobre a dupla natureza de Cristo (humana e divina), faz acusações sobre a frivolidade e vaidade de várias mulheres.

- *How Satan and his Children turn Works of Mercy upside down, and deceive man Therein, and in their Five wits.* – Os maus clérigos são chamados de filhos de Satã e colocados como um exército do mal usado para transformar os ensinamentos de Cristo e levar os verdadeiros cristãos à perdição. Especialmente focado na questão da misericórdia sendo transformada em acúmulo de poder.

- *How religious men should keep certain Articles* – Lista de diversas atitudes que os homens deveriam ter para se manter junto a Deus. Como por exemplo, morte para os luxos deste mundo, não se sentir dono dos livros que estes possuem e estudar as escrituras mais do que os segredos dos astros.

- *Or Servants and Lords* – Como os verdadeiros cristãos devem desejar servir e não serem senhores, uma vez que o único senhor verdadeiro é Deus.

- *Why Poor Priests have no Benefice* – Ataque direto à simonia presente em Roma e declaração desta ser a principal forma de obtenção de privilégios dentro da Igreja.

- *How Antichrist and his Clerks travail to destroy Holy Write* - Acusação da falsa premissa da Igreja de que esta teria mais poder do que as escrituras, por ser a única capaz de interpretá-la, mas que ao fazê-lo chega a criar interpretações até mesmo opostas ao texto original.

- *How Satan and his Priests and his feigned Religious cast by three Cursed Heresies to destroy all Good Living and maintain all manner Sin* – Defende que é tão vantajoso a Satanás convencer as pessoas de que as escrituras são falsas, como é vantajoso fazer com que não queiram as ler e simplesmente aceitem interpretações prontas e falsas sobre ela.

- *Of Poor Preaching* – Espécie de aula para pregadores, que ensina que as escrituras sempre devem ser a base da interpretação, que o medo da ira de Deus deve ser maior do que o da excomunhão da igreja, entre outros.

- *Augustinus* – Apenas uma pequena parte pôde ser encontrada e editada recentemente. Embora provavelmente trate-se de uma introdução a um trabalho sobre Santo Agostinho, pouco se pode dizer somente pelo excerto que chegou até nossos dias.

- *Of Dominion* – Defende a ideia de que Deus é o dono de todas as propriedades, de modo que a Igreja não pode se apossar delas, nem por testamento. Enfatiza a pobreza de Cristo e de seus apóstolos e condena a posse de bens luxuosos.

- *Tractatus de Pseudo-Frateris* – Ensina os cristãos a identificarem quem seriam os falsos freis, tanto por suas obras como por suas palavras. Sendo que os que falassem em nome do amor seriam verdadeiros, mas os que falassem em nome do medo seriam falsos. Também aqueles que se equivalesssem a Deus ou se achassem na capacidade de fazer julgamentos (o que é atributo de Deus) seriam falsos freis.

- *Of Confession* – Não é o papa ou os padres que perdoam os pecados e em momento algum Jesus ou os primeiros cristãos instituíram a confissão privada. Isso seria apenas uma forma do papa aumentar o seu poder secular.

- *Of Faith, Hope, and Charity* - Conselhos diversos para os cristãos que viviam nas dificuldades de sua época e recados de esperança para estes.

- *De Sacramento Altaris* - Acusações sobre a doutrina da transubstanciação.

- *The Clergy may not hold property* - Como o próprio nome diz, acusações diversas sobre o acúmulo de riquezas por parte do clero e também a questão da simonia.

- *De Officio Pastoralis* - Defende diversas ideias como: Cristo é o único verdadeiro pastor e nenhum outro há que possa ter autoridade suprema. Os prelados não devem julgar as pessoas, entretanto cabe a cada pessoa julgar os prelados. Orar é a principal função de um membro do clero e não acumular riquezas.

- *De Papa* – Defende a ideia de que muitos dos males da igreja de sua época foram criados pelo papa. O identifica claramente como o anticristo. Defende a ideia de que o mal já tomou conta de todas as igrejas, mosteiros e locais pertencentes à igreja, e que o verdadeiro cristianismo não existirá nestes locais.

II.4.C. Principais Documentos Seleccionados

The Wicket teve apenas duas únicas publicações. Uma em 1546, que foi considerada parcial e cheia de erros, e publicada novamente com correções em 1548, pela Universidade de Oxford; e outra em alemão em 1610, com reedição em 1612. O fato de ter sido escrito na língua inglesa não gerou tanto interesse de estudo como suas obras latinas, uma vez que o público alvo não é de teólogos e nem de reis. Tal documento é de extrema raridade, tendo sido encontrado até o presente momento um único exemplar, pertencente à Bodleian Library, na Universidade de Oxford. Porém, tal documento recebeu um recente tratamento digital, deixando-o disponível para consulta aos pesquisadores desta universidade e outros parceiros de pesquisa. Após meses de contatos foi possível obter uma cópia deste documento, sendo certamente a única versão presente no Brasil.

Tal obra além de possuir a riqueza teológica típica de Wycliffe, justamente por ser voltada ao povo em geral, é rica em argumentos e alusões à cultura popular, tendo por objetivo claramente que o povo se opusesse contra o grupo, chamado por ele, de “*papistas*”. Há argumentações riquíssimas, ao interpretar o texto bíblico citando Jesus e a questão dos dois caminhos: um largo e que leva à perdição e outro estreito, que leva à salvação, Wycliffe chega a determinar que, sempre a maioria cristã estaria errada, e a verdade sempre estaria em uma minoria cristã que faria oposição àquela primeira. Outro argumento de grande valor está presente na defesa de sua tradução da Bíblia ao inglês, feita no mesmo documento. Wycliffe propõe que o próprio Espírito Santo havia ensinado os apóstolos a falar várias línguas para que todos os povos os entendessem, logo impedir a tradução da Bíblia seria impedir a ação do Espírito Santo. Mais do que isso, como Deus é Verbo, e a Bíblia é a *Palavra de Deus*, queimá-la, não importando que estivesse em inglês, seria um ato de crueldade contra o próprio Deus.

O segundo documento é *Comment on the Testament of Saint Francis*. Tal documento apresenta comentários feitos a respeito da vida de São Francisco, mas especialmente de seus seguidores e falsos seguidores. Segundo Wycliffe, havia um grupo que tentava destruir o pensamento original franciscano, abandonando os verdadeiros valores cristãos que Francisco de

Assis havia conseguido revigorar. Este documento também é pouco estudado, uma vez que ele é composto em 80% de uma cópia do testamento e da regra de São Francisco, e apenas um curto e rico comentário pessoal de Wycliffe; recebendo, assim, menor importância que os seus tratados teológicos.

A união de dois documentos, analisados comparativamente aos outros documentos mais analisados de sua obra, pode abrir novos horizontes à forma como compreendemos a Igreja Medieval pré reforma.

III. Wycliffe e os “papistas”

III.1. Definindo os Principais Temas

Wycliffe se utiliza do termo “papistas” para definir aqueles que seguem ao papa acima da Deus. Não existe uma definição clara, dada por Wycliffe, para definir quem seriam os papistas, uma vez que ele continua fazendo seus sermões dentro de igrejas católicas e dentro de uma universidade católica, Oxford, ainda assim, chama a alguns destes católicos de papistas. A referência feita por Wycliffe, sempre define, além do “seguir ao papa”, alguma conotação negativa, em oposição aos verdadeiros cristãos, de modo que os papistas teriam o papa como líder maior e exemplo de vida, ao contrário dos verdadeiros cristãos que teriam Jesus como exemplo de vida. Robert Vaughan chega a atribuir o termo papista ao próprio Wycliffe, definindo que a utilização deste termo auxilia na libertação da ideia das heresias em renovar a Igreja para uma contraposição do poder papal e ideia de uma liberdade religiosa³⁷.

Este presente capítulo tem por objetivo relacionar as ideias de Wycliffe, em especial as apresentadas em suas obras inglesas, com as ideias da ortodoxia católica, estabelecendo uma relação entre o termo “papista” e as obras desta ortodoxia. Desta forma, foram selecionadas, entre outras, respostas de Wycliffe a São Tomás de Aquino, Egídio Romano, e a importantes bulas papais, como a Unam sanctam.

A produção de John Wycliffe é extensa, conforme pudemos ver na introdução. Entretanto, apesar de ampla e diversificada, há temas recorrentes. Para que este trabalho pudesse conter um foco mais específico, facilitando o aprofundamento, alguns destes temas centrais foram isolados para serem estudados com mais profundidade.

Foram dois os principais critérios da escolha dos temas. Primeiramente o fato do tema ser recorrente na obra inglesa (Foco da pesquisa) de Wycliffe e posteriormente a pertinência do tema perante a discussão filosófica e teológica de sua época. Permitindo assim ampliar os horizontes da pesquisa à medida que os focos comparativos sejam aumentados.

³⁷ VAUGHAN, Robert, *John de Wycliffe: A Monograph*, p.523

Os temas escolhidos foram:

III.1.A. A ideia do mal – O mal racional x o Mal Espiritual

Assim como há luz, há trevas; assim como há, frio há calor; assim como há, vida há morte. A concepção humana do mundo parece ser dual, e a compreensão de uma ideia se faz perante a sua própria negação³⁸, assim sendo, compreender o que é Deus para Wycliffe, em parte, passa por compreender o que é o mal. Em vias de regras, temos ao menos duas grandes definições de mal na Idade Média, o mal moral, que pode ser colocado em prática, mas trata-se de uma ideia abstrata, e o mal material, seja ele em forma monstruosa material ou em forma monstruosa espiritual ou invisível³⁹. Durante a chamada Baixa Idade Média temos a ampla utilização das duas formas. Ao mesmo tempo em que temos representações físicas de seres monstruosos demonstrando o mau, seja em personificações mais específicas, como Satanás, Lúcifer ou apenas Diabo, seja em seres anônimos, temos também associações a seres existentes, especialmente humanos, como hereges ou sarracenos, assim como a ações humanas, como, por exemplo, a prática sexual por membros do clero, a relação entre a santidade feminina e a castidade.

Dentro de múltiplas interpretações de mal temos um Wycliffe, que será tido pelo mais maldoso herege e servo de Satanás por muitos (como foi definido em alguns documentos referentes ao Concílio de Constança) e temos um Wycliffe que irá abertamente definir o papado como o anticristo corrompido por Satanás.

Wycliffe dedica uma obra inteira sobre a sua definição de mal: *How Satan and his Children turn Works of Mercy upside down, and deceive Men Therein, and in their Five wits*. Essa ideia de mal é diferente da maior parte das representações, imagéticas ou não, que temos de mal. Uma interpretação humanista e racionalista que nos auxilia a compreender o restante das obras de Wycliffe.

³⁸ CARUS, Paul, *The history of the devil and the idea of evil, from the earliest times to the present day*, p.4

³⁹ OLSEN, Karin, E. & HOUWEN, J. R., *Monsters and the monstrous in medieval northwest Europe*, p. 61

III.1.B. Questão da Eucaristia e da Transubstanciação

Wycliffe nem começa e nem encerra tal tema. Ele é apenas um dos tantos críticos que a transubstanciação recebe durante a Idade Média. Há muitas de suas obras centradas nesta questão. Jesus, ao se reunir com seus apóstolos, na noite antes de ser preso e morto, compartilhou com eles pão e vinho. Tal momento é relatado nos evangelhos Mateus⁴⁰, Marcos⁴¹ e Lucas⁴². Também após esse fato, Jesus ordena que tal atitude seja sempre refeita em sua memória. Temos, dentro do próprio texto bíblico, relatos de que esse momento era repetido mesmo nas primeiras comunidades cristãs, como no caso da Epístola de Paulo aos Coríntios⁴³.

Entretanto a questão da Eucaristia vai muito além de um ritual cristão. A questão em voga era se o pão realmente se transformava em corpo de Cristo, ou seja, sua carne, fisicamente, e se o vinho realmente se transformava em seu sangue, ou se tudo isso era apenas um símbolo de fé. A transubstanciação defendida pela Igreja Católica propõe que realmente há uma transformação física na hóstia e no vinho. Ao ponto que Wycliffe entre tantos outros defendia que se tratava apenas de uma transformação espiritual ou simbólica.

Apesar de parecer uma questão mais teológica do que prática, ela era uma das bases do poder da Igreja Católica na Idade Média. Uma vez que somente os escolhidos pela Igreja seriam dotados de tal dom de fazer a consagração e, por sua vez, a transubstanciação. Assim sendo, a hóstia consagrada, enquanto corpo real de Cristo, teria poderes milagrosos, e tais poderes seriam exclusividade da Igreja.

Por sua vez, caso se tratasse apenas de um símbolo, qualquer pessoa poderia fazer tal representação simbólica, sem que para isso fosse preciso receber nenhum tipo de poder sobrenatural.

⁴⁰ Mt, 26, 26

⁴¹ Mc, 14, 22

⁴² Lc 22, 19

⁴³ 1Co 11, 23

III.1.C. A questão do papa e da hierarquia eclesiástica

Wycliffe é categoricamente contrário ao papado. Ele chega a criar uma nomenclatura para os cristãos que seguem ao papa: *papistas*, tem várias de suas obras voltadas única e exclusivamente para atacar a figura papal, chamando-o de anticristo, e seus seguidores de clero de satã, ou até mesmo o conjunto de papas mais seguidores de *filhos de satã*. Uma postura tão exaltada e clara merece ser mais aprofundada. Tanto no sentido de embasamento para as suas críticas e ligações, como na forma pela qual estas foram recebidas pela Igreja Católica de sua época.

Entretanto, analisando um pouco mais cuidadosamente suas obras, podemos perceber que suas críticas não são somente à cúpula da Igreja Católica. Pelo contrário, ele chega a, em diversos momentos, levantar problemas na hierarquia eclesiástica e atacar até mesmo ordens mendicantes, como os franciscanos, por terem se deixado institucionalizar e fugir dos princípios da ordem. Sua crítica era somente às pessoas que ocupavam os cargos ou à forma pela qual os cargos eram obtidos. Não seria isso uma crítica ainda mais profunda acerca da forma pela qual o poder foi dividido em cargos? Ou será, por fim, que ele era contra toda e qualquer hierarquia eclesiástica, não importa como essa fosse?

III.1.D. Questão dos dois caminhos

Os séculos XIII e XIV foram lotados de heresias, muitas das quais se tornaram populares e conseguiram milhares de adeptos, desafiando o poder da Igreja Católica. Uma das semelhanças presentes em todas é o desejo de renovação da Igreja. Não importa a forma como isso se daria. Joaquim de Fiori, por exemplo, defendia que o tempo também seria tripartido, assim como a trindade. Havendo o antigo testamento, onde imperava Deus pai, a lei e o Templo era o centro da adoração. O novo testamento, onde imperava o Filho, a Graça e a Igreja Católica era intermediária entre as pessoas de Deus; e enfim um último tempo, onde imperaria o Espírito Santo, o amor, e a adoração seria feita “em espírito e verdade”, sendo assim não haveria necessidade de uma

igreja. Essa ideia implica em uma renovação do cristianismo onde os cristãos veriam os erros da Igreja através daquela heresia.

Entretanto Wycliffe em *The Wicket*, apesar das diversas críticas à Igreja Católica, defende um ponto de vista totalmente diferente. Ele defende que o cristianismo sempre seria de minorias. Assim como no antigo testamento os profetas eram expulsos, desacreditados, caçados e até mortos, assim como Jesus foi perseguido e morto, assim como os apóstolos foram perseguidos e mortos, todos os verdadeiros cristãos sempre viveriam em perseguição. Desta forma, ao contrário das outras heresias, Wycliffe pretende apenas que os “verdadeiros cristãos” não sejam enganados, mas espera que toda a Igreja se renove por suas palavras.

Esse elemento foi isolado para um trabalho mais aprofundado para que se possa estabelecer os motivos desta diferença e até que ponto ela se mantém em outras de suas obras ou se é algo específico em *The Wicket*.

III.1.E. Essência do cristianismo

Wycliffe critica o acúmulo de riqueza nas mãos de membros do clero. Critica o papa e seus seguidores. Critica o pagamento de impostos à Igreja Católica. Critica a forma pela qual a Igreja prega que a eucaristia deva ocorrer. Critica a postura do papa, bispos, franciscanos, entre outros. Será que se formos retirar todos os elementos que Wycliffe considera errados ou supérfluos, algo restará? Se restar, seria essa a essência do cristianismo segundo Wycliffe, a que deveria ser mantida?

Wycliffe dirige todas as suas pregações aos “verdadeiros cristãos”. Quem são esses verdadeiros cristãos? O que precisa uma pessoa ser ou fazer para ser considerado um “verdadeiro cristão” segundo a visão de Wycliffe. Se ele não pretende uma renovação de toda a igreja, então para onde ele pretende guiar essa minoria que o segue?

Para responder a essas questões analisaremos suas principais obras em inglês tentando resgatar essa questão da essência e destacar no meio das negações quais são as diretrizes positivas.

Para facilitar a relação das ideias de Wycliffe com a de outros pensadores heréticos medievais, foi escolhido que a relação de Wycliffe e os papistas seria dividida em duas partes. Inicialmente apresentar-se-ia as ideias fundamentais de seu pensamento, e apenas no final a sua ideia principal, que é a dos *Dois Caminhos* que culmina, por sua vez, com a questão da *Essência do Cristianismo*.

III.2. A ideia do mal presente em “How Satan and his Children turn Works of Mercy upside down, and deceive Men Therein, and in their Five wits”

O texto produzido por Wycliffe está estruturado em três capítulos, cada um com uma temática bem estabelecida. No primeiro capítulo é apresentada uma dicotomia entre os ensinamentos de Jesus e a ação do clero católico, em termos de crítica, enfatizando não somente o distanciamento do clero das ações e ensinamentos de Jesus, mas sim uma questão de oposição. No segundo são apresentadas as bases teológicas e bíblicas para embasar o terceiro capítulo. Este por sua vez demonstra como que os cinco sentidos são utilizados pelo diabo para fazer com que as pessoas pequem, e como que as ações do clero corrompido pelo mal auxiliam a ação do próprio mal.

Sendo os capítulos 1 e 3 os principais focos da argumentação de Wycliffe, o trabalho centra-se nos mesmos, transcrevendo partes dos mesmos para que a análise seja feita no decorrer do texto central. A essência do capítulo 2 são as citações bíblicas que são explicadas no decorrer da análise do terceiro capítulo, de modo que não houve necessidade de citação direta dos mesmos aqui.

III.2.A – Analisando o Capítulo 1

Primeiro Cristo, com poder, ordenou homens alimentarem os pobres famintos. A destruição deste ensinamento faz com que eles façam festas custosas e gastem muitos produtos para alimentar os lordes e os ricos, deixando que os pobres sofram de fome e pereçam sem comida e vítimas de outros males.

Várias passagens dos evangelhos podem ter sido inspiração deste início de texto, ao afirmar que Cristo teria ordenado os homens a alimentarem os famintos, por exemplo, em Mateus 14, 16 quando ocorre a multiplicação dos pães e peixes ⁴⁴. Entretanto, pelo decorrer do texto, podemos apreender que se

⁴⁴ Chegada a tarde, aproximaram-se dele os discípulos, dizendo: O lugar é deserto, e a hora é já passada; despede as multidões, para que vão às aldeias, e comprem o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não precisam ir embora; dai-lhes vós de comer. Então eles lhe disseram: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. E ele disse: trazei-mos aqui.

trata de outra inspiração a todo o primeiro capítulo, o texto de Mateus 25, 31-46.

Jesus terminou, dizendo: - Quando o Filho do Homem vier como Rei, com todos os anjos, ele se sentará no seu trono real. Todos os povos da terra se reunirão diante dele, e ele separará as pessoas umas das outras, assim como o pastor separa as ovelhas das cabras. Ele porá os bons à sua direita e os outros, à esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: "Venham, vocês que são abençoados pelo meu Pai! Venham e recebam o Reino que o meu Pai preparou para vocês desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram comida; estava com sede, e me deram água. Era estrangeiro, e me receberam na sua casa. Estava sem roupa, e me vestiram; estava doente, e cuidaram de mim. Estava na cadeia, e foram me visitar." Então os bons perguntarão: "Senhor, quando foi que o vimos com fome e lhe demos comida ou com sede e lhe demos água? Quando foi que vimos o senhor como estrangeiro e o recebemos na nossa casa ou sem roupa e o vestimos? Quando foi que vimos o senhor doente ou na cadeia e fomos visitá-lo?" Aí o Rei responderá: "Eu afirmo a vocês que isto é verdade: quando vocês fizeram isso ao mais humilde dos meus irmãos, foi a mim que fizeram." Depois ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: "Afastem-se de mim, vocês que estão debaixo da maldição de Deus! Vão para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos! Pois eu estava com fome, e vocês não me deram comida; estava com sede, e não me deram água. Era estrangeiro, e não me receberam na sua casa; estava sem roupa, e não me vestiram. Estava doente e na cadeia, e vocês não cuidaram de mim." Então eles perguntarão: "Senhor, quando foi que vimos o senhor com fome, ou com sede, ou como estrangeiro, ou sem roupa, ou doente, ou na cadeia e não o ajudamos?" O Rei responderá: "Eu afirmo a vocês que isto é verdade: todas as vezes que vocês deixaram de ajudar uma destas pessoas mais humildes, foi a mim que deixaram de ajudar." E Jesus terminou assim: - Portanto, estes irão para o castigo eterno, mas os bons irão para a vida eterna.

Tendo mandado às multidões que se reclinassem sobre a relva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos às multidões. Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram levantaram doze cestos cheios.

A escolha dos pontos de comparação entre as falas de Jesus e a atitude do clero foi feita baseada no texto citado, e embora isso não seja dito claramente por Wycliffe pode ser percebido inclusive pela ordem em que os itens aparecem: Dar de comer, dar de beber, dar abrigo, vestir e visitar na cadeia. O título desta obra contém a expressão “crianças de satanás” que certamente é atribuída ao clero, enquanto os mesmos deveriam ser “filhos de Deus”, mostrando uma oposição na ação. Demonstrando assim a ideia dualista, satanás como uma antítese de Deus e o clero como uma antítese do que um cristão verdadeiro deveria ser. Enquanto Jesus diz para alimentar os pobres, o clero gastaria seu dinheiro alimentando os ricos, aqueles que certamente não precisam ser alimentados. Isso daria a eles, não somente uma categoria de filhos infiéis de Deus, ou de pecadores, mas sim uma oposição a Deus, sacerdotes de satanás, portanto filhos de Satanás.

Os homens que se dizem cheios de caridade e guardam muitos bens para si mesmos, aceitam dar grandes festas para lordes e ladies e ricos, mas para os pobres e pedintes eles tornam-se duros e nada possuem.

Embora não esteja citado claramente aqui, é difícil não fazer relação com uma passagem um pouco anterior do próprio livro de Mateus, “Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus. E, outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.”⁴⁵. No texto de Wycliffe temos uma questão importante, ele cita “*homens que se dizem cheios de caridade*”, a questão em si então não é somente o não alimentar os pobres, mas sim dar grandes festas “alimentando” os ricos, mas também a hipocrisia, uma vez que estes homens se dizem cheios de caridade, e sendo clero se dizem representantes do próprio Cristo, do qual distorcem todos os mandamentos.

Continuando o texto

⁴⁵ Mt, 19, 23-24

Cristo ordenou que fosse dado de beber aos sedentos e sedentas, mas para destruir esse mandamento eles se entregam ao vinho e entregam vinho cheio de especiarias para os que já estão fortes e saciados, ricos e lordes, e deixam que bebam até se embriagarem, mas esquecem-se dos sedentos das leis de Deus, os pobres sedentos entretanto não podem trabalhar pois bebem cegamente e doentamente a água caída e sofrem de febres, doenças e morrem.

Embora relativamente simples esse texto exige mais atenção. A princípio temos apenas mais uma nova distorção, ao invés de dar de beber aos sedentos eles próprios bebem e dão de beber aos ricos e lordes, justamente aqueles que não têm sede, uma vez que possuem a bebida necessária para si. Entretanto, além disso, há outras ideias contidas no texto. Primeiramente Wycliffe coloca que eles se entregam ao vinho, ou seja, é uma crítica chamando o clero de embriagado, aqui a inversão não é simplesmente por egoísmo, mas gera embriaguês, não é simplesmente tomam o vinho, mas entregam-se a ele. E não fala simplesmente que eles esquecem-se dos sedentos, no sentido de pessoas que morrem por falta de ingestão de líquidos, mas dos “sedentos das leis de Deus”, ou seja, de forma figurada, aqueles que têm sede da verdadeira lei de Deus e estão submetidos a uma elite religiosa que não entrega às pessoas a verdadeira lei de Deus. Então era mais do que vinho que deveria ser entregue para saciar tal sede. Entretanto o clero, ao invés de entregar tal saciamento das leis de Deus, através de ações e atitudes, entregam-se ao vinho, embriagando-se.

O último item da lista citada por Jesus era visitar os doentes e os presos, mas pouco a pouco Wycliffe demonstra que o motivo das doenças era justamente a falta das ações que eles deveriam seguir, mas ao invés disso dedicam-se ao extremo oposto de cada ação ordenada por Jesus.

Cristo ordenou que se desse de vestir aos homens e mulheres que não possuem roupas, e para destruir esse mandamento eles recebem para si roupas caras e luxuosas, e as utilizam assim como os ministros e ricos, através de um nome mundano, e os pobres sofrem tendo partes de seu corpo enudecidas e seus lábios tremendo por causa do frio, o que também tira a vida de muitos. Os prelados e

homens de religião singular que se encarregaram de serem procuradores e despenseiros dos pobres, vestem-se das melhores roupas e alimentam melhor a seus cavalos, e enchem-se de sandálias e roupas luxuosas cheias de ouro e prata e pedras preciosas enquanto os pobres morrem de frio. Estes prelados e novos religiosos vêm em nome de Cristo e falam da pobreza de Cristo e seus apóstolos, e fazem crer que cada um deles fez voto de pobreza, mas assim como os ricos se vestem eles se vestem de roupas luxuosas, prata, ouro e pedras preciosas estátuas, deixando que os homens pobres sofram o frio.

O nível de complexidade do texto aumenta gradativamente. Neste terceiro item, que se refere a vestir o nu, temos uma série de elementos presentes. Primeiramente, a inversão de valores, fazendo exatamente o oposto ao que Jesus falou, se mantém. Essa inversão do que deveria ser a natureza do clero faz com que, ao invés de vestirem os nus, gastem todo o seu esforço vestindo-se a si mesmos com as roupas mais caras e luxuosas, pretendendo-se para si, através das roupas, a vestimenta similar aos ricos e nobres. Ora, o clero era considerado classe superior à nobreza, e sendo uma classe espiritual deveriam dedicar-se a buscar vestimenta espiritual ou que demonstrasse de alguma forma essa espiritualidade superior à matéria. Entretanto eles ao buscarem as roupas mais luxuosas e caras, pretendem se vestir como os nobres, senhores do mundo material e mundano, sendo esta uma segunda inversão presente no mesmo texto. Na citação de Jesus eles deveriam dar de vestir os que não têm vestes. Ao contrário dos dois itens superiores, onde ao invés de dar aos necessitados eles dão ao que já possuem amplamente e por isso não necessitam, neste terceiro item a inversão se torna ainda mais forte, pois ao invés de darem as vestimentas a quem quer que seja, eles recebem as mesmas para si, sendo eles próprios os únicos a utilizá-las.

Wycliffe deixa claro que isso é feito através de um nome mundano, não chega a definir que nome é esse, mas certamente não seria em nome de Jesus, nome celestial, e novamente a inversão é vista, se estes estão agindo através de um nome mundano. Já os pobres, vítimas das ações deste clero de satanás, que se pretende clero de Deus, conforme cita Wycliffe, os pobres tendo partes de seu corpo enudecidas sofrem com o frio, ficam doentes e

muitos acabam morrendo, abandonados por aqueles que se diziam seus protetores em nome de Deus, mas, mais do que terem se corrompido, mudaram completamente de lado.

No texto citado, a ordem de inversões continua e se torna cada vez mais contundente. Os prelados, que deveriam ser despenseiros de Deus e entregar aos homens, tomam a atitude inversa da esperada de um despenseiro, que seria a de ser justo na distribuição e não pegar para si o que lhe foi dado para distribuir. Pelo contrário, eles não somente pegam para si e vivem no melhor dos luxos, como quando, por excesso, têm mais do que podem usar não entregam aos pobres, pelo contrário, vestem e alimentam seus cavalos com mais luxo do que qualquer pobre poderia ter. Invertendo assim os pobres de escolhidos de Deus para receber tais bênçãos não somente a pior das categorias humanas, já que não recebem nada, e os ricos é que recebem, mas em categoria pior do que a de animais, uma vez que até mesmo os animais podem viver com roupas luxuosas, enquanto os pobres morrem de frio.

A parte final do texto vai ainda além. Ele se refere desta vez a um grupo especial do clero, o que ele chama de “*novos religiosos*” que fizeram voto de pobreza, ou pelo menos assim fizeram os outros crerem, e que falam abertamente em nome de Cristo e de seus apóstolos. Provavelmente ele esteja se referindo aos franciscanos⁴⁶. Seja como for, o texto demonstra esse grupo como se fossem dotados de ainda maior hipocrisia, pois eles estão vestindo estátuas da mesma forma que os ricos se vestem. Se a ordem natural seria que os do clero vestissem os pobres, muitos se vestem com luxo e deixam os pobres morrerem, outros preferem vestir os cavalos com luxo e deixam os pobres morrerem, este último grupo prefere vestir estátuas com luxo e deixam os pobres morrerem. Sendo que um objeto inanimado, não dotado de qualquer vida, recebe a vestimenta e o gasto do luxo, enquanto os que deveriam receber, nada recebem. Cavalos, por mais que sejam animais, podem até sentir frio, embora não necessitariam de luxo, entretanto estátuas não sentem frio.

Seguindo o texto:

⁴⁶ Visto que em diversas de suas obras, como “Comentário ao Testamento de São Francisco” ele faz duras críticas aos franciscanos, por estes terem se desviado não somente dos ensinamentos de Jesus, mas terem também deturpado os feitos de São Francisco, tendo estes dupla hipocrisia, de se chamarem cristãos e de se chamarem franciscanos.

Cristo ensinou que abrigassem homens pobres que não têm nem casas e nem dinheiro para pagar por abrigo, para destruir esse ensinamento eles oferecem abrigo aos ricos e senhores com grandes luxos para que sejam adoradores das coisas mundanas, e os pobres sofrem para vagar nas tempestades, dormir no meio das enchentes, e muitas vezes dão aos pobres apenas desculpas para justificar seus feitos. Os hipócritas desta religião privada fazem grandes casas e gastam com uma plenitude de enfeites, por vezes mais luxuosas que as casas dos reis e dos lordes, e seu lucro vêm pela sutil mendicância, confissões e pela manutenção do pecado, herdando propriedades de lordes e ricos, enquanto isso os pobres não possuem casa onde morar e por vezes perecem ao relento morrendo de frio.

Continuando o texto de Mateus, Wycliffe agora fala da questão do abrigo, novamente demonstrando como que a falta de abrigo causa doença e como que o clero vive uma completa inversão do que Jesus falou. Mas há novos itens aqui presentes, conforme vimos na seção anterior. Ele fala de um lucro obtido pela mendicância e que possibilita a construção de casas luxuosas, por vezes mais luxuosas que a de reis. Aqui não cabe qualquer comparação com a posterior construção do Vaticano, mas temos no ano de 1377 o fim do papado de Avignon, sendo que Roma volta a ser sede da Igreja Católica, ao mesmo tempo o cisma do Ocidente mantém uma sede do papado no França. Temos, portanto, 2 papas disputando entre si e uma Europa dividida por essa disputa, de 1380 a 1382, data provável da escrita deste documento. O papa romano morava na basílica de Santa Maria Maggiore, uma vez que o Palácio de São João de Latrão havia sido incendiado em 1361; ao mesmo tempo a basílica de Santa Maria de Trastevere estava sendo preparada para moradia papal. Entretanto não há quaisquer indícios de que essas construções possuíam luxo superior ao de outras catedrais e basílicas espalhadas pela Europa. Sendo assim, o provável é que este texto estivesse se referindo à grande diversidade de catedrais de estilo gótico sendo construídas em toda a Europa, e o luxo atribuído a estas, enquanto não havia uma preocupação com a igreja de abrigar as pessoas, conforme o discurso de Jesus.

Outra inversão citada é que o clero obteria o seu lucro através da mendicância, além de herdar terras. Devemos lembrar, para compreender a

questão da mendicância, que os séculos anteriores a Wycliffe viram não somente o surgimento das ordens mendicantes, como a transformação destas de movimentos de simplicidade e vida em pobreza, para o acúmulo de riquezas baseado na tal mendicância, Wycliffe então acusa tais pessoas de hipocrisia, como se fosse justamente o dinheiro recolhido por essas ordens intensamente populares que se transformaria no luxo das igrejas. Ao invés dos que praticam a mendicância serem os pobres e estes recebessem para seu próprio sustento e talvez moradia, a mendicância estava sendo praticada pelo clero em nome de construir grandes casas para o próprio clero, não somente grandes no sentido de uma igreja que abrigaria muitas pessoas no momento da missa, mas especialmente no sentido de luxo que poucos poderiam compartilhar.

Cristo ensinou a visitar os doentes, mas eles ensinam apenas a visitar os ricos, lordes e ladies que vivem em prosperidade, pois deste gosto recebem presentes e conforto, e então caem no pecado de luxúria e glotonaria e operam total falta de sabedoria, enquanto os homens pobres adoentados recolhem-se no cocho ou no meio da poeira, ficando abandonados dia e noite. Esses hipócritas destruíram a religião, não visitam os órfãos, os moribundos e as viúvas quando estes estão em tribulação, e dizem que eles não estão mais ligados a este mundo, como são Tiago ensinou, mas visitam sim, o rico e a mulher rica, e parecem bem ligados ao mundo para receber riquezas materiais e recolher grandes ofertas dos ricos em nome de uma falsa caridade, indo longo caminho até suas casas ou castelos, sendo assim são filhos de satanás, glutões do mundo material.

Já vimos que segundo o texto de Wycliffe as deturpações e inversões das ordens de Jesus de alimentar, dar de beber, vestir e abrigar os pequeninos é que causavam a doença dos doentes. Nesta continuação, continuando as inversões, o clero visita os ricos e sadios, deixando que os doentes morram. No entanto, de forma mais material, Wycliffe aqui explica o motivo pelo qual a atitude destes homens seria essa. Uma vez que visitem os ricos e lordes eles recebem presentes, podem comer e beber do que há de melhor, sendo assim por interesse pessoal de gula e desejo pelo luxo e conforto, o clero não visita os pobres, deixando que estes pereçam suas doenças estando sozinhos.

Também há um destaque da hipocrisia, enquanto para os pequeninos é dito que devem se desapegar das coisas materiais, quando se trata dos ricos os próprios membros do clero católico estão bem ligados ao mesmo mundo material, na verdade tendo suas ações baseadas somente no desejo material, seja de riqueza, de poder ou de conforto.

Aqui também entra novamente a expressão: Filhos de Satanás. É interessante perceber que a expressão “Filhos de Satanás” não é utilizada para todos os ricos ou todos os que possuem poder, enquanto os pobres e pequeninos seriam os filhos de Deus; pelo contrário, Filhos de Satanás é atribuído somente aos membros do clero por estarem vivendo exatamente o oposto do que Jesus teria instruído a eles, e estes se dizem seguidores de Cristo. Ou seja, do rico espera-se que viva ricamente e do lorde que tenha poder e governe, mas de um membro do clero de Cristo, espera-se que faça certas coisas como visitar os pequeninos, dar-lhes de comer, beber, vestir e abrigo, enquanto os que deveriam estar cumprindo estas funções na verdade estão fazendo exatamente o oposto delas, por isso eles, e não todos os ricos e nobres são considerados filhos de satanás, pois são apenas eles, e não os outros, que estão fazendo justamente a inversão de tudo o que deveriam ser.

Cristo ensinou a visitar o que está preso e os ajudar, levando a eles um mínimo de sustento e conforto a estas almas que sofrem, mas eles quebram esse mandamento aprisionando os pobres mesmo quando não possuem culpa, pois prendem aqueles que não têm como pagar, mesmo os que trabalham dia e noite de forma árdua e não recebem o suficiente para sustento próprio e de sua esposa e filhos, e com estes não possuem qualquer piedade, esses falsos também jogam na prisão os padres pobres e que vivem entre os pobres, muitos destes são acusados de heresias ou de roubar da igreja para dar aos pobres, enquanto tudo o que faziam era ensinar o verdadeiro evangelho e reprovar a hipocrisia, a simonia a cobiça e outros erros, e estes hipócritas se curvam diante dos lordes e prelados quando aprisionam tais homens pobres que ensinam a verdade dos ensinamentos e também do exemplo de Cristo e de seus apóstolos, ao invés de os ajudar na prisão dão a estes mais dano para impedir a verdade de ser pregada por eles.

Este é o ponto aonde a inversão chega ao seu máximo, uma vez que deveria ser atitude cristã visitar os prisioneiros e trazer-lhes conforto material e espiritual, mas ao invés de simplesmente não visitar os presos ou de visitar apenas os ricos, a situação colocada é que eles são os que prendem. É interessante que Wycliffe coloca duas categorias de aprisionados, uma a dos pobres que não possuem sustento para suas famílias, não deixando claro se estes roubaram para se sustentar e, portanto, foram presos ou se, como também dá a entender, que teriam sido presos injustamente apenas por serem pobres, ou seja, presos ao acaso, uma vez que não há qualquer intenção de fazer justiça. Mas o enfoque principal é a dos padres pobres que vivem entre os pobres e pregam entre os pobres, ensinando a verdade do evangelho. Certamente Wycliffe está falando das heresias, entre elas a dos espirituais franciscanos e a dos beguinos, com as quais ele teve contato, e possivelmente de outros exemplos isolados mesmo que estes não estivessem tão ligados a uma ou outra das heresias citadas. O clero é considerado filho de satanás não simplesmente por inverter os mandamentos de Jesus, mas, além disso, por prenderem e perseguirem aqueles que cumprem tais mandamentos e, portanto, desmascaram a hipocrisia do clero oficial. É interessante que Wycliffe coloca em um mesmo pacote “simonia, hipocrisia, cobiça e outros erros”. Ora, a simonia, enquanto compra de cargos religiosos, certamente estaria ligada à cobiça e isso geraria a hipocrisia. Mas o que seriam os outros erros? Aqui não aparece como claro, mas com essa afirmação Wycliffe de certa forma coloca em um mesmo pacote de “presos injustamente” todo aquele que foi preso em nome da Igreja Católica. É bem possível que ele esteja se referindo aos tribunais inquisitoriais, embora não haja clareza sobre isso, pode se tratar de quaisquer outros tribunais de motivação religiosa e ligados à Igreja Católica.

E é um sinal de misericórdia enterrar os mortos após a estes ter sido ensinada a lei de Deus, mas eles quebram esse mandamento fazendo grandes solenidades aos ricos, fazendo grandes velórios com a melhor cera e garantindo aos mesmos gastos festejos, enquanto os pobres precisam encontrar uma forma de enterrarem-se a si mesmos. Os ricos são levados perante uma grande multidão para que sejam

enterrados em sua própria igreja e aos mortos fazem questão de oferecer honra e glórias mundanas enquanto os homens pobres não podem se deitar entre aqueles nem mesmo como sinal de caridade, e a estes não há festas ou doações caridosas, e por vezes são jogados no meio de destroços em locais ensangüentados e a misericórdia e caridade são apenas nomes hipócritas que estes usam para a cobiça e o desejo indesculpável de pecar, pois este é o clero do bem, mas do bem maligno.

O que seria o bem maligno? Por que não simplesmente o “clero do mal”? Talvez a resposta encontre-se justamente na inversão de valores, onde não basta simplesmente ser um clero do mal enquanto o mal for uma característica distante do bem, mas sim o mal enquanto oposto do bem, por isso um bem maligno, um bem transmutado em mal.

Através deste capítulo inicial Wycliffe, que recebia acusações por parte da Igreja Católica de ser herege, tendo tido inclusive de apresentar-se perante enviados do papa romano para responder suas colocações, faz uma acusação muito maior ao clero institucional. Não simplesmente serem hereges, mas muito mais que isso, serem apóstatas, como se estes estivessem renunciado por completo sua fé, e a utilizado apenas como discurso ou justificativa para se manterem no poder, através da hipocrisia, mas tendo mudado completamente de lado, agora servindo a Satanás.

No campo de vista de entendimento da natureza do mal, enquanto as inversões propostas pela Igreja eram de ordem mais material, no campo do imaginário de caça aos hereges e posteriormente às bruxas, as inversões propostas por Wycliffe eram de ordem mais espiritual, em termos de atitudes do clero. Ou seja, temos, por exemplo na bula *Vox in Rama*⁴⁷ a citação de vários elementos atribuídos a uma reunião herética, provavelmente dos cátaros. Nesta aparecem entre outros elementos um sapo de tamanho descomunal a ser idolatrado e beijado, um gato do tamanho de cachorro, que anda de costas, e um animal metade gato metade homem, todos esses objetos representando a inversão natural por parte dos hereges, entre eles a presença de um demônio, embora não seja claro que demônio seria este.

⁴⁷ Gregorio IX, bula *vox in Rama*, 13 de julho de 1233, in Les registres de Grégoire IX, Ed. L. Auvray vol I, Paris, 1896, n.1391 780-781

Wycliffe por sua vez, em sua principal obra citando a ação de Satanás e das crianças de Satanás parece ter uma ideia muito mais abstrata do mal, não enquanto figuras personificadas, mas como um desejo ou ações de pessoas naturais, enquanto a cobiça, desejo por dinheiro e por luxo, e que as inversões causadas na ordem natural das coisas não ocorrem por meio de transformações físicas na natureza ou manifestações sobrenaturais, mas através das ações de pessoas e especialmente o apelo pelo desejo das coisas materiais que corrompe o clero. É importante notar que especificamente neste primeiro capítulo inteiro os únicos dotados de pecados e os únicos que estão ligados a esse caráter maligno são os próprios membros do clero.

III.2.B. Analisando o Capítulo 3

O terceiro capítulo desta obra de Wycliffe foca-se especialmente nas formas como satanás influenciaria as pessoas a tomarem suas decisões, sendo, portanto, o mais importante no que diz respeito ao analisarmos a concepção de mal passada pela obra. Aqui o foco não é mais o clero institucional em si, mas sim a forma pela qual satanás se utilizaria de cada um dos cinco sentidos humanos para conseguir convencer essas pessoas a cometerem pecados e a se desviarem do caminho de Deus. Apesar do foco não ser o clero em si, Wycliffe deixa claro a maior parte do tempo que o clero está envolvido nas técnicas utilizadas por satanás.

O primeiro dos cinco sentidos isolado por Wycliffe é a visão:

Para destruir e enganar os homens através dos cinco sentidos e trazer a eles diversas formas de pecar bem nos momentos em que eles deveriam ser mais virtuosos e bem governados. Primeiro ele tenta os homens a verem a vaidade deste mundo e vêem como o coração deseja, esquecendo-se de Deus e de seus trabalhos, ele também faz com que estes vejam belas mulheres de modo que estas sejam trazidas à mente e ganhem gosto em seus corações, através de uma cobiça eles consentem que eles pequem até que os pecados tornem-se reais. E quando eles vêem os senhores deste mundo e suas jóias preciosas e ouro e prata, roupas e capas luxuosas ele faz com que desejem de forma não habilidosa e coloquem no coração dos homens estes desejos

no lugar das virtudes e bênçãos celestiais de modo que através do orgulho e da cobiça são tentados a fazerem tais pecados. Mas os homens deveriam ver os trabalhos de Deus, tanto no paraíso como na Terra, e as criaturas de Deus poderiam herdar o poder da sabedoria, ao ver o amor de Deus sobre todas as criaturas, e que foi Ele o criador de tudo o que existe.

Apesar de Wycliffe utilizar várias vezes a *Suma Teológica* de S. Tomás de Aquino para refutar as atitudes da própria Igreja Católica, neste texto temos alguns pontos de grande semelhança entre ambos os textos. S. Tomás na *suma teológica, prima secundae partis*, questão 75, tenta definir a natureza do pecado, se esta seria interna ao homem ou externa a ele. Chegando à conclusão de que havia uma mescla de dois fatores, o causado pelos sentidos e que, portanto, seria externa ao homem e o causado pelo ato humano, portanto interna ao homem. Seguindo o texto da *suma teológica* na questão 80 “*Pode o diabo ser a causa direta de um pecado humano?*” a resposta é categórica que o máximo que o diabo poderia fazer é apresentar o objeto do desejo, fazendo com que o humano tivesse seu apetite aumentado por alguma coisa, de modo a incentivar o homem a pecar, mas o pecado sempre seria resultado da ação de um homem através de seus próprios desejos.

O pensamento apresentado aqui por Wycliffe de certa forma condiz com a argumentação tomista, uma vez que ele, satanás, tenta os homens a verem coisas, e essa visão alimenta o desejo dos homens por elas de modo que eles caíam neste pecado. A ação de satanás é intensamente natural, não havendo a ideia de uma possessão demoníaca, nem a aparição do mesmo através de figuras humanas, animalescas ou ainda em vozes reais que atormentam a alma ou o corpo humano.

Entretanto há uma pequena diferença entre ambos os pensamentos: Wycliffe utiliza a expressão “*através de uma cobiça eles consentem que as pessoas pequem até que os pecados tornem-se reais*”, o que quer dizer que uma pessoa peca até que seu pecado se torne real? No momento que ela peca o seu pecado já não é real? Wycliffe aqui se utiliza da ideia de que o próprio pensamento em algo pecaminoso em si já é pecado. Mais simples do que a filosofia tomista, a origem deste pensamento está no evangelho de Mateus, em

especial no episódio chamado de *Sermão da montanha*, contendo versículos como esse: “Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher para cobiçá-la, já em seu coração cometeu adultério com ela”⁴⁸, ao mesmo tempo S. Tomás define que o pecado em si só ocorre no momento da ação, uma vez que dentro do homem pode estar presente ao mesmo tempo a intenção de pecar e a intenção de não pecar, coexistindo em conflito⁴⁹.

A ordem lógica colocada por Wycliffe passa por uma gradação de ações que vão da visão, a visão de acordo com sua própria vontade, o esquecimento da vontade de Deus, o objeto ganha gosto no coração, ocorre a cobiça pelo objeto visto, ocorre o pecado gradativamente dentro da pessoa, até que o pecado ocorra de fato. Todo esse processo em si já seria pecaminoso, uma vez que o primeiro passo após a visão é deixar que a vontade própria assuma o lugar da vontade de Deus, e quando isso conquista o coração, então tudo seria apenas uma questão de tempo até que o pecado realmente acontecesse, apesar dele já estar acontecendo.

Quanto ao objeto do pecado, Wycliffe coloca 3, a vaidade, as belas mulheres, os senhores do mundo com suas jóias. Esses três objetos de pecado poderiam a princípio ser destinados a todo e qualquer tipo de pessoa, tanto a membros do clero, que no desejo de riqueza e na tentação sexual, seriam vencidos, como também a pessoas do povo, no desejo das riquezas e das nobres mulheres, e ainda aos próprios lordes, no desejo por mulheres e riquezas alheias. Entretanto seguindo o texto podemos perceber que o foco do relato é mais restrito.

Seguindo o texto temos a audição:

Deveriam ouvir os mandamentos de Deus de caridade e justiça e verdade, mas eles ao falarem mentiras e falsidades através de discursos tolos, eles inspiram os homens a odiarem ou então terem inveja, perderem a paciência, ou outros atos que os façam perder a verdadeira caridade de modo que entregam-se ao pecado, se pelo menos eles pudessem guardar suas línguas das falsidades e dos discursos falsos.

⁴⁸ Mt 5, 28

⁴⁹ Aquino, St Tomás, *Suma Teológica, Prima Secundæ Partis*, questão 12, artigo 3 “uma pessoa pode ter duas intenções ao mesmo tempo?”

Ora, aqui já há um fato duvidoso levantado, o “eles” refere-se a “homens em geral” “satanás” ou outro grupo? O que antes era “ele” referindo-se a Satanás e a forma como este tenta as pessoas transforma-se em “eles” e refere-se a ninguém mais ninguém menos do que os próprios membros do clero, agindo de forma a cooperarem com a ação de satanás. Podemos perceber isso não somente pelos capítulos precedentes, mas também pela característica dos “*discursos tolos*” que “*inspiram os homens a odiarem ou então a terem inveja*”. A função social de fazer discursos que inspirem os homens está intimamente ligada ao clero no século XIV. E caso ainda houvesse motivo para duvidar disso a prova encontra-se no segmento do texto.

Ora, o processo pelo qual satanás agiria de forma natural no mundo, mas como o *tentador* seria primeiramente oferecer o objeto da tentação de modo a fazer um grupo específico de pessoas caírem nesta tentação, esquecerem-se da vontade de Deus e serem dominados pela cobiça. Esse grupo seria o próprio clero, pois uma vez que o clero estivesse sob comando do pecado, este inspiraria os homens a pecarem, tomando a mesma ação de apresentar o objeto do pecado como antes o próprio satanás havia feito, e de forma tão natural quanto o mesmo.

Entretanto aqui entram elementos novos, não somente a visão do objeto de desejo, mas o discurso. Além da visão que já poderia inspirar a cobiça, o discurso inspira o ódio e a inveja.

Em terceiro o olfato:

Enquanto o espírito do homem deveria cheirar a doçura da santidade de Jesus Cristo e sua vida, e com seu corpo cheirar a doçura do perfume gracioso das ervas e especiarias e árvores e outras criaturas, para amar a Deus e servir a Deus e ser grato a Ele por sua bondade, eles destroem isso com o cheiro luxurioso de carnes e bebidas, enchendo seus pensamentos, até que eles esqueçam de Deus e de seu serviço e se entreguem a comer e beber até dormir como os embriagados, caindo como a madeira cai, servindo a seus próprios corpos e pregando abertamente apenas o desejo de pragas e maldições, dando exemplo de pecado cruel que destrói as pessoas as levando ao inferno, e por esse feito eles estão blasfemando contra Deus e fazendo as pessoas pecarem centenas de vezes.

O Olfato, que a princípio deveria ser um dos sentidos menores no que diz respeito a abrir as portas para o pecado, recebe um tratamento mais especial. Enquanto a visão pode dar detalhes do objeto do desejo, e aticar tanto pela beleza feminina, como pelo desejo material de riquezas, e enquanto a audição pode fazer ouvir discursos que inflamam a alma, o olfato em si pouco poderia. Entretanto o cheiro das carnes e da bebida faria com que o homem se embriagasse, literalmente até cair, e uma vez que isso o tiraria por completo de sua razão, faria rogar pragas e maldições, faria com que as pessoas caíssem ao inferno. Ora, embora o capítulo 1 cite a embriaguês do clero, apenas por essa passagem não é possível definir que o texto refira-se ao pecado deste clero.

Em quarto o paladar:

Enquanto pelo paladar eles deveriam sim sentir o gosto da carne e da bebida de forma razoável para sustentar sua vida e seu trabalho, e então serem gratos a Deus por servir-lhes de boa vontade de amor, amando a Deus com seus corações, eles ser entregam a todos os desejos da carne, caindo em grande glotonaria e bebedeira, como se estivessem nadando no próprio inimigo, seus sentidos perdem a razão e eles não podem sair nas ruas nem mesmo durante o dia, e ficam presos por sua glotonaria e bebedeira, de modo que procuram as tabernas pelas ruas e muitas vezes não pagam por aquilo que consomem e também desperdiçam aquilo que nem mesmo possuem, ao mesmo tempo prendem os pobres nas prisões enquanto esses morrem de fome. E pela sua glotonaria e bebedeira eles destroem seus próprios corpos e sentidos, ficando desta forma doentes, assim perdendo não somente os seus ganhos materiais, mas também trazendo as dores do inferno para a sua alma como também para seu corpo, perdendo sua mente e sua razão. Mesmo assim muitas vezes eles conseguem se curar dos males deste mundo. Eles tentam justificar sua glotonaria e bebedeira desta maneira: Deus fez todas as coisas boas deste mundo, a boa carne e a boa bebida, de modo que é justo que o homem aproveite destas coisas enquanto vive” mas eles não possuem padrões para medir e não percebem que vivem contra Deus e contra sua lei,

contra Cristo e seus santos ensinamentos, que viveu na abstinência e na penitência, o verdadeiro cristão deve se abster dos desejos da carne como nos ensina o evangelho de Cristo e Paulo e Pedro, disseram que não poderíamos nos entregar aos desejos de nossa carne, mas deveríamos combater os desejos da carne caso estes fossem contrários à saúde de nossa alma. Certamente é justo que um homem gaste o necessário com bebida, carne e roupas para estar forte o suficiente para servir a Deus e cumprir seu trabalho, mas nunca fazendo com que isso se perca, pois a obra de Deus é para a alma, para o corpo e para o homem todo e para todos os homens. Mas enquanto eles inventam desculpas para comer da melhor carne, usar a melhor roupa e beber da melhor bebida, os homens pobres não possuem muito nem mesmo para seu corpo, quanto menos para sua alma. E todos poderiam ter o suficiente para si, se os custos fossem diminuídos e os gastos feitos com cuidado e decência.

Pela continuação do texto podemos perceber claramente que o olfato era apenas uma introdução ao paladar e aqui já fica irrefutável que o foco agora está no pecado do clero, e como o clero pecaminoso ajuda satanás a disseminar o pecado. Em especial a passagem: *“e muitas vezes não pagam por aquilo que consomem, desperdiçando aquilo que nem mesmo possuem, ao mesmo tempo prendem os pobres nas prisões enquanto esses morrem de fome”*. Wycliffe já havia definido que o clero, ao invés de visitar os presos, como seria o mandamento de Jesus aos cristãos, eles próprios causavam prisões injustas dos pobres e dos sacerdotes que estavam entre os pobres. E aqui novamente na questão da glotonaria Wycliffe usa dois argumentos, primeiramente que eles nas tabernas gastam o que eles nem mesmo possuem enquanto prendem os pobres das prisões e deixam esses morrerem de fome. Ou seja, ele se refere ao mesmo clero.

Por que motivo é citado que eles gastam o que não possuem? Seria uma alusão a irem às tabernas e não pagarem pelo que consumiram, uma vez que o clero era respeitado? Então o gasto do bem não possuído seria não o gasto de dinheiro, mas sim o gasto da comida e bebida que não lhes pertenceriam. Entretanto comparando com outras obras de Wycliffe há motivos para não aceitar essa hipótese, em sua obra *Porque o clero não deve ter*

posses, Wycliffe deixa claro que não há motivos para o clero ter quaisquer posses e que a sabedoria seria recusar quaisquer presentes materiais recebidos, como Elias teria feito. Com base em seu pensamento, o dízimo havia sido criado como forma de alimentar os famintos e o clero talvez pudesse apenas ser despenseiro desta doação ao facilitar a entrega aos pobres, mas aquilo de forma alguma pertenceria a eles. A base para tal pensamento é:

E, perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, comerás os dízimos do teu grão, do teu mosto e do teu azeite, e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; para que aprendas a temer ao Senhor teu Deus todos os dias. (...) Então virá o levita (pois nem parte nem herança tem contigo), e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão dentro das tuas portas, e comerão, e fartar-se-ão; para que o Senhor teu Deus te abençoe em toda a obra que as tuas mãos fizerem.⁵⁰

Ou seja, o receptor final do dízimo eram as pessoas sem condições de viverem por conta própria, ou como está dito, aqueles que não “tem parte na herança”. Assim sendo, o levita, que não tem posses, os estrangeiros, o órfão e a viúva. E o dízimo é dado em forma de comida, para alimentar os famintos, e não em forma de grandes posses materiais.

Ora, baseando-se nisso Wycliffe deixa claro que o dinheiro que está sendo gasto pelo clero nem mesmo lhe pertence, uma vez que este deveria recolher apenas para repassar aos pobres, entretanto prende o pobre na cadeia para que este morra de fome, ao mesmo tempo que farte de comida e bebida até cair.

Outra consequência das ações deste clero corrompido é a doença, que já havia sido citada no primeiro capítulo, que as ações do próprio clero é que causava a doença dos que eles não visitavam, e agora esta doença chega a um novo patamar, que é atingir os próprios membros do clero, trazendo dores aos seus corpos e à sua alma. Ou seja, não se trata de uma questão de opinião, uns do lado dos pobres e outros do lado do clero, mas as ações pecaminosas do clero estariam prejudicando também os próprios membros do

⁵⁰ Dt 14, 23-29

clero, mas: *muitas vezes conseguem curar-se dos males do mundo*, o que também deixa claro que se estes se curam dos males do mundo, não estariam se curando dos males espirituais.

Outra questão colocada por Wycliffe é a diferença entre os membros do clero e Jesus, estes agora não somente como uma antítese a tudo o que Jesus havia mandado, mas também a tudo o que Jesus viveu. Enquanto este fez jejum por 40 dias no deserto, aqueles fartavam-se até ficarem doentes por excesso de comida e bebida. Interessantemente Wycliffe ainda fez uma importante ressalva, a de que Deus havia feito todas as boas coisas do mundo, e que o erro estaria em abusar destas a tal ponto que prejudicassem a saúde da alma.

Mas isso abre uma nova questão, se Deus fez todas as coisas boas do mundo, e se Wycliffe já havia citado as mulheres anteriormente, e se o problema está no abuso da boa coisa para que esta cause doença ao corpo e à alma, então ou a mulher deveria ser considerada algo mau e, portanto, deveria ser evitada, ou então deveria ser considerada algo bom e que não precisaria ser evitada, nem mesmo pelo clero. E Wycliffe, pelo seu caráter de prender-se no texto escriturário ao extremo, dizer que a mulher não havia sido feita por Deus, e que, portanto, esta era boa. Como ficaria então a questão do celibato clerical?

Para responder a esta questão, o tato:

Ele engana os homens e mulheres através do toque dos membros escolhidos para definir o sexo da humanidade e através de beijos e carinhos para aumentar o desejo no coração até que ele domine o coração por completo, muitas vezes de forma demorada e luxuriosa. Antigamente Jerônimo e os santos viram que ao tentar se isolar de certas companhias e abstinência e até mesmo pesquisaram remédios contra esse desejo, mas o desejo das mulheres era tão claro e presente que a única forma de se manter puro era ser solteiro ou casado, ou ainda que fosse de outra religião.

Apesar de curto há aqui um parágrafo de certa complexidade. Primeiramente voltamos ao “ele” definindo satanás e não simplesmente o “eles”

referindo-se ao clero. A tentação que já havia envolvido os 4 sentidos chega ao seu último patamar, o toque que é ligado única e exclusivamente ao desejo sexual. Wycliffe poderia caracterizar o toque como a maciez das roupas luxuosas ou caracterizar em preguiça de dormir em colchões macios, ou ainda uma infinidade de pecados advindos do tato, entretanto ele escolheu única e exclusivamente a questão do desejo sexual.

E apesar de curto, o detalhamento feito não foi pequeno, o toque dos membros que definem o sexo, beijos e carinhos que vão gradativamente aumentado o desejo no coração, até que o coração seja dominado por completo, e ainda definindo que isso por vezes ocorre de forma demorada e luxuriosa. Não bastou falar do sexo como algo distante e amorfo, mas como algo próximo, tão próximo que o sentido utilizado é o tato. Beijos e carinhos que aumentam o desejo pouco a pouco dificilmente não caracterizem preliminares das relações sexuais, e o fato dos beijos e carinhos estarem ligados quase que diretamente ao “toque” dos membros que definem o sexo, temos aqui provavelmente a citação de uma relação sexual relativamente detalhada com a possível presença de sexo oral, preliminares, envolvimento lento e gradativo até chegar um clímax definido como luxurioso.

Diante deste relato, entretanto, Wycliffe não toma postura semelhante aos demais. Primeiramente ele cita os primeiros cristãos que também lutaram contra o desejo sexual, definindo que tentaram achar diversas curas para o mesmo, mas falharam nesta busca. E aqui novamente “o desejo por mulheres era tão presente” ao contrário dos outros desejos, que poderiam ser simplesmente evitados e que vinham apenas pela visão e audição, o desejo pelas mulheres parecia ser inevitável, tanto que há a necessidade de citar aqueles que embora fossem mártires, não conseguiram evitar esse desejo por completo.

Mas certamente o mais importante é a solução dada por Wycliffe. A única forma de se manterem puros era que fossem solteiros, casados ou de outra religião. Ora, primeiramente então essa tentação e pecado se restringem aos que não são solteiros, casados ou de outras religiões, mas quem seriam estes estão, senão os próprios membros do clero, que assumem uma espécie de casamento com a igreja e portanto não são mais considerados solteiros?

Mas ora, esse pensamento entre em um caminho sem saída, qual seria então a solução? Certamente Wycliffe não estava sugerindo que todos se convertessem a outra religião, como o islamismo ou o judaísmo. Igualmente ele tampouco estava sugerindo que não houvesse clero e que, portanto, todos pudessem se manter solteiros. Mas, a exemplo das outras religiões onde o equivalente aos sacerdotes pode casar-se, Wycliffe defendia que a única solução para este impasse era o casamento, o fim do celibato clerical. Na obra *o fermento dos fariseus* Wycliffe chega a defender que enquanto regras absurdas e não naturais referentes à sexualidade fossem mantidas, absurdos cada vez maiores ocorreriam, como o homossexualismo e abuso dos jovens, como adultério de membros do clero com as *ladies* e dos membros do clero entre si, sejam em relações de homens com homens ou de homens com mulheres.

Ora, neste caso, todo o pecado estaria inserido não no ato sexual em si, e nem mesmo no desejo pelas mulheres, que era natural, mas o pecado em si estaria tão somente na proibição não natural e não justificável por qualquer texto bíblico, criada arbitrariamente pela igreja, de que os membros do clero não poderiam se casar.

E para finalizar:

E isso foi inclusive verificado por Jeremias, que a morte entrou pelas nossas janelas, e aqui as janelas são os cinco sentidos, pois eles podem enganar o homem, e assim como podem ser meio para o amor e a virtude, podem ser instrumentos do amor ao pecado. Mas temos que ter em mente que Deus nos garantiu a graça através das dores que Jesus sofreu em seu coração, em seu corpo, em seus pés e mãos, e foi ouvindo, falando, sentindo o cheiro e provando e até mesmo tocando com seu corpo que ele demonstrou todo o seu poder, de corpo e alma; através dos cinco sentidos ele viveu, mas pode buscar a adoração de Deus e de todas as coisas, assim ele conseguiu vencer o pecado e a falsidade, todos de uma vez nEle mesmo, ensinando os outros homens a fazê-lo e a se manterem através de uma vida virtuosa e direita, que só pode ser atingida pela caridade e amor. Amém.

A citação feita de Jeremias refere-se ao capítulo 9, versículo 21, presente no seguinte contexto: *“Ouvi, pois, vós, mulheres, a palavra do Senhor, e os vossos ouvidos recebam a palavra da sua boca; e ensinaí o pranto a vossas filhas, e cada uma à sua vizinha a lamentação; Porque a morte subiu pelas nossas janelas, e entrou em nossos palácios, para exterminar as crianças das ruas e os jovens das praças. Fala: Assim diz o Senhor: Até os cadáveres dos homens jazerão como esterco sobre a face do campo, e como gavela atrás do segador, e não há quem a recolha. Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas, Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, que eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor.”*

Embora o texto não esteja se referindo especificamente a condição do pecado e sim à invasão de Jerusalém, há algumas relações superficiais entre o texto de Wycliffe e o de Jeremias. Especialmente na questão do “não se glorie” justamente nos elementos que segundo Wycliffe são objetos de cobiça.

Seja como for, o texto de encerramento do tratado de Wycliffe tem como ponto central a natureza humana de Jesus. Uma vez que Jesus, sendo completamente humano, também possuía seus cinco sentidos exatamente iguais ao de qualquer outra pessoa, portanto ouvindo, vendo, cheirando, sentindo gosto e sentindo toques. Entretanto, apesar de possuir os cinco sentidos Jesus teria conseguido viver uma vida sem pecados, sendo ele o exemplo perfeito que qualquer pessoa precisaria seguir se quisesse guiar sua vida.

III.3. Do átomo ao homem: Wycliffe e seu combate à doutrina da transubstanciação.

É difícil precisar o momento em que surge a doutrina da transubstanciação na Igreja Católica medieval. Há quem defenda que já Inácio de Antioquia, em 107 DC defendia tal pensamento ao dizer que “A eucaristia é a carne de nosso Senhor”⁵¹. Entretanto a palavra transubstanciação só começa a ser usada⁵² em meados do século XI, tendo o seu conceito teórico-teológico bem estabelecido a partir de São Tomás de Aquino, através da Suma Teológica.

De forma resumida podemos definir a transubstanciação como a transformação real (material e espiritual) do pão em carne de Cristo e do vinho em sangue de Cristo. São Tomás de Aquino dedica vários capítulos de sua Suma Teológica para definir a forma como isso se daria:

1 – A transformação ocorreria completamente e instantaneamente, de forma que todo o pão se transforma em corpo e todo o vinho se transforma em sangue, renegando assim tanto a ideia de que a eucaristia era um símbolo, como a ideia de que o corpo e sangue de Cristo estavam apenas presentes na eucaristia. O pão e vinho deixam de existir, uma vez que são transformados completamente em corpo e sangue de Cristo.

2 – Essa transformação ocorreria no momento em que o ministrante, in persona Cristi repetisse as palavras de Jesus em sua última ceia. A transformação seria instantânea assim que as palavras terminassem de ser proferidas, caso por qualquer motivo o ministro não pudesse terminar as palavras, por esquecimento, morte, ou outro acidente, tudo precisaria ser recomeçado.

3 – Uma vez que houvesse a transformação de forma alguma corpo e sangue voltariam a ser pão e vinho, sendo assim, mesmo que ministrado a outras pessoas após o momento da missa, haveria validade de sacramento. Se, por algum motivo, alguém roubasse o pão transubstanciado, e o usasse para quaisquer outros fins, ainda assim ela continuaria sendo corpo de Cristo.

⁵¹ Carta aos Esmirnenses, versículo 7

⁵² Hildebert de Tours, 1079

4 – Somente pessoas escolhidas pela Igreja Católica teriam o poder de ministrar tal transformação, que não pode, segundo São Tomás de Aquino, ser compreendida pela razão, senão pela fé.

5 – O corpo de Cristo está presente inteiramente em cada parte do pão transubstanciado, e a cada vez que esse se parte, não importando em quantas partes for partido, cada uma delas será o completo do corpo de Cristo, ainda que em uma mínima migalha.

6 – O “corpo” de Cristo em que o pão se transforma não se trata de partes do corpo, como cabeça, mão, etc, pelo contrário, o corpo está presente inteiramente em cada parte, incluindo o próprio sangue, uma vez que quando se fala corpo, refere-se ao corpo completo com todas as suas partes, incluindo o sangue.

A suma teológica data de 1272, tendo reservado 10 questões, subdivididas diversos artigos, para tratar cada um de seus aspectos. No entanto, é apenas no Concílio de Trento, finalizado em 1562, que o dogma é defendido e completamente oficializado. Neste ínterim vários teólogos discutiram sobre tal doutrina. Entre os quais temos Wycliffe, um dos seus principais acusadores.

A questão do combate à transubstanciação não poderia ser de menor importância. Devemos lembrar que uma vez que o pão e o vinho se transformem no próprio corpo e sangue de Cristo, temos a presença do próprio messias, uma das partes do Deus Trino, invocadas e presente fisicamente entre os homens. Mais do que simplesmente relembrar as palavras ou reviver um momento, a doutrina da transubstanciação faz com que Cristo tenha uma presença carnal e real na vida do fiel.

Desta forma, uma vez que a hóstia seja consagrada, e, portanto, transubstanciada, ela já adquire seus novos status, deve ser protegida a sete chaves, e por vezes era roubada, pois era tida por sagrada⁵³. Se a ingestão deste bem tão sagrado, que é a presença física e real do próprio Deus, pode ser feita pelos fiéis, então ela é o ponto mais importante e fundamental de qualquer ritual religioso realizado, em especial as missas, onde as hóstias e o vinho é consagrado.

⁵³ O 20º Cãnon do IV Concílio de Latrão trata especificamente da necessidade de se trancar o local onde a hóstia e o vinho consagrados estavam para impedir “o seu uso em propósitos ímpios e blasfemadores”.

No entanto, crer ou não na transubstanciação, não é apenas uma postura religiosa do fiel ou do clero. Na verdade, ao se criar um produto que é tão desejado quanto o próprio Deus, que é tido como o pão que alimenta a alma, ter o monopólio deste produto que é considerado o mais sagrado que existe, é poder ter o controle sobre todo um povo.

O controle da Igreja Católica não recai sobre a produção das hóstias ou do vinho. Uma pessoa poderia conseguir adquirir parte do vinho ou do pão que seria usado em uma missa, mas ainda assim eles ainda seriam pão e vinho. A transubstanciação do pão em carne de Cristo e do vinho em sangue de Cristo só ocorreria quando um padre, ou sacerdote, através da eucaristia na missa, fizesse a transformação.

Apenas os padres e sacerdotes ordenados pela Igreja Católica teriam o poder de transubstanciar o pão e o vinho. Qualquer pessoa que se recusasse a seguir as orientações eclesiásticas poderia sofrer diversas penalidades, mas sem dúvida a pior delas era a excomunhão, o ato de ser impedido de participar da eucaristia. Negando assim o acesso da pessoa ao produto de maior valor espiritual na Idade Média.

O ritual em si é simples, o padre ou sacerdote, “In Persona Cristis”, ou seja, representando Cristo, repete as palavras de Jesus na última ceia. Naquele momento por um instante o padre representa o próprio Cristo, portanto o próprio Deus, e após a transformação, pão e vinho mantêm seus atributos de carne e sangue de Cristo.

Wycliffe chega a nos explicar o motivo pelo qual deveria combater com tanto fervor a transubstanciação através das seguintes palavras: “*essa reverência supersticiosa pelos elementos do sacramento aumenta de todas as formas possíveis o poder do clero*”⁵⁴. E “*De todas as heresias que se espalharam pela Igreja, eu creio que nenhuma foi trazida mais maliciosamente pelos hipócritas para enganar as pessoas em tantas formas diferentes quanto essa; Assim eles roubam as pessoas, as fazem cometer idolatria, negam a sua fé na Santa Escritura, e em consequência gera falta de fé, provocando ira de diversas formas sobre A Verdade*”⁵⁵.

⁵⁴ Trialogus, IV, 2

⁵⁵ Idem

A questão da idolatria parece clara. Uma vez que a hóstia consagrada é considerada o próprio Deus, então isso seria uma imagem de Deus, aos moldes das estátuas de ouro tão repudiadas no Antigo Testamento. Entretanto esse argumento em si parece meramente teológico, enquanto os outros dois são mais voltados à fé prática.

Wycliffe não acusa essa doutrina de negar a Escritura Sagrada, mas sim de negar a fé na escritura sagrada. Uma vez que o contato com Deus pode ser adquirido através de uma substância, não importa a forma que esta for adquirida, ela trará o contato com Deus. Sendo assim não há necessidade de crer nas Escrituras e nem mesmo conhecer os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos, basta obedecer ao clero e receber o objeto do sacramento.

Contrapondo-se à Transubstanciação, a princípio Wycliffe chega a propor que o pão e o vinho eram apenas um símbolo e nada mais. Como vemos em: *“Para mim parece suficiente aos cristãos crer que o corpo de Cristo está presente de alguma forma espiritual e sacramental em um local que os hospeda, saber que Deus honra a homenagem realizada sobre o Seu Corpo e está sensível a este sacramento, assim como estaria sensível a uma imagem ou túmulo”*⁵⁶.

Essa concepção descrita por Wycliffe, em última instância, poderia retirar do clero e da Igreja Católica o controle do cristianismo oficial. Uma vez que a eucaristia é apenas sacramental, não houve nenhuma transformação física. Se Deus honra uma homenagem realizada pelo homem, ao comer o pão e beber do vinho lembrando de suas palavras, então qualquer pessoa poderia realizar o sacramento. Bastaria que fosse feito em memória de Cristo, o honrando, independente de qualquer clero instituído, Deus honraria tal ato. Retirar da Igreja Católica o controle sobre a eucaristia seria derrubar um de seus centros de poder. Da mesma forma como uma imagem ou túmulo não possui sua sacralidade por alguém que o consagra, mas ela está presente na pessoa enterrada no túmulo ou da imagem esculpida na madeira, também a eucaristia segundo Wycliffe não teria seu valor em quem consagra da hóstia, mas sim no símbolo presente nela, o corpo de Cristo, em memória.

⁵⁶ Early Sermons, No XX – Lambeth - 23

Justamente por saber da vital importância da doutrina da transubstanciação, Wycliffe será atacado por diversos lados, tendo de escrever diversos tratados para manter seu pensamento. Um dos mais interessantes ataques à transubstanciação está presente em *De Ente*, um conjunto com 350 estudos, onde ele se refere a “*A substância do pão não é aniquilada, uma vez que seus acidentes se mantêm*”⁵⁷.

Neste momento Wycliffe está respondendo a São Tomás de Aquino, que séculos anteriores defendeu, em diversos capítulos de sua *Suma Teológica*, a transubstanciação. Para melhor compreender o pensamento de Wycliffe a cerca deste tema e seus argumentos é necessário primeiro ressaltar alguns dos aspectos da defesa e justificativas levantadas por São Tomás:

III.3.A. Acerca da transformação do pão em carne de Cristo e do vinho em sangue de Cristo.

Segundo São Tomás de Aquino⁵⁸ a transformação é real e não somente um símbolo. O pão e o vinho consagrados “*contém o próprio Cristo, e não somente uma significação figurativa. A sua presença é totalmente verdadeira e assim o sacramento contém o próprio Cristo.*” Esta transformação não era simplesmente completa, mas era base da fé: “*quem rejeitar tal afirmação seja considerado herege, pois estará contra Cristo. Abandone seu erro e aceite a verdadeira fé*”.

Em contraposição temos a passagem já citada de *Early Sermons* de Wycliffe que diz ser suficiente crer que “de alguma forma espiritual e sacramental” o corpo está presente na eucaristia. O próprio São Tomás marca em seu documento 4 objeções possíveis à crença de que o pão e o vinho realmente se transformam em corpo e sangue:

1 – Se Jesus subiu aos céus após sua ressurreição e preservava um corpo material, então este corpo material continua existindo nas alturas, portanto esse mesmo corpo não pode estar presente na eucaristia.

⁵⁷ *De Adnichilacione* in *De Ente*, LVII

⁵⁸ *Suma Teológica*, Terceira Parte, Questão 73, artigo 1

2 – Ninguém pode estar em vários lugares ao mesmo tempo, assim sendo ninguém poderia estar presente em vários altares ao mesmo tempo, logo a eucaristia não poderia ser o corpo real de Cristo.

3 – Os sacramentos são uma prova de fé, portanto o sacramento da eucaristia é apenas o desejo da presença material de Cristo, desta forma caso Cristo realmente estivesse presente materialmente não haveria necessidade de fé.

4 – Jesus ao falar que aquele pão e vinho eram seu corpo e sangue e que estes deveriam comer seu corpo e seu sangue, gerou indagações, sua resposta teria dado a entender que realmente a presença de seu corpo e sangue seriam apenas simbólicas e espirituais.

Segundo o próprio São Tomás a origem de parte destas objeções seria o próprio Santo Agostinho. Entretanto, como contraponto a esses argumentos ele coloca apenas três fatores. O primeiro é uma citação de Hilário de Poitiers⁵⁹: *“Não há como duvidar sobre a verdadeira presença do corpo e sangue de Cristo, pois o Nosso Senhor declarou e pela nossa fé sua carne é realmente comida e seu sangue realmente bebido”*. O segundo é uma citação de Ambrósio⁶⁰: *“Assim como o nosso senhor Jesus Cristo, o verdadeiro filho de Deus, pois é a verdadeira carne de Cristo que pegamos e o verdadeiro sangue que bebemos”*.

Nestes dois primeiros fatores temos apenas a citação de importantes personagens da Patrística, mas que em si não argumentam a favor da transubstanciação, apenas a declaram. Ao contrário das quatro objeções previamente levantadas por São Tomás, que traçavam um pensamento racional a fim de negar tal doutrina.

O próprio Tomás de Aquino acata tal linha de pensamento ao dar o seu “veredito” sobre a questão: *A verdadeira presença de Cristo no sacramento não pode ser percebida e nem tampouco entendida. É apenas uma questão de fé*. Ele também não contra argumenta as objeções levantadas, assim como faz nas outras questões, apenas deixa claro que Santo Agostinho jamais teria negado a transubstanciação, teria sido apenas mal interpretado por todos os hereges que negam tal doutrina.

⁵⁹ Em seu livro “De Trinitate”. Hilarius foi contemporâneo a Santo Agostinho.

⁶⁰ Em seu livro “De Sacramentis” Também contemporâneo a Santo Agostinho.

Uma vez que a transubstanciação seja inegável e inexplicável ao mesmo tempo, todas as outras questões e artigos levantados são feitos apenas para defender esta verdade definida *a priori*.

Para Wycliffe a questão figurativa do pão e vinho era provada pelo fato de Jesus sempre falar de forma figurativa. Falando de ovelhas e moedas para falar dos pecadores, de pescadores de pessoas, de sementes lançadas enquanto palavra de Deus. No próprio *The Wicket* temos: *Quando Jesus disse “bebam deste cálice” ele estava prometendo a todos os que bebessem que eles passariam por tribulações neste mundo assim como ele passou, mas desta forma também entrariam na vida eterna.*⁶¹

III.3.B. Sobre o motivo pelo qual, mesmo após a consagração, o pão continua parecendo pão e o vinho parecendo vinho.

Tanto Wycliffe como Santo Agostinho utilizam o termo *accidente*. Trata-se de um termo da filosofia Aristotélica. Tudo o que existe materialmente pode ser dividido em *accidente* e *essência*. Esta última é o que define algo como o que ele é, por exemplo, *O ser humano é um ser racional. Ou a mesa é um plano horizontal sustentado*. Aprender aritmética ou servir de apoio para a comida é apenas consequência desta essência, gerando a este algo uma função. Porém, tudo aquilo que não faz parte da essência de algo é considerado um *accidente*. Desta forma o homem ser alto ou baixo, ou a mesa ser de madeira ou de plástico, são apenas acidentes, sem em nada influenciar a essência deles.

É inegável, tanto para São Tomás como para Wycliffe que os acidentes permanecem mesmo após a transubstanciação. Ou seja, o vinho continua tendo gosto de vinho, cor de vinho, cheiro de vinho e se parece vinho. O mesmo ocorre com o pão. Para Wycliffe, como já vimos, isso consiste em duas possibilidades. Primeiramente nega a transubstanciação, uma vez que não há qualquer transformação física ou visível que leve a crer que realmente houve qualquer mudança, ou pelo menos que a substância do pão e do vinho se mantém, ainda que tenha havido alguma transformação, ela somente soma a essência do corpo e sangue de Cristo ao pão e vinho, sem os aniquilar.

⁶¹ *The Wicket*, p.12

São Tomás⁶², entretanto, defende que o pão e o vinho cessam de existir, uma vez que seria impossível ver o corpo de Cristo chegando de algum lugar e entrando no pão, somente se poderia supor que o pão foi transformado no corpo. Uma vez que ele tenha sido transformado em corpo de Cristo, como ele poderia continuar sendo pão? Desta forma o pão e o vinho deixam de existir.

Mas, se mesmo sendo corpo e sangue de Cristo o pão e o vinho continuam tendo os acidentes de pão e vinho, ou seja, continuam parecendo em todos os aspectos físicos com pão e vinho, como isso poderia ser explicado dentro da transubstanciação?

A resposta a isso é dada no quinto artigo do texto de São Tomás: *É evidente que todos os acidentes do pão e do vinho se mantêm após a consagração. E isso é razoavelmente criado pela Providência Divina. Primeiramente, pois não é costume, se não horrível, aos homens comer carne humana e beber sangue. (...) Segundamente, pois assim o sacramento não poderá ser dado aos que não crêem; e em terceiro porque ao receber o corpo e o sangue de Cristo de forma invisível ganhamos mérito de nossa fé.*

São Tomás não deixa claro o motivo pelo qual o fato dos acidentes do pão e do vinho se manterem impediriam o sacramento de ser dado aos que não crêem, uma vez que o corpo e o sangue de Cristo realmente estão presente lá, e não estão lá apenas como um símbolo de fé.

III.3.C. Sobre o momento ou período em que o pão e o vinho se transformam em corpo e sangue de Cristo.

Por mais simples que seja o ritual da consagração do pão e do vinho, ele não é instantâneo. Mais do que isso, repetindo as palavras de Jesus, temos o ritual em duas etapas. Primeiramente ele pegou o pão, deu graças e deu aos seus discípulos, dizendo que aquilo era o seu corpo. Do mesmo modo, no final da ceia, é que ele pegou o cálice, deu graças e entregou a todos dizendo que tomassem e bebessem porque aquilo era o seu sangue.

Segundo Wycliffe, essas duas etapas seriam motivo claro de que a transubstanciação não poderia ocorrer. Vejamos:

⁶² No artigo 3 da questão 75

*Mas agora eu lhes farei uma pergunta e vocês me responderão. O corpo de Nosso Senhor foi feito de uma única vez ou de duas? Estão presentes o corpo e o sangue de Cristo apenas no pão? Ou então o corpo foi feito uma vez e o sangue foi feito em outro momento? Também está dito que o vinho estava no cálice. Se vocês disserem que ele estava cheio e todo o corpo de Cristo presente no pão, incluindo carne e sangue, e também aqui os ossos, então estão nos fazendo adorar um falso Deus no cálice. O que também está respondido quando estamos adorando o pão se dissermos que a carne está no pão e o sangue no vinho, então vocês estarão acreditando que a humanidade de Cristo é dividida e Ele é feito em duas vezes, pois ele primeiro pega o pão e então reparte o pão, como está dito. E as pessoas inocentes estão idolatrando esse pão. Mas também tenho a certeza de que o corpo e o sangue de Cristo ascenderam. Então ele seria falso charlatão para Deus e para nós.*⁶³

Apesar de ser um trecho pequeno Wycliffe coloca vários empecilhos para a transubstanciação. Primeiramente o fato de a transformação ocorrer em duas partes diversas. Posteriormente a questão do sangue e do corpo serem separados um do outro.

São Tomás também se preocupou com a mesma questão, chegando a afirmar que a transformação se dá de forma instantânea⁶⁴, pois o poder de Deus é imenso e pode realizar transformações instantâneas. O exemplo dado por ele é o de uma fonte finita de calor não poder evaporar toda a água de uma vez, mas como Deus tem poder infinito ele pode realizar transformações de forma instantânea.

Mas se a transformação ocorre uma única vez e de forma instantânea, então em que momento ela ocorre? Quando o pão é consagrado ou quando o vinho é consagrado? São Tomás responde a isso na sua questão 83, a transformação ocorre no momento em que o sacerdote acaba de proclamar as últimas palavras, ou seja, apenas após consagrar o pão e o vinho. Ele inclusive se preocupa com diversos possíveis problemas relacionados a isso, por exemplo, o que fazer se o sacerdote morrer no meio das palavras, tendo

⁶³ *The Wicket*, p.09

⁶⁴ Pergunta 75, Artigo 7

começado a pronunciá-las, mas não finalizado? A resposta seria dada de duas formas, primeiramente que pessoas doentes ou próximas à morte não deveriam de forma nenhuma participar desta consagração, mas mesmo que algo ocorresse, qualquer outro sacerdote poderia assumir o lugar do falecido e continuar a falar as palavras de onde ele havia acabado de falar. Ou ainda, o que fazer se o sacerdote, por tremor de frio ou de velhice deixasse cair algumas gotas do vinho no chão enquanto falava as palavras da consagração? A resposta seria parar tudo imediatamente e reiniciar do começo, pois a transubstanciação ocorreria em todo o vinho e não somente no que permanecesse no cálice. Por fim, o que fazer se um sacerdote gaguejar, errar alguma palavra, repetir alguma palavra ou omitir alguma palavra durante a consagração? Ele deve reiniciar tudo novamente, mas São Tomás afirma que pessoas que realmente prestem atenção não deixarão isso ocorrer.⁶⁵

Ora, justamente por esse zelo excessivo em um ritual místico, quase mágico, para que o pão e vinho se transformassem de fato no corpo e sangue de Cristo, é que Wycliffe acusava os que criam na transubstanciação de idólatras. As regras, as palavras, o ritual, parecia mais importante do que o significado presente por trás dele: *“este é o seu pior erro, o da não crença. Diante de vós está o pior dos pecados, pois está escrito que quando Moisés estava no monte com Deus, as pessoas fizeram um bezerro de ouro e o adoraram com fosse um Deus. E Deus falou com Moisés que as pessoas haviam cometido o pior dos pecados, feito e adorado deuses estrangeiros.”*⁶⁶

III.3.D. O pão é somente a carne e o vinho é somente o sangue, ou ambos juntos são corpo e sangue ao mesmo tempo?

Conforme já vimos na exposição de Wycliffe, há certas implicações a se levar ao pé da letra a afirmação de Jesus de que o vinho é seu sangue e o pão a sua carne. Se o pão consagrado é apenas o corpo de Cristo, então ele não deveria ser de forma alguma considerado o próprio Cristo, uma vez que uma pessoa não é feita somente de seu corpo. E se o vinho é somente o sangue,

⁶⁵ Questão 83, artigo 6

⁶⁶ *The Wicket*, p.9

igualmente ele não poderia ser considerado o próprio Cristo. Além disso, o sangue não seria uma parte do corpo? Se assim fosse, então bastaria o pão ser consagrado, uma vez que ele já conteria sangue e corpo. E mais, ainda há a questão de que se o pão é carne e o vinho é sangue, onde estariam os ossos, olhos, cabelo, etc?

Mais uma vez São Tomás já tinha uma resposta para tal questionamento. “*Cada espécie do sacramento contém certamente todo o Cristo (...) isso, pois, o corpo de Cristo não tinha sido separado de seu sangue até o momento da paixão e morte*”⁶⁷. Desta forma parte dos questionamentos de Wycliffe são desfeitos, entretanto não todos. Se realmente tanto o pão como o vinho bastam a si mesmos, por que há a necessidade dos dois? E porque Jesus teria falado separadamente de sua carne e de seu sangue? Não há, na suma Teológica, uma questão a isso. Obviamente devemos manter em mente que São Tomás escreveu quase dois séculos antes de Wycliffe, não respondendo, portanto, a este, mas aos questionamentos contemporâneos a si.

Mas estranhamente Wycliffe não faz uso da Suma Teológica para levantar seus argumentos, chegando até mesmo a levantar argumentos que já teriam sido derrubados 200 anos antes que tivessem sido feitos por ele. Qual o motivo disso? Talvez simplesmente por negar o princípio gerador de todas as afirmações, como já vimos, a fé sem justificativas, ou talvez por estar escrevendo diretamente para o povo e não em tratados teológicos. Mesmo assim, porque não mencionar São Tomás de Aquino?

III.3.E. A física e a fé – Como explicar a transubstanciação mantendo as regras do mundo físico?

Wycliffe coloca diversas falhas na transubstanciação pelo simples entender do mundo físico e da impossibilidade física da transformação real e material do pão e do vinho em corpo e sangue de Cristo. No inícios do próprio *The Wicket* temos o começo da argumentação:

⁶⁷ Questão 76, artigo 2

Se o corpo e o sangue simplesmente não estão presentes no pão e no vinho, mas são o próprio vinho e o próprio pão transformados, então isso abre portas para uma série de possibilidades. Primeiramente, se o pão é apenas uma parte do corpo de Cristo, então porque motivo alguém deveria receber apenas uma parte do pão? O certo seria que se comesse a maior parte possível dos pães consagrados. Ao mesmo tempo, se o corpo e sangue estão presentes em sua totalidade em cada pão, então como pode o mesmo corpo estar presente em vários lugares ao mesmo tempo? E se o corpo está presente em sua totalidade em um dos pães, caso esse pão seja cortado ao meio, cada uma de suas parte ainda terá o corpo inteiro? Como é possível que Jesus continue tendo o seu corpo se o seu corpo agora é o pão transformado? Essas são algumas das questões levantadas por Wycliffe.

Algumas destas já foram respondidas por São Tomás de Aquino em sua Suma Teológica.

É evidente que toda a natureza da substância está em cada parte das dimensões que a contém, assim como toda a natureza do ar está contida em cada parte do ar, e a natureza inteira do pão está em cada parte do pão, e isso ocorre de forma indiferente às suas dimensões e independe da quantidade de vezes que ele for cortado ou dividido (...). Então cada parte manifesta o Cristo inteiro em cada parte das duas espécies⁶⁸.

Essa definição dada por Tomás de Aquino parece resolver, em parte, as afirmações de Wycliffe. Desta forma Jesus é visto quase como que um elemento químico, a definição dada por ele é muito semelhante à ideia de átomo, tanto da filosofia grega antiga, como, de certa forma, com o perdão da comparação moderna e portanto anacrônica, semelhante a um elemento na química moderna. Assim sendo, a essência de Cristo estaria presente em cada parte do pão e do vinho, completamente, e não importa a quantidade de pão ou vinho que ali houvesse, assim como o ferro está presente em toda a lâmina da espada, não importa quão minúscula parte é retirada da espada, ou o mármore

⁶⁸ Questão 76, Artigo 3

está presente em uma mínima fração de uma estátua que se tire, sendo aquele pó tão mármore quanto o que permanece na estátua.

A argumentação filosófica vai tomando tal ponto que parece esquecer por completo que se trata de um corpo inicialmente humano, como de qualquer outra pessoa, que realmente nasceu de uma mulher, dormia, se alimentava e passava por quaisquer privações e necessidades de qualquer ser humano. Ao ser substanciado e atomificado, não importa quem Jesus realmente foi, quais foram seus ensinamentos e seus exemplos, o que importa é que essa substância seja produzida através da consagração na eucaristia e consumida pelos fiéis.

São Tomás ainda continua o seu texto da seguinte forma:

(...) o exemplo de uma imagem que apenas aparece em um espelho. Ele aparece apenas enquanto o espelho não é quebrado, mas quando o espelho se quebra há uma imagem completa em cada parte do espelho quebrado. Desta forma a comparação não é perfeita, porque a multiplicação destas imagens é resultado de um espelho quebrado, e feita por causa dos vários reflexos nas várias partes do espelho, mas há apenas um na consagração, o corpo de Cristo está neste sacramento.⁶⁹

O espelho é usado por São Tomás para demonstrar o sacramento apenas simbólico, uma vez que a imagem no espelho é apenas uma imagem e não a própria pessoa presente no vidro. Ele utiliza-se de tal exemplo para mostrar como esta comparação seria inválida ou imperfeita, provando, mais uma vez, que realmente o sacramento não poderia ser simbólico, mas uma transformação de fato.

Wycliffe, por sua vez, responde à argumentação de Tomás de Aquino em seu livro *The Wicket*:

Assim como um homem pode segurar um espelho e observar a grande semelhança com a sua própria face e ainda assim não ser sua face, é apenas a imagem de sua face. Para dizermos que realmente é sua face o homem precisaria ter duas faces, uma em seu corpo e outra

⁶⁹ Idem

*no espelho. E se o espelho então se quebrasse em várias partes ele teria várias faces, mais pelo vidro do que pelo corpo. E assim cada homem poderia criar para si quantas faces desejasse. Então ele pode ver a semelhança de sua face, uma imagem dela e não a própria face. Então o pão é uma figura do corpo de Cristo na Terra, e assim disse Cristo: Toda vez que fizerem essas coisas as façam em minha memória.*⁷⁰

A princípio a argumentação utilizada por Wycliffe pode parecer estranha, uma vez que ele usa justamente a argumentação considerada por São Tomás como imperfeita e como símbolo de negação. Contudo, analisando mais cuidadosamente podemos ver que ele se utiliza sim de argumentos contrários ao pensamento presente na Suma Teológica.

Ele coloca a figura de um homem segurando o espelho. E antes mesmo do espelho se quebrar ele já demonstra que seria impossível o homem segurar o espelho e ao mesmo tempo estar presente dentro do espelho. Ainda que possa parecer um argumento infundado e que não vai de encontro ao pensamento de São Tomás, temos aqui a volta da figura de Cristo enquanto um homem, e não como mero elemento químico.

Ele também coloca a figura deste homem coexistindo com a sua imagem, ou seja, Jesus ainda existindo e tendo o seu corpo ao mesmo tempo em que a eucaristia é feita. Afinal seria impossível negar que Jesus existisse nesse momento sem abalar as estruturas da fé medieval.

Ora, a imagem utilizada por Tomás de Aquino é totalmente oposta à utilizada por Wycliffe. Ele se utiliza do ar, algo etéreo, incorpóreo, invisível, distante da humanidade. Seria impossível ao ar segurar um espelho, ou o pão. Ainda que houvesse um pão capaz de segurar o próprio pão, ou a sua totalidade seria partida e dividida entre as pessoas, e, portanto, não sobraria mais o pão-homem, ou então todos veriam que apenas uma parte era ingerida pelas pessoas, uma vez que o pão-homem permaneceria.

Mas essa não é a única questão. Wycliffe devolve a Jesus seu rosto. Em seu exemplo apenas o rosto é refletido no espelho. Um corpo é composto de várias partes, rosto com olhos, boca, nariz e cabelo; tronco com membros,

⁷⁰ *The Wicket*, p.12

membros com terminações, pés e mãos, cada um com seus dedos, cada um com suas unhas. Não se trata apenas de uma substância etérea capaz de se misturar e fundir, não se trata da substância amorfa da massa de pão que pode ser repartida e manter cada uma de suas características ainda na menor das partes do pão ainda não assado.

Wycliffe ainda nos fala do espelho se quebrando em várias partes pequenas. Na verdade a figura do espelho se quebrando já havia sido utilizada por São Tomás, isso em si já seria justificativa suficiente para que Wycliffe utilizasse a mesma imagem. Entretanto, pelos outros fatores já comparados, vemos que Wycliffe não tem grande preocupação em responder aos argumentos de São Tomás; pelo contrário, parece mais interessado em criar seu próprio pensamento e transmiti-lo a um povo que provavelmente sofria as consequências das justificativas de São Tomás, mas sem conhecer esse pensamento em suas argumentações mais filosófico-acadêmicas.

Por que motivo então ele recorre à mesma imagem do espelho se quebrando? Porque no momento da eucaristia o pão é dividido em várias partes e cada pessoa tem apenas uma destas partes. Se formos levar mais a fundo, a divisão é ainda maior, uma vez que a eucaristia ocorre em milhares de igrejas, mosteiros e catedrais espalhadas por toda a Europa. A imagem utilizada por Wycliffe é que, ao se quebrar, o espelho produz uma quantidade maior de faces do que o próprio corpo possuía, que era apenas uma. Desta forma, caso cada uma destas faces fosse real, haveria mais faces presentes nos fragmentos do espelho do que realmente no corpo que antes segurava aquele espelho. Ou seja, se realmente ocorre a transubstanciação, então haveria mais Cristo nos pães e vinhos do que no próprio Cristo.

Mas ao fazer isso Wycliffe também deixa clara a imagem de que aqueles “Cristos” que poderiam estar presentes em cada um dos fragmentos, jamais poderiam ser o mesmo “Cristo” presente de fora, enquanto a figura do homem que segurava o espelho inicialmente. E embora Wycliffe não tenha deixado clara a afirmação a seguir, ela seria lógica ao se utilizar tal comparação metafórica. Assim que o homem se afastasse do espelho fragmentado, ele voltaria a ser apenas espelho, refletindo qualquer coisa que se aproximasse dele, sendo que de nada adiantaria guardar um pedaço de vidro quebrado, se

simplesmente, com isso, se negasse a figura de quem tinha a sua própria imagem refletida neste vidro.

A forma como Wycliffe termina a sua comparação é ainda mais interessante: *“e assim disse Cristo: Toda vez que fizerem essas coisas as façam em minha memória”*. Se até então, embora se utilizasse da mesma figura ele talvez não estivesse respondendo a São Tomás, nesta citação bíblica ele parece estar respondendo diretamente à única argumentação escritural utilizada na Suma para se provar que a transubstanciação realmente ocorria: *“Esse é o meu corpo que será entregue por vós” Cirilo diz: Não podemos duvidar que isso seja verdade, mas devemos pegar essas palavras de fé do nosso Salvador, pois ele é verdadeiro. Ele não mente*⁷¹.

Ao citar *“Toda vez que fizerem essas coisas façam em minha memória”* Wycliffe se utiliza de outras palavras de Jesus que comprovariam que tudo deveria ser feito em memória, como um símbolo, para se lembrar, e não como sendo uma transformação real. Se Jesus é verdadeiro e não mente, então o mesmo princípio seria válido para esta outra frase, de forma que, então, tudo isso seria apenas uma ação memorial.

⁷¹ Questão 75, artigo 1

III.4. Wycliffe e o Poder Papal

R. W. Southern, em seu livro *Sociedade ocidental e a igreja na Idade Média*, chega a definir que “*nunca nenhum outro pensamento ou sistema religioso no mundo foi mais integrado ou elaborado*”⁷² que o da Igreja Medieval de 1300 a 1550. Segundo ele alguns elementos definiam o poder desta igreja.

Primeiramente, mesmo havendo a separação entre Igreja e Estado, havia características que aquela igreja possuía que eram semelhantes a um estado autoritário atual: *desta forma a igreja era uma sociedade compulsória precisamente da mesma forma que o Estado Moderno é uma sociedade compulsória. Assim como O Estado requer de seus membros desde o nascimento sigam suas leis, contribua com o serviço público, sejam subordinados aos interesses comuns e à defesa do Estado, também a Igreja Medieval requer de seus membros desde o batismo, no nascimento, as mesmas coisas.*⁷³

O mesmo autor continua com algumas comparações entre Estado e Igreja, ao ponto de afirmar que a Igreja Medieval teria sido capaz de criar uma espécie de “dinheiro papal”, desejado mais do que qualquer outra coisa em sua época, tratava-se da indulgência e da eucaristia. Segundo ele esse dinheiro poderia até mesmo inflacionar, uma vez que as indulgências começam a ser dadas cada vez mais frequentemente.⁷⁴

Na época de Wycliffe essas características da Igreja Católica rumavam ao seu auge. As cruzadas fortaleceram seu poder, deixando bem claro que a força militar poderia ser adquirida através do poder religioso. A hierarquização da Igreja estava mais estruturada, episódios como a *querela das investiduras*, haviam demonstrado que o poder da Igreja realmente pretendia ser superior ao temporal. Novas ordens religiosas surgidas no século anterior tornavam a mensagem da igreja mais ampla, como a ordem dos franciscanos e dos

⁷² SOUTHERN, R. W., *Western Society and the church in the middle ages*, p.15

⁷³ Idem, p.16

⁷⁴ Idem, p.141 – Segundo ele a primeira indulgência em massa teria ocorrido na primeira cruzada com Urbano II, posteriormente a isso temos a criação dos anos do jubileu onde estas seriam dadas a todos os que peregrinassem a Roma, sendo que cada vez mais formas eram tidas para se alcançar as indulgências, gerando um fenômeno semelhante à inflação e à circulação mais popular do dinheiro em papel em um Estado Moderno.

dominicanos, a conversão de novos reis pagãos⁷⁵ aumentava os braços papais.

Ao mesmo tempo a criação da ordem franciscana trazia uma visão intensamente conflitante com o status quo da Igreja, que se manifestava em divisões dentro da própria ordem. As heresias populares se espalhavam cada vez com mais força. O poder papal temporal e sua riqueza material eram contestados por muitos.

Wycliffe está imerso neste universo tenso e rico culturalmente onde a Igreja busca formas de manter e ampliar seu poder, ao mesmo tempo em que, ao contrário das primeiras cruzadas, desta vez a Igreja enfrenta dentro de si, e não fora, seus piores inimigos. O Tribunal do Santo Ofício, o *Manual do Inquisidor de Bernardo Gui* e o IV Concílio de Latrão demonstram essa preocupação em afirmar e manter o poder papal sobre todo o cristianismo católico (universal).

A inquisição medieval, por exemplo, ao contrário da inquisição moderna, não está centrada em um poder monárquico centralizado forte, muito embora conte com o apoio do poder secular, ela é independente do mesmo⁷⁶. Uma vez que a igreja possuía grande poder secular, os membros de sua alta hierarquia controlavam, em grande parte o poder secular, então, a inquisição visava estabilizar esse poder, garantindo que o papado tivesse garantia do controle do mesmo, tanto por parte de algum membro da alta hierarquia que se desviasse da ortodoxia, como algum movimento popular que se tornasse forte o suficiente para se opor a esse poder⁷⁷.

O IV Concílio de Latrão, por sua vez, estabelece a *Confirmatio Constitutionum*, garantindo imunidade à Igreja, estabelecendo-a por superior ao poder secular no que diz respeito a julgamentos e leis⁷⁸. Este concílio pode ser marcado como o mais importante de toda a Idade Média por ter sido o marco da centralização do poder eclesiástico na figura do pontífice, permitindo um

⁷⁵ Tail como Estevão I da Hungria, que introduz o catolicismo em seu reino e é considerado um dos grandes santos deste país, até hoje, em conjunto com seu filho, Santo Américo.

⁷⁶ PETERS, Edward, *Inquisition*, p.123

⁷⁷ GIVEN, James Buchanan, *Inquisition and medieval society: power, discipline, and resistance in Languedoc*, p.6

⁷⁸ EVANS, John, *The statutes of the fourth general council of Lateran*, p.49

controle direto de cada bispo e cada catedral, cada igreja colegiada e cada ordem monástica⁷⁹.

A questão do poder papal é praticamente inesgotável, para tanto será necessário estabelecer alguns limites ao seu estudo. Serão estabelecidos como documentos principais que demonstrem o pensamento católico papal na época de Wycliffe: Os concílios ecumênicos realizados de 1215 a 1432, algumas bulas papais de relevância, como a *Bula Unam sanctam* de 1302, O *Manual do Inquisidor* de Bernardo Gui. Como contrapontos de referência importantes do período anterior teremos a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino e o *Concílio de Trento* de 1563, que distam cronologicamente de Wycliffe.

Como principais obras de Wycliffe teremos *The Wicket*, pelos motivos já explicados durante o restante do trabalho, além de *How men ought to obey prelates*, *The Rule and Testament of Saint Francis*, *Of Prelates*, *Speculum de Antichristo*, *Of Clerks possessioners*, *Three Things destroy this world*, *Oficio Pastoralis* e *De Papa*.

III.4.A. Definição de poder papal pela Igreja Católica

A bula *Unam Sanctam* foi assinada em 1302, pelo papa Bonifácio VIII, por ocasião de um conflito com Felipe IV, rei da França⁸⁰. Ela é um dos principais documentos em favor não somente da unidade da Igreja, mas do poder papal e da salvação exclusiva de quem obedece a esse poder, afirmando que toda a realeza viria apenas do poder eclesiástico, uma vez que fora dele o pecado gerava morte⁸¹. Segundo algumas interpretações desta bula, o mundo governado pelo poder espiritual, uma vez que este conseguisse vencer os conflitos com o poder temporal, seria uma prévia do “milênio” citado no Apocalipse, onde haveria plena paz com a prisão de Satanás, e um paraíso reinaria sobre a terra.⁸²

⁷⁹ LOGAN, F. Donald, *A history of the church in the Middle Ages*, p. 193

⁸⁰ SOUZA, José Antônio de C. R. & BARBOSA, João Morais, *O reino de Deus e o reino dos homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média*, p.178

⁸¹ DENZINGER, Heinrich & HUNERMANN, Peter, *Kompendium der Glaubensbekenntnisse und kirchlichen Lehrentscheidungen*, p.305

⁸² SCHULER, Oswaldo, *John Wyclif e a dissolução do universalismo medieval*, p.36

Este poder secular, centralizado da igreja, hierárquico e tendo o pontífice como seu “único piloto” seria, em essência, a oposição dos ensinamentos de Wycliffe, ou, sob outro prisma, exatamente o que ele considerava como a igreja dos papistas:

Segue o texto da bula Unam sanctam:

Forçados pela fé nós somos obrigados a acreditar e sustentar a ideia de que a Igreja é apenas uma, Sagrada, Católica e também apostólica. Nós acreditamos nela firmemente e confessamos com simplicidade que fora dela não há nem salvação e nem remissão dos pecados, assim como a esposa nos cânticos proclama: mas uma é a minha pomba, a minha imaculada, a mais querida de quem a deu a luz. E isso representa um só corpo místico de quem Cristo é a cabeça, e a cabeça de Cristo é Deus. Nela está esse único Senhor, única fé, único batismo. Assim como foi na época de Noé uma única arca, prefigurando uma única igreja, como a arca, tendo sido feita em um único côvado, tendo um único piloto e guia. E nós podemos ler isso em Noé, que tudo o que estava fora da arca, na terra, deixou se existir e foi destruído.⁸³

Ora, essa pequena passagem, introdução à bula papal, é riquíssima no que se trata de compreender o poder papal durante a Idade Média e, portanto, compreender as críticas feitas por Wycliffe e suas justificativas contra o poder papal. Dividindo este pequeno excerto em partes temos:

“Assim como a esposa nos cânticos proclama: mas uma é a minha pomba, a minha imaculada, a mais querida de quem a deu a luz.”

Trata-se de uma citação, incompleta, do versículo 9 do 6º capítulo dos Cânticos dos Cânticos:

Sessenta são as rainhas e oitenta as concubinas, e as virgens sem número. Mas uma é a minha pomba, a minha imaculada, a única de sua mãe, e a mais querida de aquela que a deu à luz, vendo-a as

⁸³

Papa Bonifácio VIII, *Bula Unam sanctam*, parte I

filha lhe chamam bem aventurada, as rainhas e as concubinas a louvarão. (grifo nosso)

Primeiramente notamos que o papa Bonifácio VIII omitiu a parte “a única de sua mãe”, talvez justamente por estar utilizando a passagem para colocar a noiva como igreja a se casar com Jesus. Se a mulher citada nos cânticos era a única de sua mãe, então quem poderia ser essa mãe da igreja? Justamente para não suscitar questionamentos como esse a bula omite tal parte da passagem.

Obviamente também é omitida a parte inicial, sessenta são as rainhas e oitenta as concubinas. Como poderia caber a essa comparação, já que estão falando da Igreja enquanto noiva de Cristo, concubinas e rainhas? Quais seriam as concubinas e rainhas múltiplas de Jesus? Aqui, igualmente o melhor seria simplesmente ignorar essa parte. Justamente por isso ignorar a última parte também, uma vez que se não pode citar as rainhas e concubinas não se poderá falar que estas a louvarão.

Quanto à citação de Noé, Temos duas colocações diferentes, primeiramente que a arca tinha sido terminada com apenas uma janela e posteriormente que ela teria um único piloto.

Faze para ti uma arca da madeira de Gofer, farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume. E desta maneira farás, de trezentos côvados o comprimento da arca e de cinquenta côvados a sua largura e de trinta côvados a sua altura. Farás na arca uma janela e de um côvado a acabarás em cima, e a porta da arca porás ao seu lado, far-lhe-ás andares baixos, segundos e terceiros⁸⁴.

No texto bíblico temos a confirmação de que havia uma única janela, mas aparentemente o fato de haver uma única janela de medida de um côvado, não precisa, necessariamente, indicar um único piloto. Na verdade a própria compartimentação da arca poderia indicar divisões e não unidades, apesar de ser uma única arca, ou ainda poderia haver a ideia de que esse um

⁸⁴

Gen, 6, 14-16

piloto fosse Jesus, e apesar dos diversos andares e compartimento da arca todos andavam juntos. Mas obviamente a justificativa eficaz somente poderia ser a ligação entre o papa e esse único piloto, onde a igreja seria essa única arca.

Na verdade a história em si não chega nem mesmo a falar em piloto ou nem mesmo em deslocamento que fosse da arca, nem em lemes ou qualquer elemento que pudesse permitir que ela fosse pilotada. A janela de um côvado aparece apenas nas seguintes passagens:

E aconteceu que, ao cabo de quarenta dias, abriu Noé a janela da arca que tinha feito. E soltou um corvo que saiu indo e voltando, até que as águas secaram de sobre a terra. Depois soltou uma pomba, a ver se as águas tinham minguado de sobre a face da terra.

*A pomba, porém, não achou repouso para a planta de seu pé e voltou a ele para a arca, porque as águas estavam sobre a face de toda a terra e ele estendeu a sua mão e tomou-a e meteu-a consigo na arca. E esperou ainda outros sete dias e tornou a enviar a pomba fora da arca. E a pomba voltou a ele sobre a tarde; e eis arrancada, uma folha de oliveira no seu bico, e conheceu Noé que as águas tinham minguado sobre a terra. Então esperou ainda outros sete dias, e enviou fora a pomba, mas não tornou mais a ele. E aconteceu que no ano seiscentos e um, no mês primeiro, no primeiro dia do mês, as águas se secaram de sobre a terra, Então Noé tirou a cobertura da arca, e olhou, e eis que a face da terra estava enxuta.*⁸⁵

Desta forma, aparentemente a janela serviria para se enviar as aves para saber se a terra estava seca ou não. Se Noé precisou enviar o corvo e depois a pomba para saber se havia terra seca, provavelmente é porque ele não era capaz de olhar por essa janela e enxergar o horizonte, senão ele mesmo, com seus próprios olhos, poderia saber se há terra seca ou não. Desta forma não se pode manter a justificativa de que a arca de Noé tinha um único piloto que não fosse o próprio Deus.

Interessantemente a comparação de uma única igreja enquanto uma única arca, e esta arca ter de possuir um único piloto que seria o papa, é

⁸⁵

Gen 8. 6-13

semelhante às ideias utilizadas posteriormente por filósofos absolutistas para justificar o poder real, como no caso, por exemplo, de *O Leviatã*, de Thomas Hobbes, onde o Estado é comparado a um grande corpo formado por todos os moradores do reino, mas que teria uma única cabeça para comandar todo o corpo, que seria o rei. Reforçando a ideia apresentada pelos autores citados acima que fazem uma relação entre a Igreja e os estados modernos, como se a Igreja tivesse sido o primeiro poder centralizador, ainda na Idade Média.

A Bula *Unam sanctam*, continua demonstrando como esse poder desta única Igreja deveria ser exercido: “*De acordo com a ordem do universo, todas as coisas não são mudadas de sua ordem igualmente e imediatamente, mas as menores são postas sob as intermediárias, e as inferiores sob as superiores. Assim nós devemos reconhecer claramente que o poder espiritual é maior em dignidade e em nobreza do que qualquer poder temporal, assim o poder espiritual é supremo ao temporal. (...) Pertence ao poder espiritual estabelecer o poder terrestre e julgar se ele não for bom.*”⁸⁶

Estabelecendo essa ordem divina a única Igreja, que está sob comando de um único navegador, o papa, é suprema a todos os reinos e impérios. Sendo assim o papa tem o poder supremo sobre qualquer rei ou imperador. Mais do que isso, ele teria o poder de estabelecer o poder na terra e o julgar, podendo, portanto, condená-lo.

Essa capacidade de definir regras, definir os governantes e julgá-los, e todos esses poderes sob uma única pessoa, é muito semelhante ao poder dos reis absolutistas do século XVI, que podiam criar leis, decretos, julgar e condenar ao seu bel prazer.

Assim o poder terrestre será julgado pelo poder espiritual, um pequeno poder espiritual será julgado por um poder espiritual superior, mas o maior dos poderes espirituais somente poderá ser julgado por Deus, e nunca por homem nenhum, de acordo com o testemunho do apóstolo: O homem espiritual julga bem todas as coisas, mas ele não é julgado por ninguém. Essa autoridade, entretanto, não é humana, mas é

⁸⁶PAPA BONIFÁCIO VIII, *Bula Unam Sactam*, par. 4

*divina, garantida a Pedro pela palavra divina e reafirmada, a ele e a seus sucessores, pelo próprio Jesus, a quem Pedro confessou, o próprio senhor disse a Pedro: O que quer que você ligar na terra será ligado também nos céus. Portanto qualquer um que resistir a essa poder ordenado por Deus, resistirá à própria ordem de Deus, a não ser que ele invente, como os maniqueístas, dois princípios, o que é falso e julgado como herético (...). Além disso declaramos e proclamamos, definimos que é absolutamente necessário para a salvação que cada ser humano seja totalmente sujeito ao Pontífice Romano.*⁸⁷

Ora, o maior dos poderes espirituais que somente poderá ser julgado por Deus é o próprio Papa. Sendo assim ele tem o poder de julgar qualquer rei, qualquer imperador, de fazer com que estes cumpram suas ordens e vontades. Tem o poder de julgar qualquer líder espiritual menor, como um bispo ou cardeal ou padre, mas não poderá jamais ser julgado por ninguém. Somente o próprio Deus poderia julgar o papa, assim sendo, nenhum outro ser humano poderia julgá-lo ou a nenhuma de suas ações, apenas obedecê-lo.

Também é feita a ligação de que qualquer um que desobedeça, ou mesmo julgue ao papa, terá desobedecido ao próprio Deus e suas ordens. As citações utilizadas para justificar esse poder foram retiradas de diversas passagens do novo testamento: *O que quer que você ligar na terra será ligado também nos céus.*

O contexto de tal citação seria:

E chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipo, interrogou aos seus discípulos dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? E eles disseram: Uns João Batista, e outros Jeremias ou um dos profetas. Disse-lhe ele: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro respondendo disse: Tu és o Cristo, filho do Deus vivo.

E Jesus respondendo disse-lhe: Bem aventurado és tu, Simão filho de Jonas porque não foi a carne e o sangue que lhe revelou isso, mas meu Pai que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre essa pedra edificarei minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus

⁸⁷

Idem, par. 5

*e tudo que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.*⁸⁸

Embora não fique claro se o poder dado a Pedro poderia ser passado a outras pessoas ou se essa igreja que estava sendo criada tinha apenas um único líder, que seria o papa, o poder de ligar e desligar as coisas terrenas do céu parece bem claro, de onde esta é a principal citação a ser utilizada pela Igreja Católica nos séculos posteriores, e mesmo na época da reforma, para justificar seu poder. Obviamente a passagem não possui uma justificativa teológica tão elaborada quanto a *Unam sanctam*, mas neste ponto não lhe parece ser contraditória.

A continuação da citação feita é retirada da epístola de Paulo aos Romanos: *Portanto qualquer um que resistir a esse poder ordenado por Deus, resistirá à própria ordem de Deus*. A citação completa seria:

*Toda alma está sujeita aos poderes superiores, porque não há poder que não venha de Deus, e os poderes que existem foram ordenados por Deus. Por isso quem resiste ao poder resiste à ordenação de Deus e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer o poder, faze o bem e terás o seu louvor.*⁸⁹

Apesar da citação servir de embasamento para a bula, o seu contexto parece muito mais ligado à questão dos magistrados, dos juízes, do que do poder religioso instituído, o qual na verdade perseguia os primeiros cristãos, seja na sua vertente judaica, ou seja na figura dos romanos. Seja como for, a questão ainda se finaliza com “faze o bem e terá o seu louvor” a definição deste bem, entretanto, não está presente aqui nem na Epístola aos Romanos, podendo ser utilizada como simples obediência ao papa. Ainda que outras cartas de Paulo pudessem dar a entender o contrário, como a dirigida aos Gálatas:

⁸⁸ Mt 16, 13-20
⁸⁹ Rm, 13, 1-3

“Mas o fruto do Espírito é o amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé mansidão e temperança. E contra essas coisas não há leis.”⁹⁰

A finalização da Bula Unam sanctam resume basicamente tudo o que já havia sido dito até então: *“Além disso declaramos e proclamamos, definimos que é absolutamente necessário para a salvação que cada ser humano seja totalmente sujeito ao Pontífice Romano.”*

Apesar da eminência do poder papal, muitos autores chegam a defender que o grande poder seria o papado em si e não a própria pessoa do papa. Uma vez que a hierarquização da Igreja já estava tão estabelecida, ainda que o papa nada fizesse, o papado, enquanto cúpula da igreja influenciando uma pessoa na figura de papa, poderia continuar tomando todas as decisões e mantendo o poder da Igreja em si.⁹¹ Ou seja, o que seria forte em si seria não somente o papa, mas a cúpula eclesiástica, ou a escola dos cardeais, podendo estar ou não submissa a um sumo pontífice.

Seriam três as principais formas pelas quais a Igreja exerceria o seu poder⁹². Primeiramente através das indulgências, dadas largamente como moeda clerical, alegrando ao povo, garantindo a sua presença nos lugares e cumprindo as tarefas que lhe fossem pedidas, desde uma guerra como as cruzadas, a uma peregrinação a Roma, à presença regular nas igrejas. Além disso, pelo poder da excomunhão, ou seja, o poder dado ao papa, segundo vimos, pela Bula Unam sanctam, de desligar qualquer pessoa do céu. Usando a metáfora da arca de Noé, a capacidade do papa de expulsar qualquer pessoa da arca, deixando que esta morresse afogada fora da Igreja, a única fonte de salvação. E como terceiro ponto a eucaristia, na qual ocorreria a transubstanciação do pão e vinho em corpo e sangue de Cristo, dando à Igreja Católica o monopólio do produto mais importante de toda a Idade Média. Este

⁹⁰ Gl 6, 22-23

⁹¹ SOUTHERN, R. W, *Western Society and the church in the middle ages*, p.135-137

⁹² Idem, p.137

último foi mais trabalhado em um capítulo anterior. Então aqui o foco estará sobre a excomunhão e sobre as indulgências.

Egídio Romano⁹³, aluno de S. Tomás de Aquino e um dos importantes pensadores que auxiliam na estruturação do poder clerical defende: *Esta é pois a ordem das coisas: O poder do Sumo Pontífice domina as almas, as almas devem de direito dominar os corpos, (...) já as coisas temporais sujeitam-se aos corpos (...) Assim entendemos que o poder do Sumo Pontífice não pode ser reduzido, não pode ser diminuído, mas existe universalmente sobre tudo e sobre todos.*⁹⁴

Ou seja, o poder do papa era tão natural, como, por exemplo, na atualidade, consideraríamos natural a lei da gravidade. Ele ocorreria independente da vontade das pessoas, independente das contestações, independente do conhecimento das pessoas. Além de natural, tal poder seria eterno, nada nem ninguém poderia escapar desse poder em si.

⁹³ Egídio Romano é um dos maiores comentadores de Aristóteles na Universidade de Paris na segunda metade do século XIII, Egídio, apesar de seguir um aristotelismo medieval, não é simplesmente um perpetuador das ideias de São Tomás de Aquino, pelo contrário, ele chega a contradizer alguns de seus argumentos propondo análises diferenciadas de algumas interpretações aristotélicas, como por exemplo a separação da ideia de essência e existência. Versado em filosofia natural e em teologia, Egídio Romano enverada pelo lado das argumentações políticas acerca do poder papal, em especial no que diz respeito à separação de poder temporal e poder religioso tendo por base a separação de corpo e alma, e a submissão do poder temporal ao religioso assim como o corpo é submetido à alma.

⁹⁴ ROMANO, Egídio, *Poder Eclesiástico*, Livro 2, Capítulo IV

III.4.B. Definir o foco de Acusação de Wycliffe (Um ou mais papas específicos ou o papado em si).

O papa agora é o mesmo e o sumo pontífice é o mesmo que existiu no tempo de Pedro, assim como o povo romano de agora é o mesmo que existe já há mais de mil anos, e também o Tibre é o mesmo rio que existiu desde o princípio. Os homens sim são diferentes, porque os que constituem o povo romano passam e tornam a passar, mas o povo romano continua o mesmo. Assim também a água flui e reflui, contudo o rio romano é sempre o mesmo, porque formalmente é sempre o mesmo, embora não o seja materialmente, porque a água, que é a matéria deste rio, está sempre fluindo e refluindo, e é ora uma, ora outra. (...) Assim também o sumo pontífice é sempre o mesmo, embora nem sempre seja o mesmo homem que constitui esse ofício.⁹⁵

O termo “Igreja Católica” praticamente não aparece na obra de Wycliffe. Normalmente ele utiliza o termo *papista*⁹⁶ para definir os seguidores do papa, e o termo *verdadeiros cristãos* para definir aqueles que são cristãos e não seguem ao papa⁹⁷. Então há aqui uma dúvida inicial. Acaso Wycliffe estava fazendo acusações específicas ao papa vigente em sua época, ou a toda a instituição da Igreja Católica?

Em 1380, ano provável de publicação do *The Wicket*, o papa era Urbano VI, tendo assumido o papado dois anos antes em 1378. Tendo em vista que o conclave que elegera Urbano VI foi um dos mais complicados da história, e também um dos mais curtos⁹⁸, poderíamos entender que Wycliffe via a questão dos “papistas” versus “cristãos” como algo específico deste papa. No mesmo ano da eleição de Urbano VI, cardeais franceses se negam a aceitar a eleição do papa e elegem um novo papa, Clemente VII. Desta forma ocorre o chamado

⁹⁵ ROMANO, Egídio, *Poder Eclesiástico*, Livro 2, Capítulo IV

⁹⁶ Embora também haja referências como seguidores do anticristo, prelados do anticristo, etc.

⁹⁷ Ou, ao menos, mesmo que não se oponham oficialmente ao papa e não se declarem abertamente contra a idéia de segui-lo agem conforme os ensinamentos de Cristo deixando as ordens do papa como secundárias. E em caso de conflito entre uma ordem do papa e o exemplo de Cristo não se deixam levar por esse questionamento pois já sabem de antemão a necessidade de seguir o exemplo de Cristo acima de qualquer poder hierárquico.

⁹⁸ Ele foi eleito em 8 de abril de 1378, apressadamente pelos cardeais reunidos em Roma, que visavam eleger um papa antes que os cardeais que estivessem em Avignon pudessem fazê-lo.

Cisma do Ocidente⁹⁹, onde a Igreja Católica fica dividida entre dois papas. Enquanto Escócia, França, Aragão, Navarra, Castela e Portugal seguem a Clemente VII, Flandres, as cidades italianas e a maior parte do Sacro Império Romano Germânico, seguem Urbano VI.

Uma época controversa, de dois papas, parece ideal para que haja críticas audazes dos seguidores de um papa em relação ao seu opositor¹⁰⁰. Desta forma as críticas de Wycliffe ao papado poderiam estar inspiradas por esses acontecimentos e se referir, portanto, a uma situação específica e não ao papado e institucionalização da Igreja Católica em si. Essa tese poderia ser reforçada pelo *De Officio Pastoralis*, onde Wycliffe faz uma crítica específica à divisão da igreja decorrente do papado de Avignon¹⁰¹. Contudo, tal afirmação seria insustentável devido a uma série de fatores. Primeiramente em nenhuma das obras estudadas de Wycliffe ele faz menção específica a nenhum papa¹⁰², e ele já havia criado o termo papista antes¹⁰³ da publicação do *The Wicket*. Sendo assim o papado de Avignon era apenas uma manifestação da não santidade do papado em si, seja ele romano ou francês, e não o fator gerador dos pensamentos de Wycliffe. Igualmente, já na época de Gregório XI, predecessor de Urbano VI, Wycliffe já havia se posicionado várias vezes contra

⁹⁹ Alguns autores, como Carter Lindberg, em *The European Reformations*, define o Cisma do Ocidente como sendo um dos processos de reforma da Igreja, e não somente uma das causas de uma reforma que só viria no século XVI.

¹⁰⁰ Diversos autores defendem a teoria de que na época do cisma o mais provável era acreditar que esse cisma se encerraria com a morte de um dos papas, levando assim a um concílio unificador. Não parecia ser possível crer que esse cisma criaria décadas de papado dividido e duas linhagens papais distintas. Temos, por exemplo, Philip H. Stump em *The reforms of the Council of Constance, 1414-1418*, a defesa da ideia de que o Concílio de Constança, que põe fim à essa divisão da Igreja, poderia e deveria ter ocorrido anos antes, caso houvesse a ideia de que a cisão fosse mais permanente, quando enfim, após o Concílio de Pisa, descobriram que “o monstro do Cisma não iria morrer de causas naturais” (p. XII) Já Patrick Granfield, em *The Papacy in transition*, define que o ano de 1378, assim como o Concílio de Constança em 1414 definiu não só o futuro da Igreja Católica, mas especialmente marcou quais seriam os reais poderes e funções de um papa, uma vez que o colegiado de cardeais, no Concílio de Constança, acaba assumindo o poder acima dos 3 vigentes de sua época.

¹⁰¹ Capítulo 32

¹⁰² Obviamente essa afirmação deve ser compreendida dentro da ideia de que, ao falar sobre os papistas e sobre a ligação da Igreja Católica com o anticristo, Wycliffe não faz menção específica a nenhum papa, não havendo uma relação clara entre essa acusação e um dos dois papas do cisma. Obviamente em situações específicas Wycliffe faz menções, tanto a papas mais antigos, como Silvestre, como inclusive a papas contemporâneos a esse, entretanto neste último caso essas menções se referem a respostas específicas de acusações que Wycliffe sofreu, e não enquanto a associação da figura destes com as suas teorias a respeito do poder papal.

¹⁰³ Devido a ampla perseguição sofrida pelos seguidores de Wycliffe, tanto no final do século XIV como no início do século XV é difícil definir com precisão as datas de publicação de cada uma de suas obras, enquanto algumas possuem datas muito claras, como *The Wicket* outras, como os comentários ao testamento de São Francisco, não possuem datação precisa. Sendo assim não é possível determinar qual a obra mais antiga de Wycliffe a se utilizar do termo *papista*.

decisões papais. Sendo que a primeira destas vezes teria ocorrido em 1366, ainda no pontificado de Urbano V, por motivos relacionados a impostos, tendo este auxiliado o parlamento inglês na defesa do não pagamento à Igreja.

Desta forma podemos concluir que a crítica de Wycliffe é referente ao papado em si e não a papas específicos de sua época. Isso deve ser ainda reforçado pelo fato de, mesmo papas considerados oficialmente santos pela Igreja Católica, são criticados por Wycliffe, como é o caso de Silvestre, que, segundo ele, teria sido um dos principais marcos da deterioração das ideias de Jesus dentro da Igreja. Sendo assim podemos definir que a questão não é nem somente a decadência de um papado que estaria ocorrendo nas últimas décadas, mas a própria ideia do papado em si era pejorativa para Wycliffe.

III.4.C. Argumentação de Wycliffe.

Provavelmente a obra de língua inglesa que tem a melhor desenvoltura argumentativa é *Of the Leaven of Pahrisees*. Wycliffe utiliza a figura dos fariseus para explicar a igreja de seu tempo:

Cristo ordenou a seus discípulos e a todos os cristãos que entendessem e fugissem das palavras dos fariseus, que eram a hipocrisia. Os primeiros fariseus eram homens de fundamento religioso singular, e pecadores. Ensinavam além da palavra de Deus que é o que está escrito. E na época de Jesus eles estavam divididos em três ordens, Fariseus, Saduceus e Essênios¹⁰⁴. (...) Eles eram poderosos inimigos de Cristo e de sua lei, desviando as pessoas de Deus por sua hipocrisia, e eram cheios de avareza. Desta forma São João Batista e Cristo os chamaram de hipócritas e serpentes ardilosas, e Jesus os amaldiçoou oito vezes como dizem os evangelhos. Mas Jesus amava e salvou alguns destes homens, como Nicodemos e Paulo, pois a eles foi dada a ordem de se libertar pelo evangelho e Deus destruiu aquelas ordens, como a Bíblia nos diz.

¹⁰⁴ O termo “essênio” não aparece nos relatos bíblicos e é incomum entre os argumentos cristãos da época. O mais provável é que este termo indica que Wycliffe tenha, de alguma forma direta ou indireta tido contato com a obra “Guerras Judaicas” de Flávio Josefo, onde este historiador judeu na época do Império Romano descreve essas três correntes de pensamento dentro do judaísmo da época de Jesus.

*E hoje, nossas novas ordens religiosas produzem os mesmos pecados, a mesma avareza e hipocrisia. Esforçam-se contra a liberdade do evangelho, a vida de Cristo e seus apóstolos, eles foram então amaldiçoados por Deus e deve-se trazer à tona a sua ordem doentia e de homens pecadores, trazer todos à clareza do evangelho e liberdade da lei de Cristo(...).*¹⁰⁵

Wycliffe utiliza vários elementos comparativos para ligar os fariseus à Igreja Católica. Primeiramente o profundo conhecimento religioso. Os fariseus são sábios religiosos judeus, que acreditavam não somente na Torá escrita (livros do Gênesis, Êxodo, Levítico, Deuteronômio e Números), mas também na chamada Torá oral, um conjunto de ensinamentos que Deus teria passado ao povo hebreu enquanto caminhava com esse na fuga do Egito e no deserto do Sinai. Este conhecimento teria sido passado de geração em geração e posteriormente na Idade Média compilado no Talmude¹⁰⁶ e coletâneas de Midrashim¹⁰⁷.

Assim sendo o profundo conhecimento religioso é unido à utilização não somente do texto sagrado escrito, mas uso da tradição oral. Uma vez que a Igreja Católica se coloca na condição de possuidora de uma tradição que se mantém na igreja institucionalizada e que guia esta igreja. Os fariseus tinham como principal diferença dos saduceus, outra corrente de pensamento da época de Jesus, a crença na tradição oral, enquanto os últimos a negavam, crendo apenas estritamente no que estava escrito na Torá.

Wycliffe compara a avareza dos fariseus com a avareza dos religiosos de sua época. Tal comparação não é completamente perfeita. Na verdade ele se utiliza muito mais de um estereótipo criado em sua época, do judeu

¹⁰⁵ WYCLIFFE, John. *Off the Leaven of Pahrisees*, cap. 1

¹⁰⁶ O Talmude possui essencialmente duas partes, a *Mishná* que seria o compêndio das leis orais, compiladas de forma escrita por volta de 200DC e a *Guemará* que é a discussão da *Mishná* sendo esta parte compilada por volta de 550DC. Igualmente existem duas compilações distintas do mesmo, o *Talmude Yerushalmi* compilado nas proximidades de Jerusalém, sendo que esta compilação é um pouco mais antiga, sendo datada do final do século IV, enquanto a outra compilação, o *Talmude Bavli* produzida na Babilônia, tendo sua data final de produção o século VI ou VII.

¹⁰⁷ O termo *midrashim* é o plural de *midrash*, sendo um conjunto de interpretações exegéticas, com certa liberdade literária, dos livros da Torá, sua produção inicia-se no século I e a primeira importante coletânea das mesmas é o *Midrash Rabbah* que inicia-se pela produção do *Bereshit Rabbah* (Coletânea de *midrashim* referentes ao livro do gênesis – *Bereshit*) no século VI e é composto por várias outras coletâneas individuais, como *Shemot Rabbah*, referente ao livro do Exodus e *Vayyiqra Rabbah* referente ao livro de Levítico.

avarento, do que realmente de pesquisas sobre os fariseus. A prova disso é que segundo o seu texto os fariseus se dividiriam em três grupos, entre os quais estavam presentes os próprios fariseus, os saduceus e os essênios. Então podemos entender que ele utiliza o termo “fariseu” não somente para falar da corrente dos fariseus, mas para definir judeus em geral. Desta forma transpondo o estereótipo criado do judeu avarento para os membros da própria igreja¹⁰⁸.

Wycliffe faz questão de definir os três “tipos” de fariseus, entretanto em momento algum em todo o decorrer do texto ele irá voltar a falar especificamente dos saduceus ou dos essênios. Fica então a dúvida de porque citar uma divisão que não se pretende aprofundar. Especialmente quando se leva em conta que embora os fariseus e saduceus estejam presentes na Bíblia e sejam então de maior conhecimento dos estudiosos de sua época, o grupo dos essênios¹⁰⁹ não era de conhecimento do senso comum por não ser citado em nenhum dos livros da bíblia.

Talvez Wycliffe pretendesse falar posteriormente sobre essa divisão em outros estudos e apenas introduzia a ideia, tendo em vista que este é um de seus últimos trabalhos. Porém isso não é certo. O fato é que a única real comparação que feita é que, assim como a Igreja Católica se dividia em várias ordens, e que nem todas essas existiam há muito tempo, também os “fariseus” ou judeus, dividiam-se em várias ordens que surgem em momentos diferentes da história.

Caso a comparação fosse aprofundada, talvez Wycliffe pudesse ligar a ordem franciscana com os essênios, por seu apego à pobreza, vida fora dos grandes centros urbanos, regras relacionadas a se livrar as posses materiais, vestimentas rudimentares, etc. No entanto tal possibilidade é apenas especulativa¹¹⁰.

¹⁰⁸ Muito embora, parte deste esteriótipo esteja contido na própria Bíblia, como no fato de Judas ter traído Jesus por 30 moedas de prata ou o comércio feito no Templo, certamente apenas com base nos textos bíblicos seria impossível estabelecer um esteriótipo como esse, de modo que, muito provavelmente, Wycliffe recebeu influências externas ao texto bíblico para criação deste esteriótipo.

¹⁰⁹ O termo “essênios” também pode se referir aos sectários de Qumran, conforme demonstrado por Clarisse Ferreira da Silva em *O Comentário (Peshar) de Habacuc, A Comunidade de Qumran reinterpreta o passado*.

¹¹⁰ E para tanto seria necessário fazer a divisão entre os franciscanos e os espirituais franciscanos que faziam oposição aos mesmos.

Outra curiosidade deste texto de abertura é o fato de Wycliffe dizer que São João Batista e Jesus chamaram os fariseus de hipócritas e de serpentes ardilosas. Uma vez que Jesus os havia chamado de hipócritas, qual a necessidade de que ele citasse João Batista, uma vez que Jesus seria o próprio Deus e que sua decisão e julgamentos seriam, portanto, incontestáveis? Aparentemente o motivo pela citação de João Batista é justamente o mesmo argumento citado acima. Se Jesus é considerado o próprio Deus, então ele teria o direito de julgar a instituição religiosa vigente de sua época, mas isso não daria a um simples homem tal poder de julgamento. Mas, quando Wycliffe cita que não somente Jesus, mas também João Batista havia realizado tal ato, colocando inclusive o nome de João Batista na frente, Wycliffe demonstra que não somente Jesus havia julgado, mas que também seus seguidores, ou os seguidores de Deus¹¹¹, também haviam percebido os erros nos fariseus e alertado a todos. Obviamente há então a identificação de Wycliffe com o próprio João Batista¹¹².

Wycliffe, na continuação do texto, fala por três vezes seguidas da *liberdade* do evangelho, ou então *liberdade* da lei de Cristo. De que liberdade ele estaria falando?

Uma das grandes discussões de Jesus com os fariseus, segundo os quatro evangelhos, era a questão da lei. Jesus realizava curas no sábado e era criticado por isso, ao que respondia que os fariseus eram hipócritas. Igualmente a questão do local de adoração, quando perguntado se o local certo de adoração era o Templo, reformado com a ajuda de Roma, ou se eram os lugares altos, Jesus respondia que haveria um tempo e que esse tempo era agora, onde os verdadeiros adoradores adorariam em espírito e verdade. Por fim, temos na Torá 613 mandamentos presentes. Estes ainda possuem seus diversos desdobramentos, mas Jesus vai em caminho inverso, resumindo

¹¹¹ Uma vez que João Batista não é propriamente seguidor de Jesus.

¹¹² Neste ponto é importante ressaltar que Wycliffe está fazendo uma relação de continuidade, onde ele pertenceria a uma mesma linha de ação de João Batista, ou, conforme podemos perceber mais adiante, uma mesma linha de ação onde estariam diversos outros profetas e santos. Não sendo assim uma relação específica entre João Batista e Wycliffe pontualmente. Ou seja, assim como João Batista era verdadeiro adorador de Deus e denunciava a hipocrisia dos falsos religiosos de sua época, também Wycliffe sendo verdadeiro adorador de Deus deveria denunciar a hipocrisia dos falsos religiosos de sua época.

todos os mandamentos em dois: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo¹¹³.

Desta forma a liberdade dada por Jesus seria a liberdade de não se guiar pela lei como um código de pontos específicos, mas como um princípio, o amor. Sendo assim haveria esta outra semelhança entre os fariseus que são criticados por Jesus e os religiosos da época de Wycliffe, se preocupam com as leis, detalhes destas leis, e não com a essência do cristianismo em si. Veja que Wycliffe fala em “*e mais caridosa forma, pois Jesus a fez e nos deu através de sua nova lei.*” Ou seja, o foco realmente é a nova lei do amor.

Continua o texto:

Blasfêmia, pois esses novos religiosos pecam ao dizer que Jesus não deveria, não poderia ou não iria ensinar os cristãos qual a melhor religião, pela qual pudessem chegar ao paraíso. Se assim fosse ou Jesus não seria Deus, ou Ele não traria seu amor. E desta mesma forma eles pecam ao dizer que um pecador idiota era mais sábio e cheio de caridade do que Jesus Cristo, dizendo que este pecador idiota tem e vive uma religião melhor do que aquela que viveu o nosso senhor Jesus Cristo, o todo poderoso. A hipocrisia é a quebra de tudo o que é sagrado, pois ela não se lança diante de Deus, assim a hipocrisia é totalmente contrária a Cristo, pois ela é lançada como se fosse o próprio evangelho sendo ensinado, mas é o mais comum e maldoso de todos os pecados.

Ora, neste momento a discussão deixa de ser teológica. Não importa mais se é permitido ou não pela Bíblia a riqueza da igreja, não importa mais se o papa é infalível ou não, ou se ele deveria ou não estar no controle de toda a igreja. Wycliffe não entra em confronto com os ensinamentos e bulas papais, ele usa a própria figura de Cristo para que a simples justaposição destas duas figuras, Jesus e o Papa, criem uma dicotomia facilmente visível. E apenas deixa claro às pessoas que o lêem qual o resultado de preferirem a figura papal à figura de Jesus.

¹¹³ Aqui pode haver algumas pequenas variações. Segundo Lucas 10, 27 temos “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” e ainda, segundo o presente em João, 13, 34 temos a ideia de amar o próximo como Jesus amou as pessoas

Se Jesus realmente era Deus, se Ele realmente, portanto, tinha todos os atributos divinos, onisciência, onipotência e onipresença, então seria impossível que isso coexistisse com a Igreja Católica conforme esta se punha e, especialmente seria impossível que isso coexistisse com o papa da forma como este vivia¹¹⁴. Jesus vivia no meio dos pecadores e dos pobres, Jesus não tinha posses, não vivia com roupas luxuosas ou com livros caros. Ele tampouco vivia no Templo, o texto sagrado aponta duas únicas vezes onde Jesus teria ido ao Templo, uma delas quando criança e outra quando pegou o chicote para expulsar os mercadores que faziam comércio em nome de Deus.

Ora, essa justaposição de figuras deixava o papa em uma situação de difícil defesa. Especialmente, pois Wycliffe já prevendo possíveis respostas já se antecipa a elas. Caso fosse feito o argumento que na época de Cristo a igreja ainda era pequena e pobre, mas que com o tempo ela deveria crescer e que o tamanho da igreja no século XIV seria um exemplo do poder de Cristo. Isso já estava rebatido com o atributo “*não poderia*” utilizado, se Jesus realmente desejava que a igreja crescesse em riqueza e em rituais, então porque Ele em seu infinito poder não levou essa riqueza aos seus contemporâneos? Outro argumento é que na verdade o culto prestado pelos primeiros cristãos era muito simples, mas que com o passar do tempo e sob orientação divina conseguiram evoluir o culto ao patamar que se encontrava no século XIV. Mas Wycliffe responde isso com o atributo “*não iria*”. Se realmente a forma perfeita da religião era a atual (século XIV) e não a da época de Jesus, então por que motivo ele não iria ensinar a forma correta de uma vez? Por que permitir que os primeiros cristãos prestassem um culto menos eficiente e defectivo para que esse só fosse melhorado no decorrer dos séculos? E por último poderia ser utilizado o argumento que Jesus queria que os homens fossem aprendendo pouco a pouco como seria o melhor culto, por isso mesmo podendo dar a eles as condições materiais e mesmo podendo ensinar, não gostaria de ensinar. Entretanto isso é respondido pelo atributo “*não deveria*”, afinal por que motivo Jesus não deveria ensinar a religião correta? Porque motivo ele deveria ensinar algo defectivo? Para responder a isso seria

¹¹⁴ É importante destacar que isso não vai contra a existência de um sumo pontífice, apenas contra as atitudes dos papas de sua época. A origem da contextualização de Wycliffe a ideia de um sumopontificado está em outras passagens.

necessário que a Igreja Católica admitisse que coisas novas foram criadas após Cristo para tornar o culto mais perfeito, mas isso demonstraria que adições foram feitas, logo o culto foi modificado.

“Se assim fosse ele não seria Deus ou não teria o seu amor”. Ou seja, a única forma de justificar tal comportamento de Jesus seria que ele não tivesse os atributos de Deus, logo não saberia qual o melhor culto, e assim sendo realmente a Igreja Católica poderia ter sido inspirada por Deus posteriormente para melhorar o que Jesus teria falado, entretanto isso seria a própria negação da fé católica que se baseia na divindade de Jesus. Ou então teriam de admitir que Jesus não agia pelo amor ao ensinar algo de forma parcial ou incompleta, porém isso também iria completamente contra a base da fé católica, que é baseada não somente na divindade de Cristo, mas também na ideia de que Deus por amar o mundo de tal forma deu o seu filho a nós¹¹⁵.

Por último, ao colocar lado a lado a figura do papa (pecador idiota) e Jesus, Wycliffe dá sua cartada final. Quando dizem que a forma do culto da igreja atual (século XIV) é melhor do que a dos primeiros cristãos, isso em si já é um pecado. Pois, ou o papa teria de ser mais sábio do que Jesus para conseguir instruir os homens a um culto mais perfeito do que o que Jesus instruiu, ou então o papa teria de ser mais amoroso, uma vez que Jesus mesmo sabendo o culto perfeito não o haveria ensinado, e agora, o papa, mais amoroso ou mais sábio que Jesus o estaria ensinando. Obviamente ambas as afirmações são absurdas mesmo ao maior dos seguidores do papa, que apesar de sua infalibilidade jamais poderia se declarar maior do que Jesus. E a única forma de negar tal comparação seria dizer que o culto na época de Jesus era, portanto, mais perfeito que o culto medieval. Isso logo recairia em uma nova pergunta, porque então não retornar ao culto da igreja primitiva? Isso era igualmente inaceitável pela igreja católica, pois destruiria toda a sua base de poder.

Por fim Wycliffe define a hipocrisia como um terrível mal em comum, pois se utiliza do próprio evangelho para fazer algo oposto a ele. Verdades são pregadas em nome de Cristo, mas que são totalmente contrárias à sua própria

¹¹⁵ João 3, 16

vida e ensinamento. Desta forma toda a igreja, forma de culto e mesmo a figura do papa são comprovadamente hipócritas, segundo o pensamento de Wycliffe.

Continuando o texto:

Então toda essa novidade das ordens é suspeita de hipocrisia e orgulho luciferiano e blasfêmia da hipocrisia do anticristo. Por último os homens fizeram essa novidade para sua vã glória e para atingir mais plenamente o que pertence aos deuses mundanos, pelo hábito e outros símbolos sagrados. Desde então eles podem viver como se estivessem agradando a Deus ao mesmo tempo em que dão lucro à santa igreja, e podem se dedicar de corpo e alma para limpar a religião que o próprio Cristo fez para seus discípulos. Por isso os sacerdotes fizeram essas novidades de idiotas pecadores através das misérias do orgulho de Lúcifer. Pois eles são tidos por homens mais santos e detentores de mais valor em si por essas novas ordens de suas cabeças tolas, deixando a eles uma ocupação melhor para limpar a lei de Cristo. Por isso eles nunca servem perfeitamente Cristo em sua vida sagrada e ensinando sem essas novas profissões e cerimônias, as quais Cristo e seus apóstolos nunca fizeram na escritura sagrada.

Wycliffe acusa os membros da Igreja Católica de quererem ser deuses terrenos, por isso precisam se diferenciar dos outros homens. Para que possam parecer mais santos e mais perfeitos, por isso precisam se encher de símbolos de uma roupa específica, o hábito. Desta forma, o objetivo inicial, que é enriquecer a igreja e alimentar seu próprio orgulho, é conseguido. Entretanto para que esse objetivo se cumpra é necessário que limpem de sua religião o que Jesus realmente ensinou; é necessário que a lei de Cristo seja apagada, assim como a sua forma de viver, pois somente então poderão estar livres para fazerem o que bem quiserem.

É um orgulho fendido uma criatura pecadora colocar padrão na lei de Cristo, vista na palavra ou fazer com que Cristo não tenha ensinado aos seus discípulos e sacerdotes a melhor lei e religião, mas deixado a melhor lei para trás umas centenas de anos, e mais, até que Satanás fosse solto para enganar os homens pelos seus prazeres e

hipocrisias. Mas desde que Jesus fez e ensinou a melhor religião, somente o que está presente no orgulho dos filhos de Lúcifer é deixar o que há de melhor, e convencer os homens a deixarem o que é melhor e fazê-los sentir a necessidade de se segurarem no que é o pior.

A questão da Igreja Católica como detentora da tradição cristã milenar era colocada em xeque, com uma inversão de pensamentos, onde não haveria qualquer necessidade de explicação da forma certa como agir, não havia a necessidade de tratados de patrística sobre esse assunto, e muito menos tratados tomistas, uma vez que o próprio Jesus, ao viver, teria dado o exemplo da forma certa de se viver. E não aceitar que Jesus viveu da melhor forma possível, forma esta que deveria ser seguida por todos, era como aceitar que ou ele não seria o próprio Deus, ou senão que ele seria mau, ensinando aos homens de sua época algo que não era o melhor, e que somente seria acessível aos homens do futuro, através da tradução patrística e tomista católica. Com esse discurso simples, Wycliffe enfrenta diversas das perguntas enunciadas na Suma Teológica, uma vez que bastaria olhar para Jesus e comparar a figura de Jesus com a de um padre, ou do próprio papa, para ver as gritantes diferenças e entender que a Igreja estava errada.

Uma vez que a Igreja Católica estaria fazendo novas inserções, e que estas não seriam retiradas dos exemplos da vida de Jesus, uma vez que, oficialmente, o conhecimento sobre a vida de Jesus não aumenta, já está definido claramente no cânone, então qual o motivo dessas inserções? Para Wycliffe, essas inserções não poderiam jamais serem inspiradas por Deus, uma vez que Jesus, sendo Deus, já teria ensinado, através dos exemplos de suas ações, a forma perfeita de se agir. Assim sendo, essas inserções jamais poderiam cumprir o objetivo de aproximar as pessoas ao modo de viver de Deus, muito pelo contrário, uma vez que se diferiam do modo de viver de Jesus então elas afastavam as pessoas deste modo de viver perfeito. Mas se elas não foram inspiradas por Deus, então quem as teria inspirado? O próprio Satanás. Temos aqui um aspecto interessante de ser ressaltado. Tanto para Wycliffe, como para a Igreja Católica, não parecia haver um meio termo. Ou toda a tradição católica da patrística e agora tomista eram influenciadas por Deus e guiadas retamente por Ele, ou então, toda a tradição católica seria

minada por influências de Satanás. Não há, nem em um caso e nem em outro, a possibilidade de cogitar que talvez parte das mudanças feitas com o passar dos séculos pela Igreja Católica fosse boa (no caso de Wycliffe) e nem como aceitar que talvez parte da tradição da Igreja Católica e parte das ações dos papas e das bulas fossem perniciosos e criados por interesses próprios, ou de Satanás (no caso da Igreja Católica). Assim Wycliffe cria uma verdadeira antítese, que ou negaria toda a tradição católica, ou então, seria considerada completamente herética e influenciada por Satanás, pela ortodoxia católica. Não era possível, para Wycliffe deduzir que parte das mudanças criadas pela Igreja Católica nesses séculos tivesse uma boa intenção, ainda que tivessem com o tempo se deteriorado, ou então que parte destas novas criações poderiam se configurar em um progresso do cristianismo. Não há para Wycliffe a possibilidade de uma renovação guiada por essa própria Igreja, guiada por renovações ou reformas nesta estrutura de modo a aproximá-la mais do cristianismo primitivo, isso pois, segundo ele, essa estrutura havia sido criada sob inspiração do próprio Satanás e portanto deveria ser negada por completo. Por que motivo Wycliffe precisa ser tão categórico na negação completa da instituição católica? Talvez parte de sua argumentação seja a presente na continuação do excerto.

A blasfêmia desses novos religiosos pode ser vista na palavra de que Cristo não queria, não poderia e não iria ensinar aos cristãos a melhor religião para ganhar o céu e este mesmo Cristo, portanto, não seria Deus, ou então ele seria um Deus sem amor. Da mesma forma como eles vêem particularmente que um pecador idiota é mais sábio e cheio de amor do que Jesus Cristo, pois por esse pecador idiota é que eles sabem a verdadeira religião, e olham mais a ele do que ao que fez o nosso Cristo Deus poderoso.

O que aparentemente é apenas a continuação do raciocínio acima, na verdade se mostra uma definição mais complexa: “por esse pecador idiota”¹¹⁶ é que eles sabem a verdadeira religião e olham mais a ele do que ao que fez o

¹¹⁶ É importante ressaltar que o termo “idiota” está aqui utilizado em sua concepção medieval que define alguém ingnorante, sem conhecimento ou com postura negativa perante o ato de conhecer, não havendo sob essa palavra a conotação de debilidade mental.

nosso Cristo Deus poderoso.” Mais do que simplesmente uma comparação entre o modo de viver de Cristo e o modo de viver do papa, aqui é colocado de forma contundente que, pela postura da Igreja Católica, o papa estava ocupando o lugar de Cristo, ele, e não Jesus, estava sendo marcado como o cabeça da Igreja. Porém o papa, segundo Wycliffe, tinha dois atributos, o de ser pecador e o de ser idiota.

O atributo pecador poderia ser atribuído a qualquer ser humano, visto que ninguém é perfeito, tendo por embasamento a própria Bíblia¹¹⁷. A questão não é ser pecador, mas apesar de ser pecador declarar-se perfeito, impassível de erro, e guia único e exclusivo da “arca” que era a Igreja Católica. Ora, uma vez que Wycliffe ressalva o “pecador”, o “idiota” pode ser facilmente explicado. Se Idiota significa pessoa desprovida de inteligência, então alguém que se queira colocar no lugar de Deus¹¹⁸, não somente como cabeça da igreja, como na categoria de infalível, então essa pessoa só poderia receber o atributo “idiota”, logo de querer se fazer passar por Deus e crer que as demais pessoas também creriam que ele é tão perfeito e bom ao ponto de poder guiar todos os cristãos, seria tolice.

Aqui, portanto, ao afirmar que o papa estava atingindo o lugar reservado somente a Deus, ele já abre completo embasamento teológico para o ligar à figura do anticristo: No texto bíblico o anticristo é apresentado como aquele que tentará ocupar o lugar de Deus sentando-se em seu trono (Tess. 2,4). Se o papa realmente estivesse usurpando o poder de Deus ao querer seguir uma tradição eclesiástica e ter a si mesmo como infalível, ao invés de seguir os exemplos de vida que Jesus definia, então ele poderia ser este que as profecias diziam, que iria se assentar no trono e usurpar ser Deus.

¹¹⁷ Há várias passagens que confirmam a ideia de que não há um único homem que não tenha pecado. Desde a afirmação de Jesus quando salva a mulher adúltera (Quem não tem pecado que atire a primeira pedra) a versículos como “Deus olhou do céu a terra e não viu um justo sequer por isso Ele enviou seu filho, não para condenar o homem mas para salvar o homem da condenação eterna” (Rm 3,10)

¹¹⁸ Aqui ainda há uma questão mais densa e polêmica, no evangelho de Lucas: “E perguntou-lhe um dos principais: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe. Replicou o homem: Tudo isso tenho guardado desde a minha juventude. Quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens e reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me. (Lc 18, 19-22) – Por essa passagem nem mesmo Jesus poderia ser chamado de bom! Ou seja, não há ninguém, nem mesmo Jesus, que poderia ser infalível, já que ninguém pode ser chamado de bom. E mais do que isso, Jesus nesta mesma passagem fala para o jovem vender todos os seus bens e o seguir. E a riqueza da Igreja Católica é justamente uma das maiores críticas que ocorrem nesta época.

*A hipocrisia é o falso desejo do sagrado, pois não é verdade diante de Deus, então a hipocrisia é totalmente contrária à Cristo, que é verdadeiro assim como o evangelho ensinado. Por isso a hipocrisia é comumente o pecado mais perigoso de todos. Pois comumente um hipócrita não faz nada para a sua própria penitência, pois acredita apenas no seu próprio sagrado desejo, e faz o que quer para sua vã glória e para ganhar os deuses do mundo, e a hipocrisia é a mais amaldiçoada de todos os outros ladrões, pois ela rouba a graça de Deus (...), e como uma coisa que é melhor, mas é mal usada, eles fazem mais danos, assim como os clérigos provam, e, assim, Cristo no seu evangelho é amaldiçoado tanto quando essas hipocrisias são maiores nos homens que pecam.*¹¹⁹

Ao colocar os seguidores do papa como hipócritas, e colocar a hipocrisia como o pior dos pecados, Wycliffe coloca a elite clerical católica não somente como pecadora, mas como os piores pecadores que existiam em sua época. Definindo, inclusive, que seria o pior dos pecados, pois é um pecado que faz a pessoa julgar-se correta e, portanto, não desejar correção. Assim sendo, temos aqui a estruturação do argumento de que a Igreja em si, ao menos essa elite da igreja, que não se incomoda com seus próprios erros, que age sob uma capa de santidade mas ao mesmo tempo cometendo pecados como todos os outros, e somando-se a esse o pior pecado, o da hipocrisia. Essa argumentação aparece de forma semelhante em diversas outras obras de Wycliffe, de modo que ele defende que o conjunto de todas essas pessoas é que formavam o anticristo. Uma vez que todas agiam contrariamente ao que Jesus teria ensinado através de seus exemplos e suas palavras.

Veja agora como os religiosos de nossos dias são hipócritas. Eles se unem pelo coração, palavra e signos para as maiores fraquezas após Cristo e seus apóstolos, e também são orgulhosos de seus deuses mundanos, da beleza, do bem estar, da força, do corpo, do dinheiro, da amizade mundana e carnal, da carne, e do que é sagrado somente pela religião, e também eles são amaldiçoados por serem pecadores hipócritas.

¹¹⁹ WYCLIFFE, John. *Off the Leaven of Pahrisees*, cap. 1

Neste fragmento é interessante notar que Wycliffe chama o dinheiro, o corpo, etc, como deuses mundanos. Desta forma, a cobiça da Igreja Católica, seja pelo dinheiro ou pelo poder, toma ares de idolatria. Uma vez que eles estão desejando mais servir aos seus desejos cobiçosos do que a Deus, então eles atribuem características divinas para suas posses, cometendo assim o pecado da idolatria.

Eles fazem para si um lugar apenas de pessoas que seriam mais santas que outros homens e enchem-se de símbolos e palavras, assim como hábitos monásticos, cartas de fraternidades, então fazem aqui o sagrado e as devoções singulares perante os homens, e por trás destes cessam de fazê-lo, e por isso, para ganhar o mundo e sua vã glória, louvam aqui suas próprias e grandes orações, uns mais e outros menos, assim estão sendo tolos hipócritas.

Eles se unem a si próprios pela maior caridade, mas então com grande inveja entre si, eles disputam a indignação de Deus vivendo e lançando os ensinamentos do evangelho de Cristo, o que aquele homem simples fez e sua lei; mas eles são hipócritas e serão amaldiçoados por desafiar a caridade de Deus.

O desafio da caridade de Deus pode ser justificado através de várias formas. Primeiramente pelo fato da igreja utilizar os bens arrecadados não para beneficiar os pequeninos, mas apenas para criar luxo para si. Entretanto mais do que isso, esses bens arrecadados são criados para se criar leis que rejam os pequeninos, garantindo à Igreja poder secular. Ao invés de uma igreja que, aos moldes de Jesus, servia, curava, lavava os pés e se mostrava humilde, ao invés de uma igreja que ajudava os pequeninos e dava a outra face, a exemplo de Jesus, uma igreja que se enriquece, que se esquece dos pequenos, que acumula para si e que faz guerras. Ao que parece, o grande erro em si, ou o maior dos grandes erros em si, não era nem as guerras feitas ou o acúmulo de bens, mas fazer isso em nome de um mesmo Deus que teria se mostrado de forma oposta a tudo o que a igreja fazia. Por isso, o termo hipocrisia.

Eles se alegram dos erros de vida de seus inimigos e ensinamentos dos mesmos, eles deixam-se levar pelos homens para ensinar leis frívolas de Deus, assim eles são amaldiçoados como hipócritas.

Eles se unem entre si com a maior das paciências e misericórdias, mas estão cheios de ódio e estão prontos para atacar com a vara qualquer um que eles julguem pecador e reprovem hipocritamente, e perseguem livremente estes cruelmente e sem qualquer misericórdia, e de forma triste ensinam o evangelho e os mandamentos de Deus, apesar de sua hipocrisia e simonia serem mais do que conhecidas pelas pessoas. Assim eles são cruéis e hipócritas.

Eles perseguem os homens que ensinam o verdadeiro evangelho, e eles os perseguem, pois estes fazem as pessoas verem abertamente os seus erros, e que eles mentem e falsamente se escandalizam com as verdades ditas por esses homens, mas fazem com que esses ensinamentos sejam rapidamente transformados naqueles que devem dar ofertas aos seus vizinhos necessitados por causa do evangelho, por isso eles são amaldiçoados hipócritas.

Neste caso Wycliffe está se referindo às perseguições feitas pela igreja aos grupos considerados heréticos. Segundo ele, o que fazia a Igreja perseguir os hereges não era uma oposição à própria Igreja institucional em si. É verdade que alguns hereges falaram abertamente contra a Igreja, assim como Wycliffe agora fazia, pregando contra o poder do papa, pregando a fazer uma renovação da igreja, renovação de hábitos, atos, pregando uma semelhança ao cristianismo primitivo. Entretanto, segundo Wycliffe, a perseguição que a Igreja faz aos hereges não ocorre pela simples oposição destes ao status quo da Igreja, afinal nem todos os hereges, aos moldes de Wycliffe, são contra a ortoxia da Igreja. Alguns simplesmente resolveram viver de acordo com os evangelhos, em uma vida sem galgar pelo poder secular, pelas riquezas materiais, e uma vida de imitação de Cristo. Contudo, mesmo esses, pela argumentação de Wycliffe, seriam perseguidos, pois eles, através de sua ação de imitação de Cristo, deixariam claro que, na verdade, os outros estariam agindo de forma errada. Por isso, até mesmo Francisco de Assis, considerado

santo pela igreja, ao ter suas atitudes imitadas por seus seguidores, é considerado ameaça e os espirituais franciscanos são perseguidos.

Eles fazem com que os prelados e senhores, por caírem em seus elogios e lisonjas, e por seus conselhos, fazendo estes deixarem de pregar a lei de Deus e deixam as pessoas deixarem de manter os mandamentos de Deus. Enquanto durar a hipocrisia dos freis e seus lucros não forem impedidos, as almas das pessoas serão o pagamento para a danação e maldição destes hipócritas.

Muito provavelmente neste fragmento ele se refere, por exemplo, às indulgências, onde, mediante a contribuições para a Igreja, as pessoas têm seus pecados perdoados. Gerando assim a não necessidade de ter de se preocupar com o pecado, uma vez que contribuições materiais possam apagar os pecados espirituais.

Eles vêm para a igreja para sustentar e manter a pobreza de Cristo e de seus apóstolos e juntarem-se a eles desta forma, e recaí sobre eles a cobiça dos deuses mundanos, alguns destes sobre as necessidades materiais das almas, e outros sobre o senhorio mundano, mas pela hipocrisia e pelos falsos elogios estes hipócritas traiçoeiros inimigos de Cristo dominam sua igreja.

Eles fazem a promessa de se manterem pobres e estarem desligados das coisas materiais, mas com o passar dos dias e das noites eles começam a construir casas mais belas e grandiosas em locais mais caros, chegando a construir igrejas ou mesmo castelos suntuosos , onde eles se tornarão lordes e ladies, onde os homens pobres não serão permitidos de entrarem e ali também não entrará nenhuma criança, são assim ardilosos hipócritas pois estão separando os ricos dos pobres.

A importância de se colocar “ali não entrará nenhuma criança” provavelmente venha da passagem bíblica onde certas crianças vieram conversar com Jesus e os discípulos quiseram impedir, ao que Jesus retruca

que deixe que as criancinhas venham até ele¹²⁰. Jesus comeu com os pecadores, viveu entre os pobres e os excluídos de sua sociedade, como por exemplo, curando os leprosos, nos quais ninguém poderia nem tocar e nem chegar perto, ou conversando com a samaritana, enquanto os samaritanos eram excluídos da sociedade judaica. Entretanto, segundo argumenta Wycliffe, os religiosos de sua época caminhavam exatamente de forma oposta, criando locais luxuosos e fortificados que justamente deixavam as crianças e os pobres do lado de fora, fazendo a separação dos ricos e dos pobres, indo de forma contrária ao que Jesus teria lutado para derrubar na sociedade judaica, que causava exclusões.

Ao mesmo tempo em que essas práticas eram cada vez mais comuns, o discurso de pobreza da igreja, voto de pobreza, entre outros, continuavam ensinando que as pessoas deveriam dar esmolas, apesar de que, com estas esmolas que deveriam ir aos pobres, agora eles construíam locais luxuosos para si próprios.

Eles ordenam idiotas para serem os limítrofes¹²¹, estes mais sabem mendigar e assim usurpam de homens bons, e impedem que a sagrada escritura seja pregada, assim distinguindo os homens pelos seus perdões, cartas de fraternidade, de modo a quererem muito mais o mundo do que ajudar as almas, assim eles caem na hipocrisia e passam a adorar o falso mamon.

A referência aqui a Mamom é o “Deus do dinheiro”, referindo-se ao desejo das posses materiais, da riqueza, do poder secular, em contraposição ao desejo das coisas espirituais, de Deus.

Eles se juntam em nome de trabalhar mais rápido e ensinar o evangelho livremente, assim como Cristo e seus apóstolos fizeram, mas o fazem ordenando câmaras muito caras, camas luxuosas e até mesmo carroagens de prata, roupas luxuosas, carne cara e bebida da melhor qualidade, assim como os barões ou condes, e pregam para as

¹²⁰ Lc 18, 15

¹²¹ Monges cuja função era levar os cuidados de Deus dentro de certos limites territoriais estabelecidos, semelhante hoje à ideia de missionário.

comunidades que as glórias deste mundo são vãs e que do mundo nada se ganha. Assim eles se condenam a ser completamente hipócritas.

O discurso de desapego aos bens materiais serve para que as pessoas que possuem riquezas materiais e que são senhores seculares aceitem privar-se de seus bens e entregá-los à Igreja, ao mesmo tempo em que esse discurso serve para retirar de outros seus bens, não serve aos próprios membros do clero, que ao invés de repassar esses bens aos pobres, apenas o acumula em coisas completamente desnecessárias.

Eles apressam-se nos trabalhos de Aristóteles e em criar novos sofismas para serem chamados de mestres, mas deixam de trabalhar na sagrada escritura a não ser em busca de vãs curiosidades sem importância, usando esses estudos como desculpas para não pregar, pois ficam acordados até o meio da noite. São hipócritas pois não estão à serviço de Deus, mas sim em serviço deles próprios e dos outros que lhe são vistos como iguais.

A crítica de Wycliffe ao Aristotelismo se dá, em especial, por causa da grande argumentação teológico-filosófica construída pela Igreja, após o século XII, baseando-se nas obras de Aristóteles, como é o caso, principalmente, da suma teológica de São Tomás de Aquino, que, como já vimos, argumenta em favor da transubstanciação, e também em favor dos outros pontos do poder papal. Uma vez que a Igreja se dedique a grandes construções de ideias a partir da filosofia aristotélica, não somente em São Tomás, mas, por exemplo, em Egídio Romano, isso garante uma argumentação que seja ao mesmo tempo teológica e racional, que lhe garanta a centralização do poder religioso e o avanço sobre o poder secular. Especialmente porque a base para tais pensamentos agora é a lógica, podendo esta ser usada em praticamente todas as instâncias para justificar o que for, e quando a lógica apenas não for o suficiente, ainda é possível se utilizar do argumento da fé além da razão, como São Tomás faz na questão da transubstanciação.

Entretanto, quanto mais as construções filosóficas e teológicas caminham para um refazer-se da prática religiosa justificando o seu poder centralizado e secularizado, mais é necessário deixar de lado o texto bíblico, em especial os evangelhos, uma vez que estes não parecem dar grande base para as práticas da Igreja da Baixa Idade Média.

Wycliffe, portanto, critica o fato da igreja lançar-se nos trabalhos de Aristóteles¹²², não pelo próprio Aristóteles, uma vez que temos, especialmente no que diz respeito à transubstanciação, vários argumentos de Wycliffe que demonstram que ele conhecia os principais conceitos aristotélicos. Mas a crítica é que, ao lançar-se sobre o estudo do aristotelismo, esqueça-se o que seria principal e primordial para a fé cristã, que é a própria vida e ensinamentos de Jesus. De modo que os estudos bíblicos ficam em segundo plano e os estudos aristotélicos, por tomarem todo o tempo, servem justamente de justificativa para evitar os primeiros.

Eles trazem a si grandes penitências e abstinências de carne e bebida, e assim pregam às pessoas, mas então buscam todo o luxo das carnes e bebidas mais caras e compram fazendo ameaças como os lordes fazem, e fazem-se presentes nas cortes com os lordes e também com as ladies, então mostram suas gordas barrigas, mas também vivem em um claustro devocional, por isso são tolos hipócritas, pois são glutões que adoram suas próprias barrigas como falsos deuses como São Paulo já disse.

Eles agradam lordes e ladies levando-os ao pecado ou fazendo destes extorsões, ou mantendo falsas causas para poder conseguir ser bem vistos e doentamente defloram os ventres e através da hipocrisia roubam os homens pobres, e traem os lordes e as ladies.

Eles dizem ter para si próprios uma castidade de pureza, tanto de seu corpo como de sua mente, mas tanto desejam, como realmente fazem, todo tipo de fornicações e adultérios com as esposas e também com as freiras, chegando até mesmo a matar as mulheres que se

¹²² É importante ressaltar aqui que o aristotelismo medieval não é uma substituição ao Agostianismo existente desde o século IV. Agostinianismo e Aristotelismo (através dos pensamentos de São Tomás, Egídio Romano, entre outros) coexistem durante toda a Idade Média, havendo inclusive algumas ordens que tem sua teologia profundamente baseada no agostinianismo exclusivamente, como a escola franciscana.

levantam contra eles denunciando os seus pecados, assim são dominados por completo pela hipocrisia.

Fazem tudo o que é condenado pelo pecado da sodomia, tanto entre eles próprios, como olhando para mulheres inocentes; e ainda é menos pecaminoso o que fazem entre eles próprios do que quando fazem tais atos com outros homens casados e ainda cometem tais pecados com suas esposas, exploram dos homens ricos e das mulheres o seu luxo através da autoridade para obterem dinheiro para a sua própria luxúria, e assim são amaldiçoados, hipócritas, e destroem a cristandade. Parece que o próprio demônio traçou tais pecados, ao fazer com que homens jovens fossem levados a este destino, independente de seu gosto, sendo impedidos de terem suas esposas, as quais deveriam ter pela lei de Deus, e fazendo-os falsos herdeiros deste tipo de homem que é amaldiçoado por Deus, fazem-se passar por santos. E por isso a sua maior danação na hipocrisia: dizer fazerem o que fazem por Deus.

Eles dizem que são os homens mais santos de toda a religião e vivem com o maior orgulho, com a maior inveja, com o maior ódio, com a maior cômica, com a maior preguiça e inutilidade, com a maior glotonaria, sendo os mais bêbados, os que mais se excedem e os mais ignorantes de todos.

O texto termina com a condenação dos pecados morais, em especial a questão da sexualidade. A Igreja, para manter essa característica de santa, separada da sociedade, utiliza-se de forte argumentação a respeito do celibato clerical, que chega a ser combatido por Wycliffe em algumas de suas obras. Entretanto, como exemplo de hipocrisia, a igreja comete os que seriam considerados os piores pecados sexuais.

Temos ainda outra importante obra de Wycliffe referente ao poder papal. Trata-se de *De Pappa*. Nesta obra Wycliffe, em 12 capítulos, argumenta de forma negativa ao poder papal. A estrutura da obra, resumidamente, é a seguinte:

Capítulo 1 – A Igreja argumenta a necessidade de utilização de dinheiro para poder organizar as suas pregações, para que a palavra de Deus possa ser pregada às pessoas. Entretanto Wycliffe argumenta que Jesus, sendo o

mais pobre dos homens, teve milhares de seguidores. Mas o diabo, por ter o poder de tentar as pessoas a quererem mais bens materiais, faz com que os clérigos precisem argumentar a favor de seus atos, chegando a quererem provar que Jesus era, de fato, importante senhor mundano e tinha riquezas, apenas para provar que o papa também teria direito a tais. Neste capítulo Wycliffe também argumenta contra a infalibilidade papal: *“pois muitos acreditam que ele (papa) não pode cometer erros, e levam suas palavras como garantia de verdade, como se o que ele dissesse fossem as palavras de Cristo, assim o papa condena várias pessoas ao inferno, pois ensina a elas o contrário da verdade e faz com que se tornem idólatras”*.

Capítulo 2 – O amor de Deus pela sua verdadeira Igreja é que gerou os grandes Cismas, uma vez que está escrito que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja. Se a Igreja sofreu a divisão com o Cisma do Oriente, e agora sofre a divisão perante dois papas disputando entre si o poder, isso só pode significar que essa não é a verdadeira Igreja. Então, por amor à sua verdadeira Igreja, Deus permitiu as guerras internas na Igreja Católica. O papa é o anticristo, pois se opõe a Cristo. Não somente este papa, mas qualquer papa anterior ou posterior a esses. Começa então a lista que contrapõe o papa a Cristo: Cristo era pobre, o papa adora as riquezas; Cristo era apegado à sua família, o papa isola-se de sua família e impede os clérigos de terem suas famílias; o papa se tranca em um castelo, Jesus andava no meio dos pobres, dos pecadores e ia de cidade em cidade; Cristo em uma sociedade cheia de leis pregava o amor, a cura e a salvação, o papa apenas cria novas leis; o papa dá absolvição mediante a pagamentos, Cristo dava absolvição mediante o arrependimento; Cristo orava pelos seus inimigos e pedia que eles fossem perdoados pois não sabiam o que faziam, o papa condena seus inimigos, mesmo os que realmente não sabem o que fazem; Cristo ensinou as pessoas a serem seus seguidores, o papa ensina que ele é superior e que seria impossível imitá-lo; Cristo, sendo Deus não aceitou ser glorificado como tal, o papa busca apenas sua própria glória pessoal.

Neste capítulo, em específico, Wycliffe estabelece a base de sua argumentação para associar o papado à figura do anticristo, não chamando assim especificamente um papa de anticristo, mas toda a figura do papado,

uma vez que todos os papas, e não somente um deles, possuía as características opostas a Cristo citadas aqui.

Capítulo 3 – O Cisma deve ensinar aos homens que não se deve mais seguir ao papa, a nenhum dos dois, todos os reinos deveriam aproveitar-se desta situação, dos dois papas lutando um contra o outro, e negar de vez o poder do papado. O primeiro passo para lutar contra o papado é parar imediatamente de enviar qualquer apoio financeiro para qualquer um dos papas.

Capítulo 4 – A lei de Cristo é a lei do amor, portanto não se deve fazer uma guerra contra os papas, pelo contrário, é obrigação dos verdadeiros cristãos amarem seus papas e seus prelados. Entretanto esse amor há de se manifestar na tentativa de ensinar para eles a lei de Deus, salvá-los de suas próprias hipocrisias, retirando o apoio aos seus atos de pecado, e tentando ensinar a eles a imitação de Cristo. Para isso é necessário libertar o papa da sua idolatria da hóstia, tentar fazer com que ao menos ele pense sobre esse assunto ao invés de tê-lo como pressuposto de fé incontestável, uma vez que aumenta seu próprio poder. No entanto, se eles se negarem a discutir racionalmente a verdade e se negarem a querer aprender, todos os senhores seculares devem se voltar contra o papa para libertar os outros cristãos. Devem igualmente se negar a entregar qualquer esmola ou contribuição financeira a qualquer padre que continue pregando as heresias papais, sustentando apenas os outros clérigos.

Esse quarto capítulo da obra *De Papa* parece estar em contradição com a ideia dos *Dois Caminhos* enunciada em um capítulo a parte mais adiante neste trabalho, uma vez que parece, através deste capítulo, ser possível uma revolta contra os poderes papais, por parte dos senhores seculares, destruindo a tal igreja do anticristo.

Capítulo 5 – O Anticristo teme que seus clérigos percam sua honra e, estando tão cheios de ganância, acabem se voltando contra a própria Igreja em disputas internas por mais poder, enfraquecendo a igreja do anticristo. Isso poderia causar o enfraquecimento e até a queda desta Igreja. Wycliffe, neste momento faz uma pausa em sua reflexão, dizendo que alguns poderiam argumentar que se a igreja estava tão perdida e tão entregue ao anticristo, então que Jesus poderia ter falhado ao instruir a Igreja, de modo que ela tenha

ficado abandonada (o que seria considerado herético por parte de Wycliffe) mas ele se defende dizendo que a verdadeira igreja, a dos que amam a Jesus Cristo, seguem seus ensinamentos e tentam imitá-lo continua existindo, e que o fato mais inconveniente que poderia ocorrer com a queda da igreja institucional seria que as pessoas se voltassem para as leis de Cristo, que se mantêm, uma vez que a Igreja Católica é construída sobre uma mistura das verdadeiras leis de Cristo, que são cada vez mais esquecidas, e de novas leis que a tiraram de seu caminho. Continuando a lógica de seu capítulo, Wycliffe argumenta que o papado, está tão dominado pelo desejo do poder temporal e, portanto, não tem relação alguma com os ensinamentos de Cristo, que o seu poder está baseado em uma coroa, um vestido adornado, e uma hierarquia de poderes investidos (fazendo alusão ao sistema de vassalagem).

Neste capítulo, portanto, Wycliffe cria uma cisão completa, explicando que a Igreja Católica, que agora estava dividida nos dois cismas (oriente e ocidente) não era a verdadeira igreja, mas apenas um poder temporal, que hipocritamente havia se utilizado do nome de Deus para galgar mais poder, mas que em si era uma instituição a parte dos ensinamentos de Jesus.

Capítulo 6 – Wycliffe apresenta o argumento que prega que existia sim o voto de pobreza dentro da Igreja, uma vez que o papa ou os bispos não seriam donos das riquezas acumuladas, mas elas seriam apenas da Igreja e de Deus. Wycliffe igualmente chama esse argumento de hipócrita, fazendo comparação a Jesus que andava a pé, ou de um jumento emprestado e que nem tinha local para dormir ou mesmo túmulo para ser enterrado. Wycliffe utiliza-se da expressão “crônicas” para definir a argumentação da Igreja deturpando a vida de Jesus e justificando, nem teologica e nem racionalmente, as atitudes que tinham. Neste mesmo capítulo Wycliffe critica a chamada autoridade dos santos, argumentando que segundo o texto bíblico os servos do anticristo também poderiam fazer milagres para enganar, se possível, até os escolhidos. Por fim, faz um apelo aos nobres que, para benefício próprio e também para benefício das verdadeiras leis de Deus, comessem a cobrar impostos e se apropriar dos bens desta falsa Igreja, uma vez que ela era somente um poder temporal se fazendo passar por representante de Deus para tomar o poder deles, de modo que os senhores de terras é que deveriam expulsar esses senhores seculares hipócritas que se fingiam de mensageiros de Deus.

Capítulo 7 – Neste capítulo Wycliffe continua sua argumentação em prol da oposição entre Jesus e o papa, para fortalecer sua argumentação de que em sua pregação a favor de que os nobres atacassem a Igreja, ele não se referia a que eles fossem contra Deus. Nessa argumentação ele coloca que Cristo falava de pureza de coração e que o menor seria o maior, o papa ensina o desejo pela pompa e pelas aparências, independente do coração. O papa quer ser considerado o mais maravilhoso, enquanto Jesus não mostra seu corpo transfigurado a quase ninguém. Pedro não pode ser considerado o primeiro papa, pois ele não praticava todos esses atos abomináveis que Wycliffe atribui aos papas, pelo contrário, teria vivido na pobreza, sem cardeais, sem palácios, sem luxo, apenas peregrinando e pregando o evangelho. Por fim, Wycliffe argumenta que se Jesus era ao mesmo tempo rei e evangelista, ele escolheu sair de seu trono no céu para evangelizar os humanos, e mesmo morrer por eles. Ou seja, mesmo que o papa devesse ao mesmo tempo ser rei e evangelista, deveria largar o seu trono de papa para agir pelo povo ou mesmo morrer por ele, em imitação a Cristo. Isso, caso o papa tivesse qualquer boa intenção e não tivesse sido apenas um papa simoníaco, desde o princípio se interessando apenas pelo poder temporal e nunca com quaisquer reais interesses em seguir a Jesus.

Capítulo 8 – Wycliffe argumenta que, o anticristo justifica que os membros do clero podem dar bons usos à sua riqueza, portanto é lícito que a Igreja seja rica se essa riqueza é usada para a obra de Deus, justificando que assim como reinos seculares precisam de riquezas para se tornar prósperos, também a Igreja precisaria de tais riquezas. Segundo Wycliffe, teria sido justamente para evitar essa falácia de pensamento que Jesus deu o exemplo sendo tentado no deserto. Lá lhe foi oferecido que ele pudesse ter o poder de transformar as pedras em pão, e caso o fizesse poderia acabar com sua fome e com a fome de todos, ou então, poderia ser carregado pelos anjos e ser reconhecido como messias por todos, evitando sua morte, ou ainda poderia ter aceitado ser dono de todas as nações da terra. Assim como Jesus rejeitou a todos esses poderes que poderiam ser considerados dádivas materiais, e que poderiam todas serem justificadas para um bom uso, também o clero poderá cumprir sua função na terra com muito mais propriedade se, assim como Jesus, se livrar de tais bens materiais.

Segundo Wycliffe, o diabo até tenta provar que Jesus teria sido um tolo em negar tais bênçãos materiais, mas Jesus sabia que a riqueza poderia deturpar o coração do homem e que ele deveria dar o exemplo, e o exemplo é que a simplicidade da vida pode ser suprida pela própria natureza.

Aqui Wycliffe faz um alerta aos nobres, dizendo que os clérigos são exatamente como eles, embora não possam casar e sejam hipócritas fingindo que são mensageiros de Deus, mas são apenas mensageiros de si próprios. Entretanto, ambos podem ser dominados pela cobiça de bens materiais, então também os nobres devem tomar cuidado para não desejarem muitos bens materiais e sempre os colocar em prol dos pequeninos.

Capítulo 9 – Os lordes e senhores seculares que não se revoltarem contra a Igreja do Anticristo serão também considerados inimigos de Cristo, indo contra os mandamentos de Deus. Neste capítulo Wycliffe determina que o começo da perdição da Igreja foi justamente Constantino, ao buscar mais poder, entregar poder a Silvestre, que por sua vez, por cobiça e completa falta de sabedoria, aceita a doação de Constantino, estabelecendo este o ponto de cisão entre o cristianismo primitivo e verdadeiro e a Igreja do Anticristo que eles viam agora, muito embora, segundo ele, muitos cristãos verdadeiros continuaram misturados nessa falsa igreja que surgia.

Capítulo 10 – O anticristo argumenta que caso a Igreja não possuísse bens materiais não conseguiria manter suas abadias e suas escolas. Wycliffe, chamando estes locais de ninhos do demônio, diz que os cristãos estariam muito melhores sem esses falsos centros de estudo. Utilizando-se de outros nomes como ninhos de serpentes, casas do diabo, templo do perpétuo pecado, entre outros, Wycliffe argumenta que estes locais de estudo ao invés de ensinarem as pessoas a imitarem Jesus, o que seria simples e não necessitaria de tanto esforço para se ensinar, eles estão aprimorando a dominação secular da igreja na deturpação dos ensinamentos de Jesus. Wycliffe ainda contradiz o argumento de que o dízimo é apenas a restituição de parte do que Deus entregou aos senhores, uma vez que Deus criou o mundo e tudo pertence a Deus, e que os senhores então precisam devolver apenas uma parte disso. Wycliffe argumenta que Jesus já ordenou que essa devolução seja dada aos pequeninos, e não para construir grandes templos, e a prova disso é que o magnífico templo de Salomão não mais existia e nem Deus morava nele.

Capítulo 11 – Wycliffe argumenta que todas as ideias dos verdadeiros cristãos são tidas por hereges para o anticristo, e que ele argumenta que essas ideias iriam destruir toda a igreja católica. Contudo, essa destruição não seria da verdadeira igreja, apenas daquele grupo que se apossa do poder temporal em nome de Deus. Ao mesmo tempo, ele reafirma que há verdadeiros cristãos tanto entre o clero, entre os lordes e os comuns, afirmando que não é possível imaginar uma luta social em prol do cristianismo, e sim uma luta contra as ideias que são pregadas pelo papa (anticristo). A verdadeira igreja, segundo Wycliffe, não tem e nem terá jamais um papa, pois a sua verdadeira cabeça é e sempre será Jesus, e Ele é que deve orientar a verdadeira Igreja, e que isso não se faz de forma espiritual e sim já foi feito através de suas palavras e seus exemplos enquanto viveu entre os homens.

Wycliffe diz que poderiam argumentar que isso seria o mesmo que entregar cada homem ao seu próprio erro, uma vez que ninguém possuiria poder sobre o outro em lhe aplicar penalidades em caso de erro, mas Jesus mesmo nunca aplicou punição sobre ninguém, nem mesmo a Pedro que o negou por três vezes, ele apenas o chamou de volta ao amor. Assim sendo, cartas episcopais e bulas papais de nada poderiam adiantar para colocar a pessoa no caminho certo de novo, uma vez que essa pureza existe no coração mais do que nas ações.

Capítulo 12 – Wycliffe ainda diz que o anticristo poderia questionar quem poderia dar o perdão dos pecados se não houvesse a igreja institucional e o poder do papado. Primeiramente, segundo Wycliffe, em todas as épocas anteriores à Igreja não havia papado, e se o perdão do papado fosse necessário para a salvação, então nenhum deles poderia ter sido salvos, nem os santos, nem os apóstolos, o que é certamente absurdo. Ao mesmo tempo Jesus teria ensinado a oração dizendo que a absolvição será dada a todos aqueles que souberem absolver. E, por fim, aqueles homens que estão fazendo o oposto da vontade de Deus, conforme ele já teria provado, jamais poderiam dar a absolvição, nem a si próprios e nem aos outros, uma vez que sua vivência é de plena hipocrisia e pecado. Por fim, acreditar que o papa pode dar a absolvição é incorrer em um terrível erro, pois evita que a pessoa se arrependa e, portanto, ela continua em seu pecado, perdendo assim os bens que ela deu em troca da absolvição e a própria alma.

O conjunto destes doze capítulos da obra *De papa* em união aos outros fragmentos citados nos auxiliam a termos uma ideia bem precisa da argumentação de Wycliffe a respeito de cada uma das formas de poder exercidas pela Igreja Medieval. De modo que, tendo a clareza e a linha desta argumentação como base, podemos estabelecer comparações da sua argumentação anti papal com a de outros pensadores heréticos medievais.

IV. Wycliffe e o pensamento herético

IV.1. Porque comparar Wycliffe com os outros hereges?

Wycliffe não considerava a si próprio um herege. Muito provavelmente nenhum herege venha a considerar a si próprio herético, caso contrário não assumiria aquela postura específica. Wycliffe considerava a ortodoxia católica herética, entre outros motivos, pela doutrina da transubstanciação, pela riqueza material e pela hierarquia eclesiástica.

Os hereges, sendo grupos dissonantes de um grupo principal, que é o pensamento oficial (católico) não precisam, pela sua própria definição, assemelhar-se entre si. Isso pode ser facilmente percebido, ainda na antiguidade, onde termos, por exemplo, a heresia dos Arianos, que negava a natureza divina de Jesus, e, em contrapartida a essa, a heresia dos monofisistas, que, por sua vez, negava a natureza humana de Jesus. Sendo assim, é possível que, embora ambos os pensamentos sejam dissonantes da doutrina oficial (que, segundo esse exemplo, pregava as duas naturezas de Jesus) sejam opostos entre si.

Mas as heresias da Baixa Idade Média tendem a não possuir discussões meramente teológicas, sendo muito mais voltadas a críticas das práticas da Igreja Católica e da consolidação de novas doutrinas, ou mesmo novas ordens religiosas. Desta forma, temos uma semelhança muito maior, ao compararmos as heresias da baixa idade média entre si, do que teríamos ao verificarmos as heresias da idade antiga, como citado acima.

Wycliffe não é o único que criticou a riqueza da Igreja, a transubstanciação, o poder papal, entre outros. Seria possível imaginar duas linhas distintas durante os séculos XII e XV, igualmente evolutivas e com certa continuidade entre elas, a linha de pensamento da ortodoxia católica e a linha de pensamento herético, em oposição à primeira? Até que ponto é possível definir, ainda que de forma precária, uma linha evolutiva desta ideias? Até que ponto Wycliffe é apenas mais um destes pensadores ou, de alguma forma se destaca dos demais, ou mesmo em que medida ele opõe aos outros hereges

de sua época? Se existe uma linha, até que ponto Wycliffe é um elo evolutivo desta linha?

IV.2. Definindo o foco da comparação

Pela vastidão das obras de Wycliffe, ainda que consideremos apenas as obras de língua inglesa, temos ampla possibilidade de comparação das ideias de Wycliffe com diversos pensadores heréticos. A princípio poderíamos, por exemplo, fazer uma relação entre o pensamento ariano, citado há pouco, e o pensamento de Wycliffe. Ao contrário da maior parte dos pensadores de sua época, Wycliffe foca-se, acima de tudo, na humanidade de Jesus. Praticamente não vemos, em suas obras, argumentações referentes aos milagres realizados por ele, à trindade ou mesmo à sua natureza divina. Nem mesmo relações referentes à sua ressurreição. Wycliffe utiliza-se de termos diplomáticos, como “na época em que Jesus andou conosco na Terra, junto com seus discípulos”, de modo a permitir tanto o entendimento mais corrente, de que Jesus, existia antes de seu nascimento e continuou a existir após sua morte, e também permite a compreensão de que Wycliffe apenas se referia à vida dele. Não temos, nas suas obras, referências ao que Jesus estaria fazendo no céu após sua morte, ou reflexões sobre a existência de Jesus anterior ao seu nascimento. Temos um intenso humanismo nas obras de Wycliffe, focando-se, acima de tudo, em Jesus como exemplo de vida. Isso se faz presente tanto na ideia de que é na vida de Jesus que as pessoas devem se espelhar para suas ações (imitando sua prática) assim como em negações da possibilidade da hóstia ser verdadeiramente o corpo de Cristo, sendo ela apenas um símbolo. Ora, todas essas afirmações poderiam ser motivos suficientes para estabelecer uma comparação entre o pensamento Ariano e o pensamento de Wycliffe, buscando assim, investigar se de alguma forma, ele foi influenciado por essa heresia criada por Arius, bispo de Alexandria, no século IV. Isso poderia ser ainda mais fortalecido pelo fato de Wycliffe definir, como principal ponto de desvio da Igreja Católica do que era o verdadeiro cristianismo o Concílio de Niceia, ocorrido em 325, justamente o mesmo concílio que condena oficialmente o arianismo. Entretanto, apesar da semelhança de pensamentos e

da possibilidade de uma comparação mais profunda¹²³ nesta área, foi definido que as principais comparações a serem estabelecidas se limitarão à Baixa Idade Média, às heresias populares, por serem mais próximas cronologicamente e ideologicamente à Wycliffe.

Mesmo dentro das heresias populares medievais teríamos uma gama relativamente vasta de possíveis comparações. Por exemplo, temos por volta dos anos de 1112 e 1113, Pedro de Bruys¹²⁴, o surgimento de um grupo herético que colocava em dúvida os demais livros do Novo Testamento, deixando os Evangelhos como principal ponto. Este mesmo pensador chega a definir que a Igreja não era o conjunto de suas propriedades ou bens materiais, mas a *unitate congregatorum fidelium* dos que creem nos evangelhos, desprezando assim qualquer possível hierarquia eclesiástica¹²⁵. Temos, portanto, em Pedro de Bruys duas relações com Wycliffe que parecem bem frutíferas, uma vez que Wycliffe, por um lado, afirma que a vida de Jesus, portanto os evangelhos, realmente teriam um valor muito maior do que quaisquer outros livros do novo testamento (muito embora ele não os dispense) e temos a negação da igreja institucional, em detrimento de uma igreja, que seria a verdadeira, que era a união de todos os verdadeiros cristãos. Desta forma uma comparação entre Pedro de Bruys e Wycliffe parecia ser bem proveitosa. É até possível que a origem da teoria dos dois caminhos, proposta por Wycliffe, encontra suas fontes em Bruys. Ao mesmo tempo, não temos quaisquer citações diretamente por parte de Wycliffe a respeito de Bruys, enquanto temos citações diretas referentes aos espirituais franciscanos, à deturpação da regra de São Francisco, entre outros. De modo que, de acordo com o próprio conteúdo das obras analisadas de Wycliffe, parecia mais proveitosa a comparação entre Wycliffe e os espirituais franciscanos.

Poderíamos, igualmente, fazer uma relação entre Wycliffe e Amaury¹²⁶ de Berna, que foi professor de teologia na universidade de Paris. Em 1204 foi censurado por seus colegas por ensinar que a salvação estava na crença de que a pessoa é membro de Cristo, ou seja, desta forma participando da

¹²³ É importante ressaltar que apesar das comparações circunstanciais levantadas com o arianismo, Wycliffe jamais afirma categoricamente a inexistência da trindade ou a negação da natureza divina de Jesus, apenas a deixa em segundo plano dentro de sua linha de pensamento.

¹²⁴ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.27

¹²⁵ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.26

¹²⁶ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.22

divindade. O próprio Amaury recorre ao papa pelo direito de ensinar tal pensamento, sendo condenado em 1207, morrendo no mesmo ano. Após sua morte um pequeno número de seguidores continua seus pensamentos, até serem considerados oficialmente uma heresia em 1209.

Os amalricianos falavam em uma tríplice encarnação de Deus, como Pai em Abraão, filho em Jesus e Espírito Santo em cada crente. Por conseqüência, negavam os sacramentos e as instituições eclesiásticas e viam no papa a figura do Anticristo¹²⁷. Esta heresia teve curta duração, em 1210 foram condenados. Dez membros da heresia foram capturados e mortos e posteriormente em 1212 o último amalriciano, mestre Godin, teria sido preso e morto na fogueira¹²⁸. Em 1215 o Concílio de Latrão renovou a condenação aos amalricianos, sendo que o corpo de Amaury de Berna foi desenterrado, queimado e suas cinzas espalhadas. Temos, portanto semelhanças entre o pensamento de Amaury e o de Wycliffe, uma vez que ambos negam que os sacramentos sejam realmente milagrosos, sendo estes apenas símbolos humanos, além da relação entre o papado e o anticristo. Temos uma obra inteira de Wycliffe, *De papa*, explicando a relação entre a figura do papado, seja o papa que fosse, com a ideia do anticristo, uma vez que a própria existência da hierarquia seria contrária ao que Cristo ensinou (por isso anticristo). Mais uma vez, porém, não temos qualquer citação clara de Wycliffe a Amaury de Berna ou aos amalricianos, esta era uma heresia francesa e não inglesa, e como sua duração foi curta, não decidiu-se por expandir essa possível comparação.

Heresias como a de Pedro Bruy e a dos Amalricianos possuem ideias muito semelhantes às de Wycliffe, mas são pouco conhecidas e não temos indícios de que ele as conhecesse. Temos, também, outras heresias que não parecem adequadas para se aprofundar a comparação, não por terem sido pouco amplas e conhecidas, mas por terem ideias aparentemente contraditórias às de Wycliffe. Isso ocorre, por exemplo, com os Cátaros ou Albigenses. Embora esta tenha sido a heresia que reuniu o maior número de

¹²⁷ Idem, p.21

¹²⁸ LAURSEN, John Christian & HUNTER, Ian, *Heresy in transition: transforming ideas of heresy in medieval and early modern Europe*, p.40

adeptos na Baixa Idade Média e que teve a maior repercussão nesta época¹²⁹, alguns pontos de sua doutrina parecem completamente contrários à essência dos ensinamentos de Wycliffe. Por exemplo, os cátaros defendiam uma dupla criação, segundo essa concepção o Bem e o Mal possuiriam dois criadores diferentes. A bondade existiria somente no mundo espiritual do *deus bom* e o mundo material em sua essência seria mau. Enquanto o *deus bom* (DEUS) teria criado o mundo espiritual, o *deus mau* (Satã) teria criado o mundo material¹³⁰. Muito embora, tal doutrina tenha aparecido entre as condenações sofridas por Wycliffe no Concílio de Constança, como veremos nos capítulos seguintes, ela não era pertinente, apenas desejando associa-lo à mais famosa das heresias medievais. O catarismo, entre as heresias medievais, destaca-se por seu elevado nível de organização hierárquica, possuindo bispos, diáconos e os *Perfeitos*¹³¹. Qualquer hierarquização ou institucionalização da igreja, em si, deveria ser vista como perniciosa por Wycliffe, especialmente no que se refere à *Teoria dos Dois Caminhos* enunciada na obra *The Wicket*. Igualmente uma titulação humana, denominada *Perfeitos*, parece completamente inadequada à Wycliffe, que por diversas vezes usa exemplos como Pedro, Paulo ou outros famosos santos da Bíblia para demonstrar que nenhum ser humano é perfeito, a não ser Jesus. Os Cátaros, além de tudo, desviaram-se de seu voto de pobreza inicial, sendo que a acusação da avareza imputada à Igreja romana foi também lançada contra a Igreja Cátara, por exemplo, por Joaquim de Fiori¹³². Desta forma, embora fosse possível uma análise mais complexa da relação de Wycliffe e dos Cátaros por diferença de ideias, foi escolhido deixar tais comparações de lado¹³³.

Ainda teríamos dois grandes marcos nas heresias da Baixa Idade Média que foram deixados de lado nas comparações que se seguem neste capítulo. Os Valdenses e Joaquim de Fiori. No caso dos Valdenses há um campo relativamente fértil de possíveis comparações. Essa heresia inicia-se com

¹²⁹ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.37

¹³⁰ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.36

¹³¹ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.39

¹³² FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.40

¹³³ Poder-se-ia, por exemplo, buscar a confirmação da possibilidade que talvez um dos motivos pelos quais Wycliffe não buscava uma renovação da Igreja e portanto afirmar que tal renovação era impossível, poderia ser o exemplo dos Cátaros, uma vez que o próprio Wycliffe define que qualquer tentativa de renovação ao se institucionalizar, hierarquizar e crescer em poder recairia nos mesmos erros da instituição anterior.

Pedro Valdo, por volta de 1173. Entre os principais feitos do grupo está a tradução do evangelho para o provençal¹³⁴ em 1176, de modo semelhante ao que fez Wycliffe, na sua tradução ao inglês. Um dos principais pontos de sua doutrina era o voto de pobreza, ao mesmo tempo em que também faziam voto de castidade e de obediência aos superiores monásticos (tanto a castidade como uma vida monástica e hierárquica não eram apreciados por Wycliffe, que as definia como elementos que tiravam o foco do verdadeiro cristianismo e poderia gerar abominações). Tanto os valdeses como Wycliffe discordavam da forma como os sacramentos eram instituídos, sendo que os primeiros defendiam que qualquer pessoa poderia consagrar o sacramento do altar, enquanto Wycliffe, além de manter tal afirmação, a declara como simbólica em oposição à doutrina da transubstanciação. Ambos relacionam igreja católica romana institucional com o anticristo, utilizando-se do livro do Apocalipse. Apesar destas possíveis relações, igualmente os valdeses não são citados por Wycliffe e encontram-se relativamente distantes, tanto geograficamente como cronologicamente dele.

Temos, por fim, Joaquim de Fiori, que cria a ideia de que a trindade se manifestaria historicamente falando¹³⁵, de modo que o tempo secular estivesse dividido em três partes. A primeira parte, do antigo testamento, a lei imperava, estando relacionada à figura de Deus Pai. A segunda parte, o novo testamento até o ano de 1260, o Filho imperava, havendo a necessidade de uma igreja institucional, enquanto a terceira fase, após 1260, um Espírito Santo imperaria e o contato entre Deus e as pessoas se daria diretamente, sem a necessidade do intermédio de uma igreja institucional. A negação da Igreja Institucional parece um importante ponto de comparação com as ideias de Wycliffe, apesar de Fiori não ser citado por ele. Contudo, o motivo de deixar Fiori de fora desta investigação mais aprofundada, é que suas obras foram incorporadas pelos espirituais franciscanos, de modo que a relação entre ele e as ideias de Wycliffe ocorre utilizando-se os espirituais analisados, abaixo, como mediadores.

Desta forma as duas principais relações que serão feitas neste capítulo são as comparações do pensamento de Wycliffe, com os espirituais

¹³⁴ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.61

¹³⁵ ROSSATTO, Joaquim de Fiori: trindade e nova era, p. 41

Franciscanos, que são citados em diversas de suas obras, em especial a *The rule and the testament of Saint Francis* e *Tractatus de Pseudo-Freris*, utilizando-se três pensadores dos espirituais como base: Ubertino de Casale, Angelo Clareno e Arnaldo de Sarrant. O segundo ponto de comparação a ser feito é entre Wycliffe e Guilherme de Ockham, um de seus principais inspiradores.

É importante ressaltar que, apesar da delimitação na escolha dos pensamentos heréticos a serem comparados, é provável que haja terreno fértil para outras comparações com outras heresias, conforme explicado acima, e mesmo com outros autores entre os espirituais franciscanos, conforme citado na *autocrítica* presente na conclusão desta obra.

IV.3. Wycliffe e os espirituais franciscanos

John Wycliffe, em diversas obras, das quais a que mais se destaca é “*The Rule and Testament of Saint Francis*”, faz referências a São Francisco, aos franciscanos¹³⁶, e aos que ele chama de *verdadeiros freis franciscanos*¹³⁷, que, estariam sendo perseguidos pelos franciscanos oficiais. Se São Francisco, ao contrário de outros pensadores medievais de ideias semelhantes às de Wycliffe, não foi condenado como herege, muito pelo contrário, foi incorporado ao pensamento oficial da Igreja, uma vez que surge a ordem franciscana, então, que elementos fazem com que, menos de dois séculos após sua morte, Wycliffe elogie Francisco, trace condenações gravíssimas aos franciscanos, e fale de um grupo de verdadeiros franciscanos que estavam sendo perseguidos pelos franciscanos oficiais?

O grupo chamado por Wycliffe de *verdadeiros freis franciscanos* normalmente recebe o nome oficial de *Espirituais Franciscanos*. Segundo Nachman Falbel:

¹³⁶ Segundo ele corrompidos por completo e desviados do caminho escolhido tanto por Jesus como por Francisco.

¹³⁷ Referência feita ao grupo considerado herético pela Igreja Católica chamado de *Espirituais Franciscanos*.

*Entendemos sob o nome de Espirituais aquele grupo ou facção de frades da Ordem Franciscana que lutou para manter o caráter da fundação, segundo sua interpretação dos ideais originais de seu fundador. (...) o significado é seu homem espiritual interior, de profunda piedade (...) O termo espiritual, designando a facção propriamente dita, foi utilizado a partir principalmente do século XIV, (...) Suas origens remontam aos inícios da Ordem, quando os assim chamados zelani agruparam-se para defender a Regra conforme fora escrita pelo santo fundador. Segundo o prefácio à explicação da Regra, feito pelos quatro doutores de Paris, o grupo se encontrava consolidado em 1241.*¹³⁸

A ordem franciscana, a princípio, começa a se originar em 1209, quando Francisco, ao escutar, em uma missa, as palavras do evangelho de Mateus: *Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem bolsas para a viagem, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão*, teria decidido seguir aquelas palavras, deixando de lado tudo o que fosse considerado supérfluo e tudo o que tivesse em duplicata. Já no ano seguinte, após um ano de pregações chamando à pureza e pobreza apresentadas nos evangelhos, Francisco se dirige a Roma, com o propósito de pedir ao papa a aprovação da Regra que ele havia escrito, para regularizar a ordem dos que o seguiam. Não temos vestígios desta primeira regra de 1210, segundo a tradição franciscana, nesta época Francisco tinha apenas 12 acompanhantes, que foram com ele a Roma¹³⁹.

Apenas em 1221 temos a Regra que existe até os dias de hoje (a que é comentada por Wycliffe). Nesta ordem, Franciscano e quem quer que fosse o cabeça da ordem após ele, fazem juramento de obediência e reverência ao papado, iniciando-se por Inocência. Em 1223, essa regra teve suas últimas modificações, passando a ser comumente chamada de *Regra Bullata*. Em 1226, Francisco de Assis morre, dois anos depois em 1228, já deveria haver na Itália cerca de 23 conventos¹⁴⁰ além de outros na França.

Ainda nos primórdios da ordem já temos o início das cisões dentro da mesma. Temos, por exemplo, a figura de Elias de Cortona, o primeiro líder da

¹³⁸ FALBEL, Nachman, *Os Espirituais Franciscanos*, p. XV

¹³⁹ Idem, p.10

¹⁴⁰ Idem, p.15

ordem após São Francisco, assumindo a posição de vigário geral da ordem, como o primeiro que teria traído os ideais de São Francisco. Entre os motivos que levam a isso encontra-se a construção da Basílica de Assis. Não tendo agradado à ordem ele foi obrigado a demitir-se, sendo em seguida eleito por João Parenti. Em 1230 houve certo conflito na reunião do Capítulo Geral sob quem tomaria controle da ordem.

Pouco a pouco a ordem iria aumentando seu poder, sendo atacada por cisões internas, ganhando espaço do clero secular, e, segundo muitos de seus membros, se desviando do propósito de seu criador. Segundo Falbel:

*Em todo o tempo que o movimento se limitou a uma pequena comunidade, uma elite espiritual, que vivia subordinada a uma disciplina natural emanada da personalidade extraordinária de seu fundador e inspirador, teve realmente a possibilidade de conservar seus princípios. Com a expansão do movimento, crescimento do número de irmãos, com a ramificação por lugares longínquos, de difícil acesso (com as precárias vias de comunicação medievais) levou a enfraquecer o contato íntimo existente na comunidade primária da Porciúncula. A lei ou disciplina natural, neste caso não era suficiente para manter o caráter orgânico e unitário típico da comunidade em seus primeiros dias. A nova amplitude do movimento obrigou a criação de um quadro orgânico com um poder centralizador que acabou exigindo de si mesmo estabilidade de fixação. A supervisão, difícil na geografia medieval, passou a ser um instrumento de imposição do poder central. Difícil, portanto, nestas condições, manter a pureza dos princípios. Em uma organização ampla, o fundamento econômico impõe-se com maior facilidade e o movimento passa a ser rico, principalmente quando a Ordem torna-se popular e passa a receber as doações típicas do homem medieval que quer assegurar salvação para sua alma no mundo post-mortem. Lutar contra essas doações exigia um espírito de despreendimento material nem sempre encontrado entre os responsáveis pela Ordem.*¹⁴¹

¹⁴¹ Idem, p.195

Outro importante fator para o surgimento dos Espirituais Franciscanos, como grupo herético dentro da ordem franciscana (e posteriormente separada destas) é a figura de Joaquim de Fiori. Muito embora Joaquim de Fiori nunca tenha sido franciscano, tendo ele falecido em 1202, portanto 7 anos antes do começo das pregações de Francisco de Assis, e destes nunca terem se encontrado, parte dos trabalhos de Joaquim de Fiori, que era monge cistercense, será utilizado pelos espirituais franciscanos para fazer a contextualização da sociedade eclesiástica que eles viam, tanto dentro da própria ordem franciscana, como críticas à Igreja Católica como um todo.

*Joaquim de Fiori não pôs a Cristologia como centro de sua teologia na História, como até então se fazia, mas sim a trindade*¹⁴². Desta forma, a história estaria dividida em três partes, referentes à trindade. A primeira parte referente a Deus pai, onde o principal era a lei, que se referiria à época do antigo testamento. A segunda parte, referente a Jesus, onde o mais importante era a graça, nesta fase a Igreja seria indispensável, sendo a fase dos clérigos. Entretanto, a última fase, teria como referência o Espírito Santo, seria a idade da espiritualidade direta, onde o clero institucional não teria mais tanta importância. Cada uma destas fases, segundo Fiori, teria a duração média de 1260 anos (42 gerações de 30 anos). Desta forma a primeira fase ter-se-ia iniciado por volta de 1260 AC, a vida de Jesus inicia a segunda fase e a terceira começaria em 1260 DC. Essa terceira fase seria o momento onde as pessoas poderiam ver Deus sem mediação¹⁴³, desta forma não haveria mais a necessidade da Igreja para tal, e esta, estaria corrompida pela carne: “Assim se dissipará na luz da Igreja Futura a aparência da Igreja presente”¹⁴⁴.

A partir de 1250 as ideias de Fiori começam a adentrar fortemente a ordem franciscana, tanto pela proximidade da data de cumprimento das profecias (ou interpretações) de Joaquim de Fiori, como pela própria discordância que já havia, dentro da ordem, por parte de muitos de seus membros. Gerardo de Borgo, em 1254, publica sua obra *Introductorius in Evangelium eternum*, utilizando as obras de Fiori para exaltar São Francisco

¹⁴² FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p.73

¹⁴³ FALBEL, Nachman, *Espirituais Franciscanos*, p. 52

¹⁴⁴ Idem, p. 73

como o marco do início da nova fase na história da Igreja e desta “Igreja Futura” prevista por ele.

Temos, a partir de 1260, grandes nomes de Espirituais Franciscanos que buscavam essa renovação, baseada na imagem de São Francisco, mas não obrigatoriamente dentro da hierarquia da ordem franciscana (ou por vezes em oposição à mesma). As duas principais figuras deste período são Ângelo Clareno e Ubertino de Casale.

IV.3.A. Wycliffe e Ubertino de Casale

O objetivo do presente capítulo não é estabelecer uma relação de continuidade entre as obras de Ubertino de Casale e as de Wycliffe, nem tampouco estabelecer se Wycliffe foi ou não inspirado nas obras de Ubertino, embora isso possa ser possível. De forma menos ambiciosa, este capítulo pretende apenas comparar ambos os pensamentos estabelecendo uma relação entre as ideias presentes e o foco do pensamento teológico, especialmente no que se refere às posses materiais da Igreja.

Ubertino nasceu em Casale, uma cidade italiana próxima a Veneza, seguiu seus estudos na França e Itália, em diversos locais diferentes, como Paris e Florença. Foi nomeado protetor de sua ordem *dos Pobres Heremitas*, uma subdivisão da ordem franciscana¹⁴⁵. O papa João XXII, que a princípio o apóia em situações controversas acerca desta divisão, um ano mais tarde nega tal atitude, dando-lhe a excomunhão em 1325.

Segue, em grande parte, os ensinamentos de Joaquim de Fiori, especialmente no que diz respeito à crença na Igreja decaída e dominada pela carne. Teve uma grande produção nos seus últimos anos de vida, tendo falecido por volta de 1330. Pregava a importância da pobreza para a renovação espiritual da humanidade e especialmente da Igreja.

A obra aqui escolhida para estabelecer a comparação é *A Árvore da Vida do Jesus Crucificado*, em especial o terceiro capítulo onde ele estabelece

¹⁴⁵ ARMOSTRONG, OFM Regis j, *Early Documents – Francis of Assisi – The Prophet – Vol 3*, London, 2001, p. 141

uma ampla relação entre a vida de Jesus e a vida de São Francisco de Assis, não apenas como seu seguidor, mas especialmente como seu imitador. A escolha desta obra se deu pela proximidade temática com *The Wicket*, de Wycliffe. A ideia central da obra de Wycliffe é justamente a necessidade de se olhar para o tempo em que Jesus estava vivo (o Jesus humano, de carne e ossos) e seguir os seus exemplos de vida e não apenas ensinamentos, ou ainda releituras dos mesmos ensinamentos. Em ambos os casos a imitação da vida de Jesus é o cerne, embora, no caso de Ubertino, temos não somente a imitação da vida de Jesus como algo desejável, mas como algo que foi plenamente cumprido por São Francisco.

*Foi por ciúmes de sua Noiva que Jesus se irritou com sua malícia, pois a maior parte de Suas crianças se tornou adúltera. Mas de forma alguma, sua ira diminui sua misericórdia, e para a Igreja da 5ª era ele enviou diretamente um último chamado. Ele levantou homens da mais perfeita integridade para destruir de vez nossa arrogância e expulsar a indulgência. Esses homens odeiam a duplicidade e sempre defendem a verdade, eles incendeiam os fogos da caridade, restauram o significado da honra, e superaram todos os outros, pois tem uma notável imitação do próprio Cristo, como Ele mesmo viveu. Seguindo o exemplo que ele deu em sua vida, estes mostraram à Igreja as suas próprias culpas. A palavra pregada por eles comovia as pessoas à penitência, tornando-se eles objeto de discursos daqueles que causam confusões de heresias, e sua oração era o escudo que acalmava a ira divina*¹⁴⁶.

Apesar de ser um parágrafo relativamente curto, ele possui uma grande densidade de símbolos e aproximações possíveis, portanto uma análise mais cuidadosa de alguns termos se faz importante. Primeiramente temos: “A igreja da 5ª era”. A que era ele estaria se referindo? Tendo em vista a ampla utilização de Ubertino de Casale dos escritos de Joaquim de Fiori, a primeira ideia possível é uma referência a ele, uma vez que este pensador também coloca a Igreja dividida em eras, sendo que a última das eras ocorreria após

¹⁴⁶ CASALE, Ubertino de, *A árvore da vida do Jesus crucificado*, capítulo 3 – Foi Jesus quem nos trouxe Francisco

uma decadência da igreja institucional, onde as pessoas adorariam Deus sem a necessidade de intermediários. Entretanto, como já vimos, segundo o pensamento de Joaquim de Fiori, seriam três e não cinco as eras da Igreja. O antigo testamento, onde imperava a lei e as pessoas conheciam apenas ao Pai, a era da Igreja, onde imperava Jesus, havia a necessidade do sacramento e da Igreja Católica como intermediária entre os homens e Deus, e a era do “final dos tempos” onde imperava o Espírito Santo, o contato direto com Deus e a igreja material estaria totalmente corrompida. Desta forma, apesar da semelhança entre a terceira era de Joaquim de Fiori e a quinta era, proposta aqui, a diferença numérica não nos permite estabelecer conexões.

Porém, seguindo o texto algumas páginas mais adiante, temos uma referência à sexta era que estava a começar, e que a passagem de uma para a outra se daria através do 6º anjo e do 6º selo. A referência a selos remete ao livro de Apocalipse, em especial o 6º capítulo:

E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer. E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem, e vê. E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada. E havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo preto e o que estava assentado sobre ele tinha uma balança na mão. E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho. E, havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra. E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador,

não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram. E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue; E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas; E diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; Porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?

A relação entre o 5º selo e o período em que a Igreja Católica teria se desviado de seus reais objetivos, esquecendo e perseguido aqueles que seriam os “verdadeiros servos de Deus” parece bem condizente com a descrição presente no livro apocalíptico. Especialmente no que diz respeito a Deus olhar para os que sofriam indignados e pedir apenas que esperassem mais um pouco, o que justificaria a Igreja ter podido manter sua postura por determinado tempo sem que nenhuma força realmente grandiosa abalasse seu poder. Desta forma parece reafirmar a teoria de que Ubertino se refere realmente ao Apocalipse, apesar da relação estabelecida por Ubertino não apareça claramente, especialmente no que diz respeito ao complemento de sua ideia.

Por exemplo, se a época em que ele vivia era a passagem do 5º selo para o 6º selo. Se realmente o 5º selo referia-se, conforme o Apocalipse já havia predito, a uma época de perseguição dos verdadeiros seguidores de Deus pela Igreja e Deus nada fazendo a não ser pedindo paciência, e se agora a nova era seria de renovação. Então, pela mesma lógica, as outras épocas anteriores a ele, deveriam ser divididas nos demais selos, correspondendo os ocorridos nesta época às descrições apresentadas. Ainda que o primeiro selo,

ao falar do cordeiro coroadado e vitorioso, correspondesse à crucificação e ressurreição de Jesus (já que este teria sido coroadado na crucificação e a ressurreição facilmente seria relacionada à morte) e ainda que o 2º selo pudesse ser relacionado à perseguição dos cristãos ou ainda queda do Império Romano, seria muito mais difícil estabelecer relações para o terceiro e o quarto selo. Por exemplo, o quarto selo fala da morte da quarta parte da população mundial sob a fome, a peste e as feras. Entretanto, a que episódio isso poderia se referir?

Comparando as relações estabelecidas aqui por Ubertino de Casale com as relações estabelecidas por Wycliffe quando descreve sua teoria dos dois caminhos, através de diversas relações de personagens tanto bíblicos como da história da igreja, temos um fato em destaque. As relações aqui presentes possuem um caráter de menor clareza e detalhamento, sem a necessidade de explorar as diversas possibilidades da mesma (conforme vemos não só em Wycliffe, mas em São Tomás de Aquino, por exemplo) ao mesmo tempo temos em Ubertino de Casale uma relação muito mais relacionada a símbolos em si do que a pessoas e fatos ocorridos.

O segundo destaque a ser dado é pelo *“notável imitação do próprio Cristo, como Ele mesmo viveu”*. Tanto Wycliffe como Ubertino de Casale colocam Jesus não como um ser “etéreo”, mas sim como um humano que viveu dando exemplo de sua vida para ser seguido. Infelizmente não está claro no texto se o exemplo de Jesus, citado por Ubertino, era apenas a pobreza, citada em passagens posteriores, a honra e não duplicidade, ou se também o *“mostrar à Igreja as suas próprias culpas”*. Wycliffe relaciona a postura de um verdadeiro cristão¹⁴⁷ em sua época com a de Jesus de confrontar as elites religiosas de sua época, demonstrando a hipocrisia, sendo essa uma constante no “seguir a Deus”. Aqui, Ubertino ao citar os imitadores de Jesus, diz que eles mostravam às Igrejas suas próprias culpas, havendo uma possível relação entre ambas as ideias não somente de mostrar à Igreja suas culpas, mas que Jesus assim o fez como exemplo aos seus seguidores.

Continuando o texto temos:

¹⁴⁷ Não somente de um verdadeiro cristão, mas de um verdadeiro seguidor de Deus, uma vez que segundo *The Wicket* essa característica também estaria presente nos profetas que desafiaram poderes estabelecidos em nome de Deus (reis) para pregar contra sua hipocrisia (como por exemplo no caso de Davi e Urias)

(...) entre esses homens os que mostraram maior brilhantismo foram Francisco e Domingos cujos precursores foram Elias e Enoque. O primeiro foi tocado pela brasa purificadora do serafim, e chamas caíram do céu pelo seu ardor, assim ele iluminou o mundo. O outro, como um querubim, com asas protetoras, conseguiu chegar à luz da sabedoria, proliferando-a através de suas orações, dando imenso efeito iluminante em um mundo cheio de trevas. E foram esses os ensinamentos inicialmente transmitidos aos seus filhos, e apesar da resplandecência e ardor destes dois eles precisavam estar ligados ao extraordinário poder transbordante do Espírito.

O referido texto continua defendendo que a arrogância e a cobiça por coisas temporais era o que marcava o mal da 5ª era, portanto da Igreja antes das mudanças que estavam começando a ocorrer. Segundo ele, essa nova era da Igreja seria uma renovação grandiosa e fantástica pois as pessoas passariam a ser imitadoras de Cristo, sendo assim um auge da cristandade. Essa 6ª era que começava se assemelhava à vida apostólica, dando a ideia de que havia uma lógica circular. A 1ª Era (Selo) era a própria presença de Jesus, enquanto este vivia com seus apóstolos; a 2ª Era a dos apóstolos em si, e isso cria uma gradativa deterioração da Igreja que atinge o seu ápice na 5ª era, sendo que a 6ª, se assemelhando à 2ª, seria o último passo antes do fechar do círculo, levando a crer que a 7ª era seria a volta de Cristo fechando o círculo, que se começou com ele. Essa argumentação está firmada em passagens como:

E tomem nota que isso não significa que os santos da sexta era eram melhores que os apóstolos, pois pela simples razão que eles seguiam a Cristo convivendo com ele, não podemos compará-los com quaisquer outros. Ou: “E assim a vida de Jesus retornará como era no princípio, de perfeição, como uma jornada circular que havia começado, ou seja, um novo princípio para a Igreja, retornando como ela era nos primeiros dias.

Ora, a ideia de história circular da humanidade, ou ao menos da cristandade, em nada corrobora a pensamento de Wycliffe presente em *The Wicket*. Enquanto o pensamento de Ubertino de Casale defende uma renovação da Igreja de modo a que esta retorne a uma perfeição original, a busca de um cristianismo primitivo, Wycliffe estabelece que a verdadeira adoração a Deus sempre se daria em um grupo de minoria que seria perseguido. Segundo ele isso não teria se iniciado com os apóstolos, mas já existiria desde o princípio dos tempos. Desta forma, não havendo sinais de mudança até o final dos tempos.

Em termos práticos, para os seguidores de Ubertino de Casale o mais importante seria lutar pela igreja, para a sua regeneração, para que esta voltasse a ter padrões mais elevados e espirituais, como já teria tido uma época. Enquanto, para Wycliffe, a igreja verdadeira (ou os verdadeiros cristãos como ele os chama) nunca teria deixado de existir, mas sempre havia sido minoria. Se desta forma a igreja da 2ª era e a da 6ª era tinham semelhanças com o pensamento de Wycliffe, isso se dá mais pela ideia circular de que as duas eram de minoria, imitando a Jesus e sendo perseguidas, do que por haver uma lógica semelhante que dá origem aos dois pensamentos.

Apesar de a lógica principal divergir e as consequências em longo prazo de ambos os pensamentos tenderem a posições diferentes sobre o futuro (renovação da Igreja ou renegação automática de toda igreja institucional), temos uma semelhança entre ambos. A época em que viviam era de uma igreja corrompida pelos desejos das coisas materiais e apenas uma pequena minoria falava contra essas práticas. Segundo Ubertino *“as pegadas de Cristo foram primeiramente cobertas e posteriormente esquecidas. Mas hoje temos o privilégio que nos garantiu o abençoado Francisco, pois ele foi o primeiro instituído para transmitir, à sagrada igreja, a vida de Jesus de forma escrupulosa em todos os aspectos, em um estado comunal e durável através de sua Ordem.”*

Pelo fragmento acima podemos perceber que para Ubertino o verdadeiro cristianismo teria morrido, e após uma era em que ele não existia mais *“a igreja carnal havia tomado espaço da igreja espiritual”*; surgia então o enviado de Deus, Francisco, para fazer com que a mesma retomasse seu rumo, voltando aos padrões originais primitivos. Ou seja, a espiritualidade cristã (ou o

cristianismo verdadeiramente próximo a Jesus) teria deixado de existir em uma era e só pôde retornar através de um ato divino (como veremos mais adiante). Essa retomada da espiritualidade primitiva se teria dado através de uma intervenção de Deus. Ao mesmo tempo Wycliffe defende o oposto, que o cristianismo real sempre existiu e sempre existirá, embora não fosse representado pela igreja institucional, a princípio, desde que essa adquiriu grandes poderes com o começo da Idade Média (estabelecendo Constantino e Silvestre no século IV como o grande ponto de disassociação da Igreja institucional com o cristianismo real).

Outro ponto diferencial merece ser tratado aqui. Vemos também no excerto citado que Ubertino defende não somente que a vida de Francisco de Assis era o ponto transformador, mas que essa transformação se daria pela sua Ordem, ou seja, a instituição criada em seu nome e contendo os seus seguidores:

Eu mesmo ouvi de um doutor distinto, que pertence à nossa Ordem, e que estava presente quando o irmão Boaventura, ministro geral de sua época e distinto professor, solenemente declarou no Capítulo de Paris que ele estava completamente convencido que o abençoado Francisco era o anjo do sexto selo. Ele disse que João, o evangelista, realmente viu Francisco, sua forma de vida, e sua Ordem que seria criada, então, enquanto ele escrevia todos os versos do Apocalipse referentes ao sexto selo, ele via Francisco em espírito e também a sua fraternidade de filhos, que são todos perfeitos imitadores de Jesus.

Ou seja, para Ubertino poderíamos, em linhas grosseiras, dizer que o cristianismo “Católico Romano” seria pouco a pouco substituído pelo cristianismo “Franciscano” que iria reformar aquele. “*Eles eram sagrados imitadores de Francisco, pois ele era verdadeiro imitador de Jesus, e sofreram muitas perseguições por causa de sua observância da Regra e do seu Testamento por parte daqueles que não conseguiam viver em observância do Evangelho segundo a névoa da Babilônia*”. Ou seja, na 6ª era, aquela em que eles viviam, as pessoas passariam a imitar a São Francisco tendo ele como foco, uma vez que ele era imitador de Cristo, mudando o foco da igreja

corrompida para o seu novo salvador, Francisco. E essa imitação se daria pelo cumprimento de um código de regras escrito, código esse defendido pela Ordem dos Franciscanos. Portanto, a igreja não somente seria institucional, como seria de maioria e acabaria abarcando a todos os outros dentro desta instituição.

Wycliffe defende exatamente o oposto, inclusive tendo escrito a respeito especificamente dos franciscanos:

A essência dessa regra foi esquecida assim como eles esqueceram a obediência a Deus, para adorarem um idiota pecador, fazendo o oposto da vontade de Deus. Neste caso, um idiota pecador que sofrerá a danação do diabo, pois foi para os prazeres do mundo e a luxúria que ele transformou esses mandamentos que eram de Deus e tinham sido feitos de forma virtuosa e magnífica. E as pessoas prestam mais obediência aos homens pecadores do que prestam obediência ao próprio Cristo, e estes são ainda mais assustadores, pois viram as coisas feitas após os mandamentos de Deus, mas preferiram ter posições de mérito ao seguirem os mandamentos de um idiota pecador, neste caso o próprio diabo que mora nas profundezas do inferno (...), e fizeram de forma pior após receberem essa regra do que haviam feito após receberem os mandamentos de Deus¹⁴⁸.

Wycliffe continua o seu comentário dizendo que as pessoas, ao seguirem a regra e não a ideia presente nela, e ao seguirem o “idiota pecador” deturpam a ideia principal aparentemente sem quebrar a regra. Ele cita, por exemplo, que franciscanos estariam acumulando, riquezas contando as mesmas com uma vareta, e ordenando que outras pessoas as enterrassem debaixo de suas casas, para evitar ir contra a ordem de não se tocar nas riquezas e não possuir nada de seu. Cita que pediam para outros receberem o ouro em seu lugar, ou que transformavam sua riqueza em algo menos perceptível, como livros luxuosos. Inclusive, criticando a questão da castidade dos franciscanos, que por mais que não se casassem, transformam a ideia de pureza simplesmente como abstenção das relações sexuais e não como pureza de alma em si. Finalmente os acusa de:

¹⁴⁸ WYCLIFFE, John, *COMentário do testamento de São Francisco, capítulo único*

Eles creem que a religião feita por homens pecadores é melhor do que a religião do próprio Cristo, criando mais tradições e costumes para justificar seus próprios erros do que as leis justas criadas por Deus. E: “esses que se dizem os freis menores, mas são falsários, perseguem os verdadeiros freis menores até os locais mais profundos, pois há alguns que se mantiveram fiéis à regra e à sua essência, e seguem à letra a pobreza e a penitência, e estes que ainda carregam o nome de Francisco, se tornaram inimigos de Cristo e de Francisco. Os verdadeiros franciscanos seguem apenas o evangelho e não aceitam adições feitas por homens, nem seguem a regra de Francisco acima da regra do evangelho criado por Deus.

Ou seja, neste ponto Wycliffe deixa claro sua discordância da linha de pensamento de Ubertino, primeiramente colocando a figura de Jesus como exclusiva, e negando a ideia de “imitação da imitação” quando coloca que os verdadeiros franciscanos seguiriam apenas o evangelho, dando a ideia de que a regra e o testamento de São Francisco teriam a mesma essência do evangelho e isso lhes dava valor, mas de nada adiantaria seguir à risca as regras se não fosse possível compreender a sua essência, pois da mesma forma como o evangelho havia sido deturpado, também a regra e o testamento de São Francisco já estavam sendo deturpados.

Terminando por estabelecer novamente a sua regra apresentada no livro *The Wicket*, ou seja, os franciscanos corrompidos pelo poder, que jogam fora a essência da Regra para deturpá-la de acordo com sua própria ganância, agora passavam a perseguir os verdadeiros franciscanos, que ainda eram pequeninos, seguiam a pobreza e tentavam imitar a Cristo apenas. Garantindo assim que seria inválida qualquer tentativa de restauração da igreja, negando qualquer possibilidade de movimento circular, uma vez que o que havia não era nem sequer um movimento, mas uma manutenção de uma regra natural.

IV.3.B. Wycliffe, Angelo Clareno e Arnaldo de Sarrant (e a teoria de São Francisco como o novo Cristo).

Angelo Clareno entrou para a ordem de São Francisco por volta do ano de 1274, tendo desde cedo visto o confronto entre os espirituais franciscanos e os líderes da ordem¹⁴⁹. Ele, em conjunto com outros freis, foi preso por volta de 1280, passando alguns anos na prisão. Quando Geogffroi, o novo ministro geral da ordem foi eleito, eles foram libertados. A soltura, entretanto, se deu com a condição de uma espécie de exílio à Armênia. Em 1294 Angelo Clareno volta a Roma para a posse do novo papa Celestino V.

O papa Celestino V em si é uma figura que merece destaque. Seu nome original, Pedro de Morrone, fundador dos celestinos¹⁵⁰, assume o papado em 1294, com discursos de transformações, no entanto, após alguns meses resolveu criar a regra da possibilidade dos papas abdicarem do trono, o que ele mesmo fez, tendo um pontificado de menos de cinco meses. Algumas de suas regras criadas em seu curto papado não foram levadas adiante por seus sucessores.

Bonifácio VIII, sucessor de Celestino V, ao cancelar as regras de seu predecessor, dá armas para que a ordem franciscana fizesse com que Angelo Clareno e outros espirituais continuassem na marginalidade. Desta forma ele acaba indo forçadamente para a Grécia, onde estabelecerá morada por mais alguns anos.

Em 1304, logo após a morte do papa Bonifácio VIII, Angelo Clareno tenta retornar à Itália mais uma vez, na esperança de convencer o papa a estabelecer uma ordem separada e regulamentada, que incluísse ele e seu grupo. O papa Bento XI, que assumira o poder, entretanto, morre misteriosamente poucos meses após assumir o pontificado. Há indícios de que ele possa ter sido envenenado.

Em 1311 seus ensinamentos foram considerados heréticos. Apesar disso, quando chamado perante o tribunal eclesiástico, não foi condenado em conjunto com o seu grupo. Por volta de 1325 começa a escrever diversos

¹⁴⁹ HALSAL, Paul, *Angelo Clareno in Fordham University Medieval Source Book*

¹⁵⁰ Grupo mendicante, originalmente ligado aos dominicanos, mas que passa a ter intensa relação com os espirituais franciscanos

textos sobre São Francisco e o surgimento da ordem franciscana, sendo a sua principal obra *Septem Tribulationum Ordinis Minorum*¹⁵¹, analisada a seguir. Em 1334 ele acaba tendo de fugir da inquisição, morrendo em 1337.

No prólogo da citada obra, Angelo Clareno já deixa claro o seu caráter menos racional e mais místico:

A vida de Francisco, pobre e humilde homem de Deus, fundador das três ordens, foi escrito por quatro pessoas muito estimáveis, aprendizes do que é mais sagrado. Eram seus nomes: João, Moás de Celado, irmão Boaventura, ministro geral após o abençoado Francisco e homem de maravilhosa simplicidade e sacralidade, e o irmão Leo, companheiro de São Francisco.

Ao estabelecer, no início do prólogo de seu livro, que haviam sido quatro as pessoas que teriam escrito sobre São Francisco e ressaltar a proximidade entre essas pessoas e as coisas sagradas, Clareno faz uma alusão entre São Francisco e Jesus, no sentido de haver quatro evangelistas na Bíblia, que relatariam a vida de Jesus, e aqui, igualmente, quatro homens que relatavam a vida de São Francisco. Assim como na Bíblia - os evangelistas - alguns viveram presencialmente com Jesus e outros não, igualmente entre os que escreviam sobre a vida de São Francisco. Um último ponto a ser ressaltado é que entre os quatro nomes citados por Ângelo Clareno, temos como primeiro biógrafo simplesmente João, nome do quarto evangelista, e justamente o que, dentro os quatro biógrafos de São Francisco, é menos conhecido¹⁵².

Qualquer um que leia e diligentemente examine essas quatro escrituras ou histórias poderá saber em parte o que interessa a respeito da vocação, da forma de vida, da sacralidade, da inocência, da vida, da primeira e da última intenção deste homem seráfico, e agora, como Cristo o amou de forma especial e como ele foi familiar a Cristo, lavando, iluminando e formando ele, desenhando ele diante de Cristo a seguir cada uma de suas pegadas e a Sua perfeição, aparecendo a ele Cristo Crucificado. Ele também transformou Francisco nEle próprio,

¹⁵¹ *The Early Documents – Francis of Assisi*, vol3, p.376

¹⁵² *Idem*, p380

desde a forma como ele viveu não para si, e ainda mais completamente em sua morte, crufificado por Cristo.

Analisando comparativamente essas passagens com as ideias de Wycliffe, temos uma dupla possibilidade de análise. Por um lado temos aqui a presença de alguns termos que refletem a necessidade de imitar as ações de Jesus, tendo ele como exemplo de modo de vida, conforme amplamente pregado por Wycliffe. Ao mesmo tempo, temos a forte presença de ideias como Francisco ter se transformado em Jesus e, posteriormente, se Crucificado por Cristo. Aqui, o termo “Crucificado por Cristo” provavelmente se refira aos estigmas, feridas que São Francisco (e outros santos) teriam tido, referindo-se às cinco feridas que Jesus teria sofrido em sua crucificação (duas nas mãos, duas nos pés e uma no peito). Percebe-se, desta forma, que Angelo Clareno começa com um esforço para colocar São Francisco na pele de Jesus, primeiramente a referência aos quatro biógrafos referindo-se aos quatro evangelhos, e agora a vida moldada por Jesus e a morte “copiada” de Jesus, em uma espécie de cruz espiritual (uma vez que seria impossível imputar a São Francisco uma morte na cruz real, ou ainda uma morte condenatória e por tortura, como no caso de Jesus).

Para ele, Cristo era substância, impulso, senso, luz e vida, ele era impresso com fogo em sua memória, intelecto e paixão, ele era unido e secretamente conformado à cruz no interior de sua medula. E Ele era tudo o que ele desejou, pensou, falou e fez, pois tudo ele recebeu de Cristo e ele, vigilantemente, humildemente e abençoadamente arrumou e cumpriu tudo de acordo com a vontade dEle.

Jesus Cristo o encontrou fiel, obediente, grato, simples, cheio de justiça, humilde e de acordo com o Seu coração, e revelou a ele a primeira e a última perfeição de sua vida evangelical e também à Sua mãe, Seus apóstolos, e os evangelistas. Ele abriu suas orelhas e colocou nele o poder das mãos, a incorruptibilidade e a perfeição dos trabalhos do céu e colocou esse poder em seu coração, sua boca e seus braços.

Novamente temos uma dupla possibilidade de análise do fragmento. Primeiramente pode-se ressaltar a imensa tentativa de engrandecer Francisco, apesar de quaisquer titulações de “freis menores”, essa associação tão grande com Jesus tenta passar uma ideia perfeita de Francisco, quase transformando ele próprio em Jesus. Mas ao mesmo tempo, também podemos fazer a associação de que, tudo o que é elogiado em Francisco é exatamente o fato de, tanto seus desejos, como suas ações, todas estavam baseadas na imitação de Cristo. Temos, entretanto, na continuação:

Cristo disse a ele: Pegue da minha mão este pergaminho, a lei da graça, humildade, pobreza, piedade, caridade e paz, a forma de vida que eu mantive com os meus discípulos, a regra de dar vida aos menores, a vida cheia de graça, a certeza da aquisição da glória para a alma diretamente em ação e o pensamento em ter posses no paraíso e ascender a ele. Isso tudo eu criei substancialmente nos santos desde o começo e mostro agora a você a forma da perfeição.

Nu, nascido da Virgem, de forma que palavras não descrevem, eu estava despido de quaisquer vestimentas, usando as roupas da pobreza e deitado em uma manjedoura de humildade, porque eu não quero um lugar na hospedagem, portanto, na miséria, eu posso mostrar pobreza para que tenham certeza de qual o caminho que leva ao reino dos céus, e eu confirmo essas palavras e feitos dos humildes amantes e observadores da pobreza para os seus herdeiros e reis do mesmo reino ordenado por meu Pai para a eternidade.

(...)

Para essa razão, dando a escolher a todos os que vem após mim para escapar das trevas do erro e da danação eterna da confusão e da morte, e para que possam entrar no reino de Deus, nascer na água e no Espírito Santo. Assim como Eu me batizei por ele que levava as pessoas ao deserto, guiado pelo Espírito Santo. Em jejuns, vigílias e orações que eu consagrei, por exemplo, no período de quarenta dias, ensinei com isso que a vida de batizado necessita ser consagrada completa e perfeitamente para o serviço divino e então aqueles que me seguirem, pelo meu poder, poderão conquistar o príncipe da morte, governante deste mundo de escuridão e morte.

Como se não bastasse uma aproximação da figura de São Francisco com Jesus, Angelo Clareno, ao continuar seu texto, começa a criar um “novo evangelho” baseado nos outros existentes. Apesar de sua linha de construção destes parágrafos e dos subsequentes estar relacionada com eventos presentes nos evangelhos, temos novas palavras vindas da boca de Jesus, como que explicando, para as pessoas contemporâneas a Clareno, os motivos que teriam levado às ações de Jesus.

Em si, a interpretação de elementos presentes em textos sagrados é prática religiosa comum em quaisquer culturas, em se tratando da igreja católica, temos uma grande liberdade de exegese. Contudo o que vemos aqui não é simplesmente uma exegese em si. Caso Ângelo Clareno tivesse dito todas essas palavras, situando a si próprio como autor das mesmas, poderíamos ter uma argumentação racional, semelhante à utilizada por tantos outros pregadores, incluindo Wycliffe, exemplicando, por exemplo, “Jesus, sendo Deus poderia ter escolhido nascer em qualquer momento histórico e ter quaisquer pais que Ele desejasse escolher. Entretanto, ao escolher ser filho de Maria, e escolher nascer na data que escolheu, sabia que sua mãe não encontraria lugar na hospedaria e, portanto, teria de nascer em uma manjedoura. Se assim foi, então, certamente ele desejava ensinar algo para as pessoas com esse nascimento incomum. O que poderia ser senão a grandiosidade da pobreza e a necessidade de viver em pobreza, assim como ele viveu, desde seus primeiros momentos de vida envolto em panos simples”. Uma hipotética interpretação como a colocada acima manteria os mesmos valores passados por Ângelo Clareno, mas sem colocá-lo no papel de escritor de um novo evangelho, fazendo de suas palavras (ou se palavras passadas por tradição oral entre os espirituais franciscanos) as palavras de Jesus.

Mas será que realmente o hipotético excerto criado passaria os mesmos valores? Será que a reescrita da vida de Jesus em uma explicação mais detalhada de quais teriam sido suas intenções não é um dos objetivos ou um dos valores apresentados por Clareno? Por exemplo, logo após a citação do nascimento de Jesus, onde Jesus teria explicado nas palavras de Clareno o motivo pelo qual teria nascido em uma majedoura, ele já passa diretamente para o momento dos quarenta dias que Jesus passa no deserto e após isso

para o seu batismo. Porém, ao fazer isso, Clareno ignora algumas passagens do evangelho de Lucas.

Em linhas gerais poderíamos definir que as principais temáticas do início do evangelho de Lucas seriam: Lc 1, 1-4 – Introdução, Lc 1,5-25 Preparação para o nascimento de João Batista, Lc 1, 26-38 – Anjo anuncia o nascimento de Jesus, Lc 1, 39-56 – Maria fica com Isabel, Lc 1, 57-66 – Nascimento de João Batista, Lc 1, 67-80 – Profecias de Zacarias, Lc 2, 1-7 – Nascimento de Jesus Lc 2, 8-20 – Pastores Visitam Jesus, Lc 2, 21-24 – Circuncisão de Jesus, Lc 2, 25-38 – História de Simeão, Lc 2, 39-52 – Jesus no Templo na festa da Páscoa, Lc 3, 1-20 – Pregação de João Batista, Lc 3, 21-22 – Batismo de Jesus, Lc 3, 23-38 Genealogia de Jesus, Lc 4 1-13 Jejum de 40 dias de Jesus no deserto.

Clareno, ao colocar Jesus como autor das palavras que escrevia, escolhe falar do episódio da manjedoura e, logo após passar ao episódio do batismo de Jesus e sua tentação no deserto, ele ignora uma quantidade relativamente grande de outras passagens. Se formos utilizar a contagem feita acima seria um total de 15 passagens, das quais apenas 3 são citadas. Se formos considerar que destas 15 somente algumas são relativas especificamente a Jesus, teríamos então 9 passagens. Portanto, mesmo que considerássemos que Ângelo Clareno quisesse selecionar apenas as passagens de Jesus, ainda assim teríamos uma seleção de 3 entre 9. Ressaltando que entre as passagens excluídas, temos, por exemplo, a visita dos pastores ao Jesus recém nascido. Por mais que a imagem da visita de pastores a um bebê enrolado em panos em uma manjedoura seja sinal de simplicidade de pobreza, temos o destaque de que os pastores foram lá para proclamar a grandeza de Jesus. Ou poderíamos citar ainda Jesus no Templo, onde, segundo o texto de Lucas, ele teria feito os doutores da lei se espantarem com sua sabedoria, ou seja, o principal destaque aqui não é a pobreza, mas sim a sabedoria. Podemos ressaltar ainda que a escolha do evangelho de Lucas também foi intencional. Se fôssemos pegar o evangelho de Mateus, por exemplo, não teríamos qualquer informação com relação à manjedoura e os pastores vindo visitar Jesus. Segundo este evangelho, são os reis magos, trazendo presentes valiosíssimos (ouro, incenso e mirra). Neste

caso tendo uma história completamente oposta a ideia apresentada por Clareno.

O Objetivo desta análise não é, de forma alguma, querer provar qualquer erro de Ângelo Clareno e muito menos advogar a favor da riqueza clerical. Pelo contrário, o objetivo é comparar as diferentes abordagens de Wycliffe e Clareno a respeito da forma de se pregar a necessidade da pobreza clerical. Como pudemos ver no pensamento de Wycliffe presente em *“How Satan and his Children turn Works of Mercy upside down, and deceive Men Therein, and in their Five wits”* também ele era favorável à pobreza clerical, em especial, à necessidade do clero ao invés de acumular riquezas caminhar para a diminuição do sofrimento dos pobres, dedicando-se a eles.

Entretanto, enquanto Wycliffe tem uma abordagem lógica, racional, de analisar a situação e utilizar por base os evangelhos, Clareno busca uma solução muito mais mística, dando palavras a Jesus, colocando como se o próprio Jesus tivesse dado as instruções que agora ele dá.

Além do formato e técnica exegética, também temos uma sutil diferença dos valores pregados. Enquanto Clareno faz uma apologia à pobreza, colocando-a como forma de vida a ser desejada por todos os cristãos, Wycliffe faz uma interpretação mais racionalista. Interpretando não a riqueza em si, como problema, mas a necessidade de se combater as dores da pobreza como objetivo principal. Enquanto, aparentemente, o mundo ideal para Clareno, seria da pobreza generalizada. Para Wycliffe, o mundo ideal seria aquele em que todos os pobres estariam vestidos, todos os famintos alimentados, e assim por diante. Ambos combatiam a riqueza clerical, mas em Clareno a riqueza deveria ser combatida em si, enquanto em Wycliffe a riqueza deve ser combatida enquanto desigualdade social¹⁵³. Não um combate absoluto à desigualdade social, pois em momento algum Wycliffe chega a propor a existência de uma única classe social. Mas à desigualdade social onde um grupo se alimenta com

¹⁵³ Muito embora exista uma da passagem presente no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 4: *“E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Não havia, pois, entre eles necessidade algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos”* que pode ser interpretada como uma sociedade igualitária e sem divisão social. Apesar disso Wycliffe não faz tal relação e ela igualmente poderia ser amplamente contestada pela existência de uma classe de “apóstolos” em contraposição dos outros membros da comunidade.

as melhores comidas, enquanto outro grupo passa fome; um veste as melhores roupas enquanto outro morre de frio; uns vagam sem moradia, enquanto outros vivem no luxo, etc.

Essa diferença pode ser percebida ainda mais claramente na continuação do texto de Clareno:

Eu confirmei a Minha pregação no Meu sangue que derramei na morte da cruz, nu, fora dos portões da cidade, no meio de ladrões, abandonado a insultos e sofrendo o pior dos sofrimentos, tão inumeráveis e sem limites foram esses sofrimentos, redimido pelo meu sangue e pelo poder da minha morte eu pude me levantar para aqueles corrompidos pelo orgulho, vaidade e carnalidade, aqueles que com todo direito foram condenados à morte dupla, para que eu possa fazer que eles sejam os mais ardorosos amantes das Minhas dores e Minha morte na cruz, vencendo eles assim o mundo e o mal. Enquanto eu deitava minha vida para a salvação da humanidade para a honra e glória do meu Pai, eles se redimiram através de Mim. Agora podem deixar suas vidas para a glória e honra do Meu nome, dando rápido sentido para a Minha morte e para a cruz, pois esse mundo com o príncipe da morte foi conquistado pela graça no seu presente, com a glória no futuro.

Nas palavras do Jesus de Clareno, há uma mistura da clássica interpretação da morte de Jesus para salvação da humanidade, com a morte de Jesus para ensinar, também, a pobreza (representada pela sua nudez) e o sofrimento, a dor. O mundo ideal seria um mundo onde todos são pobres como esse Jesus era, e que de alguma forma sofram como ele sofreu. Enquanto em Wycliffe, a vida e morte de Jesus teriam justamente a ideia oposta, de se ensinar a lutar contra a pobreza dos mais pobres e contra os sofrimentos. Em linhas simplistas, enquanto Clareno pregaria que “porque Jesus foi pobre e sofreu você tem que sofrer e ser pobre” para Wycliffe “Jesus foi pobre e sofreu para que você aprendesse a combater o sofrimento e a pobreza”.

Temos ainda outro importante excerto para destacar, desta vez com outra temática de grande riqueza comparativa ao aproximarmos da obra de Wycliffe:

E Desta forma, no seu testamento (de São Francisco) que ele fez próximo à sua morte, ele diz: 'Por tudo aquilo que o Senhor me deu, irmãos e companheiros, ninguém me mostrou aquilo que eu devo fazer, mas o próprio Maior e Mais Sagrado se revelou a mim que eu deveria viver de acordo com o que está apresentado nos sagrados evangelhos. E eu tenho isso escrito em simples e poucas palavras, e o senhor papa confirmou isso para mim.'

E para a pura e católica observância desta vida, no final de seu testamento, no que ele mostra o que recebeu desde o princípio, meio e o final de sua conversa com Jesus Cristo, aparece a fé e a obediência à Igreja Romana e a todos os seus padres, pois foram ordenados para mesma Igreja, apesar de pecadores eles devem ser venerados. Da mesma forma, pois, caso ele tivesse a mesma sabedoria de Salomão, certamente saberia que não se deveria pregar contra a vontade e a obediência deles. Iluminado por Cristo ele ensinou seus irmãos a respeitar, amar e honrar os ministros do sacramento da igreja como seus senhores e, acima de todos, o sacramento das palavras divinas, assim os mestres e doutores da sagrada teologia devem ser venerados e honrados porque, ele diz, através deste gesto nós mostramos espírito e vida para o ministério deles. Eles devem realizar seu ofício de acordo com o costume da Igreja Romana. Já os irmãos devem estar contentes com uma única túnica consertada para a observância da pura pobreza, e não devem desejar ter nada a mais, mas sinceramente se sujeitar a tudo, mostrando o menor estado da humildade em seu caminho e trabalhos, trabalhando com suas mãos para dar o exemplo de amor e virtude. Evitar de todas as formas o ócio, e providenciar as necessidades de seus corpos e dos seus irmãos que estão no mesmo caminho do evangelho, mostrando grande humildade, dignidade inefável, e participação na mesa do Rei da Glória, tendo o recurso de ir buscar almas de porta em porta sem serem pagos de nenhuma forma por seu trabalho.

Ângelo Clareno ao interpretar a única expressão “e o senhor papa confirmou isso para mim”, cria toda uma interpretação de completa obediência à Igreja Católica e aos padres consagrados por ela. É claro que essa conclusão não se baseia apenas nestas palavras aqui colocadas, e sim na própria vida de

São Francisco. Entretanto, a ênfase dada por Clareno é bem clara. A pobreza, por mais que seja ideal a todos, deve ser seguida apenas por alguns, aqueles que desejarem. E estes, por sua vez, devem continuar obedecendo a Igreja Católica Apostólica Romana, chamada aqui por ele apenas de Igreja Romana¹⁵⁴. Ele afirma que tal postura seria sábia. Sem dúvida em uma época de perseguições, tentar não enfrentar diretamente um poder superior poderia parecer realmente uma decisão sábia. Porém, ele não simplesmente fala em não enfrentar, mas em completa e total obediência. E coloca quase como uma relação simbiótica entre ambos (freis menores e Igreja Católica), pois enquanto aqueles trariam espírito e vida, os outros trariam o ministério dos sacramentos e a teologia.

Tal afirmação é condizente com um Ângelo Clareno que por duas vezes tentou se aproximar de dois papas para fazer valer como oficial o seu grupo (provavelmente como um grupo à parte dos franciscanos) mesmo que nestas duas vezes tenha ocorrido o breve fim do papado daquele a quem ele buscava, ou por abdicação ou por morte. Isso é ainda mais confirmado ao ver que, todas as vezes, Clareno aceitou ser enviado para terras distantes em espécies de exílios, enquanto ainda se mantinha oficialmente católico. No entanto, ao compararmos com a visão de Wycliffe sobre o tema, temos no teólogo inglês uma posição muito mais radical, de completa divisão entre os que seriam os verdadeiros cristãos e a igreja oficial, chamada por ele de “papistas”. Como seria possível a Clareno uma vida ao mesmo tempo completamente de acordo com a pobreza e humildade e seguindo as ordens de uma igreja que ele acreditava estar corrompida e seguindo caminhos opostos aos que deveriam ser?

Por fim, o último elemento de comparação entre esses dois pensadores é a figura exemplar. Ambos utilizam-se de uma figura exemplar a ser seguida, não somente em seus ensinamentos, mas principalmente em seus atos. Entretanto Ângelo Clareno deixa presente a ideia do “imitador do imitador”, enquanto Wycliffe coloca Jesus como o único foco de imitação possível.

¹⁵⁴ De modo interessante no momento em que Clareno chama a Igreja Católica de Igreja Romana a sede a igreja não era Roma e sim Avignon, entretanto, não há qualquer indício adicional que ele pretendesse com isso fazer alguma separação entre a Igreja Católica anterior e posterior ao papado de Avignon, e certamente ele não poderia tomar partido no Grande Cisma do Ocidente, pois este só ocorreria alguns anos após sua morte.

Clareno tenta associar de todas as formas São Francisco a Jesus, de modo que São Francisco passe a ser a figura exemplar perfeita, onde o fato de São Francisco ter submetido o seu testamento ao papa é base para toda a argumentação de que os seus irmãos deveriam fazer o mesmo, obedecendo a todas as ordens vindas da Igreja. Ao mesmo tempo, Wycliffe, ao isolar Jesus como único exemplo a ser seguido, inviabiliza quaisquer relações como essa.

A relação entre Jesus e São Francisco, chega a ser levada em sua última instância não por Ângelo Clareno, mas por Arnaldo de Sarrant em sua obra *O Parentesco de São Francisco*¹⁵⁵, de 1365.

Arnaldo de Sarrant, franciscano, seguidor das ideias de Clareno, se propõe a criar um conjunto de comparações entre a vida de São Francisco e de Jesus, de modo a criar-se um paralelo quase completo entre as duas pessoas, de modo que, no final, as duas figuras basicamente se fundissem em uma só, quase como se São Francisco fosse em si Jesus.

Essa relação entre as duas pessoas se dá através de nove pontos principais, desta vez importando muito menos os ensinamentos em si, sejam de Jesus, sejam de Francisco, e indo para outros detalhes e números. Por exemplo:

- Número de apóstolos e um traidor – Segundo Arnaldo de Sarrant tanto Francisco como Jesus tiveram 12 discípulos, dos quais um entre eles lhes trairia. Na sua relação ele passa por cada um dos 12 discípulos de Jesus, relacionando especificamente a um dos seguidores de São Francisco, identificando características semelhantes entre o seguidor dele e o discípulo de Jesus. Abaixo encontra-se a listagem proposta.

André	Bernardo de Quintavalle
Pedro	Pedro Catanio
Thiago, maior	Irmão Giles
João o Evangelista	Irmão Leo
Thiago, menor	Irmão Silvestre
Felipe	Felipe, o Alto
Matheus	Irmão Ângelo

¹⁵⁵ *The Early Documents of Francis of Assisi*, vol 3 p. 675

Bartolomeu	Irmão Masseo
Simão	Irmão Pacífico
Judas Tadeu	Irmão Elias
Judas Iscariotis	Irmão João de Capella
Tomé	Irmão Rufino

Não bastassem os nomes, há também uma explicação de alguns parágrafos sobre o motivo de cada um dos discípulos de Jesus se associar especificamente com aquele determinado seguidor de São Francisco. Em alguns casos a referência começa pelo mais simples, o nome, como no caso de Pedro e Felipe. Outras vezes por alguma característica do mesmo.

Por exemplo, Leo, associado a João, o evangelista, teria tal associação por ser um dos maiores amigos de São Francisco, o mais jovem entre eles, assim como João. Jesus teria revelado alguns segredos apenas a João¹⁵⁶, da mesma forma como São Francisco teria revelado alguns segredos apenas a Leo. Igualmente, como João teria visto Jesus transfigurado, Leo teria visto Francisco orando a Deus e anjos se achegando até Francisco estar envolvido em uma celestial leblina brilhante¹⁵⁷. Da mesma forma como João estava presente na crucificação de Jesus, sendo o único dos discípulos que o viu morrer, também Leo estaria com São Francisco quando este teria recebido seus estigmas. Da mesma forma como Jesus teria revelado a João o futuro em sua visão na ilha da Patmos surgindo daí o livro Apocalipse, da mesma maneira Francisco teria mostrado a Leo uma série de fusões sobre o futuro. Da mesma forma como Jesus teria mostrado a João, no Apocalipse, que as igrejas da Ásia seriam conquistadas, também Leo recebeu tal visão e dela prestou testemunho¹⁵⁸, e assim as comparações vão seguindo, adotando um caráter muito menos centrado nas ações de São Francisco, mas em uma comprovação mística de que Francisco e Jesus, de certa forma eram a mesma pessoa. Tanto que Jesus pôde mostrar a João o futuro, assim como Francisco pôde mostrar a Leo o futuro.

¹⁵⁶ Afirmação essa baseada no fato do evangelho de João possuir informações bem diversas dos outros 3 evangelhos, em especial a cerca da divindade de Jesus

¹⁵⁷ *The Early Documents of Francis of Assisi*, vol 3 p. 687

¹⁵⁸ As Igrejas da Ásia aparecem aqui em decorrência do Cisma do Oriente, e da separação entre Igreja Ortodoxa e Igreja Católica.

Essas comparações continuam por mais uma série de itens comparativos, como a relação direta de amor entre Francisco e uma virgem, relacionada a Jesus e sua mãe, Maria. Embora, no caso de Francisco, a virgem não seria sua mãe, e sim grande amiga. Da mesma forma como Jesus teria seus “doutores” na época de patrística, Francisco teria seus teólogos, da mesma forma como Jesus teria contato com Paulo, o qual só haveria “conhecido após a morte”, mas que teria sido indispensável para levar seus ensinamentos para além do povo, Francisco teria tido Santo Antônio, assim como entre os primeiros cristãos muitos se tornaram eremitas, também muitos dos primeiros franciscanos teriam se tornado eremitas, a relação dos quatro evangelistas com os quatro animais é repassada aos quatro biógrafos de São Francisco¹⁵⁹:

Águia	João	Irmão Boaventura
Touro	Lucas	Irmão Julian
Leão	Marcos	Irmão Leo
Homem / Anjo	Mateus	Irmão Tomas

Entretanto, quanto mais Arnaldo segue nesta comparação, menos ele parece realmente se importar com a vida e ensinamento de São Francisco e menos ainda em estabelecer uma lógica racional. Por exemplo, o irmão Leo, que anteriormente havia sido relacionado a João, aqui aparece relacionado a Marcos.

Esse documento é contemporâneo a Wycliffe, embora ainda anterior ao *The Wicket*. Não há quaisquer indícios de que Wycliffe tenha tido contato com tal obra, entretanto, no comentário que ele faz ao testamento de São Francisco¹⁶⁰ fica bem clara a sua separação entre os franciscanos de sua época, e os ensinamentos presentes no testamento em si, tentando demonstrar como que a ordem havia perdido por completo o seu caminho, se tornando apenas mais um dos braços de uma igreja corrompida.

¹⁵⁹ *The Early Documents of Francis of Assisi*, vol 3 p. 697

¹⁶⁰ *The English Works of Wycliffe* p.47

Mas os menores (freis menores – franciscanos) dizem que o papa os dispensou deste testamento e dizem que por isso eles não estão presos ao testamento. E como dizem que a autoridade do papa é superior à autoridade de São Francisco, então eles podem ser dispensados de tal cumprimento. (...) além disso os freis menores romanos por falso testemunho perseguem os verdadeiros freis da pobreza até as profundezas, simplesmente pois estes querem seguir a letra presente na regra e se manter em pobreza e penitência.

Não há, aqui, nenhuma relação clara a Ângelo Clareno, contudo é importante perceber que o mesmo princípio defendido com força por Clareno, da necessidade da submissão do poder papal, aqui é apresentado como o primeiro motivo que leva os franciscanos justamente ao descumprimento completo da regra. Certamente quando faz o seu conjunto de acusações presentes no comentário da regra, Wycliffe não está se dirigindo a Clareno, uma vez que o mesmo estivesse justamente no grupo dos “verdadeiros freis da pobreza” como já vimos anteriormente. Apesar disso, a postura de buscar a aprovação e a submissão papal, na opinião de Wycliffe, estava causando a destruição dos princípios iniciais da ordem.

Se podemos estabelecer essa comparação entre Ângelo Clareno e Wycliffe, estabelecer a relação do pensamento de Arnaldo é um pouco mais complexo, especialmente porque ele, de tão imerso que fica em sua justificativa de relacionar Jesus a São Francisco, basicamente deixa como menor importância a vida e os ensinamentos de cada um dos dois. Mas talvez essa seja justamente a melhor comparação a ser feita. Em mais de uma obra, e especialmente no *The Wicket*, Wycliffe ressalta a intensa importância da imitação das ações de Jesus, ao mesmo tempo que declara que Jesus seria o único ser que deveria ser imitado, e que qualquer afastamento desta imitação traria o distanciamento do verdadeiro cristianismo. Quando Arnaldo tenta sobrepor as vidas de Jesus e Francisco, estaria, portanto, quebrando esse princípio. Não há qualquer prova que os alertas de Wycliffe tenham sido de alguma forma resposta a Arnaldo, exatamente também por não ter sido ele nem o primeiro e nem o último a fazer analogias entre personagens do

cristianismo e Jesus, transpondo características de um para outro e unindo ambas as figuras.

IV.3.C. Wycliffe e Guilherme de Ockham

É bem mais clara a relação entre Wycliffe e Guilherme de Ockham do que a relação entre ele e os demais autores trabalhados nestes capítulos. Isso se dá pela proximidade temporal e espacial entre ambos. Assim como Wycliffe, Ockham estudou em Oxford, tendo seguido parte de sua carreira acadêmica nesta universidade, muito embora não tenha seguido nele até o fim. Ambos os pensadores tem a maior parte de seus escritos no século XIV, embora Ockham seja um pouco anterior a Wycliffe, tendo falecido em 1350, enquanto Wycliffe tem duas principais obras criadas cerca de uma a três décadas depois disso.

Como se não bastasse essa proximidade, os temas presentes nas obras de ambos os autores também são semelhantes, em especial no que diz respeito ao poder papal e as críticas feitas ao mesmo. Ockham é considerado um dos maiores críticos ao poder papal e da relação entre o poder secular e o poder clerical¹⁶¹. Outra semelhança importante além da temática, é o centrado humanismo e racionalismo presente em ambos. Muito embora, ao contrário de Wycliffe, Ockham defendia ser possível uma igreja hierarquizada e poderosa¹⁶², apesar desta não poder suprimir o poder secular

A obra escolhida de Ockham para a aproximação de Wycliffe é *Brevilóquio sobre o principado tirânico*, por ser uma das mais importantes relacionadas ao poder papal. Já vimos anteriormente em diversos pontos há pensamento de Wycliffe sobre tal assunto, de modo que é conveniente, antes das comparações, apresentar brevemente a argumentação de Ockham da mesma.

Antes de iniciar sua argumentação por 6 livros e 80 capítulos, Ockham define quais serão as bases de sua argumentação, definindo desta forma no final da introdução: “Assim, pois, haverei de apresentar com reservas¹⁶³ o que me parece ser conforme com a verdade, para que possa ser corrigido se for falso, através do julgamento de alguém mais sábio. As coisas, porém, que pela

¹⁶¹ MCGRADY, Arthur Stephen, *The Political Thought of William Ockham* McGraw, p.1

¹⁶² Idem, p.82

¹⁶³ Referindo-se ao que já havia falado anteriormente, que este seria apenas um estudo breve, que seria seguido por um estudo mais aprofundado. Sendo assim a reserva não no conteúdo, mas na extensão do mesmo

Sagrada Escritura ou pela razão evidente ou por qualquer outro modo são certas, não as submeto à correção de ninguém, porque devem ser aceitas sem ser submetidas a qualquer correção”

Nesta espécie de aviso prévio de que não se retrataria, Ockham define uma base tripla para fundamentar aquilo que seria incontestável: A razão, as escrituras sagradas e “outro modo”. Apesar de “outro modo” ser algo dúbio presente em um texto de argumentação lógica clara, vamos nos ater mais aos outros dois, as escrituras e a razão “evidente”. No que diz respeito à razão, temos não somente a abertura para a lógica em si, mas para a utilização da filosofia grega, uma vez que os chamados “filósofos pagãos” serão citados no decorrer da obra. Devemos lembrar que por mais de uma vez Wycliffe critica a utilização da filosofia grega dentro de tratados teológicos, especialmente a filosofia aristotélica. Sendo, portanto, um ponto de partida diferente na estrutura de pensamento de ambos. No que diz respeito à Sagrada Escritura, poderíamos a princípio imaginar tratar-se de toda a Bíblia. Entretanto Ockham também nos deixa claro, no capítulo 3, que tal definição deveria ser ampliada: *“É necessário, pois, que o papa, que é juiz, médico e sacerdote, saiba explicitamente que poder tem e que poder não tem sobre os outros, a fim de não vir a julgar alguém com direito usurpado contra a doutrina de Agostinho, incorporada à lei”*. Embora os termos utilizados sejam diferentes (lei x Escritura Sagrada) temos as citações escriturárias (Bíblia) presentes em proporção semelhante a autores da patrística, decretos gregorianos, entre outros, demonstrando que, na prática, a tradição da Igreja Católica, enquanto seu corpus de leis e pensadores, tinha valor semelhante à das escrituras sagradas, de forma alguma entrando em conflito com as mesmas, apenas as completando (se for o caso).

É importante destacar esse aspecto de entendimento das Escrituras ao compararmos sua obra com a de Wycliffe, pois este último, além de centrar-se muito mais na Bíblia do que na patrística ou em outras obras posteriores, defende que a Bíblia deveria ser tida como lei superior a qualquer outra produção ou lei criada posteriormente. E mais do que isso, ele deixa claro que os evangelhos, no sentido de relatores da vida de Jesus, teriam importância superior ao restante dos livros da Bíblia. Wycliffe com frequência cita a vida de Jesus, com frequência menor, mas ainda significativa, cita passagens bíblicas,

mas praticamente não dá importância a outras obras da tradição católica, especialmente as produzidas nos séculos mais próximos de sua vida. Talvez essa diferença seja fruto de uma definição temporal mais específica no estabelecimento do principado tirânico, conforme veremos mais adiante.

O primeiro passo dentro da estrutura criada é discutir sobre a possibilidade ou não de se discutir os limites do poder papal. Essa discussão se dá em duas instâncias, se é permitido discutir privadamente tal poder e se é permitido se discutir publicamente, inclusive de livros, tal poder. Em todas as obras analisadas de John Wycliffe não vimos em um só momento a preocupação em determinar se é permitido ou não aos cristãos a discussão sobre o poder papal. Tal ausência pode tanto ser considerada uma diferença no foco de ambos os autores, como um ponto demonstrando que, uma vez que a questão já tenha sido plenamente resolvida por Ockham, não havia mais a necessidade de se tratar a mesma novamente. Embora, em nenhum momento Wycliffe cite diferentemente seu predecessor para fazer quaisquer afirmações relacionadas a esse tema.

- O poder do papa é, sem dúvida, menor do que o poder de Deus.
- É permitido (e comum) a discussão do poder de Deus e de Sua Natureza (como nos debates sobre a trindade).
- Discutir um poder maior, sem dúvida, gera maior possibilidade de erro do que se discutir um poder menor.
- Portanto, discutir o poder do papa é algo mais seguro do que discutir a trindade ou atributos de Deus.
- Discutir atributos de Deus publicamente é importante para combater as heresias.
- Portanto, uma vez que discutir o poder do papa seja algo mais seguro, deve ser feito, em igual intensidade ou intensidade maior, com o mesmo fim, combater as heresias.
- Um erro consiste em atribuir elementos não reais a um objeto, atribuir poderes maiores ou menores a quem lhe são de direito.

- Portanto as heresias referentes ao poder do papa podem, tanto querer lhe atribuir menos poder do que ele realmente deve possuir, como ao mesmo tempo uma heresia pode lhe atribuir mais poder do que ele deve possuir.¹⁶⁴

Uma vez estabelecida a possibilidade da importância de se discutir sobre o poder papal, Ockham busca quem seriam os principais grupos que deveriam se ater a fazer essa discussão, dedicando para isso os capítulos de 3 a 5. Dois grupos são definidos aqui, em primeiro lugar o próprio papa, para que consciente de seus poderes e deveres possa cumprir de forma mais adequada sua função e, posteriormente, os seus súditos, de modo que é de responsabilidade dos mesmos medir o poder papal para que possam evitar abusos. Ockham estabelece inclusive que é de responsabilidade das pessoas em geral conhecer as escrituras para que possam saber a realidade do poder que o papa tem sobre elas. Mais do que isso, se algum papa, por algum motivo, ficasse perturbado com as indagações de pessoas sobre a extensão de seu poder, isso somente o tornaria suspeito de estar excedendo os limites de seu poder.

Nos dois capítulos posteriores Ockham define a necessidade da existência de peritos (teólogos) que pudessem estudar e determinar o poder papal, uma vez que normalmente o que compete ao público é negligenciado pela maioria. Estabelecendo assim aos teólogos uma função de intermediários entre o papa e os homens, regulando o seu poder sobre os súditos.

Ao compararmos com Wycliffe, especialmente na obra *The Wicket*, veremos uma grande diferença. Primeiramente vemos que a necessidade do conhecimento, segundo ele, deveria ser igualmente para “todo verdadeiro cristão” muito embora, ele, sendo teólogo, estaria na posição de intermediário, ensinando suas ideias aos demais. Ainda assim ele demonstra que o conhecimento deveria estar presente entre todos e não uma classe especial, uma elite intelectual. Além disso, ao determinar claramente que os verdadeiros cristãos eram opostos aos *papistas*, temos ele, na figura do teólogo, não como um intermediário, mas como aquele que guia os cristão contra o papa.

¹⁶⁴ Ockham, *Brevilóquio sobre o principado tirânico*, livro 1, cap 1 e 2

Apesar das aparentes diferenças, temos uma grande proximidade com o pensamento de Ockham, uma vez que este define que a função dos teólogos era justamente servirem de intermediários, “defendendo” o povo em geral perante os abusos do papa, temos Wycliffe, em última instância liderando o povo contra um papado que iria além dos limites da usurpação.

IV.3.C.i. As duas fontes de poder do papa.

A argumentação de Ockham, a partir deste ponto, divide-se em duas vertentes. Definindo que o papa teria duas fontes diferentes de poder que teriam que ser analisadas separadamente. Primeiramente o poder que foi dado ao papa por Deus e posteriormente o poder que foi dado ao papa pelos homens.

A respeito desta fonte de poder Ockham define que não poderia ser defendida pela simples existência de éditos papais, argumentando para isso que assim como um imperador não pode definir seu poder única e exclusivamente por leis criadas por ele próprio ou por seus predecessores, uma vez que, no que se trata do poder humano, cada um poderia criar uma lei que se definisse superior aos demais, não sendo assim verdade absoluta de forma alguma.

Para tanto haveria necessidade de se estabelecer um ponto que fosse tanto aceito como base para a o poder religioso (dado por Deus) como para o poder secular (dado pelas pessoas). Vejamos a argumentação de Ockham para a definição de qual ponto poderia ser neutro entre ambos:

*Se entre o papa e o imperador ou outros cristãos se debater a questão sobre o poder que o papa afirma caber-lhe por direito divino, o imperador ou seus súditos não poderão fundar seus argumentos precipuamente nas leis imperiais, nem o papa nos cânones, mas é necessário que ambos recorram à Escritura, como última instância, a qual nenhum deles pretende negar se quiser permanecer católico.*¹⁶⁵

¹⁶⁵ Idem, livro 1 cap 8

Ora, Ockham coloca o poder do papa não somente abaixo do poder de Deus, mas também do poder das escrituras sagradas, definindo que qualquer decreto criado pelo mesmo seriam inferiores às escrituras, desta forma colocando-o no mesmo patamar de poder do líder secular.

Ao dizer que nenhum deles (papa ou imperador ou qualquer outro cristão) poderia negar a Escritura se quisesse permanecer católico, Ockham define uma possibilidade do papa deixar de ser católico, caso esse negasse as escrituras. Ou seja, aquelas são mais poderosas inclusive ao ponto de definir se alguém é católico ou não, cabendo, em última instância, a análise das escrituras e não a ordem papal da excomunhão de uma pessoa (entendo por excomunhão a expulsão da igreja católica¹⁶⁶).

No parágrafo seguinte Ockham ainda utiliza um termo mais específico, a “lei evangélica” como superior a toda e qualquer outra. Embora “lei evangélica” pode ser compreendida por sinônimo de “escrituras sagradas”, podemos também refletir sobre a possibilidade de Ockham acreditar na existência de uma essência de lei, mais importante, presente nos evangelhos, e superior ao restante das escrituras, em caso afirmativo teríamos um importante ponto de ligação com Wycliffe.

Nos capítulos IX e X, em especial, temos relações muito claras com o que já foi discutido a respeito da obra de Wycliffe. Vimos anteriormente¹⁶⁷ que este define um momento específico da história onde a Igreja teria perdido seu caminho. Trata-se do momento em que o então bispo de Roma, Silvestre I, considerado papa, teria aceito posses do então imperador Constantino, primeiramente a Basília de São João de Latrão, posteriormente, em última instância, a doação do próprio Império Romano para a Igreja Católica na chamada *Constitutum Donatio Constantini*¹⁶⁸. Segundo Wycliffe tal doação, colocando a Igreja Católica e o pontífice como amplos possuidores de bens materiais e poder secular, faria com que houvesse o distanciamento cada vez maior entre a vida apostólica de imitação de Jesus e a vida de riqueza e poder material exercido pelo clero, especialmente o papado.

¹⁶⁶ Embora em uma análise mais detalhada há diferença conceitual entre excomunhão e expulsão da igreja

¹⁶⁷ No capítulo “Os dois caminhos”

¹⁶⁸ Atualmente é consenso entre os historiadores que tal documento foi forjado, entretanto, independente da veracidade ou não do documento Wycliffe centra-se na ação de Silvestre e não de Constantino a respeito a doação.

Ockham começa sua argumentação no capítulo IX

Devem, pois, ser mais fortemente alegadas as leis contra aquele que as recebe e observa em seu favor, e as decretais contra o papa que em seu favor as toma. Por isso, daqui por diante, aduzirei com maior frequência aos cânones dos padres antigos contra alguns posteriores, chamados romanos pontífices, porque assim como a vida, também a doutrina dos posteriores diverge da dos anteriores.

Se há espaço para dúvida se Ockham definia o centro do evangelho como superior ao restante das escrituras, aqui não há margem para dúvida que na ordem hierárquica da importância dos escritos temos em primeiro lugar as escrituras, superiores a quaisquer outras obras, posteriormente as dos chamados “padres antigos” (Patrística), e somente depois as obras dos pontífices romanos. Deixando ainda claro que há contradições entre essa e as demais anteriores.

Ockham, em momento algum, havia falado anteriormente em contradições, a primeira vez que ele define que poderá utilizar, dentro desta ordem de importância, um texto para ir contra outros, é na divisão entre a patrística (ou antigos padres) e os pontífices romanos. Estabelecendo, embora de forma bem menos enfática do que Wycliffe, esse o ponto onde começa a contradição dentro da Igreja Católica.

Como se apenas a questão da argumentação pudesse permitir alguma dúvida da afirmação acima, ele ainda define que as diferenças entre os antigos padres e os pontífices se daria em duas vertentes, doutrina e vida. Essa dupla visão de vida e doutrina está presente de forma marcante em toda a obra de Wycliffe, onde Jesus ensina tanto por palavras como por suas ações, e igualmente seus seguidores deveriam entender que havia um duplo ensinamento, o das palavras e o da forma de se viver (doutrina e vida).

Ainda assim, não temos aqui uma divisão clara entre o que seriam os antigos padres e o que seriam os pontífices romanos. Podendo compreender que ambos conviveram na mesma época, ou que estavam em períodos diferentes. Adotando a possibilidade de definição temporal, podemos estabelecer uma continuidade de pensamento no capítulo seguinte:

Tais coisas podem ser conhecidas não pela Sagrada Escritura, pois delas não se encontra sequer menção¹⁶⁹, mas pelos direitos dos imperadores, que falam copiosos a respeito, e pelos instrumentos, privilégios e cartas dos imperadores, reis, príncipes e outros que enriqueceram a Igreja Romana e lhe doaram generosamente. Contudo, surgindo dúvida se este poder é contrário à Lei divina, ao direito natural ou ao status e à condição do sumo pontífice, deve-se discutir principalmente recorrendo às Sagradas Escrituras.

Se, pois, o imperador, ou outra pessoa doar algumas posses à Igreja Romana, qualquer um que venha a ser bispo de Roma tenha propriedade delas, em especial e fora dos casos de necessidade, tal doação deve ser reprovada pelas letras sagradas, porque por ser elevada ao papado uma pessoa que não é capaz deste modo de propriedade, como por exemplo, se fosse eleito alguém que por voto abdicou de tal propriedade, e em casos semelhantes diga-se o mesmo.

Apesar do segundo parágrafo ter uma escrita um pouco complexa, vejamos o que é possível depreender do conjunto. Primeiramente Ockham define que as Escrituras Sagradas não fazem nenhuma menção à posse material por parte dos pontífices. (Isso tendo por pressuposto que o pontificado teria começado por Pedro a partir da ordem de Jesus “apascenta minhas ovelhas”).

Somente o fato de determinar que as escrituras não defendem a posse material por parte dos pontífices já seria algo complexo, entretanto Ockham continua. Seria essa posse possível uma vez que os imperadores, reis, príncipes, tendo posses, poderiam dá-las a quem lhes fosse de proveito? Somente quem poderia definir isso seriam os juristas, de modo a haver precedente, humano e não divino, para a posse para a Igreja.

No entanto, Ockham continua demonstrando exatamente o oposto. Deveria recorrer-se à Escritura para verificar se era lícito ao pontífice aceitar ou não tais doações. Chegando à conclusão que tal doação deveria ser reprovada.

Entretanto, a divisão feita primeiramente entre os antigos padres e os pontífices, e posteriormente a referência a uma doação feita por um imperador

¹⁶⁹ A doação de imperadores, reis e príncipes a papas

a um bispo de Roma que se tornaria pontífice, parece dar margem a entender que Ockham se referia, assim como Wycliffe, à doação de Constantino à Silvestre I, bispo de Roma, declarado posteriormente como sumo Pontífice. Apesar de ser possível estabelecer esse paralelo, apenas as informações aqui citadas podem não ser suficientes para validar tal relação, uma vez que ela é feita de forma reversa, de Wycliffe (posterior) a Ockham, seu predecessor.

Tais dúvidas são mais bem trabalhadas nos livros III e VI do Brevilóquio sobre o principado tirânico. Ockham define dois papas, em especial, como criadores (ou defensores) do poder papal exagerado, acima do que lhe deveria ser realmente atribuído. Seriam eles Inocêncio III e João XXII. Inocêncio III é chamado de herético por defender que as palavras de Jesus “E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”¹⁷⁰, deveriam ser interpretadas sem qualquer exceção, dando ao papa poderes plenos sobre a Terra e sobre os Céus. Já João XXII é chamado de “*irracional, errôneo e herético*”¹⁷¹, por esse defender que o direito divino existe antes do direito dos homens e que o império provém do papa, de modo que não haveria a existência de qualquer império antes do pontificado.

Entretanto, Inocêncio III (cujo pontificado durou entre 1198 e 1216) e João XXII (cujo pontificado durou entre 1316 e 1334 – portanto contemporâneo a Ockham) seriam o ponto final e máximo do poder tirânico do pontificado, mas não há argumentação que os coloque na origem da usurpação de tal poder (apenas na justificativa indevida do mesmo segundo Ockham).

No livro III Ockham cita mais uma vez Constantino e sua doação, agora de forma clara. Entretanto ele a cita não como origem do poder secular da Igreja, mas pelo contrário, para contestar a sua existência. Em duas passagens do capítulo ele trata do assunto:

Nem se encontra que Constantino tenha renunciado ao império nas mãos do papa Silvestre, mas lê-se apenas que deu, concedeu e atribuiu ao São Silvestre, e aos seus sucessores, muitos prédios, direitos, dignidades, liberdades e privilégios.

¹⁷⁰ Mat 16, 9

¹⁷¹ Ockham, *Brevilóquio sobre o principado tirânico*, livro 3, cap 14

e posteriormente:

Houve um tempo onde o Império Romano não existiu fora da Igreja, e no entanto houve verdadeira jurisdição temporal e verdadeiro domínio fora da Igreja, como aconteceu no tempo de Constantino. Aqueles que permaneceram infiéis, quando Constantino se converteu, retiveram suas jurisdições e domínios temporais, pois deles não foram privados nem pelo direito divino e nem pelo humano, já que ninguém, nem Constantino, nem qualquer outro, induziu uma sentença de privação contra eles.

Ou seja, segundo Ockham a doação de Constantino ao papa Silvestre não poderia ser o marco do poder temporal da Igreja Católica, pois ela não teria ocorrido de fato, ou ao menos não conforme se pretendia que tivesse ocorrido (onde todo o mundo conhecido havia sido presenteado ao papa). Segundo ele “*em primeiro lugar, há a opinião de alguns de que tais palavras são apócrifas e de nenhuma autoridade, e para tanto se apresentam argumentos.*”¹⁷² Ele argumenta nos capítulos seguintes, não somente que tal doação não é aceitável, no ponto de vista racional, ou ao menos que é mal entendida (uma vez que não se cancela todas as posses individuais já existentes) e argumenta, por outro lado, que o documento somente comprovaria que a doação teria sido feita por parte de Constantino, mas que não há qualquer prova que o papa Silvestre I tenha aceitado tal doação, nem um documento onde ele diga que aceita a doação, e nem tampouco, dentro do conhecimento histórico, qualquer indício de que o papa tenha passado a, de fato, ter poderes superiores aos do imperador.

A doação de Constantino é sabidamente falsa pela historiografia moderna, entretanto diversas contestações anteriores ocorrem, como Andeas Helwig's que, em 1612, identifica o termo *Vicarius Filiis Dei* como símbolo do anticristo, ou o cardeal católico Caesar Baronius, que em 1588, afirma a não autenticidade do documento. Ockham, no começo do século XIV já tinha motivos para duvidar da autenticidade da mesma. Percebemos que a proximidade temporal e geográfica entre Ockham e Wycliffe trouxe vários

¹⁷² Idem, Livro 6, cap. 4

elementos em comum aos dois, de modo que é praticamente provável que Wycliffe tenha lido as obras de Ockham. Mas ainda assim, Wycliffe ao detectar Silvestre e Constantino como a dupla que teria originado o mal caminho da igreja, no que diz respeito às posses do papado e do clero, não faz qualquer menção à possibilidade da carta ser falsa e nem tampouco faz qualquer menção a Ockham.

Talvez a resposta para esse mistério esteja no foco de ambos os autores. Ockham está centrado, essencialmente, no poder papal, identificando que os últimos papas estabeleceram uma tirania, elevando o seu poder acima do poder que os papas deveriam ter. Assim sendo, caso a doação de Constantino tenha dado algumas propriedades à Igreja, mas não vastas terras, então não haveria quaisquer problemas nisso. Já Wycliffe está muito mais preocupado com as posses dos membros do clero, seu uso de roupas caras, acesso ao excesso de comida enquanto os outros passam fome, vida em casas confortáveis, etc. Desta forma, ainda que a doação não tenha dado poderes quase imperiais a Silvestre I, o sentido de repreender-lhe por aceitar posses diversas, entre elas a Mansão Latreani (futura Igreja São João de Latrão) parece ainda permanecer. Mesmo assim isso não responde a ausência de quaisquer citações tanto à autenticidade da carta de doação, e especialmente às obras de Ockham sobre o tema, uma vez que há diversos pontos de contato entre ambas.

V. A Resposta Católica às ideias de John Wycliffe

Para que essa resposta fosse melhor analisada, esse capítulo está dividido em dois momentos distintos. Primeiramente a análise de uma bula, que teria sido escrita pelo papa Gregório XI, levantando 24 condenações às ideias de Wycliffe, em virtude de sua obra *De Civili Dominio*. Tal bula é dirigida ao reitor da Universidade de Oxford e seu conteúdo chega às mãos de Wycliffe em 1379, tendo tido tempo para preparar sua resposta, que é enviada apenas no início de 1384, pouco antes de sua morte.

A segunda, e mais importante parte do presente capítulo, é a análise dos atos do Concílio de Constança, realizado de 1414 a 1418, tendo o duplo objetivo de resolver o Cisma do Ocidente e a tripartição da Igreja Católica em três vertentes (Pisa, Avignon e Roma), e ao mesmo tempo em analisar as ideias de Wycliffe, em virtude da difusão destas mesmas ideias através de Jan Hus e outros, como Jerônimo de Praga, que havia difundido essas ideias para diversos reinos.

A parte relacionada ao Concílio de Constança está dividida em três, a primeira, explicando o próprio concílio em si, uma vez que este ocorre em uma situação particularmente tensa da história da Igreja, analisando o que é falado de Wycliffe desde a abertura do concílio até o momento onde realmente suas teses serão condenadas. A segunda parte trata de uma análise específica da condenação das teses de Wycliffe, sendo estas 45 teses apresentadas pelo concílio. Por fim, haverá uma análise de um conjunto de 260 teses, enviadas da Universidade de Oxford e previamente analisadas naquela universidade, mas que serão assimiladas e integradas ao concílio e, portanto, aos atos do concílio.

V.1. Wycliffe e a condenação do papa Gregório XI

Gregório XI foi o último papa antes do Grande Cisma do Ocidente e da subsequente divisão da Igreja Católica em duas, com sede em Roma e Avignon, e posteriormente em três, após o Concílio de Pisa, que cria uma nova sede nesta cidade. Durante a maior parte de seu papado a sede da Igreja

ainda era em Avignon, embora no final de sua vida, transferiu a sede novamente para Roma, acabando com o papado de Avignon, e talvez, mediante este ato, acabando com sua própria vida¹⁷³.

Durante o final de seu pontificado ele chegou a enviar cartas contendo condenações a doutrinas consideradas heréticas, tanto no Sacro Império como na Inglaterra. Neste processo houve o primeiro conjunto de condenações oficiais às proposições de Wycliffe, sendo 24 no total. Estas condenações referem-se à sua obra *De Civili Dominio*.

Em termos políticos, Gregório XI se dedicou à expansão do poder secular do papado, tendo a sua ida para Roma sido parte de um processo que ao mesmo tempo visava a independência de seu poder com relação ao monarca francês, bem como o controle de diversas regiões estratégicas da Itália, como Perúgia e Florença¹⁷⁴.

Abaixo encontra-se a bula enviada pelo papa Gregório XI em 1379:

Gregório, bispo, servo dos servos de Deus, para os seus amados filhos, Chanceler e Universidade de Oxford, na diocese de Lincoln, recebam a Graça e a benção apostólica.

Nos sentimos impelidos a conjecturar que devemos demonstrar nossa tristeza pelo que aflige a vocês, em consideração aos favores e privilégios concedidos pela Universidade de Oxford pela Santa Sé, pelo seu conhecimento das escrituras e pelo mar que vocês navegam pela benção de Deus, com auspicioso remo, vocês, que devem continuar sendo, assim como já foram, guerreiros e campeões da fé em seu ensino correto, sem a qual não há salvação das almas. No meio de vós, por certa preguiça e negligência, permitem que nasçam certas ervas daninhas no meio do trigo que amadurece nos gloriosos campos desta universidade citada anteriormente. E vocês se negam, não sendo cuidadosos, apenas nos avisando muito tarde para a extirpação de certas ervas daninhas, que com um brilho nebuloso em seu nome, ameaça suas almas, cria contendias com a Igreja Romana e fere a fé dos que foram mencionados anteriormente. E o que mais nos enche de

¹⁷³ WALSH, Michael, J, *The conclave: a sometimes secret and occasionally bloody history of papal elections*, p.98

¹⁷⁴ MCKITTERICK, Rosamon & JONES, Michael, *The New Cambridge Medieval History: c. 1300-c. 1415*, p. 482

dor é ver que essas ervas daninhas estão se espalhando com velocidade, pelo que ficamos sabendo na Igreja Romana, e cresceram mais rápido, antes que o remédio da extirpação pudesse ser aplicado na Inglaterra, se espalhando por todos os lados. Pela insinuação de muitos, se é que eles merecem realmente nossa fé, essas ervas se expalharam e se fixaram em raízes profundas. Chegou aos nossos ouvidos que John Wycliffe, reitor da Igreja de Lutterworth, na diocese de Lincoln, professor das Sagradas Escrituras, as quais ele não conhece a não ser como mestre de erros, caiu em detestável loucura e não hesitou dogmatizar e divulgar publicamente seus erros, ou pior ainda, vomitar ao longe os vômitos estragados de seu peito, em certas proposições e conclusões que são completamente erradas e falsas. Ele também se mostra em total depravação pregando dogmas heréticos com os quais tenta subverter e enfraquecer toda a situação da Igreja, em especial a política secular. Algumas de suas doutrinas, apesar de terem sido modificadas, é verdade, foram já expressadas por opiniões perversas de pessoas sem estudo como Masílio de Pádua, que sua memória seja amaldiçoada, e por John Jandum, cujo livro ainda existe, rejeitado e amaldiçoado por seu predecessor, o papa João XXII, de sagrada memória. Isso ele fez com o rei da Inglaterra, tardiamente glorioso em seu poder e em abundância de recursos, mas mais glorioso ainda em reluzir a piedade da fé e em fazer distinção do estudo do que é sagrado, produzindo muitos homens ilustres para o correto entendimento das Sagradas Escrituras, maduros na gravidade de seu caráter, cheios de devoção, defensores da Igreja Católica. Ele poluiu os que eram cheios de fé em Cristo, ao salpicar sobre eles com essas doutrinas que levam para longe dos caminhos corretos e que levam passar à porta de perdição.

Além do mais, não estamos desejando e nem nos sentimos obrigados a desejar que essa pestilência tão mortal continue a existir com a sua convivência, pestilência essa, a qual, se vocês não se opuseram desde o começo, agora precisam extirpar até as raízes inteiramente. Muitos serão pegos também por medicamentos tardios, já que ela parece ser muito contagiosa. Nós ordenamos à universidade com estrita admoestação, pela autoridade apostólica, em virtude da sua sagrada obediência, sobre a penalidade da privação de todos os favores, indulgências e privilégios garantidos a você e à sua universidade pela

Santa Sé, não permitir e nem aceitar ou propor qualquer tipo de extensão que possa haver a essas opiniões, conclusões e proposições que são uma variação mortal da boa moral e da fé verdadeira, mesmo quando diz estar propondo as defender com palavras tão ferozes. Além de tudo lhes entregamos a autoridade de prender o dito John, ou ordenar que ele seja preso, e que o colocar sob a guarda confiável de nosso venerável irmão, o arcebispo de Contembury ou ao Bispo de Londres.

Além disso, se necessário for, e que Deus não permita que aconteça na sua universidade, sujeitar oponentes que possam sustentar os mesmos erros, e se eles forem obstinados a persistir nos mesmos, proceda vigorosamente e rapidamente com prisões semelhantes, e os remova do meio de vós, pois isso é o melhor que você poderá fazer. Seja vigilante ao concertar a negligência que você mostrou anteriormente nessas premissas, e assim obtenha a graça e o favor, que foi dito que você tinha, assim como a honra e a recompensa divina.

*Entregue em Roma, em Santa Maria Maior, no dia 31 de maio do sexto ano de nosso pontificado.*¹⁷⁵

O teor da carta deixa bem claro a urgência, inclusive em tom claro de ameaça ao reitor da universidade, que Wycliffe e todos os seus seguidores deveriam ser presos. A carta continua com as 24 conclusões que seriam condenadas. Entretanto, antes de analisarmos as conclusões em si e a resposta dada por Wycliffe, vamos analisar mais profundamente esta carta.

Temos, por exemplo, no seguinte excerto: *“Ele poluiu os que eram cheios de fé em Cristo, ao salpicar sobre eles com essas doutrinas que levam para longe dos caminhos corretos e que levam passar à porta de perdição.”* A citação da passagem referente aos dois caminhos bíblicos. Um que é o correto e que leva à salvação e outro que é estreito e que leva à perdição, conforme vimos em Mateus 7. Porém, de forma alguma o papa poderia estar se referindo ao livro *The Wicket*, primeiramente por que, nesta época, ele ainda era um conjunto de sermões separados, em língua popular; segundo porque a resposta enviada pelo papa era diretamente ao *De Civili Dominio*. Não temos,

¹⁷⁵ Bull of pope Gregory XI Against Wycliffe, in <http://www.fordham.edu/halsall/source/1382wycliffe.html>

nesta obra nenhuma citação de Mateus 7. Portanto, o mais provável é que a origem da citação dos dois caminhos tenha sido não vinda de Wycliffe, e neste momento o papa dando sua resposta, mas pelo contrário, tenha sido usada pelo papa para ameaçar Wycliffe e seus seguidores, e posteriormente foi utilizada pelo próprio na sua produção do *The Wicket*. De certa forma é até possível que este livro, em forma de sermões populares em Oxford, possam até mesmo ter sido uma resposta à essa carta e ameaça do papa, argumentando que o caminho que é considerado “da salvação” é o estreito, enquanto o fácil e amplo seria o da perdição. E com isso conseguindo transpor facilmente, a situação que viviam de uma perseguição iminente em 1380, data dos sermões, após a chegada desta carta um ano antes. Uma vez que obviamente, a resistência ao papa seria a porta estreita e a aceitação das ideias papais a porta ampla.

Temos igualmente, na carta papal, uma citação de Marsílio de Pádua e John Jandum. Marsílio de Pádua foi um pensador medieval que propunha uma separação entre o Governo e a Religião, mais precisamente ainda entre a teologia e o direito¹⁷⁶. Ele foi professor na Universidade de Paris entre 1312 e 1314, tendo neste momento aderido ao partido dos gibelinos, que, em nome dos imperadores do Sacro Império, combatiam o poder temporal dos papas. Em 1326 foi declarado herético pelo papa João XXII, citado na presente bula papal.

Este presente trabalho tem por objetivo a análise das obras inglesas de Wycliffe, estas possuem um caráter muito mais voltado para a exegese bíblica. Mesmo assim é difícil negar uma grande semelhança entre a obra *De Civili Dominio* de Wycliffe e a obra *Defensor Pacis* de Pádua, que possui como foco central a ideia de que a única realidade política é o Estado que chamava de Regnum, baseado na soberania do povo, e que o clero teria de se subordinar às leis e normas ditadas pelos leigos¹⁷⁷.

¹⁷⁶ TOLEDO, César de Alencar Arnaut de & CAMPAROTTO, Peterson Razente, *A contribuição de Marsílio de Pádua à separação entre Teologia e Direito*, in *Revista de História da Universidade Estadual de Maringá*, p.1

¹⁷⁷ MEDEIROS FILHO, Carlos Fernandes De, *Marsílio de Pádua*, in <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MarsiPad.html>

Já John Jandum é um personagem relativamente menos conhecido, teria sido professor de Marsílio¹⁷⁸, foi professor da universidade de Paris e provavelmente um dos coautores de *Defensor Pacis*. Assim sendo, a grande referência feita aqui pelo papa Gregório XI é sobre às ideias de Wycliffe com relação à separação do Igreja e do Estado e não referente às suas críticas diretas à Igreja em si.

Entretanto, ao acompanharmos as 24 negações colocadas, elas não parecem estar completamente ligadas ao *De Civili Dominio*, mas de certa forma possuem relações com outras obras de Wycliffe também.

Segue abaixo a lista das 24 condenações:

As conclusões de John Wycliffe que devem ser condenadas:

1- *A substância material do pão e similarmente a substância material do vinho matem-se no sacramento do altar.*

2- *Os acidentes do pão não se matém no pão sem a presença da substância do mesmo conforme é dito no sacramento.*

3 – *Cristo não é idêntico ao pão e nem está realmente presente no sacramento em seu próprio corpo pessoal.*

4 – *Se um bispo ou um padre em pecado mortal não pode fazer ordenações ou concretizar o batismo.*

5- *Que se uma pessoa estiver verdadeiramente arrependida, qualquer confissão exterior é supérflua para ela.*

6 – *Que não tem base no evangelho a afirmação que Cristo instituiu a missa.*

7- *Que Deus precisa obedecer ao demônio.*

8- *Que o papa deve ser conhecido como tão danoso quanto o demônio e que ele é um membro do demônio, que ele não tem autoridade sobre os fiéis e que essa autoridade não pode ser dada a ele por ninguém, a não, talvez, pelo imperador.*

9 – *Ninguém pode ser considerado papa após Urbano VI, deveriam, pelo contrário, viver segundo os costumes dos gregos.*

10 – *Que é contrário às escrituras que o clero tenha posses.*

11 – *Que nenhum prelado possa excomungar ninguém, a não ser que primeiro ele saiba que a pessoa foi excomungada por Deus.*

¹⁷⁸ SKINNERN, Quentin, *The foundations of modern political thought: The Renaissance*, V 1, p.53

12- *E que se um prelado excomungar uma pessoa ele se torna automaticamente erético e, portanto, se auto excomungando.*

13 – *Um prelado que excomungue um membro do clero que tenha apelado ao rei ou ao concílio real é um traidor do rei e do reino.*

13 – *Aqueles que param de orar ou de ouvir a palavra de Deus por conta de uma excomunhão feita por homens será considerado traidor de Cristo no dia do Juízo Final.*

14- *Que qualquer um que se negar a pregar a palavra de Deus a alguém que tenha ido excomungado, ou que se negar a ouvir a palavra de Deus por ter sido excomungado, no dia do julgamento final esse será considerado inimigo de Deus.*

15- *É legal que qualquer diácono ou padre pregue a palavra de Deus sem a aprovação da santa sé ou de um bispo católico.*

16 – *Ninguém pode ser considerado um senhor, seja civil, seja episcopal, caso se encontre em pecado mortal.*

17- *Os senhores seculares podem confiscar bens temporais da igreja segundo seu próprio juízo, que normalmente são pecaminosos, pois ele diz que o pecado está no hábito de pecar e não em atos particulares.*

18- *Dízimos são puramente esmolas, e os paroquianos podem viver sem eles, segundo sua vontade e sem necessitar de prelados pecadores*

19- *Orações especiais feitas pelos prelados ou pelos religiosos têm o mesmo valor para uma pessoa do que a sua própria oração. Ou seja, ambas as orações são iguais.*

20- *Que o simples fato de alguém entrar em uma religião de clausura dificulta sua salvação.*

21- *Que os santos que viveram a clausura, tendo sido eles mendicantes ou não, pecaram ao instituir tal clausura.*

22- *Que os religiosos que vivem em clausura não são da religião Cristã*

23- *Freis estão obrigados a obter seu alimento do trabalho manual e não da mendicância.*

24- Quem quer que entregue esmolas aos freis está automaticamente excomungado¹⁷⁹.

Muitas as condenações presentes aqui não estão relacionadas diretamente à disputa do poder secular e poder religioso, conforme faz parecer a carta apresentada e as comparações estabelecidas pelo papa Gregório XI. Igualmente, algumas destas afirmações estão presentes em diversas outras obras de Wycliffe e não estão presentes especificamente no *De Civili Dominio*, que oficialmente era a obra à qual o papa respondia. Desta forma, há de se supor que outras pessoas, possivelmente da própria Inglaterra ou talvez até mesmo da própria Universidade de Oxford, tenham auxiliado no levantamento de tais condenações.

Nenhuma das condenações em si traz nenhuma argumentação ou nenhum comentário, referência de livro de origem ou mesmo explicação, ainda que simplista da condenação. Algumas destas já haviam sido amplamente debatidas pela teologia tradicional, como é o caso das condenações de número 1 a 3, relacionadas à transubstanciação, tema este já apresentado pelo corrente trabalho. Porém, outras, não possuem, em si, uma estruturação tão complexa que não necessitariam nem mesmo de uma argumentação em conjunto com a listagem. Mas, como já vimos, o teor da bula é tenso e com função de causar medo e pedir uma ação urgente.

Algumas condenações aqui colocadas foram realmente proferidas por Wycliffe em suas obras, por exemplo, a afirmação de número 8, que o papa é membro do próprio demônio. Temos, na verdade, algumas obras de Wycliffe voltadas exatamente para esse fim, como *How the antichrist and his Clerks travail to destroy the Holy Write*, ou *How Satan and his Priests and his feigued religious cast by the three cursed heresies to destroy all good living and mainten all manner of sin*, ou, por fim, *de papa*. Como já vimos aqui neste trabalho anteriormente parte dos argumentos de Wycliffe para tais afirmações, é fácil crer que não haveria nesta bula nenhuma resposta de tais ditos. Ou seja, Wycliffe realmente relaciona o papa ao anticristo, o faz através de dezenas de obras e com ampla argumentação, mas na bula de condenação não há

¹⁷⁹ Bull of pope Gregory XI Against Wycliffe, in <http://www.fordham.edu/halsall/source/1382wycliffe.html>

qualquer argumentação contrária a todos os textos de Wycliffe. Mesmo assim, apesar da falta de argumentação, podemos confirmar que esse item realmente faz parte das obras de Wycliffe e realmente é contrário ao papado como um todo.

Entretanto, outras condenações aqui colocadas não parecem estar fundamentadas na obra de Wycliffe, por exemplo, a afirmação 7, que Wycliffe teria defendido, de que Deus precisa obedecer ao demônio. Não há aqui nenhuma base que justifique tal afirmação, nem menção alguma de que obra específica de Wycliffe teria sido usada como origem da condenação. Analisando todas as obras dele, citadas na introdução deste trabalho, não foi possível achar nenhuma única vez tal afirmação, ainda que utilizada em um contexto mais amplo. Sobram, portanto, poucas possibilidades para explicar a presença desta condenação.

A primeira e mais simples é de que simplesmente ela teria sido inserida, no meio de outras afirmações que Wycliffe realmente fez, de modo a tornar a acusação mais contundente, e que ele e suas ideias fossem vistas como completamente demoníacas. Temos, por diversas vezes, acusações de depravação moral e culto ao demônio que seriam feitas por heresias, servindo de base argumentativa para a acusação feita em tribunais religiosos.

No entanto, estabelecendo por premissa a tentativa de buscar outra informação menos simples, duas outras possibilidades aparecem. A primeira é que essa pretensa afirmação teria sido feita não diretamente por Wycliffe, mas que ela fosse considerada como única conclusão lógica a partir de algum outro conjunto de afirmações feitas por ele. A segunda possibilidade, que alguma afirmação feita por ele tenha sido brutalmente transformada para que se chegasse a tal afirmação, por meio de analogias diversas e infundadas.

Wycliffe não tem muito costume de citar o demônio em suas obras. Na verdade, quando o faz normalmente se refere ao mesmo de forma muito mais racional e simbólica do que mística ou literal. Primeiramente, na própria obra *De Civili Dominio*¹⁸⁰, que teria sido a origem das condenações apresentadas, temos duas citações ao demônio, uma na página 70, onde ele diz que na Igreja de Deus, que foi uma criação divina, visando o bem, mas que com o passar do

¹⁸⁰ WYCLIFFE, John, *De Civili Dominio*, in <http://www.humanities.mq.edu.au/Ockham/wwyclat.html> & <http://www.humanities.mq.edu.au/Ockham/wlatcor.html>

tempo ingressaram nela homens maus, cujo príncipe é o demonio. E mesmo havendo pecadores é favorecida pela fortuna, o que não é determinado por Deus, mas pelos próprios homens, e, o pior, que os predestinados ao reino dos céus dividem com os maus a mesma pretensão ao reino dos céus. E outra na página 260. Nesta segunda citação o que temos é uma referência a Jesus ter sido condenado pelos pecados da humanidade. A argumentação utilizada é que os homens, por sua cobiça e suas próprias ações pecaminosas, teriam aceitado viver sob o julgo do diabo. Entretanto, Jesus, ao sofrer a condenação digna a todos os que viviam sob o julgo do diabo, teria feito a redenção, assim trazendo liberdade à humanidade. E que isso só teria sido possível, pois Jesus, ao se tornar homem, teria vivido como homem, aceitado as regras do domínio dos homens, e ainda assim conseguido demonstrar o que era o viver perfeito de Deus.

É possível que esta segunda citação apresentada tenha sido a origem da condenação de número 7, uma vez que Jesus, teria aceitado se tornar homem, e, portanto, estaria sendo regido pelas leis dos homens e aceitado a dominação do “reino” dos homens. E por consequência, ao afirmar que o reino dos homens tinha sido entregue por eles próprios ao demônio, faz-se uma analogia dizendo que Jesus teria aceitado obedecer ao demônio. Contudo, a argumentação que Jesus teria morrido pelos pecados da humanidade, aceitando um fardo que seria humano é uma construção comum e tradicional dentro do pensamento católico. Não sendo assim uma criação de Wycliffe. Além disso, na própria passagem do *De Civili Dominio* citada Wycliffe define que Jesus teria demonstrado o agir correto, mesmo no reino dos homens, pagando pelos pecados deles, mas sem pecar, o que em si já anularia qualquer possibilidade de acusação sobre Jesus (ou Deus) ter obedecido ao demônio.

Além destas duas citações existentes no *De Civili Dominio*, buscou-se pela origem desta condenação nas outras obras de Wycliffe, uma vez que, como já vimos, nem todas as condenações colocadas lá foram retiradas da obra em questão. No conjunto de todas as outras obras aqui analisadas foram encontradas 8 citações ao demônio:

Em *of the leaven of pharisees*¹⁸¹, Wycliffe defende que os prelados estavam cheios de orgulho e isso os impedia de ver a verdade, que davam grandes cerimônias que de certa forma eram em homenagem a si próprios e não a Deus. O demônio aqui é citado como causador deste orgulho. Neste caso é impossível fazer qualquer referência a Deus necessitando obedecer ao demônio.

Em *Comment on the testamento of St Francis*¹⁸², Wycliffe defende que a essência da regra de São Francisco havia sido esquecida pelos franciscanos e que estes estavam seguindo um pecador idiota por causa da tentação feita pelo demônio, e que desta forma iam contra os mandamentos de Deus. Igualmente, nesta passagem é impossível haver qualquer relação quanto à obediência que Deus prestaria ao demônio.

Em *Of Prelates*¹⁸³, Wycliffe defende que os prelados estariam *vendendo* as almas dos cristãos ao demônio, mas a analogia é explicada, dizendo que eles pregavam o oposto do que deveriam, uma vez que estavam mais preocupados com os bens materiais. Desta forma, permitiam a morte das pessoas e o derramamento de sangue, quando fosse o caso, para que estivessem bem com os que possuíam dinheiro. Assim sendo, obedeciam aos poderosos para conseguirem lucros próprios. Neste caso, até mesmo seria possível conseguir alguma relação distante da frase apresentada, uma vez que ele define que os prelados estavam de certa forma obedecendo ao demônio, uma vez que agiam de acordo com sua própria ganância. Mesmo assim, ao mesmo tempo em que coloca os prelados na imagem daqueles que obedecem ao demônio, não dá margem para a compreensão de que Deus obedeceria ao demônio, muito pelo contrário, coloca os prelados como desobedientes a Deus.

Em *Tractatus de Pseudo-Francis*¹⁸⁴, Wycliffe defende que às vezes, mesmo verdadeiros seguidores de Cristo, permitem-se serem cegados por Satanás para que não vejam a vontade que vem de Deus. Citando o exemplo de Pedro, que nega a Cristo por três vezes em um momento de medo, fazendo com isso referência à queda dos seguidores de São Francisco e outros freis que podem ter entrado naquela vida com boas intenções, mas são levados

¹⁸¹ WYCLIFFE, *The English Works of Wycliffe*, p.3

¹⁸² Idem, p.48

¹⁸³ Idem, p.87-89

¹⁸⁴ Idem, p.313

pelas mentiras alheias. Neste momento há uma frase de Wycliffe, citando como se fosse ou o Pedro, ou outro frei, falando ao demônio: “*Vá e me cegue Satanás, para que eu não possa ver a verdade de Deus*”¹⁸⁵. Neste caso, a frase isolada certamente poderia ser usada contra Wycliffe para provar que ele havia feito, pessoalmente, esse pedido ao demônio. Entretanto é impossível estabelecer qualquer relação entre ela e o desejo que Deus teria em obedecer ao demônio.

As outras citações estão todas relacionadas, ou à obra já analisada aqui neste trabalho, sobre a forma pela qual o demônio usaria os cinco sentidos para transformar o bem em mal, ou então como referência específicas à figura do papa, como servo do demônio. Em ambos os casos a inferência apresentada não seria possível. A não ser caso fosse feita uma associação entre o papa, como servo do demônio e ao mesmo tempo representante Deus, portanto, de alguma forma o desejo de Deus obedecer ao demônio. Mesmo neste caso seria uma relação tão distante que dificilmente teria alguma base lógica.

Assim sendo, confirma-se que o mais provável tenha sido a simples inserção desta condenação para que, no meio de outras, reforçasse o poder de tecer uma imagem negativa sobre Wycliffe, que fosse de alguma forma, absoluta. Ele não estaria apenas indo contra o papa, mas contra o próprio Deus. Entretanto, é interessante notar que, analisando com mais cuidado a obra de Wycliffe, seria possível levantar uma série de acusações mais complexas contra o mesmo.

Temos também, nas condenações de número 20 a 22, referem-se às críticas que Wycliffe fazia ao uso da clausura. A argumentação utilizada pelo mesmo, em mais de uma situação onde este atacou a vida cristã isoladas das pessoas, é que Jesus teria sido o exemplo principal a ser seguido. Se Jesus terá sua atitude o contato completo com as pessoas, incluindo o contato com os que eram considerados pecadores, tocando o leproso, entrando em contato com os samaritanos. Se Jesus vivera não dentro do Templo, mas fora deste em peregrinações por toda a região de Israel, então, o seu exemplo, deveria

¹⁸⁵ WYCLIFFE, John, *Tractatus de Pseudo-Freriis*, cap 7

ser seguido por todos aqueles que se consideram cristãos, não fazendo sentido alguém se dizer ao mesmo tempo cristão e se isolando de seus semelhantes.

Porém, independente de todas as análises anteriores, uma chama a atenção. Segundo o item 9, Wycliffe teria definido que ninguém poderia ser considerado papa após Urbano VI e que deveriam viver segundo os costumes dos gregos. Isso não parece condizente com nenhuma das ideias analisadas aqui de Wycliffe. Já vimos anteriormente que ele devine que o papa Silvestre, no século IV, teria sido o primeiro papa a se desviar dos caminhos retos e, portanto, ele nega qualquer sucessão papal a partir dele. Já vimos que ele utiliza-se de vários argumentos para definir que toda e qualquer forma institucionalizada de cristianismo é falsa, portanto, negando até mesmo a existência de um papa, na figura de um sumo pontífice. Sendo assim, não faria qualquer sentido, para o mesmo Wycliffe que definia que os que seguiam o papa tinham uma outra religião, que não cristã, a religião papista, dizer que o último papa teria sido Urbano VI.

Mas a situação fica ainda mais estranha se formos levar em conta que Urbano VI era o sucessor de Clemente VII, que pretensamente teria escrito e enviado a bula para o reitor de Oxford, momentos antes de sua morte. A carta é assinada como sendo do 6º ano do pontificado de Clemente¹⁸⁶ VII, estabelecendo, portanto, o ano de 1376 para a sua escrita. Entretanto, ao que tudo indica a carta só teria chegado a Oxford em 1379, tendo sido respondida por Wycliffe em 1384, pouco antes de sua morte. Por mais que seja possível imaginar uma demora entre a escrita da bula e o seu anúncio em Londres, ou imaginar que ela tenha chegado em 1376, outras questões ainda se mantêm. A carta é assinada como tendo sido escrita em Roma e entregue na Igreja de Santa Maria Maior. Porém, no ano de 1376 o papa Clemente VII não estava em Roma e sim em Avignon, ele teria retornado para Roma¹⁸⁷ somente em janeiro de 1377, portanto no sétimo ano de seu pontificado. Ainda que fôssemos contar que, pelo fato do seu pontificado ter começado em dezembro, e, portanto o ano de 1377 pudesse se considerado como o sexto ano de seu pontificado, ainda assim havia a questão maior, como na lista criada por ele haveria a condenação de que Wycliffe declarava que nenhum papa após

¹⁸⁶ Vide apêndice 2, sucessão papal.

¹⁸⁷ *Pope Gregory XI* in Catholic Encyclopedia

Urbano VI deveria ser considerado papa, se, não importando quando Clemente VII tivesse escrito essa bula, Urbano VI ainda não poderia ser papa, uma vez que ele é sucessor de Clemente, e não um sucessor qualquer, mas justamente o sucessor sobre o qual se levantarão todas as polêmicas do começo do Grande Cisma do Ocidente.

Há duas possíveis conclusões desta reflexão, a primeira é que, de alguma forma, todo o conjunto, bula e lista de condenações tenha sido forjado, criado por Urbano VI, assinado como se tivesse sido feito por Clemente VII. Tal teoria é possível, uma vez que Urbano VI, papa por Roma durante o Cisma, buscava apoio da Inglaterra, lembrando que diversos reinos apoiavam a Clemente VII, papa por Avignon. Outra possibilidade, de menor escala, é que a carta de Clemente VII seja autêntica, entretanto a lista das condenações tenha sido feita posteriormente à sua morte.

Seja como for, é intensamente improvável que em um período tão curto de tempo, logo após Urbano VI assumir o poder em Roma, logo após um cisma de tão grandes proporções, que ele tenha tido informações de que Wycliffe não o apoiaria enquanto papa. A não ser nos momentos em que ele condenava os dois lados do cisma, ou seja, a ideia do papado em si.¹⁸⁸ Além disso, há uma afirmação ainda mais estranha do que a própria presença do nome de Urbano VI. Segundo a condenação, Wycliffe estaria desejando que as pessoas seguissem os costumes gregos? Ao que se referiam tais costumes gregos? Muito provavelmente se referisse a outro cisma anterior, o do Oriente. Como que afirmando que Wycliffe, ao ser contra Urbano VI, ou sendo ele contra o papado como um todo, ele seria, portanto, favorável à Igreja Ortodoxa. Pensamento esse que não possui relação com as obras de Wycliffe, que raras vezes cita sequer a existência da igreja ortodoxa, fazendo-o apenas uma vez em *Of Confession*¹⁸⁹, se referindo às diferenças nos ritos de absolvição do culto católico e do ortodoxo.

Abaixo segue a resposta oficial de Wycliffe, dada em 1384, véspera de sua morte¹⁹⁰:

¹⁸⁸ MATTHEW, F. D., *The English Works of Wycliffe*, introduction, p. XVIII

¹⁸⁹ Idem, p.332

¹⁹⁰ THATCHER, Oliver, ed., *The Library of Original Sources* (Milwaukee: University Research Extension Co., 1907), Vol. V: *The Early Medieval World*, p. 382

Eu tenho, com alegria, divulgado aos homens toda a verdade que eu conheço, suponho que a minha fé foi dada pelo justo Deus e o papa há de, ou confirmar isso, ou, caso perceba erro em minha fé, ele irá, com sabedoria, provar que estou errado e me corrigir demonstrando meus erros.

A bula enviada à Oxford, como vimos, não possui qualquer argumentação, apenas uma lista de condenações. Ao invés de se defender particularmente de cada condenação, Wycliffe tomará o caminho oposto, dizendo que seria sábio, ao papa, demonstrar que ele estava errado, demonstrando os seus erros. Desta forma, ele não somente mantinha as suas afirmações, como também desafiava que pudessem demonstrar que ele estivesse errado. Afinal, caso fosse possível, não haveria nada mais sábio do que isso, uma vez que faria com que ele cancelasse qualquer pregação dele, inclusive podendo afirmar abertamente seu erro e pregar contra o mesmo.

A forma como a frase é criada, torna a situação ainda mais interessante, uma vez que ou o papa confirmava que as palavras que ele, Wycliffe, dizia, eram verdade, ou então, com sabedoria provava que ele estava errado, para que ele pudesse corrigir os erros. Ou seja, uma vez que não houvesse qualquer argumentação que pudesse provar que ele estava errado, automaticamente isso já seria uma confirmação de que ele estava dizendo a verdade. Como Wycliffe morre pouco depois de responder essa carta (oficialmente de causas naturais – derrame) então não houve qualquer resposta a esta carta ou qualquer continuidade deste processo, a não ser décadas após sua morte no Concílio de Constança.

Eu suponho que acima disso tudo esteja o evangelho de Cristo, e que este seja o corpo de toda a Lei de Deus, pois eu acredito que foi Jesus Cristo que entregou pessoalmente esse evangelho, e sendo ao mesmo tempo completamente Deus e completamente homem, assim sendo o seu coração passa por todas as outras leis.

Ao estabelecer que o evangelho estava acima de qualquer outra lei ou qualquer outra discussão sobre obras e condenações, Wycliffe coloca como

base que não aceitaria qualquer documento eclesiástico como superior ao evangelho, estabelecendo esse como superior a qualquer outro livro, inclusive os livros bíblicos. Ao definir isso pela divindade de Jesus, afirmando que o próprio Jesus teria dito aquelas palavras, de modo que seria inegável que aquilo deveria ser superior a qualquer outra coisa escrita por qualquer outra pessoa, sendo então a regra máxima. Ou seja, tendo esse parâmetro, qualquer outra citação bíblica ou, especialmente, qualquer citação à patrística, a outras bulas papais, etc, poderiam ser contestadas pelo evangelho que estaria a acima das mesmas. Ao definir que Jesus ao mesmo tempo em que era totalmente Deus também era totalmente homem, Wycliffe define que ele, além de Deus, compreendia as leis humanas, de modo que não haveria nada que pudesse escapar o evangelho¹⁹¹.

Eu suponho que o papa, acima de todos os outros homens vivos hoje, deve ser o que tem maior obrigação de cumprir o evangelho, pois ele é o maior vigário de Cristo que existe na Terra. Assim sendo, o maior vigário de Cristo não pode ser medido por poder ou riqueza material, mas por se parecer mais com Cristo em sua forma de viver, vivendo de acordo com o que é ensinado para nós nos evangelhos, que é palavra do próprio Cristo.

Quando Wycliffe define que o papa é o maior vigário de Cristo que existe na Terra, ou seja, o maior representante, o maior “substituto” de Cristo que existe na Terra, ele faz uma afirmação que seria muito importante para Urbano VI. Devemos lembrar que neste momento Urbano VI não era o único papa, temos também Clemente VII no papado de Avignon. Essa afirmação de Wycliffe, portanto, o colocava ao lado de Urbano VI, declarando que ele seria oficialmente o papa, e não Clemente VII. Veja que as palavras são bem incisivas, o maior vigário de Cristo que existe na terra. Só que ao mesmo tempo em que essa afirmação é feita, voltando à sua premissa anterior, Wycliffe define que isso faria com que ele tivesse uma obrigação muito maior de cumprir o que está escrito no evangelho. Ou seja, que esse maior vigário

¹⁹¹ O que poderia não acontecer a que não cresse na divindade de Jesus, colocando como Deus sendo incapaz de compreender a limitação humana.

deveria vir junto com a imitação do modo de vida de Jesus, que, segundo Wycliffe, teria sido descrito nos evangelhos, com palavras do próprio Jesus e demonstrando as ações do próprio Jesus.

Wycliffe não precisa definir aqui de forma clara que as ações do papa estavam incrivelmente distantes do que seria a vivência de Jesus em sua época. Mas ao reforçar os termos “evangelho” e “forma de viver” de Jesus, ele demonstra que não aceitaria quaisquer argumentações teológicas complexas. A argumentação de Wycliffe, pelo contrário, é muito simples, chegando à beira do simplismo: Jesus é Deus, Jesus viveu de forma perfeita. Jesus ensinou essa forma nos evangelhos. Logo, seguir a Deus é viver da forma como os evangelhos descrevem que Jesus vivia. O papa, sendo o maior vigário, deveria ser o maior imitador de Cristo.

É por esse evangelho que eu tenho fé que Cristo, naquela época que andou conosco, foi o mais pobre dos homens, tanto em espírito como em posses, pois Cristo disse que ele não tinha nem onde repousar a sua cabeça e Paulo disse que ele se fez assim por amor a nós. E mais pobre que ele nenhum outro homem pode ser nem corporalmente, nem em espírito. E que Cristo colocou-se sob domínio do mundo. Pois o evangelho de João nos diz que Jesus poderia ter sido feito rei. Mas ele fugiu de tal tentação, pois ele não buscava nenhum poder mundano.

Ao iniciar este parágrafo com “é por esse evangelho que eu tenho fé em Cristo” Wycliffe já define que qualquer argumentação de que haveria qualquer outro livro ou bula ou pensamento lógico que pudesse ser usado fora do evangelho, este seria inválido. Pois o conhecimento que ele, e obviamente todos os católicos, tinham sobre Jesus era justamente o que era mostrado através dos evangelhos, ou seja, sem os evangelhos não haveria fé em Cristo. Ao mesmo tempo ele define mais do que isso, pois coloca “naquela época andou conosco”, de forma semelhante ao que já vimos em outras obras, como por exemplo *The Wicket*, Wycliffe foca-se no caráter humano de Jesus. Não é possível a qualquer outra interpretação por mais rebuscada que seja querer definir o que Jesus cria que era a forma correta de se viver ou o que ele

pensava. Pois, não sendo ele um ser espiritual disforme ou invisível, mas sendo uma pessoa de carne e osso, por ter andado entre os outros humanos, então seu exemplo deveria ser superior a qualquer outra argumentação possível.

Então, a argumentação de Wycliffe caminha pela pobreza de Jesus. Mesmo podendo se utilizar de algum episódio relacionado ao seu nascimento e de ter nascido enrolado em panos em uma manjedoura, Wycliffe prefere utilizar-se da passagem dizendo que Jesus não teria onde repousar sua cabeça. Entretanto, essa passagem em especial, talvez não parecesse a mais adequada para falar da pobreza de Jesus. Vejamos a mesma em seu contexto:

E Jesus, entrando em casa de Pedro, viu a sogra deste acamada, e com febre. E tocou-lhe na mão, e a febre a deixou; e levantou-se, e serviu-os.

E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele com a sua palavra expulsou deles os espíritos, e curou todos os que estavam enfermos; Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças.

E Jesus, vendo em torno de si uma grande multidão, ordenou que passassem para o outro lado; E, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei. E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. E outro de seus discípulos lhe disse: Senhor, permite-me que primeiramente vá sepultar meu pai. Jesus, porém, disse-lhe: Segue-me, e deixa os mortos sepultar os seus mortos. E, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram;¹⁹²

É comum que haja uma interpretação desta passagem e de outras passagens com o termo “filho do homem”¹⁹³ como sinônimo de Jesus. Essa é

¹⁹² Mt 8, 14-23

¹⁹³ A expressão “Filho do Homem” é uma das mais complexas na teologia judaico-cristã, uma vez que diversas interpretações são possíveis, desde “filho de Deus” diretamente à definição de toda a humanidade. Desta forma é importante ressaltar que apesar das diversas possibilidades de interpretação da expressão Wycliffe opta por uma análise mais simples, de associação a Jesus, sem definir se nesta expressão está inserida a divindade de Jesus, a sua humanidade, ou ainda outras possíveis interpretações não referentes especificamente a Jesus.

uma interpretação possível deste fragmento. A ela seria facilmente aceitável a questão que Jesus, seria pobre, não tendo local onde deitar sua cabeça.

Contudo, Jesus começa falando que as raposas tem covis, as aves do céu tem ninhos, mas o filho do homem não tem onde repousar sua cabeça, já que ele havia falado de “aves” enquanto tipo de animal, “raposa”, enquanto tipo de animal, é bem possível que estivesse se referindo a “humanos” e não a ele próprio. Ainda mais porque não há qualquer indício de que “Deus” poderia ser chamado de “o Homem”, então, ainda que tivéssemos por base que Jesus queria falar de si próprio o termo a ser utilizado deveria ser “filho de Deus” e não “filho do Homem”.

Independente desta pequena digressão, na época de Wycliffe, tanto para ele, como para os pensadores católicos mais ortodoxos, o termo “filho do homem” claramente definia Jesus, portanto era válido para demonstrar a pobreza de Jesus.

A definição de que Jesus se colocou sob domínio do mundo também parece bem argumentada, uma vez que teria sido oferecido a ele o controle do mundo, mas ele se negou. Aqui Wycliffe une passagens diferentes, por um lado o fato de Jesus não ter aceitado o poder real, presente nos evangelhos de Marcos de Mateus, conforme se apresenta abaixo:

Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome; E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, E disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, E tomar-te-ão nas mãos, Para que nunca tropeces em alguma pedra. Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele

servirás Então o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos, e o serviam.”¹⁹⁴ (grifo nosso)

Ao mesmo tempo, as referências feitas ao evangelho de João, seriam: “*Jesus viu Natanael vir ter com ele, e disse dele: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo. Disse-lhe Natanael: De onde me conheces tu? Jesus respondeu, e disse-lhe: Antes que Filipe te chamasse, te vi eu, estando tu debaixo da figueira. Natanael respondeu, e disse-lhe: Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel*”¹⁹⁵ e “*No dia seguinte, ouvindo uma grande multidão, que viera à festa, que Jesus vinha a Jerusalém, Tomaram ramos de palmeiras, e saíram-lhe ao encontro, e clamavam: Hosana! Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor.*”¹⁹⁶ ou ainda: “*Tornou, pois, a entrar Pilatos na audiência, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o Rei dos Judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de mim? Pilatos respondeu: Porventura sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste? Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.*”¹⁹⁷ (grifo nosso)

Ou seja, por um lado Jesus teria a oportunidade de ser rei dos judeus, ou então rei de todos os povos, segundo a tentação de Satanás, como segundo momentos onde pessoas o proclamavam como rei, mas ao mesmo tempo ele em todas as situações nega ser conhecido como rei. Só que, ao mesmo tempo em que Wycliffe faz essas citações referentes a Jesus, certamente elas em si eram uma provocação ao papa, pois este havia sim se feito rei, ou mais do que isso, um poderoso senhor secular que estava acima de muitos reis. Entretanto, segundo a citação vista, quem teria oferecido esse poder a Jesus teria sido o próprio satanás. De certa forma, mesmo que não esteja dito, estava implícito, já nesta primeira afirmação de Wycliffe, que o papa havia cedido às tentações de satanás ao aceitar esse poder secular.

¹⁹⁴ Mt 4, 1-11

¹⁹⁵ Jo 1, 47-49

¹⁹⁶ Jo 12, 12-13

¹⁹⁷ Jo 18, 33-36

Continuando a carta de Wycliffe ao papa temos:

E acima de tudo isso eu sou levado a acreditar que nenhum homem deva apelar ao papa, nem a nenhum santo que está no céu, mas ele deve apelar, isso sim, a Cristo. Pois João e Tiago erraram quando cobiçaram a grandeza material, e Pedro e Paulo também pecaram, quando negaram a Cristo e blasfemaram contra ele. Por isso os homens não devem apelar a eles, mesmo que eles tenham ido com Jesus Cristo.

Wycliffe, tanto em suas obras anteriores, mas agora ainda mais, nesta carta ao próprio papa, estava desafiando o homem mais poderoso dentro da igreja (ao menos no pontificado romano) e desafiando aquele que ele próprio havia chamado de maior vigário de Cristo na terra. Mas Wycliffe demonstra que tal postura poderia ser facilmente aceitável ao colocar agora suas críticas não sobre o papa em si, mas sobre quatro fundamentais figuras do novo testamento.

Primeiramente Wycliffe cita João e Tiago, que teriam cobiçado grandeza, a origem desta citação seria:

E aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo: Mestre, queremos que nos faças o que te pedirmos. E ele lhes disse: Que quereis que vos faça? E eles lhe disseram: Concede-nos que na tua glória nos assentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda. Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu bebo, e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado? E eles lhe disseram: Podemos. Jesus, porém, disse-lhes: Em verdade, vós bebereis o cálice que eu beber, e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado; Mas, o assentar-se à minha direita, ou à minha esquerda, não me pertence a mim concedê-lo, mas isso é para aqueles a quem está reservado. E os dez, tendo ouvido isto, começaram a indignar-se contra Tiago e João. Mas Jesus, chamando-os a si, disse-lhes: Sabeis que os que julgam ser príncipes dos gentios, deles se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre elas; Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal; E qualquer que dentre vós quiser

*ser o primeiro, será servo de todos. Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.*¹⁹⁸

A disputa entre Tiago e João, serve para abrir o discurso de Jesus, dizendo que ao contrário dos gentios, os seus seguidores deveriam se preocupar em servir e não em serem maiores, não em buscarem poderes seculares, como os príncipes. Ou seja, mais uma afirmação relacionada ao erro do papa, como uma demonstração que, se até Tiago e João, sendo considerados santos, erraram e, portanto, precisaram ser admoestados, então, o papa, ainda vivo, sem ter sido canonizado, também precisaria ser admoestado.

A passagem referente à Pedro seria:

Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou?

E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.

Então mandou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era Jesus o Cristo.

Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia.

E Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso.

¹⁹⁸ Mc 10, 35-45

Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Afasta-te de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.

*Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me; Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma? Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.*¹⁹⁹ (grifo nosso)

Ou seja, Pedro, ao dizer a Jesus que este não precisaria sofrer e ser humilhado, é chamado por ele de Satanás, por não compreender as coisas que são de Deus e sim só as que são do homem. Ao escolher a figura de Pedro, que, segundo a tradição católica, seria o primeiro papa, Wycliffe coloca uma figura que era ao mesmo tempo santo, tinha vivido com Jesus, e ao mesmo tempo papa, conforme Urbano VI. Veja que a passagem onde Jesus chama Pedro de Satanás é a mesma onde ele diz que Pedro é Pedra sobre essa pedra será construída a sua igreja, ou seja, o versículo máximo que defende a primazia de Pedro e da Igreja Católica e defende todo o poder papal. E mesmo nesta passagem, mesmo o próprio Pedro, teria sido admoestado por Jesus e de forma severa, sendo chamado de Satanás. Isso se mostra na continuação da carta de Wycliffe.

E isso desta forma, baseado nestes fatos, eu deixo um conselho ao papa, que ele deixe o governo deste mundo material aos senhores materiais e ensine isso aos seus discípulos, e que faça isso até que ele seja cegado pela riqueza deste mundo. E também parece a algumas pessoas que os clérigos ultimamente têm cometido muito esse erro contra a lei de Deus, e fazem isso em nome de Cristo, desta forma sendo publicamente hereges, e os seus cúmplices são parceiros dos mesmos.

¹⁹⁹ Mt 16, 15-27

Ao dizer que o papa deveria ficar afastado dessas riquezas e poderes materiais até que se cegasse, ele declara ao mesmo tempo que em algum momento o papa se cegaria, mas mais do que isso, pelas atitudes atuais do papa, que poderiam ser visíveis a qualquer pessoa, ele estaria afirmando que o papa já havia se cegado.

E se eu estou errado nestas coisas que digo, eu logo serei corrigido pela minha morte, à qual espero que seja boa sobre mim. Eu, por minha própria pessoa, teria, de boa vontade, viajado para ver o papa. Mas Deus precisou que eu fizesse o oposto e Ele me ensinou que eu deveria mais obediência a Deus do que aos homens. E eu supus que o nosso papa não seria o Anticristo, por estar agindo de modo contrário à vontade de Cristo, e quando ele faz essa convocação contra a razão, ou a pedido de outros, ele está sendo abertamente um anticristo. E nem mesmo o misericordioso Pedro foi liberado disso, quando Cristo o chamou de Satanás, pois estava cego em sua intenção dando conselhos doentios, desta forma também o papa não deve ser liberado aqui. Pois se ele pede aos verdadeiros padres que eles viagem mais do que eles podem, ele não está desculpado por nenhuma razão divina, de não ser chamado de Anticristo.

Utilizando-se da mesma passagem já explicada acima, Wycliffe consegue até mesmo justificar, perante o papa a necessidade dele ser chamado de anticristo, uma vez que o próprio Pedro foi chamado de Satanás.

Pois a nossa fé nos ensina que o nosso abençoado Deus que sofreu por nós nos chama para sermos tentado não mais do que podemos suportar, como alguém pode então desejar mais do que isso? Desta forma nós oramos a Deus para que o nosso papa Urbano VI, para que seus desejos sagrados não possam ser cercados pelos seus inimigos e que Cristo, que não pode mentir, disse que os inimigos poderiam ser, especialmente, de sua própria família e isso em verdade pode se referir a pessoas ou a espíritos malignos.

A finalização da carta, em forma de uma oração específica para Urbano VI, provavelmente fechava o conjunto de tudo o que já falamos como uma afronta final ao pontífice, embora, aparentemente, completamente justificável pelo evangelhos.

Não há qualquer indicação que o papa Urbano VI tenha respondido esta carta específica de Wycliffe, especialmente, pois ele morre pouco tempo após escrever a carta. A questão do pensamento de Wycliffe, por alguns anos, ficará restrita mais especificamente à região da Inglaterra, sendo tratada regionalmente.

V.2. O Concílio de Constança

V.2.A. Do Concílio de Pisa à convocação do Concílio de Constança

A situação do Cisma do Ocidente havia se agravado com o passar dos anos. Desde 1378 duas linhagens papais completamente independentes dividiam os fiéis pela Europa. Em vias de regra, a divisão se deu a partir de reinos, cada qual assumindo fidelidade a um dos pontífices, mas na prática isso não ocorria tão claramente. Tornando a situação ainda mais complexa, o Concílio de Pisa, realizado em 1409, culminou com o agravamento da situação. Ao invés de conseguir a reconciliação entre os então pontífices Bento XIII, segundo a linhagem de Avignon e Gregório XII segundo a linhagem de Roma. A situação, antes do concílio de Pisa, já não estava simples, especialmente após a França, em 1398, retirar seu apoio a Bento XIII e começar uma guerra contra ele. O então papa Bento XIII ficou preso em um cerco de cinco anos em seu palácio, quando então foi expulso, tendo de se refugiar em Anjou. França, Portugal e Navarra mudam seu apoio para o papa Romano, ao mesmo tempo Escócia, Sicília, Aragão e Castela matem seu apoio a Bento XIII.

Nesta situação o concílio de Pisa, tentando evitar mais conflitos, optou por eleger um terceiro papa, desconsiderando os dois papas anteriores. Entretanto a situação só piorou, uma vez que acabou se formando três grupos distintos disputando pelo poder. Bento XIII de Avignon, mas com sede em Anjou, Alexandre VI, papa por Pisa e Gregório XII papa por Roma. Essa situação de tripartição do poder pontifical era apenas um dos fatores que ameaçava a estabilidade da Igreja Católica. Vários pensamentos considerados heréticos estavam se espalhando, entre eles o pensamento de Wycliffe, que através da figura de Jerônimo de Praga agora estavam se espalhando para diversos pontos da Europa, como Boêmia, Polônia e Lituânia.

Como tentativa para tentar, de alguma forma, sanar todos esses problemas, o Concílio de Constança foi convocado em 1414, tendo se iniciado no dia 5 de novembro, na catedral da cidade de Constança, no Sacro Império (cidade atualmente fronteira entre Alemanha e Suíça). A iniciativa de convocar tal concílio foi do papa João XXIII, eleito em Pisa após a morte de

Alexandre V (este morto após um único ano no papado, provavelmente vítima de envenenamento).

O imperador Sigismundo do Sacro Império prometia garantir a segurança do concílio e os outros papas foram convocados. O concílio teve duração de quatro anos e foi eficiente no que diz respeito à reunificação dos três pontificados. Oficialmente João XXIII e Bento XIII foram depostos pelo concílio e Gregório XII renuncia voluntariamente, terminando com a eleição do papa Martinho V em 11 de novembro de 1417, sendo este pontífice da Igreja Católica como um todo. Apesar da aparente tranquilidade, o concílio não resolveu os problemas de união da Igreja de uma vez por todas. A linhagem de Avignon, por exemplo, continua até 1437. Embora não tivesse o apoio de nenhuma grande monarquia da época, tivemos, sucedendo a Bento XIII, o papa Clemente VIII (que ainda teve apoio de Aragão por alguns anos) e posteriormente a ele Bento XIV. Igualmente no campo do combate aos pensamentos heréticos, apesar da morte de um dos principais discípulos de Wycliffe, Jan Hus, temos revoltas que levarão décadas para serem vencidas e o poder da Igreja Católica restaurado de forma mais eficiente.

Apesar da reunificação de uma igreja dividida em três pontificados ser visivelmente de suma importância, entretanto, como veremos a seguir na análise dos atos do concílio, o foco na questão das heresias, do julgamento de Jan Hus e da condenação dos ensinamentos de Wycliffe não se perdeu em várias seções, tendo, em termos de tempo gasto no concílio, importância semelhante à reunificação da Igreja.

V.2.B. Do discurso de abertura à deposição do “antipapa” João XXIII

O concílio inicia-se no dia 16 de novembro de 1414, abaixo encontra-se a transcrição do discurso de abertura²⁰⁰ proferido pelo bispo João. Segundo Jacques Lenfant e Stephen Whatley²⁰¹, embora existissem dois outros bispos de nome João sendo eles João, bispo de Geneva ou João, bispo de Litchfield, ambos presentes na abertura do concílio. O mais provável é que se referisse ao próprio papa João XXIII, papa de Pisa que convoca o concílio. Uma vez que o papa sempre carrega consigo o título de Bispo de Roma, mesmo neste caso, onde o papa que inicia o concílio era aquele que tinha por sede a cidade de Pisa. O Termo *Servo dos Servos de Deus*, indica claramente que não se tratava de nenhum outro dispo, mas certamente do próprio pontífice.

Primeira seção, ocorrida a 16 de novembro de 1414,

João, bispo, servo dos servos de Deus, para que fique gravado à posteridade, desejando levar adiante aquilo que foi decretado no concílio de Pisa, pelo seu predecessor de alegre memória, o papa Alexandre V, convoca um novo concílio geral, que anteriormente já havia sido convocado por cartas enviadas por nós, para tratarmos dos assuntos que são descritos abaixo:

Nós todos nos dirigimos a vós, veneráveis irmãos, cardeais da sagrada Igreja Romana e à corte da cidade de Constança, na presente hora, para apresentar aqui, pela Graça de Deus, o que agora faremos, desejando o conselho deste sínodo, para conseguirmos a paz, a exaltação e reforma da Igreja e assim silenciar o povo cristão.

Neste assunto tão ardoroso não é correto confiar na força de uma única pessoa, mas ao invés disso colocar nossa confiança em Deus. Desta forma, para começarmos com a nossa adoração divina, nós decretamos, com a aprovação deste sagrado concílio, uma missa especial com o propósito do que será dito hoje. Essa missa não será

²⁰⁰ Os atos do Concílio foram pela primeira vez publicados em 1500 por Jerônimo da Croácia em *Acta scitu dignissima doctaque concinnata Constantiensis concilii celebratissimi*

²⁰¹ LENFANT, Jacques & WHATLEY, Stephen, *The history of the Council of Constance*, p.187

celebrada em vão, pela graça de Deus. Nós agora decretamos que essa missa seja celebrada pelo colegiado aqui presente ou por outros colegiados de igrejas desta cidade, sejam seculares ou regulares, uma vez por semana, sempre na sexta feira, enquanto o sagrado concílio estiver reunido. Além disso, ordenamos uma devoção fiel a essa celebração com o maior fervor, pois assim eles poderão se sentir refrescados pela abundante graça divina, e então poderemos relaxar nas mãos do misericordioso Deus por causa da grande quantidade de penitência que cada um confessa a cada missa. Um ano de penitência ao padre que estiver celebrando a missa e quarenta dias a todos os que estiverem presentes. Além disso, nós exortamos a nossos veneráveis irmãos, cardeais da igreja de Roma, assim como os patriarcas, arcebispos e bispos e nossos amados filhos, os abades e outros do clero, a celebrar com devoção essa missa uma vez por semana, para que a providência divina possa estar sobre nós enquanto imploramos por isso, e nós vamos garantir as mesmas indulgências ao celebrante e a todos os que estiverem presentes na missa

Nós exortamos ao Senhor ainda mais, para a glória do nome de Cristo, para que possamos ter um desfecho grandioso sobre os temas que trataremos, e possamos dar diligentemente orações e jejuns aos que possuem um trabalho santo. Que Deus possa colocar sobre eles humildade e então uma grande alegria começará neste encontro sagrado.

Considerando, acima de tudo, os assuntos que esse conselho considera ameaças à fé católica, de acordo com as práticas que já ocorreram em concílios anteriores, e sabendo que essas coisas demandam diligência, tempo para estudo e que são assuntos de intensa dificuldade, nós exortamos a todos os que são versados nas sagradas escrituras a ponderarem sobre essa ameaça, e que todos possam discutir uns com os outros, e que possam contribuir com ideias que sejam uteis e oportunas para esse assunto. Vamos chamar esses temas à nossa frente aqui neste sagrado sínodo, pois nós convincentemente podemos resolver esses temas. E com o devido tempo poderemos decidir e repudiar o que for necessário, para o lucro e crescimento da fé católica.

Especialmente, precisaremos ponderar sobre vários erros que estão sendo espalhados em vários lugares e em épocas distintas,

*especialmente por aqueles que dizem ter conhecimento das obras de um certo João Wycliffe.*²⁰²

É comum, no início de um concílio, haver um discurso inicial com um apelo à união e submissão aos desígnios de Deus. Mas não podemos deixar de destacar o caráter urgente e especial deste apelo. Missas semanais com penitências de 40 dias para cada pessoa que participar da celebração e um ano para dar celebração realizada por cada padre? Tendo por conta que o concílio terá duração de 4 anos, calculando em média 50 semanas a cada ano, isso terá por consequência ao mínimo 200 anos de penitência, dividida entre os celebrantes, tomando por conta apenas as celebrações ocorridas na igreja central.

O apelo a que todos os versados nas sagradas escrituras e não somente os bispos e cardeais pudessem participar diligentemente para resolver os problemas em questão, ou seja, todo o caráter do discurso inicial demonstra grande preocupação e urgência na resolução destes problemas. Imaginando-se uma igreja tripartida, a urgência é justificável. Entretanto, ao chegar ao final do apelo, antes de qualquer questão relacionada aos pontificados, antes de qualquer questão relacionada às igrejas com sede em Avignon e Roma, temos o pedido especial pela ponderação sobre os pensamentos de Wycliffe, demonstrando que estes pensamento, no momento, eram considerados ao menos tão graves quanto a divisão de poder dentro da igreja.

É importante constatar que ao citar Wycliffe, o papa afirma que os erros ensinados por ele estavam sendo espalhados em diferentes épocas e em diferentes lugares. É possível deduzir destas afirmações que pelo menos duas épocas distintas existiam, no caso uma primeira época por volta de 1380, enquanto Wycliffe ainda vivia e outra, no começo do século XV, onde as ideias dele começavam a se espalhar por terras distintas. Essa preocupação de tais ideias se espalharem parece ser um dos grandes motivos pelo qual ocorreu a convocação do concílio.

Continuando o seu discurso de abertura, o papa João continua:

²⁰² “*Complete Acts of Council of Constance*” in <http://www.dailycatholic.org/history/16ecume1.htm>

Nós exortamos, ainda mais, todos os católicos, desde os que já estão reunidos aqui como aqueles que ainda chegarão a esse sagrado sínodo, que eles devem buscar refletir sobre esses assuntos, ponderar sobre eles, e trazer a nós suas considerações, assim como estaremos nós fazendo neste sínodo. Todas essas matérias pelas quais o corpo dos católicos será dirigido, se Deus assim desejar, para uma reforma própria e a desejada paz. Pois é nossa intenção e certamente de todos os que estão reunidos aqui para esse propósito, que tudo o que for feito neste concílio será feito com completa liberdade, assim como cada um das coisas que forem pensadas a esse respeito.

Entretanto, para que a regra seja observada, o procedimento deste sagrado sínodo contará com todas as coisas que aqui forem ditas e decididas, as ações aqui tomadas serão para regular os costumes, nós pensamos que para esse recurso precisamos ter em mente as práticas de nossos antigos pais, o que pode ser melhor aprendido pelo cânon do concílio de Toledo, todos os assuntos que nós decidirmos aqui que sejam inseridos aqui.

Se fôssemos levar em conta apenas a citação “concílio de Toledo”, não poderia não ficar claro a qual dos Concílios de Toledo o papa fazia referência. Ocorreu um total de 18 concílios em Toledo, entre o ano 397 e o ano 702, tendo estes trabalhado com temáticas diferentes, desde o reforço da refutação do arianismo (pensamento considerado herético desde o concílio de Nicéia em 325) até o apoio a determinados monarcas. Por exemplo, no 7º concílio de Toledo decide-se que a Igreja nunca poderia apoiar um leigo que estivesse na disputa ilegal pelo trono de outro monarca católico, caso algum bispo ou membro do clero auxiliasse um esse leigo, então ele seria punido, e caso o leigo tivesse se tornado rei e protegesse militarmente os membros do clero que o auxiliaram, então a punição a esses deveria ser dada após a morte do monarca. Ou, por exemplo, o décimo quinto concílio impõe ao rei visigodo Égica, que este dividisse parte de suas posses com o povo, uma vez que havia prometido isso, ao invés de obrigá-lo a manter o juramento perante sua própria família e preservação das posses reais. Ou ainda o décimo sétimo concílio de Toledo, fala contra os judeus da península ibérica, sob alegações do rei

visigodo de um complô mundial dos judeus contra a igreja católica, dando a ele direito de tomar as posses, e batiza à força os judeus.

Entretanto, a referência específica não é ao que foi decidido no Concílio de Toledo e sim aos cânones do Concílio. Assim sendo, é possível concluir-se que se trata do 1º Concílio de Toledo, ocorrido entre 397 e 400, sendo que no último ano do mesmo houve a divulgação de 20 cânones que deveria guiar a Igreja Católica. São eles²⁰³:

- I. *Os presbíteros e os diáconos não devem ter filhos após sua ordenação.*
- II. *Que o penitente, se obriga a necessidade, possa ser nomeado leitor ou ostiário.*
- III. *Daqueles que se casaram com viúvas, que não sejam nomeados diáconos.*
- IV. *Caso o subdiácono ficar viúvo e se casar novamente, deverá ser reduzido a ostiário.*
- V. *Se o clérigo de qualquer ordem for preguiçoso em ir à igreja, seja deposto.*
- VI. *Que a jovem religiosa não tenha familiaridade com os varões.*
- VII. *Que o clérigo cuja mulher pecar, tenha potestade da castigar sem lhe causar a morte, e que não se sente com ela à mesa.*
- VIII. *Daquele que após o batismo se inscrever na milícia, não seja ascendido ao diaconato.*
- IX. *Que nenhuma profesa ou viúva, em ausência do sacerdote cante em sua casa o ofício sacerdotal ou o lucernario.*
- X. *Que ninguém admita entre o clero ao que está obrigado a outro sem consentimento do senhor ou patrão.*
- XI. *Que se algum poderoso desposar a qualquer mulher sem sua autorização, e amonestado pelo bispo não a restituir, seja excomulgado.*
- XII. *Que nenhum clérigo se afaste de seu bispo e se dirija a outro.*

²⁰³ Cânones do 1º Concílio de Toledo, in <http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/é/ug.htm#a5>

•XIII. *Daqueles que entram na igreja e não comulgam fiquem excomulgados.*

•XIV. *Que se expulse como sacrílego ao que receber a Eucaristía e não a consumir.*

•XV. *Daqueles que são excomungados pelos bispos, que nenhum se acerque a eles.*

•XVI. *Que se cometer adultério a mulher consagrada a Deus, faça penitência durante dez anos. E se tomar marido não lhe admitirá a penitência até que se tenha separado do marido.*

•XVII. *Que seja privado da comunhão aquele que, já tendo esposa tiver também uma concubina.*

•XVIII. *Se a viúva do sacerdote ou do levita voltar a casar, só receberá a comunhão ao fim de sua vida.*

•XIX. *Se a filha religiosa do sacerdote ou do diácono pecar, só receberá a comunhão ao fim de sua vida.*

•XX. *Que seja função do bispo a benção do crisma.*

Por que motivo o papa João estaria citando o Concílio de Toledo? Ele possui artigos completamente ultrapassados para a Igreja da época, um dos seus principais temas era o regimento das relações conjugais dos membros do clero, agora completamente proibidas. Mas caso ele não se referisse ao 1º Concílio, então, por que motivo utiliza-se do termo “cânon”, sendo que esse só foi criado referente ao primeiro concílio? Após a realização de vários outros concílios mais modernos, como o concílio de Latrão, por que não utilizar-se destes como base?

Há ainda a possibilidade de, quando falou do cânon do concílio, estivesse se referindo mais especificamente ao credo estabelecido no concílio, conforme está apresentado abaixo²⁰⁴:

1 – *Quem a partir de agora disser ou crer que esse mundo e tudo o que há nele não foi criado por Deus, o todo poderoso, seja considerado anátema.*

2 – *Que se alguém disser ou crer que Deus pai é a mesma pessoa que Deus filho ou o Espírito Santo, seja considerado anátema.*

²⁰⁴ Credo do Concílio de Toledo de 400, in <http://www.vaticaninexile.com/PF/Toledo.html>

3. *Que se alguém disser ou acreditar que Deus filho é a mesma pessoa que o Pai ou o Espírito Santo, seja considerado anátema.*

4. *Que se alguém disser ou acreditar que o Espírito Santo é ao mesmo tempo o Pai ou o Filho, seja considerado anátema.*

5. *Que se alguém disser, ou crer, que o homem Jesus Cristo, sendo filho de Deus, não assumiu corpo, ou que fosse um corpo sem alma, seja considerado anátema.*

6. *Que se alguém disser, ou crer que o Filho de Deus, enquanto Deus, sofreu, seja considerado anátema²⁰⁵.*

7. *Que se alguém disser ou crer que o homem Jesus Cristo era incapaz de sofrer, seja considerado anátema²⁰⁶.*

8. *Que se alguém disser ou crer que existe um Deus da antiga lei e outro Deus, o dos testamentos, que seja considerado anátema.*

9. *Que se alguém disser, ou acreditar, que esse mundo foi feito por outro Deus que não Deus, ao interpretar “no princípio criou Deus”, que seja considerado anátema.²⁰⁷*

10. *Que se alguém disser, ou acreditar que os corpos humanos não vão reviver após a morte, que seja considerado anátema.*

11. *Que se alguém disser ou acreditar que a alma humana é parte de Deus, ou é substância de Deus, seja considerado anátema.*

12. *Que se alguém disser ou acreditar que alguma outra escritura que não seja aquelas que a Igreja Católica recebeu, podem possuir autoridade ou serem dignas de veneração, que seja considerado anátema.*

13. *Que se alguém disser ou acreditar que Cristo tem apenas uma única natureza, seja ela a divina ou a humana, que seja considerado anátema.²⁰⁸*

14. *Que se alguém disser ou acreditar que há alguma coisa que pode ser estendida além da divina trindade, que seja considerado anátema.*

²⁰⁵ Provavelmente se referindo à natureza divina de Jesus, que não sofreria, apenas sua natureza humana

²⁰⁶ Em oposição ao primeiro, provando que nas duas naturezas de Jesus, a divina não sofreria, enquanto a humana seria plenamente capaz de sofrer.

²⁰⁷ Algumas tradições dentro do judaísmo e do cristianismo interpretam o termo “no princípio” (Bereshit) como um ser distinto de Deus, que teria criado a Deus e o mundo.

²⁰⁸ Esse item vem de encontro tanto à heresia do Arianismo, que pregava apenas a natureza humana de Jesus, e também ao Monofisismo, que pregava apenas a natureza divina de Jesus

15. *Que se alugém estudar astrologia ou fizer interpretações baseadas nas estrelas ou acreditar nestas interpretações, que seja considerado anátema.*

16. *Que se alguém disser, ou acreditar, que os casamentos do homem, que são permitidos Segundo a lei divina, devem ser proibidos, que seja considerado anátema.*

17. *Que se alguém disser ou acreditar que a carne dos pássaros ou animais não deve ser ingerida como comida ou que essas comidas possam ser abomináveis, que seja considerado anátema²⁰⁹.*

18. *Que se alguém seguir a seita dos priscilianos²¹⁰ em seus erros ou publicamente professá-los, desta forma compreender o batismo de forma contrária ao da sagrada cadeira de Pedro, que seja considerado anátema.*

Neste caso, o Credo de Toledo, parece muito mais relacionado ao que estava ocorrendo em Constança no momento da convocação do Concílio, assim sendo, o mais provável, é que ao referir-se ao cânon, na verdade a ligação a ser feita seja o credo e não o cânon. Desta forma, consideraremos, a partir daqui, a relação estabelecida com o credo. Contudo, segundo Lefant, a citação mais provável não seria com relação nem ao credo e nem ao cânon, mas sim, ao 11º Concílio de Toledo²¹¹ se referindo à necessidade de máxima atenção por parte dos presentes, completo silêncio e espírito concentrado.

Infelizmente, não foi possível encontrar os atos dos próximos encontros, tendo apenas a referência do dia 2 de março de 1415, como próximo encontro registrado nos atos. Entretanto, o registro com essa data é intensamente breve, ele fala da renúncia do papa João XXIII e menção a este ter simplesmente abandonado Constança, provavelmente considerado como uma fuga.

Há diversas teorias que tenta explicar a renúncia do papa João XXIII. A mais comumente aceita é a de que ele teria aceitado renunciar, caso os outros dois papas também renunciassem, de modo que durante o concílio pudesse haver a eleição de um novo papa. Desta forma, ele teria aceitado renunciar no

²⁰⁹ Aqui temos uma relação clara com as regras alimentares judaicas, sendo elas oficialmente estirpadas das regras católicas.

²¹⁰ Referente ao Bispo Prisciliano de Ávila, que entre outros ensinamentos, pregava a interpretação pessoal das escrituras, a vida de pobreza, a possibilidade de qualquer cristão de ministrar os sacramentos, sem a necessidade de uma hierarquia eclesiástica, entre outros.

²¹¹ LENFANT, Jacques & WHATLEY, Stephen, *The history of the Council of Constance*, p.53

dia 2 de março²¹². No entanto essa teoria não explica o motivo de apenas João XXIII ter renunciado neste dia e especialmente não explica o motivo pelo qual, logo após sua renúncia ele teria fugido disfarçado de mensageiro. Há ainda a teoria de que ele, ao ter renunciado perante os cardeais, demonstraria ter mais interesse em resolver a situação da igreja do que em manter o poder, mas como aquele que presidia o concílio, mesmo após sua renúncia ao cargo pontifical, sendo bispo, continuaria adiante das discussões²¹³. Neste caso, a fuga teria se dado apenas quando, ao renunciar, teria começado a sofrer perseguições para abandonar também o concílio, o que teria feito com que fugisse.

Apesar desta última teoria ter mais fundamento, uma visão mais concisa da obra de Wycliffe e do discurso de abertura feita por João XXIII permitir lançar um novo questionamento, embora este, tampouco, possa ter uma confirmação mais precisa. Em uma igreja tripartida, João XXIII lança um apelo à necessidade de concentração total na questão de John Wycliffe, nem mesmo mencionando a questão da sucessão papal. Neste discurso, ele coloca palavras como “*o que agora faremos, desejando o conselho deste sínodo, para conseguirmos a paz, a exaltação e reforma da Igreja e assim silenciar o povo cristão.*” Ao mesmo tempo que a promessa de que todos seriam ouvidos, sem quaisquer penalidades, a não ser aquelas a serem tomadas após a deliberação do sínodo. Jan Hus compareceu no concílio a partir de 4 de dezembro de 1414, portanto, enquanto o papa João XXIII ainda dirigia o concílio, só tendo ele, Hus, aceitado participar do concílio por promessa de segurança, tanto por parte do imperador Sigismundo, como do papa João XXIII. Temos este papa citando o Concílio de Toledo, que como já vimos não dá uma argumentação completamente contrária a nenhum dos ensinamentos de Wycliffe. Tenha sido esse Concílio citado pela necessidade de concentração, conforme teoria explicada acima, tenha sido o concílio citado por causa do credo, temos neles um caráter de reflexão, discussão, e não de julgamento em si. Se formos levar em conta os 18 itens do credo de Toledo, não veremos nenhuma única citação que poderia ser contrária aos documentos de Wycliffe que aqui analisamos,

²¹² MIRANDA, Salvador, *The Life of Antipope John XXIII* in <http://www2.fiu.edu/~mirandas/bios1419.htm>

²¹³ LENFANT, Jacques & WHATLEY, Stephen, *The history of the Council of Constance*, p.120

salvo, talvez, por alguma semelhança entre as ideias dele e dos priscilianos. A hipótese, não justificável, mas que merece ser aqui enunciada é: será que a postura do papa João XXIII perante as ideias de Wycliffe e de Hus era por demais conciliatória, realmente fazendo jus ao termo “reforma” utilizado por ele para definir o que pretendia fazer à Igreja. Será que ele pensava em levar a cabo algumas das sugestões apresentadas por ambos, e isso cria uma pressão tão grande para sua renúncia? O papa João XXIII posteriormente volta ao concílio, pede perdão pela sua fuga, mas acaba sendo oficialmente deposto²¹⁴, preso e solto apenas 3 anos depois, para morrer poucos dias depois em 1419. Seja como for, a postura pessoal de João XXIII perante Jan Hus e as ideias de Wycliffe não são o foco do presente capítulo. Vejamos, portanto, a continuação dos atos do concílio, já sob o comando do papa Gregório XII²¹⁵:

Decretos na integridade e autoridade do concílio, após a viagem do papa²¹⁶.

Para a honra, louvamos e glorificamos a mais sagrada trindade: Pai Filho e Espírito Santo, e para obter na Terra, para as pessoas de boa vontade, a paz que foi definitivamente prometida à Igreja de Deus, esse sagrado sínodo convocado pelo concílio geral de Constança, devidamente reunido aqui pelo Espírito Santo, com o propósito de trazer união e reforma para a dita igreja, sua cabeça e membros discernidamente declaram, definem e ordenam o que se segue:

A mudança de linguagem é facilmente notada. Enquanto o papa João XXIII falava, o discurso era a troca de ideias, a oração e a boa vontade de se definir um diálogo, enquanto, agora, a primeira abertura realizada pelo papa Gregório XII já vem, em seu primeiro parágrafo, com um discurso imperativo de definir, declarar e ordenar, e não mais de discutir.

É interessante também ressaltar que o papa Gregório utiliza-se do termo “cabeça da igreja”. Tradicionalmente o termo “cabeça da igreja” é utilizado para se referir a Jesus e não ao papa.

²¹⁴ O que é inconsistente com a sua prévia renúncia

²¹⁵ Que igualmente renunciaria algumas semanas depois, iniciando um período de interregno papal que terá duração de 2 anos, até a eleição de Martinho V

²¹⁶ Certamente se referindo à saída do papa João XXIII. É importante ressaltar que em momento algum o documento dá ideia de ser uma fuga e sim apenas uma “viagem”

*Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.*²¹⁷

A ideia do papa como *vicarius christi*, do latim “vice-Cristo” ou “aquele que está presente no lugar de Cristo” pode ter aparecido na *doação de Constantino*²¹⁸, mesmo assim não é tão comum a referência de “cabeça da igreja” ao papa, e nem faz parte de seus títulos oficiais²¹⁹. Nem mesmo a bula *Unam Sanctam*, escrita em 1302, faz referência ao papa como cabeça da Igreja, pelo contrário, reafirma que a única cabeça da Igreja era Cristo e a cabeça de Cristo era Deus.

Eis a sequência de ordens apresentadas pelo papa Gregório em seu primeiro dia adiante do Concílio de Constança:

Primeiro, esse sínodo era e é por direito o mesmo sínodo propriamente convocado nesta cidade de Constança e que já havia sido propriamente começado na cidade que agora o abriga.

Além disso, que esse sagrado concílio não foi dissolvido pela partida de nosso senhor o papa, de Constança, e nem mesmo pela partida de tantos outros prelados e outras pessoas. Mas, pelo contrário, o concílio continua em sua integridade e autoridade, ainda que tenha sido decretado o contrário ou que futuramente possam decretá-lo como terminado.

A primeira regra imposta após Gregório assumir oficialmente o Concílio é justamente decretar que o concílio que estava ocorrendo naquele momento era o mesmo concílio que já havia sido iniciado anteriormente (obviamente sem citar o papa João XXIII). Ora, se havia necessidade de afirmar diligentemente que este sínodo era o mesmo sínodo que já havia sido estabelecido pelo

²¹⁷ Ef 5, 23-24

²¹⁸ Documento comprovadamente falso, criado no século VIII, para justificar a posse territorial da Igreja Católica, referindo-se a uma suposta doação do Imperador Constantino ao papa Silvestre no século IV. Apesar de falso, na época do concílio de Constança o documento era tido por verdadeiro, chegando até mesmo a possuir uma citação no referido concílio.

²¹⁹ Que seriam eles: *Sumo Pontífice, Vigário de Cristo e Bispo de Roma*,

concílio, é porque havia quem discordasse. É afirmado que o concílio continuava em integridade e autoridade, ainda que tivesse sido decretado o contrário, e que posteriormente pudesse ser decretado o contrário. Ora, se o papa João XXIII tivesse abdicado do trono papal por pura vontade, por que motivo haveria aqui essa afirmação de que o concílio não havia sido cancelado, conforme havia sido decretado? Quem teria decretado o fim do concílio? Não teria sido o próprio papa João XXIII que, ao abdicar, teria explicado seus motivos e então decretado o fim do concílio? Ou simplesmente decretado o fim do concílio sem ter abdicado, e a sua abdicação tenha sido algum jogo político? Além disso, o documento afirma que o concílio era verdadeiro e válido ainda que no futuro houvesse alguma declaração de que ele havia sido cancelado e, portanto era inválido. Quem no futuro teria o poder de decretar que na verdade o concílio tinha sido encerrado um dia antes? Não seria essa uma atribuição somente possível ao próprio João XXIII que presidia o concílio?

Mais do que isso, o documento demonstra que o concílio continuava apesar da “viagem do papa”, mas também “apesar da partida de tantos outros prelados e de outras pessoas”, não foi possível encontrar uma documentação que comprovasse a quantidade de pessoas que havia saído junto com a abdicação do papa João XXIII.

Temos algumas pistas em uma carta escrita por Henrique de Piro²²⁰, que estava presente no concílio²²¹. O cardeal de Cambrai e alguns outros cardeais e prelados não teriam aparecido na convocação do dia 2 de março. Então dois cardeais e cinco prelados teriam se oferecido a ir chamar o papa. Aos portões teriam o chamado em alto e bom tom. Como o papa não respondeu, alguns cardeais e prelados se negaram a permanecer no concílio, entre eles o patriarca de Antioquia e o arcebispo de Genebra, que teriam saído em busca do papa, mas não o encontrado. Assim teriam resolvido adiar a seção em um dia e todos teriam visto essa tentativa (questão esta que a carta faz questão de frisar). Nos dias seguintes outras pessoas foram se retirando. Dependendo da função que tinham no concílio precisaram de substituição, como no caso de Bertoldo de Ursins, escrivão do concílio. No terceiro dia, após a saída do papa,

²²⁰ Pouco se sabe sobre esse personagem. Seu nome aparece uma única vez nos atos do Concílio, como o autor da sugestão que Jan Hus fosse entregue ao poder secular para sofrer sua punição.

²²¹ Carta citada em LENFANT, Jacques & WHATLEY, Stephen, *The history of the Council of Constance*, p.249

uma comissão de 5 pessoas teria sido formada para investigar a sua saída, e estas montaram um processo contra ele, passando o poder, temporariamente, a Gregório, que abdicaria semanas depois em nome da reunião de cardeais presentes.²²²

Mesmo a abdicação de Gregório XII é peculiar, uma vez que ela não teria sido feita por ele presencialmente, e nem mesmo por uma carta assinada por ele, e sim por um procurador. Esse procurador teria sido Carlos de Malatesta, príncipe de Viena, sendo sua carta a prova de tal renúncia²²³.

E foi com grande alegria que o Imperador reuniu as nações em Constança para consultar pela paz na Igreja. Ele (Gregório XII) está pronto, como sempre esteve, para o bem maior de Deus, a renunciar o pontificado e à sua eleição, que nunca foi dignamente aceita legalmente. Desta forma ele entrega o poder completo e a autoridade à assembleia aqui reunida. Desta forma, já que este concílio foi convocado pelo imperador e não por Baldassar Cossa que se autoentitulava João XXIII, e na condição que Baldassar já afirmou que não mais presidirá o concílio e nem estará presente nele, ele autoriza que seja feito o que for necessário para o bem geral da unidade da Igreja.

Oficialmente Gregório XII abdica, enquanto, oficialmente João XXIII, embora conste como tendo abdicado no dia 2 de março, é considerado deposto e posteriormente preso. Com a votação do concílio em declarar o papa Bento XIII como herege e antipapa, temos uma igreja governada pelo concílio, ainda sem papa.

Apesar das declarações apresentadas acima ainda terem sido feitas por Gregório XII, devemos considerar que havia uma grande dificuldade em se retomar o concílio após a saída de João XXIII e vários bispos e cardeais. Desta forma, considerar como prerrogativa básica a afirmação sumária de que o concílio que estava reunido ainda era o mesmo concílio anteriormente reunido, era imprescindível. Veja que na carta do príncipe de Viena, temos inclusive um fator a mais para ressaltarmos. Ele é chamado de Baldassar Cossa, seu nome

²²² Idem, p. 250

²²³ Idem, p. 251

de nascimento e não pelo seu título de João XXIII, e é declarado oficialmente que quem teria convocado o concílio era o imperador e não ele. Ou seja, além de afirmar que o concílio existente era real e tinha o poder de concílio, começa-se o esforço de apagar a figura de João XXIII, uma vez que de convocador do Concílio e papa, em menos de um ano ele será um antipapa prisioneiro.

Uma vez já estabelecido que o concílio aqui presente era sumariamente diferente do que já havíamos citado e que estava em dificuldades de se firmar enquanto tal, vamos dar continuidade ao texto de reabertura do concílio após a “viagem” de João XXIII.

Além disso, esse sagrado concílio não deve e não poderá de forma alguma ser dissolvido até que o presente cisma seja inteiramente removido e até que a igreja seja reformada em sua fé e moral, tanto sua cabeça como seus membros.

Além disso, esse sagrado concílio não poderá de forma alguma ser transferido para outro local a não ser caso seja debatido e decidido neste presente concílio.

Além disso, os prelados e outras pessoas que estiverem presentes neste concílio não poderão sair do concílio antes que esse tenha terminado, exceto por causa justificada a ser examinada pelas pessoas que sejam escolhidas especificamente para este fim por este concílio. E caso isso ocorra, as suas razões sejam axaminadas e aprovadas, ela só poderá partir após ter permissão por escrito da autoridade instituída pelo conselho. Se algum indivíduo sair, ele automaticamente deverá dar o seu poder a outros que permanecerão, sob a pena da lei, assim como o poder poderá ser passado a outros apontados por esse sagrado concílio. Os que descumprirem tal lei serão perseguidos.

Pela continuação das ordens aqui citadas, temos uma ênfase não somente em deixar claro que o concílio que ali existia era o mesmo concílio previamente convocado por João XXIII, mas também a necessidade de se garantir que o poder não seria retirado, de nenhuma forma, deste concílio.

Quando se define que o concílio não seria transferido para outro local, isso garante que nem João XXIII, nem qualquer outro dos “papas” vigentes

pudessem convocar outro concílio ou reunir os membros que haviam saído em outra cidade, desta forma garantindo que enquanto Constança fosse controlada pelo Santo Império, o poder sobre a Igreja estaria nas mesmas mãos que estava. Igualmente, ao se criar a regra da impossibilidade das pessoas saírem do concílio, a não ser com autorizações muito espessas e manuscritas, isso garantia que qualquer um que abandonasse o concílio, fosse para buscar orientações de outra pessoa, fosse para buscar refúgio em qualquer outro lugar, essa pessoa automaticamente estaria fora do concílio. Isso também impossibilita que essas pessoas saíssem do concílio e buscassem reunir “o mesmo concílio” em outro lugar sem a presença daqueles que lhe fossem indesejáveis.

A lei garantindo que o concílio permaneceria reunido até que o cisma fosse resolvido servia para garantir a impossibilidade do papa João XXIII ou de qualquer outro dissolver o concílio, uma vez que, obviamente, os que estavam reunidos em Constança jamais aceitariam uma liderança exterior a Constança, e, enquanto houvesse qualquer liderança exterior, então o concílio não deixaria de existir. De certa forma é como se pelo período de quatro anos a capital da igreja tivesse mudado para Constança.

Também é importante ressaltar que aquele que abandonasse o concílio não seria simplesmente expulso do concílio, mas seria perseguido. Essa ênfase tão grande em impedir que novos cardeais, bispos ou acerbispos abandonassem o concílio só pode significar que a situação não estava tão calma quanto os próprios atos do concílio tentam fazer parecer.

Após essa reabertura, temos mais alguns encontros que ainda tentavam estabelecer a ordem, onde, pelo menos pelos atos, não houve debate específico relacionado ao pensamento de John Wycliffe, nem de Jan Hus e nem diretamente às formas pela qual conseguiriam reunificar a igreja. Segundo Norman Tanner²²⁴, o mais correto seria afirmar a existência de dois Concílios de Constança, um iniciado pelo papa João XXIII e outro que teria sido levado adiante após a sua renúncia.

Por exemplo, quatro dias após os anúncios citados, temos uma reformulação das mesmas regras explicadas novamente, desta vez pela voz do

²²⁴ TANNER, Norman ed., *Documents of Constance, 1414-1418* in *Decrees Of The Ecumenical Councils: From Nicaea I To Vatican II*, part1

Cardeal Zabarella. Ele, desde o início do século XV havia lutado contra a cisão da Igreja, estando presente no concílio de Pisa e participado na eleição de João XXIII como terceiro papa. Foi emissário do papa de Pisa junto a reis, convencendo participação dos bispos e cardeais de ambos os grupos no concílio de Constança. Portanto uma voz que parecia representar fielmente João XXIII em sua ausência.²²⁵, segundo Michael Ott²²⁶ durante todo o concílio ele teria solicitado uma nova e urgente eleição papal para o fim do interregno.

Entretanto, ao analisarmos as palavras do Cardeal Zabarella, presente abaixo, não veremos uma mudança tão significativa do que já havia sido exposto quatro dias antes:

Decretos do concílio na autoridade e integridade, conforme são agora lidos pelo nosso cardeal Zabarella.

Pelo nome da sagrada e indivisível Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, Amém. Esse sagrado sínodo de Constança, que é um concílio geral, para a erradicação do presente cisma e para trazer unidade e reforma à Igreja de Deus, tanto em sua cabeça como em seus membros, legitimamente reunido pelo Espírito Santo para louvar o todo poderoso Deus, ordena, define, decreta e declara o que se segue, para que a ordem e a reforma da Igreja de Deus possa ser obtida com mais facilidade, mais recurância, de forma a produzir mais frutos e seja mais livre.

Primeiro que esse sínodo legitimamente reunido pelo Espírito Santo constitui realmente um Concílio Geral, representando a Igreja Católica, e que o poder do concílio emana imediatamente de Cristo e que todos, não importa o status e a dignidade, ainda que seja o próprio papa, estão obrigados a obedecer os temas tratados aqui e ter fé nos mesmos para que possamos erradicar o dito cisma.

Assim sendo, o nosso sagrado papa e senhor, João XXIII, não poderá mover ou transferir a cúria romana e os seus oficiais públicos, ou outros oficiais, desta cidade para nenhum outro lugar, nem diretamente, nem indiretamente compelir pessoas a que façam ofícios que permitam de alguma forma que elas o sigam, sem a deliberação e

²²⁵ MORRISSEY, Thomas, *The Emperor Elect Sigismund, Cardinal Zabarella and the Council of Constance*, in *The Catholic Historical Review*, vol 69, n.3 p.357

²²⁶ OTT, Michael, *Frachesco Zabarella*, in *Catholic Encyclopedia*.

consenso do mesmo sínodo sagrado. Isso se refere tanto a oficiais como a ofícios entregues por aqueles que estão ausentes deste concílio, pois essa ausência pode provavelmente dissolver ou fazer mal ao concílio. E se ele já agiu contrariamente a isso no passado, ou vier a agir desta forma no futuro, ou se ele no passado, agora ou no futuro fulminar qualquer processo ou mandato ou fizer qualquer censura eclesiástica ou qualquer tipo de penalidade a qualquer um dos tidos oficiais presentes aqui ou se de alguma forma agir ou falar qualquer censura ou penalidade a qualquer pessoa presente no concílio, devemos considerar nulo e vazias tais ordens, palavras ou ações e que nenhuma de suas penalidades sejam obedecidas, e que sejam consideradas inválidas. Os ditos oficiais são indispensáveis para o exercício dos trabalhos que estão sendo feitos em Constança e vão levar o seu trabalho livremente, como já faziam anteriormente, mesmo antes deste sínodo ter sido convocado nesta dita cidade.

(...)

Além disso, para mantermos nossa unidade, não poderão ser criados novos cardeais, e serão consideradas fraudulentas, não importa a razão, quaisquer pessoas que chegarem até o concílio dizendo ter sido feitas cardeais recentemente por quem quer que seja. Esse sagrado concílio declara que essas pessoas não devem ser tratadas como cardeais, e nem publicamente reconhecidas como tal, nenhum novo cardeal deverá ser reconhecido a partir do dia da partida de nosso senhor, o papa, de Constança.

Apesar do discurso ter sido feito pelo cardeal Zabarella, ele só reforça a ausência de poder do papa João XXIII, e a manutenção do poder nas mãos do concílio, reafirmando que o papa não tem o poder de cancelar o concílio, o mover ou fazer nada contra ele.

A grande diferença que vemos aqui é a adição de mais um fator, a impossibilidade do papa criar novos cardeais. Para que esta afirmação estivesse sendo feita, é bem provável que o papa tenha criado novos cardeais e os enviado ao concílio, desta forma, com um grande número de novos cardeais fiéis a ele, provavelmente ele pudesse mudar a votação do concílio a seu favor, ou em favor de suas ideias, mas, com a proibição, não somente do surgimento de novos cardeais, mas garantindo que nenhum novo cardeal

poderia ter sido feito desde a saída do papa de Constança, isso garantiria que o poder se manteria firma nas mãos do Concílio.

É possível, que o cardeal Zabarella tenha apenas sido escolhido como o porta-voz destas regras e não que tenha participado da criação das mesmas, uma vez que segundo os atos do concílio ele apenas leu as resoluções. Talvez, a escolha de usar como porta voz um cardeal que fosse realmente fiel a João XXIII tenha sido feita para garantir que os outros cardeais fiéis a ele percebessem como o concílio realmente assumia o controle do que estava acontecendo, aparando toda e qualquer aresta que pudesse ser utilizada pelo mesmo para a sua retomada do poder.

Mesmo assim, há um importante fator a ser notado, no discurso de quatro dias antes não se utiliza nem o título de papa e nem o nome papal ao se falar de João XXIII, pelo contrário, afirma-se que teria sido o imperador e não ele a convocar o concílio. Entretanto aqui, ao menos, volta a afirmação de que ele era o papa real, apenas não teria poder para definir nada que fosse contrário ao concílio.

De 30 a março de 1415 a 2 de maio de 1415 o concílio teve mais 7 seções. Todas essas foram breves e continham reafirmações semelhantes às regras já apresentadas aqui, garantindo que João XXIII não tivesse poder sobre as decisões, reafirmando que o concílio presente era o mesmo iniciado anteriormente e fechando outras possíveis aberturas que poderiam ser usadas para diminuir a legitimidade do concílio

V.2.C. O Julgamento das Ideias de Wycliffe no Concílio de Constança

Após certa paz voltar à Constança, a deposição papal e o poder retornar ao concílio, no dia 4 de maio de 1415, o concílio, enfim, começa a fazer o que João XXIII havia informado meses antes que era o objetivo do mesmo, a análise e deliberações acerca das ideias de Wycliffe. Essas análises são feitas em dois momentos distintos, primeiramente a análise de 45 ideias, posteriormente de outros 260, enviadas pela universidade de Oxford, para completar as 45 previamente analisadas pelo concílio.

A seguir encontra-se a descrição do que foi decidido no dia 4 de maio:

Esse mais sagrado sínodo de Constança, que é um concílio geral e que representa a Igreja Católica e que está legitimamente reunido na presença do Espírito Santo, para a erradicação do presente Cisma e a eliminação dos erros e heresias que estão se espalhando por entre as sombras e também para a reforma da igreja, declaramos aqui de forma perpétua os atos que serão registrados:

Sentença de Condenação de vários artigos de John Wycliffe.

Nós aprendemos pelas escrituras e pelos feitos dos santos pais da fé Católica, sem a qual, como disse o apóstolo, é impossível agradar a Deus, que fomos atacados por falsos seguidores da mesma fé, ou ainda pior, por verdadeiros e perversos assaltantes e também por aqueles que desejam a glória do mundo ou ainda por aqueles que, por orgulhosa curiosidade, sabem mais do que eles próprios deveriam saber. Felizmente fomos defendidos contra essas pessoas pela fé espiritual da Igreja, por cavaleiros armados com o escudo da fé. Certamente esses tipos de guerra prefiguram em guerras físicas dos israelitas contra as nações idólatras, assim também as guerras espirituais que a Igreja Católica travou para iluminar com a verdade da fé com raios de luz sobre todos os outros, mesmo os santos sem mácula, dispensadores da providência divina e com a ajuda dos santos, triunfou mais gloriosamente sobre a escuridão dos erros e sobre inimigos devassos. Em nossas épocas, entretanto, esses antigos e orgulhosos adversários se levantaram em novos conflitos para que os eleitos de nossa era possam ser manifestos. O líder deles e príncipe é o

pseudo-cristão John Wycliffe, ele, teimosamente, criou tratados e ensinou em muitos artigos contra a religião Cristã e contra a fé Católica enquanto estava vivo. Ele decidiu que quarenta e quatro artigos deveriam ser pregados, que são os que se apresentam na página que aqui se segue: (...).

A própria introdução às acusações que seriam feitas sobre as ideias de Wycliffe já merece uma atenção especial pelos termos e analogias utilizadas. Primeiramente temos “e pelos feitos dos santos pais da fé Católica, sem a qual, como disse o apóstolo, é impossível agradar a Deus”. Aqui está sendo feita uma referência à epístola dos hebeus, em especial capítulo 11:

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem. Porque por ela os antigos alcançaram bom testemunho. Pela fé entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus; de modo que o visível não foi feito daquilo que se vê. Pela fé Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho das suas oferendas, e por meio dela depois de morto, ainda fala. Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte; e não foi achado, porque Deus o trasladara; pois antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus. Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam. Pela fé Noé, divinamente avisado das coisas que ainda não se viam, sendo temente a Deus, preparou uma arca para o salvamento da sua família; e por esta fé condenou o mundo, e tornou-se herdeiro da justiça que é segundo a fé. Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, saindo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia. Pela fé peregrinou na terra da promessa, como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque esperava a cidade que tem os fundamentos, da qual o arquiteto e edificador é Deus.²²⁷ (grifo nosso)

²²⁷ Hb 11, 1-10

A citação utilizada no Concílio, entretanto, se refere à fé “católica” e que sem ela é impossível agradar a Deus. Levando em conta que o termo “católica”, em sua origem, significa *universal* poderíamos até estabelecer uma relação com o contexto em que ela é utilizada na epístola de Hebreus, ou seja, sem uma fé “universal e não específica” em Deus, é impossível agradar a Deus. Entretanto temos, na continuação os atos do Concílio, uma clareza de que o contexto de “católico” aqui não é enquanto fé universal, mas a fé estabelecida pela igreja católica, pelos pais da igreja, a fé oficial e institucional católica. Justamente essa a que Wycliffe atacava (e nunca a fé universal na existência de Deus).

No entanto, na Epístola de Hebreus, não há margem para quaisquer dúvidas. A fé citada nela é a fé na existência de Deus, veja “*Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe (...)*”. Ou seja, não é simplesmente uma fé que Deus deseja algo, que Deus está presente em um lugar, não a fé de que Deus tem um nome ou ações específicas, mas claramente a ênfase do específico versículo citado é a fé na existência de Deus. Sem crer que Deus existe é impossível de alguma forma o agradar ou tomar qualquer ação perante Ele.

Igualmente podemos ressaltar que o livro citado é a Espístola aos Hebreus, estando esta repleta de exemplos ligados ao judaísmo, falando da fé dos patriarcas e outros personagens presentes no livro do Pentateuco (ou seja, a Torá, livro sagrado dos hebreus) desta forma, de modo algum podendo se referir à fé católica especificamente, ou mesmo que fosse à fé em Jesus. Todos os exemplos citados no livro de Hebreus se referem à fé que o povo judeu já possuía antes de Jesus.

Temos ainda, nesta introdução a citação de “*ou ainda por aqueles que, por orgulhosa curiosidade, sabem mais do que eles próprios deveriam saber*”, Ao que, exatamente o concílio se referia ao citar esta frase? Seria alguma citação bíblica de alguma forma tão alterada que se torna irreconhecível? O que, segundo eles, definia o que cada pessoa deveria saber? É possível que essa citação estivesse relacionada à tradução do novo testamento ao inglês, assim sendo Wycliffe teria feito com que caísse nas mãos de pessoas comuns, leigos, um conhecimento que deveria ser restrito apenas ao clero, a posse dos evangelhos. Entretanto a Igreja, por mais que tenha sido contrária às

traduções, não era oficialmente contra a posse de Bíblias por pessoas que não fossem do clero. Reis e Imperadores já tinham suas Bíblias e por vezes coleção com algumas delas.

Estaria se referindo então às análises de Wycliffe relacionadas à história da igreja, suas críticas ao papa Silvestre, à linhagem pontifical, às doações de Constantino, ou outros elementos semelhantes? Se fosse isso, provavelmente não falaria de conhecimento que não deveriam ter e sim em mentiras que eram pregadas.

Infelizmente, não foi possível a este trabalho, encontrar alguma tese que analisasse especificamente essa situação do concílio e nem tampouco criar qualquer interpretação mais específica a esse respeito.

Ainda na análise da introdução temos: *“Felizmente fomos defendidos contra essas pessoas pela fé espiritual da Igreja, por cavaleiros armados com o escudo da fé.”* O termo “escudo da fé” está presente na epístola de Efésios:

Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa; Para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis à ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor. Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo; Não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; Servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens. Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre. E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas. No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e,

*havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; E calçados os pés na preparação do evangelho da paz; Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos.*²²⁸ (grifo nosso).

A relação feita pelo concílio entre o escudo da fé e armas que não fossem apenas materiais, conforme a citada época onde os hebreus combateram fisicamente os inimigos, mas sim com relação a armas espirituais parece correta. Não só o escudo da fé, mas as outras armas apresentadas nesta citação são figuras de linguagem, ou então, podendo ser chamadas armas espirituais, espécies de atitudes que as pessoas deveriam ter diante de situações para poder se defender das mesmas.

Entretanto, o presente capítulo também dá a entender que tais armas não deveriam ser tomadas por uma espécie de “exército espiritual”, uma espécie de elite clerical que seria capaz de defender a todos os outros da maldade, muito pelo contrário, dá um caráter pessoal, como se cada pessoa precisasse se vestir com tais princípios para enfrentar o mundo. Isso é facilmente perceptível em “*Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa; Para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis à ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.*” Uma outra citação desta mesma epístola seja provavelmente a origem de um termo utilizado para se definir John Wycliffe, na epístola está dito: “*contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais*” e nos atos do Concílio Wycliffe é introduzido da seguinte forma: “*O líder deles e príncipe é o pseudo-cristão John Wycliffe*”. Desta forma, não se referindo de forma alguma a qualquer pretensão de John Wycliffe em assumir um trono ou o controle secular de nenhuma localidade ou grupo, muito pelo contrário, apenas o

²²⁸ Ef 6, 1-18

citando como um “príncipe das trevas” que seria, portanto, líder de “hostes espirituais da maldade”.

Passemos agora aos artigos de Wycliffe que recebem condenação, seguindo a listagem do Concílio:

1- A substância material do pão e similarmente a substância material do vinho mantêm-se no sacramento do altar.

2- Os acidentes do pão não se matêm no pão sem a presença da substância do mesmo conforme é dito no sacramento.

3- Cristo não é idêntico ao pão e nem está realmente presente no sacramento em seu próprio corpo pessoal.

4- Se um bispo ou um padre em pecado mortal não pode fazer ordenações ou concretizar o batismo.

5- Que não tem base no evangelho a afirmação que Cristo instituiu a missa.

6- Que Deus deseja obedecer ao demônio.

7- Que se uma pessoa estiver verdadeiramente arrependida, qualquer confissão exterior é supérflua para ela.

8- Que o papa deve ser conhecido como tão danoso quanto o demônio e que ele é um membro do demônio, que ele não tem autoridade sobre os fiéis e que essa autoridade não pode ser dada a ele por ninguém, a não, talvez, pelo imperador.

9- Ninguém pode ser considerado papa após Urbano VI, aliás, mais do que isso, as pessoas deveriam viver como os gregos, segundo suas próprias leis pessoais.

10- Que é contrário às escrituras que o clero tenha posses.

11- Que nenhum prelado possa excomungar ninguém, a não ser que primeiro ele saiba que a pessoa foi excomungada por Deus. E que se um prelado excomungar uma pessoa ele se torna automaticamente erético e, portanto, se auto excomungando.

12- Um prelado que excomunge um membro do clero que tenha apelado ao rei ou ao concílio real é um traidor do rei e do reino.

13- Aqueles que param de orar ou de ouvir a palavra de Deus por conta de uma excomunhão feita por homens será considerado traidor de Cristo no dia do Juízo Final.

14- *É legal que qualquer diácono ou padre pregue a palavra de Deus sem a aprovação da santa sé ou de um bispo católico.*

15- *Ninguém pode ser considerado um senhor, seja civil, seja episcopal, caso se encontre em pecado mortal.*

16- *Os senhores seculares podem confiscar bens temporais da igreja segundo seu próprio juízo, que normalmente são pecaminosos, pois ele diz que o pecado está no hábito de pecar e não em atos particulares.*

17- *As pessoas podem corrigir os seus senhores do pecado segundo seu próprio juízo.*

18- *Dízimos são puramente esmolas, e os paroquianos podem viver sem eles, segundo sua vontade e sem necessitar de prelados pecadores.*

19- *Orações especiais feita pelos prelados ou pelos religiosos têm o mesmo valor para uma pessoa do que a sua própria oração. Ou seja, ambas as orações são iguais.*

20- *Quem quer que entregue esmolas aos freis está automaticamente excomungado.*

21- *Quem quer que entre em qualquer ordem religiosa, não importa qual seja, seja ela dos possuidores ou dos mendicantes, está menos suscetível a observar os mandamentos de Deus do que quem não entra nas mesmas.*

22- *Santos que fundaram ordens religiosas pecaram ao fazê-lo.*

23- *Membros de ordens religiosas não são membros da religião cristã.*

24- *Freis estão obrigados a obter seu alimento do trabalho manual e não da mendicância.*

25- *Todos se tornam simoníacos quando se obrigam a orar por pessoas que os auxiliaram de forma material.*

26- *A oração por alguém desconhecido é danosa e não dá lucro a ninguém.*

27- *Todos os acontecimentos só ocorrem porque foram absolutamente necessários.*

28- *Crisma, Ordenação de Clérigos e Consagração de locais foram reservados apenas ao papa e aos bispos por causa de sua ganância por poder temporal e honra.*

29- *Universidades, locais de estudo, colégios, graduações e exercícios acadêmicos nestas instituições foram introduzidos por um espírito de vaidade pagã e beneficia a igreja tão pouco lhe fazendo muito mais mal do que bem.*

30- *A excomunhão por um papa ou outro prelado não pode ser temida, pois ela é uma censura do anticristo.*

31- *Aqueles que encontraram casas religiosas pecaminosas e adentrarem as mesmas serão pertencentes ao demônio.*

32- *É contra Cristo ordenar o enriquecimento do clero.*

33- *O papa Silvestre e o Imperador Constantino erraram ao endossar a igreja.*

34- *Todos os membros de ordens mendicantes são heréticos, e aqueles que dão dízimos são, automaticamente, excomungados.*

35- *Aqueles que entram em uma ordem religiosa ou se tornam incapazes de observar os mandamentos de Deus, e, portanto, incapazes de chegar ao reino dos céus, ou então acabam saindo da ordem religiosa.*

36- *O papa ou qualquer clérigo que possua posses são hereges, pela mesma razão aqueles que possuam posses e que com elas sustentem esses clérigos, também são hereges, sejam eles lordes seculares ou qualquer outro leigo.*

37- *A Igreja Romana é a Sinagoga de Satanás e o papa não é o imediato vigário de Cristo ou de seus apóstolos.*

38- *As bulas papais são apócrifas e seduzem as pessoas que possuem fé em Cristo, os clérigos que estudarem estas bulas são tolos.*

39- *O imperador e os lordes seculares foram seduzidos pelo demônio a endossar a igreja com bens materiais.*

40- *A eleição do papa pelos cardeais foi introduzida pelo demônio.*

41- *Não é necessário, para a salvação, crer que a Igreja Romana é suprema entre todas as outras igrejas.*

42- *É ridículo acreditar nas indulgências dadas pelos papas ou pelos bispos.*

43- *Votos dados para confirmar o comércio civil e contrato entre povos são contra a lei.*

44- *Agostinho, Bento e Bernardo estão condenados ao inferno, a não ser que eles tenham se arrependido de possuir propriedades e por*

terem fundado e entrado em ordens religiosas, assim sendo eles são hereges do papa da mais vil religião.

45- Todas as ordens religiosas são semelhantes e foram introduzidas pelo demônio.

Analisando apenas o texto aqui presente, não há qualquer indicação da origem destas acusações, nem a que livro cada uma delas se trataria. Está apenas apresentado que foram “*muitos trabalhos, livros e panfletos que incluíam esses artigos danosos, além disso, os muitos livros foram criados para a leitura do público, de modo a publicar e divulgar essa perversa doutrina, da qual surgiram muitos escândalos, perdas e perigo às almas em várias regiões, especialmente na Inglaterra e na Boêmia*”.

Embora haja a citação de dois livros: *Diálogos* e *Triálogo*²²⁹, não há indicações claras de que as teses apresentadas tenham sido tiradas destes livros. Primeiramente, porque esses livros não foram traduzidos em línguas vernáculas, tendo se mantido apenas na língua latina, além de terem um teor altamente teológico. Entretanto os atos do concílio afirmam que tais livros foram criados para a leitura do público com o intuito de divulgar as ideias. Portanto, o mais provável é que as referidas teses tenham sido tiradas as obras inglesas de Wycliffe, pelo menos em sua maioria.

Contudo, apesar da possibilidade das teses terem sido tiradas das obras inglesas, não há qualquer menção às mesmas e não há como afirmar a real divulgação que essas obras tiveram e nem quais delas estavam nas mãos dos clérigos presentes no concílio. Sabe-se-ia, entretanto, que essas 45 teses foram, de certa forma, consideradas insuficientes, uma vez que o concílio aceitou o recebimento de outras 260 teses enviadas pela universidade de Oxford. Essa universidade, até os dias de hoje, guarda os trabalhos em inglês originais de Wycliffe, tanto os que foram republicados em 1880, como o livro *The Wicket*. Desta forma, há de se acreditar que é possível que a primeira seleção dos 45 artigos possa, de alguma forma, ter sido criada com auxílio de algum enviado de Oxford.

Outro importante fator a se destacar é que, neste momento do concílio, ainda antes do julgamento de Jan Hus, apenas dois locais são citados como

²²⁹ Este ultimo, que nunca chegou a ser finalizado

tendo sido influenciados pelo pensamento de Wycliffe, a Inglaterra e a Boêmia, terra de Hus. Assim sendo é possível que essas afirmações possam ter sido retiradas também da Boêmia e de panfletos que tenham chegado até essa região.

Mas, uma vez que já tenhamos anteriormente analisado o conjunto de 24 condenações feitas a Wycliffe na bula enviada por Clemente VII, podemos afirmar, com certeza, que as 45 teses aqui presentes foram, em grande parte inspiradas por elas. Como já vimos, apesar do tema da bula ter sido a condenação à obra *De Civili Dominio* a listagem das 24 condenações não está diretamente relacionada à obra e provavelmente é feita posteriormente à morte de Clemente VII.

Vamos, portanto, começar a análise destas 45 teses de forma comparativa às 24 já apresentadas anteriormente.

Temos algumas alterações ao compararmos as 25 teses iniciais de Constança com as 24 de Clemente. Entretanto, antes de falar destas alterações é importante perceber que as teses finais, todas elas, são novas. Ao mesmo tempo, apesar de algumas modificações, as teses iniciais se mantêm, e em certa medida, na mesma ordem.

Isso facilmente demonstra que a lista de Constança foi derivada da lista de Clemente, não havendo uma verdadeira reflexão sobre a mesma lista, sendo, pelo contrário, mais um levantamento de frases, às quais novas frases se unem às antigas, sem uma reflexão mais profunda sobre as mesmas.

Vamos dividir a análise destas 45 teses em duas etapas. Primeiramente analisando as modificações, acréscimos ou omissões que foram feitas comparando as condenações de Clemente e as de Constança, posteriormente uma análise das teses de número 26 em diante, que foram adicionadas por ocasião do Concílio.

Das teses originais as principais modificações foram:

1 – a tese 17, “*As pessoas podem corrigir os seus senhores do pecado segundo seu próprio juízo*”.

Essa tese não se apresenta entre as 24 originais enviadas na bula de Clemente VII, mas na listagem de Constança ela aparece como número 17, ou seja, é colocada junto às antigas condenações. É fácil perceber que essa ideia, em termos gerais, está presente em diversos momentos na obra de Wycliffe,

especialmente quando se refere ao papa. Provavelmente o fato desta ter aparecido entre as originais é que, se pudéssemos resumir toda a resposta que Wycliffe enviou à Roma na carta de 1384, já trabalhada aqui anteriormente, teríamos uma frase semelhante a essa. Afinal o que ele estava fazendo era justamente justificando o direito que ele teria de corrigir o papa.

Apesar disso, a forma como a tese foi descrita aqui, faz com que não se tenha em mente somente o direito de se corrigir o papa, ou de se corrigir alguém do clero, mas também a possibilidade das pessoas irem contra os seus senhores seculares para corrigi-los de algum pecado. Dando a essa tese um caráter mais universalista e, portanto, mais ameaçador.

2 – A condenação de número 14, da bula de Clemente, não aparece entre as teses apresentadas pelo Concílio de Constança. É ela: *“Que qualquer um que se negar a pregar a palavra de Deus a alguém que tenha sido excomungado, ou que se negar a ouvir a palavra de Deus por ter sido excomungado, no dia do julgamento final esse será considerado inimigo de Deus”*.

O motivo desta tese ter sido retirada, muito provavelmente se encontra em sua própria lógica interna. Quando a Igreja decretava uma excomunhão, por certo, pretendia que a pessoa excomungada retornasse ao seio da igreja, arrependida de quaisquer atos que a tenham levado a ser excomungada. Entretanto, ao condenarem a ideia de Wycliffe, de que seria errado negar pregar a palavra de Deus a quem foi excomungado ou que seria errado que o excomungado se negasse a ouvir a palavra de Deus, a Igreja estaria negando a sua própria prática de fazer com que os excomungados se arrependessem de seus atos e fosse aceitos novamente no ceio da Igreja.

Essa postura era ainda mais forte quando, em meio ao Concílio de Constança, temos praticamente todos os membros já oficialmente excomungados por alguma das três facções existentes. Desta forma, seria sábio eliminar essa condenação.

3 – Nas teses de número 21 a 23 houve a substituição do termo “clausura” pelo termo “ordem religiosa”. Como já vimos, Wycliffe negava a vida enclausurada ao cristão, sob justificativa que o Cristianismo se dava no seguimento das ações de Jesus, que convivia de forma intensa com as pessoas, inclusive os considerados menos importantes na sociedade.

Entretanto, ao substituir o termo clausura, por ordem religiosa o Concílio torna a ideia de Wycliffe mais geral, portanto mais perigosa. É possível estabelecer uma relação entre clausura e ordem religiosa, uma vez que as ordens monásticas estabelecem clausuras. Porém, ordens religiosas podem muito bem ser ligadas à servir às demais pessoas, assim integrando-se com elas, como, segundo Wycliffe, deveriam ser os seguidores de São Francisco se não tivessem se desviado de seu caminho original. Essa ampliação do conceito é que permite, por exemplo, a tese de número 44, apresentada aqui, onde Wycliffe teria condenado Agostinho, Bernardo e Bento.

Quanto às novas teses adicionadas:

1 – A tese 25: *“Todos se tornam simoníacos quando se obrigam a orar por pessoas que os auxiliaram de forma material.”*

Realmente Wycliffe teve uma vasta produção sobre a Simonia. A questão da oração por quem recebe auxílio material está presente em sua obra *of Prelates*²³⁰, capítulo 5, onde ele define 3 formas diferentes de se cometer simonia: trocar algum favor religioso, como a oração, por alguma compensação material, como um presente ou dinheiro, trocar algum serviço religioso por algum favor relacionado ao mundo secular, como a criação de uma lei que beneficiasse ao simoníaco, por exemplo, e por fim, a troca de algum serviço religioso por um mérito ou cargo religioso, como aceitando cumprir algo definido por algum superior da igreja em troca algum cargo maior ou de maior prestígio.

A argumentação de Wycliffe é baseada na seguinte passagem bíblica:

E estava ali um certo homem, chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica, e tinha iludido o povo de Samaria, dizendo que era uma grande personagem; Ao qual todos atendiam, desde o menor até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus. E atendiam-no, porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas. Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres. E creu até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou de contínuo com Filipe; e, vendo os sinais e as

²³⁰ WYCLIFFE, John, *The English Works of Wycliffe*, p. 75

*grandes maravilhas que se faziam, estava atônito. Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo. E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, Dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade, e ora a Deus, para que porventura te seja perdoado o pensamento do teu coração; Pois vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniquidade. Respondendo, porém, Simão, disse: Orai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes venha sobre mim.*²³¹

Desta forma, todo aquele que, semelhantemente a Simão, desejava oferecer dinheiro ou qualquer bem material em troca de algum favor espiritual, seria chamado de simoníaco. O termo é bem mais antigo que Wycliffe, entretanto, dezenas de papas e bispos foram acusados de simonia por ele. Tendo o próprio Wycliffe definido mais de uma vez quais seriam os motivos que poderiam levar uma pessoa a ser considerada simoníaca, não somente em *Of prelates*, mas também em *The clergy may not hold property*²³², capítulo 5.

2 – A tese 28: “*Crisma, Ordenação de Clérigos e Consagração de locais foram reservados apenas ao papa e aos bispos por causa de sua ganância por poder temporal e honra.*” – aparece presente em diversas obras de Wycliffe, de forma relativamente diferenciada uma da outra. São as obras: *How Men Ought to obey prelates*²³³, no capítulo 2; *Of prelates*²³⁴, no capítulo 3; e no capítulo²³⁵ 31, *How Satan and his children turn the works of Mercy upsidedown, and*

²³¹ At 8, 9-24

²³² WYCLIFFE, John, *The English Works of Wycliffe*, p. 377

²³³ Idem, p.35

²³⁴ Idem, p.62

²³⁵ Idem, p.97

*deceive men theirn and in their Five wits*²³⁶, capítulo 2, (neste último se referindo à dificuldade de se conseguir receber sacramentos por falta de dinheiro ou de bens materiais); *Of servants and lords*²³⁷ (desta vez se referindo à riqueza e poder que tais atos trazem sobre os ministros dos sacramentos), *Of poor preaching priests*²³⁸, e por fim em *The Clergy may not hold property*²³⁹.

3 – A tese 29: “Universidades, locais de estudo, colégios, graduações e exercícios acadêmicos nestas instituições foram introduzidos por um espírito de vaidade pagã e beneficia a igreja tão pouco lhe fazendo muito mais mal do que bem”.

Embora não tenha sido possível encontrar especificamente essa citação, Wycliffe realmente acusa as universidades e centros de estudo de estarem muito mais interessados no estudo da filosofia grega do que das escrituras, especialmente, pois isso permitira alterar os significados originais das escrituras. Por exemplo, em *of the leaven of Pahrisees*²⁴⁰ Wycliffe diz: “eles trabalham rápido em Aristóteles e criam novos sofismas para se tornarem mestres do roubo, mas não trabalham nas escrituras sagradas a não ser para fazer cópias ou encontrar curiosidades” ou em *De officio Pastoral*²⁴¹, quando ele afirma que os estudos promovidos pela igreja estavam mais interessados em reforçar as vontades do papa do que em chegar a qualquer verdade.

4 – A tese 30 “A excomunhão por um papa ou outro prelado não pode ser temida, pois ela é uma censura do anticristo.”

Wycliffe se refere à condenação da excomunhão de duas formas diferentes, primeiramente que a excomunhão não era feita por outros, mas por si próprio. Sendo assim seria um ato onde a própria pessoa, por suas atitudes de estar contra a verdade do evangelho se auto-excomungaria. Desta forma, o papa e tantos outros já estariam automaticamente excomungados. E também assim, ninguém teria o poder de excomungar quem quer que fosse. Ao mesmo tempo, o sentido mais presente nesta tese é o segundo utilizado por Wycliffe em duas produções diferentes. O de que os “papistas” criariam, como arma para fazer com que o povo os obedecesse, essas cartas de excomunhão.

²³⁶ Idem, p.214

²³⁷ Idem, p.233

²³⁸ Idem, p.277

²³⁹ Idem, p. 393

²⁴⁰ Idem, p.6

²⁴¹ Idem, p.46

Esse segundo pensamento encontra-se em *How men ought to obey the prelates*²⁴² capítulo 2:

Senhor, por que os bispos²⁴³ pronunciam-se tão eufóricos com aquelas amaldiçoadas e vazias cartas e os prelados cobiçosos, inimigos de Cristo e de seus servos, quando eles sabem que elas não tem valor nenhum para Deus, pois eles é que são amaldiçoados por Ele quando produzem a evidência daquilo que eu estou falando: que eles expulsam seus próximos ao invés de querer o bem deles e agir com caridade para com os mesmos?

Embora não apareça o termo “anticristo”, podemos afirmar que a ideia original foi mantida nesta tese, muito embora não tenha havido aqui qualquer exposição da argumentação de Wycliffe, assim como não ocorreu em nenhum das demais teses.

A segunda citação que temos desta mesma ideia está presente em *Why poor priests have no benefice*.

5 – A tese 33, “O papa Silvestre e o Imperador Constantino erraram ao endossar a igreja”, já foi aqui discutida no capítulo *Dois Caminhos*, demonstrando que ela realmente é uma ideia presente em Wycliffe, que define justamente a época do papa Silvestre como começo dos erros da Igreja Católica por causa da questão da posse material e do sumo pontificado.

6 – A tese 34: “*Todos os membros de ordens mendicantes são heréticos, e aqueles que dão dízimos são, automaticamente, excomungados.*”

Essa tese já foi melhor comentada no capítulo se referindo à relação entre Wycliffe e os Espirituais Franciscanos, em especial no comentário de Wycliffe sobre o testamento de São Francisco. Entretanto, como vimos, embora Wycliffe critique os franciscanos, que haviam se perdido do rumo original estabelecido por São Francisco e perseguiam agora os que deveriam ser os verdadeiros franciscanos (os espirituais), vimos igualmente que, apesar das acusações, não há qualquer relação com a palavra “excomunhão”. Na verdade não é comum Wycliffe utilizar-se destas palavras em sua obra, a não

²⁴² Idem, p.35

²⁴³ O termo original é *curatis*, ou curates, podendo se referir a padre, vigário ou bispo.

ser para explicar a penalidade imposta pelos “papistas” às pessoas, dizer como eles controlavam as pessoas com essas cartas ou então alertar às pessoas que não tivessem medo das mesmas, como explicamos no item acima. Contudo, em momento algum Wycliffe diz que alguma pessoa estava excomungada. Talvez essa tese tenha sido uma mistura da tese 21 com as críticas feitas aos franciscanos. Provavelmente, também se relacionando com a tese 20.

A prova de que essa tese está de alguma forma relacionada ao comentário do testamento de São Francisco é a tese seguinte: “35- *Aqueles que entram em uma ordem religiosa ou se tornam incapazes de observar os mandamentos de Deus, e, portanto, incapazes de chegar ao reino dos céus, ou então acabam saindo da ordem religiosa.*” Que, de certa forma, foi realmente afirmada por Wycliffe em seu comentário, não se referindo a uma regra, mas se referindo ao ocorrido na ordem franciscana, onde todos os verdadeiros franciscanos teriam se retirado da ordem²⁴⁴.

7 – A tese 36: “*O papa ou qualquer clérigo que possua posses são hereges, pela mesma razão aqueles que possuam posses e que com elas sustentem esses clérigos, também são hereges, sejam eles lordes seculares ou qualquer outro leigo.*”

Essa tese é basicamente um resumo das ideias apresentadas por Wycliffe na obra *The Clergy may not hold property*. Inclusive, ideia essa que serve de base para colocar o papa Silvestre como o primeiro a ter desviado o curso da Igreja, ao ter aceitado doações de terra.

A argumentação para que o papa ou os clérigos não possuam posses é simples, ela vem do seguir o exemplo de Jesus. Entretanto, qual a argumentação utilizada por Wycliffe para definir que quem sustentar esses clérigos também estará cometendo um erro?

O principal ponto estabelecido por ele é que a função dos dízimos era sustentar os pobres, segundo o que teria sido estabelecido no livro do deuterônomo:

*Certamente darás os dízimos de todo o fruto da tua semente,
que cada ano se recolher do campo. E, perante o Senhor teu Deus, no*

²⁴⁴ WYCLIFFE, John, *The English Works of Wycliffe*, p. 51

lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, comerás os dízimos do teu grão, do teu mosto e do teu azeite, e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; para que aprendas a temer ao Senhor teu Deus todos os dias. E quando o caminho te for tão comprido que os não possas levar, por estar longe de ti o lugar que escolher o Senhor teu Deus para ali pôr o seu nome, quando o Senhor teu Deus te tiver abençoado; Então vende-os, e ata o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que escolher o Senhor teu Deus; E aquele dinheiro darás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, e por ovelhas, e por vinho, e por bebida forte, e por tudo o que te pedir a tua alma; come-o ali perante o Senhor teu Deus, e alegra-te, tu e a tua casa; Porém não desampararás o levita que está dentro das tuas portas; pois não tem parte nem herança contigo. Ao fim de três anos tirarás todos os dízimos da tua colheita no mesmo ano, e os recolherás dentro das tuas portas; Então virá o levita (pois nem parte nem herança tem contigo), e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão dentro das tuas portas, e comerão, e fartar-se-ão; para que o Senhor teu Deus te abençoe em toda a obra que as tuas mãos fizerem.²⁴⁵ (grifo nosso).

Se o objetivo do dízimo era o sustento tanto dos levitas, que não mais existem dentro do cristianismo, como do estrangeiro, do órfão e da viúva, para que não falte alimento a eles, então, toda e qualquer pessoa que oferecesse sustento aos sacerdotes, que já tinha em excesso, ao invés de oferecer aos pobres, que seriam os seus possuidores de direito, estariam incorrendo em um grave erro. A mesma argumentação aparece em *How Satan and his children turn the works of Mercy upsidedown, and deceive men theirn and in their Five wits*. Mas neste caso a argumentação está baseada na passage que Jesus afirma que as pessoas serão julgadas pela forma como tratarão os pequeninos, dando-lhes de comer, vestir, etc.²⁴⁶

8 – A tese 44 : “Agostinho, Bento e Bernardo estão condenados ao inferno, a não ser que eles tenham se arrependido de possuir propriedades e por terem fundado e entrado em ordens religiosas, assim sendo eles são hereges do papa da mais vil religião.”

²⁴⁵ Dt 14, 22-29

²⁴⁶ Mt 24, 31-46

No conjunto de obras inglesas de Wycliffe temos um total de 44 citações destes três santos, se formos considerar as obras latinas, teremos um número ainda maior. Desta forma, esta a procedência desta tese deveria ser facilmente verificada.

Iniciando então por Agostinho:

Na obra *of the leaven of pharisees*²⁴⁷ - Santo Agostinho é mencionado no capítulo 3. Realmente Wycliffe começa esse capítulo falando que os monges estão mais preocupados em obedecer seus superiores e regras humanas criadas por eles do que em obedecer a Deus. Wycliffe chega a definir tal ato como idolatria humana, uma vez que as ordens de Cristo começam a valer menos do que as ordens de seres humanos, como arcebispos ou, no caso dos mosteiros, abades. Entretanto a menção a Santo Agostinho não é negativa, pelo contrário, ele é citado na evocação da ideia de que o homem naturalmente ama, mas ao amar mais a si próprio e amar a matéria, ao invés de amar a Deus, ele perde a verdadeira capacidade de amar.

Na obra *How men ought to obey the prelates*²⁴⁸ - Santo Agostinho é mencionado no capítulo 3. Neste capítulo Wycliffe faz uma crítica aos santos, dizendo que muitos destes colocaram o estudo das leis do papa ou o respeito às ordens do papa, acima do estudo das leis de Deus. Ele chega a criar o termo “santos do papado”, criticando ferozmente que estas pessoas seriam bastiões do poder clerical, e não cristãos verdadeiros. No entanto, novamente, Santo Agostinho é citado de forma negativa, como exemplo de santo que se dedicou a estudar a palavra de Deus, explicando que há falsos santos, que só foram canonizados para aumentar o poder dos “papistas” e santos verdadeiros, como Santo Agostinho: “*Deus e sua Lei é tão suficiente e tão difícil de se entender que Agostinho e outros santos nos ensinaram, que todo homem deveria se dedicar com afinho a seu estudo*”.

Na obra *Comment of the testament St Francis*²⁴⁹ - Santo Agostinho é citado no meio de uma severa crítica que Wycliffe está fazendo aos franciscanos, por terem se desviado do caminho indicado por São Francisco. Que ao invés de se dedicarem a ajudar os pobres, acabaram se dedicando a

²⁴⁷ WYCLIFFE, John, *The English Works of Wycliffe*, p. 7

²⁴⁸ Idem, p.38

²⁴⁹ Idem, p.51

se enriquecer com as esmolas, vivendo no ócio e sendo sustentados, roubando o que de direito seria dos pobres. Aqui, neste caso, Santo Agostinho é citado de forma positiva, dizendo que ele havia ensinado que os monges deveriam trabalhar para seu próprio sustento, neste mesmo fragmento temos a citação de Santo Bernardo e São Bento como outros exemplos de santos que não teriam aceitado o sustento por esmolas, pelo contrário, que teriam cada um da sua forma, ou trabalhado para seu sustento, ou se dedicado a trabalhar para o sustento dos pobres.

Na obra *Of prelates*²⁵⁰ – Santo Agostinho é citado no capítulo 2, em uma passagem onde os clérigos estão sendo criticados por estarem mais preocupados em ensinar as medidas da Igreja e as leis do papa do que em ensinar o evangelho, que fica em segundo plano. Wycliffe defende que o evangelho é a principal mensagem que deveria ser anunciada por qualquer pessoa, especialmente pelos padres. Santo Agostinho é citado justamente como exemplo de quem pregou o evangelho e defendeu que a bondade e o amor de Deus, presente neste evangelho era a principal mensagem a ser pregada. Na mesma obra²⁵¹, no capítulo 11, Wycliffe critica os sacerdotes por perderem mais tempo com novas técnicas de música, trabalhos redundantes sem sentido, dedicação a produção de luxo e pompa, e destaque de si próprio, ao invés de fazer as verdadeiras funções dos sacerdotes, pregar o evangelho e auxiliar os pobres e necessitados. Também nesta vez Agostinho é usado como exemplo de quem, além de pregar o evangelho, auxiliava com suas próprias posses os necessitados, ao invés de ser sustentado pelos recursos que deveriam ser enviados para suprir as necessidades dos mesmos.

Ainda nesta obra²⁵² no capítulo 41, Agostinho e Bernardo são citados mais uma vez. O tema do capítulo é a crucificação da espiritualidade. Segundo Wycliffe, por todos os ocorridos, de modo semelhante à perseguição que Jesus teria sofrido presente nos evangelhos, também a verdadeira igreja cristã, estaria sendo perseguida. De modo semelhante à crucificação e morte de Jesus, a verdadeira espiritualidade estaria sendo crucificada pelas ações dos prelados. Tanto São Agostinho, como São Bernardo, são exemplos de pessoas

²⁵⁰ Idem, p.58

²⁵¹ Idem, p.76

²⁵² Idem, p.104

que assistiram, em sua época, ações contrárias à vontade de Deus, tendo sido ditas como cristãs, mas que na verdade não eram.

Embora Wycliffe não explique o motivo de ter citado os dois santos aqui, o mais provável é que estivesse ele se referindo ao combate que esses dois santos tiveram a pensamentos heréticos de sua época. Assim sendo, Wycliffe, ao contrário da tese apresentada, não estaria chamando os dois de hereges, pelo contrário, estaria dizendo que assim como eles, sendo cristãos verdadeiros, se levantaram contra os hereges em sua época, ele Wycliffe, também se levantava contra os hereges da época dele, que seriam os papistas e seus prelados.

Na obra *Of Clerks Possessioners*²⁵³, Santo Agostinho é citado no capítulo 1. Neste capítulo Wycliffe defende que os clérigos não teriam direito de possuir propriedades materiais e nem mesmo cargos seculares, pois desta forma estariam divididos entre dois senhores, dois objetivos, de modo que certamente pensariam em colocar um sobre o outro. Continua afirmando que na prática muitos senhores seculares eram muito mais cristãos do que os clérigos, pois mesmo não tendo pleno conhecimento das escrituras tinham atitudes cristãs, ao estarem alimentando os pobres e se dedicando aos próximos. Santo Agostinho é citado aqui, como sábio que defendeu que a vida de uma pessoa, suas ações, é que dão testemunho daquilo que dizem, de modo a ser impossível alguém pregar o evangelho sem se dedicar a auxiliar os outros, falar de um mundo espiritual, tentando angariar riquezas no mundo material.

Na mesma obra²⁵⁴, capítulo 4, há uma menção, não especificamente a São Bento, mas aos monges beneditinos. Neste momento a citação é negativa, dizendo que eles haviam se desviado dos caminhos de Deus e que eles se utilizavam da regra de São Bento como desculpa para fazer as obras de caridade, desta forma crendo que esta regra ou os mandamentos do papa eram superiores aos mandamentos de Cristo. Apesar da menção negativa, ela está acusando os Beneditinos e não Santo Bento, de forma semelhante ao que já analisamos aqui sobre a questão de São Francisco e os Franciscanos.

²⁵³ Idem, p.118

²⁵⁴ Idem, p.120

Na mesma obra²⁵⁵, capítulo 12, São Bernardo é citado como exemplo de pessoa que fez apelo a que os monges voltassem a viver como os primeiros cristãos viviam. E no capítulo²⁵⁶ 25, São Bernardo é citado como exemplo de pessoa que se dedicou à caridade e a convencer os homens abrirem mão de seus bens materiais em prol de auxiliar as outras pessoas.

Na obra *The Office of Curates*²⁵⁷ - São Bernardo é citado no capítulo 9. Neste capítulo Wycliffe está defendendo que todo o esforço que deveria ser gasto para se alimentar os famintos, vestir os nus e cuidar dos pobres é gasto com o luxo e pompa. São Bernardo aparece aqui como exemplo de pessoa que teria se sentido ferido com tais atos, ao ponto de chorar. Tendo ele sempre vivido em simplicidade.

Na obra *The order of priesthood*²⁵⁸ - São Bernardo é citado no capítulo 3. Wycliffe argumentava que os padres estavam completamente despreparados em seus cargos, tendo a simonia como única justificativa de sua presença em seus cargos. São Bernardo é citado por seu discurso contra a ignorância do clero e os hábitos viciados dos mesmos, sem foco na verdadeira obra de Deus.

Na mesma obra, Santo Agostinho é citado no capítulo²⁵⁹ 12. Neste capítulo Wycliffe defende que os padres estavam se dedicando mais ao trabalho para arrecadar dinheiro e obter lucro do que em querer ajudar as almas. Santo Agostinho é citado aqui, novamente, como exemplo de que é pelo exemplo que consegue se ensinar isso. Justificando que ainda que os padres tivessem uma pregação impecável ensinando apenas a verdade, com sua atitude de cobiça estariam ensinando exatamente o oposto do que pregavam. Ou seja, mais uma vez, uma citação positiva de Agostinho.

Na obra *Of feigned contemplative life*²⁶⁰ - Santo Agostinho é citado no seguinte contexto. Wycliffe está criticando as ordens monásticas por seu isolamento do mundo real. Em especial na passagem onde Santo Agostinho é citado, ele critica todo o esforço que é feito em cima de trabalhos formais e uma espécie de burocracia sem sentido, e aparências desnecessárias, que a ninguém ajudariam. Ele critica a grande dedicação à música, ao mesmo tempo

²⁵⁵ Idem, p.125

²⁵⁶ Idem, p.132

²⁵⁷ Idem, p.148 e 149

²⁵⁸ Idem, p.167

²⁵⁹ Idem, p.172

²⁶⁰ Idem, p.191

em que deixam de lado a pregação do evangelho, ou mesmo o estudo a este próprio. Agostinho é citado, tanto como exemplo de quem preferia o estudo da palavra ao da música, como por exemplo, de quem, ao admitir-se como pecador, foi capaz de se converter, abandonando sua vida anterior, que é comparada à vida monástica apresentada (por causa da música e dos rituais) para adotar uma vida de conhecimento, estudo e pregação da palavra de Deus.

Na obra *How antichrist and his clerks travail to destroy the holy writ*²⁶¹ - Agostinho é citado no capítulo 3. Neste capítulo Santo Agostinho é uma das figuras centrais. Entretanto não há crítica a ele. Pelo contrário. Wycliffe defende que Agostinho, ao citar em suas obras o termo “Igreja”, não estaria se referindo à Igreja Católica Romana, mas sim a Jesus, seus apóstolos e verdadeiros seguidores que Ele teve, ou seja, aqueles que continuavam seus trabalhos o imitando em suas ações.

Desta forma, Wycliffe defende que não somente os ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos teriam sido adulterados, como também grandes santos que eram cristãos verdadeiros e teriam se dedicado a verdadeiramente estudar a palavra de Deus tinham sido deturpados para justificar o poder do papa. Agostinho, ao dizer que o evangelho correto era o evangelho pregado pela Igreja, portanto, não dizia que o evangelho correto seria aquele que, na época de Wycliffe, seria pregado pelo papa e pelos papistas, se assim fosse ele seria um herege e teria cometido um terrível erro ao dizê-lo. Entretanto Wycliffe não defende essa versão. Embora, nesta entre todas as outras citações, ele defende que mesmo um santo como Agostinho é passível de erro e que mesmo que ele tivesse dito que o evangelho correto era o do papa, ainda assim, isso seria mais um dos pecados dele, que se reconhecia como pecador.

No mesmo capítulo²⁶² Santo Agostinho é citado em sua obra da Trindade. Wycliffe defende que os clérigos que tanto falavam da trindade de Santo Agostinho, estavam ignorando a pessoa física, humana, de Jesus, apenas pensando na natureza divina do mesmo. Wycliffe, utilizando-se de Agostinho, para fundamentar seu argumento que a vida física de Jesus era tão importante quanto sua natureza divina, e na verdade de maior importância para as pessoas, já que, sendo os seres humanos completamente dotados de

²⁶¹ Idem, p.258

²⁶² Idem, p.270

natureza humana, seriam mais capazes de entender e imitar as ações humanas de Jesus do que suas ações divinas. Ao mesmo tempo em que ele defende que os clérigos estavam transformando Jesus em algo completamente inumano e intangível às pessoas de modo que somente eles pudessem controlá-lo. De forma semelhante ao que já explicamos no capítulo referente à transubstanciação.

Na obra *Of poor preaching priests* há um adendo explicando às pessoas quem seria Santo Agostinho. Não foi possível determinar o motivo deste adendo, mas estava presente nos documentos originais. Segundo Mathew²⁶³ provavelmente não fazia parte da obra original. Este estranho anexo, não possui nenhuma acusação negativa a Santo Agostinho, embora, igualmente não possua informações positivas, há indícios que não tenha sido produzido pelo próprio Wycliffe.

Na obra *Tractatus de Pseudo-Freris*²⁶⁴ - Temos uma citação a São Bento e a São Bernardo no capítulo 3. Wycliffe define que uma seita é quando uma nova ordem é criada sob uma nova regra de modo a negar os parâmetros estabelecidos pela religião anterior. Desta forma ele defende que o cristianismo surge como uma seita, vinda do judaísmo, justificando que as novas regras criadas seriam a ressurreição dos mortos²⁶⁵, a autoridade de abençoar as pessoas, a nova lei do amor e do evangelho como superior às leis judaicas. Da mesma forma, segundo Wycliffe, qualquer um que criasse uma nova regra que fosse contrária às regras ou leis anteriores da religião, estaria criando uma nova seita, o que significaria a separação da religião anterior e criação de uma nova religião em si.

São Bento e São Bernardo são citados da seguinte forma:

Caso Bento ou Domingos ou Francisco ou Bernardo ou um anjo do céu tivessem criado uma nova seita após Jesus, então eles seriam dignos de culpa, pois essa seita teria deposto a seita de Cristo, mas isso só teria acontecido se tivessem criado uma nova ordem que fosse contrária à ordem antiga, que deveria se manter pura. Isso ocorreu, por

²⁶³ Idem, p.281

²⁶⁴ Idem, p.301

²⁶⁵ A informação apresentada aqui por Wycliffe é falha, uma vez que apenas os saduceus não criam na ressurreição dos mortos

exemplo, com a seita de Maomé, que fez acréscimos contrários à seita de Jesus com novas ordens (...). Mas nestas regras criadas por eles não foram mudadas as regras mas sim reveladas virtudes que até então estavam invisíveis aos homens, mas os que se seguiram a eles eram amantes do erro, estes, somaram às leis de Cristo novas leis, hábitos e regras, variando as leis originais de forma notável, como os fariseus²⁶⁶ fizeram.

Ou seja, mais uma vez, temos a afirmação de que o erro não estava nas regras criadas por esses santos, mas sim na deturpação que havia ocorrido, na época de Wycliffe, das mesmas verdades presentes no evangelho e que haviam sido ressaltadas pelas regras monásticas. Indo completamente contra a afirmação presente na tese do Concílio de Constança.

Na obra *of confession*²⁶⁷ Wycliffe está criticando a forma pela qual os “papistas” estariam lidando com a confissão. Ele justifica que os padres não tinham o poder de absolver alguém, que este poder era apenas vindo de Deus e que só adiantaria caso a pessoa realmente estivesse arrependida. E caso a pessoa estivesse verdadeiramente arrependida não haveria necessidade alguma de que um sacerdote confirmasse isso. Santo Agostinho é citado aqui como duplo exemplo, primeiramente pela questão do arrependimento interno, e posteriormente como fonte de erros. Mas não fonte de erros segundo algum ensinamento errado, e sim por uma má interpretação e justificativa infundada. A obra dele seria usada como justificativa para o ritual da confissão, enquanto, a própria obra em si, não possuía qualquer indicador que esse ritual deveria ocorrer da forma que ocorre e nem dando o poder de controle que dá aos sacerdotes.

Na obra *The Clergy may not hold property*²⁶⁸ - Santo Agostinho é mencionado no capítulo 1, de forma menor, apenas para citação da diferenciação entre antigo e novo testamento. Embora a citação o coloque enquanto sábio doutor da Igreja, não o exalta ou questiona qualquer de suas afirmações. Sendo, portanto, uma citação relativamente neutra. Neste mesmo

²⁶⁶ Novamente a figura dos fariseus aparece aqui como deturpadora de uma religião mais antiga que havia se perdido, de forma semelhante ao que já vimos na obra *The Wicket*.

²⁶⁷ WYCLIFFE, John, *The English Works of Wycliffe*, p.342

²⁶⁸ Idem, p.362

livro Santo Agostinho é citado mais cinco vezes, todas elas se referindo à diferença entre ambos os testamentos.²⁶⁹

Na obra *De papa*²⁷⁰ - Santo Agostinho é mencionado no capítulo 8. Neste capítulo Wycliffe está acusando o papa de ser idólatra e utiliza-se de Santo Agostinho para explicar que a idolatria não seria apenas o culto a ídolos físicos e materiais, mas sim o culto a outros deuses. A citação de Agostinho é defende à deuses do orgulho, deuses do luxo, deuses do dinheiro. Utilizando-se deste argumento para dizer que o papa, ao dedicar-se ao luxo e enriquecimento de sua igreja, estaria adorando outros deuses. Nesta citação temos Agostinho como origem de uma ideia, o citando como sábio doutor da igreja, mas de forma neutra.

Após verificar todas as possíveis citações de origem de tal tese, podemos definir que ela não tem procedência. Mesmo que a origem desta tese fosse alguma obra que por ventura não tenha sido analisada por esse trabalho, todas as citações aqui presentes comprovam que, apesar de Wycliffe realmente ter se colocado contra muitos santos da Igreja Católica, ele tinha alto apreço pelos santos citados, de forma alguma os considerando hereges.

É interessante notar, entretanto, que na mesma tese, o seu redator coloca o termo “*são hereges do papa da mais vil religião*”. Ou seja, provavelmente a tese esteja presente aqui, não por ter sido retirada dos escritos de Wycliffe, mas sim como uma espécie de conclusão lógica. Já que nenhum destes três santos se colocou contra o papado e pelo contrário, apoiavam a instituição religiosa, então, eles teriam sido considerados condenados ao inferno por serem “*papistas*”. Neste caso, a acusação poderia ser verdadeira, se não fosse, pela própria análise que já fizemos aqui, no que diz respeito à questão das criações das seitas, onde o próprio Wycliffe define que a questão maior era a criação de novas regras contrárias às criadas por Jesus.

A única parte da argumentação, por dedução, possível, era o fato destes três santos ainda possuírem bens. Mesmo neste caso, Wycliffe, pelos fragmentos aqui selecionados por esse trabalho, já teria também se negado a

²⁶⁹ Idem, p.363, 375, 376, 384, 389

²⁷⁰ Idem, p.473

aceitar tal conclusão lógica, uma vez que os três santos são citados como exemplo de pessoas que tinham bens que eram compartilhados com os pobres e que defendiam o trabalho em prol dos outros, e não o ser sustentado com as esmolas que deveriam ir aos pobres. A tese 45: *“Todas as ordens religiosas são semelhantes e foram introduzidas pelo demônio.”* Também pode ser contradita pela mesma argumentação apresentada acima sobre a questão das seitas.

Ou seja, de certa forma verificamos que as teses apresentadas inicialmente aqui no Concílio de Constança, que foram adicionadas após o levantamento original feito na Bula de Clemente, parecem muito mais bem selecionadas, no que diz respeito ao pensamento de Wycliffe, do que as que haviam sido levantadas anteriormente. Exceto as duas últimas teses, as de número 44 e 45. Isso demonstra que, quem quer que as tenha preparado, de alguma forma realmente buscava discutir ou pelo menos compreender as ideias apresentadas.

Ao mesmo tempo, quando nos atos levemos apenas a lista de condenações a todas essas teses, sem qualquer comentário ou argumentação, não podemos saber até que ponto houve um real debate sobre esses levantamentos, ou a sua seleção simplesmente serviu para a produção da lista de proibições.

Mas a proximidade física, no papel, das teses sérias, de 25 a 43, e a 17, adicionada posteriormente, no Concílio de Constança, nos faz destacar algumas possibilidades. A primeira é a possibilidade de dividir as teses em 3 grupos: Grupo 1, as que criadas na época de Urbano VI, enviadas em conjunto com a carta de Clemente (seja ela verdadeira ou não). Estas, tendo sido, em parte fundamentadas na obra de Wycliffe, em parte adicionadas de elementos extra, com o objetivo de justificar que ele era um servo do demônio. Grupo 2, as que foram adicionadas no Concílio de Constança, tendo elas todas sido bem pensadas, realmente concernentes com a obra de Wycliffe, que, embora não possuam explicações ou argumentações, representam o que ele realmente pensava. Grupo 3, as duas últimas teses, que não possuem quaisquer relações com as ideias de Wycliffe, são apenas conclusões lógicas às quais se pode chegar utilizando as do grupo 1 como premissa, sem um conhecimento mais profundo da obra de Wycliffe.

Caso essa divisão tenha fundamento, podemos propor que houve um real interesse, provavelmente antes do concílio começar, ainda antes da saída do papa João XXIII, de discutir com seriedade as obras de Wycliffe. Motivo esse que teria levado a um levantamento cuidadoso de novas teses. Não há como confirmar se essas teses, do chamado grupo 2, seriam as únicas teses discutidas, ignorando as do grupo 1, ou se já havia um conjunto prévio formado. Entretanto, de forma a lançar uma questão, mesmo que não seja possível, neste trabalho, investigá-la a fundo, devemos considerar que há a possibilidade de, no momento da abertura, segundo o próprio discurso de João XXIII, haver a verdadeira disposição em tratar da obra de Wycliffe, considerando o que ele havia dito, e talvez até mesmo utilizar suas teses para uma verdadeira reforma da Igreja. Mas, com a saída do papa, a completa reformulação do concílio, como vimos aqui, o foco do concílio tenha sido completamente alterado, não mais para discutir as teses de Wycliffe, mas para condená-las oficialmente. Dentro desta hipótese, ter-se-iam juntado as teses do grupo 1, já enunciadas anteriormente em uma bula que condenava Wycliffe, com as teses do grupo 2, levantadas para a discussão no concílio, e mais algumas teses que aumentassem a força de acusação contra Wycliffe, que seriam as do grupo 3. Isso justificaria a existência do grupo 3, uma vez que ao defender que Wycliffe pregava que qualquer pessoa pertencente a qualquer ordem religiosa e que todos os fundadores de ordem religiosas seriam condenados ao inferno, o autor desta tese basicamente coloca todo e qualquer membro do clero, que não conheça de fato o pensamento de Wycliffe, contra ele.

Outro elemento que poderia dar força a essa pequena proposta, caso o próprio autor deste trabalho ou outra pessoa decida investigá-la mais a fundo, é o fato de Jan Hus ter sido convocado para o Concílio e ter comparecido de boa vontade à convocação, tendo sua segurança garantida pelo imperador do Sacro Império. Como sua convocação foi anterior à mudança de concílio, durante o período de João XXIII, então ele permanece em Constança, tendo sido preso e julgado apenas após a saída de João XXIII. Por fim, um último elemento, é o fato de, além das 45 teses apresentadas no concílio e consideradas errôneas, outras 260 teses chegaram posteriormente em Constança para serem apresentadas apenas no dia 6 de julho de 1415, ou

seja, mais de dois meses após a apresentação das teses iniciais, feitas no dia 4 de maio de 1415. Talvez um número maior de teses a serem condenadas, do que as que eles possuíam no momento da condenação, reforçasse qualquer tipo de perseguição posterior que fosse feita aos seus seguidores. Independente desta pequena proposição pessoal. É importante seguir com a análise das 260 teses.

V.2.D. Análise das 260 enviadas de Oxford para o Concílio de Constança

A lista das 260 teses de Wycliffe enviada por Oxford havia começado a ser preparada três anos antes, em 1412. Esta universidade passava por uma reforma reacionária²⁷¹ para garantir o apoio ao papado, em meio à crise do Cisma do Ocidente, que tomava suas maiores proporções após o Concílio de Pisa. Em 1414, pouco após ascensão do rei Henrique V, a universidade teria apresentado o rei com um grupo de documentos e argumentos que iriam livrar a Inglaterra de uma vez dos lolardos e ganhar prestígio perante Roma. Desta forma, com o início do Concílio, as 260 foram rapidamente finalizadas e enviadas.

É importante destacar que, apesar do nome 260 teses, apenas 58 das mesmas chegam até os dias de hoje, tendo sido aquelas que foram escritas nos atos do concílio, as demais, por algum motivo incerto, não foram grafadas em conjunto com as 53.

As teses são precedidas por uma introdução, feita alguns dias antes da própria apresentação das mesmas. Entretanto, antes da análise da introdução ou das teses, é importante salientar que, entre a condenação inicial das 45 teses e a apresentação destas 260, temos outra série de eventos que conturbaram o concílio.

No dia 13 de maio de 1415, poucos dias após a condenação das teses de Wycliffe, o antipapa João XXIII retorna à Constança e é feito prisioneiro. No dia seguinte, ele é acusado de traição à igreja e suspenso do papado, e, por fim, no dia 25 de maio, uma lista de 44 acusações contrárias ao papa são apresentadas e anexadas à sua condenação. Logo após isso, dia 29 de maio, sua deposição é declarada oficial. Somente após esse processo se completar é que as 260 teses de Wycliffe serão analisadas e julgadas.

É importante ressaltar que os atos do Concílio citam apenas 58 das ditas 260 teses que teriam sido enviadas de Oxford. Não há qualquer explicação dos atos do concílio para que apenas essas 58 tenham sido citadas. Alguns

²⁷¹LECHLER, Gotthard, *John Wycliffe and His English Precursors*, p.457

autores²⁷² defendem que a escolha pudesse estar ligada à questão da transubstanciação. Porém, como veremos a seguir, outros temas também estão presentes nos 58 itens listados. Alguns chegam até mesmo a sugerir a existência de uma lista de condenação ainda maior²⁷³, criada por Oxford, das quais apenas os 260 itens teriam sido selecionados.

Infelizmente não foi possível a esta obra obter a lista original dos 260 artigos de condenação. Eles não estão relacionados no corpo documental atual da Universidade de Oxford e nem no cadastro da Bodleian Library. Nenhuma obra moderna²⁷⁴ foi produzida incluindo em anexo o completo dos 260 artigos. É possível que eles tenham se perdido, de modo que tornará impossível um resgate mais preciso do motivo que levou o Concílio a escolher estes 58 artigos específicos para serem citados. Entretanto, ainda existem algumas possibilidades documentais que contenham tais artigos, o mais provável é a obra de Thomas James, de 1608, impressa pela própria universidade de Oxford, *An apologie for Iohn Wickliffe*²⁷⁵. No entanto não foi possível o acesso a esse documento, sendo ele restrito aos pesquisadores desta universidade²⁷⁶.

Sentença de condenação dos 260 artigos de Wycliffe.

Os livros e panfletos de John Wycliffe, de memória amaldiçoada, foram cuidadosamente examinados pelos doutores e mestres da Universidade de Oxford. Eles selecionaram 260 artigos destes livros e panfletos e condenaram os mesmos de forma escolástica. Este maior e geral sínodo de Constança, representando a Igreja Católica, legitimamente reunido pelo Espírito Santo, com o propósito de extirpar o Cisma, erros e heresias, leu todos esses artigos e os examinou muitas

²⁷² LAHEY, Stephen, John Wyclif, p.109

²⁷³ VASILEV, Georgi, *Dualist ideas in the English Pre-Reformation and Reformation: Bogomil-Cathar influence on Wycliffe, Langland, Tyndale and Milton*, p.71

²⁷⁴ De acordo com toda a bibliografia consultada na elaboração deste trabalho

²⁷⁵ JAMES, Thomas, *An apologie for Iohn Wickliffe [electronic resource] : shewing his conformitie with the now Church of England; with answere to such slaunderous obiections, as haue beene lately vrged against him by Father Parsons, the apologists, and others. Collected chiefly out of diuerse works of his in written hand, by Gods especiall providence remaining in the publike library at Oxford, of the honorable foundation of Sr. Thomas Bodley Knight: by Thomas James keeper of the same*, Oxford University Press, 1608

²⁷⁶ Também a obra *The Wicket* encontra-se na mesma restrição. Entretanto enquanto esta, que é uma das principais obras deste trabalho, foi adquirida mediante auxílio de alunos de Oxford e mediação da biblioteca da universidade de São Paulo, o referido documento de James Thomas não por questões burocráticas e por deficiência no tempo restante para que este trabalho fosse realizado.

vezes através dos mais reverendos padres, cardeais da Igreja Romana, bispos, abades e mestres de teologia, e doutores de ambas as leis²⁷⁷, e de muitas outras formas também examinamos os mesmos. Eles são notoriamente heréticos e já foram condenados pelo santo sínodo, apesar disso, no nome de nosso Senhor Jesus Cristo, repudiamos e condenamos, por esse decreto perpétuo, os seguintes artigos, cada um deles em particular. Que sejam proibidos e que cada católico, seja quem for, sobre a penalidade do anátema, possa pregar, ensinar ou dizer qualquer um deles. Está dito, pelo sínodo sagrado, a ordem de que inquisidores de heresias estejam vigilantes em observar tais artigos, pelos quais as pessoas podem ser responsabilizadas por todas as sanções canônicas previstas por lei. Que ninguém viole o que está dito neste decreto sob a sentença deste concílio, se não quiser ser punido. Após esse aviso, que deve ser levado adiante pelas autoridades locais ordinárias, e nenhuma exceção seja feita.

O relator dos atos do Concílio fez questão de citar, mais de uma vez, que se tratavam dos 260 artigos enviados por Oxford e que cada um deles, em particular deveria ser condenado, sem qualquer exceção. Ao mesmo tempo, houve uma seleção destes artigos e apenas uma parte relativamente pequena dos mesmos é citado. A condenação destes 260 artigos não havia sido feita nem por um concílio, nem por sínodo e nem por decreto do papa, apenas pela própria Universidade de Oxford. Então, por que motivo, uma ênfase tão grande em sua condenação desligada da preocupação em citá-los na íntegra?

“Eis os artigos selecionados de John Wycliffe dos 260.

Podemos dividir os artigos citados em algumas categorias, provavelmente pensadas previamente pelos seus próprios redatores, embora não aparecessem explicitamente. Isso ocorre, pois os temas dos artigos parecem estar agrupados por focos de pensamento e, estão de certa forma, relacionados entre si, a não ser os últimos artigos de condenação, que, por diversas vezes, remontam outros temas já tratados previamente nos primeiros grupos, o que sugere que estes foram adicionados depois que a lista original já estava concluída.

Seriam os temas:

²⁷⁷ Provavelmente se referindo à lei secular e lei religiosa

Do artigo 1 ao 5 – Artigos referentes à questão da transubstanciação.

Do artigo 5 ao 14 – Sacramentos diversos ministrados pela Igreja Católica (sendo que o principal foco se encontra no sacramento da confissão, mais especificamente a confissão privada).

Os artigos 15 e 16 – Embora ainda estejam dentro do tema Sacramentos, por se referirem ao sacramento do casamento, compõe então um novo tema que é a sexualidade humana.

Do artigo 17 a 25 – Artigos referentes ao poder papal, poder do colegiado de sacerdotes ou da igreja institucional em si.

Os artigos 26 e 27 – São referentes ao hábito da Igreja Católica emitir bulas com a afirmação do perdão, e receber doações de dinheiro em troca de tais bulas.

Do artigo 28 ao 31 – O tema principal é o poder secular que a Igreja possuía e como esse poder influenciava negativamente os senhores seculares.

Do artigo 32 ao 35 – As ordens monásticas, a clausura e os males que estas novas ordens estariam causando para a Igreja.

Do artigo 36 ao 40 – A institucionalização da Igreja, sua hierarquia interna, e a estrutura de dominação que seria projetada sobre o mundo secular pela igreja corrompida.

Do artigo 41 ao 45 – A disputa entre o poder secular e o poder religioso, incluindo as ações que os senhores seculares deveriam ter para impedir o avanço do poder religioso.

Do artigo 46 ao 58 – Outras considerações diversas, normalmente relacionadas a temas já apresentados previamente nos outros 45 artigos citados.

Artigos relacionados à transubstanciação:

1- Assim como Cristo é Deus e homem ao mesmo tempo, também a hóstia consagrada é Cristo e pão ao mesmo tempo. Pois o corpo de Cristo está presente figurativamente, e o pão em natureza, o que é a mesma coisa dizer que é apenas pão o que está presente e o corpo de Cristo é apenas figurativo.

2- Já que é herética a falsidade sobre a hóstia consagrada, esta se torna a mais importante das heresias. Desta forma são declarados

modernos hereges, para erradicar essa falsidade da igreja, que eles não conseguem explicar ou entender, um acidente sem matéria. Então que sejam consideradas seitas heréticas todos aqueles que ignorarem o capítulo quatro de João. Nós adoramos aquilo que conhecemos.

3- Eu audaciosamente declaro que todas essas seitas e seus cúmplices, que no tempo que Cristo vier triunfante no dia do Juízo Final, cavalcando com o toque da última trombeta do anjo Gabriel, eles ainda não terão conseguido provar de forma fiel que o sacramento possui um acidente sem matéria.

4- Assim como João era Elias de forma figurativa e não pessoalmente, então o pão no altar é o corpo de Cristo de forma figurativa. E as palavras: Esse é o meu corpo é, de forma a jamais gerar ambiguidade, figurativa, da mesma forma que a afirmação: João é Elias.

5- É fruto de loucura acreditar que é possível que haja um acidente sem matéria, isso é blasfêmia contra Deus, para escandalizar os santos e desviar a igreja por meio de falsas doutrinas sobre o que sejam acidentes.

Esses cinco itens iniciais são referentes à questão da transubstanciação. Conforme já vimos aqui anteriormente, realmente trata-se de um resumo das ideias de Wycliffe, de modo que, ao contrário das condenações anteriores, estas parecem ter sido criadas perante um estudo bem mais detalhado, inclusive levando em conta suas obras inglesas e os panfletos, como apresentado na introdução da condenação.

Apesar dos cinco itens resumirem de forma eficiente a ideia apresentada por Wycliffe, com relação à transubstanciação, e, inclusive, um dos itens, citar claramente a impossibilidade de provar que Wycliffe estivesse errado, não há, nos atos do Concílio, qualquer explicação que pudesse comprovar o erro. Alguns dos itens abaixo, como veremos, possuem comentários explicando o porque de sua invalidez. Contudo, neste conjunto dos cinco primeiros itens, que certamente não foram selecionados por acaso, não há qualquer tentativa de confirmar a condenação através de algum argumento que derrubasse a ideia de Wycliffe.

A provável citação feita no item 2 a respeito do evangelho de João seria: Disse-lhe a mulher:

*Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me, a hora vem, em que nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos; porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.*²⁷⁸

Referindo-se assim à questão de Deus não estar presente fisicamente em um lugar e sim a ser espírito, de modo que a adoração deveria ser em espírito e em verdade. Assim sendo, de forma imaterial, a hóstia poderia ser “hospedeira” do espírito de Jesus, poderia ter simbolicamente, ou ainda, espiritualmente a presença de Jesus, mas não materialmente a sua presença.

O item 3 apresentado fala da impossibilidade de existência de acidente sem matéria. Já vimos a argumentação anti-aristotélica feita por Wycliffe a esse respeito. Aqui, mais precisamente, a questão referia-se à própria definição do que é “acidente”. Segundo o pensamento Aristotélico, acidente refere-se a características de um objeto que lhe estão presentes e alheias à sua essência. Enquanto a essência de uma mesa é ser um plano horizontal, sustentado, que serve para apoiar objetos, os acidentes da mesa são todas as características existentes em uma mesa específica, mas que não definem que ela seja o que ela é (ou seja, caso fossem alterados ela não deixaria de ser mesa). Por exemplo, o fato dela ser de plástico ou de madeira, o fato dela ser vermelha ou azul, o fato dela ser quadrada ou circular. Assim sendo, embora a ideia de mesa possa existir abstratamente, os acidentes de uma mesa só existem quando se referem a uma mesa específica e podem ser acidentes diferentes de mesa para mesa. Entretanto, como já vimos, São Tomás de Aquino, define que na hóstia, a matéria da hóstia transforma-se completamente em corpo de Cristo, fisicamente falando, enquanto os acidentes daquele pão se mantinham inalterados, ou seja, ele continuaria tendo a mesma cor, mesmo odor, mesmo sabor do pão ou quaisquer outras características materiais, mas a matéria do

²⁷⁸ Jo 4, 19-24

mesmo seria corpo de Cristo. Pela própria lógica aristotélica tal proposição é impossível e irracional. Já vimos que o próprio São Tomás admite que tal proposição é impossível pela lógica e irracional, entretanto ela deve ser tomada pela fé e não pela razão.

Assim sendo, a própria condenação do item 3 é, em si, um contracenso, uma vez que a própria Igreja, na figura de São Tomás, já havia admitido ser impossível provar racionalmente o acidente sem matéria ²⁷⁹. Se assumir isto como verdade não poderia ser feito pela razão e somente pela fé, então, pela lógica, seria verdade a afirmação de Wycliffe que era impossível provar de forma fiel esta doutrina. Devendo assim, ao católico fiel, crer nela, não por uma prova fiel ou racional, e sim pura e simplesmente pela fé.

Artigos referentes aos sacramentos ministrados pela Igreja Católica:

6- Aqueles que clamarem que as crianças, filhos dos fiéis, que morrem sem o sacramento do batismo, não podem ser salvas, são estúpidos e presunçosos por essa afirmação.

7- A escassez ou pouca duração das cerimônias de crisma, por parte dos bispos, com ritos ultra solenizados, foi introduzida por sugestão do demônio, para que as pessoas fossem desiludidas da fé da Igreja e para que a solenidade e a necessidade dos bispos fossem acreditadas maiores do que realmente deveriam ser.

8- Assim como o óleo que os bispos usam para ungir crianças e tecidos de linho que são colocados na cabeça, parece-me que esse rito trivial, que não pode ser encontrado nas escrituras, e o crisma, que foi introduzido após os apóstolos, são blasfêmias contra Deus.

O item 7 e 8 estão presentes em *De Oficcio Pastoralis*, sendo reforçadas na obra *How Satan and his Children turn works of mercy upside down...* Em especial são feitas duas críticas, a da existência de uma hierarquia e número desnecessário de pessoas do clero (especialmente alto clero) que faz cumprir rituais muito caros, apenas para justificar o luxo dos mesmos. Rituais estes que são feitos apenas aos mais ricos e senhores de terra, enquanto os pobres não possuem acesso nem mesmo aos itens mais básicos do cristianismo.

²⁷⁹ uma vez que na hóstia havia os acidentes do pão mas não a matéria do mesmo, que havia sido transformada em matéria do corpo de Cristo

No caso do item 6, não foi possível achar uma citação específica com relação ao batismo das crianças e a salvação destas no caso de não serem batizadas. Entretanto na obra *Of the Faith, Hope and Charity*, Wycliffe define que a salvação não viria por rituais, nem tampouco por obras e nem pela fé da pessoa (o que é mote comum ao protestantismo do século XVI) mas sim pela esperança de salvação. Segundo ele esperança era algo menor, mais simples e mais universal que a fé, como se fosse um desejo de se ter fé, mesmo quando não se tem. Esta questão da salvação independente do batismo e tendo a figura da esperança, como algo menor do que a fé, se apresenta biblicamente na passagem do malfeitor na cruz:

*E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.*²⁸⁰

Uma vez que o malfeitor na cruz não tenha tido tempo de ser batizado, ele não poderia obter a salvação. No entanto Jesus diz abertamente que ele estaria ao lado de Jesus no paraíso. Sendo, inclusive, esta a única passagem bíblica onde Jesus diz abertamente a alguém que esta pessoa estaria com ele no paraíso.

9- *A confissão oral a um padre, introduzida por Inocêncio, não é necessária às pessoas como ele proclamou. Pois qualquer um que ofenda seu irmão, conforme está dito nas escrituras, necessita apenas de se arrepender e conversar com o mesmo.*

10- *É grave e sem base alguma o costume que um padre só ouvirá as confissões das pessoas em Latim.*

²⁸⁰ Lc, 23, 39-42

Os itens acima, referentes à confissão, aparecem em diversas das obras inglesas de Wycliffe, tendo como destaque a obra que leva esse próprio nome: *Of Confession*. Nesta obra Wycliffe define, conforme citado na condenação 9, que tal hábito não era bíblico e não fazia parte dos primeiros cristãos, muito pelo contrário, teria sido introduzida pelo papa Inocêncio III no século XIII. Entretanto, além de definir essa prática como desnecessária, ele também defende que a mesma seria, inclusive, perniciosa e fazia com que as pessoas aumentassem seus pecados. A argumentação utilizada é que Jesus teria definido apenas duas regras a respeito do arrependimento e perdão dos pecados, primeiramente ir ter com a própria pessoa que fosse vítima da sua ação²⁸¹ e segundo que a pessoa tivesse a verdadeira intenção de parar de pecar²⁸². A confissão em si, uma vez que terminava com o perdão concedido pelo padre, poderia cancelar esses dois princípios básicos, uma vez que a pessoa, ao se confessar e ser perdoada, não precisaria mais ter com aquele a quem ela havia de alguma forma prejudicado, e uma vez que a confissão poderia ser dada indefinidas vezes, a pessoa não precisaria mais ter a intenção real de não pecar.

A questão das confissões em latim, também aparece na citada obra, em um conjunto de elementos que constituiriam a confissão em uma prática que apenas beneficiava os mais poderosos e que teria sido instituída para o enriquecimento do clero. Nesta lista está a questão da confissão privada, de modo que o confessor poderia receber presentes materiais dos confessados, a questão dos documentos papais de perdão, garantidos a grandes senhores, ou mediante a presentes à Igreja, a vergonha pública à qual a pessoa passava ao se confessar caso não pudesse receber o confessor com honras em um local agradável e discreto para que sua confissão fosse ouvida, a questão de se possuir um confessor privado ser motivo de destaque social, usando o próprio

²⁸¹ Segundo o texto de Mateus 5, 23-24 : “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, Deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta.”

²⁸² Tendo como base o texto bíblico de João, 8, 7-11 “E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. Quando ouviram isto, redargüidos da consciência, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio. E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; **vai-te, e não peques mais.**”

pecado como forma de demonstrar poder temporal, a questão da convivência do confessor com o pecado ou até mesmo a possibilidade deste ser aliciador do pecado, a relação feita entre o pecado e a hóstia entregue, como idolatria, segundo a questão da transubstanciação já explicada, e a questão das confissões em latim, o que excluía grande parte da população da possibilidade de se confessar e ser incluída nos rituais religiosos.

Desta forma, a questão da confissão, aliada ao que já vimos sobre a transubstanciação, seria, para Wycliffe, uma forma de controle social que a Igreja estabelecia, que garantia tanto poder aos mais poderosos, como excluía os menos poderosos, e deixava ambos cada vez mais dependentes de uma elite clerical corrupta, pomposa, custosa, enganosa e desnecessária.

11- Nessas palavras “Você é puro, mas nem todos são”, o demônio deixa uma brecha aos que não tem fé para que possam pegar o pé dos Cristãos. Pois foi introduzida a confissão privada, que não pode ser justificada, e após a malícia de uma pessoa ser revelada ao seu confesso, conforme está decretado pela lei, a pessoa não pode ser revelada.

12- É uma conjectura provável que a pessoa que vive justamente seja um diácono ou um padre. Justamente por isso eu infiro que essa pessoa é João, então eu reconheço por provável conjectura que essa pessoa, por sua vida sagrada, foi colocada ao lado de Deus neste ofício ou estado.

13- A provável evidência para tal estado pode ser pega como prova providenciada pelos atos das pessoas e não pelos testemunhos da pessoa que o ordena. Pois Deus pode colocar alguém em tal estado sem que haja a necessidade deste tipo de instrumento, não importa qual instrumento é digno ou indigno. Não existe nenhuma evidência mais provável do que a própria vida da pessoa. Então, se existe alguém que tenha uma vida sagrada e de doutrina católica, é suficiente para ele ser militante da igreja. Aqui o erro está no início e no fim.

14- A vida má de um prelado significa que os seus não recebem ordens e outros sacramentos. Eles podem recebê-los de tais pessoas, entretanto, apenas quanto há urgente necessidade e eles devotamente buscam a Deus para suprir o que esses ministros diabólicos não podem

dar por suas ações e com o propósito de ligá-los a si próprios e os enriquecer.

Os próximos itens são referentes ao relacionamento Homem x Mulher, matrimônio e sexualidade. Por mais que estes não sejam temas principais dentro da obra de Wycliffe, algumas das suas considerações foram consideradas ultrajantes:

15- As pessoas de outros tempos podiam copular uma com a outra por desejo de poder temporal ou auxílio mútuo, ou apenas para aliviar a sua concupiscência, ainda que eles não tenham desejo de ter filhos, caso o façam eles estão copulando como pessoas casadas.

16- As palavras “Eu vou recebê-la como minha esposa” são mais concernentes ao contrato de casamento do que “Eu a recebo como minha esposa”. E as primeiras palavras não podem ser anuladas pelas segundas, sobre o presente. Quando alguém contrai matrimônio está se referindo ao futuro, e no outro caso esposa está se referindo ao presente.

O item 16 se refere à visão de matrimônio como algo consumado com o ato sexual, desta forma o futuro parecia mais aceitável para Wycliffe do que o presente. Apesar de aparentar ser apenas um pequeno detalhe uma cerimônia, o que não parece típico a Wycliffe que não é dado a cerimônias, essa diferença de tempo verbal encoberta uma questão muito mais complexa. Ao definir que o casamento não ocorre no momento da consagração na igreja, mas sim ocorre apenas no leito nupcial, faz com que a igreja, o celebrante do casamento e todo aparato institucional relacionado ao mesmo se torne desnecessário.

Em sua obra *Of Confession* Wycliffe afirma que “sacramento é tudo aquilo que torna a pessoa mais próxima do sagrado, mais próxima de Deus”. Ao invés da instituição dos sacramentos como elementos relacionados à Igreja, Wycliffe afirma que o maior dos sacramentos seria a caridade, pois ela, acima do que qualquer outra ação, aproxima o homem de Deus. Igualmente, Wycliffe defende que o sacramento é algo que se faz entre pessoas e não tem relação em si com a instituição igreja. Está relacionada com a igreja apenas no sentido de que todo cristão em si é parte da igreja e esta é a composição de todos os

cristãos juntos. Neste sentido tanto os sacramentos tradicionais, como batismo, apesar de necessários, poderiam ser feitos sem o intermédio de um ministro do clero, podendo ser apenas um cristão qualquer a realizá-lo, assim como o Crisma, seria um sacramento desnecessário, uma vez que o batismo deveria ser feito em adultos. Assim como o próprio casamento não necessitaria de um celebrante, uma vez que é um sacramento estabelecido pela ligação entre um homem e uma mulher pela vontade de ambos, portanto, dado por eles e consumado do leito nupcial e não na Igreja.

Quanto ao item 15, não foi possível encontrar a origem do mesmo nas obras analisadas de Wycliffe. Muito embora seja vasta sua literatura a respeito da necessidade de se abolir a proibição do casamento dos sacerdotes, sob o argumento de que a concupiscência aumentada pela proibição sexual é que gerava os piores males e aberrações sexuais. Desta forma, mesmo sem a fonte da citação, há de se considerar que ao menos no que diz respeito a essa questão, Wycliffe realmente demonstrava o pensamento apresentado. Entretanto, quanto à questão do auxílio mútuo ou poder temporal, não foi possível estabelecer relações.

A seguir encontram-se as condenações a respeito do poder papal e do colegiado de cardeais.

17- O papa, que falsamente chama a si próprio o servo dos servos de Deus, não tem o status de trabalhador do evangelho, mas apenas trabalhador do mundo. Se ele tem algum ranque, é na ordem dos demônios, ou daqueles que servem a Deus em forma de blasfêmia.

18- O papa não dispensa simonia por um voto imprudente, uma vez que ele é o chefe simoníaco que imprudentemente faz o voto de preservar essa danação e o seu status aqui desta forma. Nesta frase o erro está apenas no fim.

19- A afirmação que o papa é o supremo pontífice é ridícula. Cristo não deu essa função nem a Pedro e nem a ninguém mais.

20- O papa é o anticristo manifesto. Não apenas esse papa em particular, mas a multidão de papas, desde os temos em que a igreja de cardeais, bispos e outros cúmplices se institucionalizou de forma a compor uma pessoa monstruosa, que é o anticristo. E isso não foi

alterado pelo fato de que Gregório ou outros papas, que fizeram algumas coisas frutíferas, se arrependeram no final de suas vidas.

21- Pedro e Clemente, junto com todos os outros auxiliares da fé, não eram papas, mas auxiliares de Deus no trabalho de construir a igreja de nosso senhor Jesus Cristo.

22- Declarar que a pré-eminência papal se origina na fé do evangelho é uma coisa falsa, e todos os demais erros que se levantam a partir desta verdade original.

23- São doze os procuradores e discípulos do anticristo: o papa, os cardeais, os patriarcas, os arcebispos, os bispos, os arqui-diáconos, os oficiais, os diretores, os monges, os cânones de chapéu de duas pontas, os padroeiros e os recém introduzidos pseudo freis.

24- É claro que quem quer que fosse o mais humilde e prestasse maior serviço fervoroso à igreja de Cristo em nome do amor de sua Igreja, esse seria o maior militante da igreja, e somente ele deveria ser reconhecido como o vigário de Cristo mais imediato.

25- Qualquer um que esteja em posse de algo que pertença a Deus injustamente é um ladrão e pode ser acusado de roubo.

A questão do poder papal é amplamente trabalhada nos capítulos anteriores, inclusive a instituição temporal e cronológica do papado. Alguns itens, entretanto, devem ser especialmente destacados aqui.

Na condenação de número 25 não há uma relação clara com o papado, de modo que uma leitura desatenta poderia colocá-la como um item indevido. Na verdade, ela em si, não pode de forma alguma, isoladamente, ser considerada uma ideia a ser condenada. Afinal, parece bem claro que qualquer um que esteja em posse de algo que não lhe pertença e isso tenha ocorrido de forma injusta, que esse um é ladrão e, portanto poderia ser acusado de roubo. Se isso poderia ser atribuído para objetos pertencentes a homens, poderia, sem dúvida, ser aplicado a objetos pertencentes a Deus. Especialmente quando nos atos do concílio cada condenação é colocada como um item a parte, poder-se-ia correr o risco aqui de uma condenação completamente sem sentido. Entretanto, no contexto das demais condenações, fica claro que o “algo” do qual alguém estaria da posse injustamente era o “trono de Deus” e, portanto, o ladrão citado, o próprio papa. Isso ocorre por causa da titulação

vigário “vicarius” atribuída ao papa, cardeais e aos bispos. A palavra vigário significa “aquele que assume o lugar de.” Citamos anteriormente a utilização deste termo por Wycliffe ao responder as acusações sofridas por ele. Segundo a lógica do vicariato, os bispos e arcebispos, seriam vigários apostólicos, uma vez que assumiam o lugar dos apóstolos de Jesus. Os cardeais seriam os vigários discipulares, aqueles que ocupariam o lugar dos discípulos de Cristo, portanto mais próximos a ele do que os apóstolos (que se refere a um grupo mais amplo de quem o seguia, mesmo que não conviveram pessoalmente com ele, como nos caso dos discípulos). O papa recebe a titulação de maior dos vigários, vigário universal ou príncipe dos vigários²⁸³, e sendo bispo de Roma recebe uma titulação ainda maior de *Vicarius Christi*, aquele que assume o lugar de Cristo.

Sobre o Vicariato Wycliffe afirma em sua obra *Of Clerks possessioners*²⁸⁴ que o título é pomposo, mas falso, uma vez que um vigário não tem poder de salvar nem mesmo a sua alma por poder próprio, uma vez que somente a Deus pertence a capacidade de salvação da alma. Na obra *How Satan and his children turn the works of Mercy upside down...* Wycliffe define que aqueles que deveriam representar a Deus usavam o seu nome para fazer o oposto do que havia ensinado Jesus, de modo a serem ladrões e usurpadores. Desta forma, o papa, como maior dos usurpadores, roubaria o nome de Deus, cultuando a um deus terreno que era o dinheiro.

Ainda sobre o vicariato, na obra *How Religious men should keep certain articles* Wycliffe ao acusar a simonia dentro da Igreja católica colocam os simoníacos como duplos ladrões, pois roubam do povo e roubam de Deus, uma vez que tiram a função que uma outra pessoa, verdadeiramente cristã, poderia assumir dentro da Igreja.

O item 20 merece especial atenção, uma vez que ele demonstra a ideia de Wycliffe dos *dois caminhos* e da impossibilidade da Igreja Institucional demonstrada de forma clara e resumida. Onde ele afirma que o *anticristo*, ao contrário do que muitos outros teólogos de sua época diziam, não era uma pessoa específica e sim um conjunto de pessoas, ou mais do que isso, a soma

²⁸³ Referindo-se a titulação dada a Pedro de “vicarius principis apostolorum” ou o príncipe (ou maior dos) vigários apostólicos.

²⁸⁴ WYCLIFFE, John, *O Clerk Possessioner*, cap 1

de todos os papas, ou seja, de todos os líderes institucionais que a Igreja já teve. Sendo assim, de certa forma, o anticristo seria, em si, a igreja institucional.

Os próximo dois itens são relacionados à graça e o perdão emitido pelo papa em bulas:

26- Nem as deposições dos testemunhos e nem a sentença dos juízes, nem a posse pessoal e nem a herança, e nem a troca entre duas pessoas ou os presentes, e nem todas essas coisas todas postas juntas daria direitos nenhum a nenhuma pessoa nos céus se não fosse pela graça. Aqui o erro está no entendimento referente a graça santificadora.
27- A não ser que a lei interior da castidade esteja presente, ninguém tem mais ou menos autoridade ou direito de criar bulas. Nós não devemos emprestar ou dar nada a um pecador se soubermos que ele é pecador, pois isso seria auxiliar um traidor de nosso Deus.

A frase final do item 26 é um comentário criado pelo próprio concílio. Uma vez que o entendimento referente à graça é estabelecido como o principal erro, é necessário compreender esse termo dentro do pensamento de Wycliffe. São raras as obras que utilizam este termo, sendo a maior parte das mesmas em língua latina. Segundo Boreczky²⁸⁵ o conceito de graça utilizado por Wycliffe é, de alguma forma, relacionado à predestinação, uma vez que a graça é distribuída por Deus a algumas pessoas, por escolha dEle e não por merecimento da pessoa. Estes abençoados pela graça de Deus tornam-se os verdadeiros cristãos. Entretanto, segundo William E. Farr²⁸⁶, apesar de Wycliffe definir que a igreja é composta por todas as pessoas que receberam a graça de Deus e que todos os que recebem essa graça, sem exceção, formam a igreja, ele não crê que haja relação com a predestinação, pelo contrário, cabe a cada pessoa aceitar a graça, todos os que a aceitam passam a se tornar verdadeiros cristãos.

Em ambas as interpretações, entretanto, há uma constante. A questão que possuir a graça é algo que se dá não por esforço próprio da pessoa, mas sim por algo oferecido por Deus independente de merecimento. Aqui no

²⁸⁵ BORECZKY, Elemer, *John Wyclif's Discourse on dominion in community*, p.235

²⁸⁶ FARR, William, E., *John Wyclif as legal reformer*, p.28

contexto, unindo as duas condenações, temos os ataques de Wycliffe ao envio de bulas pelo papa, concedendo o perdão daqueles que contribuem com presentes para a Igreja. Então a questão em si não é, não dar ou emprestar a um pecador qualquer, como aparenta o item 27, mas sim não dar ou emprestar nada ao papa ou a qualquer outro membro do clero em troca das bulas, pois elas não tem validade em si, e contribuir com dinheiro para essas bulas seria o mesmo que auxiliar a traição de Deus, auxiliar a igreja dos papistas em detrimento da igreja de Deus.

Seguem as condenações referentes ao poder temporal que estava sendo exercido pelo Clero.

28- Da mesma forma como um príncipe ou senhor secular pode perder o seu título caso esteja em pecado mortal contra a igreja, também um papa ou padre poder perder seu título se cair em pecado mortal.

29- Todas as pessoas que estejam em pecado mortal habitualmente perdem o direito de fazer qualquer uso lícito de qualquer ação que seja, ainda que seja uma ação de gentileza.

30- É sabido desde o princípio da nossa fé que uma pessoa em pecado mortal, peca mortalmente em cada uma de suas ações.

31- Para que um senhor secular tenha realmente o domínio ele precisa estar em estado de justiça e perfeição. Então nenhum pecador tem o senhorio sobre absolutamente nada.

Dos itens 28 a 30 temos um argumento puramente relacionado à essência do que vimos de Wycliffe. Assim como o papa teria o poder de excomungar um rei que estivesse em pecado mortal, pela mesma lógica, um papa em pecado mortal, ou qualquer outro cargo elevado da igreja, deveria sofrer também a excomunhão. Se o próprio papa, pela lógica, não excomungará a si próprio, uma vez que concordaria com o seu próprio pecado, então os cristãos é que deveriam “excomungá-lo” do meio de si.

Entretanto o item 31 chama especial atenção. Em toda a obra analisada de Wycliffe há uma dicotomia entre poder religioso e poder temporal. À semelhança da ideia agostiniana de Cidade de Deus e Cidade dos Homens, Wycliffe critica o clero católico por ter perdido seu rumo e desejado assumir o poder temporal, abrindo mão, desta forma, do poder religioso e das obrigações

que tinham perante esse. Em palavras simples, citadas na obra *The Wicket*, não há como servir a dois senhores ao mesmo tempo, um deles é Deus e o outro é o poder temporal²⁸⁷. O poder temporal se caracteriza pelo desejo de acumular bens materiais, acumular poder, enquanto, o servir a Deus, por oposição se relaciona a dedicar-se aos outros.

Em toda a obra de Wycliffe ele afirma que o erro sempre havia sido do clero ao aceitar os presentes dos senhores seculares, culpando assim a Silvestre e não a Constantino, como já vimos. É característica dos senhores seculares o egoísmo, o pecado, o deixar os pobres sofrerem, e justamente por isso, quando um clérigo assume posses materiais ou poder material ele perde as suas características de cristão e assume os defeitos dos senhores temporais.

Ora, se é uma característica inerente aos senhores seculares o pecado, e justamente por isso eles necessitam do poder religioso para os orientar e para equilibrar a situação, então seria impossível dentro desta mesma lógica definir que um senhor secular em pecado não teria domínio secular, muito pelo contrário, isso é exatamente o que é esperado dele, estar em pecado.

Desta forma, a origem mais provável desta condenação, seja justamente a argumentação apresentada no item 28, que da mesma forma como um senhor secular em pecado pode ser destituído de seu poder um senhor religioso em pecado deveria ser destituído. Entretanto, se Wycliffe faz o acréscimo referente aos senhores religiosos, ele se baseia em um princípio católico, o da excomunhão dos senhores seculares. Ou seja, a condenação 31 seria muito mais uma condenação a um hábito da igreja em si do que a qualquer afirmação originária de Wycliffe. Então, se assim o é, por que motivo ela foi criada e mais do que isso, mantida nesta lista aqui descrita? O motivo mais provável é causar o fim do apoio dos próprios senhores seculares ao pensamento de Wycliffe (em especial na figura dos senhores da Boêmia, que apoiavam Jan Hus, presente no concílio e que seria julgado e condenado pelo mesmo).

Condenações a respeito das ordens monásticas:

32- *Todos os religiosos modernos necessariamente serão, marcados como hipócritas, pois a sua profissão demanda que eles façam jejum,*

²⁸⁷ Citando Lc, 16, 13

que eles se vistam de forma peculiar e que eles observem regras diferentes de outras pessoas.

33- Todo culto religioso em clausura é imperfeito e pecaminoso pois uma pessoa deve servir a Deus por livre e espontânea vontade.

34- Uma ordem religiosa particular é blasfêmica e presunçosa perante Deus. E as ordens religiosas que ousam exaltar a si próprias acima dos apóstolos, pela hipocrisia, defendem a religião particular deles.

35- Cristo não ensinou nas escrituras nada sobre nenhum tipo de ordem religiosa a não ser no capítulo do anticristo. Então não é algo bom que existam tais ordens. O capítulo entretanto falava apenas de doze tipos de pessoas, os papas, cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos, arqui-diáconos, oficiais, diretos, monges, cânones, padroeiros e freis das quatro ordens.

O artigo de número 35 possui a lista das doze categorias clericais retirada da obra *De Officio Pastoralis*. Já vimos que, muito embora Wycliffe concordasse com a postura de muitos dos fundadores de ordens monásticas, acreditava que os seus sucessores haviam perdido o caminho estabelecido pelos mesmos. Isso se dá, em especial na sua crítica aos franciscanos, analisando o testamento de São Francisco. Enquanto o santo seria exemplo de cristianismo, a ordem franciscana estaria completamente corrompida. E ainda, segundo Wycliffe, aqueles que continuavam andando segundo os passos do fundador destas ordens, eram perseguidos pelos que agora conseguiam dominar a ordem em si.

A principal obra de Wycliffe de onde os itens acima foram retirados é *Tractatus de Pseudo-Freres*. Nesta obra Wycliffe relata uma série de motivos pelos quais as ordens religiosas, em si, seriam perniciosas. Primeiramente, ao se separarem do restante da igreja seguindo uma ordem específica, estaria incentivando uma cisão dentro da igreja, e isto geraria orgulho, uma vez que ao escolher um caminho com regras diferentes dos demais, os membros destas ordens se achavam mais corretos do que os outros. Além disso ao jurarem obedecer a uma regra específica, estariam colocando uma lista de mandamentos (regras) criadas pelo homem acima das regras criadas por Deus, de modo que, em si, estariam declarando que a lei de Deus era menos eficiente do que uma lei criada por homens.

Outra argumentação é que todas as ordens apoiavam o papa e tinham de ter suas regras aceitas pela igreja institucional. Desta forma as ordens monásticas criadas nos séculos próximos a Wycliffe estariam apoiando a igreja institucionalizada e seus erros, e todos os que apoiam o anticristo são traidores de Cristo.

Ainda há uma argumentação que quando a leis impostas nas regras monásticas são consideradas como instrumento que guia a vida das pessoas, essas mesmas leis poderão ser pouco a pouco deturpadas por interpretações indevidas. E quanto mais foco se dá à lei, menos foco se dá ao exemplo do fundador da ordem e por sua vez, menos se preocupa com a imitação de Cristo. Assim sendo, em última instância, os próprios criadores das ordens monásticas poderiam ter sido expulsos das mesmas pelas interpretações indevidas das leis criadas por eles, e estas mesmas leis são utilizadas para se perseguir os verdadeiros freis, aqueles que se matem fiéis à ideia original do criador da ordem.

Neste mesmo tratado Wycliffe começa a falar sobre as próprias regras impostas nestas regras, de onde foi retirado, por exemplo, o artigo 32 das condenações aqui presentes. Onde Wycliffe cita que Jesus havia dito claramente que queria misericórdia e não sacrifício, mas essas ordens pregam o sacrifício. Onde Jesus haveria pregado abertamente contra a hipocrisia do jejum para demonstrar santidade aos outros, entretanto, ao declarar o jejum oficialmente, ele automaticamente teria a função de demonstrar santidade aos outros.

Sobre a Institucionalização da Igreja:

36 – eu faço inferência por ser evidente através da fé das quatro seitas, que são o clero cesareano, os vários monges, os vários cânones e os freis, que ninguém pertencente a essas ordens é membro de Cristo no catálogo dos santos, a não ser que ele abandone, no final, a seita a qual ele estupidamente abraçou.

37 – Paulo foi, certa vez, fariseu, mas abandonou essa seita para o bem da seita de Cristo, com a permissão dEle. Essa é a razão pela qual as pessoas enclausuradas, não importa e qual seita ou regra,

ou não importa qual voto estúpido elas tenham feito e estejam presas a ele, devem livremente se libertar dessas correntes, ao comando de Jesus, e livremente entrar para a seita de Cristo.

38 – É suficiente para o leigo que algumas vezes ele dê ofertas aos servos de Deus. Quando ele assim procede ele já está dando para a igreja, mesmo quando não deu ao clero cesariano eleito pelo papa ou aos dependentes do mesmo.

39 – Os poderes que são proclamados pelo papa e pelas outras quatro novas seitas são presunçosos e diabolicamente introduzidos para seduzir as pessoas, eles vão desde excomunhões, cargos de poder secular, citações soltas, aprisionamentos e o comércio das coisa de Deus.

40 – Muitos simples padres superam os prelados em poder. Isso ocorre por causa da grande fé e poder espiritual que possui um filho que imita a Cristo na forma como ele viveu, ao ser comparado por um prelado que foi eleito por cardeais ou outro apóstata qualquer.

O termo “clero cesareano” é utilizado por Wycliffe para definir aqueles que faziam a conexão entre os ofícios do Estado e o Clero, ou seja, ao mesmo tempo possuíam um domínio secular, sendo senhores seculares, e além disso possuíam alguma titulação religiosa ou cargo eclesiástico²⁸⁸

Temos, no item trinta e oito, portanto, mais uma afirmação da separação entre a igreja institucional e o que deveria ser verdadeiramente a igreja na opinião de Wycliffe, conforme já foi exposto previamente.

Sobre a questão do poder clerical x poder secular:

41 – As pessoas podem entregar o dízimo, ofertas ou dar esmolas para os discípulos de Cristo que não são dignos, uma vez que a lei de Deus requeira isso. A maldição ou censura imposta pelos discípulos do anticristo não deve ser temida, mas recebida com alegria. O senhor papa e os bispos e todas as religiões ou os simples clérigos, com os seus títulos de posse perpétua, deviam renunciar tudo isso nas

²⁸⁸ TREVELYAN, George Macaulay, *England in the Age of Wycliffe*, p.110

mãos do poder secular. E se eles teimosamente se recusarem a tal, eles deveriam ser forçados a isso pelos senhores seculares.

42 – Não existe nenhum herege ou anticristo maior do que o clérigo que ensina que é legal aos padres ou levitas, pela lei da graça, possuírem riquezas materiais. Os clérigos que ensinam isso são blasfemadores heréticos, se é que há alguém que pregue isso.

43 – Os senhores temporais não somente tem permissão para confiscar os bens e fortuna da igreja, que é pecaminosa em si, mas pela lei eles deveriam fazê-lo, e se não o fizerem serão condenados à dor da danação eterna.

44 – Deus não aprova que ninguém seja condenado ou julgado pela lei civil.

45- Se uma objeção é feita contra aqueles que se opõe a igreja, apontando a eles Bento, Gregório ou Bernardo, que tinham algumas posses materiais, ainda que poucas, que seja dito em réplica que eles devem se arrependeram no final. Se você ainda fizer alguma objeção eu simplesmente direi que esses santos finalmente se arrependeram no final, seguindo a lei de Deus, e se você me disser que eles eram santos, eu direi que só eram santos por terem se arrependido no final.

Esta condenação de número quarenta e três foi retirada da obra inglesa *De Officio Pastoralis*, mais especificamente o capítulo trinta. A argumentação utilizada por Wycliffe se em linhas relativamente simples. O clero deveria ter o poder religioso somente, que se manifestaria de forma única e exclusivamente espiritual. Desta forma seria sábio, sim, que os senhores de terras ouvissem os conselhos do clero, que ouvissem seus ensinamentos a respeito de Deus, entre outros elementos.

Entretanto, o clero corrompido pelos deuses mundanos, ao mesmo tempo que querem aumentar o seu poder material, enquanto abandonam o poder espiritual, também querem tirar dos senhores materiais a sua verdadeira fé. Essa dupla ação se daria por querer ensiná-los uma religião falsa, na qual o principal poder material estaria nas mãos do clero corrompido ou clero do anticristo. Isso traria uma dupla consequência aos senhores seculares. Primeiramente eles perderiam parte de seu poder secular, uma vez que o clero vem assumir a posição de senhores seculares. Ao mesmo tempo que os

senhores seculares perdem o poder que lhes seria de direito, que é o governo das coisas materiais, eles também perdem no campo espiritual, pois estariam sendo enganados a acreditarem em deuses mundanos de modo que ao cultuarem os deuses errados estariam sendo não só condenados materialmente, ao perder o poder secular, mas também espiritualmente condenados.

Igualmente, no mesmo capítulo, Wycliffe defende que os padres, por sua vez, deveriam reconhecer que a autoridade de Cristo era superior à autoridade do papa, uma vez que Cristo havia negado o poder material e o papa buscava pelo mesmo, deveriam seguir o exemplo do primeiro e não do último. Desta forma, Wycliffe sugere que os próprios senhores seculares comessem a apontar prelados e auxiliassem a organização de um clero cristão que pudesse se opor ao clero papal, ou, segundo ele, clero do anticristo.

No capítulo 29 da mesma obra Wycliffe chega a definir: *“ao aceitar o poder clerical avançar sobre o poder secular, os senhores, por sua covardia, agem contra Cristo, cedendo ao desejo dos traidores de Deus, e assim são cúmplices por omissão”*

O item 44 parece, de certa forma contraditório aos itens anteriores. Como pode ao mesmo tempo Wycliffe defende que os senhores deveriam avançar sobre a igreja, recuperando o poder secular que lhes era devido e ao mesmo defende que não pode haver qualquer julgamento ou condenação por autoridade civil?

O mais provável é que aqui ele esteja se referindo à questão das autoridades eclesiásticas entregarem a pessoas para serem julgadas pelas autoridades civil após o julgamento já ter ocorrido pelas autoridades eclesiásticas. Ou seja, a pessoa é entregue não para ser julgada, mas apenas para que lhe apliquem a pena, muitas das vezes, pena capital. De modo que a igreja, hipocriticamente, defina que não causa morte a ninguém, mas entrega pessoas após julgamento para serem condenadas pelas autoridades seculares já indicando que a pena de morte deva ser cumprida, e no caso do não cumprimento da mesma os próprios líderes seculares podem ser condenados pelas autoridades religiosas.

Algumas citações comprovam que Wycliffe não definia que o povo se revoltasse contra os líderes seculares, como poder-se-ia depreender desta

condenação isoladamente. Temos, por exemplo, em *Of Servants and Lords*, a seguinte passagem:

Os servos devem verdadeiramente e de boa vontade servirem seus senhores e seus mestres, viver com a consciência tranquila, paz e caridade, zelar pelos seus senhores, eles foram escolhidos por Deus, para os bons cristãos de fé e vida sagrada, essa é uma vida de verdade e paciência, e isso só não ocorre atualmente pois essa verdade foi fendida pelo anticristo, por curatos que abertamente comentem os piores pecados, não cumprindo suas funções, tentando e amaldiçoando os servos e os condenando a uma vida de sofrimentos.

Ou seja, segundo Wycliffe, não há qualquer erro em obedecer aos senhores seculares e isso seria em si uma atitude cristã, as condenações aplicadas pelos mesmos eram inválidas e erradas na medida em que estavam sendo dominadas pelo anticristo na figura da igreja institucional e não pelo erro essencial de uns dominando sobre outros. Ou seja, o poder secular deveria existir, o erro estava em ter-se o poder religioso suprimindo o secular por sua cobiça e isso é que causaria o sofrimento dos pequeninos. Especialmente uma vez que deveria ser justamente a função do poder religioso auxiliar os pequeninos os defendendo de quaisquer sofrimentos.

As demais condenações, de número 46 a 59 não parecem estar divididas em itens específicos, temos tratamentos relacionados à questão das escrituras, relacionados novamente à questão da transubstanciação e todas as aplicações filosóficas e lógicas relacionadas a esse mesmo fator, e algumas outras colocações filosóficas de ordem mais geral:

46 – Se quiserem nos fazer acreditar que a sagrada escritura, por alguma razão, é vazia dos ensinamentos dos discípulos de Jesus, então não terão eles nenhuma autoridade, a não ser a do poder temporal, dos bens que eles possuem, pois eles são filhos de Eli e Belial.

47 – Toda essência tem um suposto, seguindo por outro suposto, que é igual ao primeiro que é produzido. Essa é a mais perfeita ação imanente possível na natureza.

48 – *Toda essência, seja corpórea ou incorpórea, é comum a três supostos, que são as propriedades, os acidentes e as operações inerentes a ela, e essas três são comuns a todas as coisas.*

49 – *Deus não pode aniquilar nada, não pode acrescentar nada e nem diminuir nada do mundo, ele cria almas até certo número apenas e não poderá fazê-lo além disso.*

50 – *É possível que duas substâncias corpóreas coexistam em uma continuamente e em repouso uma no lugar da outra continuamente então penetrando no corpo de Cristo que repousa na hóstia.*

51 – *Dizer que toda linha matemática é contínua e é composta de dois, três, quatro pontos contíguos, ou na verdade um número finito de pontos, e o tempo é, foi e será composto por um número contíguo de instantes, Não é possível que o tempo ou a linha, caso ela exista, que seja composta desta forma. – A primeira parte é um erro filosófico e a segunda parte é um erro pois desconsidera o poder de Deus.*

52 – *Deve ser pressuposto que uma substância corpórea tenha sido formada a princípio por outras indivisíveis, e que ela ocupa todo o espaço possível.*

53 – *Todas as pessoas são Deus.*

54 – *Todas as criaturas são Deus.*

55 – *Tudo o que existe em todos os lugares, desde o princípio, é Deus.*

56 – *Tudo aquilo que acontece só aconteceu por ser absolutamente necessário.*

57 – *Uma criança batizada ainda deve ser considerada em danação, e é necessário que ela viva o suficiente para pecar e receber o espírito santo, antes que ela possa ter o mérito de ser condenada para sempre. Isso pois nenhum fogo poderá queimar a criança antes disso.*

58 – *Eu declaro que, por matéria de fé, tudo o que vai acontecer vai acontecer por necessidade. Então, se Paulo soubesse que teria a danação ele não poderia verdadeiramente se arrepender, ou seja ele não poderia mudar o final da sua vida de impenitência pela contrição ou então teria a obrigação de nunca ter pecado.*

O item 46 está presente em diversas obras de Wycliffe, uma vez que ele se utilize da Bíblia como documento básico para todas as suas análises, pregando, desta forma, uma volta, não à Bíblia em si, mas especialmente à vida presente no novo testamento, sem, contudo, negar a importância do antigo testamento. Vimos, em todo esse trabalho, que Wycliffe embasa sua argumentação em passagens bíblicas, as utilizando para fazer a medida e julgamento das ações dos religiosos de sua época ou da história da igreja, assim, considerando um ou outro mais próximo de Jesus ou de algum ato de algum homem que a Bíblia considera como sendo homem de Deus. A argumentação contrária aos ensinamentos de Wycliffe, por sua vez, estavam muito mais embasadas em obras de teologia medieval ou da patrística, colocando esses documentos, por diversas vezes, superiores ao texto bíblico em si ou delimitando um tipo de análise possível acima do texto bíblico, uma espécie de tradição de exegese. Entretanto, a negação da Bíblia como um documento de verdade e de alguma forma revelado ou inspirado por Deus, seria o mesmo que negar todo o poder clerical em si, uma vez que toda a patrística e filosofia medieval só poderia existir baseada em uma fé que por sua vez tem a origem em relatos bíblicos.

Os itens 53 e 54 se destacam por serem diferentes do pensamento de Wycliffe. Como poderia ele defender que todas as pessoas fossem Deus e ao mesmo tempo defender com afincos todos os erros da igreja, todas as pessoas que seriam servas do anticristo, entre outras tantas afirmações que aqui vimos. Em seu pensamento racional filosófico não parece possível coexistir essa visão de Deus ser composto de todas as pessoas e criaturas. É provável que tais condenações feitas a ele não tenham tido o princípio em pensamentos dele, ou sejam deturpações de frases isoladas.

No intuito de encontrar possíveis afirmações que possam ter gerado tais condenações, encontramos na obra *The Ave Maria*, uma possível origem:

A trindade divina está em cada criatura pelo poder, sabedoria e bondade de Deus, para destas as criaturas não se separam e nem se distanciam. Mas Deus está com os homens de virtude e bom coração, que pela sua Graça aprovam e aceitam os Seus feitos e o auxiliam no

cumprimento destes, esses serão recompensados com alegria suprema ao realizarem suas obras ou ao serem perseguidos pelo Seu nome.

Deus estar em todas as criaturas não significa que ele seja o conjunto de todas as criaturas. Mas ainda que seja possível através desta citação chega-se a conclusão que ao estar presente em todas as criaturas de certa forma ele fosse tais criaturas, seria impossível, através de tal afirmação, chegar à ideia de que Ele seria todos os homens. Porque, na mesma definição, afirma que Deus estaria presente apenas nos homens de virtude e bom coração, de modo que Ele não estaria presente nos outros. Segundo a própria lógica explicada do texto, embora Deus pudesse querer estar presente em todos os homens, assim como Ele estava presente em todas as criaturas, os seres humanos, por seu livre-arbítrio, teriam, por escolha própria, negado a presença de Deus nEles e portanto se esvaziado de Deus. Ao mesmo tempo em que, aqueles que foram agraciados por Deus O teriam dentro de si pois aceitaram tal presença.

O item 58 se refere à questão da disputa entre o livre arbítrio e a providência divina, que será melhor trabalhado no capítulo seguinte, dedicado à comparação das ideias de Wycliffe com as de Jan Hus.

VI. Wycliffe e o Caminho estreito – Analisando mais aprofundadamente a teoria apresentada no livro *The Wicket* e suas possíveis consequências

VI.1. Por que aprofundar-se na ideia dos *Dois Caminhos*

Até o presente momento apresentamos as principais ideias de Wycliffe e suas contextações ao poder da Igreja Católica, estabelecemos relações entre o seu pensamento e o de outros hereges, e vimos a resposta da Igreja Católica à Wycliffe, inclusive a condenção póstuma de suas ideias.

Por mais que as ideias de Wycliffe sejam intensamente ricas e não seja possível definir uma como superior às demais, escolhemos a teoria dos *Dois Caminhos* como principal ideia a ser aprofundada em um capítulo a parte. Essa escolha se deu, basicamente, por uma associação de três motivos principais, aliados a pequenos outros secundários.

Primeiramente, o enunciado desta teoria encontra-se na obra *The Wicket*, que teve sua última publicação em língua inglesa no ano de 1548, e sua última publicação geral (em língua alemã) em 1612. Sendo assim, trata-se de uma obra rara, que, por sua vez, não foi reeditada na compilação de 1880, por esta se tratar apenas das obras inglesas de Wycliffe que até aquele momento ainda não haviam sido editadas. Sendo assim, analisar com mais cuidado uma teoria de Wycliffe que ainda não havia realmente divulgada parece mais importante do que analisar com mais cuidado suas teorias já editadas em publicações mais modernas. Uma vez que as duas versões de *The Wicket* tenham sido obtidas pelo autor deste trabalho através da *Bodleian Library* de Oxford, decidiu-se que o foco das ideias de Wycliffe que deveria ser aprofundado em um capítulo a parte deveria sair deste livro. Em si o livro *The Wicket* possui dois temas principais, de um lado a doutrina da transubstanciação e de outro a teoria dos *dois caminhos*, entretanto o combate à transubstanciação aparece em outras obras de Wycliffe, enquanto a teoria dos *dois caminhos*, por mais que esteja presente em diversas de suas obras, está claramente enunciada apenas em *The Wicket*.

O segundo motivo que levou a essa escolha é o fato de que a teoria dos *dois caminhos*, ao contrário do combate à transubstanciação, é uma peculiaridade específica de Wycliffe, sendo que, pelo que foi percebido nas comparações estabelecidas com os outros hereges medievais, a maior parte destes²⁸⁹ tenta recuperar a Igreja, acreditando em uma renovação ou reforma da mesma, enquanto Wycliffe defende que isso seria impossível, pois seria natural do cristianismo (ou do seguir a Deus) manter-se em uma posição inferior, secundária e sofrendo perseguição de uma elite religiosa corrompida. Sendo assim, temos aqui uma ideia de Wycliffe que contrapõe-se a maior parte das heresias medievais, portanto, merecendo maior estudo.

Por fim, o terceiro motivo que levou a criação deste capítulo central com a análise desta teoria específica foi que, embora o enunciado da teoria dos dois caminhos esteja presente em *The Wicket*, essa teoria está presente na maior parte das obras analisadas, mesmo sem estar enunciada. De modo que, de alguma forma, *The Wicket* parece trazer à tona uma nova interpretação (ou um aprofundamento da possibilidade de interpretação) das obras de Wycliffe. Uma vez que a teoria se refira a uma lei universal do cristianismo, ela pode se manifestar de diversas formas em diversos personagens cristãos pela história, seja na época bíblica, seja na história da Igreja. Ao analisarmos as obras inglesas de Wycliffe, buscando pelo tratamento dado aos personagens históricos citados por ele, podemos perceber claramente como que a teoria dos dois caminhos parece guiá-lo por análises que, sem esta teoria, parecem tratar-se de acontecimentos isolados da história e interpretações isoladas de situações específicas, seja referindo-se ao Papa Silvestre, seja referindo-se a São Francisco, seja referindo-se à sua época ou a uma interpretação da época dos profetas.

Por fim, por se tratar de uma teoria universalizante, é possível buscar na própria obra de Wycliffe possíveis contradições da mesma, verificando se ele próprio, a partir de suas obras, mantém-se fiel à teoria enunciada ou se em determinados momentos cria contradições.

²⁸⁹ É importante ressaltar que embora a maior parte dos hereges medievais realmente acreditassem na renovação da Igreja, Wycliffe não é o único a descrever de tal renovação, havendo grupos heréticos que são essencialmente rejeitam a Igreja completamente.

VI.2. Wycliffe introduz a ideia dos *Dois Caminhos*

Wicket, título do livro de John Wycliffe, é uma palavra não muito utilizada atualmente, do inglês, que significa caminho estreito. O título se dá devido à passagem central utilizada por ele no livro, uma espécie de sermão popular. O caminho estreito é referência a um dos ensinamentos de Jesus, onde é colocado a existência de dois caminhos, um largo, fácil de ser seguido, por onde caminham muitas pessoas, mas que leva à perdição. Outro, por sua vez, estreito e difícil de ser seguido, por onde entram poucas pessoas, mas que leva à salvação. Wycliffe começa sua exposição da seguinte forma:

*Eles nos avisaram e nos deram sabedoria sobre esse tema: A existência de dois caminhos. Um que leva à vida e outro que leva à morte, assim disse Jesus. Como é estreito e apertado o caminho que leva à vida e são poucos os que o acharam. Mas como é largo e amplo aquele que leva à danação e são muitos os que seguem por ele. Por isso eu oro, pedindo a Deus que ele nos dê força com a sua Graça e faça descer sobre nós o Espírito Santo, para nos fazer fortes na vida espiritual através da palavra do Evangelho, de forma que os infiéis, os papistas e os apóstatas não possam convencer nenhum de nós, cristãos através da fala maligna. E que nós possamos entrar pelo portão estreito, assim como Cristo, nosso Salvador, e todos os seus seguidores fizeram. Não pela vida em ócio ao acaso, mas por um trabalho diligente em grande sofrimento e perseguição, e até mesmo face à morte, mas encontrando o caminho da vida eterna, como Ele nos prometeu.*²⁹⁰

Wycliffe coloca claramente para seus leitores que há dois caminhos diante deles. Um que parece mais simples, de mais fácil passagem, por onde praticamente todos os cristãos de sua época seguem, que é a obediência do papa. Tal obediência era legalizada, comum, tida como uma ação socialmente aceitável e gerava conforto, até mesmo ócio. Entretanto, segundo ele, isso de nada adiantaria, por o seu final seria a danação. Ao mesmo tempo havia um caminho estreito, e de negação ao poder papal, o da aceitação de que o papa

²⁹⁰ WICLIFFE *Wicket*, cap1

e seus seguidores, chamados por ele de papistas, não eram os verdadeiros cristãos, mas apóstatas. Esse caminho seria difícil e cheio de empecilhos, poucos tinham coragem de seguir por ele. Mas na verdade ele levaria à salvação.

A ideia dos dois caminhos é um pouco mais complexa do que pode parecer à princípio. Primeiramente, uma vez que isso deixe de ser uma situação específica e passe a ser um ensinamento que independe de seu tempo, já que Wicliff o transplanta para sua época, temos algumas consequências. Sempre que a humanidade como um todo, ou simplesmente os cristãos, caminharem em larga escala por um tipo de comportamento e estabelecerem padrões de vida, esse não pode ser o caminho certo. Isso vale para a igreja católica e os ditos papistas, mas também continuaria válido mesmo que todos os cristãos comesçassem a seguir Wicliff e seus seguidores passem a ser o novo Status Quo. Desta forma o caminho de seguir seus ensinamentos se tornaria largo e qualquer que fosse o seu opositor é que trilharia um caminho estreito. A ideia dos dois caminhos propõe que a verdade nunca esteja na maioria, mas sempre em um pequeno grupo de oposição, que como nos coloca Wicliff, era perseguido e mesmo condenando à morte.

Para melhor compreensão da ideia dos dois caminhos é necessário voltar o foco para o texto que a originou, presente no evangelho segundo Mateus.

Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgais, sereis julgados; e com a medida com que medis vos medirão a vós. E por que vês o cisco no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o cisco do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! tira primeiro a trave do teu olho; e então verás bem para tirar o argueiro do olho do teu irmão.

Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para não acontecer que as calquem aos pés e, voltando-se, vos despedacem. Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; e quem busca, acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á.

Ou qual dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?

Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós a eles; porque esta é a lei e os profetas. Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que a encontram. Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?

Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.²⁹¹

Uma vez que se tenha partido do livro de Wycliffe pode-se ter uma falsa impressão de que as palavras de Jesus estavam sendo faladas para a situação específica do século XIII, e temos a impressão, obviamente falsa, de que o texto bíblico foi feito para embasar a citação de Wycliffe e não o contrário, tamanho é o contato entre ambos e pertinência de sua utilização.

Primeiramente a questão dos dois caminhos não está colocando diante das pessoas um caminho dos gentios e outro dos que tem fé em Deus. O que seria muito simplesmente transformado em justificativas para uma guerra santa contra os islâmicos ou outros povos. Não se trata de uma escolha entre um

²⁹¹ Mateus, 7, 1-23

caminho simples que é a vivência sem Deus e outro estreito que é o caminho segundo as regras dEste. Muito pelo contrário. O texto é voltado para a forma de se seguir a Deus.

O discurso de Jesus era voltado aos fariseus. Portanto os sábios e religiosos de sua época: *Não julgueis para não serdes julgados*. Ora, da mesma forma como na passagem bíblica os fariseus hipócritas são colocados como aqueles que não tardam em acusar e atacar os outros membros da mesma fé, Wycliffe acusa os papistas de simplesmente acusarem e julgarem os verdadeiros cristãos, querendo fazer com que estes se desviem da fé.

O discurso de Jesus não simplesmente acusa os fariseus, mas coloca-os na posição daqueles que se apressam a falar mal dos defeitos dos outros, mas não conseguem ver seus próprios defeitos: . *“E por que vês o cisco no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está no teu olho?”* Da mesma forma que a Igreja Católica, na época de Wycliffe atacava ferozmente as heresias, perseguindo com a força da inquisição, e não conseguia voltar os olhos para as práticas que ocorriam dentro de si, como a simonia, o luxo do clero, entre outros.

O discurso de Jesus continua: *“Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós a eles”*. Esse ensinamento na verdade não é novo e nem tampouco inventado por Jesus como a tradição cristã por vezes faz crer. Primeiramente ele está presente na própria Torá no livro de Levítico, capítulo 19, versículo 18: *“Não te vingará e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo”*. Além disso o destaque por essa passagem em específico já se fazia presente na disputa entre as duas correntes de pensamento dos sábios judeus no século I AC, ou seja, dos Fariseus. Enquanto a casa da Shamai difundia que as leis deveriam ser seguidas à risca e decoradas em cada detalhe, a casa de Hillel defendia que existia uma essência na lei, que era justamente: Não faça ao teu próximo o que não quisesse que seja feito contigo.²⁹² O resto, segundo ele, seria comentário.

O discurso de Jesus começou com exortações dizendo que aqueles homens estavam acusando, e que portanto seriam julgados com a mesma

²⁹² Babylonian Talmud: Tractate Shabbath Folio 31a

medida com que julgavam. Acusando-os de chamar aos outros de cegos, sendo eles próprios incapazes de ver seus erros. Então ele se utiliza de uma citação conhecida dos fariseus, mostrando como claramente eles não seguiam o ensinamento que eles próprios pregavam. Ora, Wycliffe quando cita o discurso de Jesus faz uma transposição pura e simples para a Igreja Católica e os seguidores do papa.

Estes, também conhecendo os ensinamentos de Jesus, não o punham em prática, pelo contrário, acusavam, perseguiram, apontavam erros e negavam-se a ver os próprios erros. Entretanto no caso da citação de Wycliffe, temos um elemento agravante. Wycliffe não precisou criar o seu discurso, ele utilizou-se de um discurso já pronto, jeito pelo próprio criador da religião cristã (e não simplesmente um sábio respeitado, como no caso de Hillel para os fariseus) e mais do que simplesmente o criador da religião, segundo a crença, tanto de Wycliffe como dos católicos, um ensinamento feito pelo próprio Deus enquanto em sua vida humana.

Após a passagem mais específica dos dois caminhos, temos: *“Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?”* Obviamente, no discurso de Jesus, os falsos profetas eram os próprios fariseus hipócritas, que vinham disfarçados de ovelhas, mas na verdade eram lobos devoradores. O que será que significa essa figura de linguagem utilizada por Jesus?

Obviamente todo o texto bíblico está repleto de referências às ovelhas enquanto povo de Deus, enquanto Este sendo o Bom Pastor que de todas cuida. Portanto, falsos profetas que vêm como disfarçados de ovelhas mas são lobos devoradores indica que fingem ser do povo de Deus, mas na verdade tem o prazer na destruição do povo de Deus, ou ainda se nutrem desta destruição, assim como os lobos se nutrem das ovelhas que caçam.

Se Jesus se referia que todos deveriam ter cuidado com estas pessoas que falariam em nome de Deus, portanto profetas, mas na verdade estavam contra Deus, isso na figura de lobos devoradores. Então o que dizer de Wycliffe ao utilizar tal comparação ao discurso de Jesus. Os falsos profetas que

pregavam em nome de Deus mas tinham como principal objetivo destruir o povo de Deus seriam justamente o papa e seus seguidores.

Obviamente, pelo texto, entende-se que os mesmos falsos profetas, os lobos, é que tentariam levar as pessoas pelo caminho amplo, o da perdição. Seria portanto simples de aceitar que o mesmo ocorre na citação de Wycliffe, onde os *papistas*, que se nutrem da destruição dos verdadeiros cristãos, querem conduzir todos ao caminho mais fácil e amplo, o da aceitação da Igreja Católica e do poder papal, entretanto esse é o caminho da perdição.

VI.3. Atemporalidade da regra dos dois caminhos, segundo Wycliffe

Na primeira versão impressa oficial²⁹³ do *The Wicket*, há um acréscimo do próprio Wycliffe, na qual ele começa com Elias, demonstrando como que os verdadeiros seguidores de Deus eram minorias entre o dito povo de Deus, mesmo antes do nascimento de Jesus. E quando Elias ira cumprir o que lhe havia sido ordenado, como uma mensagem ao rei, tudo deveria ser feito contra centenas de inimigos e correndo o risco de ser morto. Qual caminho parece mais amplo, ser o único que fala em nome de Deus ou um dos três mil que faz oferendas a Baal? Entretanto todos os outros são consumidos pelo fogo e apenas ele se salva.

Ao mesmo tempo, seguindo o texto, Wycliffe nos leva para a época dos apóstolos, falando que todos foram perseguidos até a morte, sem nenhuma exceção. Demonstração clara de que o caminho certo continuaria sendo o estreito e não o amplo. Apesar de haver uma diferença²⁹⁴ clara entre as duas épocas citadas a perseguição é um constante em ambas. Segundo o autor a ligação entre ambas é a perseguição que o próprio Jesus sofreu, para que ensinasse a todos os demais que o caminho certo sempre seria o mais difícil, que passaria por perseguição e talvez até mesmo por morte, como no caso dele.

²⁹³ Apesar da primeira edição impressa oficial do *The Wicket* ter sido em 1548, e este ser o texto base deste trabalho, também obtivemos uma cópia da versão impressa em 1546, que foi recolhida por conter muitos erros, tal fato é mencionado na primeira página da nova edição. A versão de 1546 não apresenta a introdução citada, de modo que não podemos ter certeza de que ela não foi um acréscimo realizado por Myles Coverdale, a serviço do rei inglês Eduardo VI, neto de Henrique VIII, desejoso de estabilizar a religião anglicana fundada anos antes.

²⁹⁴ Elias vive e os outros sacerdotes morrem, por sua vez os apóstolos além de perseguidos, também morrem

Desta forma a questão de lei universal da perseguição dos escolhidos de Deus se reforça, indo até mesmo para o antigo testamento, desta forma, dando a ela, um caráter de lei imutável do universo, quase que uma fórmula escolhida por Deus para agir com os seus escolhidos. Obviamente, se isso é uma constante em todo o texto sagrado, então não poderia deixar de ser verdade mesmo em épocas posteriores, como a que ele vivia.

Mas será que essa teoria realmente tem fundamento? Será que Wycliffe não distorceu fatos e tirou texto de contexto para conseguir provar algo útil para si mesmo em sua época, uma vez que já estava sendo perseguido pela Igreja Católica? Analisando diversas outras passagens do antigo e novo testamento podemos fazer uma comparação mais amplas do que a que ele realizou em seu texto, *The Wicket*.

VI.3.A. Personagens da Bíblia

Para iniciar a seleção temos o Abraão, pai do povo judeu, também chamado por muitos autores como *pai da fé*. Após ele José do Egito, personagem chave de como o povo de Israel vai parar no meio da maior nação de sua época. Seguindo a seqüência Moisés, que liberta o povo.

A História de Abraão está inscrita entre os capítulos 12 e 25 do livro de Gênesis. São três os pontos chaves da história. Primeiramente Deus escolhe Abraão²⁹⁵ e lhe ordena que saia do meio de sua parentela e procure por uma terra que lhe é prometida. Continuando a isso temos a aliança entre Deus e Abraão e por fim o episódio de Isaac pequeno sendo levado para ser sacrificado a Deus.

Se há uma perseguição sofrida por Abraão, que justificaria a universalidade dos dois caminhos, essa perseguição não poderia ser feita por pessoas que se dizem seguidoras de Deus, afinal Abraão seria o primeiro dos seguidores (escolhidos) de Deus.

²⁹⁵ Ainda chamado Abrão

Entretanto aparentemente a questão das dificuldades e escolha do caminho mais complicado se mantém. Abraão tem de largar sua cidade, sua parentela e partir rumo ao desconhecido. Por mais que, sendo pastor, pudesse levar parte de seus bens consigo, não há nenhum indício de que ele estaria fazendo uma escolha fácil.

No momento da aliança de Deus com Abraão não temos qualquer indício sequer de que uma escolha tenha sido feita por ele neste momento. Pelo contrário, Deus lhe promete uma grande sucessão e então lhe entrega o sinal corporal que marcaria essa aliança, a circuncisão. Por mais que possa-se argumentar sobre a dor física desta, em momento algum ela se enquadra dos termos de perseguição ou de caminho difícil.

Enfim, no episódio de Isaac, temos uma inversão completa, onde é bastante clara a situação delicada em que Abraão estava colocado. A ordem de matar o seu próprio filho, o qual chegara em sua velhice, sendo o único que tinha com sua esposa, certamente isso pode ser considerado um caminho estreito. Embora não possamos falar em perseguição, uma vez que a ordem foi dada pelo próprio Deus, temos a dificuldade colocada em termos de fé, assim como os exemplos posteriores citados por Wycliffe. Não era uma guerra pela qual ele passava e lhe colocava em um caminho estreito, mas a própria ordem de Deus. Como desfecho da história, Abraão aceita cumprir a ordem e algo impede que ele o mate. Deus então lhe devolve a vida de seu filho. Assim como no caso de Elias, o caminho estreito resultou em dor, mas não em morte.

No caso de José do Egito podemos restringir três momentos principais²⁹⁶ de sua história. A venda cativo para o Egito, a traição da mulher de Putifar e a conseqüente prisão e por fim o perdão dos irmãos.

Obviamente ao ser vendido como escravo para o Egito não temos uma escolha feita por José, mas certamente um caminho intensamente estreito, especialmente ao comprarmos com a figura do “filho preferido” de Jacó. Temos também a perseguição feita por pessoas do próprio povo de Deus, e na verdade as perseguições, de certa forma, eram sim religiosas, sendo que

²⁹⁶ Certamente os sonhos proféticos de José são elementos de intensa importância em sua história, entretanto eles não se remetem a momentos em que decisões tiveram de ser feitas e os mais importantes referiam-se a acontecimentos alheios a si próprio, como a seca no Egito e a libertação/morte dos funcionários do Faraó.

surgem por causa do sonho profético que José teve. Tendo assim um ponto de ligação bem forte com a questão dos dois caminhos.

No que se refere às tentações de Zuleica²⁹⁷ temos uma escolha feita por José. Os dois caminhos eram, envolver-se com a mulher de seu patrão às escondidas (uma vez que todos os funcionários e o próprio Putifar haviam saído para os festivais) ou negar-lhe uma ordem direta, ser injustiçado e preso. José escolhe o mais difícil deles, simplesmente por fazer o que acreditava ser certo.

Por último, no reencontro dele com os irmãos, provavelmente a passagem mais densa de sua história, temos uma ambigüidade. Facilmente poder-se-ia defender a manutenção da ideia de Wycliffe aqui, uma vez que perdoar aqueles que te venderam como escravo e foram motivo de seu sofrimento, prisão, etc. não é um caminho amplo e de fácil passagem. Ao mesmo tempo, será que condenar seus irmãos à prisão e causar um sofrimento ainda maior para seu pai não seria também um caminho estreito? Portanto a melhor classificação para tal evento seria como dúbio, no enquadramento com a ideia da universidade dos dois caminhos.

Moisés sua história dividida em três períodos bem definidos. O primeiro deles enquanto filho adotivo do faraó, o segundo enquanto pastor no deserto e por fim enquanto líder do povo pelo deserto.

Temos no primeiro momento, como ponto chave, o momento em que Moisés briga com um egípcio que batia em um hebreu e o mata. Depois, ouvindo dois judeus falarem sobre o assassinato, fica com medo que tivesse sido descoberto e foge.

Temos aqui, primeiramente, uma dúvida. Realmente haviam descoberto o corpo do egípcio, já que ele o havia escondido? Seja como for o motivo da fuga de Moisés não foi simplesmente o arrependimento, pelo contrário, foi o comentário que os próprios hebreus fizeram.

Independente disso, temos por claro que entre a escolha de continuar vivendo como filho adotivo do Faraó ou matar um egípcio que nem mesmo lhe fizera mal, somente podemos entender que ele tomou o caminho estreito ao

²⁹⁷ Nome dado à mulher de Putifar segundo o midrash judaico

defender o hebreu. E perseguição, no caso, vem tanto por parte do faraó, como por parte dos outros hebreus.

Vários anos se passam e então Moisés tem seu encontro com Deus, que lhe dá a dura missão de voltar ao Egito, falar com o faraó para que todo o povo fosse libertado. Moisés fica receoso de cumprir a missão, chegando a dizer “quem sou eu para ir ao Egito e falar com o faraó”²⁹⁸ Entretanto, ele acaba cumprindo. Os dois caminhos que estavam diante dele eram, ou continuar sua vida calma, como pastor, seus filhos e sua esposa, ou enfrentar o maior soberano do mundo em sua época e libertar todo o povo. Obviamente Moisés escolhe o caminho estreito, e sofre perseguição por isso. Temos então sobre Moisés uma perseguição dupla, uma por parte do faraó, o que era esperado, e outra por parte do próprio povo hebreu, que receberam tarefas mais pesadas para inibir o povo de seguir a Moisés. Desta forma se cumpre não somente a questão dos dois caminhos, mas também a questão feita pelo povo de Deus.

VI.3.B. Reis de Israel : Poder Secular x Dois Caminhos

Os três principais representantes da monarquia israelita são Saul, Davi e Salomão. A breve análise das principais passagens referentes a esses três reis não deve ser tida apenas dentro da questão dos dois caminhos, mas também referentes ao poder temporal exercido em nome de Deus. Que ocorria tanto na época da monarquia israelita, como no momento de Wycliffe, pela Igreja Católica.²⁹⁹

O surgimento da monarquia em Israel é relatado no primeiro livro de Samuel, do capítulo 8 adiante. Segundo o texto o povo de Israel pede um rei, não aceitando os filhos de Samuel por juízes. O próprio desejo de possuir um rei já é visto como rejeição a Deus³⁰⁰. Samuel alerta que a existência de um rei criaria um poder sobre o povo, de modo a separar súditos de reis. Estes reis teriam diversos poderes, entre eles de cobrar o dízimo, convocar guerra, tomar as melhores terras para si, entre outros.³⁰¹

²⁹⁸ Ex 3, 11

²⁹⁹ Embora o poder secular oficial da Igreja fosse limitado, este ocorria de forma prática e é criticado por Wycliffe em diversas obras, conforme presente no capítulo posterior.

³⁰⁰ I Sm, 8,7

³⁰¹ I Sam 8, 11-18

Apesar da monarquia ser um poder secular, separado do poder religioso, e do próprio Deus e do profeta Samuel discordarem da necessidade de um rei, este é escolhido por Deus através de seu profeta³⁰² e somente após isso é escolhido por sorteio diante do povo³⁰³.

Poucos capítulos adiante Saul cai perante os olhos de Deus e Samuel recebe a ordem de retirar dele a unção, escolhendo um novo rei para Israel, mesmo antes de sua morte. O motivo da queda de Saul perante os olhos de Deus está relatado em I Sm 15, 1-12, especialmente o versículo 9, “*Mas Saul e o povo pouparam Agague, e o melhor das ovelhas e dos bois, e os animais mais gordos, e os cordeiros, e o que melhor havia, guardaram o que era mais luxuoso e destruíram apenas o que era vil*”

O motivo do primeiro rei colocado para liderar o povo, escolhido por Deus e ungido pelo profeta, ter se desviado do que lhe fora ordenado foi a cobiça, o desejo de enriquecer a si mesmo e aos soldados que lutaram com ele na guerra. Embora Wycliffe não cite diretamente esta passagem em *The Wicket*, ele a cita em *O fermento dos fariseus*, colocando a cobiça como uma das principais causas da deterioração dos *Papistas* em sua época³⁰⁴ e coloca tal ato como similar à idolatria.

Temos então, como segundo representante da monarquia israelita, Davi. Ao contrário de Saul, Davi não é eleito através de sorteio, e não tem sobre si a reprovação direta de Deus sobre a existência da monarquia, entretanto é importante ressaltar que no livro de I Samuel, não havia uma crítica ao escolhido de Deus (uma vez que Ele mesmo o escolhe) mas sim à instituição da monarquia, portanto, não havendo nenhum comentário contrário, parece que ocorre apenas uma aceitação por parte de Deus com relação à monarquia, mesmo que o seu primeiro representante tenha lhe desobedecido gravemente.

Davi é ungido duas vezes, a primeira com Saul ainda vivo³⁰⁵ e após sua morte³⁰⁶ e recebe o pedido de Deus para criar uma casa para Ele³⁰⁷. Segundo o texto bíblico Davi enfrenta guerras, mas sem ter recebido ordem de Deus

³⁰² I Sam 10, 1

³⁰³ I Sam 10, 17-27

³⁰⁴ WYCLIFFE, John, “of the leaven of pharisees”, cap 2, parágrafo 8

³⁰⁵ I Sm, 16

³⁰⁶ II Sam 2, 4

³⁰⁷ II Sam 7

para tal³⁰⁸. Entretanto não foi esse o grande motivo da queda de Davi, e sim o seu desejo por Betseba³⁰⁹. Casada com Urias, Davi a toma por esposa enquanto esta ainda estava casada, posteriormente manda seu marido para morrer na guerra.

O confronto de palavras entre Davi e Urias é importante para compreender a questão dos dois caminhos aqui:

Pelo que Davi enviou esta mensagem a Joabe: Manda-me Urias, o heteu. Joabe enviou Urias a Davi. Vindo Urias a ele perguntou este como passava Joabe e como estava o povo e como ia a guerra. Depois disse Davi a Urias: Desce à tua casa e lava os teus pés. E saindo Urias da casa real logo recebeu um presente da mesa do rei.

Mas Urias se deitou à porta da casa real com todos os servos do seu senhor e não desceu à sua casa. Firam-no saber a Davi, dizendo: Urias não desceu a sua casa: Então perguntou Davi a Urias: Não vens tu de uma jornada? Por que não desceste à tua casa?

Respondeu Urias a Davi, A arca, e Israel, e Judá estão em tendas, e Joabe, meu senhor, e os senhor de meu senhor estão acampados ao relento. Como poderia eu entrar na minha casa para comer e beber e me deixar com mulha mulher? Tão certo como tu vives não farei tal coisa.

Então disse Davi a Urias, fica ainda hoje aqui e amanhã te despedirei. Assim Urias ficou em Jerusalém aquele dia e o seguinte. Davi o convidou, comeu e bebeu diante dele, e o embebedou. Mas à tarde Urias saiu e deitar-se em sua cama com os senhor de seu senhor, não deus à sua casa.

Pela manhã Davi escreveu uma carta a Joabe e a mandou por mão de Urias. Escreveu na carta: Ponde a Urias na frente da maior força da peleja, então retirai-vos detrás dele para que seja ferido e morra.³¹⁰

Urias não é simplesmente o marido traído e nem simplesmente aquele que foi enviado à morte traído por Davi. Muito mais do que isso, ele aqui, claramente, representa uma oposição às ações de Davi, desafiando-o quando

³⁰⁸ II Sam 10,1-7 – Os mensageiros de Davi são desonrados e este envia um exército para vingança.

³⁰⁹ II Sam 11

³¹⁰ II Sam 11, 7-15

o encontra. A ordem da construção do Templo havia sido dada pelo profeta Natã a Davi no capítulo 7. Depois disso ele declara guerra aos filisteus³¹¹, aos moabitas³¹², a Hadadezer, rei de Zobá³¹³, aos Sírios³¹⁴, roubou muitos bens dos povos conquistados³¹⁵, traiu aqueles que já haviam se rendido³¹⁶. E como se não bastasse coabitou com uma mulher casada e ordenou que seu marido viesse à sua presença.

Urias, ao negar-se voltar para casa, dormindo do lado de fora em protesto contra o fato da arca ainda habitar em tentas, Judá ainda habitar em tendas e os servos de Jorabe ainda habitarem em tendas. Talvez Urias não soubesse da traição de sua mulher, não há no texto de II Samuel nenhum indício de que ele soubesse, entretanto, ainda assim, ele se opõe a Davi negando-se a voltar à sua casa e a justificativa é a arca ainda estar em uma tenda. Certamente uma crítica ao fato de Davi ao invés de ter cumprido o que realmente havia sido ordenado por Deus, que era a construção de um Templo para guardar a arca, este usurpou o poder que lhe fora dado fazendo guerras diversas e recolhendo ouro, prata e bronze das nações.

Não fica claro se Davi manda matar Urias por este desafio ou pelo desejo de Betseba, embora muito provavelmente uma união das duas. Entretanto, este momento já deixa claro que novamente a cobiça, e desta vez não somente aos bens materiais, mas também o desejo sexual, impelem aquele que representava Deus a agir contra Este, novamente comprovando a ideia dos dois caminhos proposta por Wycliffe.

A questão do desejo sexual é considerado como motivador de queda e pecado daqueles que são representantes estabelecidos para representar Deus, levando estes a rumarem pelo caminho amplo e obrigar o povo a crer que mesmo assim estes continuam na retidão e portanto levá-los ao que é considerado por Wycliffe o pior pecado de todos, a hipocrisia. Em *o fermento dos fariseus*, Wycliffe coloca, logo após a cobiça, o impulso sexual como segundo motivo a levar os *papistas* a cometerem pecados terríveis e utilizarem-

³¹¹ II Sam 8, 1

³¹² II Sam 8, 2

³¹³ II Sam 8, 3

³¹⁴ II Sam 8, 5

³¹⁵ “Os Sírios ficaram por servos de Davi pagando tributos (...) Davi tomou os escudos de ouro que os servos de Hadadezer traziam (...) Davi tomou grande quantidade de bronze de Betá (...) e Jorão lhe trouxe vasos de prata, de ouro e de bronze,” II Sam 8, 4-10

³¹⁶ II Sam 8, 13 “Assim Davi aumentou sua fama e voltou a ferir os sírios”

se da hipocrisia para os esconder, e como consequência a perseguição e morte daqueles que expõe a sua hipocrisia, sob risco de perda deste poder.

*Eles perseguem os homens que ensinam o verdadeiro evangelho, e eles os perseguem pois estes fazem as pessoas verem abertamente os seus erros e que eles mentem e falsamente se escandalizam com as verdades ditas por esses homens (...). Eles dizem ter para si próprios uma castidade de pureza, tanto de seu corpo como se sua mente, mas tanto desejam, como realmente fazem, todo tipo de fornicações e adultérios com as esposas e também com as freiras, chegando até mesmo a matar as mulheres que se levantam contra eles denunciando os seus pecados, assim são dominados por completo pela hipocrisia.*³¹⁷

No caso de Salomão, entretanto, parece que a comparação não pode ser feita de modo tão eficiente, muito embora o motivo deste ter se desviado dos caminhos de Deus tenha sido as suas muitas mulheres e o culto prestado aos deuses destas, não aparece em momento nenhum um “Urias” que desafia Salomão, e nem mesmo a figura de um profeta que vem lhe dar o recado de Deus, segundo o texto este fala diretamente com o rei, sem intermediários³¹⁸. Igualmente não fica claro que um grupo de seguidores de Deus tenha se oposto ao poder real de Salomão, as muitas revoltas que ocorrem não possuem um discurso religioso, embora apareçam coordenadas por Deus.

VI.3.C. Os Profetas e os dois Caminhos

No primeiro livro de Reis, poucos capítulos após a morte de Salomão, temos uma série de profetas levantados para falar contra os seus respectivos reis. É interessante notar que tais profetas não possuem ligação obrigatória com o Templo e nem há uma clareza de uma necessidade com a hierarquia eclesiástica estabelecida na época de Salomão e ligada ao Templo em Jerusalém.

³¹⁷ WYCLIFFE, John, “of the leaven of pharisees”, cap 2, parágrafo 15-16

³¹⁸ I Rs, 11, 11

O primeiro dos profetas, Aías, se levanta a falar contra Jeroboão³¹⁹, entretanto este não lhe dá ouvidos, tampouco Aías ganha grande simpatia do povo ou tem sua história desenvolvida nesta narrativa. Após isso no capítulo 13 do primeiro livro de Reis temos a figura de um homem anônimo, este levanta-se contra Jeroboão, mas é enganado por um profeta à serviço do rei e acaba sendo morto. Nadabe, filho de Jeroboão, é confrontado por Baasa, filho de Aías.

Na figura de seus filhos, o conflito contra o rei continua, e por fim Baasa vence Nadabe e mata toda a casa de Jeroboão³²⁰. Entretanto tão logo faça isso e se torne o novo rei³²¹ ele faz *“o que era mau aos olhos do Senhor e anda(andou) no caminho de Jeroboão, e no seu pecado, com que tinha feito Israel pecar”* I Rs 15, 34.

Então, contra Baasa vem Jéu³²², filho de Hanani. Embora o texto afirma a ascendência de Jéu, não há qualquer citação prévia de Hanani, dando a entender que não fazia parte nem da família dos profetas (de Aías) nem da família real (de Jeroboão). Temos um período de disputa pelo poder até que Acabe se torna rei de Israel, estabilizando o poder político e fazendo a narrativa rumar em um ritmo um pouco mais lento. Contra Acabe levanta-se Elias, cuja única citação feita de sua origem é o fato de ser de Gileade, ou seja, provavelmente não fazia parte de nenhuma família nem sacerdotal e nem real.

Sobre Elias e a comparação dos dois caminhos Wycliffe afirma:

Elias, o profeta, fugindo da fúria explosiva da doentia Jesebel, que era rainha de Israel, reclamou e disse ao Senhor: Os filhos de Israel se esqueceram dos seus mandamentos, eles derrubaram seus altares e mataram seus profetas pelo fio da espada, e agora que estou só querem minha vida, ao que o Senhor respondeu dizendo: Também conservei em Israel sete mil todos os joelhos que não se dobraram a Baal e toda boca que não o beijou. Então, bons cristãos leitores meus, através de minhas preces peço que as pessoas que professam o nome de cristãos não se esqueçam dos mandamentos de do Senhor seu Deus, destruindo seus altares e empenhando seus corações a perseguir

³¹⁹ I Rs 12,15

³²⁰ I Rs 15, 29

³²¹ I Rs 15, 33

³²² I Rs 16, 1

*os puros, profetas e pregadores de Sua palavra. A sua verdadeira igreja ainda não foi extinta e em momento algum será, pois ela sempre será a noiva admirável que o livro da Bíblia fala, e persistirá até os dias do reino do anticristo e sofrerá a grande perseguição da ira e fogo pois não aceitarão o selo do anticristo.*³²³

A associação do caminho estreito com Elias, e da própria figura de Wycliffe com o profeta Elias é muito clara. Primeiramente Elias não possuía uma linhagem sacerdotal, sendo de uma região relativamente afastada de Jerusalém e através do estudo das profecias chega à conclusão de que não iria mais chover em Israel, por causa da desobediência dos mandamentos de Deus³²⁴. Da mesma forma, Wycliffe, que não descendia de nenhuma família real e nem possuía alto cargo clerical, mediante seus estudos e não revelação divina, chegava às suas conclusões e fazia suas pregações. Apesar de Elias estar a serviço de Deus, era perseguido pelo rei de Israel, e por profetas que não serviam a Deus, mas a ídolos, em nome da riqueza e da corrupção causada pelo desejo sexual³²⁵, da mesma forma, Wycliffe, crendo estar fazendo a vontade de Deus era perseguido pelo homem mais poderoso de sua época, o papa, e pelos sacerdotes que serviam não a Deus, mas a ídolos³²⁶. Da mesma forma que Elias teve de se refugiar em uma caverna, Wycliffe teve de abandonar Oxford e ver seus alunos serem mortos, e da mesma forma como ele se sentia solitário, Elias se sentia solitário e dizia para Deus que agora estava sozinho e era perseguido de morte. Entretanto ele, Elias, recebe uma repreensão e consolo de Deus ao mesmo tempo, a lhe dizer que mais

³²³ WYCLIFFE, John, *The Wicket*, apêndice “Para os estudantes e professores da mais sagrada e verdadeira palavra de Deus” – parágrafo 1

³²⁴ O motivo que leva a crer que Elias primeiro fala da seca, apenas por conhecer as escrituras é uma união de dois fatores. Primeiramente o texto de Dt 11, 15-18 – “*Cuidai para que o vosso coração não se engane e, desviando-vos sirvais a outros deuses e vos prostreis diante deles. Então a ira do Senhor acenderá contra vós e Ele fechará os céus para que não haja chuva e a terra não dê seu fruto e cedo desaparecereis da boa terra que o Senhor vos dá. Gravai estas palavras no vosso coração e na vossa alma, atai-as por sinal nas vossas mãos e ponde-as como faixas entre os vossos olhos*” e posteriormente o fato de I Rs 17,1 Elias declarar “*Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos senão segundo a minha palavra*” E somente depois em I Rs 17, 2 aparece: “*E depois viu a palavra do Senhor a Elias*” . Ou seja, a primeira declaração não era de Deus e sim do próprio Elias segundo estudo do que Deus havia prometido anteriormente.

³²⁵ I Rs 16, 31

³²⁶ Tanto em “*fermento dos fariseus*”, “*De Sacramento altaris*” e “*De Pappa*” a idolatria aparece não como o culto a imagem de santos, mas sim o desejo pelas posses mundanas, pelo luxo, pelas grandes construções acima do desejo e Deus, além da idolatria da hóstia, considerada por Wycliffe uma manifestação idolátrica muito pior do que qualquer outra.

7000 não tinham dobrado seu joelho, e da mesma forma como Elias é enviado de volta à Israel para enfrentar os sacerdotes de Baal e se dirigir aos 7000 que não tinham dobrado seus joelhos, também Wycliffe se dirigia aos verdadeiros cristãos, pregadores e profetas da palavra de Deus, e que mantinham seus corações puros.

Temos aqui a imagem de um Elias, dotado ao mesmo tempo de coragem e medo, de um contato intenso com Deus mas de conhecimento das profecias antigas, de uma profunda solidão mas falando a todo um povo, amado pelos verdadeiros adoradores de Deus, mas perseguido pela elite, tanto corrompida em seu poder secular na figura de Acabe, como na figura dos sacerdotes de Baal. Esta imagem é perfeita para explicar a essência da ideia do pensamento dos dois caminhos de Wycliffe. O poder temporal e o poder religioso corrompidos pelo desejo de posse e cegos pela hipocrisia, perseguindo os verdadeiros profetas de Deus e conhecedores das profecias e textos sagrados, ora precisando fugir³²⁷, ora falar, esta imagem parece ligar com intensidade Wycliffe e Elias, e desta forma o povo que não havia se curvado a Baal, com os verdadeiros cristãos que se opunham aos *papistas* segundo o discurso de Wycliffe.

Entretanto, ao ver a origem de tal conceito presente entre os primeiros profetas, e afirmar que tal continuaria e seria a marca da verdadeira igreja, noiva de Cristo, até o final dos tempos, sendo perseguida por não possuir o selo do anticristo³²⁸

Temos na figura do profeta Daniel o último dos grandes profetas do antigo testamento. Uma vez que, segundo o relato bíblico este teria vivido sob domínio de dois impérios politeístas, é fácil compreender que sua fé não era aceita oficialmente e nem tampouco poder-se-ia falar em uma religião institucionalizada em seu período, uma vez que nem mesmo o Templo estaria de pé.

Entretanto Daniel, em seu livro, teria falado sobre o final dos tempos, sobre a ressurreição dos mortos³²⁹. Também está escrito que no período

³²⁷ veja que Elias fuge para a caverna I Rs 19,9, para Sarepta I Rs 17, 9, para Berseba I Rs 19,3 para o deserto I Rs 19, 4

³²⁸ Citando Ap 13

³²⁹ DI 12, 2 – “Muitos dos que dormem no pó da terra ressurgirão, uns para a vida eterna e outros para a vergonha e o desprezo eterno”

anterior a este fim, haveria uma intensa perseguição dos verdadeiros adoradores de Deus, tanto pelos reis que governam o mundo³³⁰, como por aqueles que cultuam não somente aos deuses de seus pais, como a deuses que ninguém nunca antes ouviu falar³³¹.

Wycliffe utilizou, portanto, o livro de Daniel como uma de suas bases para a teoria dos dois caminhos, uma vez que já havia estabelecido que desde os primeiros profetas, o poder real e religioso estava contra o povo de Deus, só faltava estabelecer que até o final dos tempos isso continuaria a acontecer. Embora o livro do apocalipse fosse o principal foco, justamente pela questão da figura do anticristo e da besta, Daniel demonstrava-se uma excelente fonte para provar que essa profecia era mais antiga que o cristianismo e portanto validar sua teoria.

Em *The Wicket*, nas passagens finais, Wycliffe cita;

E nos dias de hoje eles acusam falsamente contra o próprio Cristo ao dizerem que Jesus ao partir o pão e dar aos seus apóstolos teria transformado o pão em si mesmo, assim como os próprios judeus fizeram ao Templo, por um falso entendimento eles cometeram a abominação da desolação³³² conforme havia sido dito pelo profeta Daniel 11 e falado por Mateus 24: ficando no lugar santo, quem lê que entenda. Agora, nós oramos a Deus pedindo para que possamos ser dignos neste tempo mau, pois aos escolhidos será conforme está dito no santo evangelho de Mateus 24. E largo é o caminho que leva à perdição e muitos o seguirão, mas estreito e difícil é o caminho que leva à benção e que este caminho possa ser aberto pelas sagradas escrituras e que nós possamos conhecer qual é a vontade de Deus para que possamos servi-lo e possamos encontrá-lo e receber dele a benção eterna. Que assim seja.³³³

A citação feita do livro de Daniel seria:

³³⁰ DI 10 e 11

³³¹ DI 11, 38

³³² Segundo Matthew George Easton, em seu dicionário bíblico Easton, Abominação da Desolação refere-se a uma construção religiosa a outro deus, criada por Antíoco Epifânio, no Templo judaico. Antíoco Epifânio é rei da dinastia Seleucida, no século II A.C. Essa construção religiosa poderia ser interpretada como um altar ou uma estátua. Entretanto, esse conhecimento não poderia estar presente na argumentação de Wycliffe, que, interpreta a data de criação do livro de Daniel, como século VI AC. Data comumente aceita na Idade Média por ter sido a época de Nabucodonozor citado no livro.

³³³ WYCLIFFE, John, *The Wicket*, - último parágrafo.

Voltará e se dignará contra a Santa Aliança e fará como lhe aprás. Ainda voltará e atenderá aos que tiverem desamparado a santa aliança. Dele sairão uns braços que profanarão o santuário, isto é, a fortaleza, e tirarão o sacrifício contínuo estabelecendo a abominação desoladora. Aos violadores da aliança ele com lisonjas perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e fará proezas. Os entendidos entre o povo ensinarão a muitos, mas cairão pela espada e pelo fogo, pelo exílio e pelo roubo por muitos dias.

Mas caindo eles, serão ajudados com pequeno socorro, e muitos se ajuntarão a eles com lisonjas. Alguns dos entendidos cairão para serem provados e purificados e embranquecidos até o fim do tempo, porque isso será para o tempo determinado. Este rei fará conforme a sua vontade e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus e falará coisas espantosas contra Deus dos deuses, e será prospero, até que a ira se completar, porque aquilo que está determinado será feito.³³⁴

Há duas possíveis interpretações para “santuário”, de um lado o próprio Templo, símbolo de um local sagrado para adoração, onde ocorriam os sacrifícios, e outro, o próprio Jesus, uma vez que em três evangelhos Jesus fala de destruir o Templo e o reconstruir em três dias³³⁵. Mas, segundo a interpretação de Wycliffe, que se utiliza dos relatos bíblicos como se fossem documentos históricos fiéis, na época de Daniel, nem o Templo estaria de pé, nem o segundo Templo teria sido ainda construído. Ao mesmo tempo que não haveria qualquer indício que Daniel pudesse estar se referindo a um messias, tendo em vista que é apenas no capítulo 12 que ele fala de Miguel e do fim da usurpação do sagrado.

Seja como for, Wycliffe se apropria da visão de Daniel para demonstrar que em sua época, a deturpação da imagem de Jesus, de modo que seus ensinamentos, sua prática, enquanto homem andando entre os homens, e seus ensinamentos, conforme escrito nas escrituras, tudo isso estava sendo substituído por um produto, a hóstia, que pretensamente se transformava no

³³⁴ DI 11, 31-35

³³⁵ Mt 26, Mc 14, Jo 2

próprio Jesus no momento da eucaristia. Entretanto a questão mais específica da transubstanciação está em capítulo à parte neste trabalho.

Independentemente da interpretação dada à palavra Santuário, é fato que Daniel, ao colocar no fim dos tempos a profanação do Santuário, isso faz com que, a ideia dos dois caminhos defendida por Wycliffe seja validada por esta profecia, uma vez que, sejam quem fosse que controlaria o santuário nesta época, significasse o santuário o que quer que ele pudesse significar, esses que controlam o sagrado estariam corrompidos, impedindo o sacrifício contínuo de ser realizado, e perseguindo aqueles que realmente tinham o conhecimento da verdade no meio do povo. E estes, do povo, poderiam ensinar a muitos e fazer grandes prodígios, entretanto não conquistariam o poder nem acabariam com a profanação do santuário em tempo algum, ou seja, os verdadeiros adoradores sempre seriam minoria e não teriam para si o poder, mas sempre viveriam na perseguição.

E veja inclusive que Daniel dá algumas das bases para a forma pela qual Wycliffe diz que o poder corrompe aqueles que um dia faziam seus serviços em nome de Deus *“Mas caindo eles, serão ajudados com pequeno socorro, e muitos se ajuntarão a eles com lisonjas. Alguns dos entendidos cairão para serem provados e purificados e embranquecidos até o fim do tempo”*. Serão perseguidos por espada, fogo, exílio e roubo, alguns serão ajudados com pequeno socorro, mas isso fará com que muitos se ajuntem a eles com lisonjas, e quando isso ocorre alguns dos entendidos caem para ser provados e embranquecidos até o fim dos tempos. Ou seja, quando aqueles que eram minoria recebem as lisonjas e muitos se juntam a estes, estes caem para serem provados e purificados. A lisonja cria soberba, conforme Wycliffe diz em *fermento dos fariseus*.

O interessante é que na citada passagem do *The Wicket*, Wycliffe cita Mateus 24, mas logo após isso coloca a passagem dos dois caminhos, presente em Mateus 7. A citada passagem de Mateus 24 e não transcrita no livro é a seguinte:

Acautelai-vos que ninguém vos engane, pois muitos virão em meu nome dizendo: Eu sou o Cristo e enganarão a muitos. Ouvirei de guerras e rumores de guerras, mas cuidado para não vos alarmardes.

Tais coisas devem acontecer, mas ainda não é o fim. Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino e haverá fomes, pestes e terremotos em vários lugares, todas essas coisas porém são o princípio das dores. Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e vos matarão. Sereis odiado de todas as nações por causa de meu nome. Neste tempo muitos se escandalizarão, trair-se-ão mutuamente e se odiarão uns aos outros. Seguirão muitos falsos profetas que enganarão a muitos. E por se multiplicar a iniquidade o amor de quase todos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

Portanto, quando virdes que a abominação da desolação que falou o profeta Daniel, está no lugar santo, quem lê que o entenda. Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes. Quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa. Quem estiver no campo não volte atrás para buscar suas vestes. Mas ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que fossa fuga não aconteça nem no inverno e nem no sábado. Pois haverá então grande aflição como nunca houve desde o princípio do mundo até agora e nem haverá jamais. Se aqueles dias não fossem abreviados nenhuma carne se salvaria, mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias. Então, se alguém vos disser: Olhai, o Cristo está aqui, ou ali, não lhes deis crédito. Pois surgirão falsos Cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fosse, enganariam até os escolhidos. Prestai atenção, eu vo-lo tenho predito, portanto se vos disserem: Olhai, ele está no deserto, não saiais, ou olhai, ele está no interior da casa, não acrediteis. Pois assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. Onde estiver o cadáver aí se ajuntarão os abutres. Logo depois da aflição daqueles dias o sol escurecerá, a lua não dará sua luz e as estrelas cairão do firmamento e os corpos celestes serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória

O texto fala de uma época onde haveriam falsos profetas, falsos Cristos, onde cada um diria que Cristo está em um lugar específico, mas ele não estaria em nenhum destes, mas estaria em todos os lugares ao mesmo tempo e sendo visto por todos ao mesmo tempo como um grande relâmpago. Novamente a ideia de que os que se diziam representantes de Deus através de uma igreja institucionalizada não seriam de fato representantes deste, mas sim os chamados falsos profetas e que indicariam lugares falsos onde se procurar a Cristo, no caso, entre os lugares falsos, certamente também se encontraria a hóstia, conforme vimos com relação ao combate da doutrina da transubstanciação. E então, tanto falsos profetas, como as “nações” perseguirão aos verdadeiros escolhidos. E tudo isso baseando-se no texto de Daniel, que fala das abominações da desolação no Lugar Santo. Ou seja, unindo este texto com o dos dois caminhos Wycliffe demonstra que não seria na religião da maioria, aquela que dizia onde estava a salvação, o modo de encontrar, que dizia onde estava Cristo (no pão e no vinho) que realmente Cristo estaria, pelo contrário, estes seriam somente os representantes da perseguição aos verdadeiros escolhidos. E que essa perseguição continuaria até o fim, e se possível fosse mataria a todos os escolhidos, todos os verdadeiros servos de Deus, mas para que isso não ocorresse esse tempo seria abreviado. Entretanto aqui não há qualquer indício de que tal perseguição deixaria de existir até o final dos tempos. Assim sendo, seja qual fosse a época em que Wycliffe vivia, certamente era anterior ao final dos tempos, assim sendo, certamente, ele ainda vivia tal perseguição dos verdadeiros cristãos e tal corrupção da igreja dominante, no caso a Igreja Católica.

Dentre os profetas, talvez o mais importante seja Isaías, ou pelo menos o que nos legou o maior livro de profecias. Não são muitas as referências que Wycliffe faz diretamente ao livro de Isaías, mas algumas parecem ser de grande importância.

A Bíblia não dá muitas informações sobre o próprio Isaías, a não ser que ele era *“um homem de lábios impuros que habita no meio de um povo de impuros lábios”*³³⁶, mas seu livro já começa com a colocação, citando Deus: *“criei filhos, e os engrandeci, mas eles estão revoltados contra mim”*³³⁷ e pouco

³³⁶ Is 6, 5

³³⁷ Is 1, 2

mais adiante *“teus príncipes são rebeldes, companheiros de ladrões, cada um deles ama o suborno e corre atrás de presentes, não fazem justiça ao órfão e não chega perante eles a casa das viúvas”*³³⁸ Novamente está presente a ideia de que os que representam Deus, neste caso os príncipes (poder secular), se deixam levar pelo orgulho e pela cobiça e isso os impede de seguir a Deus, enquanto demonstra a preferência de Deus pelos pequeninos, órfãos e viúvas.

O livro então segue em uma série de profecias por mais 66 capítulos, dirigidos a diversos povos, pessoas, falando de um salvador, o messias, que é interpretado pela figura de Jesus para os cristãos³³⁹. Wycliffe utiliza algumas passagens de Isaías em *fermento dos fariseus*.

Geralmente há hipocrisia entre todos os estados de cristãos, pois quando um homem é feito cristão ele renega o diabo e todo o seu orgulho e todos os seus detritos, pois são apenas detritos do pecado. Mas isso faz com que ele se torne presa para o pecado, e este como um cão que caça para seu senhor tenta segurar para si todos os bons cristãos. Alguns fazem grandes penitências pelos seus pecados, e outros lidam com cada um deles internamente, mas renovam para o inferno, como Cristo disse no evangelho e como está escrito no livro de Jó, e muitos fazem penitência corporal, fazendo jejuns severos e demonstram isso sem vergonha, mas outros fazem esse jejum nem por orgulho, nem por inveja, mas erroneamente oram por uma vingança cheia contra seus inimigos, contra a caridade, e isso é hipocrisia tola pois perante Deus ainda estão tão intimamente ligados aos seus pecados como estavam antigamente. Pois como Deus disse a Isaías um homem não deve atormentar sua cabeça e trazer penitência ao seu corpo, apenas isso não é jejum que agrada a Deus, mas o jejum que agrada a Deus é que o homem quebre seu vínculo com o pecado agindo com misericórdia com os pobres e necessitados e é sobre o evangelho de São Mateus por João através de sua boca de ouro, quando um padre vai ensinar abertamente a verdade deve ensinar a

³³⁸ Is 1, 23

³³⁹ É importante lembrar que mesmo nos primeiros séculos temos mais de uma dezena de pessoas que se pretendem messias entre o povo judeu, especialmente próximo à queda do segundo Templo no ano 70DC. Igualmente lembrar que a questão do messianismo não tem nem no livro de Isaías e nem para qualquer corrente de pensamento judaico qualquer relação com ser o próprio Deus tal messias, a não ser em Ezequiel 34, onde é dito que o Senhor tomaria lugar dos pastores, mas sem que isso tenha uma relação direta com o messias ser o próprio Deus e este agindo como pastor.

*verdade sobre a lei de Deus, ou então será um traidor das sagradas escrituras. Pois o homem da lei é obrigado a manter a verdade das sagradas escrituras pois senão será traidor não só de Deus e de sua lei, mas traidor de todo o povo.*³⁴⁰

Wycliffe, por esta citação, dá mais uma peça da sua ideia dos dois caminhos. O motivo pelo qual os cristãos que sobem ao poder acabam se deixando levar pelo orgulho e pela cobiça é que, uma vez que se tornem cristãos, todos, sem exceção, começam a ser perseguidos como presas de um cão caçador, que é o pecado, caçando para o seu senhor, que embora não esteja especificado, provavelmente se trate do próprio demônio.

A forma de se resistir a satanás está explicada no novo testamento, mas não especificada aqui: “*resisti ao diabo e ele fugirá de vós*”³⁴¹ “*mas esse tipo de diabo só pode ser expulso com jejum e oração*”³⁴². Wycliffe cita, sobre a forma de se jejuar e combater o pecado, apenas duas citações obscuras (evangelho e livro de Jó) sem especificar a que evangelho e de qual capítulo ele dizia.

Sobre esta passagem específica *F. D Matew* editor do *The English Works of Wycliffe*, não se pronuncia, igualmente não foi encontrado na bibliografia pesquisada sugestões de passagens específicas. Entretanto, o autor deste presente trabalho, atreve-se a sugerir a origem de tais citações:

O evangelho citado seria o de Mateus³⁴³:

*Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.*³⁴⁴ E a citação do livro de Jó seria: “Os olhos de Deus estão sobre os caminhos do homem vêem todos os seus passos. Não há trevas nem sombra assaz profunda, onde se escondam os que praticam a iniquidade. Pois Deus não precisa

³⁴⁰ WYCLIFFE, John, “of the leaven of pharisees”, cap 10, parágrafo 1

³⁴¹ Tg 4, 7

³⁴² Mat 17, 21 / Mc 9, 29

³⁴³ Wycliffe utiliza-se pelo menos 3 vezes mais do evangelho de Mateus do que dos outros evangelhos, ao menos no que diz respeito às obras aqui selecionadas

³⁴⁴ Mt 6, 16-18

*observar por muito tempo o homem antes de o fazer ir a juízo perante ele. Quebranta os fortes, sem os inquirir, e põe outros em seu lugar. Ele conhece, pois, as suas obras; de noite, os transtorna, e ficam moídos. Ele os fere como a perversos, à vista de todos; porque dele se desviaram, e não quiseram compreender nenhum de seus caminhos, e, assim, fizeram que o clamor do pobre subisse até Deus, e este ouviu o lamento dos aflitos. Se ele aquietar-se, quem o condenará? Se encobrir o rosto, quem o poderá contemplar, seja um povo, seja um homem? Para que o ímpio não reine, e não haja quem iluda o povo.*³⁴⁵

O fato é que Wycliffe deixa claro que não bastava que o jejum fosse feito em sinceridade e não para ser visto perante os homens, mas que além disso o Jejum não poderia ser simplesmente para desejar a punição de outros, ou para que a própria pessoa se sentisse, ainda que em sua intimidade, mais santa que os outros. O Jejum eficiente jamais seria um ato, seja para engrandecer-se perante os outros, conforme Jesus fala no evangelho de Mateus, mas nem tampouco poderia ser um ato para engrandecer-se diante de si mesmo, pois isso em si já geraria orgulho. A única forma de jejum que agradaria a Deus, segundo Wycliffe, é “*é que o homem quebre seu vínculo com o pecado agindo com misericórdia com os pobres e necessitados*”, ou seja, deixar de ter para si, entregando-se aos outros. A única forma de vencer o orgulho não é nem utilizando suas orações e jejuns para engrandecer-se perante os homens e nem tampouco isolando-se dos homens, mas dedicando sua vida a auxiliar os pequeninos, e agindo com misericórdia para com os necessitados.

A citação feita de Isaías é:

Dizem: Por que jejuamos nós e tu não atentas para isso? Por que afligimos as nossas almas e tu não o sabes? Contudo no dia em que jejuais prosseguis nas vossas almas empresas e explorais todos os vossos trabalhadores. Para contendas e debates jejuais, e para ferirdes com o punho iníquo. Não jejueis como hoje, para fazer ouvir a vossa voz no alto. Este é o jejum que Eu escolhi, que o homem um dia aflija sua alma, incline sua cabeça, como junto e estenda debaixo de si saco e cinza? É isto que chamas de jejum e dia aprazível ao Senhor? Não é

³⁴⁵ Jô 3, 21-30

*este jejum que escolhi: que solte as ligaduras do pecado e que desfaças as ataduras do jugo e que deixei livres os quebrantados e despedaces todo o jugo? E vendo o nu o cubras, e não te escondas do teu próximo (...) Então clamarás e o Senhor te responderás, gritarás e Ele dirá, Eis-me aqui, se tirardes de meio de ti o jugo e o estender o dedo e o falar iniquamente e se abrires sua alma ao faminto e fartares a alma dele aflita, então a luz nascerá das trevas e tua escuridão será como o meio dia.*³⁴⁶

A questão não está mais no verdadeiro adorador de Deus ser aquele que se matém humilde e ao pregar a verdade está sendo perseguido por aqueles que dominam a religião e o poder secular, aqui ela vai além disso. Primeiramente Wycliffe estabelece que todos os cristãos, sem exceção, estão sendo perseguidos pelo pecado, e que a forma de se livrar deste pecado é a penitência e o jejum, mas não o jejum para aparecer aos demais, como Jesus já tinha alertado, e nem o jejum que faz com que você se sinta santo, mas citando Isaías, o jejum que se apresenta enquanto tirar de si para dar de sustento aos outros. O inclinar-se para o pobre, o não explorar o trabalhador, mas libertá-lo de seu jugo, o vestir o nu, o não fugir do próximo, mas dedicar-se a ele, apenas desta forma a luz pode ser transformada em trevas, apenas desta forma o pecado pode ser vencido.

Dentro dos dois caminhos então, o caminho largo se amplia e o caminho estreito se torna ainda mais estreito. Seguir a Deus é ser perseguido pelos que controlam o poder secular, pelos que controlam o poder religioso, ser perseguido pelo seu próprio orgulho, sua própria cobiça tentar ser cegado pela sua própria hipocrisia e a única forma de se livrar disso é entregando-se aos outros, dedicando-se aos pequeninos. Não é de se estranhar que a mensagem presente em Isaías tenha esse conteúdo de inversão de valores (do grande parecer pequeno e entregar-se ao pequeno) e ser justamente então, este o profeta a ser utilizado por Wycliffe para propor tal ação. O destruidor sendo destruído e o traidor sendo traído³⁴⁷, as grandes nações serão destruídas mas os desertos se alegrarão³⁴⁸, os palácios serão habitados por animais

³⁴⁶ Is 58, 3-10

³⁴⁷ Is 33, 1-2

³⁴⁸ Is 35, 1

selvagens³⁴⁹, os cegos passarão a ver e os surdos a ouvir³⁵⁰, os que têm mãos fracas e joelhos trêmulos serão fortalecidos³⁵¹, os pobres e necessitados que morrem de sede serão saciados³⁵², os sinais dos falsos profetas serão desfeitos³⁵³, os que não tem dinheiro comprarão e comerão³⁵⁴, os estrangeiros receberão lugar de destaque maior do que o povo de Israel³⁵⁵. Incluindo o fato do messias, quando chegasse ser considerado sem qualquer tipo de beleza, desprezível e desprezado entre os homens, de modo que as pessoas nem conseguissem olhar para ele, e ele, não tendo injustiças, leva as enfermidades e a punição pelas transgressões do povo.³⁵⁶

Certamente as passagens referidas ao messias, citadas em Isaías 53, são atribuídas a Jesus³⁵⁷, e se, conforme cita Wycliffe, Jesus representa a melhor doutrina e a melhor forma de se viver a religião, então em Isaías encontra-se parte da essência do caminho da salvação, o da entrega aos pequeninos, o da não beleza, nem grandeza, nem riqueza, mas o do desprezo entre os homens, o do carregar as enfermidades, sofrer injustiças e ser punido e perseguido por aqueles que dirigem o caminho amplo, que leva à perdição.

Já o profeta Ezequiel, por sua vez, poderia ser a perfeita exceção à regra dos dois caminhos tal qual defendida por Wycliffe, uma vez que ao contrário dos demais há em seu livro uma clareza de sua posição na sociedade, ele era filho de Buzi, o sacerdote³⁵⁸, portanto membro de uma elite sacerdotal e será ele o veículo de comunicação de Deus com o seu povo.

Entretanto Ezequiel é um profeta do exílio³⁵⁹, estando no cativeiro babilônico, após o Templo ter sido invadido e saqueado, inclusive havendo

³⁴⁹ Is 34, 13

³⁵⁰ Is 35, 5

³⁵¹ Is 35, 4

³⁵² Is 41, 17

³⁵³ Is 44, 25

³⁵⁴ Is 55, 1

³⁵⁵ Is 56, 3-7

³⁵⁶ Is 53, 2-9

³⁵⁷ A relação clara entre essa passagem e Jesus é comum em todas as interpretações cristãs do livro de Isaías, muito embora exista uma intensa disputa entre a teologia cristã e a teologia judaica, que argumenta que seria impossível atribuir a Jesus tal passagem. A ressalva desta nota é importante para demonstrar como que, Wycliffe por vezes cria uma linha de pensamento completamente oposta à teologia tradicional católica, também se aproveita de algumas interpretações comuns dentro do meio católico. Veremos mais adiante como que Wycliffe demonstra se preocupar muito mais com a natureza humana de Jesus, quase esquecendo em alguns momentos da ideia de sua natureza divina (embora não a negue) apesar disso, para ele, é tido como verdade absoluta que a referida passagem de Isaías realmente era referente a Jesus,

³⁵⁸ Ez 1, 3

³⁵⁹ Ez 1, 1

incerteza sobre este ter sido completamente destruído ou não³⁶⁰. Assim sendo, mesmo sendo de família sacerdotal, Ezequiel não poderia representar a elite do poder religioso (e certamente não do poder secular) uma vez que agora a religião que imperava era a religião babilônica.

Wycliffe utiliza a profecia de Ezequiel em seu livro *O Clero não pode possuir propriedades*, através da seguinte passagem:

Sendo assim os bispos e também os outros prelados devem ensinar e informar aos lordes para que esses abandonem os seus pecados, e devem habilmente reprovar os padres e curatos sob eles que estes não podem ocupar nenhum cargo no governo secular. O santo profeta Ezequiel disse: se o atalaia ver os inimigos chegarem, e se o povo não for avisado e não puderem se proteger, e os inimigos chegarem e matarem as pessoas, então disse Deus que aquelas pessoas serão mortas por sua iniquidade, mas que o atalaia que deveria ter tocado a trombeta, este será cobrado pelo sangue de todos os que foram mortos. Mas agora, para o entendimento espiritual todos os bispos deveriam agir como atalaias, e deveria ensinar perante todo o povo o modo certo de se viver e agir, ensinando os perigos do pecado. E é por essa razão que os bispos, padres e outros prelados não devem estar envolvidos em cargos mundanos do poder secular, pois esse envolvimento os tornará sonolentos para a aproximação do pecado. E então uma grande prova fará o Senhor sobre os seus atalaias, sejam bispos ou não, que estão dormindo sob a sombra da luxúria da carne, cegos pela sua próprias cobiça das riquezas materiais e tão ocupados em controlar o poder mundano que não poderão salvar nem a si mesmos e nem aos demais. E estes por não terem avisado o povo, terão de pagar o preço com o seu próprio sangue, assim como Cristo fez. E se eles saírem vivos e não admitirem a culpa eles terão admitindo perante Deus serem transgressores de um pecado mortal, assim como está dito em Malaquias: “pois os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento e da sua boca devem os homens procurar a instrução porque eles são os mensageiros do Senhor, mas se eles se desviarem do caminho farão muitos tropeçarem e corromperem a aliança”. Assim sendo é impossível para qualquer homem dizer-se ao mesmo tempo

³⁶⁰ BEERS, Ron & SABA, Nelson, *Enciclopédia Bíblica Ilumina*, v. “Templo de Israel”

mensageiro do mundo e mensageiro de Deus, possuir um cargo de governo secular e ainda se manter como clérigo.

Apesar da incerteza sobre a autoria³⁶¹ deste tratado de Wycliffe, há alguns pontos importantes de serem ressaltados, primeiramente este teria sido um dos primeiros trabalhos dele na língua inglesa, de modo que demonstra a preocupação da separação entre Igreja e Estado, mas ainda não define claramente que o verdadeiro cristianismo não se dava dentro da estrutura hierárquica da igreja católica. Desta forma seria então uma obra anterior à teoria do *the wicket*. Apesar disso já está presente a ideia de que o contato das pessoas com o poder as deixa cegas e sonolentas para a percepção do pecado, e que, por isso, os verdadeiros cristãos deveriam se afastar de cargos relacionados ao poder secular.

Interessantemente Wycliffe utiliza para embasar seu pensamento Ezequiel, o profeta da família sacerdotal, mas que tinha como função justamente alertar o povo sobre as abominações que estavam ocorrendo com o sagrado, em especial a idolatria.

A citação utilizada de Ezequiel é:

Filho do homem, fala aos filhos do teu povo e dize-lhes: Quando Eu fizer vi a espada sobre a terra, e o povo da terra tomar um homem dos seus termos e o constituir por seu atalaia, e ele vir que a espada vem sobre a terra, e tocar a trombeta para avisar o povo, então se alguém ouvir o som da trombeta mas não se der por avisado e vier a espada e o tomar, o seu sangue será sobre a sua própria cabeça.

Mas se o atalaia vir que vem a espada e não tocar a trombeta para avisar o povo, e se a espada vier e levar uma vida dentre eles, esta tal foi levado na sua iniquidade, mas o sangue demandarei da mão do atalaia.

³⁶¹ MATTHEW, F. D. coloca em dúvida que este tratado possa ser atribuído a Wycliffe, uma vez que não há qualquer citação deste ou referência externa do mesmo, entretanto, também salienta que, pela inexistência de uma datação precisa, talvez este tenha sido um dos primeiros trabalhos de Wycliffe o que demonstraria o seu não completo desenvolvimento da dissociação dos “verdadeiros cristãos” com a instituição religiosa controlada pelo papa.

*A ti, filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu pois, ouvirá a palavra da minha boca e lhe darás o aviso de minha parte.*³⁶²

O aviso que Ezequiel deveria dar, a trombeta que deveria ser tocada era referente aos pecados que estavam ocorrendo da profanação das coisas santas de Israel: Os anciãos da casa de Israel, que deveriam zelar pelos costumes e pela lei de Deus, estavam colocando dentro do Templo imagens de animais, acendendo incenso para as mesmas e idolatrando outros deuses³⁶³. Os sacerdotes, mesmo dentro do Templo, diante do altar, estavam de costas para esse idolatrando o Sol³⁶⁴, Deus abandonava o Templo e não habitava mais lá³⁶⁵ que eles precisavam largar o seu coração de pedra e colocar um coração de carne e as leis seriam escritas neste coração de carne e não na pedra³⁶⁶, os profetas estavam fazendo profecias falsas conforme o desejo de seu próprio coração³⁶⁷ deixaram-se corromper pelas riquezas³⁶⁸. Em suma: os sacerdotes³⁶⁹, profetas³⁷⁰ e príncipes³⁷¹ haviam se corrompido.

Ora, ainda que neste texto específico de Wycliffe a ideia dos dois caminhos não estivesse tão clara, a escolha de Ezequiel não poderia ser mais acertada. O profeta que mesmo sendo de uma família sacerdotal fala sobre a corrupção tanto do poder religioso como do poder secular e que os verdadeiros adoradores de Deus seriam preservados e que os justos receberiam o que mereciam, mas entre estes chamados justos não há referências específicas a sacerdotes, profetas ou reis e príncipes.

Wycliffe coloca a necessidade dos prelados não assumirem cargos seculares para que conseguissem ver a espada de Deus se aproximando a alertar o povo como Ezequiel havia feito, mas se o alerta de Ezequiel era justamente contrário aos sacerdotes, aos profetas e aos príncipes, será que de certa forma o entendimento de Wycliffe utilizado no texto de cargos seculares

³⁶² Ez 33, 2-7

³⁶³ Ez 8, 6-12

³⁶⁴ Ez 8, 16

³⁶⁵ Ez 10

³⁶⁶ Ez 11, 20

³⁶⁷ Ez 13, 2

³⁶⁸ Ez 16, 17

³⁶⁹ Ez 22, 26

³⁷⁰ Ez 22,28

³⁷¹ Ez 20, 1

não incluiria a igreja corrompida pelo poder secular e pelo desejo de riquezas mundanas, prazeres mundanos e dita sagrada apenas pela hipocrisia, conforme já vimos nos outros textos?

Na verdade, no corpo do próprio texto *O clero não pode possuir propriedades*, Wycliffe defende que Jesus não tinha posses, que não entregou nenhuma posse aos seus discípulos, mas ordenou que estes andassem sem ouro nem prata³⁷² e afirma que o principal erro da Igreja foi quando o papa Silvestre aceitou que a Igreja tivesse propriedades ao invés de dividirem tudo que tinham entre si conforme faziam os primeiros cristãos³⁷³ e que desta forma eles se tornaram um poder secular e não mais um poder de jurisdição das almas³⁷⁴. Assim sendo, há uma distância muito pequena entre a ideia defendida neste texto e a ideia presente em *The Wicket* ou *Fermento dos Fariseus*, pois em *O Clero não pode possuir propriedades* Wycliffe define que a Igreja Católica, após o papa Silvestre I, não seria mais representante real do poder religioso e sim deveria ser definida como um poder secular, enquanto nas outras obras ele defende que, seja qual fosse a instituição que estivesse no poder religioso, teria se tornado secular e portanto não representaria mais a vontade de Deus e perseguiria os verdadeiros adoradores para manter o seu poder. Para o contexto da baixa Idade Média talvez a diferença seja pequena, mas para um contexto da Idade Moderna, com o surgimento de outras instituições cristãs detentoras de propriedades e muitas vezes até de vinculação com o poder secular, como é o caso da Igreja Anglicana, então poderemos ver que a diferença pode não ser tão sutil.

Vimos que na citada obra de Wycliffe ele ainda faz menção ao texto de Malaquias, sem desenvolver mais este profeta em específico (o último do antigo testamento) é importante ressaltar que ele acusa os sacerdotes de estarem *roubando de Deus*³⁷⁵ por estarem *defraudando o trabalhador, pervertendo o direito da viúva e do órfão e do estrangeiro*³⁷⁶

³⁷² WLYCLIFFE, John, “The clergy may not hold property”, cap 2

³⁷³ WLYCLIFFE, John, “The clergy may not hold property”, cap 6

³⁷⁴ WLYCLIFFE, John, “The clergy may not hold property”, cap 8

³⁷⁵ Mal 3, 8

³⁷⁶ Mal 3, 5

VI.3.D. Jesus e os dois caminhos

O livro *The Wicket* começa com:

Pois enquanto o nosso salvador Jesus Cristo, enquanto andava aqui na Terra, com os seus profetas, que também existiam antes dele, e com os seus apóstolos que estavam com ele e que também continuaram a viver após ele, nos corações e bocas dos quais habitava o Espírito Santo, nos avisou e também nos ensinou que só haviam dois caminhos, um que leva à vida e outro que leva à morte.

Apesar de ser um pequeno texto, há uma série de aspectos importantes de serem ressaltados aqui. Primeiramente Wycliffe coloca Jesus em um período específico de tempo, deixando claro que para ele importa muito mais o tempo em que ele andou aqui na Terra, sem fazer qualquer contestação à natureza divina de Jesus ou à trindade, Wycliffe reforça a importância de olharmos para o tempo específico que ele andou na terra e para o que Jesus fala, embora isso pareça simples é intensamente importante quando vemos, por exemplo, a questão da transubstanciação onde Jesus é visto quase como uma matéria atômica da qual a hóstia era feita após ser consagrada, chegando Wycliffe até mesmo a acusar a igreja católica de estar se rendendo ao aristotelismo e esquecendo as palavras de simples entendimento que Jesus disse.

É de se imaginar que, para qualquer cristão, seja do época que fosse, a vida e ensinamentos de Jesus fossem a base de sua fé, uma vez que o cristianismo se define pela fé em Jesus. Entretanto, a forma pela qual Wycliffe, tanto em *The Wicket* como nas outras obras dele aqui analisadas, encara a imagem de Jesus é relativamente peculiar. Jesus, embora seja encarado como exemplo perfeito de vida, e embora não haja qualquer negação sobre sua natureza divina, Jesus é encarado acima de tudo como um ser humano. Um exemplo humano a ser seguido, mas um humano.

Por exemplo, não temos praticamente nenhuma citação de Wycliffe sobre os milagres realizados por Jesus, na verdade parece que todos os aspectos relacionados à sacralidade de Jesus são dispensáveis dentro do

contexto geral do cristianismo. Wycliffe adota uma postura extremamente racional de compreensão de Jesus enquanto ser humano, poderíamos até dizer de busca de um Jesus humano e histórico (inserido em um período determinado de tempo, como citamos acima). O termo histórico só se torna anacrônico, se formos pensar nas modernas técnicas da historiografia após o século XIX. Por exemplo, para Wycliffe a Bíblia era o principal documento a respeito da vida de Jesus e não caberá a Wycliffe contextualizar quaisquer textos bíblicos, sua datação, sua autoria, etc. Mas excetuando-se o tratamento que ele faz da Bíblia, podemos dizer que, dentro da Bíblia, a técnica utilizada por ele se assemelha muito a de um historiador. Quando trata de elementos sobrenaturais, como os milagres, Wycliffe faz questão de definir que isso é o que as pessoas em volta de Jesus viram e no que elas creram, mas não a afirmar o milagre em si. Além de que, o próprio Wycliffe faz diversas referências contrárias às pessoas se prenderem em milagres: Por exemplo, a obra *Of Dominion*³⁷⁷ Wycliffe alerta que as pessoas não podem se deixar levar pelos milagres apresentados pela Igreja Católica, e que de forma algum a existência desses milagres precisaria estar relacionada à ação de Deus. A argumentação utilizada por ele vem do próprio texto bíblico, onde está afirmado que o próprio anticristo e seus seguidores fariam muitos sinais miraculosos para tentar desviar os escolhidos. Inclusive, em duas de suas obras, *of Prelates*³⁷⁸ e *The Office of curates*³⁷⁹ Wycliffe chega a definir que o clero católico falsificava milagres, contava falsas lendas, apenas para enganar o povo e aumentar seu próprio poder. Dando a entender que praticamente todos os milagres existentes eram falsos (muito embora, ele não nega a sua existência pois não negaria a bíblica como documento verdadeiro e inerrante). Mesmo ao citar a existência dos milagres, Wycliffe dá uma ênfase racional sobre os mesmos, como ocorre na obra *De Officio Pastoralis*³⁸⁰ onde, ao defender a tradução da Bíblia para as línguas populares, Wycliffe cita a passagem do livro de Atos dos Apóstolos, onde estes teriam recebido as línguas de fogo vindas do céu e ganhado o dom de falar nas línguas que as pessoas pudessem entender. Entretanto, ao invés de dar qualquer ênfase ao

³⁷⁷ WYCLIFFE, John, *Of Dominion*, cap 2

³⁷⁸ WYCLIFFE, John, *Of Prelates*, cap 28

³⁷⁹ WYCLIFFE, John *The Office of Curates*, cap 18

³⁸⁰ WYCLIFFE, John *De Officio Pastoralis*, cap 15

milagre, Wycliffe apenas defende que esse mesmo dom continuava agindo na capacidade das pessoas aprenderem novas línguas e na necessidade de utilizar esses dons para a tradução da Bíblia nas línguas populares. De modo que, o feito miraculoso quase vira um “curso intensivo” de língua feito pelos apóstolos e que deveria ser levado adiante até que a Bíblia fosse traduzida em uma linguagem entendida por qualquer pessoa.

Quanto à divindade de Jesus, Wycliffe, por exemplo, não a nega nem a defende, entretanto, raras vezes temos a ênfase na sacralidade de Jesus (e mesmo quando o temos, Jesus aparece como um personagem humano no céu e não como um ente supremo e inumano. O principal ponto a se verificar a respeito da forma como Wycliffe compreendia a divindade de Jesus poderia ser isolado no conceito de trindade, onde Deus seria ao mesmo tempo Jesus, Espírito Santo e Deus (Pai). Entretanto, mesmo nas citações que temos onde Wycliffe fala sobre a trindade, não há afirmações nem favoráveis e nem contrárias a esse pensamento. Por exemplo, a no *The Ave Maria*, Wycliffe defende que todo ser humano possuem uma trindade dentro de si, assim como é a trindade divina, e que essa trindade é composta por: *poder, sabedoria e bondade*,

Portanto, se a ênfase no estudo da vida de Jesus não recai nem sobre o seu aspecto divino e nem sobre os milagres realizados por ele (ou através dele), entre qual é a ênfase dada? Praticamente de forma exclusiva a ênfase dada é nos ensinamentos de Jesus e nas suas ações e atitudes, mais especificamente nas ações e atitudes tomadas por Jesus e que poderiam ser tomadas por qualquer outro ser humano, independente deste possuir ou não atributos divinos. De modo que, segundo Wycliffe, essa ênfase ocorria pois desta forma poderíamos seguir o exemplo de Jesus, seguir suas palavras e suas ações.

Se formos avaliar desta forma, teremos um Jesus que nasce em uma manjedoura, se mostrando pequenino perante os demais. Temos um Jesus que vai ser batizado por João Batista, um profeta que era perseguido pela elite religiosa e política de sua época, tanta que é morto e decapitado. Temos um Jesus que embora pregasse para milhares, tinha um grupo pequeno de seguidores que lhe eram mais fiéis.

A vida de Jesus, segundo Wycliffe, teria sido marcada inteiramente pela dicotomia entre a pregação de quem era realmente Deus em contraposição à elite religiosa de seu tempo. Ao mesmo tempo um exemplo de que nunca se deveria querer institucionalizar ao aumentar o poder de uma religião que fosse feita pelos seguidores de Jesus, uma vez que este, em toda a sua vida, se mostrava submisso e sem poder.

Por exemplo, quando João Batista³⁸¹ quis prestar reverências a Jesus, este não aceitou e se fez inferior a João, pedindo para que este o batizasse e não o contrário. Ou ainda, por exemplo, segundo o evangelho de Lucas³⁸² é o diabo que vai oferecer a Jesus que ele fosse rei de todos os reinos da terra e ele não aceita. Jesus prega, no famoso sermão da montanha, *bem aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e mentindo disserem todo mal contra vós*³⁸³. Ou ainda em ocasião posterior: *Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. Por que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.*³⁸⁴

Jesus, tanto em sua vida, como em sua pregação, estaria alertando as pessoas a não se fiarem nos bens materiais, aceitando sempre a humildade e a sobrevivência com pouca coisa: *Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde os ladrões escavam e roubam, mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde nem traça e nem ferrugem corrói e onde ladrões não escavam nem roubam, porque onde está o teu tesouro aí estará também o seu coração*³⁸⁵. Da mesma forma, Jesus daria exemplo vivendo na pobreza, quando foi entrar em Jerusalém pede que lhe arrumem emprestado um pequeno jumentinho, afirma que não tinha onde repousar sua cabeça e se hospedava na casa de amigos.

Quanto à religião institucionalizada, Jesus praticamente todo o tempo criticava a hipocrisia dos fariseus, pregava contra falsos profetas que viriam: *“acautelai-vos dos falsos profetas, que se apresentam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores”*³⁸⁶. Jesus, durante toda a sua vida pública esteve andando em diversas cidades da Israel, não parecendo dar

³⁸¹ Mat 3, 13

³⁸² Luc 4,1

³⁸³ Mt, 5,11

³⁸⁴ Mt, 20,16

³⁸⁵ Mt, 6, 19-21

³⁸⁶ Mt MT 7,15

muita importância ao Templo em si, centro da religião judaica na época. Como se não bastasse, quando vai ao templo, ataca os que faziam comércio no Templo com um chicote, derramando seu dinheiro pelo chão³⁸⁷. Temos diversas pregações de Jesus contra a prática dos líderes religiosos de sua época, tanto fariseus como saduceus³⁸⁸. No livro de Mateus, capítulo 25, Jesus chega até mesmo a definir que a única coisa que realmente importaria para a salvação da alma seria o auxílio aos pequeninos, dar de vestir a quem está nu, de comer a quem tem fome, etc.

Ao ser preso, Jesus é traído justamente por aquele discípulo que guardava sua bolsa de dinheiro, não permite que os discípulos resistissem à prisão. Primeira é julgado pelo sinédrio, cúpula religiosa em Jesusalém, e posteriormente é entregue ao poder secular para que fosse condenado à morte. Ou seja, até mesmo a morte de Jesus parecia condizer perfeitamente com o modelo criado por Wycliffe e ser uma alusão completa à sua época. A Igreja Católica de sua época, de modo semelhante ao que ocorreu no julgamento de Jesus, também fazia o julgamento na instância religiosa, o tribunal religioso considerava a pessoa culpada e então eram entregues às autoridades seculares para que a punição fosse aplicada.

Da mesma forma que, pelo medo criado pela elite religiosa, os seguidores de Jesus praticamente não apareceram para ver sua condenação, medo este que, inclusive, fez até mesmo Pedro negar Cristo por três vezes, também seria o mesmo medo que calava os “verdadeiros cristãos” que sempre seriam minoria perante uma maioria dominante, como na época de Jesus foi uma multidão assistir sua morte, ou uma multidão pedir a Poncio Pilatos que realmente matassem Jesus. O Cristianismo, desde Jesus, já era uma religião de minoria, perseguido pelas elites religiosas.

Como Jesus disse: Como é estreito e apertado o caminho que leva à vida, e são muito poucos os que conseguem encontrá-lo. Mas como é largo e espaçoso o caminho que leva à danação, e são muitos os que vão por ele. Desta forma vamos orar para que Deus em sua grandiosa misericórdia nos dê força através de sua graça e nos livre da

³⁸⁷ Jo 2, 15

³⁸⁸ Por exemplo, em Mt 16 ou Mt 23

falsidade pelo seu Santo Espírito, e também nos faça fortes em nossa vida espiritual fundamentada na palavra do evangelho, para que não deixemos que os infiéis papistas e apóstatas possam conseguir retirar do meio de nós ninguém com sua fala má e ardilosa, para que possamos passar pela porta estreita, assim como Jesus, nosso salvador passou, e também como seus seguidores passaram, e isso não foi feito na vida de ócio, mas no trabalho diligente, ainda que com grande sofrimento de perseguição e até de morte, mas que desta forma possamos achar o caminho para a vida eterna, assim como ele prometeu quando disse:aquele que procura achará e aquele que pede lhe será dado e aquele que bate terá as portas abertas.

Wycliffe coloca então a questão dos dois caminhos como consequência dos próprios ensinamentos de Jesus, continuidade dos ensinamentos do profetas, e ensinamento este que será continuado pelos apóstolos e guiado pelo Espírito Santo. Ensino este que, segundo ele, não seria simplesmente a forma certa de se servir a Deus, ou traria glórias no céu, ou qualquer outra recompensa, senão seria ele fator indispensável para obtenção da vida eterna, ou seja, da chamada salvação ou obtenção do paraíso.

Também é colocado que apesar deste caminho ser difícil, a maior dificuldade é encontrá-lo, pois apesar de sua dificuldade estar ligada à perseguição e morte, conforme ocorreu com Jesus e com os apóstolos, Wycliffe não questiona a dificuldade de seguir o caminho, mas de o encontrar e para encontrá-lo basta querer procurá-lo, pois quem procura acha, quem souber pedir receberá e quem bater às portas certas estas lhe serão abertas.

O caminho a ser seguido então deveria ser o de imitar a Jesus e a seus seguidores, sendo que certamente estes já haviam trilhado o tal caminho estreito, e mais do que imitar, a tentativa de imitar, uma vez que apesar de ser impossível imitá-lo, bastava querer e pedir, que isso seria feito possível.

E o que impediria isso? A fala má e ardilosa aqueles que vão pelo caminho amplo e espaçoso, tanto ao dizer que aquele caminho é mais fácil, mas como, por terem o poder, perseguem aqueles que não aceitam tal caminho, e desta forma tornam o caminho da vida eterna estreito e apertado. No caso de Wycliffe, ele se refere aos papistas, e no caso de Jesus, ele especifica mais adiante que se tratavam dos fariseus e sacerdotes.

VI.3.E. Os Dois Caminhos e a Institucionalização da Igreja Católica Apostólica Romana

Se a ideia de caminho estreito, de minoria e de perseguição, poderia ser adequada aos primeiros cristãos, certamente algo precisaria ser mudado no discurso de Wycliffe quando chegássemos ao século IV. Especialmente na época do Imperador Constantino e do papa Silvestre I assim como na época de Teodósio I, uma vez que nestes momentos ocorreram mudanças centrais e importantes na história do cristianismo, modificando, em muitos pontos, sua estrutura.. Até 310 o cristianismo sofria amplas perseguições, temos em 311 o Édito de Licínio que diminuía as penalidades aplicadas aos cristãos, em 313 o Édito de Milão, que garantia liberdade de culto aos cristãos, até culminar em 391 a instituição da religião católica como oficial para o Império Romano.

Para Wycliffe justificar a sua teoria dos Dois Caminhos ele precisaria ter uma postura clara referente às atitudes de Constantino, Silvestre e Teodósio. E não temos referências diretas a essas personagens no livro *The Wicket*. Justamente por isso o foco deve ser as outras obras do autor, buscando qual o posicionamento do mesmo mediante tais personagens e ver em que medida este posicionamento está ligado à ideia dos dois caminhos.

Começando pelo próprio papa Silvestre I, temos na obra: “*Porque o Clero não deve possuir propriedades*” um texto relativamente longo falando da *Doação de Constantino*. Embora a historiografia moderna tenha chegado à conclusão que o documento *CONSTITUTUM CONSTANTINI*, tenha sido na verdade forjado na Idade Média³⁸⁹, Wycliffe não tinha posse destas informações e portanto tinha como esta a data da Igreja possuir grande quantidade de propriedades, ou como ele mesmo chega a chamar “bens imóveis”. Apesar deste primeiro documento ser falso, realmente a primeira propriedade da Igreja Católica teria sido a *Domus Latreani* futura Igreja de Latrão, doada no ano de 313 por Constantino, mas a Miltíades, predecessor

³⁸⁹ Especialmente pela passagem: “imperator Caesar Flavius Constantinus in Christo Iesu, uno ex eadem sancta trinitate salvatore domino deo nostro, fidelis mansuetus, maximus, beneficus, Alamannicus, Gothicus, Sarmaticus, Germanicus, Britannicus, Hunnicus, pius, felix, victor ac triumphator, semper augustus, sanctissimo ac beatissimo patri patrum Silvestrio, urbis Romae episcopo et papae” Onde Constantino é colocado como imperador dos Germânicos, Britânicos, Hunos, Godos, o que seria, obviamente um anacronismo.

de Silvestre I. Ainda assim a doação de uma única casa não se assemelha ao documento citado, que teria sido praticamente a doação das terras do Império Romano para a Igreja Católica Romana.

Sobre tal doação Wycliffe cita:

(...) e Cristo ordenou, e confirmou por seus atos, o que o abençoado profeta Elias tinha dito ao recusar os presentes de Naaman após a miraculosa graça que Deus havia concedido a ele. Desta forma para expandir o conhecimento de vocês e causar reflexão eu comparo essa passagem ao caso de Constantino e Silvestre. em ambos os casos havia um poderoso líder secular que passava por grande perigo de morte e em ambos os casos foi feito um milagre por Deus e a graça foi ministrada a eles através destes dois clérigos. Pois Naaman foi curado por Deus através de uma graça ministrada a ele. E Constantino foi curado por Deus por uma graça ministrada a ele por Silvestre de acordo com a história. E ainda há mais uma semelhança, ambos foram curados na água através da sabedoria. Pois foi água que esses dois clérigos usaram para lavar, e foi pela lavagem feita por esses dois Clérigos que a cura foi administrada. Naaman ao ver-se curado proferiu com alegria que daria grandes presentes ao profeta, e Constantino movido pela mesma alegria prometeu a Silvestre presentes seculares em grande quantidade. Mas entretanto, temos aqui uma diferença fundamental. Não foi com sabedoria que Naaman ofereceu presentes a Elias e por isso este recusou os presente e o advertiu. Mas Silvestre ao passar pela mesma situação aceitou o presente e ainda proferiu uma benção mundana sobre Constantino. Tendo ele portanto cedido e sucumbido a todas as lisonjas do líder secular.”

Wycliffe, ao contrapor Elias e Silvestre, demonstra total discordância da mudança de postura do cristianismo vítima de perseguição do século III para o cristianismo a se institucionalizar no século IV. Ele não critica definitivamente a postura de Constantino em querer doar as terras, mas sim a postura de Silvestre em as aceitar. E salienta que isso teria sido fruto de “sucumbir às lisonjas”, ou seja, em última instância ele teria cedido às tentações, teria sido uma ação pecaminosa.

Compará-lo a Elias não foi algo tão absurdo, uma vez que não somente os dois tinham contato com os líderes seculares, mas também viviam em um momento em que havia perseguição, Elias era perseguido, e os cristãos na época de Silvestre eram perseguidos, 3 anos antes desta doação temos 3 papas, em menos de 2 anos (final de 309 a início de 311) por motivo da intensificação da perseguição que ocorrida na cidade de Roma³⁹⁰.

Wycliffe coloca dentro da mesma atitude que ele considera errada Constantino e Silvestre, de modo que temos a ligação da Igreja com o Estado um dos focos de sua crítica, o que é totalmente condizente com a posterior teoria dos Dois Caminhos, uma vez que ao receber posses e se aliar com o Estado, a Igreja deixaria de ser de minorias e perseguida por uma elite, e passaria a se tornar a própria elite, portanto passaria automaticamente a ser corrupta e perseguidora, enquanto os verdadeiros cristãos seriam aqueles perseguidos pela nova instituição criada.

Mas segue-se a isso:

E o grande motivo pelo qual não se poderia aceitar o presente de Naaman é que tal prática seria Simonia. Aquele homem que, após o ocorrido correu atrás de Naaman e pegou os presentes que haviam sido dados em troca da graça ministrada tornou-se simoníaco, pois não entendeu que aquilo que havia sido dado a Naaman era gratuito, ao pegar os presentes aquilo deixou de ser graça mesmo para Naaman. Na verdade ele foi ainda pior pois além de ter muito menos sabedoria que seu mestre e ter cancelado a graça ele também agiu ardilosamente e deixa mais clara a existência de simonia, ao dizer que Naaman deveria dar o pagamento pela graça recebida a ele. É muito claro que se tudo isso era válido para bens móveis, também seria para bens imóveis como no caso de Silvestre. Sendo assim ele pecou de forma muito mais grave do que Giezi havia feito. Pois ele já conhecia as palavras proferidas por Naaman.

Nesta passagem temos uma série de elementos marcantes. Primeiramente Wycliffe ao utilizar o termo “simoníaco” coloca um terceiro elemento na comparação, embora não o cite abertamente, a igreja de sua

³⁹⁰ Marcelo I, Eusébio I e Miltíades, todos papas reconhecidos pela Igreja Católica.

própria época³⁹¹. Este termo era mais cotidiano ao século XIV, e mesmo popularizado pela literatura em língua vernácula, através da *Divina Comédia* de Dante, de modo que afirmar que se Elias tivesse aceitado os presentes ele seria Simoníaco, Wycliffe afirma que Silvestre I, ao aceitar a doação de Constantino teria se tornado Simoníaco, e coloca, portanto aí, na figura de Silvestre I, a origem da simonia dentro da Igreja Católica³⁹².

A segunda colocação importante de Wycliffe aqui é afirmar que caso o presente fosse aceito por Elias, isso cancelaria a Graça. Oras, se a salvação dada por Deus é gratuita, é dom imerecido, logo não faz qualquer sentido que haja qualquer retribuição material por ela. O conceito de graça já está presente nas obras de Agostinho, embora não temos muitos indícios de que ainda fosse amplamente utilizado no século XIV pela igreja católica no mesmo contexto agostiniano, como veremos posteriormente no documento do Concílio de Constança em 1414. Wycliffe portanto não simplesmente traz a questão da simonia à tona, como retoma a importância do conceito de graça enquanto favor imerecido de Deus, colocando tudo em uma mesma situação de ambigüidade.

Por fim temos ainda um terceiro item de comparação a questão dos presentes oferecidos por Naamã à Elias serem presentes móveis, e os oferecidos a Silvestre I eram bens imóveis. A questão da posse de terra é tema central de poder medieval, lembrando que esta não é considerada a priori como bem de troca comercial, e sim como posse de direito hereditário ou por mérito ou concessão. Portanto a posse imóvel seria considerada muito mais valiosa do que qualquer posse móvel, independente do seu valor. Então Silvestre teria incorrido em um erro ao menos duas vezes pior do que Geizi, primeiramente por já saber que a atitude do primeiro era punível e inaceitável, e segundo por ter aceitado não somente bens materiais móveis, mas bens imóveis, que não se consomem com o tempo, e que portanto ainda eram base das posses da Igreja Católica Romana em sua época.

³⁹¹ Embora o termo Simonia fosse pré-existente, referindo-se à passagem de Atos, 8, 18-24, o termo estava em grande uso nos séculos XIII e XIV, tanto que até mesmo Dante em sua *Divina Comédia* ousa colocar os padres simoníacos no oitavo círculo do inferno. Papas como Nicolás III e Bonifácio VIII, recebiam acusação de Simonia.

³⁹² Obviamente essa colocação não seria histórica, uma vez que seria um anacronismo acusar Silvestre I de ser simoníaco, embora o termo já existisse. A importância aqui é perceber que há uma ligação da atitude de Silvestre com a simonia praticada da época de Wycliffe.

Continuando o texto:

Também podemos saber aqui que Silvestre não seguiu o exemplo de Cristo que fugiu quando poderia ter sido feito rei e se escondeu do pecado e assim permaneceu, mas preferiu o caminho de sua própria paixão. Mas Silvestre fez exatamente o contrário, quando lhe sobreveio a paixão ele se escondeu, de acordo com o que a história nos conta. Mas quando chamado pelo poder secular do imperador ou por uma dignidade mundana, ele, de modo algum proferiu qualquer coisa contra o plano sinistro e pecaminoso do imperador, mas covardemente consentiu a essa tolice. E certamente ele nem ameaçado foi de martírio caso se opusesse a essa tolice do imperador. Pois se assim fosse ele teria sido levado a força à presença do imperador.

A questão então começa a tomar um volume ainda maior e mais intenso, uma vez que Wycliffe coloca como elemento comparativo nem os clérigos de sua época e nem Elias, mas o próprio Jesus, sendo este símbolo de exemplo atemporal e perfeito. Notem que uma vez que o foco passe a ser Jesus a teoria dos dois caminhos pode não estar enunciada, mas está completamente aplicada aqui. Jesus teria diante de si dois caminhos o de sua paixão (sofrimento e morte na cruz) e o de ter sido feito rei (que seria considerado pecado), e Jesus escolhe o caminho da perseguição e morte. Já Silvestre I é colocado como uma antítese de Jesus, pois teria fugido do caminho de perseguição, mas ao mesmo tempo aceitado o poder material que lhe era ofertado. O caminho da perseguição e morte é o da salvação, e o escolhido por Jesus, e o caminho das posses materiais e do poder material é o fácil, mas que leva à perdição, e o escolhido por Silvestre, segundo colocação de Wycliffe.

Entretanto Wycliffe mesmo deixa claro que na verdade a questão da perseguição não era nem tão clara para Silvestre, uma vez que este compareceu diante do Imperador por vontade própria e não foi forçado a chegar até ele. Embora Jesus não tenha sido forçado a ir ao deserto e nem tampouco Elias tenha sido forçado a ir para a presença de Naamã, a disposição de Silvestre é colocada como oposta à ideia de que Silvestre pudesse sofrer martírio, mas esta citação não parece ter o mesmo embasamento que as feitas anteriormente. Talvez fosse apenas uma tentativa

de Wycliffe reforçar a questão de que Silvestre escolheu, por vontade própria, as atitudes que tomou, escolher o caminho amplo e da perdição, por pura tentação de poder. É interessante também que aqui no caso Constantino toma forma do *tentador* e é chamado de sinistro e pecaminoso, pois teria sido ele a tentar Silvestre a tal aceitação, em momentos posteriores, entretanto a culpa parece recair mais sobre Silvestre do que sobre Constantino.

Continua o texto:

Como pode um homem fazer exatamente o oposto do que havia sido dito antes? Certamente os presentes que foram dados ajudaram nesta escolha doentia e essa inversão foi perpetuada pelas ordenanças cristãs na sua própria igreja e tem sido ameaça de destruição a cada estado desde então. Isso gera uma confusão total desde então mas isso será remediado. Pois esse homem nunca fez causa de fugir e se refugiar quando foi chamado para tal 'rialto'³⁹³. E o que ele poderia ter aprendido com Cristo que deveria ser o seu mestre que em situação semelhante a dele fugiu e se escondeu.. E se o desconhecimento poderia ser desculpa para o imperador não poderia ser para esse clérigo. Ele deveria saber já que é declarado chefe e que à sua função de chefia pertence a perfeição. que ele nunca poderia ser um Senhor e ainda assim ter sobre si a Sabedoria.. Pois nenhum homem pode fazer qualquer ato maior ou mais grandioso do que fez Jesus.

A acusação aqui feita é focada não somente a Silvestre, mas certamente a todos os simoníacos posteriores, se o erro de Silvestre era maior pois ele já havia visto o exemplo de Elias e Jesus, o que dizer então dos clérigos de sua época que haviam visto o exemplo de Elias, Jesus e Silvestre (enquanto contra-exemplo)? Ao dizer que foram os presentes que ajudaram Silvestre na sua escolha Wycliffe o coloca exatamente ao mesmo nível dos simoníacos. Mas veja que a maior questão aqui é que “*essa inversão foi perpetuada pelas ordenanças cristãs na sua própria igreja e tem sido uma ameaça de destruição de cada estado até então*”. Ou seja, pior ainda do que Silvestre ter errado é o seu erro ter sido perpetuado. A questão de Wycliffe aqui não é com o passado,

³⁹³ O termo Rialto presente aqui parece até o presente momento incompreensível, é possível que tenha sido apenas um erro gráfico.

mas com o presente. E uma vez que ele defenda em *The Wicket* que o cristianismo sempre será de minorias, parece que a questão é muito menos desejar uma reforma da Igreja de modo que esta entregue suas posses aos pobres e passa a se desligar do poder mundano, mas muito mais a justificativa de sua tese de que esta igreja aí presente não era a igreja de Cristo, muito pelo contrário, era a igreja papista, oposta ao verdadeiro cristianismo, que se manteria de perseguição, não institucionalizado, de Silvestre até esses dias, enquanto a Igreja Católica institucionalizada se mantivesse na posição de dominadora e detentora de posses. Veja que ele utiliza o termo “*sua própria igreja*” ou seja, não se trata, a partir deste ponto específico, da igreja de Cristo ou da igreja cristã, mas sim da Igreja de Silvestre I, ou seja a Igreja Papista estaria se formando aqui, segundo os olhos de Wycliffe.

Ele ainda diz que tal fato gera uma confusão geral desde então, mas que será remediado. Ora, a princípio parece que ele se refere a uma reforma na Igreja, mas baseado em tudo o que vimos parece muito mais razoável acreditar que o que será remediado não é a simonia na Igreja Católica, mas sim a questão da *confusão geral*, ou seja, os verdadeiros cristãos poderão ver que aquela igreja formada não é a igreja cristã, mas a Igreja de Silvestre e seus seguidores, e portanto não se confundirão mais quando buscarem o próprio Cristo, ainda que em sua busca sofram martírio e sofrimento, afinal o caminho estreito da salvação é justamente o caminho do sofrimento.

Neste mesmo fragmento citado Wycliffe já se defende de possíveis acusações acerca desta passagem: *E o que ele poderia ter aprendido com Cristo que deveria ser o seu mestre que em situação semelhante a dele fugiu e se escondeu.*” Ou seja, Jesus deveria ser o mestre de Silvestre, mas não era. Se assim o fosse ele teria seguido o exemplo. Se Jesus não era o mestre de Silvestre, quem seria? Não parece haver mais possibilidades que não ou o próprio demônio ou então o próprio Silvestre, em ambos os casos a igreja criada, a igreja papista não seria cristã e estaria sendo utilizada pelo Anticristo. “*E se o desconhecimento poderia ser desculpa para o imperador não poderia ser para esse clérigo.*” Neste momento Wycliffe coloca então o erro de Silvestre superior ao de Constantino, uma vez que o último poderia alegar desconhecimento, mas jamais Silvestre, e o principal motivo para isso era: “*Ele deveria saber já que é declarado chefe e que à sua função de chefia pertence a*

perfeição.” Neste ponto Wycliffe critica a questão da infalibilidade papal, tento portanto fechado em um pequeno excerto quase que o completo de suas críticas à igreja fechando a questão de demonstrar que esta igreja jamais poderia ser a verdadeira igreja cristã: E define Wycliffe: “*que ele nunca poderia ser um senhor e ainda assim ter sobre si a Sabedoria.. Pois nenhum homem pode fazer qualquer ato maior ou mais grandioso do que fez Jesus.*”, e Jesus não foi senhor na Terra. Ou seja, Wycliffe baixa o veredito que a igreja que fosse senhora de terras jamais poderia ser a igreja verdadeira.

É importante ressaltar que Wycliffe não é o único e nem o primeiro pensador medieval a associar o principal marco da corrupção da Igreja Católica e o desvio dos caminhos de Deus como a doação de Constantino. Temos, por exemplo, Levi Ben Abraham ben Haiim³⁹⁴, pensador judeu do final do século XIII e início do século XIV criando um pensamento semelhante a esse, da mesma forma que outros teólogos cristãos.

³⁹⁴ - FALBEL, Nachman – Um estudo sobre um argumento herético na Crítica de Levi Bem Abraham bem Haiim (C.1245 – 1315) ao Cristianismo (M.S. München 58) in *Estudos de História do povo judeu na Idade Média*, p. 41 a 59

VI.3.F. O aumento do poder clerical nos séculos prescedentes a Wycliffe:

Diversos historiadores especializados na história da Igreja Católica definem o período entre 1050 e 1300 uma era marcante para o crescimento do poder clerical, ao mesmo tempo que este, ao se expandir, causa grandes conflitos com o poder secular e o surgimento de poderosas heresias populares. R. W. Southern, em seu *The history of the church – Western society and the church in the middle ages*³⁹⁵ define esse periodo como *A era do crescimento*. Outros autores possuem nome menos pomposos, como Donald Logan³⁹⁶ que se utiliza de *era da crise entre Igreja e Estado* ou mesmo Brian Tiernei³⁹⁷ que produz uma obra inteira com essa titulação. Segundo Nachman Falbel³⁹⁸, os séculos XII e XIII poderiam ser chamados de séculos heréticos, ao considerarmos apenas a história da igreja ocidental.

Segundo Southern uma série de fatores permitiu o avanço e crescimento do poder da Igreja Católica medieval, segundo ele, a maior parte destes fatores, sejam econômicos ou culturais, têm a sua repercussão no mundo político através de uma fórmula simples, *transformar o governante secular o elevando a uma posição quase sacerdotal, ao mesmo tempo que leva o poder religioso a controlar os assuntos seculares e controle do mundo físico*.³⁹⁹ Entre os fatores que permitiriam tal fórmula teríamos o avanço do poder militar, o avanço de um aparato administrativo e legal, a expansão da sociedade medieval além de suas fronteiras, e a definição de uma supremacia clerical.

Cada um destes itens, segundo ele, ocorre tanto dentro dos poderes seculares como dentro da Igreja Católica, exceto o último, onde temos, por parte do poder secular, apenas uma aceitação, mediante a criação, por parte da igreja da imagem de governantes cheios de santidade, para os que aceitassem tal supremacia.

³⁹⁵ SOUTHERN, R. W, *The history of the church – Western Society and the church in the middle ages*, p.

34

³⁹⁶ LOGAN, Donald, *A history of the church in the middle ages*, p.129

³⁹⁷ TIERNEI, Brian, *The Crisis of Church and State 1050-1300*

³⁹⁸ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p. 13

³⁹⁹ SOUTHERN, R. W, *The history of the church – Western Society and the church in the middle ages*, p.

34

Levando em conta a Inglaterra como local principal de nossa observação, uma vez que seja a terra de Wycliffe, temos um avanço importante do poder clerical no ano de 1215. Neste ano temos a escrita da *Carta Inglesa*, que posteriormente no ano de 1297 se tornaria a *Magna Carta*. Neste episódio, o rei João, enfrentando dificuldades na disputa pelo poder com os barões, e após ter se envolvido em disputas com a igreja, acaba aceitando por completo a supremacia papal, deixando o papa Inocêncio III como supremo juiz que deveria julgar a aceitação ou não esta carta. Ou seja, um documento tão importante, que restringia o poder do rei e estabelecia que 25 barões deveriam de certa forma vigiar o rei, seria julgado por uma autoridade que seria superior a qualquer poder secular na Inglaterra, o próprio papa. Sendo esta carta uma questão puramente secular, estabelecia-se assim que o poder secular era inferior ao religioso, mesmo em assuntos seculares.

Wycliffe, sobre essa carta, afirma:

*(...) e a heresia deles é bem conhecida, eses clérigos são heréticos tanto pelo que falam como pelo que fazem, pois eles agem contrariamente à lei de Deus dizendo estar seguindo falsas leis e justificando suas ações por outras leis. Os clérigos do anticristo provaram aqui por várias razões que o rei e os de seu reino reveriam manter essa lei já que o juramente havia sido feito por caridade. Mas aqui eles fazem os homens cristãos acreditarem nisso. Só que nenhuma lei feita por homens ou cartas feitas por homens tem a mais força que a lei feita por Deus e que foi confirmada por Ele em vida, de que vale então uma carta ou uma lei humana que dê poder a esses clérigos? Elas obrigam que os reis e seu reinado tenham de manter as ordens dadas por essa igreja, que distorce a verdadeira ordem de Deus? (...) nenhum homem sábio iria dizer aos lordes que eles deveriam manter uma lei que ofendesse a Jesus Cristo ou desafiar o rei a manter todas aquelas cartas e todas aquelas novas leis que foram feitas sob ordem do papa ou de pessoas que foram compradas por ele.*⁴⁰⁰

⁴⁰⁰ WYCLIFFE, John, *Of dominium*, cap 2

Conforme o poder religioso vai aumentando a superando o poder secular, Wycliffe começa a falar da necessidade do poder secular, mesmo se dirigindo aos reis, de desrespeitarem o poder religioso, pois esse, corrompido, poderia corromper todo o reino. É importante perceber que, de forma contrária ao que havia sido exposto referente ao antigo testamento, onde os reis eram o poder instituído e os profetas aqueles que falavam contra os reis e eram perseguidos, aqui, a situação é inversa, os reis é que estão submetidos aos religiosos, e podem ser perseguidos pelos mesmos. Em ambas as situações Wycliffe usa do argumento de servir a Deus na situação onde o grupo menos poderoso iria agir contra o mais poderoso e acusa o mais poderoso de estar se desviando a vontade de Deus. Sendo assim, segundo Wycliffe, a questão não é uma disputa entre poder secular e poder religioso, onde um ou outro deveria ser superior, mas pelo contrário, a ideia de constância onde, não importa qual desse fosse o maior, seria corrompido, e seria sempre função das pessoas perseguidas voltarem seus olhos para as leis de Deus e não aceitarem a imposição do poder maior institucionalizado.

As afirmações de Wycliffe a respeito dos reis de sua época poderem se apropriar de bens da igreja e lutar contra essas será um dos principais pontos que outros levantarão sobre o pensamento dele. Muito embora, não seja esse o foco de suas obras, como pudemos ver até aqui. Apesar disso, na lista de condenações sofridas por ele no concílio de Constança, aparece mais de uma vez o item:

*Os senhores seculares podem confiscar bens temporais da igreja segundo seu próprio juízo, que normalmente são pecaminosos, pois ele diz que o pecado está no hábito de pecar e não em atos particulares.*⁴⁰¹

Ou então em outra passagem dos atos do Concílio: *“As pessoas podem entregar o dízimo, ofertas ou dar esmolas para os discípulos de Cristo que não são dignos, uma vez que a lei de Deus requeira isso. A maldição ou censura imposta pelos discípulos do anticristo não deve ser temida, mas recebida com alegria. O senhor papa e os bispos e todas as religiões ou os simples clérigos, com os seus títulos de posse perpétua, deviam renunciar tudo isso nas mãos do poder secular. E se*

⁴⁰¹ Condenação de número 17, segundo os Atos do Concílio de Constança

*eles teimosamente se recusarem a tal, eles deveriam ser forçados a isso pelos senhores seculares.*⁴⁰²

Muito embora, Wycliffe, tenha em alguns momentos defendido que cabia aos reis renunciar o poder clerical e assumir para si o completo poder secular novamente, que havia sido usurpado pela expansão do poder religioso, e esse ter sido um dos principais pontos que fez com que ele recebesse auxílio da monarquia inglesa de sua época, não podemos definir em si que Wycliffe definisse uma supremacia do poder secular sobre o religioso, muito pelo contrário, conforme já vimos nas citações referentes aos reis de Israel.

Com relação ao segundo item estabelecido por Southern a respeito do crescimento do poder clerical nos séculos anteriores à Wycliffe, a militarização e as guerras incentivadas pela Igreja, dentre as quais temos as famosas Cruzadas, temos o pronunciamento de Wycliffe em diversas de suas obras.

Muito embora não possamos estabelecer em qual situação Wycliffe está falando especificamente sobre as cruzadas e em quais situações ele se refere a outras guerras criadas e incentivadas pela igreja (uma vez que o termo *cruzadas* não seja contemporâneo a Wycliffe), ele condena as guerras feitas em nome da Igreja em diversas de suas obras, como *Of Prelates*, *Of Clerk Possessioners*, *The Office of curates*, *The order of Priesthood*. e no próprio *The Wicket*.

A principal argumentação contra essas guerras aparece na obra *Of Prelates*, que se refere a ela em seis ocasiões diferentes. O capítulo 9 desta obra dedica-se em grande parte a este tema das guerras. Segundo Wycliffe, os prelados seriam verdadeiros assassinos de almas. Ao mesmo tempo que não ensinariam às pessoas a verdadeira fé, incentivariam que os cristãos agissem de forma completamente contrária à vivência de Jesus, dos apóstolos, fazendo todos os atos que fossem considerados abomináveis e contra a lei de Deus. Enquanto Jesus ensinara a cuidar do próximo, cuidar dos doentes, compartilhar, os prelados incentivariam os homens a matarem seus próximos, fazerem guerras, dominarem e destruírem.

⁴⁰² Condenação de número 41, segundo a lista de Oxford, anexada nos atos do Concílio de Constança

Para fazer com que os homens agissem em nome de Deus de modo completamente oposto ao esinado por Ele, criavam bulas prometendo justamente o oposto do que conseguiriam caso fossem para essas guerras:

Assim também pregam contra o evangelho de Cristo em cada uma de suas palavras ou feitos. Os cristãos deveriam viver a vida de forma sagrada, em caridade, valorizando cada vida com amor, mas pela blasfêmia dos anticristos eles emitem bulas que fazem com que os cristãos matem e pequem na esperança de que fazendo isso eles ganhariam o paraíso, (...) com essas fábulas e mentiras eles induzem os homens ao pecado, ao roubo, a destruir os pequenos, condenam à danação, jogando as pessoas contra tudo aquilo que Cristo disse que elas não deveriam fazer, e faz com que façam isso cegamente enganados por essas heresias contra o evangelho de Cristo, contra sua vida. Assim fazem com que os cristãos matem outros homens, ensinando o oposto do amor e faz com que eles matem suas próprias almas, dizimando almas, adquirindo assim a riqueza dos prelados pelo sangue dos mortos e pelas almas roubadas de Deus e lançadas ao inferno.

Ao falar das bulas que enganam as pessoas, prometendo a elas o paraíso, mas por elas as pessoas chegariam apenas a ter suas próprias almas lançadas ao inferno, Wycliffe está se referindo às indulgências. O papa Urbano II ao convocar a primeira cruzada promete a todos os que lutassem nesta guerra as indulgências, popularmente tido como perdão dos pecados. Promessa essa que garante um número significativamente grande de pessoas dispostas a ir lutar, matar e morrer nesta guerra. Segundo Southern a indulgência após a primeira cruzada começam a ser usadas cada vez com mais frequência, virando uma espécie de “papel moeda” da Igreja, da qual esta se utilizava sempre que precisava que as pessoas cumprissem algo.⁴⁰³

Wycliffe é intensamente enfático ao condenar a convocação das guerras religiosas, declarando que elas seriam opostas ao viver de Jesus, que aceita calado a sua morte, que impede os apóstolos de lutarem para defendê-lo

⁴⁰³ SOUTHERN, R. W., *The history of the church – Western Society and the church in the middle ages*, p. 136

quando Ele será preso, que ensina que se deve amar aos inimigos, que ensina que se deve curar os doentes, vestir os nus, alimentar os famintos, ou seja, sempre atos de amor aos humanos. Entretanto, a Igreja, por essas convocações de guerra, estariam fazendo com que os cristãos enganados estivessem agindo de forma exatamente oposta e contrária a tudo o que Jesus havia ensinado e vivido em sua vida. E que, ao causar tais mortes pela guerra, estariam não somente condenando aqueles a quem eles matavam, mas também os próprios cristãos, uma vez que ao matarem o corpo de alguém na guerra, estavam matando também suas almas as condenando ao inferno.

Wycliffe continua sua argumentação dizendo que a Igreja teria dois motivos para fazer tais guerras, aumentar o seu poder perante os homens e conseguir dinheiro. E esses dois objetivos, que ela realmente estava conseguindo, era regado no mundo material com sangue e no espiritual com almas indo ao inferno. Essas dois objetivos da Igreja também seriam em si opostos ao cristianismo. Primeiramente os ensinamentos de Jesus iriam justamente no caminho oposto ao engrandecimento. Aquele que quiser ser o maior no reino dos céus deveria ser o que mais serve no reino dos homens. Paulo havia ensinado que o importante é que ele diminuísse e Deus crescesse dentro dele. Desta forma a Igreja, além de criar atos abomináveis, os fazia por motivos exatamente opostos aos ensinamentos de Jesus. Com relação ao dinheiro adquirido pela Igreja, a passagem citada é:

*Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas! Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro.*⁴⁰⁴

⁴⁰⁴ Mt 6, 19-24

O capítulo 23 da mesma obra retorna o assunto, reforçando a argumentação já apresentada acima, entretanto apresentando novos argumentos. Enquanto os prelados fazem guerras, e muitas vezes, segundo Wycliffe, vão pessoalmente lutar e matar, eles abandonam os pobres, doentes e famintos que não tem condição de lhes servir como soldados, gerando então mortes de todos os tipos. Mortes das almas dos que lutaram e venceram, mortes do corpo daqueles que perderam na guerra ou dos que, tendo o seu exército vencido, mesmo assim pereceram e por último, morte de milhares de famintos e doentes abandonados pela igreja.

Na obra *Of Clerck Possessioners*, no capítulo 26, Wycliffe fala não somente a guerra contra pessoas de outra religião, mas das guerras provocadas contra pessoas da mesma fé cristã. Que essas guerras muitas vezes são causadas pela própria igreja, quando esta instiga que se ataque um reino cujos líderes estão em desacordo com o poder institucional da igreja, ou então, por vezes, que os prelados incentivem a guerra entre dois senhores, dizendo que a ambos que eles serão auxiliados por Deus, causando morte de ambos os lados, mas lucro material e de poder aos prelados, independente do resultado das disputas.

Na obra *The order of Priesthood*, o capítulo 22 é inteiramente dedicado a questão das guerras incentivadas pela Igreja. Segundo Wycliffe, a Igreja promete o perdão completo dos pecados de quem entrar nessas guerras, incentiva as guerras e por vezes, mesmo sendo simples evitar que elas acontecessem caso desejassem agir como intermediários entre dois líderes cristãos, incentivam ambos a saírem para a guerra e se destruírem, apenas pensando no lucro material que recebem por fingirem que abençoam determinado exército a vencer uma batalha.

Passemos a analisar então a teoria de Wycliffe a respeito da definição dada por Nachman Falbel, a de “séculos de heresias”. Já dedicamos alguns capítulos desse trabalho justamente para comparar as ideias de Wycliffe com outros pensadores heréticos de seu tempo. Desta forma já estabelecemos as relações dos mesmos, por exemplo, com os espirituais franciscanos. Mas o que dizer de outros pensadores heréticos não apresentados em mais detalhes? O que dizer da própria ideia em si da heresia?

Segundo Falbel, o termo heresia designa uma doutrina contrário aos princípios da fé oficialmente declarada, tendo a origem deste termo na palavra grega *hairesis* que significa escolher⁴⁰⁵. Desta forma, para que possamos pensar em heresia precisamos inicialmente de uma fé oficialmente declarada, o que, em si, trás a necessidade de uma instituição e por sua vez uma hierarquia, capaz de definir o que é oficial e o que não é. Ao mesmo tempo necessitamos de pessoas que por livre e espontânea vontade (escolha) decidam declarar ou agir contrariamente a esse ponto de vista oficial.

Vimos que essa definição em si se aproxima muito do que, para Wycliffe, seria, não a heresia, mas o próprio cristianismo verdadeiro, ou, em última instância, a busca verdadeira de Deus (mesmo anterior ao cristianismo, como já vimos). Assim sendo, de certa forma, para Wycliffe, ser cristão é o mesmo que ser herético, uma vez que a religião oficial, não importa qual seja, sempre estará corrompida e começará a perseguir os dissonantes, e estes, por fazerem oposição ao poder instituído, em nome de Deus e imitando a Jesus, estes é que seriam os cristãos verdadeiros.

Uma das características das heresias em geral, segundo Falbel, seria que os críticos sonhavam voltar a um passado que ficara há muito temp atrás, uma linguagem agressiva que seria incompreendida pela religião oficial, pregando a volta do estilo de vida de Cristo e dos primeiros discípulos, pobreza, humildade e caridade, em oposição ao que a Igreja vivia nos séculos XII e XIII⁴⁰⁶. Todos os fatores descritos acima estão presentes não somente nos discursos de Wycliffe, mas na sua própria definição do que é ser o verdadeiro cristão em oposição aos papistas. De modo que não podemos simplesmente declarar que Wycliffe era um herege, o que já está mais do que comprovado pelo tratamento que ele e seu seguidores receberam da igreja, mas podemos definir que ser herético seria, para ele, a essência do que é ser cristão. Vejamos que muitos outros hereges, por mais que pregassem a volta do cristianismo primitivo, criam que isso poderia trazer uma renovação da igreja, sendo aquele um momento apenas onde a instituição estava se perdendo de suas ideias originais, mas que poderia, como um todo, retornar à imitação de Cristo. Entretanto, em Wycliffe temos uma postura diferente, em

⁴⁰⁵ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p. 13

⁴⁰⁶ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p. 14-5

momento algum ele fala de renovação da Igreja ou de mudança na instituição, pelo contrário, ele simplesmente define que para ser um verdadeiro cristão, em todos os tempos e mesmo antes de Cristo, era necessário manter essas características típicas da heresia.

Um dos marcos na luta aberta da Igreja Católica contra a heresia teria sido as execuções em massa praticadas pelo papa Inocêncio III em 1208, na cruzada contra os Albigenses⁴⁰⁷. Este mesmo papa convocou o quarto Concílio de Latrão, e este, em 1215, decretou medidas contra os senhores seculares caso protegessem heresias em seu território, ameaçando-os até mesmo com a perda de seus domínios⁴⁰⁸. Sobre Inocêncio III, Wycliffe fala brevemente em sua obra *of Confession*⁴⁰⁹, dizendo que ele teria criado novas leis, indo em oposição à antiga lei de Deus (referindo-se à confissão e ao perdão dos pecados) mas especialmente associando esse papa e suas ações ao anticristo: enquanto Cristo perdoava, ele acusaria, enquanto Cristo dizia que os que eram servos poderiam chamá-lo, Inocêncio III escravizava, fazendo com que obedecessem suas ordens ou seriam severamente punidos ou mortos, enquanto as pessoas seguiam a Jesus por gostarem dele e por escolha própria, as pessoas seguiam Inocêncio III por medo de morrer. Mas desta forma ao serem escravizadas por ele, estariam agindo contra Cristo.

Um dos marcos do combate da Igreja Católica contra as heresias é a organização do tribunal inquisitorial por Gregório IX e em 1229, no Concílio de Toulouse, foi criado oficialmente o Tribunal do Santo Ofício. Este ficou sob controle dos dominicanos, cabando a eles a tarefa de legislar e condenar os heréticos, os entregando ao braço secular⁴¹⁰. Apesar da inquisição ser o o mais famoso braço de caça às heresias, muitos outros tribunais religiosos se formam em diversas localidades, desligados desta inquisição, que fica predominantemente na França e em Aragão. Wycliffe não cita, em nenhuma de suas obras analisadas, o Tribunal do Santo Ofício diretamente, muito embora fale dos tribunais religiosos com certa frequência. Por exemplo, na obra *How men ought to obey the prelates*⁴¹¹ Wycliffe define que embora os prelados

⁴⁰⁷ Idem, p.17

⁴⁰⁸ Idem, p.17

⁴⁰⁹ WYCLIFFE, John, *Of Confession*, cap.1

⁴¹⁰ FALBEL, Nachman, *Heresias Medievais*, p. 17

⁴¹¹ WYCLIFFE, John, *How men ought to obey the prelates*, cap 1

sejam simoníacos, maldosos, buscam o lucro empobrecendo os demais, embora causem danos e embora sejam considerados lobos por todos os cristãos verdadeiros, como havia ensinado Jesus, embora estejam cegos querendo guiar os outros, embora sejam apenas senhores materiais usando do poder religioso para dominar materialmente o mundo, embora estejam destruindo a família (e a lista continua) ainda assim os homens os obedecem. E essa obediência ocorre pelo medo do julgamento que pode recair sobre eles, julgamento feito pela Igreja Católica, mas que faria que os homens sofressem uma punição secular. Ainda assim, segundo Wycliffe, os homens não deveriam temer os prelados, uma vez que eles, justamente por toda a lista apresentada anteriormente, no máximo poderiam julgar a carne, mas caso esses homens não continuassem a falar as verdades contra os atos dos prelados, então poderiam sofrer o julgamento de Deus. Com essa argumentação Wycliffe admite o poder da Igreja, mas apenas afirmando esse enquanto um poder secular, e desliga por completo o poder da igreja do poder religioso, que, como já vimos, segundo Wycliffe, é espiritual e não material.

Quanto aos dominicanos, que assumem a Inquisição, mesmo não se referindo especificamente à inquisição, Wycliffe faz um julgamento na obra *Tractatus de Pseudo Freris*⁴¹² dizendo que eles não eram seguidores de São Domingos. Sendo enfático, chega a afirmar que caso São Domingos tivesse criado a ordem dos dominicanos ele estaria agindo de forma oposta aos ensinamentos de Jesus, por causar cisões dentro da igreja. Da mesma forma que esta afirmação é feita sobre os dominicanos, Wycliffe também afirma que os franciscanos de sua época não eram seguidores reais de São Francisco, como já vimos.

⁴¹² WYCLIFFE, John, *Tractatus de Pseudo Freris*, cap 3

VI.3.G. Os Dois Caminhos, Avignon e o Grande Cisma do Ocidente

Se o século XIII era o século do crescimento ou então das heresias, o século XIV, ou sua versão estendida (1305-1415) poderia ser o século das turbulências políticas. A Igreja Católica, apesar das contextações heréticas, conseguiu angaria poder de forma nunca antes obtida pela Igreja. Uma gigantesca instituição com tamanho nível de poder temporal gera cobiça e desejo de mais poder. Uma vez que, ao contrário de uma monarquia hereditária, a Igreja possui um sistema de sucessão mais complexo e relativamente menos familiar, temos espaço para grupos opostos disputando a controle da associação. Neste século XIV estendido podemos dividir em dois grupos aqueles que disputam a hegemonia e controle da Igreja, as famílias italianas, que apoiavam a sede do papado em Roma, e as famílias aliadas à França⁴¹³

Desde um decreto do papa Nicolau II, em 1059, a eleição papal estava a cargo apenas dos cardeais e o conclave estabelecido. Segundo Southern, o ato que desejava excluir a influência secular da eleição papal acabou se tornando uma falácia, uma vez que ao invés de tirar a influência secular, apenas substitui a influência na figura de reis ou imperadores, pela influência secular dentro do colegiado dos cardeais, deixando essas eleições tensas, decisivas, mas ao mesmo tempo secretas, dando às mesmas um maior tom de sacralidade.

O motivo de se estabelecer o século XIV estendido começando um pouco tardiamente, em 1305 são as vésperas do papado de Avignon. Em 1296, o papa Bonifácio VIII estava envolvido com uma disputa com Felipe IV da França, também conhecido como Felipe, o Belo. Este, com apoio de juristas civis, buscava reduzir ao máximo o poder papal sobre a França, entre suas medidas encontra-se, por exemplo, o imposto clerical⁴¹⁴. Bonifácio VIII emitiu duas bulas para expandir seu poder sobre a França, Clericis Laicos, que impedia os senhores seculares de taxarem a Igreja, e posteriormente, a famosa

⁴¹³ SOUTHERN, R. W, *The history of the church – Western Society and the church in the middle ages*, p. 154

⁴¹⁴ DAMEROW, Harold, *Avignon Papacy*, in http://faculty.ucc.edu/egh-damerow/avignon_papacy.htm

Bula Unam sanctam, que, como já vimos aqui, defende a unicidade da Igreja, e acima de tudo, a unicidade de controla da mesma, na supremacia de poder do papa.

Quando o papa Bonifácio VIII morre, em 1303, assume o papa Bento XI, que fica no papado apenas 8 meses, provavelmente tendo sido morto por envenenamento. Temos entre os anos de 1304 e 1305 um interregno papal, a disputa entre cardeais franceses e cardeais romanos havia chegado a diversos impasses com relação à sucessão. Enfim, em junho de 1305 Raymond Bertrand de Got, cardeal francês, é eleito papa, apoiado pelos cardeais franceses, assumindo o papado com o nome de Clemente V. Essa eleição papal em si é rodeada de grande tensão⁴¹⁵. Primeiramente o conclave ocorreu em Perugia, a cidade onde oficialmente Bento XI teria morrido, muito embora o cronista da época Giovanni Vilani afirma que ele teria morrido em Nogaret, terra de Guilherme de Nogaret, braço direito de Felipe IV da França. Como segundo ponto o mesmo cronista afirma que, antes da eleição papal, o próprio rei Felipe IV teria sido visto junto a Bertrand, fazendo um voto de fidelidade ao mesmo.

Seja como for, após o conclave e a eleição de Clemente V, este muda-se para França, e posteriormente, em 1309, ordena a mudança de toda a capital da igreja para Avignon. Começando assim, oficialmente o papado de Avignon. Os demais papas de Avignon, em ordem de pontificado, foram:

Clemente V	1305-1314
João XXII	1316-1334
Bento XII	1334-1342
Clemente VI	1342-1352
Inocência VI	1352-1362
Urbano V	1362-1370
Gregório XI	1370-1378

Durante os reinados pontificiais destes papas temos diversas informações relacionadas ao seu luxo, como banquetes gigantescos com

⁴¹⁵ NELSON, Lynn H, *The Avignon Papacy*, in <http://www.the-orb.net/textbooks/nelson/avignon.html>

pratos e talheres de ouro, roupas intensamente luxuosas, festivais inacabáveis, entre outros. Durante esse período intensificou-se a perseguição aos hereges, temos, por exemplo, a condenação do Espirituais Franciscanos, o combate à ordem dos templários, perseguição maciça aos cátaros no sul da França⁴¹⁶, e, como já vimos, as primeiras reprimendas contra as ideias de Wycliffe, feitas por Gregório XI.

Temos na figura de Gregório XI o começo da tentativa de retorno para Roma, que iria causar o Grande Cisma do Ocidente. Apesar disso, não podemos ver um enfraquecimento do papado, pelo contrário, o papado se tornou tão poderoso que, sendo intensamente mais disputado, quase como uma cabeça imperial, permitia disputas internas e guerras civis.

Após assumir o papado em 1370, apoiado pela monarquia francesa, como os papas anteriores, ele desejava expandir seu poder sobre a região mais oriental, especialmente após desavenças dos papas anteriores com a região da Itália e do Sacro Império. Entretanto, a expansão de seu poder na Itália e utilização de força militar para expandir seus domínios nesta região geraram uma guerra um pouco mais complexa do que o esperado. Florença e Milão se unem em 1372, em disputas contra Gregório XI. Várias outras cidades que haviam sido recém conquistadas pelo papado e integradas aos Estados Pontifícios se unem à aliança de Florença e Milão, como Bologna, Perugia, Orvieto e Viterbo. A resposta do papa Gregório XI foi a maciça excomunhão de todos os que estivessem envolvidos nesse levante, bem como a excomunhão da cidade inteira de Florença e um bloqueio à mesma. Também foi ordenado a retenção de todos os bens de todos os florentinos por toda a Europa. Essa medida entretanto causou furor de banqueiros em Avignon, de modo que o próprio rei francês, Carlos V, resolve desrespeitar tal bloqueio. Roberto de Geneva, futuro antipapa Clemente VII, lidera o exército de Gregório XI, avançando sobre a aliança das cidades italianas, vencendo os revoltosos.

É então que o papa Gregório XI resolve mudar a sede do papado de volta para Roma, garantindo a consolidação de seu poder na região mais oriental, com foco em Roma e mais próxima ao Sacro Império, ou talvez, em menor escala, por ver que o próprio rei francês havia desrespeitado a sua

⁴¹⁶ http://en.wikipedia.org/wiki/Avignon_Papacy

ordem de bloqueio, muito embora não tenha feito nenhuma sanção oficial ao mesmo.

A vinda do papa para Roma foi tensa, tendo passado por pessoas sendo misteriosamente envenenadas, naufrágio, até que ele tenha chegado com segurança em Roma em 17 de janeiro de 1378, entretanto, dois meses após sua chegada, ele morre, em 27 de março do mesmo ano. Provavelmente tenha sido envenenado. Após sua morte, começa uma grande pressão do povo romano para que logo se fizesse um conclave em Roma. Deste conclave foi eleito o papa Urbano VI. Entretanto, os cardeais franceses retornam a Avignon, sob comando de Roberto de Geneva, e com apoio do rei francês elegem Roberto como papa, passando este a assumir o título de Clemente VII.

Começa então, em 1378, o Grande Cisma do Ocidente, onde duas linhagens papais independentes serão formadas. Um grande número de reinos se aliará a cada um destes papas, de modo que a linhagem e o poder pontifical de cada um deles irá sobreviver após sua morte em novos conclaves, cada um deles se dizendo legítimo. Por mais que oficialmente, após o fim do Cisma, a Igreja Católica declare que os papas de Roma eram os oficiais e os papas de Avignon na verdade eram *antipapas*, tal declaração só é possível pois, no final das contas, no concílio de Constança, que dá fim à cisão, o lado romano acaba vencendo e pouco a pouco continua a perseguição de destruição dos papas de Avignon (que se mantém em uma linhagem mesmo após o Concílio de Constança) Caso contrário certamente os papas da linha romana é que seriam chamados de antipapas.

Abaixo há uma pequena tabela demonstrando as alianças feitas em torno de cada papa:

Papado de Avignon	Papado Romano
França, Aragão, Castela, Leão, Chipre, Burgúndia, Savóia, Náples e Escócia.	Dinamarca, Inglaterra, Flandres, Sacro Império, Hungria, cidades Italianas ao norte dos Estados Pontifícios, Noruega, Polônia e Suécia

Desta forma temos também duas linhagens papais diversas

Papado de Avignon	Papado Romano
Clemente VII (1378-1394)	Urbano VI (1378-1389)
Bento XIII (1394-1423)	Bonifácio IX (1389-1404)
Clemente VIII (1423-1429)	Inocência VII (1404-1406)
Bento XIV (Bernard Garnier) 1424-1430	Gregório XII (1406-1414)
Bento XIV (João Carrier) 1424-1437	Martinho V (1417-1431)

Tornando a situação um pouco mais complexa, temos em 1409, o concílio de Pisa, que tentava acabar com a divisão, e para que isso ocorresse, declararam que tanto Bento XIII como Gregório XII eram antipapas e elegeram um novo papa, Alexandre V, que fica no pontificado menos de um ano, provavelmente tendo sido envenenado, mas é sucedido por João XXIII. Alexandre V e João XXIII são conhecidos como papas de Pisa, um terceiro grupo vigente durante o cisma. Embora tenha sido João XXIII quem convoca o Concílio de Constança, que porá um fim na divisão, conforme veremos no capítulo referente à Jan Hüs, João XXIII é feito prisioneiro durante o concílio, foge de Constança, volta posteriormente mas sem poderes e é declarado anti-papa. O Concílio de Constança acaba escolhendo o lado romano, declarando todos os papas de Pisa e de Avignon (durante o cisma) como antipapas. Apesar disso Bento XIII, de Avignon não se rende, mesmo tendo sido expulso de Avignon continua tentando agrupar poder para si, após sua morte há outros conclaves, inclusive com a eleição de duas pessoas diferentes que tentam assumir o pontificado de Avignon com o título de Bento XIV.

Wycliffe viveu durante o papado de Avignon e chegou a ver o início do Cisma do Ocidente, muito embora não possa ter acompanhado o desenrolar a história. Como todos esses acontecimentos se encaixam, então, dentro da sua teoria dos dois caminhos? Aparentemente uma igreja que está tão tomada por poder temporal que se perde em disputas internas, mortes, assassinados e até uma espécie de guerra civil de décadas parece ser algo que só viria a fortalecer a ideia dos dois caminhos de Wycliffe, indicando que a Igreja institucional em momento algum poderia ser a verdadeira.

Muito embora Wycliffe tenha participado ativamente de algumas disputas entre o papado e a monarquia inglesa, como por exemplo em 1366, quando o papa Urbano V tenta criar novos impostos sobre o rei da Inglaterra, sob o pretexto de que este era seu vassalo. Neste caso Wycliffe, presente no debate, defende a pobreza da Igreja e declara que o único título que talvez permitisse ao papa ter poder sobre a Inglaterra era ser *Servo dos Servos de Deus*, mas que neste caso seria necessário perceber que o papa estivesse dando auxílio material ou espiritual aos ingleses, o que, segundo Wycliffe, não acontecia⁴¹⁷. Apesar de participações como essa, não vemos, nas obras inglesas analisadas, uma tentativa de impor sobre o papado de Avignon ou sobre o Cisma do Ocidente um peso maior do que ele coloca sobre o papado em si, mesmo antes do século XIV.

A principal afirmação que Wycliffe faz sobre o papado de Avignon está presente em *De Officio Pastoralis*, e não se refere a um papa específico desta época, mas a todo o papado de Avignon em si.

*Cristo não possuía exatamente posse nenhuma, ele declara que não tinha nem mesmo onde repousar sua cabeça, mas os homens dizem que esse papa tem mais da metade do império, com orgulho e com pompa. Cristo era o mais fraco e o mais humilde dos homens, ele usava apenas um pano para cobrir seu corpo e lavava os pés dos discípulos, como o evangelho de João nos fala. O papa, sentado em seu trono, faz com que os lordes beijem seus pés. Cristo ia andando a todos os lugares, pregando o evangelho e auxiliando os pobres, o papa, more em Avignon ou não, faz exatamente o contrário. Então, ele age de forma contrária a Cristo, sendo o anticristo, ele é abertamente o anticristo. E se ele pretende ser muito grande e poderoso, sendo uma grande montanha, ele será uma montanha que esconde a luz do sol, que é Cristo, esconde suas leis e não O deixa brilhar. Mas a graça de Deus ajudará os homens a se librem destas montanhas e fazer a luz de Deus continuar sendo conhecida, e Deus continuará a nos ajudar aqui a pregarmos sua leis livremente. Amém.*⁴¹⁸

⁴¹⁷ WYCLIFFE, John, *The English Works of Wyclif*, p. VI-VII

⁴¹⁸ WYCLIFFE, John, *De Officio Pastoralis*, cap 32

A data de produção de tal obra é incerta. Dr Lechler⁴¹⁹ define sua data próxima a 1377, ou seja, pouco anterior ao Cisma, muito embora ao definir que a sede a igreja poderia ser em Avignon ou não, pode significar que a escrita tenha sido no ano posterior ao Cisma, ou ao menos após a mudança do papa Gregório XI para Roma novamente. Seja como for, conforme podemos ver na citação acima, não há partido tomado a respeito de nenhum dos dois lados e nem uma crítica específica ao papado de Avignon, apenas a crítica que já vimos em outras tantas outras a respeito do papado em si.

A aparente negligência de Wycliffe em comentar o papado de Avignon em si ou o Cisma, podem demonstrar que para ele pouco importava assuntos internos de uma outra igreja, que na opinião dele não era somente falsa, mas a própria igreja do anticristo. Isso explicaria o fato de termos muito mais elementos a respeito de Silvestre I ou do século XIII do que do século XIV, uma vez que, na opinião de Wycliffe, o distanciamento da vivência cristã já tinha ocorrido de forma completa nas épocas anteriores à sua, não havendo novidades no desvio do caminho de Deus. De modo que todas as questões que estivessem ocorrendo fossem muito mais políticas do que religiosas, segundo sua opinião. Argumentando isso uma vez que Wycliffe não se nega a cumprir seu papel político de defender a monarquia inglesa contra os avanços da Igreja, muito embora não incluía tais situações de forma específica em seus sermões ou obras populares.

Uma pista que pode comprovar a teoria acima está presente na obra *of prelates*⁴²⁰:

Os prelados muitas vezes roubam nossa terra de muitos de seus tesouros e enviam para estrangeiros ou mesmo para nossos inimigos em outros reinos, trazendo para nós a maldição e heresia, pois eles não estão aqui como funcionários espirituais ou querendo buscar a lei de Deus (...) eles estão atrás de benefícios, privilégios e indulgências, eles pregam a simonia como se fosse lei de Deus e para isso vendem todos os benefícios e bens espirituais a qualquer um que lhes dê outro, para que sejam amaldiçoados por Deus, são tolos heréticos. E às vezes, a

⁴¹⁹ LECHLER, Victor, *Johannis de Wyclif Tractatus de Officio Pastoralis e códice Vindobonensi* cit in *The English works of Wyclif*, p. 405

⁴²⁰ WYCLIFFE, John, *Of Prelates*, cap 25

cúria de Roma é nossa adversária, adversária ao nosso rei e age em favor de nossos inimigos, mas mais estragos eles fazem quando fingem estar aliados ao nosso povo, pois com isso eles nos amaldiçoam com a simonia e ensinando a nós pecado e obediência cega, para que eles tenham mais poder mundano sobre nós nos ensinando fazer o que é errado. (...) sendo inimigos ou aliados eles roubam nosso ouro, nossa terra, nos amaldiçoam com suas heresias e pecados e dizem ter o direito de parar a verdadeira fé aqui.

Segundo Matthew⁴²¹ a data mais provável deste tratado é 1380. Desta forma, posterior ao Cisma.

Wycliffe estabelece aqui que a Cúria romana poderia ou não estar aliada à Inglaterra. Que quando ele não está aliada à Inglaterra, o dinheiro recolhido das igrejas inglesas vai para auxiliar os inimigos da Inglaterra em guerra contra esta, mas que ainda pior é quando a Cúria está aliada à Inglaterra, exigindo obediência cega e praticando suas más ações. Ou seja, o melhor que a Inglaterra poderia fazer era não querer estar aliada à Cúria Romana e de preferência não aceitar que o dinheiro inglês fosse para a cúria para que ele custeasse guerra contra a Inglaterra. Unindo esta à obra anterior temos a certeza de que Wycliffe não apoiava nenhum dos lados no Cisma, muito pelo contrário, pensava que aquele poderia ser um bom momento para cortar relações com ambos.

Oras, toda essa análise reafirma a teoria dos dois caminhos de Wycliffe, uma vez que ele define que a verdadeira igreja sempre seria uma minoria perseguida, então uma vez que a Igreja entrava em um Cisma, e ambos os lados do cisma eram maioria, não faria sentido que Wycliffe apoiasse um dos dois lados, mas, ao contrário, continuar afirmando que a verdadeira fé estaria a margem de uma religião mais poderoso institucionalizada, e neste caso, a margem das duas vertentes diferentes e inimigas da igreja institucionalizada.

⁴²¹ WYCLIF, John, English Works of Wyclif, p.52

VI.3.H. A Teoria dos Dois Caminhos após o Concílio de Constança – Ou “A impossibilidade da Igreja Constitucional em Wycliffe”

A princípio, qualquer tentativa de análise do pensamento de Wycliffe após o Concílio de Constança em 1414-1417 seria, no mínimo um anacronismo. Isso ocorre não somente pela morte de Wycliffe ter ocorrido no século anterior, como pelo século XV ver a morte do seu último grande grupo de seguidores, os hussitas. Entretanto essa pequena parte do presente capítulo apresenta-se, apenas introdutoriamente, como resposta aos questionamentos a seguir.

1 – Se Wycliffe teve uma importância tão grande a ponto de suas ideias se espalharem para diversos reinos, como a Boêmia, na figura de Jan Hüs, França, Sacro Império e Colônia, na figura de Jerônimo de Praga, por que motivo ele é praticamente esquecido algumas décadas após a paz de Augsburg e a aceitação, por parte da Igreja Católica, da existência dos protestantes?

2 – Por que motivo as obras inglesas do Wycliffe, apesar de sua intensa riqueza, não possuem publicações na Inglaterra dos séculos XVI, XVII e XVIII, apesar deste ser um reino protestante e também lar de Wycliffe. Tendo tido apenas em 1880 uma edição recuperando as obras até então perdidas em corpos documentais pouco analisados?

3 – Por que motivo uma obra de extrema importância como *The Wicket* tem apenas duas edições, uma inglesa em 1580 e outra alemã em 1610 e reeditada em 1612? Por que apenas esses dois anos específicos e por que não há nenhuma reedição após essas datas?

4 – Por que motivo, apesar de Wycliffe ter feito extensa contribuição no campo do pensamento cristão, filosofia cristã, estruturação do cristianismo, entre outros, ele é praticamente conhecido apenas pela sua tradução da Bíblia ao inglês, ou em segundo escala, apenas pelas suas obras em latim?

Tais questionamentos, embora muito pertinentes, não eram o foco deste trabalho, uma vez que o foco estava sobre a época de Wycliffe, sua relação com as outras heresias de seu tempo, a resposta da Igreja Católica para ele e a estrutura interna de sua ideias. Uma vez que este não tenha sido o foco

principal, tais questionamentos poderiam ser simplesmente eliminados deste trabalho, sendo tema para outros trabalhos posteriores.

Apesar disso, esta pequena parte final do capítulo analisando a teoria de Wycliffe sobre os *Dois Caminhos*, pretende analisar uma ideia mais profunda na teoria de Wycliffe, que é a impossibilidade da Igreja Institucional. A busca por essa análise se dá pois, talvez, justamente essa impossibilidade em si, inerente às ideias de Wycliffe, não somente no *The Wicket*, mas espalhada por todas as suas obras, é que tenham causado os fenômenos apresentados nas questões acima.

Ou seja, um Estado monarquico Inglês que se firma sobre uma instituição do protestantismo, talvez fosse incompatível com a impossibilidade de uma igreja institucional. Ainda assim, por que motivo houve a publicação justamente do livro *The Wicket* em 1580? Não seria a segunda metade do século XVI uma das datas que indicam justamente o auge do poder monárquico inglês, sendo o anglicanismo e as instituições protestantes intensamente importantes para a estabilidade deste Estado?

Apesar destes questionamentos serem muito mais complexos que a explanação contida abaixo, a respeito da impossibilidade da Igreja Institucional, neste trabalho será apresentado apenas uma pequena introdução a essa questão:

VI.4. A impossibilidade da Igreja Institucional em Wycliffe:

Conforme estabelecido nos capítulos anteriores, John Wycliffe analisou diversos escritores defensores do poder eclesiástico, rivalizou com diversos pensadores, apresentou respostas a questões vinculadas à estruturação do poder papal estabelecido por São Tomás de Aquino. Criou vasta obra que resistiu às perseguições dos tribunais eclesiásticos, formou um grupo de seguidores, escapou ao julgamento e morreu de velhice. Inspirou Jan Hús de forma singular, que por sua vez inspirou Lutero e todo o movimento reformista do século XVI.

A prova de sua influência na sociedade reformista são as edições de seus trabalhos nas línguas inglesa e alemã, justamente nos focos de pensamento protestante, entre o ano de 1570 e 1580. Entretanto uma grande dúvida paira no ar. Por que motivos, um pensador tão importante e que tem seus escritos conservados até o século XVI e suas ideias debatidas, gradativamente cai no esquecimento nos séculos seguintes (em detrimento ao estudo de outros pensadores), não havendo mais nenhuma edição posterior do *The Wicket*, e tendo apenas uma publicação no final do século XIX de seus outros trabalhos de língua inglesa.

O presente capítulo tem como objetivo demonstrar a relação entre o pensamento de Wycliffe, especialmente presente no livro *The Wicket* e na ideia dos *Dois Caminhos* já estabelecida previamente, com uma verdade mais profunda defendida por Wycliffe, que seria a impossibilidade da existência de uma igreja que fosse ao mesmo tempo institucional e legitimamente cristã.

Uma vez que o presente capítulo demonstre que o pensamento de Wycliffe cria base lógica para a impossibilidade institucional da Igreja, não somente como base filosófica, mas como consequência clara de sua linha de pensamento, isso daria material suficiente para compreender ao menos um dos motivos que levou a obra de Wycliffe ao esquecimento, ou quando e muito ele tenha sido lembrado muito mais como tradutor do novo testamento à língua inglesa ou ainda como defensor da separação entre a Igreja e o Estado⁴²².

⁴²² Uma vez que dentro do presente estudo crê-se comprovado que ele teria feito contribuições de igual teor de importância, ou ainda maiores, mas que não foram utilizados nos séculos seguintes.

Apesar do protestantismo separar-se por completo da Igreja Católica, isso não foi feito aos moldes propostos por Wycliffe, e notadamente a igreja protestante também se institucionaliza. Apesar de não haver entre os protestantes um sumo pontífice ou mesmo uma instituição que reúna todos os protestantes, cada grupo separadamente cria uma estrutura hierárquica, dependendo da época e local, mais ou menos ligada ao poder secular, lutando contra esse ou dando base de poder ao mesmo, mas na maior parte das vezes de forma estruturada institucionalmente.

Nesse patamar, caso as ideias de Wycliffe, por mais que tenham motivado o movimento original de oposição ao poder católico e dado base teológica e filosófica, para tal movimento, as mesmas ideias poderiam ser consideradas não adequadas quando o protestantismo começa a ganhar poder e os grupos derivados da reforma começam a se estruturar institucionalmente e hierarquicamente.

VI.4.A. O Sumo Pontificado

No capítulo referente aos dois caminhos, demonstramos como que Wycliffe define o século IV como o começo da institucionalização da Igreja Católica. Essa institucionalização se daria sobre o seguinte tripé:

- A posse de bens materiais por parte desta igreja criada, iniciada a partir da doação de Constantino, primeiramente da Domus Latreani⁴²³, posteriormente de todo o império⁴²⁴
- O Sumo Pontificado, que daria a uma pessoa o poder de julgar acima das demais, passando essa a ser o exemplo de vida, esquecendo-se do exemplo original que seria Jesus.
- Surgimento dos “clérigos de satã” enquanto grupo institucional, hierárquico, comandando pelos prelados, que invertem o que deveriam ser as obras cristãs, fazendo exatamente o oposto, conforme apresentado no capítulo “Ideia do Mal”

Deste tripé dois primeiros itens são mais claros e mais facilmente apontados na história, a basílica de São João de Latrão teria sido recebida em

⁴²³ Que originará a Basílica de São João de Latrão, sede da Igreja Católica até o episódio do papado de Avignon e posteriormente a construção da Basílica de São Pedro no Vaticano.

⁴²⁴ Segundo o documento falsificado *Constitutum domini Constantini imperatoris*

313 e a pretensa data para a doação de Constantino 315. A questão do Sumo Pontificado entretanto é um pouco mais complexa de se datar temporalmente, uma vez que trata-se de um processo mais longo. Ao mesmo tempo que o terceiro item é um tanto quanto vago, tanto em sua definição, como em sua datação.

Antes de iniciar a discussão acerca do Sumo-Pontificado há necessidade da explicação de alguns termos:

Pontificado – termo originado de Pontifex, em latim, que por sua vez origina-se de *pent na língua proto-indo-européia⁴²⁵. A ideia é de ligação entre Deus e os homens, intimamente ligado à palavra religião (re-ligare – restabelecer a ligação entre os homens e Deus). Pontífice, portanto, seria a “ponte” entre Deus e os homens

Sumo Pontificado – Aquele que é o maior dos pontífices, aquele que é capaz de fazer o que os outros pontífices não podem. Portanto, em última instância, o Sumo Pontífice é aquele que realmente estabelece o contato entre Deus e os homens, tendo os outros pontífices como seus auxiliares.

Vigário – Vicarius – Ao pé da letra, aquele que assume o lugar de alguém, que substitui uma determinada pessoa cumprindo o que lhe era designado fazer, portanto cabendo a tradução “servo”.

Vigário de Deus – Vicarius Dei – Aquele que substitui a Deus em sua função, ou mais propriamente “servo de Deus”, que ocupa o lugar de Deus⁴²⁶.

Portanto o primeiro estudo a ser realizado aqui não é sobre a necessidade ou não da existência de um líder supremo para a igreja, ou os poderes que esse líder poderia ou não ter, não se trata de analisar sobre a figura de um sumo-sacerdote, como seria comum, por exemplo, no povo judeu na época da monarquia. Mas sim analisar a figura de uma pessoa que assume a posição de Deus, tendo portanto poder sobre o mundo espiritual e igualmente sendo ele, em última instância, quem faz a ligação entre Deus e os homens, tendo portanto o poder de escolher quem poderá se ligar a Deus ou não, em última instância poder escolher quem será salvo ou não.

⁴²⁵ Ethymology Dictionary, Pontificatus

⁴²⁶ Embora tradução corrente de Vicarius seja “servo” é importante ressaltar que o termo para um simples servo em latim seria *servus*, o termo vigário é um pouco mais complexo, definindo um representante que cumpre a função de alguém, em seu lugar, neste sentido semelhante a servo, ao mesmo tempo sem a conotação medieval de servidão.

Dentro destes parâmetros, temos em Egídio Romano, teólogo cronologicamente próximo a Wycliffe, o principal contraponto a se estabelecer, especialmente em sua obra *De Ecclesiastica Potestate*, escrita entre 1301 e 1302. Egídio Romano é um dos principais expoentes sobre o poder político medieval e sua produção caracteriza não somente uma reflexão teórica sobre o poder da igreja, mas uma reflexão a partir dos diversos conflitos ocorridos durante as décadas em que ele viveu⁴²⁷. Analisaremos aqui fragmentos do livro 2, capítulo 4

Esta é pois a ordem das coisas: O poder do Sumo Pontífice domina as almas, as almas devem de direito dominar os corpos, ou o corpo está mal ordenado quanto àquela sua parte não obedece à alma, à mente e à razão. Já as coisas temporais sujeitam-se aos corpos. Segue-se que o poder sacerdotal que domina todas as almas domina também os corpos e as coisas temporais.

O papa, segundo Egídio Romano, teria tanto poder ao ponto de poder dominar as almas. Assim sendo, por consequência lógica, se ele domina as almas, poderia dominar os corpos e portanto seria dono de tudo o que existe no mundo. Uma vez que entendamos que o conceito de alma está intimamente ligado à “anima” aquilo que dá movimento ao corpo, que controla o movimento do corpo (de forma semelhante ao que hoje em dia poderíamos chamar de mente, além dos atributos comumente conhecidos por alma, até o presente). Realmente alguém que pudesse dominar todas as almas de todas as pessoas, dominaria seus corpos e seria dono de tudo o que há na Terra.

Entretanto tal afirmação teológica analisada com pouco mais de cuidado deveria parecer um grande contra-senso. Ainda que se colocasse que o poder espiritual deveria dominar sobre o secular, como seria possível estabelecer que o papa dominava sobre todas as almas? Isso seria o mesmo que ter quaisquer de suas ordens prontamente obedecidas por quaisquer homens mesmo que

⁴²⁷ COELHO, João Paulo Pereira & MELO, José Joaquim Pereira, *O ÂMBITO DA AUTORIDADE DA IGREJA EM EGÍDIO ROMANO*, p.69

este não estivesse presente ouvindo sua ordem. O que dizer então daqueles que não eram católicos? Como explicar então os hereges?

Quando foi dito a Pedro: Tu és Pedro, e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja, a palavra pedra significa Cristo, segundo o Apóstolo: pois a pedra era Cristo, como se Cristo estivesse dizendo: Eu sou a Pedra, e tu és Pedro, desta Pedra e sobre esta Pedra, isto é, sobre mim mesmo edificarei a minha Igreja. Tu, portanto, Pedro, que recebeste o nome de mim, que sou a Pedra, regerás e governarás toda a Igreja sobre mim fundada; tu apascentarás as minhas ovelhas, não estas ou aquelas somente, mas todas universalmente, aos outros apóstolos foram confiadas estas ou aquelas ovelhas, mas a ti foram confiadas universalmente todas as ovelhas sem restrição, sem diminuição. De fato não foi dito a Pedro, apascenta estas ou aquelas ovelhas, mas simplesmente apascenta as ovelhas. Dizemos que são estas as ovelhas, isto é, os cristãos que existem nesta parte do mundo, tira o demonstrativo estas ou aquelas e entenderá as ovelhas, simplesmente cristãos como um todo, e não reduzidos a estes ou aqueles. Assim entendemos que o poder do Sumo Pontífice não pode ser reduzido, não pode ser diminuído, mas existe universalmente sobre tudo e sobre todos.

Para dar continuidade ao seu pensamento Egídio Romano precisou inclusive modificar o texto original que interpretava, usando o termo “como se Cristo estivesse dizendo”. Se Cristo é a própria Pedra, e Pedro agora recebe seu nome de acordo com a Pedra, sobre a qual a Igreja seria fundada, de certa forma Pedro também se tornava tal como Cristo.

Egídio Romano segue de forma meio dúbia, ao mesmo tempo que ele deixa claro que o poder do papa seria universal, sobre tudo e sobre todos, ele também restringe esse poder apenas aos cristãos, como se partisse de uma premissa que todos os seres humanos fossem cristãos. Isso parece plausível uma vez que ele pretendia estabelecer o poder do papa sobre tudo o que existia de material sobre o mundo, e a forma pela qual ele cria tal conexão é dizendo que o papa controlava as almas, as almas controlam os corpos e os corpos controlam as posses. Admitir que havia pessoas que não criam em

Cristo e portanto não teriam suas almas sob controle do papa, poderia ser simples do ponto de vista teológico, apenas dizendo que essas almas estavam marcadas para o sofrimento eterno e com tal punição tida por escolha própria sofriam por não obedecer o papa (tal como, segundo a lógica inicial, um corpo sofreria por não obedecer sua alma, como em um ataque de convulsões, por exemplo). Entretanto isso também abriria precedente para o questionamento de que as posses destas pessoas cujas almas não obedecem ao papa não seriam, portanto, do papa.

Cristo, cujo vigário foi Pedro e a quem confiou o governo da Igreja, deu a ele as chaves da Igreja quando disse: Tu és Pedro, que se diz pedra, isto é, de Cristo, sobre a qual está fundada a Igreja. Se considerar bem as palavras de Cristo de que modo foram entregues as chaves e o governo da Igreja fundada sobre a Pedra, quem poderia dizer que qualquer fiel, tanto segundo a alma como segundo o corpo, como também segundo tudo o que tem, quer sejam coisas temporais, que sejam outras, não esteja fundado sobre Cristo, e quem poderia dizer que qualquer fiel de corpo e alma, segundo tudo que tem não esteja sob o governo de Pedro? Logo as nossas almas, os nossos corpos, as nossas coisas temporais, tudo está sob o governo de Pedro e conseqüentemente sob o regime e governo do sumo pontífice, que se sabe ter sucedido Pedro no poder e no governo da Igreja.

Também nesta citação Egídio Romano usa uma citação livre, excluindo partes de versículos conforme lhe convieram. A citação original seria: “*Bem aventurado és tu, Simão Barjonas, pois não foi carne e sangue quem te revelou, mas meu Pai que está nos céus. E também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus, tudo o que ligares na terra, será ligado nos céus e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus*” (Mt 16, 17-19)

Primeiramente podemos perceber que Egídio Romano deixou de lado o “as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Qual o possível motivo de deixar de lado essa citação? É possível que a menção ao inferno lembrasse

aos leitores que havia uma domínio sobre o qual o sumo pontífice não teria poder? Talvez uma contestação de que o inferno também teria poder sobre as coisas materiais⁴²⁸.

Também na citação feita por Egídio Romano a palavra “chave” está ligada a “da Igreja fundada sobre a pedra”, e junto ao termo chave o termo “governo” não presente no texto original. Entretanto a citação não fala de Igreja, mas sim de “reino do céu”, e tudo o que for ligado por Pedro na terra, será ligado no céu, com igual reforço para o poder de desligar. Ou seja, Egídio tenta reforçar a questão do sumo pontífice ter um poder, e um poder que não era apenas em possuir “a chave do céu” mas sim um poder de governar, e mais do que governar o “céu”, governar as posses presentes na terra.

O papa agora é o mesmo e o sumo pontífice é o mesmo que existiu no tempo de Pedro, assim como o povo romano de agora é o mesmo que existe já há mais de mil anos e também o Tibre é o mesmo rio que existiu desde o princípio. Os homens sim são diferentes, porque os que constituem o povo romano passam e tornam a passar, mas o povo romano continua o mesmo. Assim também a água flui e reflui, contudo o rio romano é sempre o mesmo, porque formalmente é sempre o mesmo, embora não o seja materialmente, porque a água, que é a matéria deste rio, está sempre fluindo e refluindo, e é ora uma, ora outra. (...) Assim também o sumo pontífice é sempre o mesmo, embora nem sempre seja o mesmo homem que constitui esse ofício.

Esta parte é indispensável para ligar o poder que até então está sendo estabelecido na figura de Pedro para a figura do sumo pontífice vigente e qualquer outro papa posterior. A figura de linguagem utilizada por Egídio Romano, entretanto, é no mínimo estranha. Apropriar-se da ideia da água do rio parecia algo bem pensado. Entretanto, por que motivo falar do povo romano? A princípio, sob a visão de um pensador do século XIV, o povo romano seria algo que teria grandes modificações. De um lado na antiguidade o vasto e poderoso império romano, do outro uma cidade sem domínios

⁴²⁸ Segundo diversas citações como 1Jo 5, 19 – “sabemos que somos de Deus e o mundo inteiro jaz no maligno”

imperiais. É importante lembrar que o papado de Avignon ocorre apenas 7 anos após a conclusão deste livro, de modo que Roma ainda era capital da Igreja no momento em que Egídio escrevia tal livro. Apesar disso há outras contradições, o Império Romano, além de poderoso era perseguidor dos primeiros cristãos, agora Roma era a sede da Igreja Católica. Não seria possível a um leitor um pouco mais observador perceber que o povo romano de antigamente não era mais o povo romano de agora e isso colocar em dúvida todo o pensamento de Egídio? Não seria mais fácil ter usado como exemplo o povo francês? Provavelmente a alusão ao povo romano se deu de forma ingênua, por Egídio ser romano, sem pensar nas possíveis má interpretações possíveis. Wycliffe, por sua vez, mesmo estando temporalmente próximo a Egídio Romano, vivia uma época onde não somente Roma não era mais a capital oficial da Igreja, como chegou a ver dois papas, no Cisma do Ocidente em 1378.

Portanto, Pedro não teve mais poder do que tem agora o sumo pontífice. A Pedro foi confiado o poder da Igreja, enquanto a Igreja está fundada sobre Cristo e consequentemente foi-lhe dado o poder sobre as almas, sobre os corpos e sobre todas as coisas temporais que existem, porque todos os fiéis, de corpo e de alma, segundo tudo o que têm, foram fundados sobre Cristo.”

“O sumo pontífice tem, diretamente de Deus, o poder sobre a Igreja e sobre os fiéis, enquanto tais fiéis estão fundados sobre Cristo, portanto, como foi dito, todos os fiéis, de corpo e de alma, segundo todas as suas coisas, devem apoiar-se em Cristo, como verdadeiro fundamento, e a ele ordenar-se. Segue-se disso que de corpo e de alma, com tudo o que têm os fiéis estão sujeitos ao império do sumo pontífice.

Apesar da continuação de Egídio Romano não trazer grande novidades, sendo até repetitiva, temos um termo novo, “Império do sumo pontífice”. O poder do papa é ligado ao poder de um imperador, mas um imperador que controla as almas, que governa o mundo inteiro, um poder que vai além do homem que ocupa neste momento o cargo de sumo pontífice, um poder imutável e praticamente imortal. Chegando ao máximo tal pensamento no

resumo de uma pequena frase: *“O poder do sumo pontífice é divino e celeste, pois atua sobre todas as coisas espirituais”*.

Temos então Egídio Romano, ao defender o poder do papa, o transformando em um ser praticamente divino. Começa com a ideia de que o papa teria poder sobre todas as almas, que ele é sucessor de Pedro, e que Pedro é sucessor direto de Jesus. Que “Pedra” é algo que define tanto a Pedro como a Jesus. Terminando por dizer que o poder do sumo pontífice é divino e celeste. Isso demonstra um processo de divinização da figura do papa. Ou mais do que da figura do papa em si, da figura do papado, do cargo que o papa ocupa. De forma que independente de quem ocupasse esse cargo, essa pessoa teria plenos poderes sobre todo o mundo.

Apenas 7 anos separar esse livro do episódio do Papado de Avignon e menos de 80 separarem este da cima do Ocidente, onde temos dois papas disputando o poder, podem ser um indício de que o pensamento de Egídio Romano não fica isolado.

Wycliffe, entretanto, trilha um caminho completamente oposto. Ao invés de traçar um caminho que vá pouco a pouco destruindo e combatendo cada uma das premissas de Egídio Romano, Wycliffe simplesmente caminha no caminho oposto. De um lado Egídio Romano cria todo um trabalho para divinizar a figura do papa. Comparando Pedro a Cristo, colocando Pedro como senhor de todas as almas, e portanto senhor dos corpos e de todas as posses materiais, continuando por divinizar de tal forma o pontificado, que ele independeria a figura humana que o estava ocupando, mas era perene. Deixando claro inclusive que Pedro de forma alguma poderia ter mais poder do que o atual papa, e deixando em aberto a possibilidade do atual papa ter mais poder do que Pedro, o que era algo possível de se pensar, enquanto o atual papa era uma espécie de imperador, enquanto Pedro foi morto pelos romanos, tendo passado seus últimos dias na prisão, sem qualquer poder aparente. Egídio Romano tenta divinizar a figura do papa.

Desta forma, as palavras Vigário de Deus e Sumo Pontífice parecem bem verdadeiras para a imagem defendida por Egídio. O papa seria aquele que ocupa o lugar de Deus na terra, e que é portanto aquele que é capaz de estabelecer a ligação entre o homem e Deus, aquele que portanto substitui ao Cristo, que em última instância assemelha-se e quase torna-se o próprio Cristo.

Já Wycliffe por sua vez, como vimos no capítulo “do átomo ao homem” trabalha para humanizar Jesus. Demonstrar claramente como que ele, independente de qualquer natureza divina, foi homem e viveu na terra, com outros homens. Assim sendo ensinou através de palavras, mas não somente através de palavras e sim através de exemplos, de um modo de vida. Um homem que, por sinal, viveu em simplicidade, teve seus seguidores, mas também teve seus inimigos, que não demonstrava ter o poder de controlar todas as almas e mentes, e ainda que tivesse tal poder não o utilizou, tanto que seus inimigos, em grande quantidade, voltaram-se contra ele e o condenaram à morte.

Se o papa de Egídio é divino, Jesus de Wycliffe é humano. Se o papa de Egídio tem poder sobre todas as almas e é dono de tudo o que existe no mundo, de todas as posses e riquezas, o Jesus de Wycliffe é homem simples, que viveu na pobreza, que andou em um jumento emprestado e foi enterrado em túmulo emprestado. Se o papado de Egídio é perene e dura para sempre, independente da pessoa que o estiver ocupando, o Jesus de Wycliffe viveu um período determinado de tempo e esse período é mais importante do que qualquer outro e é olhando esse período que as pessoas deveriam saber a forma correta de agir. Seguir o papa de Egídio é, portanto, completamente oposto em qualquer sentido a seguir o Jesus de Wycliffe.

Isso entretanto demonstra como que Wycliffe se coloca completamente oposto à ideia de um líder que assuma o poder divino sobre si, mas não o coloca ainda contrário a uma estrutura hierárquica da Igreja que não dê poderes divinos ao seu líder, ou ainda que tenha uma cúpula de líderes e não apenas um. Desta forma, apenas isso não é suficiente para provar qualquer impossibilidade institucional no pensamento de Wycliffe.

VI.4.B. As posses da Igreja e do Clérigos

Se Wycliffe marcar o principal momento em que a Igreja Católica começa a perder o seu caminho a doação de Constantino e a doação da Basílica de São João de Latrão, então, é importante analisar essa questão mais profundamente.

É uma das características de uma instituição possuir bens materiais próprios, que não sejam bens de pessoas específicas que façam parte desta instituição, mas que de certa forma sejam coletivos a todas essas pessoas e que são utilizados segundo organização interna da instituição, seja por uma pessoa que lhe governa, seja por um estatuto que lhe reja as ações. Embora o conceito de “pessoa física” e “pessoa jurídica” sejam criações modernas, a ideia de propriedade individual (privada) e propriedade coletiva existe na Idade Média e remonta à Antiguidade Clássica.

Quando Egídio Romano se propõe, após S. Tomás de Aquino, e algumas décadas antes de Wycliffe, a comprovar o direito da Igreja Católica de possuir bens materiais, assim como de seus membros adquirirem riquezas materiais, ele precisaria de um grande esforço. Seria necessário arrumar uma justificativa lógica e plausível, baseada nas escrituras sagradas e na patrística, que pudesse derrubar algumas palavras muito simples e claras de Jesus. Entre os ensinamentos de Jesus temos: *Se quiseres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens e dá aos pobres e assim terás um tesouro nos céus* (Mat 19, 21) / *“Em verdade vos digo que é muito difícil entrar um rico no reino dos céus. Outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus*” (Mat 19, 23-24) *“Da mesma forma qualquer um de vós que não renuncia a tudo o que tem não pode ser meu discípulo*” (Lc 14, 33) / *“Eu vos envio como cordeiros no meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias e a ninguém saudeis pelo camiho*” (Lc 10, 4) / *“(Jesus disse) Trazei-me uma moeda para que eu a veja. – Eles trouxeram a moeda e perguntou-lhes: De quem é o rosto desta inscrição? – Responderam: De César – Então Jesus lhes disse: Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*” (Mc 12, 15-17) *“Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem e onde os ladrões arrombam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu onde nem a traça e nem a ferrugem destroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam. Pois onde estiver vosso tesouro aí estará também o vosso coração. (...) Ninguém pode servir a dois senhores, ou há de odiar um e amar a outro, ou se devotará a um e desprezará a outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.* (Mt 6, 19-24) além de outras passagens bíblicas não relacionadas a Jesus como *“os que querem ficar ricos caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e*

nocivas, as quais submergem os homens na ruína e perdição. Porque o amor da riqueza é a raiz de todos os males, e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores” (1Tm 6, 9-10) / “O seu dinheiro seja contigo para perdição, pois pensaste que o dom de Deus está relacionado às riquezas” (At 8,20)

Compreender a argumentação de Egídio Romano com relação às posses materiais da igreja e do clero é importante para compreender a argumentação de Wycliffe. Uma vez que não haja, no novo testamento, nenhuma passagem onde Jesus ou seus discípulos incentivem os seguidores à busca de riquezas ou mesmo digam que isso seria aceitável, embora dispensável, e haja diversas citações contrárias à busca de riquezas, então precisamos compreender como, não a partir dos textos sagrados, mas da filosofia e da análise de outros documentos, é construída a ideia não só da possibilidade da riqueza da igreja, como da imprescindível necessidade da mesma. E uma vez percebido como tal discurso se articula, compreender a forma como Wycliffe pretende desarticulá-lo.

Quando Egídio Romano começa seu livro *“O poder da Igreja em relação às coisas corporais” no capítulo 1:*

É lícito à igreja e a todos os clérigos ter coisas temporais” ele admite haver pessoas que discordavam de tal afirmação: “Vamos tratar do poder Eclesiástico com relação às coisas temporais, porque alguns afirmam temer que não seja lícito à Igreja possuir coisas temporais. Os que falam assim parecem que estão apoiados na autoridade do novo e do antigo testamento. Com efeito diz-se em Lucas 10, 4 “Não leveis bolsa nem alforje” onde parece que o Senhor proíbe que tenhamos dinheiro, porque proíbe ter bolsa, parece também que proíbe não só ter posses com as quais adquirir alimentos, como também que tenhamos alforje, onde estes sejam guardados.

Em primeiro lugar Egídio Romano não determina quem seriam as pessoas que “temeriam não ser lícito” à Igreja possuir bens materiais, mas é provável que estivesse se referindo à ordem dos franciscanos, talvez mais propriamente dito aos espirituais franciscanos que lhe são praticamente

contemporâneos, mas também poderia estar se referindo a outros grupos heréticos. Além disso, quando começa a sua argumentação, ele se propõe a derrubar o argumento presente em Lucas 10, 4. A citação feita é incompleta, sem qualquer citação do contexto do versículo, conforme já vimos em outras citações dele. O motivo pelo qual ele escolhe esse versículo para começar sua argumentação não parece claro. Talvez fosse o versículo utilizado pelo grupo o qual ele respondia, talvez simplesmente um versículo mais simples de se contestar.

Outro elemento que também é importante de se ressaltar é que Egídio Romano fala em “alimento” as grandes contestações que temos nos séculos XII e especialmente no XIII acerca das possas clericais não se referem a alimentação (embora temos também crítica aos excessos alimentares do clero), ao colocar como questão de possuir como adquirir alimento e como conservá-lo, ele começa a transformar a ideia de riqueza em sobrevivência.

Mas todas essas coisas tem uma explicação. Se assim quiséssemos entender as palavras da Sagrada Escritura (de que não era lícito possuir meios de adquirir bens materiais ou de os conservar) e não quiséssemos explicá-las fielmente, diríamos que a nenhum cristão e a nenhum fiel é lícito possuir qualquer coisa, uma vez que o Senhor diz “Quem não renunciar a tudo o que possui não poderá ser meu discípulo.”

Ao introduzir o segundo versículo que citamos anteriormente em sua argumentação Egídio Romano o faz de forma negativa. Aparentemente, ao invés de buscar meios para inviabilizar tal versículo diante de uma argumentação, ele simplesmente joga a questão para os leigos. Afirmando que se aquele versículo fosse válido para o clero, deveria também ser válido para os leigos. O que seria fácil de ser considerado impossível e inaceitável. Se alguém que não fosse clérigo viesse criticar a riqueza da igreja, e pela lógica utilizasse esse versículo (bem mais contundente que o primeiro) teria de admitir sua própria hipocrisia, uma vez que a consequência lógica simples do mesmo era que nenhum cristão pudesse possuir bens materiais para seguir a Jesus. Ao mesmo tempo Egídio Romano coloca que essa não era a interpretação

correta do texto sagrado, sendo assim mesmo que alguém vivesse na completa pobreza não poderia criticar a igreja (uma vez que as ordens mendicantes não ficaram apenas nas críticas, mas de fato criaram o hábito de desapego às riquezas)

Mas deixando de lado essas objeções, as quais pretendemos tratar no capítulo seguinte, diremos que não é contra a ordem do Senhor que a Igreja e os clérigos, em geral tenham posse das coisas temporais. Até aquele que se sujeitou ao voto de na obter nada de próprio pode ter o domínio de coisas temporais, ao tornar-se bispo de alguma diocese, a qual tem direito de possuir coisas temporais. Assim, por exemplo, se o religioso se torna bispo, terá domínio de todas as coisas temporais que são posse da Igreja, a qual desposou recebendo o episcopado.

Egídio Romano cancela sua própria linha de argumentação, após citar o versículo que lhe seria contrário apenas diz que não pretendia explicar sua interpretação, que a deixaria para o capítulo posterior. Talvez fosse possível, para esta interpretação que estamos fazendo do livro de Egídio Romano, buscar imediatamente no próximo capítulo pela continuação da argumentação. Entretanto seguir a lógica tal como ele expôs permitirá melhor compreensão da forma como essa questão foi continuada no capítulo posterior.

Sem utilizar nenhuma lógica exposta aos seus leitores, ele simplesmente parte do versículo completamente oposto ao pensamento que expunha para uma conclusão aparentemente vinda do nada e desconexa com as demais argumentações, de que realmente todos os clérigos tinham direito sim de possuir bens materiais, fazendo inclusive a ressalva de que até aqueles que tinham feito votos de pobreza poderiam possuir os bens que a sua diocese possuía. Deixando claro por consequência deste pensamento, que havia tanto as posses pessoais dos clérigos, como a posse coletiva dos mesmos, o que poderíamos chamar de posse institucional. Embora essa posse em si parece ser de certa forma entendida pelas posses individuais de cada diocese e não da posse coletiva de toda a Igreja Católica em si. Caso contrário apenas o

papa poderia possuir o conjunto das posses eclesiásticas não cada bispo possuindo o que sua diocese possui.

E para que não pareça que nos apoiamos somente em palavras e não nas autoridades da Sagrada Escritura, diremos que, a respeito daquilo que o Apóstolo disse: Como nada tendo e possuindo tudo, diz a glosa que é de Ambrósio “não só coisas espirituais, mas temporais também, porque nada falta aos que temem a Deus.

Analisando mais profundamente esse excerto encontramos algumas dificuldades. Primeiramente os comentários de Ambrósio não chegam para nós até os dias de hoje, a não ser através de citações que foram feitas por outros pensadores anteriores a Egídio Romano. Provavelmente a citação feita foi retirada da Obra de Pedro Lombardo⁴²⁹ *Setemtiarum*⁴³⁰. Citar Ambrósio parece uma estratégia bem acertada, uma vez que esse possui sobre si duas características desejáveis. Primeiramente ser considerado santo, e além disso ele faz parte da patrística e viveu durante a época em que, segundo Wycliffe a Igreja Católica estava dando os seus primeiros passos rumo à perdição. Portanto sua opinião seria bem vinda nesta questão. Entretanto, uma vez que a obra original se perdeu e tudo o que se tem é um fragmento mínimo, por sua vez tratando-se de uma citação da citação, fica mais difícil de analisar a ideia de forma mais completa. Entretanto a citação “nada tendo e possuindo tudo” é mais facilmente encontrada.

Antes, como ministros de Deus, recomendamos-nos em tudo, na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra de verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, à direita e à esquerda, por honra e por desonra, por má fama e por boa fama, tidos por enganadores, porém verdadeiros, tidos como desconhecidos, porém bem conhecidos, tanto

⁴²⁹ Pedro Lombardo é um teólogo do século XII, portanto temporalmente mais próximo de Egídio Romano do que de Santo Ambrósio, que é do século IV.

⁴³⁰ BONI, Luis de A. *Egídio Romano – Sobre o poder Eclesiástico*, p. 72

morrendo também vivemos, sendo castigados, porém não portos. Como entristecidos, porém sempre alegres, pobres, mas enriquecendo a muitos, nada tendo, mas possuindo tudo. (2Cor 6, 4-10)

Em momento algum a citação contextualizada dá a entender que haveria posse sobre todas as coisas materiais existentes, muito pelo contrário. Dentro de uma série de dualidades colocadas, temos logo antes da frase citada, a colocação “pobres, mas enriquecendo a muitos” deixando claro que a riqueza possuída não era pela posse dos bens materiais em si, mas pela possibilidade de enriquecer a outros, assim como presente em:

Quando o filho do homem vier em sua glória e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória. Todas as nações se reunirão diante dele, e ele apartará uns dos outros, como o pastor aparta as ovelhas dos bodes. Ele porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então dirá o Rei aos que estiveram à sua direita: Vinde, benditos, de meu pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me hospedaste, estava nu e me vestistes, estive enfermo e me visitastes, preso e foste me ver. Então perguntarão todos os justos: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos. E quando te vimos enfermo ou preso e fomos ver-te? Ao que lhes responderá o Rei: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. (Mt 25, 41-42)

Continua Egídio Romano: “Portanto, os clérigos e a Igreja põem possuir coisas temporais, aliás, no mesmo lugar diz a glosa que a glória dos apóstolos *ofi* esta: estar sem preocupação e possuir tanto as coisas, como os donos delas, porque todas as coisas eram colocadas aos pés dos apóstolos, como se lê em At 4,35 e 5,2.”

Vamos pois às citações originais buscando o contexto das mesmas:

Era um o coração e a alma da multidão os que criam e ninguém se dizia dono de coisa alguma do que possuíam, mas todas as coisas eram bens comuns a todos. Os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Não havia entre eles necessitado algum. Pois todos os que possuíam herança ou casa, vendendo-as traziam o preço que fora vendido e depositam aos pés dos apóstolos, e estes repetiam a cada um segundo a necessidade de cada um. (At 4, 32-34)

A citação original do livro de Atos dos Apóstolos, não dá a entender em nenhum momento que os apóstolos tomavam para si as posses das demais pessoas ou de alguma forma dá a entender que eles seria donos de muitas posses. Na verdade a citação demonstra justamente o oposto, que eles não eram donos de nada, que recebiam a tudo para repartir a todos os outros conforme estes necessitassem. Ou seja, mais uma vez condizente com a ideia de que “*sendo pobres, mas enriquecendo a muitos, nada tendo, mas possuindo tudo*”. Não há como comprovar se a mudança de sentido deu-se em Egídio Romano, é fruto do próprio Santo Ambrósio, uma vez que Egídio diz estar citando a glosa de Ambrósio e não o texto bíblico em si. Seja como for, não há como negar que o sentido original foi alterado. Além disso há um importante fator a ressaltar. A passagem escolhida comprova como que na verdade não somente os apóstolos nada possuíam, mas nenhum dos seguidores possuía nada que fosse seu tinham apenas a posse coletiva de tudo o que era de todos, não de modo a causar qualquer tipo de riqueza, mas apenas para que “nada lhes faltasse” uma vez que cada um recebia de acordo com sua necessidade. Isso vai de encontro à colocação de Egídio Romano de que, se fossem interpretar o texto no que ele considerava de forma equivocada, chegariam a conclusão que nenhum cristão deveria possuir bens materiais seus, e é justamente isso que está sendo mostrado no versículo escolhido por ele.

Continuando a argumentação apresentada: *Se por posse se entende o domínio das coisas materiais, quem diria que o poder espiritual não deve possuir bens temporais, se é próprio deste poder dominar?*” Novamente é colocada uma conclusão sem qualquer linha lógica, seja racional seja

teológica, apresentada. Tal afirmação, entretanto parece remeter à ideia já mencionada na primeira parte deste capítulo, de que o papa, ter poderes divinos, contra as almas, as almas controlam os corpos e os corpos controlam as coisas materiais. Assim sendo, pela figura do papa é lícito ao poder clerical dominar todas as coisas materiais.

Continuando a argumentação, Egídio Romano ainda tenta estabelecer um conjunto de 7 motivos pelos quais aqueles versículos existissem, após ele já ter “provado” que o clero não só poderia, mas deveria possuir bens materiais, uma vez que é próprio do poder espiritual dominar. Seriam eles:

- para que se possa converter os adversários
- para que se possa deixar os adversários estupefatos
- para que os fiéis sejam capazes de reconhecer as diferentes situações da igreja
- para que os homens possam reconhecer a excelência da pregação
- para que os pregadores saibam que os outros são seus devedores em razão do seu ofício.
- ensinar que deve-se confiar mais em Deus do que nas coisas materiais
- para que os pregadores não tenham esperança em si mesmos

Os dois primeiros itens são colocados como que uma regra específica para converter os judeus que *“eram de cerviz demasiadamente dura e que confiavam demais nas coisas temporais, para que os próprios judeus ficassem estupefatos considerando a grandeza do poder de Cristo que, enviando para pregar os discípulos sem bolsa e sem alforje e mesmo não tendo recursos tinham tudo em abundância”* mas de modo que *“não mandou isso porque os pregadores ou clérigos fossem obrigados a tanto, mas por uma causa espiritual a fim de que naquele primórdio, todos que eram contrários à fé se convertessem mais rapidamente”*.

O terceiro item advém dos dois anteriores. Afinal se ainda que fosse apenas por causa dos judeus, e ainda que não fosse obrigatório, Jesus teria realmente “recomendado” aos seus discípulos que não usassem bolsa ou alforje, mas que o recomendado e correto na época de Egídio era possuir riquezas materiais, então haveria uma necessidade disso ter ocorrido, e especialmente de Jesus não ter dito isso claramente. E a resposta seria:

O Senhor informa aos seus discípulos que não existe uma mesma regra de viver em tempo e perseguição e em tempo de paz, de fato enviou os discípulos para pregar e determinou que nada levassem pelo caminho, estando porém, iminente o perigo de morte (...) Agora porém, como a eficácia do Evangelho já é conhecida, embora seja tempo de paz, não só é lícito aos clérigos ter bens temporais, mas até convém, para que a igreja não seja vilipendiada pelos leigos.

Que por sua vez, pela lógica chega às duas próximas explicações. De que os clérigos são donos de tudo o que existe no mundo material, portanto, irem sem nada seria uma forma de provar para eles próprios, assim como para os leigos, que quem na verdade era dono de tudo não eram os leigos mas sim os clérigos. De forma semelhante a um rei que saísse de seu reino sem nada e fosse às casas de seus súditos. Desta forma provando tanto para seus súditos, como para si mesmo, que ele era rei. Pois àqueles cabia por obrigação sustentar ao seu rei, que era o verdadeiro dono de tudo o que havia no reino, e ao rei perceber com mais clareza que todos realmente dispunham tudo o que tinham para si. Egídio ainda faz uma afirmação que caso os clérigos não cressem que era obrigação dos leigos os sustentarem e acreditassem que eles precisariam de algo para sustento próprio isso seria obra de super-rogação⁴³¹. Ou seja, um clérigo que se negasse a receber bens materiais de um leigo ou que resolvesse trabalhar para seu próprio sustento seria portanto um pecador, concluindo com isso os dois últimos itens da lista.

Aqui termina a argumentação de Egídio Romano, em seus dois capítulos. Vale portanto relembrar a afirmação feita no primeiro capítulo por ele com relação às aparentes objeções por parte de versículos bíblicos contrários à posse material do clero “*Mas deixando de lado essas objeções, as quais pretendemos tratar no capítulo seguinte,*” O capítulo seguinte, portanto, resume-se às 7 razões explicadas acima, que em si refutam um único versículo, de forma que ainda poderia ser considerada dúbia.

Embora John Wycliffe tenha dedicado parte significativa de sua obra para combater as posses eclesiásticas, em nenhum das obras analisadas

⁴³¹ Além do esperado de um ser humano, sendo sempre causadas pela arrogância e sentimento de superioridade.

neste trabalho há qualquer citação deste versículo para o qual Egídio Romano dedicou um capítulo inteiro de seu livro. Talvez simplesmente por haver outros versículos mais importantes para argumentação de Wycliffe, ou talvez simplesmente para evitar debater com um conhecimento já previamente instituído.

Ao mesmo tempo temos 4 vezes a citação de São Ambrósio, sendo que uma delas possivelmente relacionada à mesma glosa citada por Egídio Romano. Esta citação específica se dá na obra *Of Clerks possessioners*:

Esses grandes possuidores de riquezas são claramente contrários a Cristo e sua verdade, pois os verdadeiros santos como São Bernardo e Santo Anselmo viram monges nos cânones estando ligados ao mesmo modo de vida que aquele homem de Jerusalém viveu, e àqueles outros que viveram após o envio do Espírito Santo. E eles venderam as suas posses e colocaram aos pés de todos os Cristãos, dividindo o preço com cada um dos homens conforme suas necessidades, e nenhum deles jamais declarou que qualquer coisa fosse deles próprios. Mas todas as coisas pertenciam a todos eles. Mas os monges se apropriam de todas as coisas para si próprios e não dividem entre os cristãos e por se fazerem donos das posses pecam contra a palavra e contra as coisas de Deus. Eles se vestem falsamente como pobres, falsificando o tecido, mas o fazem apenas para proveito próprio guardando riquezas com muita cobiça. Mas agora que estão cheios de riquezas, cobiça e inebriados pela glotonaria eles perseguem as crianças de Cristo por amor ao seu luxo, como já havia deixado claro santo Ambrósio, eles distorceriam tudo o que havia sido dito para enganar as pessoas por sua hipocrisia.⁴³²

Embora não haja nenhuma alusão clara a Egídio Romano, e possivelmente o texto não tenha sido escrito em resposta ao fragmento anterior que aqui analisamos, há certamente diversos elementos que se opõem. Primeiramente a citação feita por Egídio das pessoas levarem suas posses e colocarem aos pés dos apóstolos, mas sem continuar a citação que afirma que os apóstolos dividiam tudo o que tinham entre si. Aqui, na citação de Wycliffe,

⁴³² WYCLIFFE, John, *Of Clerks Possessioners*, cap 12

temos os santos levando tudo e colocando aos pés dos cristãos diretamente, e a afirmação clara de que dividiam tudo o que tinham entre si segundo a necessidade de cada um, fazendo assim uma referência clara ao mesmo tempo do livro de Atos. Depois a clareza de que os monges faziam exatamente o oposto disso, se apropriando das coisas para si, de forma semelhante ao que Egídio dá a entender em sua citação parcial do versículo, onde apenas apresenta que tudo era colocado aos pés dos apóstolos mas não que esses posteriormente dividiam tudo entre todos os cristãos conforme a necessidade de cada um. Em meio a toda a argumentação com relação às posses Wycliffe coloca um adjetivo aos monges, o de serem glutões. Aparentemente, de acordo com o restante da obra de Wycliffe, o foco não é o alimento ou a glotonaria (embora ele trate disso na obra *How satan and his children...* aqui analisado a parte) podendo se referir ao argumento de Egídio Romano de que o clero deveria possuir posse pois entender a regra de Jesus ao pé da letra impediria os clérigos de possuírem meios de adquirirem alimento ou de os estocar. Por fim, Wycliffe utiliza Ambrósio como citação de quem se oporia à distorção das ideias cristãs originais e vontade de enganar as demais pessoas através da hipocrisia, sendo portanto, possível que, ao unirmos todos esses aspectos ele estivesse se referindo à obra de Egídio Romano.

Entretanto, mais importante do que estabelecer se de fato esta obra responde ou não a Egídio Romano, há um argumento central que foi colocado aqui que vai de encontro à base da argumentação de Egídio: “*cânones estando ligados ao mesmo modo de vida que aquele homem de Jerusalém viveu, e àqueles outros que viveram após o envio do Espírito Santo*”. Novamente, enquanto Egídio se esforça para transformar o papa em uma figura divina, que controla todas as almas e portanto controla todos os bens materiais, Wycliffe esforça-se por humanizar Jesus, fazendo referência então ao modo como ele viveu e nem tampouco citando o nome dele, mas deixando claro que por “aquele homem de Jerusalém” ele não se referia a nenhum outro que não fosse Jesus. Mas desta forma centralizando a figura dele enquanto “homem” e não uma figura divina, e deixando claro que o exemplo deveria ser a forma pela qual ele viveu, mais do que palavras ou versículos que pudessem ser distorcidos. E para evitar quaisquer dúvidas de que a forma pela qual Jesus viveu seria uma forma apenas para qual Jesus deveria viver, e garantir a ideia

de que tentar viver como Jesus viveu seria uma obra de super-rogação, conforme defendido por Egídio, Wycliffe deixa claro que vários outros viveram como ele após o envio do Espírito Santo, e reitera tal ideia, ao citar dois outros santos, Bernardo e Anselmo, que viveram conforme os primeiros viveram. Esses dois santos são do século XII e XI respectivamente, portanto temporalmente próximos a Wycliffe, ao menos se formos comparar a Santo Ambrósio.

Entretanto uma dúvida aparece com relação à escolha de Wycliffe no que diz respeito aos dois santos colocados como exemplo de vida imitando a Jesus e abrindo mão de seus bens materiais. No que diz respeito à São Bernardo, temos realmente uma defesa da pobreza, embora talvez outros santos fossem mais cotados para exemplo desta vida, como São Francisco. Mas a dúvida recai sobre Santo Anselmo, ao menos em sua biografia escrita por seu seguidor Eadmero⁴³³ não há qualquer referência à pregação da pobreza ou muito menos doação de todos os seus bens materiais aos pobres, especialmente se levarmos em conta que ele veio de família rica com muitas posses. Entretanto há uma especial passagem de sua vida que talvez explique o motivo pelo qual Wycliffe o coloca aqui, em 1093 ele é enviado para receber doações de terra para a Igreja, mas nega-se a receber de Guilherme II, rei da Inglaterra, mas nega a “fazer comércio com os bens da igreja” isso foi considerado um desafio ao poder real, que o prende, e igualmente desafio ao poder papal⁴³⁴.

Em *The Wicket*, Wycliffe também utiliza o seguinte argumento contrário à posse de bens materiais por parte do clero:

(...) e Cristo ordenou, e confirmou por seus atos, o que o abençoado profeta Elias tinha dito ao recusar os presentes de Naaman após a miraculosa graça que Deus havia concedido a ele. Desta forma para expandir o conhecimento de vocês e causar reflexão eu comparo essa passagem ao caso de Constantino e Silvestre. em ambos os casos havia um poderoso líder secular que passava por grande perigo de morte e em ambos os casos foi feito um milagre por Deus e a graça foi

⁴³³ Catholic Encyclopedia, St Anselmus

⁴³⁴ Neste momento temos, à semelhança da época de Wycliffe, a presença de dois papas, Guiberto di Ravenna, conhecido por Antipapa Clemente III e Urbano II, que convoca as cruzadas.

ministrada a eles através destes dois clérigos. Pois Naaman foi curado por Deus através de uma graça ministrada a ele. E Constantino foi curado por Deus por uma graça ministrada a ele por Silvestre de acordo com a história, e ainda há mais uma semelhança, ambos foram curados na água através da sabedoria. Pois foi água que esses dois clérigos usaram para lavar, e foi pela lavagem feita por esses dois Clérigos que a cura foi administrada. Naaman ao ver-se curado proferiu com alegria que daria grandes presentes ao profeta, e Constantino movido pela mesma alegria prometeu a Silvestre presentes seculares em grande quantidade. Mas' entretanto, temos aqui uma diferença fundamental. Não foi com sabedoria que Naaman ofereceu presentes a Elias e por isso este recusou os presente e o advertiu. Mas Silvestre ao passar pela mesma situação aceitou o presente e ainda proferiu uma benção mundana sobre Constantino.

Apenas essas pequena introdução não é suficiente para criar o argumento de Wycliffe, muito embora seja este evento, segundo ele, que maracaria a separação da Igreja dos ideias para os quais ela havia sido criada por Jesus. A princípio temos uma analogia de semelhança entre os casos, e mesmo a ação diferencial, que é a de Silvestre, não parece ser tão distante de Elias, uma vez que há semelhança nas histórias. Tudo o que Silvestre teria feito seria aceitar o presente dado por Constantino. Um simples presente de quem tinha tido sua vida salva. Wycliffe nem tampouco contesta nesta obra (embora já o tenha contestado em *De Papa*) que Constantino tivesse intenções por trás desta contribuição, Parece, inclusive, natural, pela explicação que Constantino quisesse dar o seu presente, e parece, também, que é certo que Silvestre seria um homem de Deus, uma vez que ele teria sido instrumento de Deus para a cura de Constantino.

Continuando o texto:

Tendo ele portanto cedido e sucumbido a todas as lisonjas do líder secular. E o grande motivo pelo qual não se poderia aceitar o presente de Naaman é que tal prática seria Simonia. Geazi, aquele homem que, após o ocorrido correu atrás de Naaman e pegou os presentes que haviam sido dados em troca da graça ministrada tornou-se simoníaco,

pois não entendeu que aquilo que havia sido dado a Naaman era gratuito, ao pegar os presentes aquilo deixou de ser graça mesmo para Naaman. Na verdade ele foi ainda pior pois além de ter muito menos sabedoria que seu mestre e ter cancelado a graça ele também agiu ardilosamente e deixa mais clara a existência de simonia, ao dizer que Naaman deveria dar o pagamento pela graça recebida a ele. É muito claro que se tudo isso era válido para bens móveis, também seria para presentes imóveis como no caso de Silvestre. Sendo assim ele pecou de forma muito mais grave do que Geazi havia feito. Pois ele já conhecia as palavras proferidas por Naaman. Assim sendo ele ofendeu uma lei muito mais perfeita.

Se a atitude de ambos os líderes seculares, Naaman e Constantino, era semelhante, o desejo de dar grandes posses materiais em troca da salvação da própria vida, a atitude de ambos os líderes religiosos, Silvestre e Elias, teria sido oposta.

Primeiramente Wycliffe essa atitude à tentação, o poder secular (ou as riquezas seculares) certamente tentaria as pessoas que servem a Deus, de modo que, segundo ele, tanto Elias como Silvestre desejariam os bens, mas ambos sabiam que aquilo seria errado. O próprio termo “tentação” já atribui à ação de Silvestre a alcunha de pecaminosa (uma vez que caía na tentação) apesar disso, Wycliffe não somente deixa o termo pecaminoso em aberto, como especifica que o pecado seria de Simonia.

Entretanto, aceitar a doação de bens materiais após um milagre ter sido realizado seria simonia? O termo simonia tem origem na seguinte passagem do livro de Atos dos Apóstolos:

E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia; Pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. E havia grande alegria naquela cidade. E estava ali um certo homem, chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica, e tinha iludido o povo de Samaria, dizendo que era uma grande personagem; Ao qual todos atendiam, desde o menor até ao maior, dizendo: Este é a grande

*virtude de Deus. E atendiam-no, porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas. Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres. E creu até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou de contínuo com Filipe; e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito. Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo. E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, Dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade, e ora a Deus, para que porventura te seja perdoado o pensamento do teu coração; Pois vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniquidade. Respondendo, porém, Simão, disse: Orai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes venha sobre mim. Tendo eles, pois, testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e em muitas aldeias dos samaritanos anunciaram o evangelho.*⁴³⁵

O termo Simonia vem da atitude de Simão, por ter oferecido dinheiro em troca do poder de imposição de mãos para que o Espírito Santo fosse recebido, conforme a passagem acima. É importante notar que, Simão, o “simoníaco original” era cristão, havia já se convertido e sido batizado. Não se trata de alguém de outra religião que deseja ter algum poder ou vantagem espiritual especial para si, não se trata de um simples mago querendo para si o poder de impressionar os outros, pois ainda antes de ter visto a ação do poder da imposição de mãos ele já havia se convertido.

⁴³⁵ At 8, 6-25

Mesmo assim, após se converter, ao ver que outras pessoas possuíam um poder espiritual que ele não tinha, oferece dinheiro para que ele também pudesse passar a ter esse poder. Ao compararmos a atitude de Simão com a atitude de Silvestre podemos encontrar várias diferenças.

Primeiramente, Simão é aquele que gostaria de receber a benção em troca de dinheiro, de modo que a comparação exata seria de Simão com Constantino em si e não com Silvestre, enquanto silvestre estaria no lugar de Pedro, que nega a Simão a benção. Desta forma, teríamos a gama de diferenças ainda ampliada. Simão era cristão, Constantino não o era. Segundo a crença católica medieval Constantino teria se convertido diante de seu leito de morte, portanto muitos anos após a sua pretensa doação. Além disso Simão gostaria de receber o poder de, ao impor as mãos nas pessoas, passar o Espírito Santo, e este, por sua vez, teria o poder de realizar curas. Poderíamos, de certa forma, dizer que Simão gostaria de comprar para si um poder espiritual, de cura. Enquanto, o que Constantino teria recebido, era apenas a cura, sua própria cura pessoal, e não qualquer poder. Além disso, Simão, resolveu que deveria pagar para receber um poder que ele não possuía, enquanto Constantino, teoricamente, teria doado os bens em agradecimento de uma cura que ele já possuía, em agradecimento.

Apesar disso, segundo Wycliffe, o simoníaco seria Silvestre e não Constantino, desta forma teríamos sim, Silvestre como membro da Igreja e que teria tido alguma relação com dinheiro (ou posses) entretanto de forma nenhuma o termo parece se aplicar. Silvestre realiza a cura de Constantino, enquanto Simão não realiza cura alguma. Silvestre não teria cobrado e nem oferecido dinheiro a ninguém, apenas aceitado a contribuição, enquanto Simão teria oferecido o dinheiro. Simão não teria o poder de cura, enquanto Silvestre aparentemente já possuía em si o poder de curar (ou ao menos de permitir que Deus curasse através dele)

Simonia, segundo o papa Gregório VII⁴³⁶, era o pagamento de dinheiro para se obter um cargo da Igreja ou usufruir de um benefício especial da Igreja. Segundo definições um pouco mais complexas⁴³⁷ constituía-se de Simonia o

⁴³⁶ Em 1074, segundo o Concílio de Roma

⁴³⁷ Em 1772, segundo os atos da Universidade de Coimbra, como justificativa da expulsão dos jesuítas, no *Compendio historico do estado da universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados*

oferecimento ou recebimento de dinheiro com o principal intuito de receber em troca um benefício, fosse em forma de cargo ou não, ainda que esse dinheiro não tivesse sido estipulado oficialmente como valor de tal benefício ou cargo.

Independente da definição do meio da Idade Média, ou da definição moderna, em ambos os casos, aceitar uma doação após a graça já ter sido concedida, sem haver vinculação da mesma ao recebimento da graça, não poderia ser considerado Simonia. Desta forma é possível depreendermos, talvez, que a definição de Simonia utilizado por Wycliffe difira do conceito geral. Wycliffe teria escrito uma obra chamada *De Simonia*⁴³⁸, entretanto não há cópia original de tal texto, apenas publicações feitas na Boêmia e posteriormente na Áustria, e que são compiladas no início do século XIX por Dziewicki. Nesta obra, capítulo 1, Wycliffe defende que a interpretação corriqueira do significado de Simonia não estava errada, mas incompleta. Afinal Simão não estaria comprando um cargo da Igreja, e sim o poder de realizar uma “ação de Deus”, ou, em outras palavras, um Sacramento. Portanto, Simonia, deveria se estender para qualquer relação feita entre dinheiro, oferecido ou aceitado, por qualquer pessoa em relação a qualquer sacramento. Assim sendo, em sua concepção, ao aceitar a doação de Constantino, tanto Constantino como Silvestre tornam-se simoníacos, assim como qualquer Clérigo que aceitasse qualquer contribuição financeiras, fosse do tipo que fosse, em agradecimento, ou como cobrança, por qualquer que fosse a ação de Deus, batismo, pregação, cura, benção, ou outra.

Wycliffe se utiliza da figura de Geazi, que segundo o livro de II Reis:

*Então disse o rei da Síria: Vai, anda, e enviarei uma carta ao rei de Israel. E foi, e tomou na sua mão dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez mudas de roupas. E levou a carta ao rei de Israel, dizendo: Logo, em chegando a ti esta carta, saibas que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra.*⁴³⁹ (...) *Então voltou ao homem de Deus, ele e toda a sua comitiva, e chegando, pôs-se diante dele, e disse: Eis que agora sei que em toda a terra não há Deus*

Jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores: e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados, p.394

⁴³⁸ WYCLIFFE, John, *De Simonia*,

http://www.archive.org/stream/iohanniswycliftr16wycl/iohanniswycliftr16wycl_djvu.txt

⁴³⁹ 2REIS, 5, 5-6

senão em Israel; agora, pois, peço-te que aceites uma bênção do teu servo. Porém ele disse: Vive o Senhor, em cuja presença estou, que não a aceitarei. E instou com ele para que a aceitasse, mas ele recusou. E disse Naamã: Se não queres, dê-se a este teu servo uma carga de terra que baste para carregar duas mulas; porque nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao Senhor. Nisto perdoe o Senhor a teu servo; quando meu senhor entrar na casa de Rimom para ali adorar, e ele se encostar na minha mão, e eu também tenha de me encurvar na casa de Rimom; quando assim me encurvar na casa de Rimom, nisto perdoe o Senhor a teu servo. E ele lhe disse: Vai em paz. E foi dele a uma pequena distância. Então Geazi, servo de Eliseu, homem de Deus, disse: Eis que meu senhor poupou a este sírio Naamã, não recebendo da sua mão alguma coisa do que trazia; porém, vive o Senhor que hei de correr atrás dele, e receber dele alguma coisa. E foi Geazi a alcançar Naamã; e Naamã, vendo que corria atrás dele, desceu do carro a encontrá-lo, e disse-lhe: Vai tudo bem? E ele disse: Tudo vai bem; meu senhor me mandou dizer: Eis que agora mesmo vieram a mim dois jovens dos filhos dos profetas da montanha de Efraim; dá-lhes, pois, um talento de prata e duas mudas de roupas. E disse Naamã: Sê servido tomar dois talentos. E instou com ele, e amarrou dois talentos de prata em dois sacos, com duas mudas de roupas; e pô-los sobre dois dos seus servos, os quais os levaram diante dele. E, chegando ele a certa altura, tomou-os das suas mãos, e os depositou na casa; e despediu aqueles homens, e foram-se. Então ele entrou, e pôs-se diante de seu senhor. E disse-lhe Eliseu: Onde vens, Geazi? E disse: Teu servo não foi nem a uma nem a outra parte. Porém ele lhe disse: Porventura não foi contigo o meu coração, quando aquele homem voltou do seu carro a encontrar-te? Era a ocasião para receberes prata, e para tomares roupas, olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas? Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre. Então saiu de diante dele leproso, branco como a neve.⁴⁴⁰

Geazi, ao contrário de Simão, não pediu dinheiro, apenas resolveu aceitar parte do dinheiro que Naamã tinha oferecido para Elias, ainda assim,

⁴⁴⁰ 2REIS, 5, 15-27

ele recebe a severa punição da lepra. Segundo Wycliffe isso se dava por um motivo especial, ele cancelava a graça. Em linhas simples, todo o cristianismo deveria ser feito de graça, qualquer relação que houvesse entre dinheiro, posses materiais, fossem quais fossem, e as bênçãos de Deus, ainda que fosse o recebimento a posteriori em forma de agradecimento, em si, tornava-se um pecado grave pois a pessoa poderia acreditar que seria possível uma equivalência entre algum valor material e espiritual, enquanto ambos, de certa forma, eram opostos entre si, e não havia como qualquer elemento material ser dado como compensação por qualquer elemento espiritual. Como os elementos espirituais eram infinitamente valiosos, nem todo o dinheiro do mundo poderia comprar nem o menor elemento espiritual que fosse, entretanto, apesar disso, eles deveriam ser distribuídos gratuitamente, e todo aquele que associasse um bem espiritual a qualquer bem material, seria simoníaco e merecia a mesma morte que Geazi teve.

Continua Wycliffe em *The Wicket*:

E se através de Geizi e Balaão assim através de Simão o mago e Judas foi ensinado que os simoníacos prestarão contas a Deus e receberão a vingança de Deus, e se através de muitas evidências justas das escrituras a razão pela qual um homem toma uma atitude como essa só pode ser a cobra maléfica que o faz ignorar todos os avisos fazendo o que fez tendo plena consciência de seu pecado e sendo portanto esse pecado muito maior do que o de qualquer um de seus predecessores. E aque podemos saber claramente porque Silvestre não seguiu o exemplo de Cristo negou quando lhe foi oferecido o poder sobre todos os reinos da Terra assim resistindo às tentações, preferindo ao invés disso a Paixão. Mas Silvestre, ao contrário. tomou todas as atitudes que tomou para fugir da Paixão de acordo com o que a história nos conta. E quando foi chamado diante do imperador ou dos poderes mundanos, ele de forma alguma se opôs ao desejo do imperador mas covardemente consentiu que tal tolice fosse realizada.

Ou seja, Silvestre é colocado lado a lado com Judas, o traidor. Se já tínhamos, como vimos em tantas outras passagens anteriores, a associação dos papas ao anticristo, temos aqui, uma relação entre o papa Silvestre e

Judas, assim como Judas entregue Jesus para que ele seja morte, Silvestre teria entregado a Igreja Católica para que ela fosse morta, após essa doação e a ligação entre a Igreja e as posses clericais. Geazi teria cometido esse engano pela primeira vez, ainda no antigo testamento, e como punição pega lepra, que lhe causaria a morte após alguns anos. Já Judas, teria cometido esse erro tendo conhecido Jesus, andado com ele, e já conhecido o caso de Geazi, por isso sua punição era pior, pois ele teria mais conhecimento, ele morre pouco tempo após ter entregado Jesus por dinheiro, se matando. Silvestre teria já conhecido ambos os exemplos, portanto o seu pecado seria ainda maior, merecendo uma punição ainda mais severa. O que Wycliffe não deixa claro aqui, mas está implícito, é que os papas de sua época, ao continuarem adiante o que Silvestre havia criado, conheceriam o exemplo não só de Geazi, como de Judas e de Silvestre, portanto assim eles estariam cometendo um pecado ainda maior do que o de quaisquer outros antes deles, portanto merecendo a pior punição de todas.

Ao mesmo tempo, Wycliffe refirma que os enviados de Deus (ou o próprio Deus na figura de Jesus) também teriam sofrido essas tentações, mas vencido elas. Elias teria negado os presentes, Jesus teria negado a tentação da serpente. No final das contas então, quem não negasse essas tentações, de certa forma estaria sendo dominado por satanás.

Em última instância, desta forma, todo aquele que relacionasse ao cristianismo quaisquer compensações materiais, quaisquer lucros financeiros, quaisquer posses materiais, fossem quais fosse, fariam com que essa instituição em si fosse controlada não por Deus, mas pelo demônio, o que comprova novamente a impossibilidade de uma instituição cristã, seja qual for, segundo as ideias de Wycliffe. Primeiramente pois é negada qualquer possibilidade hierárquica e posteriormente pois é vetada qualquer possibilidade de posse material por parte da instituição.

Wycliffe deixa claro essa regra, independente da época, nas passagens seguintes do *The Wicket*:

Assim sendo nos parece bem dizer que o que fez silvestre foi contra a forma de viver e os ensinamentos de Jesus Cristo, e também contra o que já vinha sendo ensinado anteriormente a Ele. E foi por

nesse ato que está embasado todas as ações posteriores do clero, tendo como resultado maravilhoso de suas ações a simonia e a heresia. E esse pecado jamais poderia ser desfeito enquanto o clero estiver ligado ao poder temporal pois o poder temporal envenena todo o clero.. se formos levando esse processo adiante nao será difícil imaginar que pouco a pouco todo o evangelho de Deus será destruído. Na época deste feito doentio foi dito que esse foi o dia em que o veneno penetrou e começou a se espalhar na igreja de Deus. como João disse sobre o capítulo 12 do apocalipse, também disse São gerônimo em Vitis patrum 'então a Igreja ia crescendo em posses e decrescendo em virtudes. ' E também o ensinamento de Cristo deve ser trazido sobre as atitudes destes dois clérigos, Elias e Silvestre. Pois o ato de silvestre trouxe muito dano e envenenou a igreja. Pois ao aceitar o presente e o poderio mundano Silvestre incorreu em simonia e heresia. Elias não somente negou os presentes de Naamã, mas andou no caminho da pobreza e tudo o que tinha dividia com os pobres, pois como está dito⁴⁴¹.(grifo nosso)

Wycliffe, além de ser muito enfático na reafirmação de que esse foi o princípio da queda da igreja com “o dia em que o veneno penetrou e começou a se espalhar” dando a entender que, embora continuasse havendo partes saudáveis da igreja, cada vez mais os erros iriam tomar conta dela até sua morte. Wycliffe também deixa claro sobre a impossibilidade, fosse qual fosse, do clero estar ligado ao poder temporal.

Assim sendo Jesus negou o senhorio mundano, nunca fez com que ninguém pagasse nada para ele mas pelo contrário se dedicou aos necessitados a ministrar a elas o sustento necessário em todos os seus trabalhos.. E também isso foi feito por todos os apóstolos, pois está dito que Jesus os enviou se.m posses a várias regiões e mesmo depois que Ele voltou para o Pai e que cinco mil se converteram nenhum deles passava qualquer tipo de necessidade ou fome. E também os apóstolos negavam qualquer tipo de recompensa mundana enquanto iam pregar o

⁴⁴¹ Em 2Reis, 4, Elias é passado como homem sem posses que compartilhava o quase nada que tinha com uma viúva. Embora, no relato bíblico dá a entender que a viúva que o alimentou e não vice versa, entretanto corrobora a ideia da pobreza de Elias.

evangelho. Mas Silvestre fez exatamente o oposto dos apóstolos, de Jesus e de Elias. Essa contradição de ações não pode ser deixada de lado e nem as consequências das mesmas até os dias de hoje. Se Elias fez conforme mandavam as escrituras e Jesus é a própria verdade, e portanto autor das escrituras, temos de amaldiçoar as ações de Geizi e de Silvestre, caso contrário estaremos nos afastando de Elias, de Jesus e dos evangelhos. E neste meu trabalho eu não falarei mais blasfêmias sobre Silvestre e nem sobre os homens santos e perfeitos que endossam a atitude de Silvestre e a igreja que foi criada por essas ações, ou seja, todos vocês. Eu vou me referir apenas ao pecado e colocar a culpa apenas nos pecados dela. Eu vou fazer uma petição aos seus seguidores pois eu digo que pecaminosamente eles se esqueceram de Cristo. e desde então vêm perseguindo doentamente a igreja de Cristo.. Eu não os culpo pois eles deveriam ser santos, assim como eu e os apóstolos e todos nós eu culpo apenas seus pecados pois os pecados é que causaram a eles a danação e o desvio de Deus. Não os acuso, mas sinto pena deles pelos seus pecados e consequências dos mesmos. Pois até mesmo Pedro pecou, mas foi lavado de seus pecados, assim mostram os evangelhos. e o próprio evangelho diz que seria pelo engano e crendo ser em nome de Deus que perseguiriam a Igreja de Cristo.

Sobre a mesma passagem ainda temos na obra *De Papa* a seguinte citação:

(...) e por essa sentença eu digo que quando o anticristo se levantar ele terá vergonha dos verdadeiros clérigos de Cristo pois estes seguem as ordens dadas por Cristo. E os senhores mundanos e outros tolos que vão ajudar o anticristo também deveriam ter vergonha desta ajuda. E certamente eles terão vergonha no dia do Juízo. E esta vergonha pode ainda ser colorida com a hipocrisia, pois eles pregavam que todos os seus feitos eram em nome da adoração de Cristo. Pois ao que Cristo ordenou os senhores mundanos fazem acréscimos, assim como o imperador de Roma quando ordena aos seus próprios sacerdotes declararem que o exemplo dos apóstolos fosse superior ao de Cristo. Mas tudo isso é blasfêmia esmagadora e tudo o que aqueles

senhores trouxeram. Pois o status de imperadores é menor do que o que foi feito contra Cristo. Pois nenhum homem pode fazer algo contra Cristo sem ser punido pelos seus feitos. Mas a punição da alma do homem é muito mais dolorosa do que qualquer punição mundana. E o anticristo só não canonizou o seu imperador pois ficou envergonhado uma vez que é dito que no fim de sua vida ele se converteu a Cristo. E parece a muitos homens que o motivo pelo qual ele o fez foi que ele queria que os seus próprios clérigos lhe prestassem devoção cega, então o imperador passou por vários senhores mundanos para que o seu próprio sacerdote romano tivesse poder sobre os senhorios mundanos. Desta forma ele se tornou senhor de Roma e de todo o restante do império. Isso fez com que ele e seus cardeais pudessem andar em caminho de ouro. para ele vergonha ensinar que os seus clérigos não deveriam ser clérigos de outros senhores, mas ele próprio, por causa do império não cumpriu essa ordem. E certamente o cai por terra a canonizaçã deste homem no paraíso, pois não foi boa a causa que fez a igreja o louvar. (...) ele foi pego, assim como Pedro, pecando várias veze, por nossa fé não podemos falar que Silvestre fosse santo, mas não podemos deixar que a atitide de Silvestre nos leve à ira da loucura. Pois é necessário a nós cristãos sermos testemunhas da fé. testemunhas os benefícios da fé. E não criarmos um novo problema baseado neste. O que precisamos não é acusar Silvestre pelo seu pecado pois Pedro pecou e também cada um dos apóstolos. Mas precisamos é nos livrarmos dos frutos de sofrimento causados pelo pecado dele. Talvez ele até tenha outros feitos que Deus tenha escondido ou a graça de Deus, a vontade dEle, talvez ele até tenha se tornado realmente santo após essas atitudes.”⁴⁴²

*Instituições Sociais*⁴⁴³, Consistem numa estrutura relativamente permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos realizam segundo determinadas formas sancionadas e unificadas, com o objectivo de satisfazer as necessidades sociais básicas (Fichter). As características das instituições são: têm finalidade e conteúdo relativamente permanentes, são estruturadas, possuem estrutura unificada e valores. Além disso, devem ter função (a meta ou propósito

⁴⁴² WYCLIFFE, John, *De Papa*, cap 9

⁴⁴³ Segundo o dicionário online de sociologia scribd in

<http://www.scribd.com/doc/5023019/DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA>

do grupo, cujo objectivo seria regular as suas necessidades) e estrutura composta de pessoal (elementos humanos), equipamentos (meios materiais ou imateriais), organização (disposição de pessoal e do equipamento, observando-se uma hierarquia – autoridade e subordinação), comportamento (normas que regulam a conduta e as atitudes dos indivíduos).⁴⁴⁴. (grifo nosso)

Desta forma, segundo Wycliffe, especialmente em sua obra *The Wicket*, temos a negação de praticamente todos os atributos que permitiriam que o cristianismo se institucionalizasse.

Uma vez que o cristianismo não poderia ter um sumopontífice e nem uma cúpula que ditasse o que é certo ou é errado, e que todos os homens eram pecadores e nenhum poderia ser exemplo ditar suas ideias para outros, de modo a jamais podermos pensar em um “sancionar”, nem por parte da própria instituição em si, nem por parte de aceitação do poder secular, segundo o que acabamos de ver.

Sem uma unificação ou uma sanção, não podemos falar em estruturação permanente, pois, a não ser o exemplo fixo da vida de Jesus, nenhum outro exemplo ou regra poderia ser estabelecido. A impossibilidade de qualquer posse material anula o termo da instituição ter posse coletiva, ao mesmo tempo que igualmente não pode haver subordinação humana, uma vez que não há superioridade de um humano sobre o outro.

Segundo Otávio A. Conceição, citando Aglietta, a instituição nasce da necessidade humana de regulamentar a ação das pessoas, impedindo a incerteza, antagonismo e conflito, através de normas.⁴⁴⁵ Entretanto, segundo Wycliffe, o conflito é inevitável, e não pode ser mediado, pois qualquer juiz, sendo humano, seria imperfeito. Não há necessidade de regulamentação espiritual a não ser pela própria imitação de Cristo, de modo que toda e qualquer instituição, em si, será secular e terá por fim objetivos seculares, ainda que se demonstre ser religiosa.

⁴⁴⁴ http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_i.html

⁴⁴⁵ CONCEIÇÃO, Otávio A, *O conceito de instituição nas modernas abordagens institucionais*, P.133

VII. Apresentando Jan Hus e os Hussitas

Os Hussitas surgem no início do século XV, na Boêmia, inspirados por Jan Hus⁴⁴⁶. Segundo Edward Peters, Hus seria, em sua essência, o “Wycliffe da Boêmia”⁴⁴⁷. Os Ensinamentos de John Wycliffe teriam sido levados à Boêmia por Jerônimo de Praga. Este foi aluno na Universidade de Oxford em 1402, tendo lá entrado em contato com os Lolardos, e tido acesso a vários trabalhos de Wycliffe, os quais copiou e levou para a Boêmia (e posteriormente para a Polônia e Lituânia).

Jan Hus entrou em contato com esses trabalhos e começou a pregar as ideias de Wycliffe na Boêmia. Até então, Hus era um pregador tradicional, na Igreja de Belém, em Praga. Suas pregações vão ganhando peso não somente entre o povo de Praga, mas também em camadas da nobreza.

Por ocasião do Concílio de Constança, Jan Hus é chamado à Praga e questionado. Neste Concílio houve a condenação oficial das ideias de Wycliffe, sendo que este já havia morrido há mais de duas décadas, a figura central de julgamento e pretensamente representante do mesmo foi Hus. Condenado à morte em 1415, foi queimado e suas cinzas espalhadas.

Porém, a sua condenação e morte foram apenas o começo do seu grupo. Na Boêmia inicia-se um exército formado tanto por nobres favoráveis às ideias de Hus, como por membros do campesinato. Esse grupo envia cartas de protesto contra a condenação de Hus, se negando a cumprir as ordens papais. Desta forma iniciam-se as chamadas *Guerras Hussitas*, que durariam de 1415 a 1434, tendo conseguido por diversas vezes resistir às investidas realizadas por Sigismundo, imperador do Sacro Império.

A derrota no ano de 1434 se daria por um enfraquecimento interno. Um grupo de Hussitas, mais ligado à burguesia, chamado de Calistinos, aceita um acordo com a Igreja Católica, enfraquecendo os demais Hussitas, que são derrotados. Segundo Laursen⁴⁴⁸ os Hussitas teriam sido o último movimento

⁴⁴⁶ Também utiliza-se a grafia João Hus ou John Hus

⁴⁴⁷ PETERS, Edward, *The Age of Wycliffe and Hus in Heresy and authority in medieval Europe*, p.265

⁴⁴⁸ LAURSEN, John Christian & HUNTER, Ian, *Heresy in transition: transforming ideas of heresy in medieval and early modern Europe*, p.93

herético significativo antes da Reforma Protestante, portanto a principal conexão entre as heresias medievais e o pensamento protestante.

VII.1. Obras de Jan Hus a serem analisadas

Uma vez que Jan Hus seja o mais renomado seguidor das ideias de Wycliffe e que, no mesmo julgamento feito pela igreja católica das ideias de Wycliffe, ocorrido no Concílio de Constança, era Jan Hus quem estava presente e que foi condenado, em nome das ideias de Wycliffe, então a análise de sua produção, em comparação com a análise já feita das obras de seu antecessor, parece fundamental para o aprofundamento desta pesquisa.

A produção de Hus é quase tão extensa quanto a produção de Wycliffe, embora parte de seus livros começassem com a exposição traduzida das ideias de Wycliffe, e fossem apenas seguidas por comentários seus, como ocorre em *De Ecclesia*, publicada em 1413, ou *De potentate papae*, publicada no mesmo ano; e *Triologus*, a qual, além de traduzir, Hus teria completado, e que foi publicada após sua morte. Há uma quantidade relativamente grande de obras em latim, endereçadas à Igreja, baseadas nas ideias de Wycliffe, mas sem a citação literal de partes das mesmas⁴⁴⁹, como *De ablacione temporalium a clericis*, *Tractate against the Papal Indulgence* e *Tractate De sex erroribus*. Parte da produção de Hus ainda encontra-se em língua original, boêmio, sem qualquer tradução para línguas modernas, o que dificulta sua análise por pesquisadores atuais.

Entretanto, para uma comparação mais precisa, o foco de análise das obras de Hus precisaria ser o mesmo das obras de Wycliffe. Quando foi estabelecido que seriam analisadas as obras em língua inglesa de Wycliffe, tinha-se por objetivo focar-se mais nas ideias que ele queria divulgar ao povo inglês do que em tratados teológicos mais estruturados, o que era feito em latim, língua oficial da Igreja Católica. Assim sendo, de toda a obra disponível de Hus, foi escolhido como foco de análise as cartas escritas pelo mesmo, tanto as que ele escreve em liberdade, antes de Constança, como um conjunto de cartas, enviadas por ele enquanto estava preso esperando julgamento

⁴⁴⁹ LOSERTH, Johaan, *Wiclif and Hus*, p. 225

durante o Concílio de Constança. Destas, uma parcela considerável foi endereçada ao povo de Praga, sendo lidas por seus seguidores em praças, copiadas e distribuídas ao povo. Sendo assim, são de alguma forma semelhantes aos sermões de Wycliffe já analisados, da série *The Wicket*, uma vez que, embora Hus não estivesse presente, tinham como destinatário não uma única pessoa, mas um grande número de ouvintes. Estas cartas foram inicialmente coletadas e transformadas em um compêndio por Martinho Lutero, sendo que este escreve uma introdução e comentário sobre as mesmas, publicando-as no ano de 1537. Posteriormente esse compêndio recebe uma tradução inglesa em 1542, portanto na mesma época que a única tradução publicação inglesa de *The Wicket*.

O fato desta compilação de cartas ter sido selecionada e traduzida sob encomenda do próprio Martinho Lutero, grande ícone da reforma protestante ocorrida no século XVI, comprova uma conexão importante entre as obras de Wycliffe e o pensamento protestante de Lutero, tendo Jan Hus como principal conector. O próprio Lutero, em seus comentários introdutórios, explica claramente a sua conexão com os pensamentos de Wycliffe:

E elas cresceram, ainda que timidamente, quando foram necessários para enfrentar os erros do poder clerical. E suas vozes só cessaram quando suas cabeças foram desligadas de seus corpos e rolaram ao chão diante dos ameaçadores papas e seus concílios. Na Itália, Armando Bessa teve coragem de enfrentar abertamente o poder do papa, mas a revolução que o seguiu foi social e não religiosa, e numerosas seitas surgiram entre os mais diferentes povos, se emanciparam do julgo, dependendo a força inabalável das multidões, associando povos inteiros a pensar em conjunto e agir em conjunto, mas também sofrer em conjunto pela perseguição.

A Inglaterra é a que testemunhou a mais fina e sábia destas mentes, Wycliffe floresceu nascido das escrituras, trazendo assim a luz das escrituras para o corpo de doutrina que, apenas mais tardiamente espalharam o código da reforma. Mas Wycliffe escapou vivo à solene sentença de um concílio ecumênico, e muitos duvidam que ele poderia ter passado formidavelmente a criar uma ordenação.

Foi reservada à pequena cidade de Constança o testemunho de um espetáculo que o mundo não reviu e não reverá em anos, que um homem, enfraquecido pela doença e pela prisão, isolado por longo tempo de seus amigos que se dispersaram por temor, tenha resistido sozinho, por sua consciência evangélica, a todos os métodos de subjugar a alma que as autoridades externas tiveram sobre ele. E ainda assim, em um esforço espiritual extremo tenha resistido aos poderes temporais unidos. Este é Jan Hus, que, trinta e cinco anos após Wycliffe, foi condenado pelo concílio por lembrar a todos a memória dos ensinamentos de Wycliffe. O Concílio de Constança condenou seus trabalhos e suas memórias. (...) De todos esses grandes homens cristãos não há um que seja maior do que Jan Hus, pois nenhum outro faz mais do que ele para restaurar a consciência ao coração do povo cristão, trono esse que pertence a Jan Hus e que eu (Lutero) jamais aceitaria requisitar.⁴⁵⁰

Martinho Lutero dá importante destaque, em seu pequeno comentário à Wycliffe, por trazer à luz das escrituras a discussão que já vinha ocorrendo anteriormente, mas que, segundo ele, tomava caráter mais social do que religioso. No entanto, Hus é a figura central, tanto da compilação que havia sido feita por ele neste momento, como da titulação, dada pelo mesmo, de trono de cristão que mais lutou pelo cristianismo, colocando os esforços de Hus acima do de qualquer outro homem, inclusive dele próprio. Essa ênfase é dada pelo fato deste ter enfrentado o Concílio de Constança, e mantido até o final suas ideias, apesar da prisão e da doença. Essa compilação produzida por Lutero é feita às vésperas do Concílio de Trento, que à semelhança do de Constança, julgaria a reforma iniciada por Lutero. Desta forma o símbolo da resistência perante o Concílio parece realmente receber importante destaque. Enquanto, por sua vez, Wycliffe, por não ter sido morto em um concílio, apesar de ser o grande mentor de Hus, acaba como um personagem secundário, por ter se livrado do martírio.

Da mesma forma como no caso de Wycliffe, a análise não se deu somente com foco em sua própria obra, mas também na resposta da Igreja Católica, em especial os itens levantados contra ele, tanto em vida, como no

⁴⁵⁰ Idem, p. XXIII

momento do Concílio de Constança, também no caso de Jan Hus. Como segunda fonte de análise, nos utilizaremos da lista de condenações e acusações sofridas pelo mesmo no Concílio de Constança, sendo esta análise feita posteriormente à de suas próprias cartas.

VII.2. Análise das cartas de Jan Hus

Para uma melhor análise destas cartas, as mesmas serão divididas em 5 categorias:

Primeiramente as cartas enviadas por ele antes do Concílio de Constança, que de alguma forma demonstram os motivos que o levaram a buscar nas ideias de Wycliffe sua inspiração. Como segunda categoria as cartas enviadas aos seus acusadores: Nesta categoria temos tanto a resposta do mesmo à condenação sofrida em Constança, como cartas mais antigas enviadas àqueles que acusavam suas ideias, Nelas, Hus responde às acusações feitas, explicando parte de sua doutrina e da relação das mesmas com Wycliffe. Como estas cartas possuem argumentação de defesa de ideias e normalmente são centradas em citações bíblicas, então elas são material rico para a comparação da argumentação e das fontes utilizadas por Hus com as utilizadas por Wycliffe.

Cartas enviadas a seus amigos: Nesta categoria temos cartas enviadas a diversos de seus amigos, como o reitor da Universidade de Praga, outros aliados da região da Boêmia e alguns nobres da região. Nestas cartas Hus dá conselhos, orienta como deveriam proceder diante do Concílio vigente e após o mesmo no caso de sua morte, mas acima de tudo ele demonstra um lado mais humano, revelando o medo da morte e suas dúvidas perante o sofrimento que ele estava passando. Apesar destas cartas serem riquíssimas para a melhor compreensão de Jan Hus, há pouco paralelo das mesmas com a obra analisada de Wycliffe.

Cartas enviadas a grupos populares: Muitas das cartas escritas por Jan Hus endereçavam-se à leitura pública em diversas cidades, como “Povo de Praga”, “Povo de Luva” ou “Povo da Boêmia”. Estas cartas são as mais semelhantes à obra analisada de Wycliffe, uma vez que se trata de pequenos sermões públicos com o intuito de instruir, inspirar, ensinar e aumentar a fé de grupos populacionais. Desta forma a ênfase principal deste capítulo será a análise deste terceiro grupo de cartas.

VII.2.A. Antes do Concílio de Constança

A mais antiga carta selecionada neste trabalho foi enviada para Zbyněk, o arcebispo de Praga. Nesta carta Jan Hus já faz acusações severas não somente à práticas que ele via ocorrendo em sua cidade, mas também, em menor escala, ao próprio arcebispo⁴⁵¹:

Reverendíssimo pai, o seu obediente servo na fé e verdade de nosso Senhor Jesus Cristo. Eu sempre me lembro de como começou a sua reverenda regra, lançado àquele regulamento é que eu aprendi que nele não havia frouxidão de disciplina. Eu preciso lhe fazer um anúncio, seja agora ou pessoalmente. É de acordo com a sua própria regra que eu fui forçado a fazer esse aviso sobre o que de fato está ocorrendo. Crimes incestuosos de pessoas estão escapando à sua rigorosa correção. Eles saem sem quaisquer restrições, como se fossem touros sem restrições ou cavalos sem nada sobre seus pescoços, ao mesmo tempo que os humildes padres que saem da frente destes chifres do pecado e cumprem da melhor forma possível seu trabalho, sob a sua ordem e excelência de espírito, aqueles que negam a avareza e entregam tudo o que tem livremente para a obra de Deus, estes sofrem exílio e estão sendo chamados de hereges por pregarem o mesmo evangelho que o reverendo pai prega. Onde está a piedade em impedir que o evangelho seja pregado, onde está a obrigação maior que Jesus deu aos seus discípulos quando ele diz para pregar o evangelho a todas as criaturas? De onde vem essas ordens que estão os impedindo de cumprir o seu trabalho fiel? Certamente, eu tenho certeza, não poderá ser de sua graça, mas da loucura de outros, e vejo que essa loucura está plantando sementes. Que pobre padre iria se atrever a atacar esses crimes ou investir contra esses vícios? Com certeza a seara é grande mas os verdadeiros trabalhadores são poucos. Então, pai, ore a Deus para que sejam enviados homens de fé para essa colheita, para que, pela graça de Deus não seja arrancado pela foice divina todo o reino da Boêmia. Pois então teremos de prestar contas no dia de nossas mortes. Mas se, em sua grande magnitude, pela sua graça, o senhor levá-lo com sua foice, que o poder de persuasão das pessoas

⁴⁵¹ HUS, John, Letters of John Hus (Ed 1904), p. 14-15

indolentes não possa fazer sofrer e serem ceifados nenhum que não eles próprios, por seus crimes contra a palavra de Deus. Pois, assim como o apóstolo já havia falado, eles não poderão suportar o som da doutrina correta, fugirão quando a ouvirem e crerão em fábulas e se consideração, a si próprios, professores. O apóstolo já havia avisado que a caridade de muitos se esfriaria, e isso ocorreu com o clero, e a iniquidade cresceria. Pois o clero falhou com as pessoas em caridade e desistiu de pregar o verdadeiro evangelho, e parou de querer imitar verdadeiramente a Cristo. Nós estamos seguindo a vida de Cristo na pobreza, castidade e humildade, e estamos pregando diligentemente? Aflição, Aflição e Aflição. As palavras do apóstolo se cumpriram. As pessoas estão seguindo suas próprias palavras e não as de Cristo.

Assim sendo, reverendíssimo padre, peço que foque seu olhar nas coisas do espírito, no amor entre os homens, e marque os maus e não deixe que eles cresçam em vaidade de cobiça, mas regozije-se nos homens de mente humilde e amantes da pobreza. Faça os preguiçosos trabalharem e não impeça os fiéis de fazerem o trabalho da colheita de Deus, pois não podem estar amarrados aqueles que buscam a salvação das almas. Eu iria lhe escrever mais para explicar os detalhes, mas estou preso às minhas orações.

Que o Senhor todo poderoso possa dirigir sua mente e sua graça sobre os assuntos que eu lhe escrevi acima, e que o senhor possa ser tornar, em tempo, o pastor dos pastores.

Essa carta é datada de 1408, portanto, 6 anos após Jerônimo de Praga ter ido estudar em Oxford e ter tido contato com as obras de Wycliffe, e pouco tempo depois (cerca de 2 anos) dele ter retornado à Boêmia. Desta forma é provável que não somente Hus já tivesse tido contato com as ideias de Wycliffe, mas que os padres que estavam sendo impedidos de pregar, conforme está dito na carta, fossem justamente Jerônimo e seus seguidores⁴⁵².

O destinatário desta carta⁴⁵³ era Zbyněk Zajíc que, em 1410, portanto dois anos após essa carta, mandou queimar mais de 200 livros considerados heréticos, entre os quais obras de Wycliffe. Esse mesmo bispo, por ocasião do

⁴⁵² Lembrando que também Jerônimo de Praga foi perseguido e morto pelo Concílio de Constança, embora não tenha sido julgado efetivamente no mesmo, morrendo poucos meses após Jan Hüs em 1416.

⁴⁵³ SCHAFF, David, *John Huss - His Life, Teachings and Death After Five Hundred Years*, p.92

Concílio de Pisa, rompeu com o colégio de cardeais e filiou-se ao lado de Gregório XII, que mais tarde, durante o julgamento de Jan Hus, vai reassumir o controle do colégio de cardeais.

Há indícios de que Hus, em 1403, estivesse sob tutela do mesmo bispo⁴⁵⁴, assim sendo é provável que a carta enviada a ele tenha sido mandada com certa confiança de que ainda era possível reverter a situação na qual os seguidores de Wycliffe se encontravam. Apesar disso, há certo tom ameaçador na carta, quando Hus coloca que ele seria, de certa forma, culpado pelos que morressem no erro, se continuasse impedindo os verdadeiros pregadores de fazerem seu trabalho.

Em termos argumentativos temos uma grande semelhança entre as palavras de Jan Hus aqui e as de Wycliffe. Primeiramente o uso exclusivo da Bíblia, especialmente do novo testamento, sem fazer quaisquer referências a outras encíclicas, vidas de santos, ou outros. As citações utilizadas aqui, como base de sua argumentação, foram anteriormente definidas por Wycliffe, conforme já destacamos.

Além disso, há a marcante presença da ideia de imitação de Cristo e não simplesmente da obediência à Cristo ou o seguir a Cristo. Esse preceito, em si, não é exatamente criado por Wycliffe, sendo largamente utilizado por outros grupos heréticos, entretanto, o foco da figura humana de Jesus muito mais do que em qualquer atributo divino é digno de Wycliffe, e nesta carta os únicos atributos citados de Jesus, os quais deveriam ser observados, eram atributos humanos: Pobreza, Castidade e Humildade.

Outro elemento interessante de se destacar é a ideia de que o mal estaria sendo semeado e seria posteriormente colhido. A Origem de tal ideia encontra-se nos próprios evangelhos:

Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu campo; Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se. E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu, no teu campo, boa semente?

⁴⁵⁴ Idem,

*Por que tem, então, joio? E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: Queres pois que vamos arrancá-lo? Ele, porém, lhes disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas, o trigo, ajuntai-o no meu celeiro.*⁴⁵⁵

Embora essa referência ao joio e trigo, pudesse ser facilmente utilizada por Wycliffe em suas obras, uma vez que poderia remeter aos que ele chamava de verdadeiros cristãos e os papistas, não temos, ao menos não nas obras analisadas, qualquer referência à mesma citação Bíblia. O que demonstra que Hus não simplesmente reproduz as ideias de Wycliffe, mas avança na sua produção pessoal, seguindo preceitos semelhantes.

Com relação à citação de que a seara é grande, mas poucos os ceifeiros⁴⁵⁶, temos outro fato interessante. A citação original é “A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros”. Contudo, parecia difícil em um mundo controlado pela Igreja Católica que fossem poucos os ceifeiros, por mais que no momento da escrita desta carta por Hus a igreja estivesse bipartida. A sutil transformação feita por Hus quando cita a passagem bíblica demonstra outra relação clara com as pregações de Wycliffe. Ele adiciona a palavra “verdadeiros”, transformando a frase em “Com certeza a seara é grande, mas os verdadeiros trabalhadores são poucos”. Conforme já vimos, John Wycliffe prega que a verdadeira igreja, formada pelos verdadeiros cristãos, sempre será um grupo minoritário diante de uma igreja institucional forte e corrompida. Desta forma ele se refere aos seus ouvintes ou leitores como “verdadeiros cristãos” que deveriam fazer força perante os perseguidores que se diziam seguidores de Deus (os papistas, em sua época). Aqui, Hus faz referência ao evangelho de Mateus, mas adicionando a palavra *verdadeiros*, designando que há muitos falsos ceifeiros e que o contexto de que havia poucos trabalhando na obra de Deus seria então verdadeiro, uma vez que há muitos falsos trabalhadores e apenas poucos verdadeiros. E seria justamente contra esses que as ordens do bispo estariam indo, os amarrando, como a

⁴⁵⁵ Mt 13, 24-30

⁴⁵⁶ Mt 9, 37

carta diz. Assim sendo ele se utiliza do princípio dos *Dois Caminhos* enunciado por Wycliffe em *The Wicket*.

Entretanto, no momento onde vemos “*Aflição, Aflição, Aflição*” Jan Hus faz referências a passagens comumente relacionadas à escatologia, ou seja, ao final dos tempos. Parte do discurso dele está presente no capítulo 24 do evangelho de Mateus:

E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane; Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio das dores. Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão. E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim. Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda; Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; E quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado; Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias. Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito; Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto,

não saiais. Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias. E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas.⁴⁵⁷

Alguns dos elementos presentes nesta profecia feita por Jesus pareciam realmente se referir ao momento em que Jan Hus vivia, além do amor de muitos que se esfriava, mas as pessoas que falsamente falariam em nome de Deus, a divisão dos seguidores de Deus (na presença da igreja católica dividida). O evangelho pregado em todo o mundo (tivemos, nos séculos anteriores, grande expansão do cristianismo sobre outros povos e conversões diversas que iam ocorrendo durante toda a Idade Média) e os cristãos se perdendo de seu caminho, de modo que até os escolhidos cairiam se os dias não fossem abreviados.

Vimos que esse caráter escatológico é presente em muitas das heresias medievais, em especial nos espirituais franciscanos. No entanto, Wycliffe, ao contrário dos demais, não via sua época como o final dos tempos, e nem como época prévia a uma grande renovação, mas sim como o *status quo* do cristianismo. De modo que podemos perceber em Hus um caráter mais escatológico do que em Wycliffe.

Após essa carta enviada a Zbyněk, no meio de 1408, temos outra, desta vez com a data mais específica de dezembro. Não temos a resposta que

⁴⁵⁷ Mt 24, 4-33

Zbyněk enviou a Hus, mas é possível deduzir parte de seu conteúdo pela resposta que Hus envia e que está colocada abaixo⁴⁵⁸:

De seu humilde e fiel servo, agora e sempre. É pedido pelas regras de nosso Salvador que um pai não proceda demasiadamente severo na reprovação de um filho a não ser que ele rejeite o conselho do pai e esteja claro que ele cometeu este erro. Também está dito que o pai não deve tirar o filho de sua casa ou então tirar este da colheita em que trabalha a não ser que esteja, acima de tudo, claro que o filho está desgraçando a colheita do pai. Está escrito no capítulo dezesseis de Lucas, e sabiamente dito que o homem rico não prestou acusações quando ficou sabendo do que o mordomo havia feito de errado contra ele, é isso que eu escuto agora de vós?

O nosso salvador não proibiu nem mesmo o homem que não era seu seguidor de expulsar os demônios, mas acabou validando seus atos, pois no capítulo nove de Lucas está escrito que os discípulos viram um certo homem que expulsava os demônios em Seu nome, e os discípulos o proibiram de fazê-lo, pois este não seguia a Jesus. Mas Jesus os repreendeu e disse que quem não é contra nós é por nós.

Nesta primeira parte da carta, temos Hus fazendo severas acusações a Zbyněk, por mais que ele continua a fazendo de forma polida e em caráter de defesa. Por exemplo, na citação feita sobre o mordomo, a qual Hus faz questão inclusive de citar o capítulo (o que não ocorre nas outras cartas anteriores) o contexto da história do mordomo é importante. Trata-se de uma parábola de Jesus. Nesta, ele, mordo infiel, tendo seus erros descobertos pelo seu senhor, resolve adulterar os registros dos devedores deste senhor. O mordomo diminui a dívida que estava registrada diante dos devedores, para que estes pudessem ser gentis com ele e, assim, este, mesmo tendo sido expulso da casa de seu senhor, ainda pudesse encontrar abrigo nas casas dos antigos devedores. Entretanto, na parábola, quando o senhor (homem rico) descobre que isso tinha sido feito, ao invés de se irritar com o mordomo, o elogia por sua esperteza. Mas Jesus, após a parábola, explica que aquilo era exemplo de infidelidade, dividindo as pessoas em “filhos da luz” e “filhos do mundo”, onde

⁴⁵⁸ HUS, John, Letters of John Hus (Ed 1904), p. 20-24

somente os “filhos do mundo” iriam agir de tal forma, esquecendo das dívidas dos outros para com o senhor e esperar receber elogios sobre isso. Já os filhos da luz, sabiam ser muito fiéis, tanto no pouco como no muito. Dentro deste contexto, haveria dois senhores, o senhor “do mundo” que se alegra com a injustiça ao fingir que uma dívida não existe, e o Senhor Deus, que espera fidelidade dos seus mordomos.

Zbyněk é acusado de agir como esse mordomo infiel, provavelmente por este ter negado-se a ouvir as acusações que Hus fez na carta anterior. Sendo assim, Hus de certa forma o acusa de não servir a Deus, mas ao senhor do mundo. Embora isso não esteja explícito na carta, apenas na citação apresentada e na metáfora utilizada.

Continuando a carta:

Então, reverendíssimo padre, que a sua graça seja instruída por esses exemplos de nosso Salvador e que você não deve ouvir essas infames acusações de homens orgulhosos que também escrevem em latim assim como em línguas vernáculas. Você não deve criar sobre mim insinuações públicas de que eu sou desobediente nem a você nem à mãe Igreja, mas você deveria se assegurar da verdade e perguntar: Vocês estão certos do que dizem. O que foi exatamente que ouviram dele?

Aqui Hus define seus acusadores como “homens orgulhosos que também escrevem em latim como em línguas vernáculas”. O que ele quis dizer com isso? Uma vez que eles “também” o fariam, então essa poderia ser uma das acusações que recaía sobre Hus? Isso faria muito sentido uma vez que poucos meses após esta carta Zbyněk irá ordenar a queima de 200 livros heréticos e que grande parte da obra de Wycliffe estava em línguas vernáculas e estavam sendo traduzidas ao Boêmio, e também que o próprio Hus escreveu várias obras em língua boêmia.

Continuando a carta:

E se eu estiver errado, eu vou alegremente aceitar a sua piedosa correção, e se ainda assim eu falhar e continuar minha desobediência à Igreja mãe, então, somente então, você deve usar os recursos

existentes e me declarar como desobediente, e então me proibir de pregar o sagrado Evangelho.

Sua Graça deseja então saber que eu nunca tive e nem terei a atitude de retirar minha obediência à mãe igreja, pois eu creio em Deus. A minha intenção não é somente a obedecer ao pontífice romano e sua graça, de acordo com o que foi ordenado ao abençoado Pedro, mas também quero me sujeitar a toda criatura humana pela glória de Deus, seja ele um rei, sejam os governantes enviados por ele, sejam os mestres, mas também os pequeninos, e também vou ensinar que todos os humanos devem obedecer aos seus governantes, pois isso é obediência a Deus e obedecendo a suas ordens estamos obedecendo a Deus, o todo poderoso, pois os servos devem obedecer seus senhores e aqueles que estão acima dele.

Seja como for, a partir de agora, o pontífice romano Gregório XII ou a mãe igreja, sejam, pela sua graça, cheios da lei de Deus. Então eu os irei obedecer. Mas eu não posso cair em controvérsia para conseguir o grande louvor de nosso Salvador, que proibiu seus discípulos em Lucas 12, pois então eu não vou falhar, acima de tudo, em cumprir o que jurei, perante todos os cristãos. Obedecerei a todos desde que desta forma eu não esteja agindo contrário a Cristo. Pois como está escrito em Mateus, sim é sim e não é não (...).

Assim sendo, no que diz respeito à controvérsia do papa e do anti-papa, e ao quebrar o juramento, eu sou neutro, mas não no sentido usado pela multidão ignorante em que neutro é relativo apenas a não escolher entre duas opções até que uma terceira seja dada.

Assim sendo, não seguirei a nenhuma terceira pessoa uma vez que me neguei a obedecer aos dois anteriores. Por exemplo, se a mãe de Pedro entra em disputa com o pai de Pedro. Pedro, que é um filho fiel, deve obrigatoriamente permanecer neutro nesta disputa entre seu pai e sua mãe para que possa obedecer ao mesmo tempo ao seu pai e a sua mãe. Pois caso obedecesse a um trairia o outro. Ele não seria neutro se um terceiro aparecesse e então ele jurasse obediência a um terceiro, uma vez que ama seu pai e sua mãe.

(...)

Eu peço humildemente à sua graça que não confie, por Deus, em outras pessoas que querem que eu pare de pregar, não confie no falso testemunho que eles mandaram que eu deixei de lado minha

obediência ao pontífice romano Gregório XII. Neste domingo eu publicamente declarei, diante de todos, que não tirei meu apoio ao papa Gregório, mas que eu desejaria obedecer ao pontífice romano e ao seu senhorio da forma mais fiel possível. Se sua graça soubesse disso talvez não tivesse me escrito aquela carta e nem me chamado de filho desobediente, como se me marcasse com uma flecha. Eu apenas desejo a neutralidade (...).

Nesta parte final, entretanto, temos um grande distanciamento do tratamento que Hus faz à Igreja institucional, se compararmos ao discurso de Wycliffe.

Hus faz de tudo para demonstrar a sua neutralidade no que diz respeito ao cisma do Ocidente, tentando demonstrar que a sua neutralidade deveria ser entendida não como a recusa de ambos os pontífices, mas pelo contrário como a aceitação de ambos, declarando, para Zbyněk que era seguidor de Gregório XII, que afirmava publicamente que seguia a Gregório XII, mas não aceitava, ao mesmo tempo, negar sua obediência ao pontífice de Avignon. Hus para isso cria, inclusive, uma disputa na família de Pedro. Ora, não é a toa que Hus escolhe justo Pedro para servir de exemplo de filho fiel que não iria optar por se colocar ao lado de pai ou mãe. Pedro, como símbolo de primeiro papa e, portanto, “pai da Igreja”, tem sobre si a ideia de que “Família de Pedro” é igual a “Igreja Católica” então a cisão metafórica de pai e mãe de Pedro brigando entre si pode ser facilmente passada à disputa interna da Igreja.

Porém a neutralidade, tal como foi definida em detalhes por Hus, é exatamente oposta à postura de um verdadeiro cristão defendida por Wycliffe na maior parte de suas obras, em especial *The Wicket*. Uma vez que para ele a igreja institucional que estava agora bipartida era apenas a igreja decadente e falsa, a dos papistas, que poderia se dividir em quantos papas fossem em disputa pelo poder, mas ainda assim nenhum seria verdadeiro, uma vez que os verdadeiros cristãos tinham como única cabeça a Cristo.

Desta forma, podemos definir com certeza que Hus, ao menos em 1408, não seria jamais digno da alcunha “Wycliffe da Boêmia” conforme citado anteriormente, embora, fosse simpatizante de suas ideias, e assim como o companheiro inglês, também estivesse de todas as formas que ele acreditava

corretas e possíveis, tentando combater os erros dos falsos cristãos. Entretanto, enquanto Wycliffe acreditava que seria impossível reestabelecer a “igreja dos papistas” e os verdadeiros cristãos viveriam “à margem desta”, Hus confia que era apenas uma fase transitória, que seria possível uma reconciliação de mãe e pai, e que cabia aos líderes fazer uma transformação de cima para baixo.

Outra importante diferença entre o pensamento de Hus e de Wycliffe foi encontrado em uma carta⁴⁵⁹ que o mesmo enviou a um convento de Praga no mesmo ano de 1408.

Que o seu esposo, o Senhor Jesus, possa garantir a vós a Sua graça e força para que vos mantenham a virgindade. Vocês mostraram amor a ele, acima de qualquer outro e, em verdade, isso foi feito com muita sabedoria. Pois ele é o Rei mais sábio e mais poderoso, o mais rico e o mais forte, o mais amoroso e assim sendo o prazeroso. Ele não cometeu nenhuma violência e nenhum mal às suas noivas e não trouxe sofrimento a elas. Ele não envelhece perante elas. (...) Ponderem em tudo isso, caras noivas de Cristo, nosso glorioso rei. Não esqueçam dele pois todos os outros são doentios e não são puros e nenhum lhes trará mais alegria do que sofrimento. Por mais que um seja belo, tenha medo de sua falta de fé. Todos possuem defeitos, ou são deformados, ou eunucos, ou bêbados, ou se irritam com facilidade, ou possuem hábitos doentios ou vida demoníaca. E se eles podem garantir filhos a vocês, saibam que durante a gravidez sofrerão as piores misérias, pois a gravidez é um treinamento para a criança. Ela lhes trará sofrimento, desgraça, dores, sofrimento por terem tido uma união imperfeita. E se essa criança nascer, vocês terão medo pela sua sobrevivência, ou antes de nascer terão medo se ela não será deformada. (...) Jesus pode livrá-las de tais sofrimentos através da virgindade, assim como ele nasceu de uma mãe virgem (...).

Vimos ao menos em dois momentos distintos Wycliffe falando contra as regras sexuais impostas sobre as pessoas, tanto em *Of the Leaven of the*

⁴⁵⁹ HUS, John, Letters of John Hus (Ed 1904), p. 17-18

Pharisees, como em *How Satan and His Children...*, dizendo que elas é que inspiravam a atitudes deploráveis. Também na obra *The Ave Maria*, Wycliffe coloca que as mulheres, por mais que pudessem ser tentadas pelos erros dos homens (inclusive a lista citada por Hus aparece de certa forma aqui) elas teriam a função de os auxiliar a largarem seus pecados.

Por exemplo, em *Of the Leaven of Pharisees* Wycliffe afirma “Era melhor que os jovens fossem enviados para possuírem esposas do que os amaldiçoar a serem hipócritas gerando falsos herdeiros e causando danação a tudo o que há de bom”⁴⁶⁰.

Na obra *Of Prelates* Wycliffe explica em mais detalhes a sua postura contra o celibato clerical:

*Os prelados são os mais hipócritas e cegos líderes que podem existir, pois eles estão imersos em completo pecado, comprados pelo desejo de poder material, envoltos em uma capa de hipocrisia, contra todas as leis de Deus, fazendo o oposto da vida de Cristo e de seus apóstolos, e não seguem as leis de Deus. Eles condenam o matrimônio com base na sagrada escritura, fazem seus votos de forma a cobiçar as coisas do mundo, mas então são forçados a cair em pecado quebrando o voto. Pois muitos dos padres agora não vivem nem no matrimônio nem na castidade, mas devoram as esposas dos outros, suas servas, as freiras em todos os tipos de depravações sexuais, e assassinam suas crianças, pecando contra a sua própria geração para limpar sua imagem.*⁴⁶¹

Seguindo o texto Wycliffe continua acusando os padres de esconderem seus erros com a morte de crianças, ou então abandonando as mesmas para que morressem de fome, ou ainda explorassem o trabalho das mesmas sem reconhecer a paternidade. Colocando todos esses atos na negação que eles faziam da lei criada pelo próprio Deus de que o homem deveria se juntar à sua mulher e ter filhos. Sendo assim, o próprio celibato seria contrário à lei divina e a causa de infinitos outros pecados.

⁴⁶⁰ WYCLIFFE, John, *Of the leaven of pharisees*, cap. 2

⁴⁶¹ WYCLIFFE, John, *Of Prelates*, cap 35

Ou seja, temos aqui um grande ponto de diferença entre Wycliffe e Jan Hus. O último defende com grande fervor o celibato, dizendo às freiras que elas não deveriam, de forma alguma estar com nenhum homem, não somente para que não quebrassem uma promessa que haviam feito a Deus (uma vez que Wycliffe acusava a hipocrisia de quem fazia a promessa e a quebrava) mas o argumento de Hus é que estar com homens seria mal em si, que eles estavam cheios de defeitos e que a gravidez só lhes traria dores e sofrimentos. Da mesma forma que Wycliffe defende que o celibato seria a causa dos sofrimentos, uma vez que os homens (especialmente os jovens, segundo ele) não conseguiriam refrear a carne e cumprir o que Deus havia escolhido para eles cumprirem naturalmente, que era ter esposas e filhos.

VII.2.B. Cartas aos acusadores:

VII.2.B.i. Ao Colégio dos Cardeais, reunido em Constança.

É com humilde e respeitosa submissão que eu sigo as suas ordens, reverendos padres de Cristo, vós que se vestem com as vestes apostólicas, que brilha grandemente iluminando o nosso povo e quem possui elevado poder para ordenar a luta contra os pecados do mundo e livrar as almas das trapaças de Satanás, e para socorrer aqueles que sofrem em nome de Cristo. Eu venho a vós humildemente recorrer aos seus conselhos paternais, incapaz que sou de suportar o peso que pesa sobre mim agora, o mal que pesa sobre mim desde o momento que uma parte da igreja retirou-se da obediência de Gregório XII. Eu então recomendo, com sucesso, em meus sermões, perante os barões, príncipes, clero e povo, a adesão dos mesmos ao colégio de Cardeais, para a união de minha Mãe Igreja. Chegou ao meu conhecimento que o padre reverendo em Cristo, Skynko, arcebispo de Praga, e adversário ao Sagrado Colégio, enviou uma carta pastoral a ser afixada nas portas das igrejas proibindo todos os mestres da Universidade de Praga, e em particular a mim, de exercer quaisquer funções do sagrado ministério, sob o pretexto de que os mestres de Praga que aderiram ao Sagrado Colégio dos Cardeais, traindo sua aliança com o papa Gregório XII e a

Santa Sé. Mas o fato deve ser julgado pelos seus próprios resultados, e o que ocorreu é que o arcebispo foi limitado em seu entendimento, uma vez que foi pelo decreto do Concílio de Pisa que a conduta dos mestres foi aprovada. E esta é a acusação contra mim e origem de todos os meus atuais problemas.

O Sagrado Colégio dos Cardeais prometeu muitos favores aos que aderiram a ele, e eu me lembro de tais promessas e confiei nas mesmas, assim como confio nos pilares de nossa sagrada Igreja. Assim, eu imploro aos reverendos, e de joelhos eu conjuro a vocês, que lancem, de acordo com a sua benevolência, sobre a minha miséria, que eu possa ser dispensando de aparecer em pessoa e de outras obrigações muito dolorosas que resultam desta primeira. Eu sou inocente das coisas que os meus adversários me acusam e eu tenho como testemunha o nosso Senhor Jesus Cristo. Eu estou desejoso de aparecer na Universidade de Praga diante de todos os prelados e de todas as pessoas que vierem para me ouvir, e antes de minha partida eu darei a vocês, por escrito, minhas palavras de completa e absoluta fé que guardo em meu peito e confesso, e continuarei a confessar mesmo sendo queimado até a morte. Vossas reverências podem estar certos dessa confissão por documentos públicos, assim como pelo testemunho da Universidade de Praga.

A princípio poderíamos, pela passagem acima, afirmar que a posição de Hus perante a instituição da igreja fosse diferente de Wycliffe, uma vez que ele claramente reconhece o colegiado dos cardeais e o poder do mesmo. Entretanto, antes de definir tal afirmação, é importante levar em conta dois fatores. Primeiramente, no momento desta escrita Hus é mantido prisioneiro pelo mesmo colegiado ao qual ele dirige sua carta. Somente este fator em si já explicaria uma reação bem mais amigável e aceitando o poder do mesmo. Mas ainda assim essa poderia ser uma análise simplista.

Hus cita o Concílio de Pisa, onde o colegiado dos cardeais elege um novo papa, Alexandre V, tirando assim o apoio do mesmo ao papa romano Gregório XII. Em toda a sua argumentação de defesa própria Hus alega que os seus feitos haviam sido autorizados pelo mesmo colegiado que retiraria o apoio de Gregório XII. Ao mesmo tempo, temos que Hus comparece a Constança por

vontade própria, e só é feito prisioneiro após a saída do papa João XXIII, da linhagem de Pisa. Após essa saída, como já vimos, é Gregório XII que assume o poder do concílio, sendo que este, posteriormente, cede o poder ao colegiado.

Ora, se Hus alega ao colegiado que tudo o que ele havia feito tinha sido autorizado pelo colegiado, autorização dada em Pisa, e se ele afirma que as acusações não eram somente a ele, em pessoa, mas a toda a Universidade de Praga, por terem aceitado seguir o colegiado de Pisa e não ao papa Gregório XII, há de se convir que não é errada a possibilidade de que o julgamento que ele agora sofria não era feito pela mesma linha de poder estabelecida pelos cardeais em Pisa. Ainda que alguns cardeais estivessem presentes em ambos os concílios, a situação estava bem diferente. Tão diferente que o papa eleito por Pisa havia fugido e o papa deposto em Pisa havia retornado, ao menos parcialmente, ao poder.

Mas isso nos dá, ao mesmo tempo, um ponto de diferença entre o pensamento de Hus e o de Wycliffe. Enquanto Hus posiciona-se contra o papado e a favor dos ensinamentos de Wycliffe, ele não se coloca oposto a uma hierarquia eclesiástica em si, uma vez que reconhece que os feitos em Praga tinham como origem uma ordem do colegiado dos cardeais. Reconhecendo, ao menos, que uma elite aristocrática de cardeais deveria reger a igreja, ao invés da negação desta estrutura, como um todo, estabelecida por Wycliffe em sua teoria dos dois caminhos.

VII.2.B.ii. Para Zawyssius⁴⁶²

Graça a você e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo. Chega aos meus ouvidos que você tem me acusado de Heresia. Se isso é verdade, envie-me sua palavra para que eu possa saber que acusação é essa, pela graça de Deus, pois, pela fé que eu confesso, a qual eu defendo, a qual eu não dissimulo ou iludo, mas professo como um verdadeiro Cristão. E, que Deus possa abrir os seus olhos, de maneira que, por

⁴⁶² Pouco se sabe sobre ele, a não ser que trata-se de um de seus acusadores, informação essa pretensamente adicionada pelo próprio Martinho Lutero no momento da compilação.

quase trinta anos, você guiou o rebanho em Prachatitz⁴⁶³. Onde você habitou? Em que trabalhou? Como alimentou seu rebanho? Ou você esqueceu essas palavras do Nosso Senhor: Ai dos pastores que apascentam a si mesmos, não deveriam eles apascentar as ovelhas? Diga-me, eu oro para que você seja atingido, ao menos em parte, por essa citação do evangelho de Jesus que diz: O bom pastor vai diante de suas ovelhas e elas o seguem, pois reconhecem a sua voz. Haverá um tempo em que você precisará prestar conta às suas ovelhas e os seus numerosos benefícios, sobre os quais está dito em suas próprias ordenanças, aquele que vive sobre um não pode impedir ou restringir o outro sem cometer um pecado mortal.

Medite nessas coisas e não acuse seu vizinho de heresia. Se você conhece que ele é herege você tem a obrigação de avisá-lo, de acordo com o preceito apostólico, uma primeira e então uma segunda vez, e somente se ele se recusar a ouvir a você é que você deverá condená-lo, e ainda assim você precisaria provar pelas escrituras em qual condenação ele justamente cometeu, para somente então lançar seus livros às chamas.

Eu escrevo a você essas poucas linhas para lhe alertar, fraternamente, de acordo com o preceito de Cristo, como nos foi dito: Se o seu irmão pecou, avise-o em segredo. Receba, portanto, minhas palavras, meu irmão, e, se desejar falar comigo, prove que eu sou herético, e eu irei, humildemente, corrigir a mim mesmo, e você receberá a recompensa por ter resgatado um homem de seu erro. Mesmo assim eu espero que você seja tocado pela Graça do Todo Poderoso Deus. Tenho ao menos tanta fé quanto você em Nosso Senhor Jesus e estarei disposto a morrer humildemente por isso.

Esta carta não deveria ter destaque espacial, uma vez que não temos informações acerca de quais foram as acusações sofridas por Hus, quem é seu acusador, de modo que não é possível estabelecer qualquer relação histórica clara com outros elementos. Contudo, ela foi escolhida para ser citada neste capítulo como comparação do uso das escrituras e do tratamento dado a um acusador em específico, uma vez que a maior parte das acusações

⁴⁶³ Trata-se de uma pequena vila, ao sul da Boêmia, próxima a Hussinec, que devia possuir cerca de duas centenas de habitantes e mesmo hoje tem uma população inferior a 4000 habitantes.

respondidas em suas cartas são para um grupo de acusadores e não a uma pessoa em especial.

O princípio apostólico citado por Hus que deveria ser usado para orientá-lo, e que teria sido esquecido pelo seu acusador, está enunciado no evangelho de Mateus, capítulo 18: *“Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano.”*⁴⁶⁴.

A evocação de tal princípio demonstra que, ao contrário do que é comum em situações de julgamento como essa, Hus não foi convidado a desistir de suas afirmações anteriormente, antes disso já havia sido aprisionado pelo colégio de cardeais. Mesmo Wycliffe, conforme já vimos, recebeu vários avisos antes de ser convocado pessoalmente a responder pelas suas afirmações, bem como uma lista de erros que ele teria proferido, à qual ele teve direito de responder ainda em liberdade. Já Hus afirma que não havia recebido qualquer aviso anterior, pelo qual pudesse se retratar. Ao mesmo tempo, igualmente, ele deixa claro que não o faria a não ser que fosse possível provar pelas escrituras que ele estivesse errado, declarando que não teria medo de morrer pela sua fé.

Aproveitando-se da situação, Hus faz uma série de alegações contra o seu acusador. Ao que tudo indica tratava-se de algum conhecido, visto a proximidade geográfica da cidade de origem do acusador, provavelmente trazido diante do concílio para testemunhar contra Hus. O argumento utilizado por ele em sua contra-acusação encontra-se no livro de Ezequiel, capítulo 34:

Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza, e dize aos pastores: Assim diz o Senhor Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis da lã; matais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. As fracas não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e

⁴⁶⁴ Mt 18, 15-18

*duresa. Assim se espalharam, por não haver pastor, e tornaram-se pasto para todas as feras do campo, porquanto se espalharam. As minhas ovelhas andaram desgarradas por todos os montes, e por todo o alto outeiro; sim, as minhas ovelhas andaram espalhadas por toda a face da terra, sem haver quem perguntasse por elas, nem quem as buscasse. Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor: Vivo eu, diz o Senhor Deus, que, porquanto as minhas ovelhas foram entregues à rapina, e as minhas ovelhas vieram a servir de pasto a todas as feras do campo, por falta de pastor, e os meus pastores não procuraram as minhas ovelhas; e os pastores apascentaram a si mesmos, e não apascentaram as minhas ovelhas; Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu estou contra os pastores; das suas mãos demandarei as minhas ovelhas, e eles deixarão de apascentar as ovelhas; os pastores não se apascentarão mais a si mesmos; e livrarei as minhas ovelhas da sua boca, e não lhes servirão mais de pasto.*⁴⁶⁵

Trata-se de uma passagem onde o próprio Deus acusa os “pastores de Israel” de abandonarem seu povo, preocupando-se mais consigo mesmos e alimentando a si mesmos, enquanto o povo passava fome. As palavras de Hus a Zawyssius não deixam transparecer exatamente o que ele estava fazendo. Mas ao questionar onde ele morava, provavelmente indique que ele não morava no meio daqueles que deveria guiar, uma vez que se tratava de um pequeno vilarejo. Ao mesmo tempo ao questionar em que ele trabalhava, provavelmente indique que, apesar dele não morar no meio do seu “rebanho”, era sustentado por eles. De certa forma, aqui, um argumento muito semelhante aos utilizados por Wycliffe, onde o clero é que deveria trabalhar para ajudar o povo ao seu sustento e não estes serem sustentados pelo povo⁴⁶⁶.

A referência utilizada por Hus afirmando que um pastor de verdade tem a sua voz reconhecida pelas suas ovelhas é retirado do evangelho de João, capítulo 10:

⁴⁶⁵ Ez, 34, 2-10

⁴⁶⁶ Presente em “Por que os Clérigos não devem ter posses”

A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

Jesus disse-lhes esta parábola; mas eles não entenderam o que era que lhes dizia. Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância. Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatou e dispersa as ovelhas. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário, e não tem cuidado das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido⁴⁶⁷.

Unindo todas essas passagens podemos ver como claramente Hus estava acusando Zawyssiuss de ser um mercenário. De estar lucrando com o serviço de Deus, mas sem qualquer interesse real em cuidar das pessoas que deveriam estar sob seus cuidados, sendo justamente contra essas pessoas que estaria feita a profecia de Ezequiel, e justamente sendo a figura de Jesus aquele que iria resgatar o povo daquele falso pastoreio, punindo assim os falsos pastores, que estavam ali apenas pelo lucro mas não pelo amor das ovelhas, portanto mercenários.

É igualmente interessante que, por mais que Hus acuse seu acusador, defenda-se da forma pela qual a acusação está sendo feita, que ele deveria ter o direito de ter sido avisado antes e não o foi, e, na carta que vimos anteriormente, reclamando o fato de ter sido preso e estar sofrendo na prisão. Não temos, em nenhuma delas, uma defesa contra quaisquer acusações que lhe tenham sido feitas. Muito pelo contrário, as únicas inferências possíveis de ser feitas pelas suas cartas neste momento é que ele havia sido acusado de

⁴⁶⁷ Jo 10, 3-14

heresia, que ele tinha sido acusado de não ter uma fé verdadeira e de falar apenas falsidade, mascarando uma fé verdadeira que ele não teria.

É importante notar que estas cartas foram escritas antes de seu comparecimento perante o Concílio, enquanto ainda estava aprisionado, portanto, ao que tudo indica, ele não tinha nem mesmo sofrido uma acusação formal neste momento à qual pudesse preparar alguma resposta. E nem mesmo as ideias de Wycliffe haviam até então sido consideradas anátemas pelo concílio.

VII.2.C. Cartas Enviadas a Grupos Populares

Temos uma série de cartas enviadas por Jan Hus enquanto estava em Constança que se dirigiam não somente a uma pessoa, mas a grupos populares. Levadas por seus seguidores eram lidas em praças públicas ou defronte a igrejas em diversas cidades, especialmente Praga. Essas cartas são similares aos sermões de Wycliffe, especialmente *The Wicket*, apesar de serem mais curtas e menos elaboradas. Uma vez que são cartas públicas, pretende-se que elas possuam o maior paralelo com as obras analisadas de Wycliffe, permitindo uma comparação mais precisa. Ao contrário das outras analisadas previamente, que tinham endereçamento a uma pessoa específica, e com isso permitiam um toque mais pessoal, demonstrando mais os sentimentos ou as fraquezas de Hus, essas tinham a mesma função dos sermões pregados na Inglaterra, embora, no caso de Jan Hus, elas tenham sido todas escritas em Constança, a maior parte das mesmas, certamente escritas durante seu aprisionamento, muito embora, ao menos uma delas, escrita em liberdade, como veremos a seguir.

*Jan Hus aos Boêmios, escrita antes de seu comparecimento perante o Concílio*⁴⁶⁸.

Eu, Jan Hus, na esperança, padre e ministro de Jesus Cristo para todos os bem amados e fiéis do meu rebanho e irmãos que têm ouvido de minha boca as palavras divinas, e que receberam

⁴⁶⁸ HUS, John, *Letters of John Hus*, p. 69

misericordiosamente a paz de Deus e o Espírito Santo. Eu oro para que vocês continuem a andar sem culpa na verdade, assim como Jesus Cristo. Vocês sabem, caro rebanho, que por um longo tempo eu instruí a vocês na fé, ensinando a palavra do Senhor e não as coisas fora da verdade, que eu sempre busquei tanto agora, como no futuro, a salvação. Eu esperava anteriormente, quando eu fui chamado a Constança, refutar os falsos testemunhos e as falsas acusações que querem me trazer ao cadafalso, mas o tempo ainda não me permitiu fazê-lo e certamente eu só o farei tardiamente. Vocês, então, que sabem dessas coisas, não pensem e não suponham que eu me tornei indigno sendo tratado por nenhuma falsa doutrina.

Não há indicações precisas de qual seria exatamente o momento da escrita desta carta, mas pelo tempo descrito por Jan Hus que ele já estaria à espera, é provável que tenha sido após a troca de poder papal no concílio, ou seja, após Gregório XII assumir o concílio. Em termos comparativos que Wycliffe, temos alguns aspectos a ressaltar. Hus escreve especificamente para o seu rebanho, mantendo a ideia de pastorado sobre eles, portanto uma estrutura hierárquica, onde ele necessita cuidar e guiar especificamente aquele grupo de pessoas, definidas por ele, por um lado o povo de Praga, que ouvia suas missas e as freiras que recebiam suas cartas (uma das quais já foi previamente analisada aqui). Ao mesmo tempo, em todos os sermões de Wycliffe, temos o endereçamento não a uma comunidade específica, mas sempre aos “verdadeiros cristãos”, fossem eles quais fossem, em oposição aos papistas. Não temos nesta carta, em nenhum momento, a dicotomia entre verdadeiros cristãos e falsos cristãos e muito menos qualquer tipo de acusação aos membros da Igreja Católica como sendo uma fé a parte do cristianismo.

Continuando a carta:

Eu lido apenas com a verdade e confio em vocês a misericórdia de Deus que nos dá sua verdade a mim, seu fiel pregador, para saber e defender a verdade diante dos falsos professores. Assim como eu estou fora, fiz minha jornada de forma segura sob proteção do imperador para encontrar e confrontar meus numerosos e mortais inimigos, assim como aparecer mais limpo no dia em que eu estarei diante deles e eles

levantarão seus falsos testemunhos. Meus inimigos no Concílio são mais numerosos do que os que Cristo encontrou entre os bispos e doutores no princípio de sua vida e posteriormente os fariseus. Mas eu próprio confio inteiramente no Deus Altíssimo, e no meu Salvador. Eu espero, então, que ele garanta a mim, em ardente oração, e ponha prudência e sabedoria em minha boca para que eu possa resistir a eles, e que o Espírito Santo possa me fortificar na verdade para que os portões do inferno não possam prevalecer sobre mim e que eu possa estar face a face resistindo a intrépida tentação quando for preso e sofrer uma morte cruel, assim como Cristo sofreu pelos seus amados e assim nos deu seu magnífico e estonteante exemplo de que pelo sofrimento se chega à salvação.

Outro aspecto de comparação é que Wycliffe, em momento algum, define a si próprio como enviado de Deus ou como aquele que possui em si a verdade. Ele simplesmente fala. Ao mesmo tempo temos aqui, Hus definindo a si próprio como homem fiel, fiel pregador, etc. Wycliffe se coloca como pessoa exterior aos seus textos, se há inimigos, são inimigos dos verdadeiros cristãos, se há uma verdade, ela é uma verdade em si, enquanto Hus fala de seus inimigos, de seu rebanho, defende a si próprio como verdadeiro. Ou seja, há um caráter muito mais universalista em Wycliffe do que em Hus.

Um aspecto interessante deste trecho da carta é Hus pedindo força para não abandonar aquilo que ele acreditava ser verdadeiro diante da morte, assumindo um caráter fatalista, onde seu próprio sofrimento seria natural, à semelhança do sofrimento de Cristo. Neste ponto temos um fator fortemente semelhante às pregações de Wycliffe. Não somente pela semelhança entre a vida de Jesus e a de Hus (uma vez que Wycliffe pregava a imitação da pessoa humana de Cristo), mas também da ideia de que os verdadeiros cristãos sempre seriam perseguidos pelas elites religiosas, um fatalismo semelhante ao que vemos aqui em Hus, embora ele seja mais específico com o seu próprio caso e não explicando uma doutrina universal. Essa maior universalidade, entretanto, se dá na continuidade da carta:

Ele é Deus e nós somos apenas suas criaturas. Ele é o Senhor e nós apenas seus servos. Ele é o mestre do mundo e nós apenas

frívolos mortais. Ele não espera nada e nós sempre temos nossos desejos carnis. Se ele sofreu, não sofreríamos nós também para nossa purificação? Certamente aquele que confia em Cristo e lida com a verdade não irá verdadeiramente perecer. Então, meu amado rebanho, ore para ele incessantemente para que Ele derrame seu Espírito sobre mim e que eu possa lidar com a verdade e esta possa ser entregue a todos e eles possam ser livrados de todo o mal, e que minha morte possa contribuir para a Sua glória. Orem para que a minha morte seja rápida e para que eu tenha forças para suportar minhas aflições com Constança.

Neste excerto aparece claramente que era função do verdadeiro cristão sofrer assim como Cristo sofreu, tomando um caráter completamente similar às pregações de Wycliffe, onde o verdadeiro cristianismo sempre ocorre à margem da instituição, e, portanto a perseguição e sofrimento dos verdadeiros cristãos são uma constante. Temos aqui outros elementos da ideia de Wycliffe, como, por exemplo, que a verdade não perece uma vez que Deus dá forças para que estes homens perseguidos mantenham sua fé até diante de suas próprias mortes. Assim sendo a verdade sempre está à margem da instituição perseguidora sobrevivendo na boca de mártires, dos quais agora Jan Hus se colocaria como um deles.

Entretanto na continuação da carta podemos ver uma quebra desta lógica:

Mas, se for melhor, no interesse da minha salvação, que eu retorne para junto de vós, então peçam a Deus que eu saia do Concílio sem a menor culpa e que eu possa dizer que eu mantive nada além da verdade do evangelho de Cristo para que eu possa ser distinto e mais leve e puro, e possa sair para o nosso rebanho como um exemplo.

Provavelmente vocês nunca mais me verão em Praga. Mas se o Todo Poderoso decidir me retornar a vocês, vamos avançar então com um coração melhor na sabedoria do amor de Sua Lei. Que o Senhor Misericordioso e Justo dê sua paz neste mundo, mas também após a morte. Que Ele possa nos proteger e nos purificar pela aspersão de seu misericordioso sangue, sangue que é eternamente derramado para

nossa salvação. Que Ele possa permitir a vocês manterem-se em Sua vontade. E então, quando tudo tiver se cumprido, que vocês possam alcançar Sua eterna glória e paz através de Jesus Cristo com todos aqueles que se mantiveram na verdade.

Pela teoria dos dois caminhos de Wycliffe, seria impossível o que Hus agora pedia. Por mais que fosse possível que ele conseguisse sair de Constança e voltar para junto dos seus, isso jamais se daria, ao mesmo tempo, sem a corrupção de Hus ou então de modo que ele saísse sem a menor culpa. (ou seja, as únicas chances dele voltar ou seria fugindo ou então entrando no sistema da igreja forte e opressora).

Seja como for, o caráter de renovação proposto por Hus está muito mais próximo a uma renovação espiritual pós morte do que uma renovação da igreja material onde ele se encontra, o que é condizente com as ideias de Wycliffe.

A próxima carta selecionada é uma carta aberta a todos os cristãos do mundo, não sendo dirigida especificamente a nenhuma comunidade. Tendo um caráter mais universal, ao mesmo tempo em que ela, mais do que explicar alguma teoria ou pensamento de Hus, apenas dá a descrição dele de como o julgamento estava se procedendo⁴⁶⁹.

Eu, mestre Jan Hus, esperançosamente, servo de Cristo, desejo que os verdadeiros crentes em Cristo não vejam em minha morte oportunidade de escândalo e me vejam como um obstinado herege. Dou meu testemunho de minha fé em Cristo Jesus para que aqueles que declararem que eu desejei morrer possam ser calados por esta carta que aqui deixo. Deixo essas palavras para a memória daqueles que buscam a verdade.

Nesta carta Hus utiliza-se de um termo muito comum no discurso de Wycliffe, que é o “verdadeiros crentes em Cristo” ou “verdadeiros cristãos”. Já imaginando sua morte na prisão em Constança ele resolve escrever uma espécie de testamento, cuja herança deixada seria a verdade do que teria ocorrido em seus julgamentos. Infelizmente, uma vez que os atos do Concílio

⁴⁶⁹ Idem, p.134

não mostrem o processo do julgamento em si, apenas a sentença final e a lista de acusações, é difícil comparar esta versão com outra oficial para colocar uma de frente a outra.

Eu sempre declarei, tanto privadamente como publicamente, e também perante o Concílio, que eu me permitia ser inquirido e que eu iria me submeter à instrução, abjuração e punição se fossem demonstrados a mim, em qualquer momento que fosse, por algo que eu tivesse escrito, ensinado ou disseminado, qualquer coisa que fosse contrária à verdade. Mas cinquenta doutores, que foram enviados a mim pelo Concílio e que ficaram comigo, foram frequentemente corrigidos por mim, até mesmo em público, por terem falsamente extraído palavras do contexto do que eu havia produzido, ou então se recusaram a ouvir as explicações que tinha para tais escritos. Declararam que não iriam sequer me ouvir, dizendo que eu não queria me submeter às decisões do Concílio.

O Concílio zombou de mim, quando em audiência pública, eu citei as palavras de Cristo sobre os doutores da lei, eles disseram que eu nada entendia e então zombaram de mim, me insultaram e me fizeram calar-me.

Não é possível saber exatamente a qual passagem Hus se refere, mas provavelmente se trate ou da passagem onde Jesus, na páscoa, se encontra com os doutores da lei judaica para discutir com eles, ou então, de algum dos momentos onde ele atacava a hipocrisia dos doutores da lei. Caso a citação se refira à segunda possibilidade podemos investigar inicialmente no evangelho de Mateus, capítulo 23:

Então falou Jesus à multidão, e aos seus discípulos dizendo:

Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus. Todas as coisas, pois, que vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as; mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não fazem; Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los; E fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; (...). E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o

que a si mesmo se humilhar será exaltado. Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entraís nem deixais entrar aos que estão entrando. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que devorais as casas das viúvas, sob pretexto de prolongadas orações; por isso sofrereis mais rigoroso juízo. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós. Ai de vós, condutores cegos! (...) Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas. Condutores cegos! Que coais um mosquito e engolis um camelo. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade. Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Caso a citação feita fosse referente aos doutores da lei que discutiam com Jesus enquanto criança, a acusação seria pequena, embora colocasse o próprio Hus na posição de “Jesus”. Entretanto a referência ao que Jesus disse aos doutores da lei, provavelmente se refira a essa segunda, onde a hipocrisia é a palavra chave do entendimento da acusação. É importante ressaltar que o próprio Wycliffe produziu uma obra inteira a respeito desta citação, onde ele compara a hipocrisia dos fariseus com a dos “papistas” de sua época.

A imagem de Hus conseguindo calar os cinquenta doutores que vinham conversar com ele é uma imagem forte, digna de ser construída após a sua morte pelos seus seguidores. No entanto a carta aqui presente foi escrita de próprio punho pelo próprio Hus.

Nesta carta segue-se:

Um doutor inglês que já havia falado para mim particularmente que Wycliffe desejava aniquilar toda a ciência e teria criado diversos

livros cheios de erros de lógica, começou um discurso sobre a multiplicação do corpo de Cristo na hóstia consagrada, e os seus argumentos foram tão fracos e ilógicos que mandaram que ele se calasse. Então ele gritou: Esse homem desafia o Concílio, vamos tomar cuidado para que o Concílio não recaia no mesmo erro que tomou com Berengar.

Ao que tudo indica Jan Hus aqui demonstra que estava sendo acusado pelos erros de outros. Veja que a primeira parte da acusação, segundo ele, começou com a citação de artigos escritos pelo próprio Hus, mas fora de contexto, desta forma tendo fazer com que os cinquenta doutores se calassem. Contudo, agora a acusação muda de forma, trazendo à tona dois nomes. O primeiro deles o próprio Wycliffe. É interessante que ao apresentar o doutor que trás as ideias de Wycliffe, Hus faz questão de afirmar que ele era inglês, demonstrando que, provavelmente, este doutor fosse conhecedor, mais a fundo das ideias de Wycliffe. Sabemos, como já foi explicado anteriormente, que Oxford enviou ao concílio de Constança doutores em teologia para refutar as afirmações de Wycliffe, muito provavelmente seja esse o doutor que agora acusava Hus.

A argumentação a respeito da multiplicação do corpo de Cristo na hóstia consagrada já foi apresentada no capítulo a respeito da transubstanciação, estando presente em diversas obras de Wycliffe, especialmente *The Wicket*. Entretanto, não há qualquer menção a uma teoria semelhante defendida por Jan Hus. Esse era seguidor do pensamento de Wycliffe em diversos termos, mas todos eles relacionados ao desvio das práticas do clero, da riqueza do clero, da imoralidade do clero, etc. Mas não há, ao menos não nas obras analisadas de Jan Hus apresentadas neste trabalho, explicações mais detalhadas acerca de um combate à doutrina da transubstanciação. Inclusive, segundo Zeman⁴⁷⁰, em cinco de junho de 1414 Hus teria inclusive negado ter quaisquer pensamentos negativos com relação à transubstanciação⁴⁷¹.

Isso demonstra que de certa forma a acusação que recaía sobre Hus, às vezes, era mais referida a Wycliffe, que já havia morrido algumas décadas

⁴⁷⁰ ZEMAN, JK, *The hussite moviment and the reformation in Bohemia, Moravia and Slovakia*,

⁴⁷¹ Infelizmente não foi encontrada a fonte documental de tal afirmação.

antes, e, portanto, na ausência dele, Jan Hus serviria como ótimo bode expiatório. Segundo Hus a argumentação deste doutor inglês era inconsistente. Porém, segundo as disputas teológicas da doutrina da transubstanciação, há tantas construções lógicas que é difícil crer que tanto um quanto outro lado da disputa doutrinária possa ser considerado inconsistente, de modo que a inconsistência aqui deveria ser entendida não com relação à doutrina da transubstanciação em si, mas no relacionamento da mesma com as ideias de Hus.

A citação deste doutor, no final, para que se evitasse que ocorresse com ele o mesmo que ocorreu com Berengar, provavelmente seja referente à Berengar de Tours, que no século XI, foi um importante teólogo, mas que acreditava que a razão era mais importante na compreensão de Deus do que a própria fé. Ele não chegou a ser perseguido e nem considerado herege, por mais que tenha negado a necessidade de uma autoridade máxima no que diz respeito às interpretações das escrituras, uma vez que a razão seria superior a qualquer autoridade humana. Entretanto, após sua morte, baseado nas ideias dele, surge um movimento herético, os Berengarianos. Por sinal, uma das características dos Berengarianos foi justamente se opor à doutrina da transubstanciação citada acima.

Continuando a carta:

Quando este enfim foi silenciado, outro começou a discursar sobre a criação de uma essência comum. Todos começaram um clamor contra ele, discutiam entre si. Pedi então que eu o ouvisse, ele parecia saber argumentar, desejava ouvir ao que ele tinha a dizer. Mas ele foi calado e retirado, e então somente ouvi outra voz dizer: Esse homem é um herege.

Temos aqui Jan Hus pintando uma imagem de completa opressão no Concílio, onde havia confusão e cardeais discordantes que, ao quererem expressar suas opiniões, eram retirados do Concílio. Se formos imaginar essa característica apresentada apenas por Hus ela não deveria ter uma relevância primordial, uma vez que é de se esperar que sua visão do Concílio seja parcial e pejorativa. Entretanto, conforme já apresentamos anteriormente no que diz

respeito a Wycliffe, não havia um real consenso entre os cardeais, especialmente por que os mesmos cardeais que se reuniram no início do Concílio não são os mesmos que continuam após a troca de poder papal, de onde é possível dar mais crédito a essa imagem de completo caos pintada por Hus.

Continuando a carta:

O Monsenhor Wenceslau Duba, João de Chlum e Pedro o Notável, valentes campeões, e seus amigos, conhecem a verdade que agora proclamo, que são falsas as mentiras e blasfêmias que proferiram contra mim nessa Assembleia do Concílio. Estonteado por tanto barulho e confusão interna do concílio eu falei: Eu imaginava nesse concílio encontrar mais decência, mais piedade e mais disciplina. Então o imperador ordenou o silêncio e eles se calaram e então puderam ouvir.

O Cardeal que presidia a seção então me disse: você falava mais humildemente enquanto estava preso – ao que respondi: é verdade, pois não clamavam contra mim e nem vociferavam comigo. – Ao que ele adicionou: Você aceita então que o investiguemos? – E eu respondi que sim. Mas com os limites que eu havia fixado (de provarem o que eu disse pelos meus próprios escritos ou que tenha dito algo publicamente). – Que esse seja então o resultado deste inquérito – ordenou o cardeal, que os doutores aqui presentes possam declarar quais são os artigos retirados especificamente dos escritos de Jan Hus e que contenham erros para que ele os possa abjurar conforme prometeu diante do Concílio, pois ele já prometeu isso diante das testemunhas. Tendo dito isso o imperador tomou a palavra e disse: Que se apressem a essa tarefa de escreverem a ele para que ele possa responder a cada uma das acusações, e tudo isso deverá ser feito antes da próxima audiência. Deus sabe quantos julgamentos mais eu sofri depois disso.

Não há indicações de quem são as três pessoas citadas por Jan Hus no início deste fragmento. Chlum é uma cidade da Boêmia, de média importância durante o concílio, e temos diversas cartas de Hus endereçadas a João de Chlum, de modo que se trata de alguém próximo a ele e no qual ele confiava.

Entretanto não há como indicar com certeza se este João estava presente no momento da reunião da assembleia do Concílio ou se apenas ouviu o relato de Hus posteriormente, e muito menos ainda saber se, estando ele presente, que papel ele teve, se apenas de observador, ou se tratava-se de alguém que compartilhava das ideias de Hus mas estava entre os que o julgavam. Igualmente Wenceslau Duba, existe a cidade boêmia de Dub, provavelmente trate-se de uma grafia diferente da mesma cidade. Wenceslau é um nome comum na Boêmia, uma vez que se refira ao seu primeiro rei, ainda na época em que a Boêmia era um ducado, em 925. De modo que é muito difícil achar uma origem confiável de qual Wenceslau de Dub seria este. Por último, Pedro o notável, sendo Gillet⁴⁷² trava-se de Pedro Maldoniewitz, amigo de Hus, que teria o acompanhado até Constança e descoberto após 2 semanas de sua prisão onde ele se encontrava, e teria sido o principal mensageiro que conseguia levar adiante suas cartas para a Boêmia. Entretanto não há qualquer explicação do motivo que faria com que ele estivesse na lista dos que poderia testemunhar em favor de Hus sobre o que havia ocorrido no dia da reunião da assembleia do Concílio, ou se ele estivera lá pessoalmente ou não.

Por fim, temos a carta terminando com a afirmação de que a próxima reunião a ser ocorrida já teria uma lista de quais eram as ideias de Hus que seriam condenadas, a origem das mesmas nas obras de Hus e por fim o direito dele rebater tais afirmações. No entanto o próprio Hus, no momento de escrita de sua carta, declara que isso não teria ocorrido. Apesar desta afirmação dele, sabemos que há uma lista criada pelo Concílio com os itens condenados de Hus. Por que motivo então essa lista não teria sido passada ao próprio Hus? Teria essa carta sido escrita apenas um pouco antes do dia em que ele finalmente foi chamado diante do Concílio para explicar as acusações que lhe eram feitas?

Um das cartas de Hus, escrita durante seu encarceramento, recebe o título de “carta ao amigos cristãos”, estando dirigida a toda a cristandade⁴⁷³.

⁴⁷²GILLET, Ezra Hall *The life and times of John Huss : or the Bohemian Reformation of the fifteenth century*, p. 548

⁴⁷³HUS, John, *Letters of John Huss written during his exile and imprisonment*, p.142

Que o Senhor esteja convosco. O Aviso de Deus é mais precioso para mim que ouro e topázio. Eu espero, então, que a misericórdia de Cristo recaia sobre mim e que eu possa me manter no caminho da verdade. Orem ao Senhor, pois o espírito é desejoso e a carne é fraca. Que o Senhor Todo Poderoso possa dar a recompensa aos meus nobres que se mantêm em fiel e fervente coração para preservar a justiça. Deus vai permitir que eles levem a verdade ao reino da Boêmia. Mas para isso é necessário que eles voltem para a Boêmia, deixando de lado a vanglória, para se submeter ao rei que não é mortal e nem está sujeito às misérias, pois é o rei da glória e dá a vida eterna.

(...) eu não poderei manter muito mais contato com vocês, mas eu os saúdo, fiéis da Boêmia.

Paletz veio me visitar na prisão, me pressionou e me tirou a paz, me dizendo na presença de seus comissários que desde o nascimento de Cristo não haviam se levantado maiores hereges do que eu e Wycliffe. Ele declarou que aqueles que ouviram minhas pregações foram infestados pela minha heresia, que foi afirmar que a matéria do pão continua existindo após o sacramento do altar: Paletz - eu respondi - como são cruéis as suas palavras, e como você está pecando contra mim. Eu estou prestes a morrer, talvez assim que eu me levantar da minha cama, eu serei conduzido às estacas de madeira, Que recompensa eles vão dar àqueles da Boêmia? – Eu não deveria ter escrito essas palavras, pois elas demonstram ódio.

(...)

Saibam que eu tenho um grande combate a lutar. Eu sonhei com a saída do papa antes que ela ocorresse. E assim que fiquei sabendo deste ocorrido, à meia noite, vi São João falando comigo que o papa iria voltar para mim.

A carta continua, afirmando que embora ele soubesse que não era um vidente, tinha tido várias outras visões onde pessoas o alertavam que, se fosse para Constança, não voltaria mais vivo, e que isso estava prestes a se cumprir.

Analisando esta carta temos alguns aspectos importantes para ressaltar. Primeiramente Hus faz uma alusão a que os nobres que o acompanharam e que estavam com ele em Constança deveriam retornar à Boêmia, pois eles teriam a missão de espalhar a verdade. Embora não haja nomes na carta,

muito provavelmente se trate do mesmo grupo que levará adiante, anos depois, as guerras hussitas.

Depois, temos uma espécie de despedida de Hus, avisando que sua morte, agora, estaria muito próxima (embora essa não tenha sido a última de suas cartas, a situação certamente já havia se agravado e a tendência era piorar).

Depois, temos um certo Paletz, que vem atormentar Jan Hus. Trata-se, na verdade, de Stephen Paletz, contratado pelo clero de Praga, para conseguir confissões de Hus⁴⁷⁴; ele já havia trabalho no combate às ideias de Wycliffe, mesmo antes do Concílio de Constança. Algumas linhas de pesquisa chegam a definir que ele teria sido seguidor das ideias de Wycliffe, durante os primeiros anos⁴⁷⁵.

A acusação de que não havia, desde a época de Jesus, nenhum outro herege pior do que Wycliffe e Jan Hus, certamente parece exagerada em todos os aspectos. Certamente outras heresias tiveram número maior de seguidores, e foram ao menos tão enfáticas quanto Wycliffe, no que diz respeito às condenações papais (além de ser importante destacar que o próprio Hus não repete essas próprias críticas diretamente em suas obras). Assim sendo, o mais provável é que esses dizeres tenham sido apenas provocativos ou opinião de um homem só, e de forma alguma uma opinião mais oficial por parte da igreja no período, refletindo, por exemplo, a opinião do colegiado dos cardeais. Entretanto não podemos negar a possibilidade, ainda que improvável, que esta afirmação tenha sido feita justamente pelo colegiado e depois transmitida a Hus. Isso não seria algo impossível se levarmos em conta que estamos no meio de um concílio que começa com a existência de três pontífices e o ato de abertura não se refere a essa disputa, e sim a Wycliffe e a Hus, e que a maior parte dos atos do concílio se referem a Wycliffe e a Hus, e não à união da Igreja e o fim do Cisma do Ocidente. Caso realmente as ideias de Wycliffe, e agora de Hus, fossem realmente consideradas, naquele momento, as piores que existiam, as mais terríveis contrárias à Igreja, exatamente que motivo fazia com que elas tomassem tamanha força? A sua capacidade de se divulgar por diversos reinos em um tempo relativamente curto? O fato de estar se

⁴⁷⁴ GILLET, Ezra Hall, *The life and times of John Huss*:p.184

⁴⁷⁵ <http://www.ccel.org/ccel/schaff/hcc6.ii.vi.vii.html>

espalhando justamente pelas universidades, tendo embasamento teológico mais forte do que outras heresias que eram mais populares? O fato de pregar contra toda e qualquer hierarquia da Igreja? O fato de não pretender que fosse possível uma renovação da Igreja? O discurso muito mais racionalista e humanista desta, ao invés de proféticos e exegéticos ou gnósticos das outras?

Nesta conversa, segundo nos relata Hus, o único tópico declarado foi a questão da transubstanciação. Por que motivo, entre tantas outras acusações mais enfáticas, esta teria sido a citada? Certamente grande parte da estrutura de poder da Igreja estava embasada nesta crença, e certamente Wycliffe a combateu com fervor, mas por que motivo esse ponto teria tido importância maior do que os outros? Certamente ele não o tem na enumeração das condenações que já analisamos previamente.

Por fim, Hus comenta “que recompensa vão dar àqueles da Boêmia?”. O que ele queria dizer com isso? Estaria se referindo a uma grande perseguição que seria feita ao povo da Boêmia? Especialmente por que, antes disso, Paletz teria afirmado que todos aqueles que teriam ouvido Hus estavam contaminados. Desta forma, estaria Hus temendo não somente por si, mas pela vida de todos os que ele prezava na Boêmia? Seria essa a tentação que ele sofria? De refutar as suas ideias para salvar a sua própria vida e a de seus na Boêmia?

Temos, após essa carta mais uma, que demonstra que a situação agora tinha tomado um novo passo, o das respostas das acusações formalizadas. Temos isso presente em uma das cartas enviadas a João de Schlum⁴⁷⁶:

Nobre e bom senhor, eu tenho experimentado grande consolação e eu imploro a você, em nome de Deus, para que não perca a paciência por ter tanto trabalho por minha causa por tão longo tempo. O Deus da verdade e da justiça vai recompensá-lo por isso.

Os comissários durante alguns dias me confinaram com cerca de vinte a trinta homens da lei de grande conhecimento. Eu me recusei a consentir o que eles queriam. Mas após ter escrito as minhas respostas às quarenta e cinco condenações de Wycliffe, assim como responder às minhas próprias acusações, que foram alegadas contra

⁴⁷⁶ HUS, John, *Letters of John Huss written during his exile and imprisonment*, p.94

mim, eu escrevi, de próprio punho, um protesto. Através deste declarei ter desejo de aparecer diante do Concílio pessoalmente, desta forma eu poderia explicar a minha fé. Eu expliquei que esses artigos foram falsamente extraídos do meu tratado sobre a igreja, eles sofreram alterações, subtrações e adições, e esta resposta ainda precisei elaborar na prisão ser ter nenhum único livro comigo.

Nunca em minha vida imaginei o azar de encontrar um confrontador mais cruel que Paletz,

Por sua vez, os clérigos da câmara papal me trataram muito bem e me deram muita atenção. O Senhor salvou Jonas da barriga da baleia, Daniel da cova dos leões, os três jovens da fornalha, e Suzana da acusação de falso testemunho, Ele também poderá me salvar para demonstrar sua glória e eu poder continuar pregando sua palavra. Se, pelo contrário, minha morte agradar a Deus, que o nome de Deus seja louvado. Se eu puder ver mais uma única vez que seja o imperador, com vocês boêmios, minha aflição será finalizada. (...) seria muito bom se alguém pudesse me enviar uma Bíblia.

Esta, certamente, é uma das mais importantes cartas de Hus. Primeiramente ele afirma que estava trabalhando nas respostas das quarenta e cinco condenações de Wycliffe. Muito provavelmente a condenação de número 25, das que Hus recebe, vem justamente da resposta que ele provavelmente deu da análise das 45 teses de Wycliffe, conforme veremos adiante nas condenações sofridas por ele.

Além disso, ele cita um número incerto de condenações que ele recebia. A questão de Hus citar o número exato das condenações que foram dadas a ele para que fossem respondidas é importante. Primeiramente isso deixa claro que apenas a primeira lista de condenações passou por ele, e reforça a ideia de que, provavelmente, no início do concílio eles possuíam apenas essa lista e que a lista das 260 chega posteriormente.

O número incerto de condenações as quais Hus respondia também é importante, especialmente porque demonstra que não havia uma formalização específica das condenações, muito provavelmente apareciam novas condenações a cada dia, e isso por ser afirmado pelo fato da condenação de número 25 ser a referente às 45 teses que ele analisou de Wycliffe, enquanto o

total de acusações contra ele chega a 30, demonstrando que provavelmente ao menos outras quatro acusações foram feitas posteriormente.

Hus, neste fragmento da carta, não comenta as defesas que ele estava fazendo da obra de Wycliffe, entretanto ele comenta que as acusações que foram feitas contra ele eram falsas, especialmente definindo que elas se referiam a texto fora de contexto, e texto adulterado, para que seu sentido fosse modificado dando tom de heresia. A principal reclamação de Hus é que ele não possuía nem um único livro, fosse o seu próprio, ou fosse a própria Bíblia, para utilizá-los em suas respostas, mas ainda assim, por se tratar de sua própria obra, ele reconhecia as alterações.

O fato de Hus defender que as acusações contra ele tinham sido feitas baseadas em texto descontextualizado e modificado, e não mencionar nada a respeito das condenações de Wycliffe também terem sofrido tais alterações, pode demonstrar que ele não era, de fato, um grande conhecedor das obras de Wycliffe, uma vez que, como já foi demonstrado anteriormente, das 45 teses originais, poucas tiveram realmente uma relação direta com a essência das obras de Wycliffe, e como Hus não chegou a fazer a resposta dos 260 artigos posteriores, que foram feitos de forma mais cuidadosa, isso pode indicar ou que ele não percebeu as alterações, ou então que estava mais interessado a defender as próprias acusações contra ele.

Não temos as respostas dadas por Hus às suas acusações e nem a resposta dada por ele às acusações feitas a Wycliffe. O que temos é a condenação 25 a Hus, referindo-se justamente às respostas que ele deu às condenações de Wycliffe, conforme está presente nos atos do concílio:

25 - A condenação dos quarenta e cinco artigos de John Wycliffe, decretada pelos doutores, é irracional injusta e foi mal feita, pois não respondeu a nenhuma razão alegada por eles. Nenhum deles é católico, mas todos são hereges e cometem erros escandalosos.

Em si, um fragmento tão pequeno, e tão indireto do que Hus teria respondido, não pode conter tantas informações úteis para identificar a sua verdadeira resposta, a não ser que, em última instância, ele continue a defender as ideias de Wycliffe.

Outro fragmento da carta merece destaque. Ele afirma que os clérigos da câmara papal o trataram muito bem. No entanto essa carta ocorre durante o interregnum papal (apesar da lista oficial de papas não considerar esse interregnum, conforme já explicado na introdução do concílio). Igualmente, em todas as outras cartas que analisamos, Hus declara que os seus captores e todos os clérigos do concílio o tratavam mal, inclusive declarando abertamente, novamente, sua repulsa a Paletz. Seriam esses clérigos da câmara papal os que apoiavam a João XXIII, o papa de Pisa, o que abriu o concílio, mas foi deposto durante o concílio? Isso parece condizente com a teoria previamente apresentada de que o papa João XXIII estava disposto a, ao menos ouvir, as ideias de Hus. Ainda mais se levarmos em conta a carta anterior, onde Hus diz ter sonhado com a saída do papa antes que ela ocorresse, e ter recebido uma revelação de que o papa voltaria para salvá-lo.

Por fim ele diz que sua aflição será finalizada caso ele possa ver uma última vez o imperador junto com os boêmios. Seria isso apenas uma figura de linguagem que representa a sua liberdade, ou teria Hus algo a falar pessoalmente ao imperador? É importante lembrar que foi o imperador quem garantiu a ele a proteção durante a sua estadia em Constança, proteção essa que não foi mantida após a saída do papa João XXIII.

Seguindo a essa carta, temos mais uma endereçada a João de Schlum, agradecendo por este ter conseguido lhe enviar uma Bíblia, bem como um secretário que possuísse penas e papel, para que as cartas pudessem ser escritas. Após a pequena nota de agradecimento temos uma resposta mais completa, referindo-se aos ensinamentos de Wycliffe, igualmente uma carta endereçada a João de Schlum.

Eu passei praticamente a noite em claro respondendo os artigos que Paletz me escreveu. Ele trabalha diretamente para o propósito de minha condenação. Que Deus o perdoe e que Ele venha em meu auxílio.

Eles afirmam que o artigo referente à abstenção clerical de posses é herético. Faça o imperador entender que, se esse artigo for condenado como uma heresia ele e o rei da Boêmia serão condenados como hereges por terem se apropriado de posses clericais, coletando

riquezas dos bispos. Entregue essa carta pessoalmente a ele, não mande nenhum outro por você.

Avise ao doutor Schmit ou ao mestre Jerônimo ou a qualquer outro que tenham muito cuidado caso queiram me visitar.

Estou espantado que o imperador se esqueceu de mim. Ele não se comunica mais comigo. Talvez eu seja condenado antes que eu consiga falar uma só palavra com ele. Ele deveria saber que não há honra na atitude dele para comigo.

(....)

Nesta noite, enfim, consegui terminar de escrever os artigos de Wycliffe e responder todas as condenações que foram feitas sobre mim. Faça com que essas respostas sejam copiadas por vários, mas que não sejam mostradas a muitos, para que esses artigos possam se manter distintos. Eu não sei se a petição que eu enviei ao patriarca será lida diante do Concílio. Creio que ele nem mesmo estará presente. Se agradar a Deus, o imperador, por meio de um ou dois artigos reduzir a nada as conclusões dos doutores de Praga, a cerca da doação de Constantino, da pobreza e das esmolos. Eu não quero negar esses artigos a ele. Mas é necessário que o imperador alegue bons motivos para que eu faça essas sugestões a ele, e isso por meio de um que não seja dos nossos. Se eu for libertado necessito conversar pessoalmente e sozinho com o imperador. Converse isso com ele, pois esse assunto diz respeito a você. Para que você fique ligado e não seja secretamente transferido para outro local distante, impedindo você de fazer interferências de novo.

(...)

Aqueles que imaginamos serem amigos podem ser espíões (...) deixe todas as pessoas sob o teto imperial para que nenhum possa ser enganado e preso como eu fui. (...) Por que eu não posso falar com o Imperador antes que eu seja condenado? Eu só estou aqui por desejo dele. Ele me prometeu que eu voltaria a salvo para a Boêmia.⁴⁷⁷

Nesta carta podemos ver claramente o descontentamento de Hus com o Imperador, que havia lhe prometido o salvo-conduto, mas que agora não se comunicava mais com Hus na prisão. De forma enfática, Hus chega até mesmo

⁴⁷⁷ HUS, John, *Letters of John Huss written during his exile and imprisonment*, p.101

a fazer ameaças ou chantagem ao imperador, dizendo que caso Hus seja considerado herético e o artigo da posse clerical for considerado herético, o próprio imperador poderia ser julgado e condenado herético por seus atos, ou então que Hus poderia ajudá-lo em outras questões de disputa com a Igreja, mas que ele só teria como auxiliá-lo caso ele fosse libertado.

Hus declara que teria acabado de fazer as suas respostas e provavelmente entregou essas respostas em conjunto com essa carta, pedindo que elas fossem copiadas por muitos, mas que não fossem mostradas. Certamente ele temia que essas respostas fossem posteriormente pegas pela Igreja e destruídas, já desconfiando de sua morte, a não ser que o imperador interviesse. Assim sendo, querendo preservar as suas respostas, as entrega a João de Schlum. Infelizmente, tal ardil não foi muito eficiente, uma vez que as respostas tenham se perdido.

Por fim Hus declara que necessitava falar pessoalmente e a sós com o imperador. Qual o conteúdo desta conversa que nunca chegou a ocorrer? Que motivos teria ele para, na outra carta, declarar que basta encontrar-se com o imperador para que tudo se resolvesse, e agora declarava que precisava encontrar-se a sós com o imperador?

Igualmente Hus fala sobre a presença de espiões entre os seus, de modo que era perigoso o encontrar, indicando que as pessoas não viessem mais conversar com ele. Na carta subsequente a essa, ele informará que não estava mais recebendo comida e que havia recebido um ultimato perante a sua condenação e morte certa.

Por fim temos uma carta de John Hus a “amigos” sem qualquer endereçamento específico, talvez pelo que ele mesmo havia descrito na última carta, sobre o perigo que estava se tornando a conversa com ele⁴⁷⁸:

Uma multidão de pessoas veio me exortar. Entre eles muitos doutores, mas poucos crescidos na fé, como disse o apóstolo. Ele foram prodigiosos em seus conselhos e frases, eles disseram que eu deveria abjurar aos meus escrúpulos me submetendo à vontade da santa mãe Igreja, que era representada agora pelo Concílio, mas nenhum deles pode evitar a dificuldade quando eu explicava a minha situação.

⁴⁷⁸ HUS, John, *Letters of John Huss written during his exile and imprisonment*, p. 159

Perguntando a eles se eles iriam por acaso confessar e abjurar alguma heresia que eles jamais haviam professado, declarado, defendido ou acreditado. Alguns disseram que não havia necessidade de abjurar, que bastava renegar a heresia; outros tentavam me explicar o significado de abjurar. Eu iria de boa vontade jurar, respondia a eles, que eu nunca havia pregado, defendido ou acreditado nos erros que estavam sendo imputados a mim. E que eu nunca iria pregar, defender ou crer naqueles erros. Mas assim que eu falava isso simplesmente iam embora.

Outros insistiam que, se supostamente um homem realmente inocente fosse acusado pela Igreja, ele iria humildemente confessar-se culpado (...) o inglês chegou mesmo a me propor o seguinte: Eu, em seu lugar, iria abjurar, pois na Inglaterra, todos os mestres e todos os homens que foram considerados como possíveis seguidores de Wycliffe foram presos, foram severamente acusados diante do arcebispo e tiveram de abjurar.

Por fim, ontem, todos concordaram que eu teria direito de me apresentar diante do Concílio. Paletz, entretanto, veio a mim e disse que primeiro eu teria de me confessar a ele. Eu perguntei pelos comissários que haviam conversado comigo anteriormente, que eu me confessaria a qualquer um deles. (...) e então este foi o único de meus desejos que foi atendido e eu pude me confessar a um monge que pacientemente me ouviu e me deu a absolvição. Ele me aconselhou a não ouvir o conselho dos outros (...).

Hus, em sua carta, declara que havia sido informado pelo comissário inglês que uma grande perseguição aos possíveis seguidores de Wycliffe estava ocorrendo na Inglaterra, o que justifica de certa forma o envio posterior das 260 teses de Wycliffe por parte de Oxford ao Concílio.

Hus anuncia, nesta carta, que teria declarado àqueles que lhe vinham fazer o apelo que ele facilmente afirmaria que não pregava nenhum dos itens pelos quais ele estava sendo condenado. Em outra carta anterior, como vimos, ele declara que, na verdade, eram apenas citações fora de contexto, alteradas, com acréscimos ou omissões. Deste modo, ao se analisar as condenações segundo estão apresentadas nos Atos do Concílio, podemos verificar até que ponto essa sua afirmação vai contra ideias que são claramente pontos centrais do pensamento de Wycliffe, ainda que Hus tenha definido que não faziam parte

de seu pensamento, ou até que ponto a lista das 30 condenações que ele sofre não estavam nem relacionadas com o seu pensamento (segundo ele próprio diz) e nem com o pensamento de Wycliffe.

No entanto, antes de ir diretamente para a lista das 30 condenações, é necessário analisar a sua introdução, que é a sentença de condenação:

VII.3. Sentença proferida contra Jan Hus pelo Concílio de Constança.

Embora a sentença proferida contra Hus, assim como os artigos citados nesta condenação, não tenham sido escritos pelo próprio Hus, a análise desta sentença pode auxiliar na melhor compreensão de suas ideias, na comparação com as de Wycliffe, além de nos permitir comparar a forma como ambos eram encarados pelo concílio. O número de sentenças condenadas de Hus, em comparação com Wycliffe, é bem menor, sendo que foram 30 sentenças condenadas a 6 de julho de 1415, a mesma data em que as sentenças de condenação a Wycliffe foram promulgadas.

A promulgação dessas sentenças teve grande repercussão no próprio concílio, causando a saída de algumas pessoas importantes ali reunidas em Constança, como o próprio Imperador Sigismundo, do Sacro Império, que havia apoiado desde o início o Concílio e prometido a segurança de Hus em sua ida à Constança, e durante a sua estadia nesta cidade. A saída do imperador conjuntamente a outras disputas políticas como Frederico da Áustria e o bispo de Trento, dará certo clima de instabilidade no Concílio, especialmente durante a condenação de Jerônimo de Praga. Sendo que esta última condenação encerra a condenação oficial de Wycliffe e seus “seguidores”.

Assim começa a condenação de Hus:

O mais sagrado Concílio Geral de Constança, divinamente reunido e representando a Igreja Católica, para que fique gravado na memória para sempre. Já que um galho de uma árvore má não poderá dar a não ser maus frutos, assim a verdade testifica a si própria. Pois

John Wycliffe, de maldita memória, por seu ensinamento mortal, como uma raiz venenosa, trouxe vários filhos venenosos. Não é através do evangelho de Cristo, assim como os sagrados padres trouxeram a seus filhos fiéis, mas na verdade é pela pregação contrária à fé salvadora de Cristo que ele deixou esses filhos e sucessores em seus ensinamentos perversos. Esse sagrado sínodo de Constança é compelido a agir contra esses homens como filhos ilegítimos, e cortar fora seus erros do campo do Senhor, assim como eles são ervas daninhas, e fazemos isso através da vigilância e cuidado, e pela faca da autoridade eclesial, antes que eles se espalhem como um câncer e destrua a todos. Assim como antes já havia sido decretado pelo sagrado concílio ocorrido em Roma, que os ensinamentos de John Wycliffe, de maldita memória, fossem condenados e os livros contendo os seus ensinamentos fossem queimados como heréticos, todos aqueles que continham falsas doutrinas. E também por um decreto da mesma forma já havia sido aprovado por esse presente concílio sagrado. Entretanto, um certo Jan Hus, aqui presente em pessoa neste sagrado concílio, que não é discípulo de Cristo, mas sim do heregiarca John Wycliffe, que audaciosamente e de forma dura se levantou contra a condenação daqueles decretos após eles terem sido criados, ele ensinou, proferiu e pregou aqueles muitos erros e heresias de John Wycliffe, sendo que estes já haviam sido condenados pela Igreja de Deus e pelos reverendos pais em Cristo, senhores arcebispos e bispos de vários reinos, e mestres de teologia de muitos locais de estudo. E ele fez esses atos em público, resistindo às escolas e aos sermões, e junto com seus cúmplices, preferiu os ditos artigos de John Wycliffe várias vezes na universidade de Praga, e ele declarou que John Wycliffe era homem católico e doutor do evangelho, e pregou isso para uma multidão de pessoas e de clérigos. Isso tudo ele fez, proferindo as sentenças que citamos abaixo, e que são publicamente conhecidas como sendo de John Wycliffe.

O principal motivo de condenação de Hus, segundo citado nos atos do Concílio, é o fato dele continuar pregando as ideias de Wycliffe após a sua condenação pela Igreja. Somente isso já é suficiente para levantar dois argumentos. Primeiramente, como vimos no capítulo referente à Wycliffe, a

condenação inicial sofrida por suas obras, e enviada à Universidade de Oxford, contou com uma resposta do próprio Wycliffe. O julgamento sofrido pelo mesmo terminou sem uma sentença específica contra ele. Ou seja, apesar da condenação específica de alguns de seus artigos, nunca houve uma condenação oficial e formal contra todos os ensinamentos de Wycliffe, conforme está proferido aqui. O Segundo argumento é ainda mais interessante. Uma vez que as publicações das condenações das obras e teses de Wycliffe tenham sido feitas exatamente no mesmo dia em que foi feita a condenação oficial de Jan Hus, é incabível afirmar que o motivo de sua condenação era ter descumprido a condenação às obras de Wycliffe que tinha acabado de ser feita. Certamente Hus, sendo prisioneiro durante todo o julgamento, jamais poderia ter descumprido aquelas condenações que haviam acabado de serem pronunciadas. Sendo que, caso houvesse algum erro, quando e muito poderia ser o de ter desrespeitado a condenação acerca de alguns artigos enquanto Wycliffe ainda estava vivo. Entretanto, pelo conteúdo dos artigos presentes na continuação da condenação, não era isso que estava ocorrendo. Nenhum dos artigos condenados de Hus é repetido da condenação inicial de Wycliffe. Por mais que nos itens colocados aqui há forte presença das ideias de Wycliffe, não há qualquer menção aos itens condenados no século anterior. Logo, nem a condenação completa das obras de Wycliffe anunciada no mesmo dia da condenação de Jan Hus e nem a condenação antiga de alguns artigos de Wycliffe poderia ser usada, de fato, para condenar Hus.

Outro elemento interessante aqui é a questão do galho da árvore má. De certa forma, tal argumentação tem sua origem bíblica. Vejamos a origem de tal afirmação:

Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão. Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, não aconteça

*que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem. Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, abrir-se-lhe-á. E qual de entre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas. Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem. Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. Toda a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.*⁴⁷⁹

Primeiramente é no mínimo uma “ironia do destino” que justamente a passagem que começa com “não julgueis para não serdes julgados” tenha servido como abertura para a sentença de condenação a Jan Hus. A parte da ironia, há algumas considerações a serem feitas. Em primeiro lugar, de forma clara, a árvore é colocada como analogia de pessoas específicas (falsos profetas) então, pela passagem bíblica, a pessoa poderá ser julgada pelos seus frutos, e pelos frutos seria possível se julgar quem seria falso profeta e quem seria verdadeiro profeta. De modo algum há margem para se compreender que a árvore fosse compreendida como uma instituição inteira. Entretanto, quando o concílio cria a sentença, basicamente ele cria a existência de duas árvores, uma com raiz em John Wycliffe, da qual Hus faria parte, e outra com raiz em Cristo, que seria a Igreja Católica. Quase como se Wycliffe estivesse criando uma nova igreja e Hus fosse membro desta outra igreja. Ora,

⁴⁷⁹ Mt 7, 1-20

dizer que Wycliffe estava criando uma nova igreja não seria uma afirmação tão difícil de se fazer, uma vez que ele claramente se diz separado dos ditos “papistas”. Entretanto, por tudo o que vimos até agora das cartas de Jan Hus, ele jamais poderia ser incluído nesta igreja separada da católica.

Também temos a utilização do termo “heregiarca”, como se Wycliffe estivesse se instituindo como um patriarca de uma nova igreja, ou talvez como sumo pontífice, um outro papa. Talvez essas afirmações fossem mais válidas na época do Concílio, onde, antes do início deste, tínhamos 3 papas disputando o poder entre si. Desta forma Wycliffe poderia ser visto como um quarto pontífice, lutando pelo poder. Porém tal afirmação é completamente inválida ao analisarmos as próprias obras de Wycliffe, especialmente quando este defende a impossibilidade de uma igreja institucional, da qual, sendo inexistente, ele jamais poderia ser papa, patriarca, e portanto não lhe sendo cabido o título heregiarca. Ou seja, o nome herege acrescido do sufixo arca, que designa governante.

Contudo, um dos crimes aqui citados na condenação de Hus, é verdadeiro, ele havia defendido diante de muitos que Wycliffe não seria um herege e sim um verdadeiro cristão. Trazendo suas teses e suas ideias para serem debatidas com os seus alunos. Ora, se o Concílio quer destruir de uma vez por todas com as ideias de Wycliffe, e se ele tem em seu poder Jan Hus, que apesar de não ser oficialmente seguidor de Wycliffe, tem algumas ideias semelhantes e publicamente defendeu que Wycliffe não deveria ser considerado herege, então isso em si já seria motivo suficiente para querer matá-lo.

Continuando a sentença:

Além do mais, os atos e deliberações do inquérito de heresia contra o já citado Jan Hus foram examinados. Há primeiramente uma afirmação fiel feita pelos deputados comissionados para esse caso e por outros mestres de teologia e doutores de ambas as leis, concernentes aos atos e deliberações e deposições de muitas testemunhas dignas de fé. Essas deposições foram lidas publicamente e abertamente para o dito Jan Hus diante dos padres e prelados deste concílio sagrado. Está muito claramente estabelecido, através destas

deposições das testemunhas, que o dito Jan ensinou muitas coisas más e escandalosas, sediciosas e heréticas, que as tornou públicas e pregou durante muitos anos. Esse, mais sagrado sínodo de Constança, invocando o nome de Cristo e tendo somente Deus diante de nossos olhos, pronunciamos, decretamos e definimos por essa definitiva sentença que aqui está escrita, que o dito Jan Hus é um verdadeiro e manifesto herege, e que ele ensinou e publicamente pregou grandes ofensas à Divina Majestade, que ele escandalizou a Igreja Universal em detrimento da fé católica, erros e heresias que já haviam sido condenados muito tempo atrás pela Igreja de Deus e muitas coisas que são escandalosas além destas, ofensivas aos ouvidos dos devotos, duras e sediciosas, e também que ele, além de tudo, se despôs das chaves da Igreja e das censuras eclesiásticas. Ele persistiu nestas coisas por muitos anos com um coração endurecido. Ele escandalizou grandemente a fé em Cristo por sua obstinação desde então, desafiou os intermediários da Igreja, e se fez apelar diretamente ao nosso Senhor Jesus Cristo, como supremo juiz, ao qual ele introduziu muitas coisas falsas, perigosas e escandalosas para a Santa Sé Apostólica.

Esse Sínodo, desta forma, pronuncia que Jan Hus, de acordo com o que já foi dito e também por muitos outros motivos, é um herege, foi julgado e condenado herege. Ele rejeitou o apelo feito a ele de forma escandalosa e ofensiva à jurisdição da Igreja. Declaramos que o dito Jan Hus seduziu os cristãos, especialmente no reino da Boêmia, em seus sermões públicos e por seus escritos, e declaramos que ele não era um verdadeiro pregador do evangelho de Cristo para as pessoas cristãs, que ele não agia de acordo com a exposição dos doutores sagrados, mas era um sedutor. Desde que este mais sagrado sínodo soube destas coisas e do que era dito, o dito Jan Hus foi obstinado e incorrigível, e ele não deseja retornar ao seio de nossa sagrada mãe Igreja, ele está se negando a abjurar essas heresias e erros os quais ele publicamente defendeu e pregou. Esse sagrado sínodo de Constança declara e decreta que o mesmo Jan Hus está deposto, degradado de qualquer ordem ou igreja e também qualquer um que ande com ele. Encarregados os reverendos padres em Cristo, Arcebispo de Milão e bispo de Feltre Asti, Alexandria, Bangor e Lavou o dever de carregar essa degradação na presença do mais sagrado sínodo de acordo com as punições necessárias pela lei.

Não tendo o sagrado sínodo de Constança, nada mais que se possa fazer, Jan Hus será julgado pela autoridade secular e por uma corte secular.

No meio das acusações feitas de Hus, temos a acusação de que ele havia desrespeitado a hierarquia da Igreja apelando diretamente para Cristo e que teria dito mentiras a Jesus, denegando a imagem da Igreja Católica. Tal afirmação é no mínimo peculiar. Primeiramente ela admitia que Hus tinha possibilidade de se comunicar diretamente com Jesus, caso isso não fosse possível ele jamais poderia ser acusado de desrespeitar a hierarquia nesta comunicação direta. Mais do que isso, ele é acusado de falar mentiras para Jesus. Ora, ou o sínodo admitia um Deus que não fosse onisciente, e portanto passível de ser enganado, ou admitia que, diante deste Deus, fossem ditos os argumentos de Hus e os argumentos do Concílio, Deus poderia ponderar, pesar sua decisão para o lado de Hus, por isso seria prejudicial a sua comunicação direta. Ou então, o próprio concílio admitia que não tinha o poder de comunicação direta com Deus enquanto Hus o teria.

Abaixo temos as 30 teses de Hus que foram condenadas pelo concílio:

1- Somente há uma igreja sagrada e universal, a qual é formada pelo número total daqueles predestinados à salvação. Desta forma, deduz-se que há somente uma única igreja universal sagrada, mas também que existe apenas um número já definido de todos aqueles que seriam predestinados à salvação.

2 – Paulo nunca foi membro do mal, e ele nunca fez atos que são similares aos atos dos inimigos da Igreja.

A primeira afirmação não consta das obras de Wycliffe. Na verdade trata-se de uma antiga disputa dentro da Igreja Católica que é a questão da predestinação. Já temos essa disputa na patrística, como por exemplo Pelágio e Santo Agostinho. A grande questão é, como pode, ao mesmo tempo Deus saber de todas as coisas e o homem ser completamente livre para tomar as suas decisões?

Muito embora Wycliffe não tenha se preocupado em debater abertamente essa questão, em algumas de suas obras ele faz alusão à predestinação, mas sempre se posicionando contrariamente a esse discurso. Isso ocorre, por exemplo, na obra *Speculum de Antichristo*, onde Wycliffe afirma uma das ferramentas utilizadas pelos seguidores do anticristo é fazer as pessoas crerem na predestinação, portanto não temendo suas próprias ações e a consequência das mesmas, uma vez que já teriam conhecimento prévio de sua salvação (ele se utiliza das palavras da serpente para Eva, ao dizer que caso comessem a fruta proibida não pereceriam). Embora Wycliffe estivesse abertamente falando contra a possibilidade das pessoas conhecerem o seu destino e não sobre Deus ter o conhecimento do destino das mesmas, temos tanto nesta obra como nas demais, sempre a ênfase no livre-arbítrio.

Somando-se a isso, podemos levar em conta que essa frase, em si, não seria tão nociva à Igreja, uma vez que, ao contrário do que Wycliffe afirmava, ela pode ser usada para justificar a existência de uma única igreja, e caso ela causasse a dificuldade da Igreja em expulsar algum membro, uma vez que eles só estariam unidos à essa igreja pela predestinação (portanto, pela lógica, jamais poderiam ser desligados da Igreja) poder-se-ia utilizar-se do argumento de que a pessoa expulsa, na verdade, nunca fizera realmente parte da Igreja.

De modo a buscar uma aproximação da ideia apresentada, com o pensamento de Wycliffe, buscamos uma possível origem desta tese na seguinte afirmação:

*A Igreja, na verdade, é a totalidade das pessoas que Deus escolheu para serem abençoadas. A Igreja, portanto, inclui qualquer pessoa, que em sua vida na terra viva por imitação de Cristo. Não há nenhum que possa ser eternamente separado disso. Há uma única igreja, fora da qual não há salvação, mas sua cabeça é Cristo. Nenhum papa pode dizer que ele é a cabeça; na verdade, ao dizê-lo imediatamente ele já comprova que ele não é membro desta única igreja.*⁴⁸⁰

Esse fragmento, entretanto, não está em um contexto da explicação de qualquer doutrina da predestinação, muito pelo contrário, vem para explicar

⁴⁸⁰ WYCLIFFE, John, *The Wicket*, cap 7

que a Igreja Institucional, que tem o papa como cabeça (papistas) não representa em si a verdadeira igreja (que é o conjunto dos verdadeiros cristãos), muito embora há pessoas que possam estar presentes na igreja católica, e ainda assim serem verdadeiros cristãos, se segue a Jesus acima do papa. Caso a citação proposta nesse item tenha como origem a citação apresentada, a ideia original foi modificada, uma vez que não há qualquer referência ao fato da igreja citada não ser a instituição denominada Igreja Católica e sim uma ideia mística de corpo de Cristo, composto por todos os verdadeiros cristãos.

A segunda acusação demonstra um distanciamento ainda maior do motivo oficial colocado pela condenação com as teses apresentadas. Ao contrário da predestinação, que é uma discussão filosófica-teológica da patrística, o item 2 se refere especificamente a uma passagem bíblica. Ao afirmar que Paulo nunca havia sido membro do mal, teríamos uma negação de textos bíblicos:

E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estêvão que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito.”⁴⁸¹ “E também Saulo consentiu na morte dele. E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judéia e de Samaria, exceto os apóstolos. E uns homens piedosos foram enterrar Estêvão, e fizeram sobre ele grande pranto. E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão.”⁴⁸² “E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote. E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou

⁴⁸¹ Atos 7, 58-59

⁴⁸² Atos 8, 1-3

*Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões.*⁴⁸³

O nome de Saulo será transformado em Paulo no capítulo 13 de Atos. Já vimos anteriormente que Wycliffe prega intensamente um apego à Bíblia e uma interpretação mais racional e pontual da mesma. Desta forma, além de, nas obras aqui analisadas de Wycliffe, não haver qualquer menção a Paulo não ter sido inimigo dos cristãos, temos, pelo contrário, uma quase impossibilidade disto ter sido dito por Wycliffe. Temos, inclusive, afirmações opostas, por exemplo em *Of the Leaven of Pharisees*, no primeiro capítulo, Wycliffe defende que Jesus havia se irado contra os fariseus mas havia excessões, como “*Paulo, apesar deste ter tentado destruir seus ensinamentos, mas foi libertado pelo evangelho de Cristo*”

Apesar de não ter relação com as ideias de Wycliffe, Jan Hus realmente fez a citada afirmação; isso ocorrem em sua obra *De Ecclesia*⁴⁸⁴. Tal afirmação é feita no contexto de que haveria, de fato, duas igrejas, uma composta pelas pessoas que realmente seguem a Jesus, e outra por aquelas que caíram na tentação do mundo material e, portanto, é uma igreja falsa e decaída. Segundo Hus, Paulo, por mais que tenha, antes de sua conversão, cometido atos que se equivaleriam à segunda igreja, a maligna, ele, em si, não pertencia a ela, uma vez que Deus já sabia de sua futura libertação. Desta forma Ele agiu conforme a vontade do anticristo mas não era um servo fiel do mesmo, e isso se concretiza quando ele se converte.

Temos portanto, nas duas primeiras acusações, dois pontos contrários às ideias de Wycliffe, e que, em si, não estão relacionadas de forma alguma com os principais eixos de sua pregação.

3 - Aqueles que são conhecidos como danados não são parte da Igreja, pois não há parte da igreja que possa cair desta, uma vez que o amor predestinado de Deus que une todas as partes da Igreja não falha nunca.

4- Em Jesus, tanto a natureza divina como a natureza humana eram na verdade uma só.

⁴⁸³ Atos 9, 1-5

⁴⁸⁴ HUS, Jan, *The Ecclesia*, p. 24

5- A pessoa que é jogada à danação nunca foi parte da Igreja Sagrada, mesmo que em um estado de graça, de acordo com a presente justiça, a pessoa predestinada à salvação sempre permanece como membro da Igreja, mesmo que ela caia por um tempo; pela graça advinda de Deus ela mantém para si a graça da predestinação.

6 – A Igreja é um artigo de fé no seguinte sentido, apesar da convocação dos predestinados à salvação, a pessoa pode ou não estar em um estado de graça de acordo com sua presente justiça.

Os itens três, cinco e seis podem estar relacionados à citação de Wycliffe apresentada, uma vez que percebe-se que, de certa forma, elementos presentes na mesma se apresentam nestes três itens. Contudo, aparentemente, essas teses em si parecem mais fazer alusão ao próprio Jan Hus do que a ideias que ele estivesse pregando sobre Wycliffe. Já vimos anteriormente que em diversos momentos ele envia cartas aos seus superiores pedindo orientação, pedindo justificativa sobre suas acusações e declarando-se desejoso de voltar atrás em seus ditos, caso fosse provado que ele estava errado. Ou seja, em momento algum Jan Hus desafia a autoridade da Igreja em si, ou a institucionalidade da mesma, na verdade ele apenas critica os atos desta. Assim sendo é muito mais provável que todos esses itens relacionados à predestinação e a impossibilidade de se perder a salvação estivessem muito mais relacionados à uma pretensa impossibilidade da Igreja o excomungar, ou excomungar a tantos outros, como já vimos que estava ocorrendo no conturbado Concílio de Constança, do que em si tratar a igreja como algo separado da instituição, o que é o caso de Wycliffe.

Quanto ao item 4, novamente não temos uma relação clara com Wycliffe. Muito embora ele trate da questão das naturezas de Jesus, como nos tratados relacionados à transubstanciação. Wycliffe sempre defende a valorização da natureza humana de Jesus, lembrando seus feitos enquanto ser humano, lembrando sua humanidade como a impossibilidade da transubstanciação pela questão dos membros humanos, entre outros elementos. Entretanto, apesar da valorização da natureza humana não há indícios que levem a crer que ele defendesse a presença de uma única natureza em Jesus, como outros grupos considerados heréticos anteriormente

acreditavam, ou no caso dos Arianos, que criam apenas na natureza humana de Jesus, ou no caso dos monofisistas, que criam que Jesus tinha apenas a natureza divina. Conforme a descrição apresentada, entretanto, de que as duas naturezas estariam presentes em apenas uma, temos uma semelhança muito maior ao pensamento de Eutiques de Constantinopla, dos monofisistas. Uma vez que neste caso Jesus possui a sua natureza divina tão completamente superior à humana que, tanto em sua divindade Ele é divino, como em sua humanidade ele também age divinamente e é divino em si (sendo portanto um ser apenas divino em forma humana e não um ser ao mesmo tempo divino e humano).

Novamente, portanto, parece que o foco está maior em tentar fazer relações de pensamentos heréticos da antiguidade, do que em analisar, em si, as obras de Hus, e menos ainda em associar tais obras com o pensamento de Wycliffe, que é o foco principal da acusação.

7- Pedro não era e nem é a cabeça da sagrada Igreja Católica.

8 – Padres que vivem em vício de modo a poluir o poder de seu ofício, e também os filhos infiéis não são dignos de confiança no que concerne aos sete sacramentos aplicados por eles, e também no que se refere às chaves da Igreja, ofícios, censuras, costumes, cerimônias ou quaisquer outras coisas sagradas da Igreja, especialmente sobre a veneração de relíquias, indulgências e ordens monásticas.

9 – A dignidade papal foi originada com o imperador e a primazia da instituição papal emanou do poder imperial.

Já os itens 7 a 9 possuem relação clara com o pensamento de Wycliffe, especialmente no que se diz respeito ao núcleo deste pensamento. Vimos anteriormente, no que diz respeito à análise da teoria dos dois caminhos de Wycliffe, que, segundo ele, o ponto marcante onde o cristianismo primitivo se separa da instituição chamada Igreja Católica foi com a doação do Imperador Constantino, convocação do Concílio de Nicéia, entre outros elementos envolvendo Constantino e Silvestre na primeira metade do século IV. Assim sendo, temos claramente a presença da ideia de que o poder papal é originado no poder imperial. Por consequência há a negação da primazia de Pedro,

afirmada no item 7. Temos no item 8 basicamente a separação entre a instituição Igreja Católica e os verdadeiros cristãos, citados por Wycliffe, já que aqui há a negação dos sacramentos e quaisquer ações feitas por aqueles padres que estariam em pecado.

Ainda assim é importante ressaltar que essa ideia aqui apresentada é menos desenvolvida e independente em si da instituição Igreja, uma vez que se ela nega os sacramentos e ações dos padres que estivessem em pecado, ela não afirma a possibilidade de cristãos fora da instituição. Enquanto, em si, pela definição de Wycliffe, a tendência natural de todo verdadeiro cristão era ser perseguido ou expulso da igreja institucional.

É importante ressaltar que, apesar da separação feita por Wycliffe entre a igreja institucional e os verdadeiros cristãos, este nunca condenou a Pedro, considerando ele um falso cristão ou então negando sobre ele a primazia, a negação é apenas da sucessão papal, em especial após Silvestre. Temos, por exemplo em *De Papa*, capítulo 1, Pedro definido como vigário de Cristo, principal dos discípulos. Ao mesmo tempo que neste mesmo texto há a ressalva de que, apesar dele ser especial para Jesus, por reconhecê-lo como messias mesmo em sua pobreza, ele é chamado de Satanás por Jesus ao querer que ele não sofresse o fim destinado a ele. Na obra *The Office of Curates*, capítulo 3, essa referência a Pedro sendo chamado de Satanás é desenvolvida, explicando que todo aquele que age contrário a vontade divina é, naquele momento, Satanás. Desta forma, não há nenhum ser humano imperfeito ou infalível, ou seja, Pedro ser vigário não significa que ele seja sumo pontífice, portanto não seja cabeça da Igreja.

10 – Ninguém pode razoavelmente considerar a si próprio ou a outro, sem revelação, que ele possa ser cabeça da igreja sagrada, nem que o pontífice romano seja cabeça da Igreja Romana.

11 – Não é necessário acreditar que nenhum pontífice romano em particular é cabeça de nenhuma igreja sagrada particular, a não ser que Deus já o tenha predestinado à salvação.

12 – Ninguém assume lugar de Cristo ou Pedro a não ser que ele siga a forma como eles viviam, uma vez que não há nenhum outro discipulado mais apropriado, e não há outra forma de receber o poder

delegado por Deus, uma vez que ele é requerido para o ofício de vigário, uma forma similar de vida, também ninguém tem a autoridade para instituir alguém como vigário.

13 – *O papa não pode manifestar-se como o verdadeiro sucessor e príncipe dos apóstolos (Pedro), se ele vive de forma contrária ao que Pedro vivia. Se ele busca a avareza ele é vigário de Judas Iscariotes. Da mesma forma os cardeais não podem manifestar-se como verdadeiros sucessores do colégio de Cristo, ou seja, os apóstolos, a não ser que eles vivam da forma como os apóstolos viviam, mantendo os mandamentos e os conselhos de nosso senhor Jesus Cristo.*

14 – *Os doutores que declaram que qualquer pessoa é sujeita à censura eclesiástica, se ele se recusa a ser corrigido, deve ser levado a julgamento por uma autoridade secular, que sem dúvida segue o chefe dos sacerdotes, ou seja, os escribas e os fariseus, que entregaram Jesus para ser crucificado pela autoridade secular, uma vez que ele se negou a obedecer todas as coisas que lhe haviam sido ditas. Não é correto, para nós, colocar um homem à morte, ainda que isso seja feito ao entregarmos alguém para as autoridades civis, pois os que assim fizerem, podem ser considerados assassinos ainda piores do que Pilatos.*

15 – *A obediência eclesiástica foi inventada pelos padres da igreja, sem qualquer autoridade expressa das escrituras.*

Os itens de 10 a 15 são completamente concernentes às ideias principais de Wycliffe analisadas nos capítulos anteriores. Muito embora essas afirmações não estivessem de forma nenhuma presentes nas cartas analisadas de Jan Hus, a presença destas afirmações aqui demonstra que sua relação com Wycliffe havia sido estabelecida com propriedade, ao contrário dos itens iniciais.

Apesar do item 11 referir-se à predestinação, a ideia central da impossibilidade de alguém se declarar papa, a não ser que esteja separado da igreja (sendo, portanto, um papista) é afirmada em diversas obras de Wycliffe.

Os itens 12 e 13 em especial são citações muito precisas da obra de Wycliffe, conforme já apresentado no livro *The Wicket*. Onde a vida física de Jesus enquanto humano deveria ser exemplo a ser seguido por todos os

cristãos, e que justamente pelo fato do papa não seguir o exemplo de Jesus não poderia ser considerado cristão e nem cabeça da Igreja. Da mesma forma em relação ao colégio de cardeais e os apóstolos. A relação do papa com Judas Iscariotes é feita no livro *Of the leaven of pharisees* capítulo 10 e novamente em *Of Prelates* capítulo 4, quando é colocado que tanto os prelados como Judas vendiam as almas das pessoas para Satanás. Neste caso o papa é colocado como pior do que Judas, uma vez que já tinha o exemplo da Bíblia para seguir e saber o fim de Judas, portanto, não teria desculpa do erro uma vez que conhecia as escrituras sagradas.

O item 14, a comparação da relação entre a Igreja e as autoridades seculares com Pilatos e os sacerdotes judeus, está presente no 4º capítulo da obra “*Of prelates*”, onde Wycliffe afirma que ao entregarem Jesus para ser julgado por Pilatos, gostariam que ele levasse a culpa e não os sacerdotes. Entretanto, ao lavar as mãos, ele deixa claro que a condenação não era feita por ele e sim pelos sacerdotes. Da mesma forma ocorria àqueles que a Igreja condenava, embora se dissesse eximida da culpa, uma vez que a Igreja em si não matava, a morte era aplicada pelas autoridades seculares que recebiam o prisioneiro já julgado anteriormente pela igreja.

O item 15 possui relação com diversas obras de Wycliffe, não estando citado de forma literal em nenhuma delas.

16- A imediata divisão das ações humanas entre aqueles que são virtuosos e aqueles que são doentios. Isso faz com que se um homem for doentio ele age apenas doentamente. Caso ele seja virtuoso ele faz apenas atitudes virtuosas. Assim, quando um doentio é levado a cometer pecado mortal, ele infecta todos os atos dos homens doentios, da mesma forma que a virtude do virtuoso afeta todos os atos dos homens virtuosos.

Estranhamente essa afirmação aqui colocada como herética tem a mesma base bíblica utilizada pelo próprio colégio dos cardeais para acusar Hus como ramo de uma árvore má que tinha como raiz Wycliffe. Porém, no item 16, ela não considera a árvore má como um conjunto de pessoas, conforme o colegiado fez, mas sim como cada pessoa sendo sua própria árvore. Embora o

termo árvore não tenha sido utilizado aqui, mas a ideia de quem é mau produz frutos maus e quem é bom produz frutos bons é o eixo desta tese.

17 – Um sacerdote de Cristo que viva de acordo com a Sua lei, conhece a escritura e tem desejo de edificar as pessoas, deseja pregar, não pode ser parado através da excomunhão. Assim, mesmo que o papa ou outro superior ordene que ele não pregue, o subordinado não deverá obedecer.

18 – Qualquer um que se torne padre recebe o dever de pregar, e ainda que ele seja excomungado deve continuar sempre pregando.

Aqui, ambos os itens possuem relação com a pregação. Vimos pelo conteúdo das cartas de Jan Hus que essa foi uma das principais questões que ele levanta desde que foi aprisionado em Constança, ou mesmo antes disso, uma vez que ao começar suas pregações críticas ele é censurado perdendo o direito de pregar. Observamos que por um período de tempo ele cumpre tais determinações, no entanto, dentro da cadeia, através de suas cartas, as suas pregações voltam a ocorrer. O princípio do “deve-se ensinar aos cristãos” está presente desde Wycliffe, a Hus, mas é termo chave também das 95 teses de Lutero, publicadas cerca de um século após a morte de Jan Hus.

É importante notar que o termo “padre” relacionado à instituição católica se mantém neste caso, ao contrário do pensamento de Wycliffe que não faz mais uma divisão entre clero e leigos, mas sim entre cristãos e não cristãos, independente da consagração destes, uma vez que não exista instituição e nem as regras específicas ao clero devem ser seguidas, como o celibato, então não teríamos mais “padres” segundo o pensamento ideal dos verdadeiros cristãos de Wycliffe.

19 – Pelas censuras da Igreja da excomunhão, suspensão e interdição, o clérigo se submete ao leigo, pela própria exaltação deles, multiplicação de sua avareza, proteção de seus atos doentios e preparação para o caminho do anticristo. Esses são sinais claros de que, de fato, essas censuras são do anticristo. No procedimento legal do clero, eles são chamados de fulminadores, pois os membros do clero herdam o procedimento que age contra aqueles que querem revelar a

doença do anticristo. Isso ocorre porque a maior parte do clero já foi usurpada.

20 – Se o papa for um doentio, e especialmente se já for sabido que ele sofrerá a danação, então ele é mau como Judas, o apóstolo, um ladrão e filho da perdição e não a cabeça da igreja sagrada uma vez que ao ser pecador não pode nem ser membro dela.

21 – A graça da predestinação está ligada ao corpo da igreja e cada membro é indissoluvelmente unido diretamente com a cabeça.

22 – O papa ou um prelado que é doentio e sabe-se de sua danação só pode ser considerado pastor de forma equívoca, pois na verdade ele é ladrão e salteador.

23 – O papa não deve jamais ser chamado de “mais sagrado” nem pela razão de sua função, e nem mesmo um rei pode ser chamado de “mais sagrado” pela razão de sua função, e os executores jamais poderão ser chamados de sagrados, na verdade deveriam ser chamados de malignos. Na verdade o demônio é que deveria ser chamado de sagrado uma vez que ele cumpre as ordens oficiais de Deus.

Esse item 23 de certa forma está relacionado ao item 6, das 45 acusações de Wycliffe. Aparentemente há um esforço, em ambos os casos, de relacionar tanto Wycliffe como Jan Hus ao culto demoníaco. Por um lado Wycliffe teria dito que Deus deseja obedecer ao demônio, e aqui, no item 23, junto com as colocações pertinentes de que o papa não poderia ser chamado de “mais sagrado” há a declaração de que, segundo Hus, o demônio deveria ser chamado de sagrado.

Em sua obra *De Ecclesia*⁴⁸⁵ Hus faz diversas alusões ao demônio. Entretanto, em nenhuma destas ele é apontado como ser digno de ser chamado de sagrado. Igualmente não foi possível encontrar tal afirmação em suas cartas. Ainda que tal afirmação fosse verdadeira, ela deveria se encontrar em alguma de suas obras que ainda permanecem em Boêmio e, portanto, não puderam ser analisadas por esse trabalho. Apesar disso, pela forma como ele escreve a ação do demônio, não há qualquer possível indício de que essa frase possa ter sido apresentada como argumentação em nenhum aspecto possível de suas obras.

⁴⁸⁵ HUS, Jan, *The Ecclesia*, p. 45

24- Se um papa vive de forma contrária a Cristo, ainda que ele tenha sido eleito de forma justa e legítima, de acordo com o que foi estabelecido pela constituição humana, ele foi eleito por uma forma diferente do que através de Jesus, ainda que ele tenha entrado em seu ofício por uma eleição feita por Deus. Judas Iscariotes foi eleito para ser um apóstolo por Jesus que era Deus, ainda assim ele tropeçou e caiu para o outro lado.

25 - A condenação dos quarenta e cinco artigos de John Wycliffe, decretada pelos doutores, é irracional injusta e foi mal feita, pois não respondeu a nenhuma razão alegada por eles. Nenhum deles é católico, mas todos são hereges e cometem erros escandalosos.

Como já foi dito, a condenação das 45 teses de Wycliffe foi promulgada exatamente no mesmo dia que a condenação dessas 30 teses de Hus foram promulgadas. Já vimos anteriormente que dias antes de sua execução, Hus, em suas cartas, queixava-se de não ter recebido uma lista completa das acusações contra si para que ele pudesse se defender. Uma vez que não tenha recebido nem mesmo as acusações que lhe eram pessoais, é bem provável que ele não tenha tido tempo ou possibilidade de se manifestar contrariamente ou favoravelmente à condenação das 45 teses de Wycliffe aqui mencionadas.

Entretanto, uma vez que o principal argumento levantado para a condenação de Hus é o fato deste ser seguidor de Wycliffe, era necessário estabelecer um padrão claro que conectasse essas duas pessoas, assim sendo, a recusa dele em aceitar a condenação das 45 teses de Wycliffe parece adequada, ainda que logicamente, ao se analisar as datas dos atos do concílio, possa ser inferido que tal condenação seria impossível.

26 – O acordo “viva voce” feito por uma pessoa, de acordo com o costume humano, por eleitores ou pela maior parte dos eleitores, não significa em si que a pessoa tenha sido eleita legitimamente pelo simples fato de que ele é o verdadeiro sucesso ou vigário do apóstolo Pedro ou de qualquer outro apóstolo em trabalho eclesiástico. Pois, para que isso funcionasse, era preciso que o que foi eleito fosse irrepreensível, de modo que a eleição pudesse ser considerada boa ou

má. Quanto mais plenamente a pessoa age com mérito ao construir a Igreja, mais copiosamente ele recebe poder de Deus por fazê-lo.

27 – Não há nenhuma prova de que precise haver uma cabeça reinando sobre a Igreja Espiritual de modo que a igreja vive de seus militantes.

28 – Cristo deveria governar sua igreja melhor do que os seus verdadeiros discípulos, espalhados pelo mundo, sem essas cabeças monstruosas.

Essas duas afirmações aqui presentes também se referem à obra de Hus *De Ecclesia*, que por sua vez estão intimamente relacionadas ao pensamento de Wycliffe. Aqui temos, portanto, uma afirmação clara da não institucionalidade da Igreja, seja por parte de Hus, como por parte de Wycliffe. As diversas cabeças monstruosas, citadas por Hus em *De Ecclesia*⁴⁸⁶ referem-se especificamente aos diversos papas durante a época do cisma. A relação de Cristo como cabeça da Igreja, não havendo necessidade de pessoas que assumissem essa posição de líder institucional da igreja, mas que ela permanecesse guiada por Deus sempre é presente tanto na citada obra de Hus como nas análises já feitas de Wycliffe, sendo um dos principais pontos comuns entre ambos.

29 – Os apóstolos e padres fiéis a Deus governam a igreja na matéria necessária para a salvação antes que um papa tenha sido introduzido, e eles deveriam continuar a fazê-lo até o dia do julgamento final, e nesta época, é bem provável que não exista papa algum.

Essa referência aqui feita se refere tanto à obra *De Ecclesia* de Hus, como a diversas outras obras de Wycliffe. Uma vez que Silvestre tenha sido estabelecido⁴⁸⁷ como o ponto de separação entre a igreja primitiva e a instituição. E uma vez que, segundo Wycliffe, a supremacia de Roma sobre as outras cidades onde o bispo de Roma se tornará sumo pontífice, tenha ocorrido apenas a partir de Silvestre e Constantino, então teríamos que não havia papas no início da igreja, tendo sido uma prática introduzida posteriormente e que, conforme citado, não existiriam mais papas da época do juízo final.

⁴⁸⁶ HUS, Jan, *The Ecclesia*, p. 27

⁴⁸⁷ Esse estabelecimento pontual é feito apenas por Wycliffe, e não aparece na obra *De Ecclesia* de Hus.

Temos, no capítulo 15 do *De Ecclesia* uma explicação mais detalhada sobre o item 29 de sua lista de teses condenadas:

A Igreja pode ser governada sem um papa e sem cardeais.

(...)

*Deus pode governar a Igreja, espalhada por todo o mundo, sem sucessores, o que, por outro lado, significa que a Igreja pode ser propriamente regida pelos padres, mesmo caso aqueles doze cardeais fossem removidos, da mesma forma como ela foi governada durante trezentos anos, ou um pouco mais, depois que Jesus ascendeu aos céus.*⁴⁸⁸

Percebemos por essa citação que, embora Hus não tenha estabelecido especificamente Silvestre como o papa que começa a institucionalização da igreja, ele parece concordar com Wycliffe, uma vez que data de 300 anos após a ascensão de Cristo como a data onde a Igreja se institucionaliza e deixa de ser regida pelos padres e por Deus. Demonstrando claramente uma relação entre esses dois pensadores, uma vez que não é uma ideia comum à Idade Média, nem mesmo aos hereges, estabelecer o século IV como o século onde a Igreja teria se desviado de seus princípios e começado sua institucionalização.

Por fim, a última tese de Hus apresentada:

“30 – Ninguém poderá ser um lorde civil, ou um prelado ou um bispo caso tenha pecado.

Esse item de número 30 é, sem dúvida, retirado da acusação de número 15 sofrida por Wycliffe, no conjunto das 45 teses negativas levantadas pelo Concílio de Constança. Tanto no caso de Wycliffe como aqui temos uma dúvida sobre o fato desta afirmação realmente ter sido tirada de seus escritos. Mesmo nos momentos em que Wycliffe fala mais gravemente contra uma pessoa do poder secular, como o que ocorre no caso de Constantino, com relação à sua doação, como já vimos, Wycliffe sempre faz com que a culpa recaia sobre a autoridade religiosa e não sobre a civil. Como se fosse uma espécie de natureza da autoridade secular o pecado, cabendo então aos

⁴⁸⁸ HUS, Jan, *The Ecclesia*, p. 147

verdadeiros cristãos orientarem os senhores seculares (o que não estava acontecendo após Silvestre, uma vez que este se corrompeu com o poder secular oferecido por Constantino). Entretanto, se em momento algum há qualquer acusação sobre Constantino dizendo que ele não era imperador, uma vez que estava pecando, então não podemos afirmar que tal tese seja condizente com os ensinamentos de Wycliffe. A cópia do exemplo de Jesus devia ser feita pelos que querem se dedicar a segui-lo. Porém, o mundo, em si, que age pelo egoísmo, teria sim senhores seculares pecadores e isso seria algo natural, não inviabilizando o poder dos mesmos.

Temos então o item 30 inserido aqui, no final da lista de acusações, e o item 15 inserido posteriormente quando foram criar os 45 itens contra Wycliffe (já vimos que vários deles foram copiados). É bem provável que ambos não sejam afirmações reais nem de Wycliffe e nem de Hus, mas tenham sido acrescentados para que os senhores seculares tivessem raiva de ambos, como se eles estivessem se colocando contra o poder secular, o que nunca fizeram.

VIII. Conclusão

VIII.1. Considerações iniciais da conclusão:

Em um trabalho como este é muito difícil traçar o que seria semelhante a uma “conclusão”. Isso se dá por diversos fatores. Inicialmente trata-se de um trabalho novo na área. Até onde foi possível investigar, não há outro trabalho acadêmico registrado em universidades brasileiras tendo Wycliffe como tema, especialmente levando em conta o seu contexto histórico, relação com as heresias de sua época e análise de suas obras de língua inglesa. Mas a singularidade deste trabalho também se dá ao contarmos a língua inglesa e universidades europeias, incluindo Oxford. Se formos estabelecer como foco temático a obra *The Wicket* e as relações feitas com os espirituais franciscanos. Deste modo há uma dificuldade muito maior em se contrapor linhas diferentes de pesquisa, analisar diferentes teorias e tender por uma ou outra.

Desta forma, para uma melhor organização da conclusão, esta será dividida em três partes. Primeiramente uma autocrítica onde o autor, justamente por considerar o trabalho mais extenso do que foi possível realizá-lo, considerando que o tema é praticamente inesgotável, uma vez que é novo, pretende apontar quais são os principais pontos falhos de seu trabalho, segundo sua opinião, abrindo margem para pesquisas futuras, do próprio autor ou de outros interessados. Como segunda parte, uma rápida reflexão sobre Wycliffe e sua época, concentrando diversas considerações feitas ao decorrer do trabalho. Por último, considerações a respeito de Wycliffe e suas gerações futuras, sobre a importância do estudo de sua obra para melhor compreensão do pensamento religioso após século XIV.

VIII.2. Autocrítica

A primeira autocrítica necessária aqui é relacionada não ao conteúdo do trabalho em si, mas à revisão gramatical e ortográfica. Infelizmente não houve tempo e nem condições financeiras para realizar tal revisão, comum a

trabalhos deste porte. Desta forma o autor do trabalho precisou contar com a boa vontade de amigos e familiares bem intencionados, mas sem especialização na área. O que certamente tornou esse trabalho um pouco menos rico e mais dificultoso em sua leitura e compreensão.

Outro elemento lacunar neste trabalho, sob a opinião de seu autor, é a ausência de uma transcrição da obra *The Wicket*. Cópias impressas e eletrônicas da referida obra foram conseguidas a duro esforço através da Bodleian Library, em suas duas versões, de 1546 e 1548. A princípio fazia parte do projeto a transcrição e tradução de ambas as cópias para que fossem anexadas ao trabalho. Entretanto, a dificuldade específica em alguns fragmentos do documento bem como a possibilidade de se trabalhar com outras 26 obras de Wycliffe, todas escritas em *middle english*, dificultou o processo de transcrição, uma vez que se tornou necessária a leitura e transcrição apenas parcial de um volume intensamente grande de material. A cópia eletrônica do documento (segundo microfilmagem original) será entregue em conjunto a esse trabalho para consulta posterior de qualquer pessoa interessada (junto à Biblioteca da Universidade de São Paulo).

Por fim, houve a necessidade de exclusão de um capítulo inteiro, referindo-se à comparação do pensamento de Wycliffe com o teólogo franciscano Petrus Olivi. Embora tal relação se mostrasse intensamente promissora, em especial no que se refere à escatologia, este capítulo precisou ser cancelado por questão de tempo. Desta forma, pretende-se, em momento posterior, a criação de um artigo ou trabalho de aprofundamento estabelecendo tal relação.

Além destes três pontos principais, outras pequenas considerações se fazem necessárias, relatando possíveis rumos a serem seguidos a partir do trabalho aqui já realizado, seja pelo autor ou por algum leitor interessado:

a-) Por que motivo temos apenas essas duas edições do livro *The Wicket*? O ano de 1546, na Inglaterra, não é um ano qualquer. Primeiramente temos, na Inglaterra, o rei Henrique VIII, que no ano de 1534, separa-se da Igreja Católica ao declarar ser ele o soberano da Igreja na Inglaterra. Durante o governo de Henrique VIII houve grande tensão religiosa, por exemplo, em 1535, o famoso autor Thomas Morus foi condenado por Henrique VIII por traição, uma vez que este se pronuncia contra a separação com a Igreja, temos

em 1536 a ordem de Henrique VIII para fechar diversos prédios religiosos católicos, os anos de 1536 e 1537 viram diversas rebeliões ocorrendo na Inglaterra, levantes populares contra a separação, entre os mais famosos *Bigod* e *Peregrinação da Graça*. Em 1539 o parlamento inglês aprova um conjunto de seis artigos contrários à separação da Igreja e aproximando novamente a religião inglesa da romana. É nesse contexto que em 1546, ocorre a primeira publicação de *The Wicket*, às vésperas da morte de Henrique VIII, que ocorreria em 28 de janeiro de 1547. Dentro deste contexto de reforma, a Inglaterra precisava reafirmar ao mesmo tempo o protestantismo, como a tradição inglesa do protestantismo, portanto John Wycliffe parecia o personagem perfeito para isso. Temos igualmente em 1545 o início oficial do Concílio de Trento, sendo que a publicação de *The Wicket* pode ter sido uma resposta direta ao Concílio e não somente entendida dentro do contexto inglês. Ao mesmo tempo temos a segunda edição, mais cuidadosa, em 1548, logo após a coroação do rei inglês Eduardo VI. Em 1546 temos uma reforma na universidade de Oxford, promovida por Henrique VIII, visando, entre outros objetivos, criar aparato intelectual e teológico que apoiasse a separação da Igreja.

Ao mesmo tempo, por que motivo entre todas as obras inglesas de Wycliffe foi-se escolher exatamente *the Wicket*? Se o grande desejo seria encontrar obras que depusessem contra a Igreja Católica, teríamos obras inglesas muito mais eficazes, como por exemplo, *De Papa*, ou *Of Prelates*, que falam abertamente contra as práticas religiosas da Igreja Católica em si. Se o objetivo, por sua vez, fosse apoiar uma igreja alternativa, organizada na Inglaterra, teríamos outras obras mais adequadas, como por exemplo, *How Satan and his children...* A obra *The Wicket*, entretanto, parece não se enquadrar em nenhuma categoria que especificamente fosse apoiar o projeto de Henrique VIII ou da Igreja Anglicana, porque, em si, essa é justamente a obra que defende a impossibilidade de uma igreja institucional, seja da forma que fosse, e defende que é impossível a aliança entre um poder secular e os verdadeiros cristãos. Desta forma, por que motivo escolheu-se essa e não qualquer outra obra inglesa de Wycliffe para ser publicada?

Apesar de tais questionamentos serem pertinentes, não houve possibilidade de desenvolvimento dos mesmos neste trabalho. Assim sendo,

essa é a primeira proposta a ser levantada posteriormente à finalização do mesmo, para a qual, está feito o convite para outros pesquisadores interessados ou talvez seja objeto de pesquisa do autor do presente trabalho.

b-) Por que motivo temos duas edições do livro *The Wicket* em alemão, feitas pela Universidade de Oxford, em 1610 e em 1612? Essas datas estão próximas à guerra dos 30 anos (1618-1648). Temos em 1608 a formação da “União Protestante” dentro do Sacro Império, visando organizar os principados protestantes, e uma das causas da referida guerra são os protestantes do reino da Boêmia (a terra de Jan Hus). Ao mesmo tempo na Inglaterra temos o reinado de Jaime I, patrono de uma das mais importantes traduções modernas da Bíblia que recebe seu nome (A Bíblia “King James”). Em 1605, temos a criação do *Popish Recusants Act*, um conjunto de restrições aos católicos na Inglaterra, ocorrido após o famoso *GunPowder Plot*. Esse Ato declarava como alta traição obedecer às ordens do papa acima das ordens do rei inglês. Estariam, portanto, esses dois eventos relacionados entre si como uma manobra da igreja protestante, auxiliar seus companheiros de fé dentro do Sacro Império, e desta forma publicar livros em alemão para serem distribuídos, incentivando o levante protestante dos anos posteriores? Muito provavelmente sim, entretanto, por que motivo foi escolhida a obra *The Wicket* de *John Wycliffe*, por que novamente esta obra em especial?

c-) A não institucionalidade da Igreja em outros autores medievais e em outras heresias da época de Wycliffe ou anteriores a ele. Com a tentativa de ampliar a análise interna das obras de Wycliffe (foram analisadas um total de 27 obras em *middle english*) e da relação destas com a obra de outros hereges de sua época (em especial os franciscanos) além da comparação do pensamento de Wycliffe com outros pensadores tradicionais da Igreja Católica, o foco do trabalho desviou-se para relacionar o pensamento de Wycliffe com o de outras pessoas, e não especificamente em verificar as inspirações que Wycliffe sofreu de outros pensadores de sua época ou anteriores. Muito embora algumas relações já foram feitas por outros autores modernos, relacionando Wycliffe a Guilherme de Ockham, Alexandre de Hales, Roger Bacon e Dun Scotus, não foi possível a esse trabalho estabelecer como esses autores (ou outros) influenciaram especificamente na formação da ideia da impossibilidade de uma igreja institucional. Muito embora Wycliffe apresente

pensamentos que já estavam completamente estruturados na sua época, como a não aceitação da doutrina da transubstanciação, temos outros elementos de suas teorias que são aparentemente novos e não foi possível encontrar relações dos mesmos com outros pensadores de sua época ou anteriores. A maior parte dos hereges pensa em uma renovação da Igreja, seja por intervenção divina direta, ou pela ação humana. Contudo Wycliffe cria que a igreja verdadeira sempre viveria às margens da sociedade. Que outros pensadores podem embasar tal pensamento? Essa ideia específica, apresentada em *The Wicket* influencia especificamente quais outros autores de sua época? Muito embora tenhamos claramente uma influência de Wycliffe em Jan Hus, verificamos que Hus, em momento algum, defende essa ideia da impossibilidade de uma igreja institucional. Mas será que algum outro pensador pré-reforma, ou mesmo após a reforma, adotou esse pensamento utilizando-se as ideias de Wycliffe?

d-) Como as ideias de Wycliffe influenciaram a reforma protestante? É certo que Wycliffe foi um dos grandes inspiradores do movimento de reforma ocorrido no século XVI. A relação entre Wycliffe e Jan Hus está completamente estabelecida, assim como a relação entre Jan Hus e Lutero, neste presente trabalho mesmo analisamos uma coletânea das cartas de Hus editada com os comentários de Lutero. Lutero chega, nesta mesma carta e em outros momentos a citar Wycliffe como importante opositor às ideias católicas. Aqui a questão não é relacionar Wycliffe ao protestantismo, mas aprofundar o conhecimento de como suas ideias influenciaram os primeiros pensadores protestantes. Que ideias de Wycliffe foram utilizadas por Lutero ou Calvino, quais foram negadas, quais nem foram citadas? Por exemplo, existe alguma menção de Lutero ou Calvino à obra *The Wicket*? Algum dos dois comenta a questão da impossibilidade da Igreja Institucional? O principal filtro das ideias de Wycliffe utilizadas por Lutero e Calvino realmente foi Jan Hus, ou houve uma leitura direta, por parte dos principais reformistas, das obras inglesas de Wycliffe? Sabemos que os reformistas ingleses leram Wycliffe, inclusive tendo as publicações inglesas em 1546 e 1548. Mas qual utilização eles deram para esse livro e para as ideias contidas no mesmo. E, especialmente, em que medida essas ideias foram simplesmente expurgadas para caírem no esquecimento décadas após a reforma e por quê?

e-) O quinto questionamento apontado aqui certamente há de parecer inútil, ou ao menos anacrônico. Mas ainda assim, pela liberdade desta parte do trabalho (conclusão) ele será colocado. Em que medida as ideias de Wycliffe sobrevivem ou não diante dos dias atuais? Temos na atualidade mais de uma dezena de gigantescas igrejas protestantes institucionalizadas e espalhadas pelo mundo inteiro, ao menos um milhar de igrejas protestantes regionais, mas igualmente institucionalizadas, além da continuidade da existência da própria Igreja Católica. Em meio a tantas instituições religiosas como fica o pensamento da Igreja não institucional de Wycliffe? É possível estabelecermos diversos grupos atuais que se dizem seguidores de São Francisco, de Lutero ou mesmo de Jan Hus, mas é possível um grupo Wycliffiano nos dias de hoje? Esse último questionamento, é relacionado muito mais a uma questão pessoal do autor deste trabalho do que um verdadeiro tema de pesquisa a ser aprofundado, portanto aqui ele está apenas citado.

VIII.3. Considerações Finais

VIII.3.A. Wycliffe e o pensamento da ortodoxia católica

Parece relativamente claro que Wycliffe, sendo professor de teologia de Oxford, possuía amplo conhecimento da filosofia católica de sua época, sendo versado nos principais pensadores da tradição católica, como São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, entre outros. Conforme pudemos verificar há diversas citações diretas e indiretas destes autores.

Entretanto, em especial no que diz respeito a São Tomás, Wycliffe se mostra desfavorável, o acusando de que seu aristotelismo passou a ser mais importante para os pensadores de sua época do que o próprio texto bíblico. Muito embora, Wycliffe demonstre-se conhecedor dos princípios básicos da filosofia aristotélica (e tomista), como por exemplo, o conceito de acidente, essência, ato e potência, ele demonstra que tais conceitos, da forma como estavam sendo utilizados, não eram em si racionais e, muito pelo contrário,

estavam desviando as pessoas de seu tempo de uma análise mais racional dos fatos.

Percebemos que Wycliffe utiliza-se do texto bíblico, em especial do novo testamento, como peça fundamental de seu pensamento, possuindo, nos exemplos contidos na Bíblia, em especial na vida de Jesus, base para todas as suas afirmações, colocações e acusações que são feitas à Igreja. A princípio, desta forma, uma negação do aristotelismo e embasamento bíblico dessas afirmações poderiam nos levar a colocar Wycliffe como um escritor ligado à espiritualidade, subjetividade e interpretação pela fé. Isso não poderia estar mais longe da realidade.

Wycliffe utiliza-se sim da Bíblia, mas a sua utilização dos textos contidos neste livro é embasada em uma análise racionalista, humanista, relacionando a mesma com documentos posteriores, que embasem ou não suas ideias. Por exemplo, no caso da transubstanciação, o texto bíblico não é utilizado como algo místico, referindo-se a números, símbolos secretos, qualquer tipo de informação oculta, nem interpretado sob algum tipo de inspiração divina suprema, mas apenas racionalmente. Em especial de forma imensamente simples, ao lembrar que o Jesus que cortava o pão com os seus discípulos era um homem, tendo membros, rosto, cabelo, atributos humanos, como qualquer outro humano. Apenas lembrando que, racionalmente, ao analisar-se o texto, era impossível que o pão ali fosse o próprio corpo de Cristo, uma vez que seu corpo estava presente, justamente segurando o pão e o partindo. Analisando racionalmente, demonstrando como a explicação mais lógica para tais palavras de Jesus era referir-se a uma figura de linguagem, como tantas vezes ele havia usado nas parábolas, e de forma alguma um ritual mágico pelo qual seu corpo adentraria o pão. Demonstrando racionalmente como que, ainda que fosse possível que o pão se transformasse em seu corpo, ao se separar o pão em partes, seria como partir o corpo de Jesus, de modo que cada pedaço do pão teria apenas uma parte do corpo de Jesus, e haveria necessidade de haver infinitos corpos diferentes de Jesus, uma vez que inúmeros pães eram consagrados. Da mesma forma que o racionalismo e humanismo baseiam sua utilização do texto bíblico, a refutação da lógica aristotélica de São Tomás, feita por ele, não se baseia na refutação da razão ou da lógica, mas simplesmente em demonstrar racionalmente como que os princípios aristotélicos de acidente,

ato, potência e essência não poderiam se aplicar à transubstanciação. Demonstrando o que o próprio São Tomás havia afirmado (que era impossível provar racionalmente a transubstanciação e que era necessária aceitá-la pela fé) desta forma, Wycliffe poderia ser considerado mais racionalista do que São Tomás, utilizando-se o tempo todo de argumentos lógicos e racionais para refutar toda e qualquer colocação apresentada.

O mesmo também ocorre por ocasião das outras contextações feitas por Wycliffe, por exemplo, a contestação do poder papal, onde uma análise mais cuidadosa do texto bíblico demonstra que os argumentos utilizados na Bula *Unam Sanctam*, ou por Egídio Romano, eram mal fundamentados e que se baseavam em deturpações do texto original e citações fora do contexto. Desta forma, mesmo atendo-se à Bíblia, mesmo refutando juristas e filósofos, sua análise é racional e humanista, não se valendo em uma única ocasião que seja de um argumento de fé, a não ser única e exclusivamente, a crença de que a Bíblia realmente era o livro sagrado. E mesmo neste ponto Wycliffe faz uma ressalva, que ele poderia não conseguir provar que a Bíblia era o livro sagrado, mas que ele não precisava fazê-lo, uma vez que, caso a Bíblia não fosse o livro sagrado e contivesse erros, então toda a estrutura cristã que ele combatia não teria por que motivo existir. De modo que nenhum daqueles com os quais ele argumentava ousaria levantar a questão de que a Bíblia poderia não ser um livro completamente fidedigno. Excetuando-se por esse único passo de fé, todas as suas outras argumentações são embasadas racionalmente.

Uma vez que se fale de argumentações teológicas da transubstanciação, ou jurídica, no caso do poder papal ou das relações entre o poder secular e o poder religioso, pode-se pensar que Wycliffe era um grande teórico. Outra situação intensamente distante do discurso dele.

No caso da transubstanciação, por exemplo. Wycliffe não se envolve em um discurso puramente teológico, mas sim prático. Com o pressuposto que a doutrina da transubstanciação, entre outros elementos, é o que garantia o poder do clero “papista”, uma vez que gerava o desejo de um produto que apenas os membros desse clero poderiam oferecer, um produto que passa a ser um “deus” material oferecido, então o controle deste produto, o monopólio dele, garantiu poder supremo a esse clero. Desta forma, combater a doutrina da transubstanciação, em última instância, segundo a argumentação de

Wycliffe, é auxiliar a libertar o povo da opressão destes clérigos em nome de uma religião verdadeira e não institucional.

Ou por exemplo, a questão a respeito da doação de Constantino (documento que não é contestado especificamente por Wycliffe, mas sim o ato de Silvestre ter aceitado tal doação) não se trata de uma questão histórica distante e nem sobre uma regra de conduta e moral, mas sim uma crítica às posses clericais e, em última instância, sobre a deturpação de uma ideia original de clero, que deveria estar a serviço do povo, alimentando os famintos, vestindo os pobres, cuidando dos doentes, mas que agora usurpa os bens que deveriam ser destinados aos pequenos para proveito e luxo próprio. Ao discutir o texto bíblico sobre a cura de Elias, o que importa não é a questão do milagre, ou mesmo se é possível que tenha havia um milagre ou não, mas em última instância, a questão é a posse clerical de sua época, e um combate àquela instituição que, segundo ele, derrubava valores mais importantes.

Outro aspecto importante para se ressaltar em Wycliffe é a forma como ele lida com a figura de Jesus. Jesus, para Wycliffe, é um grande homem, exemplo de homem perfeito, e por mais que os termos “Cristo”, “salvador” entre outros, não deixem de fazer parte de seu vocabulário, em todos os textos Wycliffe trata Jesus como um exemplo humano, para humanos. Não parece importante se esse Jesus era mesmo filho de Deus ou não, se sua mãe Maria era mesmo virgem ou não, mesmo se ele ressuscitou ou não, se tinha poderes de fazer milagres ou não. Mas sim que ele teria, por seus atos e palavras, ensinado uma forma correta de se viver, e ser cristão era crer que essa forma de vida de Jesus era a melhor forma possível de se viver, independente de qualquer filosofia, fé, estrutura religiosa, mística, ou qualquer outra. Na verdade, todas essas poderiam simplesmente desviar do caminho verdadeiro que era o imitar os passos de Jesus.

Esse Jesus, não é o rei dos céus, sentado à direita de Deus pai, em um trono de ouro, com anjos serviçais que lhe servem, não é o dono do ouro e da prata, não é o senhor dos exércitos, não é o esposo da rica Igreja Católica. Pelo contrário, esse Jesus é o ser humano, de origem humilde, que nasceu na manjedoura, que andava a pé ou de jumentinho, que dizia não ter onde repousar sua cabeça, que dormia na casa de amigos e que não tinha nem um túmulo para si, e foi enterrado em um túmulo emprestado. É o Jesus que não

tinha dinheiro para imposto e precisou pegar a moeda da boca de um peixe pra conseguir pagar. O Jesus que comia com os pecadores, que alimentava os pobres, que cuidava dos doentes, o Jesus que foi perseguido pelas elites religiosas de seu tempo, que scandalizou ao revelar com clareza a hipocrisia de certas pessoas, que ia contras as regras, em nome de uma essência maior que as permeasse, que seria o amor ao próximo.

Esse Jesus humano, que não deixa de ser uma imagem esteriotipada e não uma verdadeira busca histórica de quem Jesus era, mas é um estereótipo às avessas do Jesus pregado pela Igreja Católica, do Jesus do ouro e do poder. Por mais que essa outra imagem de Jesus não tenha sido criada por Wycliffe, ele, entre todos os outros hereges utilizados por comparação, é o que mais se aproxima de uma imagem de Jesus realmente humano, não somente a contestação da imagem vigente de Jesus, mas a produção de um Jesus que não era mais um “super-humano”, mas sim um humano comum, quase um anti-herói, que é fraco, que não é rico, que não nasce em berço de ouro, que se nega a ser rei quando é tentado pelo demônio, que é perseguido e, por fim, é morto. Entretanto, esse caminho, do anti-heróismo, do viver à margem da sociedade, à margem do poder humano, esse duro e difícil caminho, esse estreito caminho, segundo Wycliffe, era o caminho da salvação, por ser racionalmente o melhor caminho a se seguir, por ser o caminho que Jesus teria indicado por suas palavras e atos, e por ser o caminho demonstrado pelos relatos bíblicos, segundo Wycliffe.

Se até mesmo o Jesus de Wycliffe é muito mais humano do que Deus, então os outros importantes personagens da Igreja Católica assumem também um papel plenamente humano. São Francisco, segundo Wycliffe é um homem incrivelmente admirável, bem intencionado, amoroso, verdadeiro cristão, mas ingênuo ao criar a sua ordem, e obviamente nada divino como os espirituais franciscanos chegam a afirmar, ao comparar Jesus e São Francisco, quase como que transpõe características de um no outro. São Pedro, fundador da Igreja, segundo a Igreja Católica, segundo Wycliffe era um homem de Deus, sábio e verdadeiro cristão, mas humano, pois teria negado Jesus por três vezes, pois teria tido medo da morte. Da mesma forma todos os santos citados por Wycliffe, desde os bíblicos aos fundadores de ordens monásticas, são tidos

por homens bons, verdadeiros cristãos, mas que, sendo humanos, são passíveis e erros.

No entanto, mais do que os erros dos santos em si, Wycliffe critica é a deturpação das ideias destes, em nome da cobiça humana, criticando as ordens criadas pelos mesmos. A crítica aos franciscanos é severa, a crítica aos dominicanos também. Se Pedro teria cometido um pequeno erro apenas, ao negar Cristo três vezes, mas depois se arrepender, os que se diziam seus seguidores, os pontífices de Roma, teriam cometido erros infinitamente piores. Entretanto, segundo Wycliffe, essa deturpação era nada mais do que a ação natural das coisas, uma vez que a cobiça humana sempre tentará transformar os atos de amor de uma pessoa em elementos que possam causar proveito próprio. Se isso aconteceu com o próprio Jesus, que teve seus ensinamentos deturpados para se criar uma igreja usurpadora, que deixa os mais fracos morrerem, e cria ajuntamento de fortunas e guerras, então quem diria as criações dos outros santos, que são menores do que Jesus.

Por sinal, outra importante peculiaridade de Wycliffe é essa. Essa deturpação do que seria o verdadeiro ensinamento de Jesus causado por causa da cobiça humana e desejo de lucro é o que é, em si, Satanás. De modo que a visão de Satanás que Wycliffe trás não possui em si nem mesmo um mínimo vestígio de espiritualidade, de mundo mitológico, de ser monstruoso, ou de qualquer característica que não seja o próprio nome que se dá à cobiça humana. O diabo é a ação das próprias pessoas em sua cobiça e desejo de poder e riqueza, fazendo com que elas próprias tomem rumos absurdos e deturpem as boas obras, que seriam ajudar os pequeninos. Desta forma, por mais que em vários títulos das obras de Wycliffe, tenhamos alusões ao demônio, diabo, anticristo, entre outros, em nenhuma delas tais citações são místicas ou se referem a qualquer criatura animalesca, seja ela visível ou invisível, seja ela material ou puramente etérea. Mas sim à cobiça humana que nos faz ter ações opostas às ensinadas e demonstradas por Jesus (portanto atitudes de “anticristo”, contrárias ao que Cristo teria ensinado).

Aliado a essa intensa humanização de Jesus e dos santos, essa racionalização quase psicológica da figura de Satanás, e esse tratamento racional e desmistificado de todas as questões relacionadas à religião e essencialmente sua prática, temos a questão dos dois caminhos: Ao contrário

dos outros grupos heréticos de sua época, que estavam de uma forma ou de outra, querendo a renovação da Igreja corrompida, Wycliffe não tinha tais pretensões, na verdade, acreditava que tal renovação era impossível. Desta forma, apesar dele ser um dos importantes influenciadores de Jan Hus e por sua vez esse ser um dos principais influenciadores de Lutero, o termo “pré-reformista” é completamente inadequado para Wycliffe. Um verdadeiro seguidor de Wycliffe, segundo o princípio dos dois caminhos, não poderia propor uma reforma da igreja, a não ser que fosse algo local, separando-se um pequeno grupo da religião oficial, mas nunca na esperança ou planejamento que esse grupo passasse a ser oficial, institucionalizado ou aliado a qualquer poder soberano. Quando e muito, poder-se-ia imaginar uma autorização para que esse grupo pudesse existir, ainda que às margens da sociedade. Ainda assim, caso esse grupo sequer tivesse a autorização de existir, isso já seria o começo do desvio do caminho certo, que é “estreito”, “poucos passam por ele”, e é o mesmo caminho do ser perseguido, que causou a morte de Pedro, Paulo, e, de certa forma, também de Jesus.

Outra característica importante de ser ressaltada no pensamento de Wycliffe é a sua relação com os pobres de sua época. Muito embora Wycliffe tenha abertamente, em algumas de suas obras, defendido que os pobres não deveriam se revoltar contra o sistema no qual estavam inseridos, parece no mínimo natural que seus ensinamentos levem a revoltas camponesas, sendo um dos motivadores de tantas revoltas camponesas que sempre vemos nas épocas onde ideias como as de Wycliffe são divulgadas. Isso ocorreu na Inglaterra no final do século XIV, na Boêmia na primeira metade do século XV e no Sacro Império no século XVI. Uma vez que haja a declaração aberta que a Igreja está se apropriando indevidamente daquilo que, pelo verdadeiro cristianismo, deveria ser dado aos pobres, a consequência natural deste pensamento parece ser que esses pobres se revoltam para obter aquilo que lhes seria de direito. Apesar disso, em mais de uma vez nas obras de Wycliffe vemos condenações contra os levantes camponeses. Isso ocorre, por exemplo, na obra *Of prelates*, onde Wycliffe afirma que Jesus pessoalmente impediu os apóstolos de se rebelarem contra a sua prisão e sua morte, e que os apóstolos, após a morte de Jesus, acabaram sendo mortos, perdendo seus corpos para salvar suas almas, e de modo semelhante os verdadeiros cristãos não

deveriam lutar para assumir o poder ou acabar de vez com a dominação (o que geraria uma nova dominação e, portanto, uma separação da religião verdadeira segundo a teoria dos dois caminhos), mas sim ter o foco que estar em uma posição de ser dominado era um sinal de que estava-se seguindo o caminho certo.

VIII.3.B. Wycliffe e os *Verdadeiros Cristãos*

A análise de Wycliffe sobre o que deveria ser o cristianismo é ao mesmo tempo simples e complexa. É ao mesmo tempo racional, mas religiosa. Baseia-se ao mesmo tempo em uma análise filosófica, mas nega a filosofia racional. É ao mesmo tempo uma questão de pura prática e combate a uma religiosidade teórica, mas está completamente embasada em uma teoria. É uma análise histórica quase moderna, entretanto desconhecendo qualquer possibilidade de análise histórica sobre o principal documento estabelecido, a Bíblia.

Ao mesmo tempo em que Wycliffe propõe que o modelo exato de vida seria uma imitação completa das ações de Jesus, portanto partindo de um pressuposto da existência de algo divino na imagem de Jesus para que pudesse ser o exemplo máximo a ser seguido, igualmente ele define Jesus praticamente como um ser humano normal, praticamente ignorando as passagens bíblicas referentes à sua divindade, e mesmo aos milagres. Jesus passa a ser o exemplo perfeito de homem a ser seguido, mas completamente enquanto homem. O que faz com que seja mais possível essa imitação, Wycliffe faz uma análise da história da igreja, medindo os seus principais nomes, indendentemente da fama e importância espiritual colocada sobre essa pessoa pela tradição católica, mas ao mesmo tempo que ele faz essa análise histórica, ele se utiliza como principal elemento para fazer seu julgamento a comparação com Jesus. Porém não faz sentido falarmos, no século XIV, a busca de um Jesus histórico, assim sendo, entre todos os documentos utilizados por Wycliffe para fazer a sua comparação, temos a Bíblia tida como verdade absoluta e incontestável, não havendo quaisquer referências sobre a possibilidade da existência de outros relatos históricos da vida de Jesus, e nem tampouco sobre a possibilidade da mesma igreja institucionalizada e corrupta que ele estabelece desde o século IV ter modificado quaisquer dos

documentos principais que ele se utiliza, que, em si, compilados formam a Bíblia.

Ao julgar os personagens da história da Igreja pela sua comparação com Jesus, temos o estabelecimento de uma linha de separação entre as ações de Jesus e as ações dos membros da Igreja, estabelecendo uma regra que é a de que todo e qualquer cristão é em si pecador, de Pedro ao Papa, Jesus seria o único homem sem pecado na Terra. O grande problema, portanto, para Wycliffe, não era o pecado em si, que seria universal a todos os homens, mas sim a hipocrisia, que fechava os olhos do homem para ver seus próprios pecados, ou então transformava o que era pecado em algo que deveria ser considerado certo. Desta forma praticamente toda a teologia católica, que justificava o poder papal e ia contra as contestações heréticas, é vista como um grande arcabouço de hipocrisia, e portanto, o principal inimigo dos verdadeiros cristãos.

Ao mesmo tempo, pela teoria dos dois caminhos, Wycliffe define que o verdadeiro cristianismo sempre seria minoritário, pois assim teria sido desde a época anterior a Jesus, dos profetas, ou mesmo antes enquanto o povo judeu era minoria no Egito, até a época do próprio Jesus, onde seus seguidores eram poucos perante o mundo religioso judaico. Temos aqui indícios de que Wycliffe teria um conhecimento relativamente mais profundo do judaísmo do que outros teólogos de sua época, como por exemplo, a indicação de que ele teria lido Flávio Josefo e as Guerras Judaicas. Contudo, apesar disso, ele demonstra ares de anti-semitismo, não por uma crítica ao povo judeu em si, mas por colocar a religião judaica como hipócrita em oposição à religião verdadeira, que era a de Jesus, muito embora, segundo ele, os fariseus, seriam aqueles que não seguiram a Jesus (embora ele divida o grupo de fariseus em fariseus, saduceus e essênios), enquanto os judeus que percebiam a hipocrisia de sua época teriam seguido a Jesus. Dentro desta lógica temos o verdadeiro cristianismo perseguido dentro do Império Romano até o século IV, e após Constantino e Silvestre o verdadeiro cristianismo deixa de ser perseguido pelo Império Romano, mas começa a ser perseguido pela igreja institucional que havia sido criada, a Igreja Católica. Deste então, segundo Wycliffe, essa perseguição continuava, surgiam hereges se mostrando contra o poder a Igreja e o verdadeiro cristianismo estava sempre presente neles. Assim sendo

a essência do cristianismo era fazer oposição a um grupo religioso que se dizia ligado a Deus, mas estava corrompido pelo desejo das posses materiais.

Wycliffe imaginava que isso seria uma constante e jamais mudaria, afinal o próprio Jesus, ao ir contra a hipocrisia em sua época, é condenado e morto, assim como muitos de seus seguidores e muitos dos hereges de sua época. Ou seja, nunca havia uma real vitória ou renovação da Igreja, e o verdadeiro cristianismo sempre seria de minoria. Segundo ele isso é o que Jesus quis dizer ao propor a ideia dos dois caminhos, onde o caminho estreito e difícil, no qual poucos seguem, leva à salvação; e o caminho largo e fácil, que é seguido por muitos, leva à perdição.

VIII.3.C. Hus, um Wicliffianista?

Em diversos momentos, na elaboração deste trabalho, deparamos por citações como “Hus é o Wycliffe da Boêmia”, ou então, nos próprios atos do Concílio de Constança, Hus é citado como principal representante vivo de Wycliffe e está sendo preso por ser seguidor do mesmo. Paletz, principal acusador de Hus, justamente o acusa de que ele, ao lado de Wycliffe, tenha sido os piores hereges existentes desde o nascimento de Jesus. Todas essas afirmações fazem uma relação forte entre os dois nomes.

Entretanto, após a análise das cartas de Hus e a comparação das ideias de ambos, parece que a relação entre ambos não é tão precisa e forte quanto esses autores chegam a definir. Primeiramente não foi encontrado em nenhuma das cartas de Hus, seja durante a sua época de aprisionamento seja nas cartas anteriores, nenhuma citação a Wycliffe que não fosse especificamente relacionada ao Concílio de Constança. É claro que, uma vez que Jan Hus foi chamado ao Concílio de Constança para preparar a defesa das ideias de Wycliffe, é certo que ele concordava com parte dessas ideias e que ela faz a defesa das mesmas, havendo uma relação entre ambos. Igualmente é certo que, nas cartas ele comenta a defesa que estava preparando e as acusações que ele estava recebendo.

Apesar desta relação, igualmente percebemos uma série de diferenças entre o pensamento de Hus e de Wycliffe. Por exemplo, Hus se submete à

hierarquia eclesiástica, em momento algum desafiando a mesma. Isso poderia até ser em virtude de sua prisão e desespero para ser libertado, por isso precisava agir conforme esperavam que ele agisse. Mas vimos que, mesmo antes de seu aprisionamento, por mais que ele tivesse críticas à Igreja, ele não desafiava seus superiores e muito menos negava a possibilidade da existência de qualquer hierarquia, assim como Wycliffe fazia.

Temos ainda, no que diz respeito à hierarquia eclesiástica, a afirmação categórica de Wycliffe de que todos os papas haviam se transformado em *papistas* não sendo portanto mais verdadeiros cristãos. Assim sendo podemos definir que para Wycliffe os papas eram em si maus. Entretanto, Jan Hus, demonstra em algumas de suas cartas que toda a sua esperança de salvação estava colocada tanto na vinda do Imperador para salvá-lo, como no retorno do papa de Pisa, João XXIII. Simplesmente a esperança de Hus em ser salvo pelo retorno do papa João XXIII não o coloca como em oposição às ideias de Wycliffe, uma vez que, conforme está demonstrado no decorrer dos textos referentes ao concílio, é possível que o próprio papa João XXIII fosse muito mais condescendente com as ideias de Wycliffe e estivesse realmente disposto a aceitar parte dessas ideias na Igreja. Desta forma Hus então esperava sua salvação neste papa específico, não pelo seu cargo de papa, mas pela pessoa que ocupava o cargo, que já havia sido eleito por um grupo distinto, que faz oposição a dois poderosos papas, desejando criar um terceiro grupo em oposição aos dois outros (papado de Pisa).

Ainda assim, sejam as considerações feitas nas cartas de Hus circunstanciais ou não, o principal motivo pelo qual é possível contestar em parte a possibilidade de fazermos uma relação tão forte entre Hus e Wycliffe, é que em momento algum Hus defende alguns dos princípios básicos e inovadores do pensamento de Wycliffe, que é a teoria dos Dois Caminhos, a análise histórica de que a Igreja Católica deixa de ser cristã a partir de Silvestre e Constantino, e a impossibilidade da Igreja Institucional. Pelo contrário, Hus se prende muito mais a aspectos que são defendidos por Wycliffe, mas não são contestações criadas por ele ou defendidas apenas por ele, como a questão do combate à transubstanciação.

VIII.3.D. Sobre a possibilidade de um Wycliffianismo, do século XV aos dias de hoje

Apesar da extrema simplicidade de vida de Francisco de Assis e do termo “ordem dos freis menores” da figura de Francisco, surgiu um (ou vários) franciscanismo. Apesar de Lutero ter se colocado contra a ideia de um sumopontificado, surgiu um luteranismo. Assim como surgiram os valdenses de Pedro Valdo, assim como D. Sebastião, apesar de morrer jovem em uma batalha de menor importância, gera o sebastianismo, ou Ário, ao discordar da trindade, gera o arianismo, termo que será usado por séculos a fio, seria, portanto, possível se falar em um Wycliffianismo?

Não importa aqui se é possível se falar nos lolardos ou não. Este é um grupo real, que existiu na Inglaterra por algumas décadas, confinado a um espaço e a um tempo específico e que, apesar das inspirações de Wycliffe, não pode ser atribuído única e exclusivamente a ele. É possível se falar em uma corrente de pensamento de Wycliffe?

Acabamos de estabelecer uma reflexão sobre a dificuldade de colocarmos o que é considerado por muitos como o maior dos seguidores de Wycliffe, Jan Hus, como não sendo merecedor de um título de Wycliffianista, por não defender as ideias que seriam o cerne das obras inglesas de Wycliffe. Lembrando que partimos do pressuposto que as obras em língua popular (inglês neste caso) são as principais para se criar os seguidores, uma vez que é a língua que será entendida pelo maior número de pessoas e fará com que essas obras sejam consideradas secundárias para a Igreja.

Também teríamos, certamente, os próprios Lolardos, como seguidores de Wycliffe. Entretanto, não podemos fazer uma associação de sinonímia entre esses termos. O termo lolardos se refere a um período relativamente curto tanto cronologicamente como geograficamente falando. Conforme podemos ver no anexo 1, os lolardos durante dois séculos chegam a se espalhar por parte da Inglaterra e Escócia. A perseguição a esse grupo continua após a morte de Wycliffe, e de certa forma o grupo deveria ser considerado como Wycliffianista. Porém, após a morte de John Oldcastle em 1417, condenado pelo rei Henrique V, temos um duro golpe sobre o movimento, que oficialmente termina em 1532, com a perseguição e captura de Thomas Harding, que após ser perseguido por

heresia, declara-se lolardo, entretanto em sua posse não foram encontrados nenhum dos trabalhos de Wycliffe, apenas obras de William Tyndale.

Ao mesmo tempo em que o termo Lolardos define um movimento que ocorre apenas na Gran-Bretanha temos as ideias de Wycliffe se espalhando pelo resto da Europa ainda no final do século XIV e começo do século XV. Os próprios lolardos não são nem ao menos citados em todos os Atos do Concílio de Constança. Infelizmente este atual trabalho aqui presente não se aprofundou na questão dos lolardos, podendo fazer uma reflexão mais profunda sobre a relação deste grupo com o termo wyclifianista sobre o qual se pretende refletir aqui.

Entretanto as ideias básicas de uma igreja não institucional, sem hierarquia, sem posses, sem regras monásticas, sem bulas ou tratados de teologia que buscassem referências filosóficas em Aristóteles, uma igreja que seria sempre contrária e oposta a qualquer poder dominante, seja ele religioso, seja ele secular, seria essa igreja possível? Teria sido ela ao menos tentada em outras épocas de história? Seria possível se manter uma igreja assim a um longo tempo? Ou a tendência a qualquer igreja destas seria com o tempo se institucionalizar e, portanto, estabelecer-se como oposta às ideias de seu idealizador?

Segundo o próprio Wycliffe tal igreja seria impossível. Não impossível no sentido de que ela não existiria, porque, segundo ele, ela sempre existira, mas seria impossível a imaginar de forma mais paupável, enquanto grupo que aderisse a um nome específico, como o que propusemos de Wycliffianistas. Seria impossível enquanto relação a um espaço físico determinado, ou a símbolos que lhe fossem oficiais em contraposição às igrejas institucionais. Por mais que pareça que Wycliffe estava atacando apenas a Igreja Católica, uma análise mais profunda de suas obras e do contexto das mesmas pode nos deixar claro que ele estava atacando toda e qualquer instituição religiosa. Em sua época havia duas igrejas católicas distintas com dois papas, dois grupos de cardeais, dois grupos de reinos fazendo aliança com cada uma delas, isso se não formos considerar as igrejas cristãs orientais, uma vez que estamos após o cisma do Oriente. Desta forma, das múltiplas instituições religiosas existentes na época de Wycliffe (incluindo as ordens monásticas e as universidades), ele não associa a presença da verdade ou a representação de

Deus (o verdadeiro cristianismo) a nenhuma (ainda que ele tenha permanecido como professor de Oxford até ser impedido de fazê-lo). Assim sendo, temos aqui a proposta de que seria impossível um Wycliffianismo oficial, qualquer instituição religiosa que se criasse sob o nome de Wycliffe seria um contracenso às suas próprias ideias.

Muito provavelmente isso é um dos elementos que faz com que Wycliffe seja figura secundária na nova ordem religiosa que começa a se formar na Europa após a reforma protestante no início do século XVI, muito embora ele apareça em edições isoladas ou citações isoladas (como do próprio Lutero nas cartas de Jan Hus). À Medida que novos grupos religiosos se institucionalizam e crescem em poder e em posses, menos presença das ideias de Wycliffe pode haver presente neste grupo. Wycliffe não é um herege que valha a pena ser lembrado pelas novas instituições, não por estar temporalmente distante ou com ideias que sejam específicas de seu tempo (como por exemplo, uma previsão de fim de mundo errada, ou uma contestação a um poder hegemônico católico não mais existente, ou por fim a adoração de um personagem específico como a própria vinda de Cristo), uma vez que as ideias de Wycliffe são bem universais e por suas análises históricas, a sua reflexão parece ser bem eficaz em outras épocas históricas posteriores a ele. Uma leitura de Wycliffe hoje parece ser bem contemporânea, não só ao que diz respeito às críticas à Igreja Católica, mas especialmente ao que diz respeito a qualquer *papista*, ou seja, qualquer igreja institucional que se forma na imagem de um líder especial, seja essa igreja católica ou protestante.

IX. Apêndices

IX.1. Tabelas Cronológicas

As tabelas cronológicas aqui presentes têm como objetivo auxiliar o leitor a uma visão mais sucinta e ao mesmo tempo mais panorâmica dos assuntos tratados neste trabalho. Parte desta cronologia foi retirada do livro *Heresias Medievais*, de Nachman Falbel. Essa cronologia básica presente no livro serviu de base para a introdução de novas datas e acontecimentos, de modo a expandir o seu espectro original. A cronologia presente no referido livro tinha como foco elementos pertinentes ao pensamento herético ocorrido entre os séculos XII, XIII e primeiro quarto do XIV. A expansão cronológica realizada avança para os séculos XIV e XV, e início do XVI, chegando até o início do movimento de reforma protestante. Foram também inseridas algumas datas referentes a importantes publicações da ortodoxia católica.

A segunda tabela cronológica refere-se ao período da institucionalização da Igreja Católica, segundo Wycliffe, remetendo aos séculos IV e V. Esta tabela, embora não esteja cronologicamente próxima à época analisada, serve para auxiliar o leitor a uma melhor compreensão das datas e personagens citados por Wycliffe, em especial no que diz respeito aos levantamentos realizados no capítulo “dois caminhos” referente ao livro *The Wicket*. Uma vez que seja apenas um levantamento para auxílio da leitura de um segmento de um capítulo, a presente cronologia não está desenvolvida em amplo nível de complexidade.

IX.1.A. Cronologia do diálogo entre o pensamento herético e a ortodoxia católica na Baixa Idade Média e Início da Idade Moderna

1115	Morte do heresiarca Tanquelmo.
1132-3	Pedro de Bruys é queimado como herético.
1132-4	O Segundo Concílio de Latrão condena Henrique de Lausanne.
1139	A heresia cátara se expande e atinge elevado nível de organização. Hugo Speroni estuda jurisprudência em Bolonha.
1148	Eudo de Stella é condenado pelo Concílio de Reims.
1148	Concílio de Verona.
1148	Bula de Eugênio III contra Arnaldo de Bréscia.
1149	O primeiro bispo cátaro se estabelece no Norte da França.
1150	Morte de Eudo de Stella.
1163	Pela primeira vez se emprega a palavra cathari na Alemanha.
1163	O Concílio de Tours faz referência à heresia cátara.
1167	O Bispo Nicetas, dos bogomilos, visita o Ocidente.
1167	Henrique II da Inglaterra proíbe que ingleses vão estudar na Universidade de Paris, isso faz com que haja um amplo crescimento da universidade de Oxford (alguns escolhem essa data para oficializar sua criação).
1173	Pedro Valdo começa a pregar sua heresia.
1179	No Terceiro Concílio de Latrão decide-se recorrer ao braço secular no combate à heresia.
1179	Pedro Valdo é autorizado a pregar pelo Papa Alexandre III, mas somente com autorização eclesiástica.
1182	Nascimento de São Francisco de Assis.
1184	O Sínodo de Verona condena os valdenses. O Papa Lúcio III publica a Bula Ad Abolendam.
1187	Provável data do surgimento dos beguinos

1201	Os Humiliati de Milão são confirmados como ordem religiosa por Inocêncio III.
1202	Morre Joaquim de Fiore.
1204	Primeira condenação da doutrina de Amaury de Bène pela Universidade de Paris.
1205	Inocêncio III lembra a Filipe-Augusto que, pela Bula Ad Abolendam, ele pode privar os feudos daqueles que protegem os heréticos.
1207	Morte de Amaury de Bène.
1208	Assassinato do Legado Papal Pedro de Castelnau.
1209-10	Confirmação da Primeira Regra Franciscana por Inocêncio III.
1210	Os amalricianos são condenados e o Sínodo de Paris condena os escritos de David de Dinant.
1210	A Física de Aristóteles é proibida
1215	O Quarto Concílio de Latrão condena novamente os amalricianos.
1215	Condenação de Amaury e sua doutrina, pronunciada pelo Legado Pontifício Roberto de Courzon.
1215	Morte de David de Dinant.
1215	Luciferinos são combatidos por Conrado de Marburgo.
1215	Os Stedinger são combatidos por Frederico II e Gregório IX.
1218	Concílio de Bérgamo que procura unir os grupos lombardos e os transalpinos dos valdenses.
1220	Surgem associações de begardos nos Países Baixos.
1220	Leis de Frederico II contra os heréticos.
1225	Nascimento de São Tomás de Aquino.
1226	Morte de São Francisco de Assis.
1229	Criação do Tribunal do Santo Ofício no Concílio de Toulouse. A Cruzada albigense chega ao seu fim.
1230	O Arcebispo de Brêmen declara em Concílio que os Stedinger são heréticos.
1232	Gregório IX publica bula pregando a Cruzada contra os

	Stedinger.
1247	Nasce Angelo Clareno.
1248	Nasce Pedro João Olívio.
1254	Publicação do <i>Introductorius in Evangelium ternum</i> de Gerardo da Borgo San Donnino.
1255	Condenação do <i>Introductorius in Evangelium ternum</i> de Gerardo da Borgo San Donnino.
1255	Realização do Concílio cátaro em Pieusse.
1259	Nasce Ubertino de Casale.
1260	Os flagelantes se espalham pela Europa, saindo da Itália Central.
1260	A heresia de Guilelma, originária da Boêmia, se difunde.
1260	Início da seita dos pseudo-apóstolos.
1274	Morre São Tomás de Aquino.
1277	219 das questões levantadas por Tomás de Aquino em sua <i>Suma Teológica</i> são condenadas pelo bispo de Paris.
1288	Nasce Guilherme de Ockham.
1294	Sobe ao trono papal Celestino V, o Papa Angélico. No mesmo ano ele morre, subindo ao trono papal Bonifácio VIII.
1298	Morre Pedro João Olívio, líder dos espirituais da Provença.
1300	Em junho, Gerardo Segarelli é queimado.
1303	Morre o papa Bonifácio VIII.
1304	O papa Bento XI começa seu pontificado, entretanto morre poucos meses após assumir o trono, sua morte é misteriosa e suspeita-se de envenenamento.
1305	Papa Clemente V começa seu pontificado.
1305	Clemente V organiza uma Cruzada contra os pseudo-apóstolos.
1307	Dolcino de Novara é preso e encarcerado com sua companheira Margarida.
1308-1312	Dante escreve sua obra <i>Divina Comédia</i> .
1309	A sede a Igreja Católica muda de Roma para Avignon, começando o chamado Papado de Avignon.

1314	Papa Clemente V morrem em Avignon sem uma eleição direta ao papado após sua morte.
1315	Durante este ano não houve papa, ainda em decorrência da mudança da sede da Igreja Católica e todas as implicações políticas da mesma.
1316	Início do pontificado de João XXII, o primeiro papa eleito em Avignon.
1317	A Bula Sancta Romana declara os beguinos heréticos.
1320	Bernardo Guy escreve o seu Manual do Inquisidor.
1320	Provável Nascimento de John Wycliffe.
1322	O Papa João XXII ordena que se investigue os beguinos.
1322	Morre Petrus Aureulus um dos mentores de Guilherme de Ockham.
1323	São Tomás é canonizado.
1323	Guilherme de Ockham escreve sua <i>Summa Logicae</i> .
1324	Outra possível data de nascimento de John Wycliffe.
1326	Condenação da Postilla de Pedro João Olivi.
1326	Fundação do Oriel College em Oxford, promovendo uma grande ampliação desta universidade.
1327	Eduardo III se torna rei da Inglaterra.
1328	Em Roma elegem o papa Nicolau V, fazendo oposição ao papa João XXII em Avignon (com a sua posterior derrota, Nicolau V seria considerado antipapa).
1328	Guilherme de Ockham foge de Avignon após ameaças do papa João XXII.
1329	Morre Ubertino de Casale.
1330	O “antipapa” Nicolau V abdica do título de pontífice, reconhecendo o pontificado de João XXII, que havia sido o papa eleito em Avignon.
1332	Provável data da escrita de “Sacramento do Altar e o Corpo de Cristo” de Guilherme de Ockham.
1333	Morre o “antipapa” Nicolau V.
1334	Morre o papa João XXII.

1334	Começa o pontificado do papa Bento XII.
1337	Morte de Angelo Clareno.
1342	Morre Marcílio de Pádua.
1342	Morre o papa Bento XII.
1342	Começa o pontificado de Clemente VI.
1345	John Wycliffe vai para Oxford.
1348	Morre Guilherme de Ockham.
1352	Morre o papa Clemente VI.
1352	Começa o pontificado de Inocêncio VI.
1360	John Wycliffe vira mestre do Balliol College em Oxford.
1362	Morre o papa Inocêncio VI.
1362	Começa o pontificado de Urbano V.
1365	John Wycliffe trabalha para o parlamento inglês defendendo a inviabilidade da cobrança de impostos por parte da Igreja Católica sobre os terrenos reais.
1366	Wycliffe publica <i>Determinatio quedam de domínio</i> .
1369	Nasce Jan Hus.
1370	Morre Urbano V.
1370	Começa o pontificado de Gregório XI.
1372	John Wycliffe completa seu doutorado em teologia na universidade de Oxford.
1374	John Wycliffe participa do congresso de Bruges, que tinha por objetivo resolver questões sobre jurisdições religiosas entre Inglaterra e França.
1378	Morre Gregório XI.
1380	Wycliffe cria sua obra <i>The Wicket</i> .
1381	Wycliffe publicamente desaprova a rebelião de camponeses ocorrida na Inglaterra, que teria sido levada adiante seguindo suas próprias ideias.
1382	Wycliffe é convocado diante do Sínodo de Oxford, apesar de ter sido julgado culpado das acusações, consegue sair de lá sem a pena de morte e nem mesmo a excomunhão, ao mesmo tempo aceita ausentar-se da vida pública, ato

	justificado por problemas de saúde.
1384	John Wycliffe morre vítima de um derrame.
1401	Publicação de um estatuto público na Inglaterra condenando as obras de Wycliffe.
1408	A tradução do novo testamento para a língua inglesa feita por Wycliffe é oficialmente proibida.
1414	Começa o Concílio de Constança com o objetivo de unificar as duas igrejas católicas após o Grande Cisma do Ocidente e condenar movimentos heréticos, em especial relacionados ao pensamento de Wycliffe.
1415	O Concílio de Constança considera Wycliffe, todos os seus ensinamentos e seguidores como heréticos. O corpo de Wycliffe é exumado, queimado e suas cinzas espalhadas.
1415	Jan Hüs é considerado culpado de heresia por reproduzir pensamentos relacionados a Wycliffe, ele é morto na fogueira e suas cinzas espalhadas.
1415	Os seguidores de Jan Hüs não aceitam a sua morte e se rebelam, não aceitando a autoridade papal.
1420	Começam as <i>Guerras Hussitas</i> na tentativa do poder eclesiástico de reconquistar os territórios que haviam se rebelado após a morte de Jan Hus.
1424	Jan Ziska, principal general Hussita morre de peste.
1434	Procópio, o Calvo, último general Hussita é morto, dando fim às guerras Hussitas e, portanto, ao último movimento que oficialmente defendia as ideias de John Wycliffe.
1517	Martinho Lutero prega as suas 95 teses em Wittemberg.
1521	Martinho Lutero é excomungado.
1524-5	Revolta de camponeses na Alemanha.
1534	A Inglaterra de Henrique VIII torna-se protestante.
1535	Thomas Morus é morto por traição contra Henrique VIII ao não aceitar pronunciar-se a favor do anglicanismo.
1536	A inquisição é implantada em Portugal.
1536	Henrique VIII manda fechar vários mosteiros e instituições

	religiosas que não o apoiaram.
1536-1537	A Peregrinação da Graça ocorre na Inglaterra, um levante popular contra a separação da Inglaterra com a Igreja Católica.
1536	O rei Christian III, da Dinamarca e Noruega torna-se protestante.
1537	Ocorre a Rebelião de Bigod, na Inglaterra, apoiada pela Igreja Católica, contra o protestantismo.
1539	Os “Seis Artigos” são aprovados pelo parlamento inglês, aproximando aspectos do anglicanismo com o catolicismo, como o celibato e a transubstanciação.
1539	Protestantismo introduzido na Islândia.
1540	Thomas Cromwell, um dos principais aliados de Henrique VIII na questão do surgimento do anglicanismo, acaba sendo condenado por ele por traição.
1541	Islândia tornar-se oficialmente luterana.
1541	Henrique VIII é aceito oficialmente como rei da Irlanda.
1545	Inicia-se oficialmente o Concílio de Trento.
1546	A universidade de Oxford é reformada pelo rei Henrique VIII.
1546	Um pré-lançamento do livro <i>The Wicket foi feito, entretanto, por ser considerado com muitos erros, a edição foi postergada para 1548.</i>
1547	Eduardo VI coroado rei da Inglaterra.
1548	Primeira e única publicação do livro <i>The Wicket</i> na língua inglesa, publicado pela Universidade de Oxford.
1553-8	A Inglaterra volta a ser católica por um curto período de tempo no reinado de Maria I.
1563	Encerra-se oficialmente o Concílio de Trento.
1605	Ocorre a <i>GunPowder Plot</i> , uma tentativa de assassinar o rei Jaime I, da Inglaterra.
1605	Na Inglaterra é criado o Popish Recusants Act, um conjunto de restrições aos católicos, incluindo uma lei que dizia que a obediência papal acima do rei era considerada alta traição

1608	Formação da União Protestante no Sacro Império, para defender os interesses protestantes perante o poder Católico.
1610-1612	Duas edições alemãs do livro <i>The Wicket</i> , igualmente na universidade de Oxford.
1618	Inicia-se a Guerra dos 30 anos dentro do Sacro Império, em parte causada pela questão protestante, em especial na Boêmia.
1648	Encerra-se a Guerra dos 30 anos.
1880	Primeira edição moderna das obras inglesas de Wycliffe.

IX.1.B. Cronologia do século IV e início do V relacionado à institucionalização da Igreja Católica para melhor compreensão do levantamento criado por Wycliffe, presente no capítulo “dois caminhos”.

- 301 – Imperador Diocleciano – lei dos preços máximos.
- 302 – Novas leis de perseguição contra os cristãos.
- 303 – Galerius, auxiliar de Diocleciano, triplica a perseguição aos cristãos com diversos decretos (milhares de cristãos são mortos).
- 305 - Intensificam-se as invasões germânicas – Capital do Império é retirada de Roma para segurança, e passa para Milão.
- 305 – Diocleciano abandona o cargo de imperador.
- 306 - Severus é proclamado Augusto .
- 306 – Constantino declara-se imperador diante de suas tropas.
- 306 – Maxentius é proclamado imperador.
- 307 – Constantino casa com a irmã de Maxentius.
- 307 – Severus vence as tropas de Mexentius.
- 308 – É estabelecida a tetrarquia.
- 308 – Constantino enfrenta tropas germânicas, mas consegue vencer.
- 308 – Marcellus I é eleito bispo de Roma.
- 309 – Maxentius é vencido pelos seus próprios soldados, e a província da Hispânia jura fidelidade a Constantino, inspirados por sua vitória sobre os germânicos.
- 310 – Marcellus I, bispo de Roma é expulso da cidade e “desaparece”.
- 310 – Eusébio I é escolhido como Bispo de Roma.
- 310 – Constantino é cercado pelos Francos, mas vence.
- 310 – Eusébio I é expulso de Roma.
- 310 – Miltiades é escolhido como Bispo de Roma, (oficialmente papa pela igreja católica).
- 311 - Édito de Licínio garantia menor penalidade aos cristãos.
- 312 – Constantino vence Maxentius e vira Imperador de Roma.
- 312 – Constantino começa campanha de apoio ao cristianismo centrada em Roma.

312 – Vários bispos se reúnem em Cartago, província de onde veio Santo Agostinho - até o ano 424 farão reuniões constantes nesta cidade, nos chamados Sínodos – Estes bispos apoiam Donatus Magnus, que começava campanha contra as mudanças que começavam ocorrer na igreja de Roma e o apoio ao Imperador, dizendo que a vida cristã ocorria na perseguição e não aliada ao poder.

312 – Constantino tem o famoso sonho da cruz.

313 - Édito de Milão garantia liberdade de culto aos cristãos.

313 – A Domus Latreani (Casa dos Latreanos) é dada à Igreja de Roma, surgindo assim a Basílica de São João de Latrão, primeira sede física da igreja católica. (lembrando que se trata de uma imensa mansão, apropriada pelo Estado Romano).

313 – Esta propriedade é inaugurada com um sínodo de Latrão, que resolve condenar os ensinamentos de Donatus Magnus e seus seguidores, declaram que não eram cristãos verdadeiros (foi o primeiro protesto oficial contra a igreja possuir posses e se associar ao Estado Romano).

314- Morte do bispo Miltíades (papa).

314 – Silvestre I é eleito Bispo de Roma (papa).

314- Morte de Maxentius.

315 – A Cruz deixa de ser método de pena de morte.

315 – Constantino enfrenta 4 grandes invasões germânicas.

315 – Eusébio é eleito bispo de cesaréia.

316 – Meleto de Licópolis, bispo de Alexandria, se opõe as transformações que estavam ocorrendo na igreja.

316 – Constantino proíbe a crucificação não mortal.

316 – Constantino se reúne com Donatus Magnus, mas não consegue seu apoio.

319 – O Bispo Ário começa uma peregrinação para várias cidades do Império tentando difundir suas ideias em oposição às recentes transformações no cristianismo.

320 - O dia 25 de dezembro, solstício de inverno, é associado oficialmente ao nascimento de Jesus (lembrando que já era uma importante festa romana).

320 – Licinius tenta revogar o Édito de Milão (que permitia a existência dos cristãos).

321 - O Domingo, dia do sol, é marcado como féria universal em Roma (exceto na época da colheita para os agricultores) (lembrando que é uma lei romana e não cristã, ainda havia discordância entre os cristãos seguirem o sábado ou domingo).

321 - A Igreja Católica recebe permissão para receber propriedades, sendo a primeira instituição religiosa não romana, a poder possuir propriedades fora de sua província de origem.

321 - O shabbat (sábado) deixa de ser considerado uma prática permitida por cunho religioso (liberdade religiosa já retirada na segunda metade do séc I, com a revolta de Massada e Quram, mas posteriormente esquecida após a destruição do II Templo e do movimento dos zelotes - judaísmo).

324 - Constantino enfrenta grave oposição dos demais tetrarcas, enfrentando batalhas, mortes de grande parte de seus soldados, mas consegue extinguir a tetrarquia, tornando-se único imperador de Roma.

325 - Concílio de Nicéia - 318 bispos compareceram segundo Eusébio de Cesaréia.

326 - Eusébio de Cesaréia publica parte de sua História da Igreja, incluindo a sucessão dos pontificados (pela primeira vez o nome Bispo de Roma passa a ser ligado à ideia de Papa).

326 – Constantino transforma a antiga cidade de Bizancio em Constantinopla.

326 – Fausta e Crispus, filho e esposa de Constantino são executados.

330 - A capital do império ROMANO deixa de ser ROMA e vira Constantinopla.

331 – Muitos templos romanos são desapropriados e passam a ser igrejas católicas.

334 – Recomeçam os jogos de gladiadores.

335- Sínodo de Tiro – convocado pelo imperador Constantino, para lutar contra Atanásio, bispo de Alexandria, que negava as mudanças que estavam ocorrendo no cristianismo de sua época.

335 – Eusébio de Beirute apoia Atanásio.

336 - Morre Papa Silvestre.

336- É eleito papa Marcos.

336 - Morre papa Marcos.

337 - Constantino se converte.

337- Morre Constantino.

- 337 – Atanásio volta a ser bispo de Alexandria.
- 337 – Bispo Alexandre de Constantinopla morre.
- 337 – Dalmácio, filho de Constantino é assassinado.
- 337 – Eusébio de Beirute vai para Constantinopla e vira Bispo desta cidade.
- 339 – Atanásio morre.
- 339 – Eusébio de Cesaréia morre.
- 340 – Constantino II e Constante, filhos de Constantino, dividem o Império romano em 2, mas Constantino II acaba sendo morto após isso.
- 341 – Constante declara que os politeístas e magos deveriam ser perseguidos e mortos.
- 341 – Eusébio de Beirute e de Constantinopla morre.
- 341 - Papa Júlio promove um concílio contra o Arianismo, onde 50 bispos compareceram, e ele promulga o poder de poder tirar do cargo de bispo qualquer um que desejasse.
- 343 – Papa Júlio tenta apoio de Atanásio, mas este se nega.
- 347 – Duplo concílio – Sárdica (Católicos) Filopópolis (Não Católicos) – consideram papa Júlio fundador de uma outra religião que não seria considerada cristã.
- 350 – Constante é assassinado, Roma tem 4 imperadores diferentes, aclamados e assassinados neste ano.
- 352 – Morre papa Júlio.
- 352 – Assume papa Libério.
- 354 – Bispo Lúçifer da Sardenha se apõe a Atanásio, começando forte companhia contra este (pela qual ele é considerado santo atualmente pela igreja católica).
- 355 – papa Libério é forçado a assinar condenação do bispo Atanásio.
- 355 – papa Libério é expulso de Roma (mas foge para o oriente antes de ser assassinado).
- 355 – Um novo papa é eleito apesar de Libério estar vivo ainda, o papa Felix II
- 356 – o papa Felix II (que posteriormente é declarado antipapa) assina o decreto de prisão de morte de Atanásio.
- 356 – Constantino II proíbe a existência de qualquer templo não católico no Império.

359-360 – Constantino II convoca um concílio duplo – Constantinopla e Rimini para tentar convencer os que não aceitavam a igreja católica apostólica romana voltarem para ela. – Libério volta a ser papa.

361 – Constantino II é morto .

361 – Imperador Júlio, o apóstata chega ao poder.

361 – Imperador Júlio proíbe o cristianismo, seja sob a forma que fosse.

361 – Imperador Júlio tenta reestabelecer a religião romana.

363 – Imperador Júlio é morto.

364 – Concílio de Laodicéia – Canon Bíblico estabelecido, poder episcopal seria respeitado.

366 – Morre o papa Libério.

366 – É eleito o papa Damaso I.

366 – O bispo de Roma Ursicino não aceita não ser o papa e se problema papa, com apoio de alguns bispos (será posteriormente declarado anti-papa)

380 – A vulgata e São Gerônimo é publicada.

381-384 – Concílio de Constantinopla – Imperador Teodósio convoca o concílio, vários bispos orientais são mortos, a questão relacionada ao Arianismo é considerada resolvida, - Morre o papa Damaso I, papa Sricius é eleito, ele recebe o título de Sumo Pontífice (Pontifex Maximus) – dando-lhe o direito de decretos com valor de lei – o chamado DECRETO DIRETO – Também é somente neste concílio que os padres passam a não poder mais casar.

390 – Queima em massa de livros « heréticos » como evangelhos, epístolas, etc, inclusive com a invasão da biblioteca de Alexandria

391 - Catolicismo Religião Oficial de Roma

IX.2. Lista de Pontificados dos séculos XI a XV

O motivo deste presente anexo é demonstrar, de forma mais simples, uma comparação entre a linhagem oficial de sucessão papal, que aos olhos dos leigos nos documentos do Vaticano parece ser uma perfeita linhagem ininterrupta desde Pedro até o papa Bento XVI. Mesmo na lista oficial aparecem algumas lacunas como o reinado pontifício de Bento IX ter se dado em três períodos diversos, mesclado com a presença de outros pontífices, ou alguns anos de interregno.

Por isso a lista oficial do Vaticano está colocada em conjunto com a listagem das três linhagens papais diferentes e opostas entre si do Grande Cisma do Ocidente e também um levantamento de outros reinados pontificiais ocorridos nos mesmos séculos, independente do Grande Cisma. Chegando ao número de 25 antipapas no período selecionado de cinco séculos.

A reprodução gráfica em forma de linhas do tempo paralelas no caso do Grande Cisma tem como objetivo facilitar a compreensão das linhagens pontificiais durante o final do século XIV e início do século XV, exatamente o momento das principais obras de Wycliffe e de sua divulgação pela Europa, chegando até Jan Hus. Acreditando que uma explicação gráfica facilitaria a compreensão de três linhagens papais distintas em um mesmo período.

As três listas anexadas contêm, além do nome dos pontífices, outros dados considerados relevantes, como tempo de pontificado e nome de nascimento (quando disponível) especialmente por haver vários pontífices de mesmo nome e número, uma vez que se tratam de linhas sucessórias diferenciadas⁴⁸⁹, assim sendo, o nome de nascimento facilita a compreensão de quem é, de fato, a pessoa em questão.

⁴⁸⁹ Não especificamente no caso do Grande Cisma, mas ocorre no caso de outros antipapas e da sucessão não oficial de Avignon após o Concílio de Constança

IX.2.A. Linhagens Pontifícias durante o Grande Cisma do Ocidente

	Avignon	Roma	Pisa
1378	Clemente VII	Urbano VI	
1380			
1382			
1384			
1386			
1388			
1390			
1392	Bento XIII	Bonifácio IX	
1394			
1396			
1398			
1400			
1402			
1404		Inocência 7	
1406		Gregório XIII	
1408			Alexandre V
1410			João XXIII
1412			
1414			
1416			
1418			

Concílio de Pisa

IX.2.B. Lista oficial de papas, segundo o Vaticano, dos séculos XI a XV

Número da linha sucessória	Nome em Português	Nome Latino	Nome de nascimento	Local de Origem	Início do Pontificado	Final do Pontificado	Duração
140	João XVII	<i>Ioannes</i> Septimus Decimus	Giovanni Sicco	Roma	16 de Maio de 1003	6 de Novembro de 1003	4 meses e 21 dias.
141	João XVIII	<i>Ioannes</i> Duodevicesimus	Giovanni Fasano	Roma	25 de Dezembro de 1004	31 de Julho de 1009	5 anos, 7 meses e 6 dias
142	Sérgio IV	<i>Sergius</i> Quartus	Pietro Boccapecora	Roma	31 de Julho de 1009	12 de Maio de 1012	2 anos, 10 meses e 16 dias
143	Bento VIII	<i>Benedictus</i> Octavus	Theophylactus II de Túsculo	Túsculo (Itália)	18 de Maio de 1012	9 de Abril de 1024	11 anos, 10 meses e 22 dias
144	João XIX	<i>Ioannes</i> Undevicesimus	Romanus de Túsculo	Túsculo	9 de Abril de 1024	6 de Julho de 1032	8 anos, 2 meses e 27 dias
145	Bento IX (primeira vez)	<i>Benedictus</i> Nonus	Theophylactus III de Túsculo	Túsculo	1 de Agosto de 1032	16 de Janeiro de 1045	12 anos, 5 meses e 15 dias
146	Silvestre III	<i>Silvester</i> Tertius	Giovanni de Sabini	Roma	20 de Janeiro de 1045	10 de Fevereiro de 1045	20 dias
147	Bento IX (segunda vez)	<i>Benedictus</i> Nonus	Theophylactus III de Túsculo	Túsculo	10 de Abril de 1045	1 de Maio de 1045	21 dias

148	Gregório VI	<i>Gregorius</i> Sextus	Giovanni Gratian	Roma	1 de Maio de 1045	20 de Dezembro de 1046	1 ano, 7 meses e 19 dias
149	Clemente II	<i>Clemens</i> Secundus	Suidgero de Morsleben	Saxônia	24 de Dezembro de 1046	9 de Outubro de 1047	10 meses e 15 dias
150	Bento IX (terceira vez)	<i>Benedictus</i> Nonus	Theophylactus III de Túsculo	Túsculo	9 de Outubro de 1047	17 de Julho de 1048	10 meses e 8 dias
151	Dâmaso II	<i>Damasus</i> Secundus	Poppo, conde de Brixen	Baviera (Alemanha)	17 de Julho de 1048	9 de Agosto de 1048	22 dias
152	São Leão IX	<i>Leo</i> Nonus	Bruno, conde de Egisheim-Dagsburg	Alsácia (França)	12 de Fevereiro de 1049	19 de Abril de 1054	5 anos, 2 meses e 7 dias
153	Vitor II	<i>Victor</i> Secundus	Gebhard de Hirschberg	Dolinstein-Hirschberg (Baviera)	13 de Abril de 1055	28 de Julho de 1057	2 anos, 3 meses e 7 dias
154	Estêvão X, O.S.B.	<i>Stephanus</i> Decimus	Frederico de Lorena, Abade de Monte Cassino	Lorena (França)	2 de Agosto de 1057	29 de Março de 1058	7 meses e 27 dias
155	Nicolau II	<i>Nicolaus</i> Secundus	Geraldo de Borgonha, bispo de Florença	Borgonha	6 de Dezembro de 1059	27 de Julho de 1061	2 anos, 7 meses e 21 dias
156	Alexandre II	<i>Alexander</i> Secundus	Anselmo de Baggio	Milão	1 de Outubro de 1061	21 de Abril de 1073	11 anos, 6 meses e 20 dias
157	São Gregório VII, O.S.B.	<i>Gregorius</i> Septimus	Hildebrand	Túscia	22 de Abril de 1073	25 de Maio de 1085	13 anos, 1 mês e 3 dias

158	Beato Vitor III, <i>O.S.B.</i>	<i>Victor Tertius</i>	Desidério, Abade de Monte Cassino	Benevento (Itália)	24 de Maio de 1086	16 de Setembro de 1087	1 ano, 4 meses 23 dias
159	Beato Urbano II, <i>O.Cart.</i>	<i>Urbanus Secundus</i>	Odo ou Eudes, cardeal e bispo de Óstia	Lagery (França)	25 de Junho de 1088	8 de Setembro de 1099	11 anos, 2 meses e 14 dias
160	Pascoal II, <i>O.S.B. Cam.</i>	<i>Paschalius Secundus</i>	Rainério, monge de Cluny	Forlì (Itália)	13 de Agosto de 1099	21 de Janeiro de 1118	18 anos, 5 meses e 8 dias
161	Gelásio II, <i>O.S.B.</i>	<i>Gelasius Secundus</i>	Giovanni de Gaeta	Gaeta (Itália)	10 de Março de 1118	29 de Janeiro de 1119	10 meses e 19 dias
162	Calisto II	<i>Callistus Secundus</i>	Guido de Borgonha	França	2 de Fevereiro de 1119	13 de Dezembro de 1124	5 anos, 10 meses e 11 dias
163	Honório II	<i>Honorius Secundus</i>	Lamberto Scannabecchi	Fagnano (Itália)	14 de Dezembro de 1124	13 de Fevereiro de 1130	5 anos, 2 meses e 30 dias
164	Inocêncio II	<i>Innocentius Secundus</i>	Gregorio de Papareschi	Roma	14 de Fevereiro de 1130	24 de Setembro de 1143	13 anos, 7 meses e 10 dias
165	Celestino II	<i>Coelestinus Secundus</i>	Guido di Castello	Castello (Itália)	26 de Setembro de 1143	8 de Março de 1144	5 meses e 10 dias
166	Lúcio II	<i>Lucius Secundus</i>	Gherardo de Caccianemici	Bolonha (Italia)	12 de Março de 1144	15 de Fevereiro de 1145	11 meses e 3 dias
167	Beato Eugênio III, <i>O.Cist.</i>	<i>Eugenius Tertius</i>	Bernardo Pignatelli	Pisa (Itália)	15 de Fevereiro de 1145	8 de Julho de 1153	8 anos, 4 meses e 24 dias

168	Anastácio IV	<i>Anastasius</i> Quartus	Conrado	Roma	12 de Julho de 1153	3 de Dezembro de 1154	1 ano, 5 meses e 22 dias
169	Adriano IV, O.S.A.	<i>Hadrianus</i> Quartus	Nicholas Breakspear	Inglaterra	4 de Dezembro de 1154	1 de Setembro de 1159	4 anos, 8 meses e 28 dias
170	Alexandre III	<i>Alexander</i> Tertius	Rolando Bandinelli	Siena (Itália)	7 de Setembro de 1159	30 de Agosto de 1181	21 anos, 11 meses e 21 dias
171	Lúcio III, O.Cist.	<i>Lucius</i> Teritus	Ubaldo Allucingoli	Lucca (Itália)	1 de Setembro de 1181	25 de Novembro de 1185	4 anos, 2 meses e 24 dias
172	Urbano III	<i>Urbanus</i> Tertius	Uberto Crivelli	Milão	25 de Novembro de 1185	20 de Outubro de 1187	1 ano, 10 meses e 25 dias
173	Gregório VIII, O.S.B.	<i>Gregorius</i> Octavus	Alberto di Morra	Benevento	21 de Outubro de 1187	17 de Dezembro de 1187	1 mês e 26 dias
174	Clemente III	<i>Clemens</i> Tertius	Paolo Scolari	Roma	19 de Dezembro de 1187	30 de Março de 1191	3 anos, 3 meses e 11 dias
175	Celestino III	<i>Coelestinus</i> Tertius	Jacinto Borboni-Orsini	Roma	30 de Março de 1191	8 de Janeiro de 1198	6 anos, 9 meses e 9 dias
176	Inocência III	<i>Innocentius</i> Teritus	Lotário, conde de Segni	Anagni (Itália)	8 de Janeiro de 1198	16 de Julho de 1216	18 anos, 7 meses e 8 dias
177	Honório III	<i>Honorius</i> Tertius	Cencio Savelli	Roma	18 de Julho de 1216	18 de Março de 1227	10 anos e 8 meses
178	Gregório IX	<i>Gregorius</i> Nonus	Ugo, Conde de Segni	Anagni	19 de Março de 1227	22 de Agosto de 1241	14 anos, 5 meses e 3 dias

179	Celestino IV, <i>O.Cist.</i>	<i>Coelestinus</i> Quartus	Gauffredo Castiglioni	Milão	24 de Outubro de 1241	10 de Novembro de 1241	17 dias
180	Inocêncio IV	<i>Innocentius</i> Quartus	Sinibaldo Fieschi	Gênova (Itália)	25 de Junho de 1243	7 de Dezembro de 1254	11 anos, 5 meses e 12 dias
181	Alexandre IV	<i>AlexandEr</i> Quartus	Rinaldo Conti	Anagni	12 de Dezembro de 1254	25 de Março de 1261	6 anos, 4 meses e 13 dias
182	Urbano IV	<i>Urbanus</i> Quartus	Jacques Pantaleon de Troyes	Troyes (França)	29 de Agosto de 1261	2 de Agosto de 1264	2 anos, 11 meses e 17 dias
183	Clemente IV	<i>Clemens</i> Quartus	Guido Fulcodi	França	5 de Fevereiro de 1265	29 de Novembro de 1268	3 anos, 9 meses e 24 dias
184	Beato Gregório X, <i>O.Cist.</i>	<i>Gregorius</i> Decimus	Tedaldo Visconti	Placência (Itália)	1 de Setembro de 1271	10 de Janeiro de 1276	4 anos, 4 meses e 19 dias
185	Beato Inocêncio V, <i>O.P.</i>	<i>Innocentius</i> Quintus	Pierre de Tarentaise	Sabóia (França)	21 de Janeiro de 1276	22 de Junho de 1276	6 meses e 1 dia
186	Adriano V	<i>Hadrianus</i> Quintus	Ottobano Fieschi	Gênova	11 de Julho de 1276	18 de Agosto de 1276	1 mês e 7 dias
187	João XXI	<i>Ioannes</i> Vicesimus Primus	Pedro Julião	Lisboa (Portugal)	20 de Setembro de 1276	16 de Maio de 1277	7 meses e 26 dias
188	Nicolau III, <i>O.S.B.</i>	<i>Nicolaus</i> Tertius	Giovanni Gaetano Orsini	Roma	25 de Novembro de 1277	22 de Agosto de 1280	2 anos, 9 meses e 28 dias
189	Martinho IV	<i>Martinus</i> Quartus	Simon de Brie	França	22 de Fevereiro de 1281	28 de Março de 1285	4 anos, 1 mês e 6 dias

190	Honório IV	<i>Honorius</i> Quartus	Giacomo Savelli	Roma	2 de Abril de 1285	3 de Abril de 1287	2 anos e 1 dia
191	Nicolau IV, <i>O.F.M.</i>	<i>Nicolaus</i> Quartus	Girolamo Masci	Ascoli (Itália)	22 de Fevereiro de 1288	4 de Abril de 1292	4 anos, 3 meses e 13 dias
192	São Celestino V, <i>O.S.B.</i> <i>Cel.</i>	<i>Coelestinus</i> Quintus	Pietro del Morrone	Molise (Itália)	5 de Julho de 1294	13 de Dezembro de 1294	3 meses e 25 dias
193	Bonifácio VIII	<i>Bonifacius</i> Octavus	Benedetto Caetani	Anagni	24 de Dezembro de 1294	11 de Outubro de 1303	8 anos, 10 meses e 17 dias
194	Beato Bento XI, <i>O.P.</i>	<i>Benedictus</i> Undecimus	Nicola Boccasini	Treviso, (Itália)	22 de Outubro de 1303	7 de Julho de 1304	8 meses e 16 dias
195	Clemente V	<i>Clemens</i> Quintus	Bertrand de Got	Bordeaux, (França)	5 de Junho de 1305	20 de Abril de 1314	8 anos, 10 meses e 15 dias
196	João XXII	<i>Ioannes</i> Vicesimus Secundus	Jacques d'Euse	Cahors, (França)	7 de Setembro de 1316	4 de Dezembro de 1334	18 anos, 2 meses e 25 dias
197	Bento XII, <i>O.Cist.</i>	<i>Benedictus</i> Duodecimus	Jacques Fournier	Saverdun, (França)	20 de Dezembro de 1334	25 de Abril de 1342	7 anos, 4 meses e 3 dias
198	Clemente VI, <i>O.S.B.</i>	<i>Clemens</i> Sextus	Pierre Roger	Rosiers- d'Égletons, (França)	7 de Maio de 1342	6 de Dezembro de 1352	10 anos, 6 meses e 29 dias
199	Inocência VI	<i>Innocentius</i> Sextus	Étienne Aubert	Beyssac, (França)	18 de Dezembro de 1352	12 de Dezembro de 1362	9 anos, 11 meses e 24 dias
200	Beato Urbano V, <i>O.S.B.</i>	<i>Urbanus</i> Quintus	Guillaume de Grimoard	Le Pont-de- Montvert, (França)	28 de Dezembro de 1362	19 de Setembro de 1370	7 anos, 8 meses e 22 dias

201	Gregório XI	<i>Gregorius</i> Undecimus	Pierre Roger de Beaufort	Rosiers-d'Égletons	30 de Dezembro de 1370	27 de Março de 1378	7 anos, 3 meses e 27 dias
202	Urbano VI	<i>Urbanus Sextus</i>	Bartolomeo Prignano	Nápoles	8 de Abril de 1378	15 de Outubro de 1389	11 anos, 6 meses e 7 dias
203	Bonifácio IX	<i>Bonifacius</i> Nonus	Pietro Tomacelli	Nápoles	2 de Novembro de 1389	1 de Outubro de 1404	14 anos, 10 meses e 30 dias
204	Inocência VII	<i>Innocentius</i> Septimus	Cosimo Gentile de' Migliorati	Sulmona (Itália)	17 de Outubro de 1404	6 de Novembro de 1406	2 anos e 20 dias
205	Gregório XII	<i>Gregorius</i> Duodecimus	Angelo Correr	Veneza (Italia)	30 de Novembro de 1406	4 de Julho de 1415	8 anos, 8 meses e 4 dias
206	Martinho V	<i>Martinus</i> Quintus	Oddo Colonna	Roma	11 de Novembro de 1417	20 de Fevereiro de 1431	13 anos, 4 meses e 9 dias
207	Eugênio IV, O.S.B. Cel.	<i>Eugenius</i> Quartus	Gabriele Condulearo	Veneza	3 de Março de 1431	23 de Fevereiro de 1447	15 anos, 11 meses e 20 dias
208	Nicolau V, O.P.	<i>Nicolaus</i> Quintus	Tommaso Parentucelli	Sardenha	6 de Março de 1447	24 de Março de 1455	8 anos e 19 dias
209	Calisto III	<i>Callistus Tertius</i>	Alfonso de Borja	Valência (Espanha)	20 de Abril de 1455	6 de Agosto de 1458	3 anos, 3 meses e 28 dias
210	Pio II	<i>Pius Secundus</i>	Enea Silvo Piccolomini	Siena	19 de Agosto de 1458	15 de Agosto de 1464	7 anos, 11 meses e 26 dias
211	Paulo II	<i>Paulus</i> Secundus	Pietro Barbo	Veneza	30 de Agosto de 1464	26 de Julho de 1471	6 anos, 10 meses e 26 dias

212	Sisto IV, <i>O.F.M.</i>	<i>Xystus</i> Quartus	Francesco della Rovere	Savona (Itália)	9 de Agosto de 1471	12 de Agosto de 1484	13 anos e 3 dias
213	Inocência VIII	<i>Innocentius</i> Octavus	Giovanni Battista Cibo	Gênova	29 de Agosto de 1484	25 de Julho de 1492	7 anos, 11 meses e 26 dias
214	Alexandre VI	<i>Alexander</i> Sextus	Rodrigo de Borgia	Valência	11 de Agosto de 1492	18 de Agosto de 1503	11 anos e 8 dias

IX.2.C. Lista dos considerados Antipapa nos séculos XI a XV

Antipapa	Nome de Nascimento	Data do “antipapado”	Observações	Papas durante o reinado do antipapa
Gregório VI		1012		Papa Bento VIII
Bento X	<i>João Mincius</i>	1058–1059	suportado pelos Condes de Tusculum	Papa Nicolau II
Honório II	<i>Pietro Cadalus</i>	1061–1064	suportado por Agnes, regente do Sacro Império Romano-Germânico	Papa Alexandre II
Clemente III	<i>Guibert de Ravenna</i>	1080, 1084–1100	suportado por Henrique IV, Sacro Imperador Romano-Germânico	Papa Gregório VII
				Papa Vítor III
				Papa Urbano II
				Papa Pascoal II
Teodoro		1100–1101	sucessor de Clemente III	Papa Pascoal II
Adalberto ou Alberto		1101	sucessor do Teodoro	
Silvestre IV	<i>Maginulf</i>	1105–1111	suportado por Henrique V, Sacro Imperador Romano-Germânico	
Gregório VIII	<i>Maurice</i>	1118–1121		Papa Gelásio

	<i>Burdanus</i>			II
				Papa Calixto II
Celestino II	<i>Thebaldus Buccapecus</i>	1124		Papa Honório II
Anacleto II	<i>Pietro Pierleoni</i>	1130–1138		
Vítor IV	<i>Gregorio Conti</i>	1138	sucessor de Anacleto II	Papa Inocêncio II
Vítor IV	<i>Ottavio di Montecelio</i>	1159–1164		
Paschal III	<i>Guido di Crema</i>	1164–1168		
Calixto III	<i>Giovanni de Struma</i>	1168–1178	suportado por Frederico I, Sacro Imperador Romano-Germânico	
Inocêncio III	<i>Lanzo de Sezza</i>	1179–1180		Papa Alexandre III
Nicolau V	<i>Pietro Rainalducci</i>	1328–1330	suportado por Luís IV, Sacro Imperador Romano-Germânico	Papa João XXII
Clemente VII	<i>Robert de Genebra</i>	1378–1394	Papa de Avignon durante o Grande Cisma do Ocidente	Papa Urbano VI
				Papa Bonifácio IX
				Papa Inocêncio VII
				Papa Gregório XII
Bento XIII	<i>Pedro de Luna</i>	1394–1423	Papa de Avignon durante o Grande Cisma do Ocidente	Papa Martinho V

Alexandre V	<i>Pietro Philarghi</i>	1409–1410	Papa de Pisa durante o Grande Cisma do Ocidente, após o concílio de Pisa	Papa Gregório XII
João XXIII	<i>Baldassare Cossa</i>	1410–1415	Papa de Pisa durante o Grande Cisma do Ocidente, após o concílio de Pisa	
Clemente VIII	<i>Gil Sánchez Muñoz</i>	1423–1429	Papa de Avignon, que se nega a seguir o Concílio de Constança	Papa Martinho V
Bento XIV	<i>Bernard Garnier</i>	1424–1429	Outro ramo do papado de Avignon, que se nega a seguir o Concílio de Constança	
Bento XIV	<i>Jean Carrier</i>	1430–1437	Suscessor de Clemente VIII pelo papado de Avignon	
Felix V	<i>Amadeu VIII, Duque de Saboia</i>	5 de Novembro de 1439 –	eleito pelo Concílio de Basiléia	Papa Eugênio IV
		7 de Abril de 1449		Papa Nicolau V

X. Anexo. Mapa⁴⁹⁰ demonstrando a presença de Lolardos nos séculos XIV e XV

⁴⁹⁰ <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/e/e6/Lollardmap.jpg>

XI. Referências

XI.1. Fontes Primárias

(Diversos Autores), *Francis of Assisi, Early documents*, 4vol., Nova York, NewCity Press, 2001

AQUINO, St Tomas, *Summa Teologiae*, New Advent Org,

BONIFÁCIO VIII, Papa, *Bula Unam Sancta*, Ed Cleofas

HUSS, Jan, *The Letters of John Hus, London*: Hodder and Stoughton, 1904

HUSS, Jan, *Letters of John Hus Written during his imprisonment with Martin Luther Preface*, Edinburg, William & White Co., 1846

OCKHAM, Guilherme de, *Brevilóquio sobre o principado tirânico*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1988

ROMANO, Egídio, *Sobre o Poder Eclesiástico*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1989

WYCLIFFE, John, *The Wicket*, Oxford University Press, Londres, 1578

WYCLIFFE, John, *The Wicket*, Oxford University Press, Londres, 1580 (versão revisada e ampliada)

WYCLIF, John. *English Works of Wyclif Unprinted*. Londres: Elibron Classics, 2005.

WYCLIF, John. *The Wicket*, Oxford University Press, 1548 – (Através da Bodleian Library)

WYCLIFFE, John . *De simonia*. Trübner for the Wyclif Society, 1898.

WYCLIFFE, John . *Wyclif: select English writings*. Califórnia: AMS Press, 1976.

WYCLIFFE, John. *An apology for Lollard doctrines*. Oxford: Camden Society, Oxfor, 1842.

WYCLIFFE, John. *Iohannis Wyclif Opus evangelicum*, v. 3-4. Ed: Wyclif Society by Trübner & co., 1896.

WYCLIFFE, John. *Iohannis Wyclif Tractatus de simonia*, Indiana: Johnson Reprint, 1966.

XI.2. Bibliografia de Referência

ASTON, Margaret. *Lollards and reformers: images and literacy in late medieval religion*. v. 22, Continuum International Publishing Group, 1984.

AVANCINUM, Nicolaum. *Vita et doctrina Domini Nostri Jesu Christi / Vida e doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1978.

BAKER, Derek. *Schism, heresy and religious protest: papers read at the tenth summer meeting and the eleventh winter meeting of the Ecclesiastical History Society*. CUP Archive, 1972.

BARBER, Malcolm. *The cathars: dualist heretics in Languedoc in the high middle ages*. Michigan: Longman, 2000.

BARR, Helen, HUTCHISON, Ann M. *Text and controversy from Wyclif to Bale: essays in honour of Anne Hudson*. Michigan: Brepols, 2005.

Beguines and Beghards. In: *Dictionary of the Middle Ages*. v. 2 [c.1983] p. 157-162.

Beguines and Beghards. In: *New Catholic encyclopedia*. São Francisco: Catholic University of America, 1967. v. 2, p. 224-226.

BETTENCOURT, Dorn Estevão. *Para entender os Evangelhos*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BLUMENTHAL, Uta-Renate, *The investiture controversy – Church and Monachy from ninth to the twelfth Century*, University of Pennnsylvania Press, 1995,

BOWIE, Fiona. *Beguine Spirituality – Mystical writings of Mechthild of Magdeburg, Beatrice of Nazareth and Hadewijch of Brabant*. Nova York: Crossroad, 1989.

CALLEY, S. *L'idéalism franciscain spirituel au XIVe siècle. Étude sur Ubertain de Casale*, Louvain, 1911

CAMMACK, Melvin Macye. *John Wyclif and the English Bible*. Nova York: American Trust Society, 1938.

CARRICK, J.C. *Wyclife and the Lollards*. Nova York: Scribner, 1908.

CHAUNU, Pierre, *Les Temps dès Reformes: La Crise de La Chrétienté (1250-1550)*, Bruxelas, Complexe, 1984

COOPER, William R, (org.). *The Wyclife New Testament, 1388: An edition in modern spelling, with an introduction, the original prologues and the Epistle to the Laodiceans*. Londres: The British Library, 2002.

COULTON, G. G., *Then Medieval Studies*, Beacon Press, Boston, 1959

CREIGHTON, Mandell. *A history of the papacy during the period of the reformation: The great schism. The Council of Constance. 1378-1418*, Nabu Press-PaperBack, s/d

D'ANVERS, Hadewijch. *Écrits mystiques dès béquines*. Paris: Éditions du Seuil, 1954

DAVIS, Minnie K. *The Lollard: a story of the Wiclifites*. Ed: Lutheran Publication Society, 1887

DEANESLY, Margaret. *The Lollard Bible and other Medieval Biblical Versions*. Nova York: AMS Press, 1978.

DE-BONI, Luis Alberto, "O debate sobre a pobreza como problema político nos séculos XIII e XIV" in *Patrística ET Medievalia*, XIX, 1998

DE-BONI, Luis Alberto, *De Abelardo a Lutero: Estudos sobre a prática na Idade Média*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003

DENZIGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Kompendium der Glaubensbekenntnisse und kirchlichen Lehrentscheidungen*. 39 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

DICKENS, A. G. *Lollards and Protestants in the Diocese of York*. Londres: Hambledon & London, 2003 .

DZIEWICKI, Michael Henry. *Tractatus de Logica*, Ed. BiblioBazaar. LLC, 2009
EDIPUCRS, 1997.

ELIADE, Mircea. *Ferreiros e alquimistas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. São Paulo: Mercúrio, 1991.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

EMMERSON, Richard Kenneth, *Antichristi in the Middle Ages – A Study of Medieval Apocalypticism, art and Literature*, 1981, Manchester University Press, Manchester

Enciclopédia Judaica, Jerusalém, Keter Publishing House, 1971-2.

EVANS, John. *The statutes of the fourth general council of Lateran*: recognized and established by subesquent councils and synods, down to the council of Trent. Columbia: L. and G. Seeley, 1843.

FABEL, Nachman, “Um estudo sobre um argumento herético na Crítica de Levi Bem Abraham bem Haiim (C.1245 – 1315) ao Cristianismo” in – *Estudos de História do povo judeu na Idade Média*, Edusp – Centro dos Estudos Judaicos, 1980, São Paulo.

FALBEL, Nachman, *As Heresias Medievais*, São Paulo: Perspectiva, 1977.

FALBEL, Nachman. *Kidush Hashem*: crônicas hebraicas sobre as cruzadas. São Paulo: EDUSP, 2001.

FALBEL, Nachman. *Os espirituais franciscanos*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FALBEL, Nachman. Sobre o messianismo judaico medieval. In: *Leitura Judaica e releitura cristã da bíblia*, nº 40, Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GIVEN, James Buchanan. *Inquisition and medieval society*: power, discipline, and resistance in Languedoc. : Cornell University Press, 2001.

GRANFIELD Patrick, *The Papacy in transition*, Doubleday, 1980

GUI, Bernardo. *Inquisitor's Manual*. Nova York: Fordham University, 2004.

GUIRAUD, Jean. *Medieval inquisition*. Kessinger Publishing, 2003.

HARGREAVES, Henry, Popularizing Biblical Scholarship: The Role of the Wyclifite Glossed Gospels. In: LOURDAUX, W. (Org.). *The Bible and Medieval Culture*. Leuven: Leuven University Press, 1979.

HARGREAVES, Henry. The Wyclifite Versions. In: LAMPE, G. W. H. (Org). *The Cambridge History of the Bible*. v. 2, Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

HEARNshaw, F.J.C. *The Social and Political Ideas of Some Great Mediaeval Thinkers*. Londres: Harrap, 1923.

HILTUNEN, Risto. *Discourse perspectives on English: medieval to modern*, 2003:

HORNBECK, J. Patrick. *What Is a Lollard?: Dissent and Belief in Late Medieval England*. Oxford: University Press, 2010.

HUDSON Anne & WILKS, Michael, *Wyclif: Political Ideas and Practice*, Oxbow books, 2000.

HUDSON Anne; WILKS, Michael. *From Ockham to Wyclif*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

HUDSON, Anne. *Wyclif: political ideas and practice*. Oxbow Books, 2000.

JEFFREY, David. Chaucer and Wyclif: Biblical Hermeneutic and Literary Theory in the XIVth Century. In: *Chaucer and the Scriptural Tradition*. Ottawa: University of Ottawa Press, 1984.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1980.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1977.

John Benjamins Publishing Company, 2003.

KLAUSNER, Joseph. *De Jesus a Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1980.

KNOWLES, David, *Saint and Scholars*, Cambridge University Press, 1962, Londres

KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento*: de acordo com as testemunhas principais Jesus Paulo e João. São Leopoldo: Sinodal, s/d.

LAHEY, Stephen E. *John Wyclif*. Oxford: University Press US, 2009.

LAMBERT, M. D., *Franciscan Poverty. The doctrine of the absolute poverty of Christ and the apostles in the Franciscan Order 1210-1323*, Londres, 1961

LAVERGNE, Ceslas et. al. *Jesus Cristo e as origens cristãs*. São Paulo: Paulinas, s/d.

LE GOF, Jacques, *Ordres medicants et urbanization dans la France medievale*, “*Annales Economies Sociétés Civilizations*”, 25(1970), 924-946

LECLER, J. *Toleration and the Reformation*. Londres: Longmans, 1960.

LEFF, G. *Heresy in the Later Middle Ages*, Nova York, 1967

LEVY, Ian Christopher. Texts for a Poor Church: John Wyclif and the Decretals. In: *Essays in Medieval Studies*, v. 20, 2003. p. 94-107.

LINDBERG, Carter, *The European Reformations*, John Wiley and Sons, 2009

LOCKE, Clinton, *The Age of the Great Western Schism*, PaperBack Nova York, 2010

MAGALHAES, Ana Paula Tavares, “A trajetória e a obra de Pedro de João Olivi (c.1248-1298): fundamentos para elaboração do pensamento franciscano” in *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*, Curitiba, vol 4, n.2, 2007

MAGALHÃES, Ana Paula Tavares, *A questão espiritual nos Beguinos da Provença*. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) USP. São Paulo.

MAGALHÃES, Ana Paula Tavares, *Contribuição à questão da pobreza presente na obra Arbor Vitae Crucifixae Iesu, de Ubertino de Casale*. 2003. Tese (Doutorado em História Social) USP, São Paulo.

MCDONNELL, Ernest, *The Beguines and Beghards in Medieval Culture: With Special Emphasis on the Belgian Scene*. New Brunswick: Octagon Books, 1954.

MCGRADY, Arthur Stephen. *The political thought of William Ockham*. Cambridge University Press, 2002.

MURRAY, Campion O.F.M., *Four questions about our lady by Peter John Olivi O.F.M.*, Box Hill, Victoria Australia, St Paschal's College, 2000

NEEL, Carol. The Origins of the Beguines. In: BENNETT, Judith M. (Org). *Sisters and Workers in the Middle Ages*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

NEWMAN, Barbara Florence. The life of Saint Douceline, a Beguine of Provence. In: *The Catholic Historical Review*. v. 88, jul. 2002. p.583-584.

O'DAY, Rosemary. *The Debate on the English Reformation*. Routledge, 1986.

OSBORNE, Kenan B. *The history of Franciscan Theology*. Nova York: Franciscan Institute, 1994.

OZMENT, Steven. *The Age of Reform 1250-1550 : An Intellectual and Religious History of Late Medieval and Reformation Europe*. New Haven: Yale University Press, 1981.

PETERS, Edward. *Inquisition*. California: University of California Press, 1989.

PIAT, Stéphane, Pe. *L' Évangile de la pauvreté: ce que Jésus pensait des riches et des pauvres*. Paris: Franciscaines, 1955.

REEVES, M. *The influence of Prophecy in the Later Middle Ages*, Oxford, 1969

REHFELD, Walter I. *Tempo e Religião*, São Paulo: Perspectiva, 1988

.

ROBSON, J. A. *Wyclif and the Oxford schools*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

RUBY, Jane Eleanor. *The de ecclesiastica potestate of Egidius Romanus*. Radcliffe College, 1950.

RYAN, James D. Missionary Saints of the High Middle Ages: Martyrdom, Popular Veneration and Canonization. In: *The Catholic Historical Review*, v. 90, Jan. 2004. p. 1-28.

SATTERLEE, Thom. *Burning Wyclif*. Texas: Tech University Press, 2006.

SCHIMITT, Jean Claude. *Mort d'une hérésie: l'Église et les clercs face aux béquines et aux béghards du Rhin supérieur du XIVe au XVe siècle*. Paris: Mouton, 1978.

SCHÜLER, Oswaldo. *John Wiclif e a dissolução do universalismo medieval*. Canoas: ULBRA, 2002.

SIMONS, Walter. The Beguine Movement in the Southern Low Countries: A Reassessment. In: *Bulletin de l'institut historique belge de Rome*. v. 59, Roma: 1989.

SOUTHERN, R. W. *Western society and the church in the Middle Ages*. The Penguin History of the Church. v.2. Londres: Penguin Books, 1990.

SOUZA, José Antônio C.R.; BARBOSA, João Morais. *O reino de Deus e o reino dos homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média: da reforma Gregoriana a João Quidort*. V. 58. Caxias do Sul:

STUMP, Philip H, *The reforms of the Council of Constance, 1414-1418*, Brill, 1994, 2vol

SUYDAM, Mary A., Cities of Ladies: Beguine Communities in Medieval Low Countries 1200-1565. In: *The Catholic Historical Review*. V. 88. out. 2002. p.764-765.

TERRA, J. E. M., *Anjos e Demônios na Bíblia*, São Paulo: Loyola, 1981.
The Ancor Bible Dictionary, Boubleday, 1992.

THIBAUT, Paul R. *Pope Gregory XI: the failure of tradition*. Michigan: University Press of America, 1986.

TODOROV, Tzvetan, *Os gêneros do discurso*, São Paulo: Martins fontes, 1978.

TREVELYAN, George Macaulay. *England in the age of Wyclife*. Londres: Longmans, 1948.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira. *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1989.

ULLMANN, Walter, *Medieval political thought*. Middlesex, Penguin Books, 1965

VAUCHEZ, André, *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental séc. VIII-XIII*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995

VERGER, Jacques, *Os Homens e o saber na Idade Média*, Bauru, SP, EDUSC, 1999

VIER, Raimundo. *Estudos de filosofia medieval*. São Paulo: Vozes, 1997.

WILKS, Michael, HUDSON, Anne. *Wyclif: political ideas and practice*. Oxbow Books, 2000.

WORKMAN, H. B. *John Wyclif: A Study of the English Medieval Church*. Oxford: Oxford University Press, 1926.

YANCEY, Philip, *Decepcionados com Deus*, São Paulo: Vida, 1997.

YANCEY, Philip, *Maravilhosa Graça*, São Paulo: Vida 1999.

YANCEY, Philip, *O Deus (in)visível*, São Paulo: Vida, 2000.

YANCEY, Philip, *O Jesus que eu nunca conheci*, São Paulo: Vida, 1998.

ZIEGLER, Joanna. Secular Canonesses as Antecedents of the Beguines in the Low Countries: An Introduction to Some Older Views. In: *Studies in Medieval and Renaissance History*. v. 13, 1992. p. 117-135.

ZIEGLER, Joanna. Some Questions Regarding the Beguines and Devotional Art. In: *Vox Benedictina*, out. 1986.

ZIEGLER, Joanna. The Curtis Beguinages in the Southern Low Countries and Art Patronage: Interpretation and Historiography. In: *Bulletin de l'Institut historique belge de Rome*, v. 57, 1987. p. 31-70.

ZILA, Douglas Patrick. *The spiritual connection: how the spiritual Franciscans influenced John Wyclife and the Lollard movement*, 2005.